

4A

14

19

1

4A
14
19
1

THEOLOGIA
V Theologos

5— Theologia ascetica ou mystica

4A

14

19

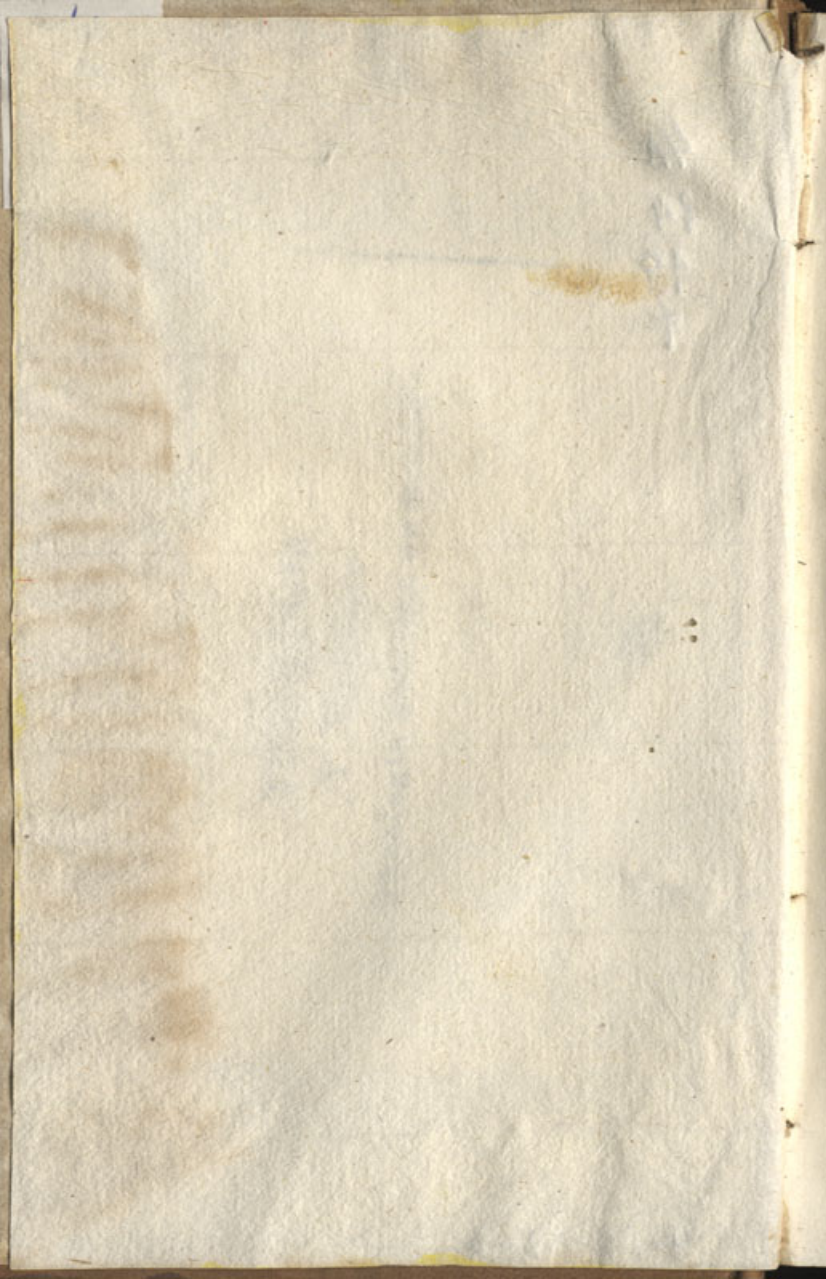
1

RETIRO

ESPIRITUAL

UMA SEMANA DE CADA MÊS

Foi: 4-20-52-2



RETIRO
ESPIRITUAL
PARA HUM DIA DE CADA MEZ
DESA MUITO UTIL PARA TODA
A CLASSE DE PESSOAS
RETIRO
ESPIRITUAL
PARA HUM DIA DE CADA MEZ;

COIMBRA

Na Real Imprensa da Universidade;

Anno de 1783.

Por ordem da Real Mesa Censura.

RETRO

ESPIRITUAL

PARA HUE DIA DE CADA MES

RETIRO ESPIRITUAL

PARA HUM DIA DE CADA MEZ.

OBRA MUITO UTIL PARA TODA
a sórte de pessoas , e principalmente
para aquelles , que desejaõ se-
gurar huma boa morte :

Traduzido da Lingoa Franceza.

QUINTA EDICÇÃO MAIS CORRECTA ,
e exacta.



COIMBRA

Na Real Imprensa da Universidade ,
Anno de 1783.

Com licença da Real Meza Censoria.

R E T I R O

E S P I R I T U A L

P A R A H U M I D A D E C A D A M E N T E

O B R A M U I T O U T I L P A R A T O D A

a lém de pehos, e principalmente

para os olhos, que se tem de se-

guar huma vez ao dia;

Traduzido da Língua Francesa.

QUINTA EDIÇÃO MAIS CORREGIDA,

e exacta.



C O I M B R A

Na Real Imprensa da Universidade.

Anno de 1783.

Com licença da Real Mesa Censória.

PROLOGO

DO TRADUCTOR.

Algumas pessoas zelozas da gloria de Deos , e do bem espirital dos Christaõs , quizeraõ dar ao publico hum Livro , que servisse de os persuadir , e juntamente mover efficaamente á boa reformaçãõ dos costumes. Para este effeito nenhum pareceo mais proprio , e mais efficaaz , do que o Retiro Espiritual escripto na lingoa Franceza ; o qual pela sua excellencia tem sido adoptado pelas Nações Estrangeiras , traduzindo-o na sua lingoa , para o bem dos seus respectivos Nacionaes : a multiplicidade de edicçoens , que delle se tem feito bem mostra a universal aceitaçãõ, com que os Fieis o tem recebido.

Era bem para sentir , que só os nossos Nacionaes se naõ podessem aproveitar de hum taõ excellente Livro , mais que apenas de alguns pedaços tirados delle mesmo , que há annos hum pio Religioso teve o trabalho de traduzir em o nosso Idioma , e fez dar ao publico ; a qual obra certamente servio de se de-sejar mais a presente , que aqui se dá , e quasi de nos pôr nesta obrigaçãõ , pa-
ra

ra satisfazer ao desejo das pessoas devotas; que conhecendo o grande bem, e fructo espirital, de que estavaõ privadas, pela mesquinhez, digamo-lo assim, com que tinhaõ dado ao publico o dito Livro, julgariaõ por huma falta de caridade, se se lhes naõ dèsse esta obra nova, e inteiramente traduzida.

Verse-há por toda a parte deste Livro tudo, o que he proprio para a reformaçaõ dos costumes, que he o que se pertende com elle: persuade, convince, move, arrebatã o coraçãõ no amor de Deos. Quando trata de fazer ver a importancia da salvaçaõ, e do cuidado, que devemos pôr nella, a vaidade, e o nada de todas as couças mundanas; emprega toda a força das razoens mais fortes, e efficazes, fundadas na Fé, e na verdade; e como todas pela maior parte, saõ estabelecidas unicamente na boa razaõ, saõ accommodadas á capacidade de todos; e assim convince, e naõ deixa lugar ao amor proprio para se valer dos seus pretextos. Quando falla da Morte, do Juizo, do Inferno; humas vezes, nos poem taõ sensivelmente diante dos olhos, a imagem de hum moribundo nos ultimos instantes da sua vida, e de huma maneira taõ viva, que nos parece estamos

mos vendo hum máo Christaõ, agitaõdo com os crueis remorços da sua má consciencia, que lhe está manifestando toda a sua vida passada: outras vezes vemos a hum justo na mesma hora cheio de suavidade, paz, e doçura, vendo-te no ponto de ir gozar o premio da sua boa vida: ve-se huma alma penetrada de amargura diante do Soberano Juiz, outra submergida em os fõgos eternos: finalmente quando falla do amor de Deos, da gloria dos Bemaventurados no Ceo, da imitação do Pai Celestial, a que todo o Christaõ deve aspirar, tudo he proprio para mover, e elevar o coração ao Ceo, inspirar amor, e apreço das cousas eternas, desprezo das mundanas, horror ao vicio, estimação da virtude.

Seria na verdade huma bem sensivel magoa, se hum Livro taõ util, perdesse toda a sua graça, toda a sua força, e toda a sua estimação por culpa, e defeito do traductor: o que temendo eu, teria desistido desta empreza, se o desejo de cooperar para a gloria de Deos, bem espirital da sua Igreja, e de obedecer a pessoas, cujas vontades me são como Leis, mo não prohibira; com tudo confesso ingenuamente, que ainda que me resolvo a concluir o meu trabalho

balho ; e a publicar esta obra ; não o
faço sem temor.

Todos os eruditos conhecem a difficuldade de huma boa traducção ; e verdadeiramente he mais difficultosa ; do que vulgarmente se imagina. Para evitar o fazer aqui hum grande discurso ; pois não he isto o meu intento ; mas só cingir-me aos limites de breve advertencia ; não me detenho a mostrar as boas qualidades ; que deve ter a traducção ; e os vicios ; em que de ordinario se cahe neste genero de escriptura : só direi que ella nada póde ter melhor ; do que ser simplez ; clara ; e correctã ; que ponha exactamente todos os pensamentos do Auctor ; e ainda as mesmas expressões quanto póde ser ; e quanto se conformaõ com as da lingua ; em que se traduz ; de sorte ; que se se violentar a fraze ; devemos entaõ tomar toda a liberdade ; que neste caso he permittida a hum traductor : finalmente deve-se cuidar menos no numero das palavras ; que do seu valor : esta mesma regra nos ensina o mais eloquente dos antigos Romanos ; em huma versãõ ; que fez do Grego para o Latim ; cujas palavras julgo escusado aqui referir.

Assim assentando commigo ; que
quem

quem traduz, he (para uzar do pensamento de hum erudito nesta materia) como hum pintor, que se sujeita a copiar, o qual tem feito tudo, quando chega a assêmelhar a sua copia ao objecto, que se propoem, e que não faz nada, quando faz tudo ao seu gosto; cuidei na presente traducção de me cingir aos pensamentos, ao estilo, e ainda ás expressões, quanto he permittido, do Auctor: para assim conservar o mais, que póde ser, o seu character, e a força do original. Todos sabem, que são mui differentes os Idiotismos, as frases, e ainda alguns termos da lingua Franceza dos da nossa; por isso cuidei sempre de examinar as frases, e as palavras, uzando daquellas, que me pareciaõ mais Portuguezas, ou que o uzo geralmente recebido, deixa passar por taes, para isto uzei da auctoridade daquelles Escriptores, que sem contestação, escreveraõ melhor na nossa lingua, e que floreceraõ quando ella estava na sua pureza.

Naõ me atrevo com tudo a affirmar, nem ainda a lizongear me, de que tenho feito huma traducção completa: mas como o que se pertende nesta obra, naõ he mostrar as belezas da eloquencia, nem exprimir com toda a força, e vi-

veza, os sublimes pensamentos de algum Auctor, que se esmerasse nesta arte, mas sim, o bem espiritual das almas; e considerando, que o meu trabalho só há de servir para as almas simples, e pequeninas, ou para as que sendo grandes, se querem fazer pequenas por amor daquelle Senhor, que enchendo toda a terra de si mesmo, se fez pequeno por amor de nós todos; julguei que tinha feito tudo e conseguido o que se dezeja, applicando-me a pôr tudo com a clareza possivel, no que tenho posto, me parece, todo o cuidado; contentando-me por premio deste trabalho, que elle venha a servir para a edificação espiritual, e reforma de costumes de alguma pessoa, que se quer entregar a Deos.

INDEX

DOS RETIROS, CAPITULOS, E MEDITAÇOENS,

Que se contém neste volume, para hum
dia de cada mez.

- C** AP. I. *Do Retiro Espiritual.* Pag. 1.
CAP. II. *Quanto importa ter hum dia de
Retiro todos os mezes.* pag. 7.
CAP. III. *Com que disposição devemos estar
para nos aproveitar deste dia de Re-
tiro.* pag. 16.
CAP. IV. *De que modo se deve passar o dia de
Retiro.* pag. 21.
*Meditação para a vespera, em que se hade ter o Re-
tiro.* pag. 28.

MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do mez de Janeiro.

- I. MEDIT. *Do fim do homem.* pag. 41.
II. MEDIT. *Dos meios que todos temos para che-
gar ao nosso fim ultimo.* pag. 52.
III. MEDIT. *Sobre os sentimentos, que teremos á
hora da morte.* pag. 60.

MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do mez de Fevereiro:

- I. MEDIT. *Da importancia da salvação.* pag. 77.
II. MEDIT. *Dos motivos, que todos temos de cuidar
continuamente na nossa salvação.* pag. 89.
III. MEDIT. *Do estado, a que a morte nos re-
duz.* pag. 197.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Março:

- Da Paixão de nosso Senhor Jesu Christo.* pag. 108.
I. MEDIT. *Dos trabalhos, que padeceu Jesu Christo em o Horto.* pag. 109.
II. MEDIT. *Do que padeceu Jesu Christo em Jerusalém.* pag. 122.
III. MEDIT. *Da morte de nosso Senhor Jesu Christo.* pag. 138.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Abril.

- I. MEDIT. *Da Resurreição de nosso Senhor Jesu Christo.* pag. 158.
II. MEDIT. *Da felicidade dos Santos no Ceo.* p. 173.
III. MEDIT. *Da morte dos Justos.* pag. 186.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Maio.

- I. MEDIT. *Do pequeno numero dos Escolhidos.* pag. 197.
II. MEDIT. *Do peccado mortal.* pag. 211.
III. MEDIT. *Da certeza da morte.* pag. 219.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Junho.

- I. MEDIT. *Do Santissimo Sacramento da Eucharistia.* pag. 230.
II. MEDIT. *Do pouco respeito, que se tem a Jesu Christo no Santissimo Sacramento.* pag. 243.
III. MEDIT. *Da incerteza da morte.* pag. 253.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Julho.

- I. MEDIT. *Da demora da conversão.* pag. 266.
II. MEDIT. *Do bom uso do tempo.* pag. 280.
III. MEDIT. *Dos pezares, que tem hum peccador na morte.* pag. 288.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Agosto.

- I. MEDIT. *Da falta de sinceridade, que se acha na vontade, que a maior parte dos Christãos tem de se salvarem.* pag. 301.
II. MEDIT. *Da tibieza.* pag. 312.
III. MEDIT. *Dos pezares, e dores, que hum Christão imperfeito sente na hora da morte.* pag. 322.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Setembro.

- I. MEDIT. *Dos descaminhos de huma alma, depois que se há apartado de Deos, mostrados na Parabola do Filho Prodigio.* pag. 331.
II. MEDIT. *Dos dois estandartes, ou da obrigação de nos declarar descubertamente por Jesus Christo.* pag. 343.
III. MEDIT. *Do Juizo particular.* pag. 355.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro Do mez de Outubro.

- I. MEDIT. *Do Inferno.* pag. 367.
II. MEDIT. *Dos fructos da Penitencia.* pag. 383.
III. MEDIT. *Do Sacramento da Extrema-Unção.* pag. 392.

MEDITAÇÕES


Para o dia de Retiro do mez de Novembro.

- I. **MEDIT.** *Do Amor de Deos.* pag. 408.
II. **MEDIT.** *Do peccado venial.* pag. 417.
III. **MEDIT.** *Da recommendação da alma, e das Orações que a Igreja faz a Deos pelas almas dos Agonizantes.* pag. 427.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de Dezembro.

- I. **MEDIT.** *Do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.* pag. 440.
II. **MEDIT.** *Da vida occulta de Jesus Christo.* pag. 452.
III. **MEDIT.** *Da preparação para a morte.* p. 464.
Modo, como huma pessoa se há de preparar para bem morrer. pag. 477.
Orações faculatorias proprias para nos dispor a bem morrer. pag. 496.



RETIRO ESPIRITUAL

PARA HUM DIA DE CADA MEZ.

CAPITULO I

De Retiro Espiritual



Em todas as practicas de piedade, o Retiro espiritual se he o das mais proprias para converter a alma e salvar a unica, de que nunca nos servimos justamente.

He facil effarmos pouco movimento das mais terribes verdades da nossa Religiao, quando todo ventosige a dissipar o espirito, he a consumir o coração; mas quando apartados do tumulto, e do embargo dos negocios do mundo, consideramos de vagar as grandes verdades, que nunca ficamos vendo ao bem, que nunca apparecem como em huma nova luz, quando meditamos cuidadosamente, o que tendo servido a descobri-nos o seu verdadeiro foyso, e todas as consequencias, não podemos deixar de fazer um amor humo grande, e viva impressao.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Recife de 12 de Novembro.

- I. MEDIT. De amor a Deus pag. 455.
 II. MEDIT. De peccados pag. 457.
 III. MEDIT. Da misericórdia de Deus pag. 458.
 De Orações que a Igreja faz a Deus pelo povo
 dos Aragonzanos. pag. 459.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Recife de 13 de Dezembro.

- I. MEDIT. De Natividade de Nosso Senhor Jesus
 Christo. pag. 460.
 II. MEDIT. Da vida eterna do Justo. pag. 462.
 III. MEDIT. Da expiação pela morte. pag. 464.
 Almo, com duas horas de jejum para ser
 servido. pag. 477.
 Orações familiares proprias para ser feitas a Deus
 sempre. pag. 480.



RETIRO ESPIRITUAL

PARA HUM DIA DE CADA MEZ:

CAPITULO I.

Do Retiro Espiritual.



É todas as praticas de piedade, o Retiro espiritual he huma das mais proprias para converter huma alma; e talvez a unica, de que nunca nos servimos inutilmente.

He facil effarmos pouco movidos das mais terriveis verdades da nossa Religiao, quando tudo contribue ou a dissipar o espirito, ou a corromper o coracao; mas quando apartados do tumulto, e do embaraço dos negocios do mundo, consideramos de vagar as grandes verdades, que nunca tinhamos penetrado beui, e que entao apparecem como em huma nova luz, quando as meditamos cuidadosamente, o que tudo serve a descobrir-nos o seu verdadeiro sentido, e todas as suas consequencias; não podem deixar de fazer em nós huma grande, e viva impressao, em

em hum tempo , em que a Graça he mais abundante , a alma está menos distrahida , e mais socegada , e o coração mais bem disposto , que nunca.

A conversão milagrosa de tantos peccadores, o estabelecimento , ou a reformação de tantas Comunidades Religiosas , o fervor de tantos Christãos , que primeiro vivião relaxados , e tibios em o serviço de Deos , provaõ bem sensível , e bem claramente que he huma cousa utilissima meditar por ordem no Retiro as verdades capitaes da Religião.

A estes exercicios de Piedade S. Francisco Xavier , S. Carlos Borromeu , Santa Theresa , S. Francisco de Sales , e quasi todos os Santos destes ultimos seculos reconhecêraõ que deviaõ sua conversão , e seu adiantamento na virtude : a seu exemplo tambem todas as pessoas , que querem trabalhar seriamente no importante negocio da sua salvação , e todas as Communidades hum pouco mais reformadas se tem feito huma lei indispensavel , de consagrar ao menos oito , ou dez dias a estes santos exercicios , todos os annos.

Por mais que nos lisongeemos , sempre he verdade que he muito difficil defender-nos dos máos desejos no meio do mundo , onde tudo conspira a faze-los brotar em nós. He muito difficuloso viver muito tempo no meio de hum mundo taõ corrompido , onde se respira hum ar taõ contagioso , sem nos sentirmos inficionados do seu contagio. O maior fervor se esfria com o tempo ; a virtude mais constante tem necessidade de tomar de tempo em tempo novas forças : he pois precisamente necessario apartarmo-nos do tumulto ; he necessario retirar-nos algumas vezes á solidão , se quizermos respirar hum ar mais puro.

Como sempre he por huma muito grande
diffi-

diffipação da alma, pelo commercio, que temos com os homens, que o fervor se apaga, e a virtude se faz frouxa, não podemos remediar esta tibieza, senão pelo retiro, e recolhimento.

O Espírito Santo não desceo vizivelmente, senão em o deserto, ou em quanto os Apostolos estavaõ recolhidos no Cenaculo. Põde-se dizer que Jesu Christo não se retirou tantas vezes só ao monte para orar, senão para nos instruir com o seu exemplo da necessidade, que temos de nos recolher de tempo em tempo á solidão; e também foi aqui que elle fez sentir aos seus tres Apostolos hum anticipado gosto das delicias do Ceo, e os encheu dos maiores favores.

S. Bernardo confessa que não pôde nunca ouvir bem a voz de Deos em quanto esteve no meio do mundo, e occupado com as cousas exteriores; mas que desde o instante, em que elle, entrando em si, deixou tudo para entrar na solidão, vio-se em estado de conversar familiarmente com Deos, e pôde dizer com confiança: *Fallai, Senhor, porque o vosso servo ouve; fallai, porque eu estou prompto á obedecer-vos.*

É podemos racionavelmente recusar servir-nos de hum meio tão proveitoso, tão facil, e que nos he tão necessario?

Facilmente nos persuadimos da utilidade, e ainda da necessidade do Retiro: porém há poucas pessoas, que inteiramente se resolveão a fazello; e toda a difficuldade consiste em achar tempo, e esta he a desculpa mais ordinaria daquelles, que não têm este Retiro. Mas será bem recebida a desculpa destes? Temos, dizem, negocios, que occupaõ, e que gastaõ todo o nosso tempo. E por ventura a nossa salvação não he negocio bem importante? Teremos nós nunca algum, que nos pertença mais, e que nos seja de

maior consequencia? Ah! nós não temos propriamente, senão este unico negocio; toda a vida nos foi dada para trabalharmos nelle: Deos não julgou que, para sahirmos bem com esta empreza, fosse necessario menos tempo: e se buscamos oito, ou dez dias no anno, para nos applicar só ao interesse da nossa alma, não achamos tempo? Se estamos enfermos, o cuidado da nossa faude nos faz deixar qualquer outro cuidado: se estamos em perigo de perder huma demanda, ou huma herança; se sobrevêm a hum amigo, a hum parente algum negocio grave, apartamos por mezes inteiros de qualquer outra cousa, e não cuidamos por então, senão nella, e dizemos que a necessidade nos obriga a apartar de nós qualquer outro cuidado: e por ventura não estamos mais urgentemente obrigados a sahir do estado do peccado, do que a convalescer de huma enfermidade? Não he mais necessario alcançar o Ceo, do que conservar huma herança? Que negocio nós importa mais, que a salvação da nossa alma? e que cousa mais importante, do que tomar medidas certas para alcançarmos huma morte santa? Que cousa mais necessaria, do que livrar-nos do perigo evidente, em que estamos, de ser condemnados?

Espera-se empregar no cuidado da Salvação o primeiro tempo livre, que restar dos mais negocios. Ah! se nós não esperamos, senão este tempo, os negocios não o darão já mais. Por ventura temos nós achado muito, depois que nós o buscamos neste tempo vago dos negocios? Ora, tenhamos menos indifferença para a nossa salvação; consideremo-la ao menos como hum negocio, e logo sem duvida não nos custará achar oito, ou dez dias para gastar nesta grande empreza, que he só propriamente nossa, e negocio de huma Eternidade.

He

He bem para admirar que as pessoas mais innocentes, e que tem menos necessidade deste Retiro, julguem que não podem passar sem elle. Os homens Apostolicos, que não apparecem no mundo, senão para o santificar, temem perverter-se nelle. Essas almas puras, que não perdem nunca a presença de Deos, reconhecem com tudo que se dissipão em os mais santos exercicios de seu zelo. Esses Heroes do Christianismo interrompem seus mais santos trabalhos para se recolherem de tempo em tempo á solidão; e não julgão poderem-se defender do máo, e pellifero ar do mundo, senão vindo tomar no Retiro novas forças, e novos preservativos.

Os Religiosos mais reformados, e cuja vida he hum Retiro perpetuo, não se achão ainda assaz retirados; e com tudo aquelles, que não se atreverão a lizonjear-se de passar huma vida tão pura, tão innocente, e que não tem tão grande fundo de virtude; agitados em ondas continuas, expostos todos os instantes aos maiores perigos; vivendo em huma continua dissipação do espirito no meio de hum mundo tão corrompido, que elles mesmos confessão, que he muito difficuloso não se condemnarem nelle; estas pessoas, digo, julgarão que oito, ou dez dias de Retiro não lhes convém; e que só aquelles, que vivem com piedade, isto he, aquelles, que tem menos necessidade deste saudavel exercicio, se devem applicar a elle; que para os outros he huma cousa impracticavel, e isto pela maior parte com o falso pretexto de não terem tempo: e vivendo cheios de ociosidade, passando em vaõs divertimentos a maior parte da sua vida, podem dizer que não tem tempo? Confessemos pois sincera, e claramente, que he a vontade que lhes falta, e não o tempo.

Aquel-

Aquelle caminho publico , onde a semente misteriosa da palavra de Deos , he logo pizada aos pés , e arrebatada pelas aves ; he a imagem de hum homem prezo , e enredado com os embaraços do mundo : pois se he certo que nos não podemos salvar , senão pelo bom uso da Graça , e que esta semente não pôde produzir em hum coração , aonde tudo entra , e sahe indifferentemente ; he bem claro que temos huma especie de necessidade de ter de tempo em tempo algum retiro , e de ir buscar á solidão o repouso , a tranquillidade , o silencio , que são couzas tão necessarias a huma alma , que quer ouvir a voz de Deos , e trabalhar efficazmente no negocio da sua salvação.

Mas que dirão no mundo , se souberem que eu me retiro por alguns dias á solidão , a fim de me applicar unicamente ao negocio da minha alma ? A quantas murmuraçoens não estarei expostó ?

Ah meu Deos ! até quando se farão inuteis os mais bellos movimentos , e as maiores graças com hum tão vão , e tão irracionavel temor ? Até quando este não sei que fantasma de respeito humano , suffocará as mais bellas resoluçoens , e ainda a prudencia a mais Christã ?

Que dirão , se eu consagro oito , ou dez dias ao negocio da minha alma ? Dirão que quereis salvar-vos , e que tomais os meios para isto ; que credes as verdades da vossa Religião , e que quereis conformar vossos costumes com a vossa fé. As pessoas sabias vos louvarão , muitos seguirão vosso exemplo ; e se houver pessoas , que tenham que dizer a hum modo de vida tão ajustado , serão alguns homens de vida livre , que se vangloriaão de não fazer nada do que crêm ; os quaes hão de confessar algum dia na presença de

de todo o Universo , que forã loucos em censurar a vossa vida , e a reforma de vossos costumes ; pessoas pouco racionaveis , e pouco Christãs , cuja approvaçã importa bem pouco , e cujas murmuraçoens vos honraõ , e podem passar por verdadeiros louvores : e deve-se fazer caso do que dizem semelhantes pessoas ? Pois que homem há taõ irracional , que possa estranhar que empregueis alguns dias todos os annos no negocio da Eternidade ? Que cousa mais prudente , do que temer ser sorprendido da morte no meio dos perigos , dos quaes toda a vida está como cercada ?

Ah ! não temos vergonha de passar dias inteiros no jogo , em palestras de ociosidade , em vaõs divertimentos , dos quaes nos havemos de arrepender , e talvez estejamos já arrependidos ; e não teremos animo de empregar alguns dias em hum negocio , em que , se não se empregar toda a vida , nos causará algum dia huma bem irremediavel desesperaçã ?

CAPITULO II.

Quanto importa ter hum dia de Retiro todos os mezes.

Facilmente convém todos que o Retiro espirital he hum meio muito proprio para viver huma vida regulada , e tratar do negocio da salvaçã ; mas he cousa muito difficilissima persuadir a todo o mundo que , se quizerem , podem achar tempo , e vagar para este Retiro. Oito dias parecem muito longos a algumas pessoas ; e he certo que muitos não se atreverã a gastar todo este tempo neste taõ santo exercicio.

Eu concedo que o embaraço dos negocios , o cuidado da familia , a pouca saude , os empregos ,

gos, e o estado, em que se vive, sirva a alguns de razão, ou de pretexto para se dispensarem de hum retiro de oito dias; porém de hum dia de retiro, ao menos todos os mezes, estando na nossa mão a escolha deste dia, quem poderá racionavelmente dispensar-se?

Pedem-nos hum dia de todos os mezes para empregar no mais importante negocio de todos os da vida, no qual devemos continuamente trabalhar com preferencia a qualquer outro, e de cujo bom, ou máo successo depende huma felicidade, ou huma infelicidade eterna.

Pedem-nos hum dia de retiro todos os mezes, isto he, que depois de ter empregado hum mez inteiro em negocios alheios, demos só hum dia ao que he nosso unicamente; que depois de ter trabalhado todos os dias do mez para adquirir os bens temporaes, trabalhemos ao menos hum dia todo para os eternos.

Que homem haverá, que, desejando servir a hum amigo, a quem ama devéras, se contente com empregar hum só dia no seu serviço? Ah! perde-se tanto tempo no jogo, em prazeres vaõs, frivolos passatempos, e em outros inuteis, e ociosos entretenimentos; e se nos pedem hum para cuidar seriamente na Salvaçaõ, podemos recuzalo, e dizer com verdade que desejamos o bem da nossa alma? Se alguém tomar o trabalho de ler nos capitulos seguintes de que modo se tem este dia de Retiro, parecerá huma cousa taõ facil, que será obrigado a confessar que ninguem se póde racionavelmente dispensar de o ter.

De que industria não se servem os Mercadores para enriquecer? Com que cuidado attendem a seus proprios intereces? Nada escapa á sua vigilancia: com que diligencia, com que exactidaõ examinaõ elles de tempo em tempo o estado dos
seus

seus negocios, as suas perdas, os seus lucros? Ao menos tomemos nós a seu exemplo hum só dia para examinar de vagar, e com socego o estado da nossa consciencia, e os progressos, que temos feito na virtude.

He bem facil comprehender quam util pôde ser huma pratica taõ Christã a todas as pessoas; quanto he efficaz assim para retirar os peccadores de seus descaminhos, e encaminha-los para Deos, como para firmar os justos, e leva-lòs á mais alta perfeiçãõ do Christianismo.

Além de que, as Meditaçoens, que se fazem neste exercicio, saõ todas sobre as mais importantes verdades da Religiaõ; he muito difficuloso que huma pessoa, que interrompe todos os mezes as suas mais serias occupaçoens, e que se aparta hum dia todo do commercio dos homens para o gastar em cuidar na sua salvaçaõ, he muito difficuloso, digo, que naõ configa o seu fim: e aquelle Deos, que, sem se enfadar, busca tanto tempo áquelles, que se apartaõ mais d'elle; este Deos, que naõ cessa de fallar ainda áquelles, aos quaes o tumulto dos negocios do mundo faz surdos á sua voz, poder-se-hã negar aos que o vem buscar tantas vezes á solidãõ? Fallará pouco ao interior daquelles, que se apartaõ de tudo para p escutar?

Naõ he precisamente huma obrigaçaõ do nosso estado, que nos obriga a ter este dia de Retiro; naõ he hum costume, que no-lo persuade, nem hum certo lustre, ou esplendor inseparavel dos outros exercicios de piedade, que nos attrahe a este; he unicamente o desejo sincero de trabalhar seriamente na nossa salvaçaõ, que nos persuade isto: e hum desejo sincero nesta materia pôde deixar de ser efficaz? Pôde ser para nós pouco proveitoso? He impossivel, ao que pare-

ce, viver desordenadamente, quando há cuidado de tomar todos os mezes hum dia para regular, e compor a vida; e nunca estamos em estado de sermos affaltados de repente pela morte, quando nos preparamos taõ constantemente para morrer bem.

Mas o que nos faz ver ainda mais sensivelmente quanto este Retiro nos he necessario, he a necessidade, que nós temos todos, de fazer muitas vezes serias reflexoens sobre as grandes, e terriveis verdades, que nos ensina a Fé.

A razãõ, porque há taõ poucas pessoas solidamente virtuosas, ainda que a Religiaõ Christã, que nós professamos, nos obrigue a huma virtude taõ perfeita, he porque reflectimos pouco sobre as verdades do Christianismo, contentamo-nos com sujeitar o juizo ás verdades da Fé; e assim parece-nos que temos feito tudo, quando naõ fazemos mais que crer; porque em fim he raro achar muitos Infiéis em o seio da Igreja: mas eu naõ sei se he mais difficultoso achar muitos Christãos, que façãõ serias reflexões sobre o que crêm. Os objectos creados nos occupaõ, e dissipaõ; o tumulto nos distrahe; naõ temos mais que huma fé esteril de boas obras, e mal nutrida; huma fé frouxa, e que naõ fáz em nós movimento algum.

Daqui procede, que o que nós cremos a respeito do ultimo fim do homem, do pequeno numero dos escolhidos, das penas do Inferno, e dos rigores infinitos da infeliz eternidade, faz muito pouco abalo no nosso espirito, e ainda menos no nosso coração: e podemos dizer, que a causa mais ordinaria das nossas recahidas, e de todas as nossas desordens he hoje, assim como foi sempre, a falta de reflexoens; os que vivem mais reformados, tem razãõ de attribuir o pouco progresso, que fazem na virtude, a esta mesma falta.

Assim

Assim como ninguem se faz sabio, senão reflectindo muito sobre o que estuda; assim tambem não nos podemos fazer virtuosos, senão reflectindo muito sobre o que nos ensina a Fé. As maiores conversoens são ordinariamente o fructo de alguma reflexão séria; e sem estas reflexoens, as mais terriveis verdades do Christianismo, os successos, que ferem, e penetraõ mais vivamente a nossa alma, e ainda as graças as mais sensiveis se fazem inuteis, e não produzem algum effeito em nós.

Quando hum homem considera attentamente a vaidade de tudo o que agrada, e encanta mais no mundo; quando considera socegadamente a inutilidade da maior parte dos nossos cuidados, a vileza dos gostos, e prazeres, e o nada de tudo, o que se chama grandeza humana; quando considera com applicação, e diligencia, o que ha de passar por nós na terrivel, e fatal hora da morte; com que rapidez desaparecerá entã de nós, semelhante ao fumo, que se desfaz, tudo o que agora nos lisonjea, e atrahê mais; quando olha, e vê o miseravel, e infeliz estado de huma alma, que vai apparecer diante de Deos, sem ter feito quasi nada para lhe agradar; quando elle se representa o seu corpo lançado na sepultura, e entregue aos bichos; quando considera seriamente o que crê do Inferno, do Juizo, e da Eternidade; penetrando os rigores de tudo isto, prevendo todas as suas consequencias; pôde deixar de se render á Graça, que sempre se aproveita destes felizes momentos.

Estas reflexoens tem povoado os desertos, e enchem todos os dias as Casas Religiosas, e fazem com que os justos perseverem no bem: por estas reflexoens, os peccadores se apartaõ dos seus descaminhos, e dissoluçoens. Por aqui se
tem

tem achado o meio de reformar os costumes dos homens, de conservar o fervor em as Communidades Religiosas, e impedir as maiores desordens; em huma palavra, por estas reflexoens se acha o meio de fazer santos. E exaqui verdadeiramente o que nos propomos neste dia de Retiro, fazer serias reflexoens sobre as mais importantes verdades da Fé.

Todo este dia se passa em reflectir sobre a nossa vida, e sobre a nossa fé: este he propriamente hum dia de reflexão, donde he bem facil comprehender quanto nos póde ser util huma practica tão Christã, e tão necessaria, e quanto importa applicar-nos a ella perfeitamente.

He verdade que em o Retiro de oito dias nos propomos o mesmo fim; mas além de que a extensaõ deste tempo serve de falso pretexto ou para nos dispensarmos totalmente deste exercicio, ou para passar ligeiramente, e como de caminho, pelas mais importantes, e terriveis verdades; fazem-se estas reflexoens huma só vez no anno: mas neste Retiro de hum dia fazem-se todos os mezes.

Não he nova em o Christianismo a practica de hum exercicio tão Christão; foi esta practica mui familiar aos maiores Santos de todos os seculos. Ainda que a vida dos primeiros Fieis fosse hum retiro continuado, com tudo, tinham este pio costume de se disporem para as maiores Festividades da Igreja, pelo exercicio de hum maior recolhimento. Por esta practica de piedade todos os antigos Mestres da vida espiritual restituiraõ o fervor ás almas tibias, e aos Religiosos imperfeitos.

Podemos dizer que propriamente nosso Senhor Jesu Christo foi o primeiro, que nos deu exemplo destes breves, e frequentes retiros, a-

par-

partando-se tantas vezes das turbas ; que o seguiaõ, e ainda de seus mesmos Discipulos para se retirar só ao monte ; ou em algum deserto : e o fructo , que ordinariamente se tira deste exercicio de piedade , faz ver bem claramente quanto elle he agradavel a este Senhor.

Naõ he necessario buscar a solidão fóra de nós mesmos ; póde-se fazer este retiro sem interromper os proprios negocios , e sem cada hum se dispensar das obrigaçoens do seu estado.

Há muitos Domingos , e alguns dias de festa em o mez ; póde-se escolher de todos os dias do mez aquelle , em que houver menos que fazer. Pede-se unicamente neste Retiro , que se prive huma pessoa por hum dia só de alguma parte dos divertimentos , de alguma visita pouco necessaria , e de outras semelhantes occupaçoens menos sérias , para cuidar mais devagar em Deos , e na Eternidade. E quanto naõ seria hum homem inimigo de si mesmo , se recusasse gastar hum dia no mez para empregar nestas importantes consideraçoens.

Pedem-vos unicamente hum dia ; bem pouco vale a salvaçaõ , se naõ merece que , para a alcançarmos , tomemos hum meio taõ effcaz , e taõ facil. Mas no caso , que este meio houvesse de nos custar muito , poderemos em algum tempo comprar muito caro aquella paz interior , que excede a tudo quanto se póde imaginar ? O testemunho de huma boa consciencia , que nos faz felizes já nesta vida ; aquella doce confiança na misericordia do Senhor , consequencia certa deste piedoso exercicio ; hum desgosto das vaidades mundanas ; hum augmento de zelo , de fervor , e de outras vantajens , que ordinariamente saõ o fructo do cuidado , que tomamos na salvaçaõ , e que nunca deixamos de colher destes Retiros ?
He

He por ventura muito , dedicar hum dia inteiro cada mez a hum negocio desta importancia ? Podemos fazer mais suave este cuidado , que devemos ter da nossa salvaçaõ ? Não seria muito , se empregassemos nella todos os dias da nossa vida : e he bem para admirar , que seja necessario ainda buscar razoens para nós persuadir a dar de tempo em tempo hum dia inteiro para cuidar della.

Tambem devemos attender , que o demonio inimigo declarado da salvaçaõ dos homéns , que conhece perfeitamente quanto este Retiro lhes he util , não deixará de empregar toda a sua astucia para nos apartar d'elle. Elle fará nascer em nós mil pequenas difficuldades , que as almas tibias nunca terãõ animo de vencer.

Humas vezes nos sobrevirá huma pequena incommodidade , hum successõ não ordinario , hum negocio novo , e outros muitos similhantes pretextos , que nós moverãõ a dilatar este Retiro para outro dia. Algumas vezes não nos sentiremos com devoçaõ , outras não estaremos de humor para ter este Retiro ; e qualquer outro tempo nos parecerá mais proprio para o ter , do que aquelle , que tinhamos destinado ; e tudo para nós pôr em huma especie de necessidade de não praticar este exercicio tão pio , e tão santo. Sobreviráõ tambem algumas vezes negocios , e nos parecerá que os não podemos dilatar para outro dia : mas para desvanecer todos estes vaõs pretextos basta huma pouca de generosidade , huma pouca de resoluçaõ , e boa vontade.

Este exercicio de piedade tão util , e tão necessario , accomoda-se facilmente com todos os estados , e com todas as occupaçoens , e empregos ; he sem differença proprio ás pessoas Seculares , e Religiosas ; aos que tem chegado a hu-

ma sublime perfeição, e aos que começam a vida espiritual, e áquelles, que tem necessidade de se converter. Não há remedio algum mais efficaz para curar principalmente aquelles, que vivem na tibieza; se este não obra algum effeito na sua alma, o seu mal he quasi incuravel.

Como as pessoas Ecclesiasticas, e Religiosas, são obrigadas a huma perfeição mais alta, que os mais Christãos, fica bem claro que este dia de Retiro lhes he mais necessario, que aos outros; além disto, he tambem muito mais facil a estes, achar no mez hum dia commodo para este exercicio.

Se houvesse algum entre estes, que pertendesse dispensar-se de huma pratica tão Christã, e tão santa, com o pretexto de suas occupaçoens, bastaria para os persuadir, lembrar-lhes o que Santo Agostinho escrevia ao Bispo Valerio: e que poderei eu responder para justificar-me diante do Senhor, quando apparecer diante do seu juizo? Atrever-me-hei a dizer-lhe que a multidão de minhas occupaçoens Ecclesiasticas me impediraõ retirar-me, para cuidar na minha perfeição? Mão servo, me dirá o Senhor, acharias meio para ausentar-te por muito tempo, se fosse necessario ir tratar huma causa contra hum injusto usurpador, e para conservar á tua Igreja alguma fazenda, que unicamente seria util a aliviar as oppressoens temporaes dos pobres: e não pudeste achar tempo de ter algum retiro para te santificares, sabendo quanto a santidade te era necessaria não sómente para consolar, e assistir aos pobres nas suas enfermidades corporaes, mas tambem para trabalhar efficazmente na salvação de todos os homens? Que replicarei eu a isto? continúa este grande Santo: mas, que responderemos nós mesmos á reprehensão, que aquell

Senhor nos fizer algum dia, se formos agora tão indifferentes a respeito da nossa salvação, que não queiramos empregar oito, ou dez dias em hum retiro? Mas ainda muito mais, que teremos nós para responder, se não tivermos querido gastar hum só dia em o mez no retiro?

Não há razão para nos desculpar com certas occupaçoens annexas a estes dias. Deixão-vos a liberdade de escolher o dia, que vos for mais commodo: se os negocios vos perseguem ainda neste dia, fazei o que S. Eucherio aconselhava a Valeriano: rompei essa serie continua de negocios seculares para dar vossos primeiros, e maiores cuidados ao importante negocio da Eternidade; fazei delle não sómente o principal, mas o unico negocio; ponde nelle, ao menos neste dia de retiro, toda a vossa applicação, pois he este hum negocio, em que vai tudo:

Abrumpatur illa interminabilis secularium negotiorum catena. Primas apud nos curas, quæ primæ babentur, obtineant, summasque sibi sollicitudinis partes, salus, quæ summa est, vindicet, hæc nos occupet, jam non prima, sed sola. S. Euch. Episc. Lugd. in Epist. ad Valerianum.

C A P I T U L O III.

Com que disposição devemos estar para nos aproveitar deste dia de Retiro.

O Fructo, que esperamos tirar dos exercicios de piedade, depende muito dos motivos, que nelles nos propomos, das disposiçoens, que levamos, e do meio, que tomamos, para os fazer com perfeição.

Quanto aos motivos, parece que em huma pratica tão santa não podem ser, senão perfeitissimos.

os. Só o desejo sincero de reformar os nossos costumes, de regular a nossa vida, e de crescer em virtude, nos pôde persuadir a ter este Retiro; porque, como se faz sem estrondo, e sem esplendor, em que o amor próprio, e soberba não tem alguma parte, parece difficultoso que nos proponhamos outros motivos neste exercicio. Resta pois agora mostrarmos em primeiro lugar as disposições que devemos ter, e depois os meios, que devemos tomar para tirar fructo desta pratica de piedade.

He huma grande disposição para aproveitar-nos deste dia de Retiro, entrar nelle persuadidos do quanto este exercicio nos he necessario, e que esta pratica de piedade nos pôde ser de grande soccorro.

As outras disposições são quasi as mesmas, que as que devemos levar para ter utilmente o Retiro de oito dias: ellas se reduzem a estas cinco.

A primeira he hum desejo sincero de cuidar na propria salvação, e de examinar sinceramente sem nos lisonjear, e sem dissimular nada, que progresso fazemos no caminho da Perfeição; que fructo tiramos do uso dos Sacramentos; que victoria temos alcançado sobre nós mesmos; com que pontualidade cumprimos as obrigações do nosso estado; com que fervor trabalhamos em o negocio da nossa salvação; se estaremos ao presente em estado de apparecer diante de Deos para lhe dar conta de toda a nossa vida: em fim, se nos achamos ao presente taes, como quizeramos ter sido toda a nossa vida na hora da morte.

Mas todos estes conhecimentos, todas estas reflexões seriaõ muito inuteis, se este desejo de conhecer o que ha reprehensivel em a nossa vida, não fosse acompanhado de huma vontade efficaz de a reformar.

Não he esta huma daquellas praticas de devoção estereis , e infructuosas , que só servem ordinariamente de entreter as pessoas imperfeitas em seus defeitos. Aquelles , que não tem hum verdadeiro desejo de vir para Deos sinceramente , ou que se contentão com viver huma vida tibia , ou imperfeita , accommodar-se-hão pouco com esta pratica de piedade , e brevemente se enfartiarão della.

A segunda disposiçãõ he huma humilde desconfiança propria , sustentada por huma firme confiança em Deos , persuadidos que a obra da salvação he principalmente obra sua , e que sem elle o homem não vale nada ; mas que este mesmo Deos , que nos inspirou o desejo de ter todos os mezes este dia de retiro , não nos negará as graças necessarias para nos aproveitarmos d'elle.

Este desejo , que Deos nos inspira de nos aproveitarmos de hum meio tão proprio para a nossa conversão , he huma prova sensivel da sincera vontade , que este Senhor tem que nos convertamos. Ordinariamente se observa que aquelles , que morrem relaxados , nunca se servirão destes meios.

A terceira disposiçãõ he hum coração liberal para com Deos , prompto a dar-lhe tudo sem reserva , dizendo-lhe com a mesma generosidade , que S. Paulo : Que quereis que eu faça , ó meu Deos ? Ou com David : Meu coração está prompto , Senhor , meu coração está prompto para tudo. A falta desta disposiçãõ faz inúteis os mais santos exercicios.

Desde que tratamos de nos converter perfeitamente , queremos , e não queremos ; nós mesmos não sabemos bem o que queremos ; porque com effeito muitas vezes nenhuma cousa temos menos na vontade , que aquillo , que nos parece
que

que queremos. Somos perpetuamente escassos com Deos, conservamos sempre alguma cousa em nós, do que lhe temos promettido dar : e pomo-nos a deliberar sobre tudo, o que elle nos pede, e disputamos-lhe, para o dizer assim, cada passo, tememos entrar muito no seu serviço.

Ah Senhor ! Que tememos ! Tememos entregarnos inteiramente a vós : não porque deixemos de estar persuadidos que esta entrega nos seria utilissima, mas custa-nos tomar este caminho, porque bem prevemos que, se alguma vez nos entregassemos a Deos totalmente, e sem rezerva; elle não deixaria de se communicar á alma de huma maneira bem sensível, e de nos fazer desfogtar de tal sorte das creaturas, que perderiamos toda a consolação, que nellas achamos; o que nós não queremos. Arrepender-nos-hiamos de ter rompido todas as ligaduras, que nos prendem ao mundo; contentamo-nos sómente de ter cortado por algumas : e exaqui verdadeiramente a causa de nossa pouca liberalidade no serviço de Deos : exaqui a causa do nosso temor.

A quarta disposição he huma exacta pontualidade em observar a ordem, que se prescreve para este Retiro, e applicarmo-nos perfeitamente a todos os exercicios deste dia, não despresando cousa alguma de tudo, o que póde ajudar a fazelos bem, não tendo por cousa pequena tudo, o que se dirige a hum fim tão importante, como a Salvação; persuadindo-nos, (o que he certo) que desta grande exactidão nas menores cousas, depende o principal fructo desta pratica de piedade, ou porque esta fidelidade he huma prova sensível do desejo sincero, que temos de aproveitar-nos de hum meio tão effcaz; ou porque ella obriga, e empenha a Deos, para o dizer assim, a não recusar cousa alguma a huma alma, que

que, para lhe agradar, nada despreza.

A quinta disposiçãõ he hum perfeito socego da alma, e retirar o espirito de todo o buliço exterior; o recolhimento he como a alma de todos os Retiros espirituaes. Deve-se pois guardar hum grande silencio, e fugir, quanto for possível, de tudo, o que for capaz de nos distrahir, e dissipar.

Certamente no Retiro de oito, ou dez dias, o demonio pôde achar occasiãõ de causar fastio de hum taõ santo exercicio a huma alma tibia, e imperfeita, que acha o tempo mui longo, quando não trata, senãõ com Deos: apenas principia a ter o Retiro, logo se enfastia delle.

Que poucas consolaçoens interiores se achãõ na oraçãõ, quando se está nella quasi sempre distrahido? Quando huma pessoa não tem mais que meia vontade de se converter, quando tem o fervor apagado; as mais santas praticas de devoçãõ, os exercicios os mais religiosos de piedade enfastiãõ summamente, e não se podem aturar; oito dias de retiro parecem hum seculo a quem está com estas más disposiçoens; contaõ-se cuidadosamente todos os dias, pelo grande desejo, que ha de ver o seu fim.

Mas no Retiro, de que aqui tratamos, não ha o mesmo perigo; trata-se sómente de hum dia de recolhimento; e de hum dia, que pôde servir-nos tanto, ou talvez mais, do que hum dilatado retiro: e assim não devemos deixar passar alguma cousa, que possa ajudar a empregar bem hum tempo taõ precioso.

Na verdade he bem pouco hum só dia em cada mez; demos ao menos este pouco tempo com hum bom, e generoso coraçãõ, e com boa vontade. Appliquemo-nos a fazer taõ perfeitamente todos os exercicios espirituaes deste dia, que
 não

naõ tenhamos cousa alguma , em que nos reprehender neste ponto. Hum dia passa-se bem de pressa ; tenhamos ao menos a consolaçaõ de ter feito todo o possivel para o passar bem.

CAPITULO IV.

De que modo se deve passar este dia de Retiro:

Como o dia deste Retiro naõ he determinado , cada hum deve escolher em o mez o dia, que prevê estarã mais livre , menos distrahido , e menos occupado.

Aquelles , que por seus empregos , pelas obrigaçoens do seu estado , ou por outros negocios estaõ occupados em os dias de trabalho , devem escolher hum dia de festa ; e as pessoas Religiosas devem escolher aquelle dia , em que puderem mais devagar , e com mais socego applicar-se a este santo exercicio de piedade.

Seria bem acertado que cada hum tivesse na vespera deste dia meia hora de Meditaçaõ , para se dispor a este Retiro : ao menos deve-se ler attentamente a Meditaçaõ , que se poem neste livro destinada para este fim. Os que tem commo- didade de visitar o Santissimo Sacramento , o devem fazer na vespera com intençaõ de se dispor para este santo exercicio.

O dia de retiro deve-se passar em silencio , quanto o estado de cada hum permittir , e sempre em hum grande recolhimento interior , e em hum perfeito retiro de coraçãõ ; isto porẽm naõ obriga as pessoas , que vivem nas Communidades Religiosas a se dispensarem das recreaçoens ordinarias auctorizadas pelas Regras , e muito menos das outras obrigaçoens do seu estado.

Far-se-haõ neste dia tres Meditaçoens destinadas

nadas para cada mez , huma meia hora de confissão sobre as verdades praticadas ; a lição de alguma das reflexoens Christãs , que mais convier á pessoa , que tem o Retiro , ao menos alguma , das que se assignaõ para cada mez neste livro.

Tambem ferá acertado fazer huma confissão mais bem feita , do que se faz ordinariamente ; com a qual busquemos , quanto nos for possível , reparar os defeitos das confissoens passadas , excitando-nos principalmente a huma Contrição verdadeira , em que todos , e principalmente os que vivem com mais regularidade , faltaõ mui frequentemente.

Deve-se assistir á Missa , e commungar neste dia com tanta devoção , se he possível , como se esta communhaõ houvesse de ser a ultima de nossa vida ; e com este pensamento se devem fazer todos os exercicios de piedade neste dia.

Os Sacerdotes devem examinar principalmente se vivem de hum modo correspondente á sublime santidade do seu caracter , e se dizem a sua Missa como pessoas verdadeiramente penetradas do que a Religião Christã , que professão , os obriga a crer. Devem applicar-se a offerecer neste dia este adoravel Sacrificio com tanta reverencia , e piedade , que seja esta Missa , para o dizer assim , huma reparação das faltas , que se commetteraõ em as outras todas , e como hum modello , das que se haõ de dizer para o diante , não desprezando cousa alguma , que possa servir para tirar dellas mais fructo para o futuro , do que o que se tem tirado até este tempo.

Como nenhuma cousa he tão necessaria como o recolhimento , deve-se evitar com cuidado tudo , o que póde distrahir. Não ha perigo de que alguem se enfatie deste exercicio ; hum dia taõ
bem

bem cheio, como este he, passa-se bem de pressa; isto não he mais, que hum dia de retiro; não he justo, e ninguem deve deixar de pôr toda a diligencia para o passar verdadeiramente em a solidão. Ou se esteja só, ou se esteja na Igreja, em toda a parte se deve estar mui recolhido, e retirado.

Como a pratica deste exercicio he utilissima a todas as pessoas, e são mais em numero as que não sabem meditar, do que as que tem uso disso; pareceo racionavel que nas Meditações, que aqui propomos para este exercicio, attendessemos mais para a commodidade do maior numero: para isto se fizeraõ as Meditações muito compridas, para que estas pessoas achem em que se occupem utilmente pelo espaço de huma hora, e possaõ verdadeiramente meditar, e tirar da Meditação todo o fructo necessario, ainda que não façã mais que ler attentamente.

As pessoas, que já estão acostumadas a meditar, tomarã destas Meditações sômente o que julgarem lhes he necessario. Duas, ou tres reflexões podem dar materia a algumas pessoas para meditar por espaço de huma hora; o que restar póde servir-lhes de lição espiritual em outro tempo.

Devem com tudo estes guardar-se de cahir em o defeito, em que ordinariamente costumã cahir os que meditaõ as verdades da Religião; e he, que tanto que ao principio se sentem persuadidos dellas, contentaõ-se logo, e apegaõ-se unicamente a esta mesma persuasão sem irem mais adiante. Não basta crer estas grandes verdades, he necessario passar da especulação á pratica, e fazer que as Meditações sirvaõ á reforma dos nossos costumes: assim não nos devemos contentar sômente com ler; e estar persuadi-

ditos da verdade, que lemos; mas he necessario considerar seriamente, e com animo socegado, o que se medita, applica-lo a nós, tirar todas as reflexoens, que todo o homem prudente, e de bom juizo, he capaz de fazer, as quaes nós mesmos não deixaremos de fazer na hora da morte, quando já não estivermos em estado de nos aproveitarmos dellas.

Exaqui o modo, pelo qual se podem fazer as Meditaçoens. Se ledes, lede attentamente, e demorai-vos muito tempo em tudo, o que vos mover mais. Perguntai a vós mesmos, se o que meditais, se o que ledes, he verdade, se tendes vivido até o presente conforme o que acabais de ler, que fructo haveis de tirar daqui por diante deste maior, e dobrado conhecimento, que agora tendes, e o que deveis esperar, se esta Meditação for como as outras, de que não haveis tirado fructo algum.

Não vos canceis em querer ler tudo; se huma só reflexão vos occupasse toda a hora, com tanto que fosse com fructo, terieis feito bem a vossa meditação; e o que della vos restar, poderia servir de lição espiritual.

Tambem he muito conveniente, e ainda necessario, tomar hum pouco de tempo para considerar com socego a vossa vida, e assim se deve tambem fazer isto com cuidado. A materia para esta consideração deve ser huma verdade toda practica: humas vezes será o frequente uso dos Sacramentos; outras as obrigaçoens do proprio estado, e algumas vezes tambem as obrigaçoens da vida civil. Os exercicios de piedade os mais ordinarios, as obrigaçoens particulares do proprio emprego, as Regras do Estado Religioso para as pessoas Religiosas; e outras semilhantes materias, que servem todas de fazer a nossa vida

Seja mais regular, e fazer-nos mais exemplares, e mais perfeitos: cada hum deve escolher o que julgar lhe he mais conveniente a respeito das disposições interiores, dos seus defeitos mais ordinarios, a todas as suas necessidades espirituaes.

He necessario que advirtamos aqui como ponto de muita importancia, que não nos devemos contentar sómente com ter exercicios espirituaes, e fazer projectos excellentes de conversão, e humas affectuosas resoluções de reformar a vida: estas resoluções por mui sinceras, que pareçam, não de ser certamente inuteis, se não tomarmos logo os meios seguros, e efficazes de pôr em pratica o que nos tivermos proposto, e se não descermos a examinar com toda a miudeza o que devemos obrar, ou evitar para viver santamente no nosso estado.

Tambem he bem util que os Religiosos leiam as suas Regras huma vez no dia. Aconselhamos tambem ás pessoas virtuosas, que tornem a ler os seus bons affectos, e propositos, e tudo o que tiverem escripto nos seus retiros antecedentes; porque acharão nesta lição de que se confundir, e de que se animar. Não he bom cansar o espirito com ler muito; vale mais ler pouco com fructo, do que muito inutilmente. Cada hum deve escolher aquella lição, que lhe for mais propria. Não nos devemos contentar com ter lido, para podermos dizer que tivemos lição espiritual; mas havemos de ter lição espiritual com o designio de nos aproveitarmos do que lemos.

Já dissemos que as pessoas Religiosas não devem dispensar-se dos exercicios da Communidade, nem ainda da recreação ordinaria; porque como com as reflexões, que já tem feito neste dia, poderão conhecer os defeitos, em que costumão cahir nelas, devem estar bem advertidas pa-

ra a sua emenda, e deixar ver pela reforma dos costumes, e de tudo o que havia de reprehensivel, e menos regular na sua vida, o fructo do seu retiro: devem portar-se em todas as occasiões como pessoas, que estão já convertidas, ou reformadas. Deve haver grande cuidado neste tempo, mais que em outro qualquer, de levantar frequentemente o coração a Deos para evitar que o espirito se dissipe; o que communmente nos costuma causar o trato, e familiaridade exterior com os homens.

Dirigindo-se principalmente este Retiro para hum preparo para a morte, julgamos acertado fazer a terceira Meditação de cada mez sobre a morte: na verdade, não he muito, cuidar seriamente hum dia cada mez em huma verdade de tão grande consequencia, como he a morte; pois nenhuma cousa nos importa tanto, e he tão necessaria, como o morrer bem.

O principal fructo, que se pertende deste exercicio, he a emenda de todas as desordens da nossa vida: hum mais vivo desejo da Perfeição, a victoria das paixões, que nos dominaõ; hum amor mais ardente para com Jesu Christo em o Santissimo Sacramento; e em summa, huma pontualidade maior em cumprir com todas as nossas obrigações: para o que ao principio deste Retiro deve cada hum prever, e como determinar o fructo particular, que pertende tirar delle: e como este Retiro he huma preparação para a morte, deve procurar sahir sempre delle naquelle estado, em que quizera achar-se na ultima hora, não desprezando cousa alguma, que possa servir para conservar-se dahi por diante neste feliz estado.

As resoluções geraes ordinariamente não são proveitosas. Hum meio excellente para aproveitar

veitar , he determinar em cada retiro emendar hum defeito particular , e praticar huma virtude. Este defeito , ou esta virtude poderã ser a materia do exame particular até o retiro do seguinte mez.

Para conservar o fructo deste dia de retiro, depois de ter louvado a Deos pelas graças , que d'elle temos recebido , devemos apresentar a nosso Senhor todas as boas resoluçoens , que temos feito ; as quaes se devem renovar entã ainda com mais sinceridade , pedindo á Virgem Nossa Senhora , que queira ser nossa medianeira , e nossa fiadora diante de seu amado Filho , e que nos alcance d'elle a graça de lhe ser fieis.

Naõ devemos com tudo ficar-nos de tal sorte nas boas disposiçoens , em que nos achamos , que naõ fiquemos ainda com maior desconfiança da nossa propria fraqueza. Nenhuma cousa ha mais para temer , que huma segurança demasiada. Em fim he muito necessario que ao principio nos arrememos contra os assaltos do amor proprio , e das paixoens , principalmente aquelles primeiros trez, ou quatro dias ; os quaes passados , custará pouco fermos fieis. Os primeiros passos saõ os mais difficultosos ; hum meio muito efficaç para huma pessoa se conservar em o fervor , he declarar-se logo pela virtude , e naõ ter vergonha de parecer reformado nos costumes : nenhuma cousa ha mais pernicioza aos que começaõ a vida espiri-
tual , que os respeitos humanos.

MEDITAÇÃO

Para a vespera do dia, em que se ha de ter o Retiro.

A Materia desta Meditação he tirada da parabola, que refere S. Lucas no capitulo 13. do seu Evangelho, onde se diz, que hum Pay de Familias hindo buscar o fructo de huma figueira, que tinha plantada na sua vinha; e não o achando, disse para o que a cultivava: Bem vedes que ha tres annos, que venho buscar fructo a esta figueira, e nunca o acho; cortai-a pois logo; para que ha de estar occupando este lugar inutilmente, e sem proveito? Responde-lhe o cultivador: *Senhor, deixai-a estar este anno; eu a cultivarei com mais cuidado; e se os meus cuidados, e toda a minha diligencia em a fazer produzir forem sempre inuteis, e sem fructo, então a cortareis.*

He bem facil comprehender o que nosso Senhor Jesu Christo nos quer ensinar por esta parabola: he necessario applicar-nos a penetrar bem o seu verdadeiro sentido, fazer a sua applicação, e considerar que de nós mesmos falla esta parabola, e em nós mesmos se verifica.

I. P O N T O.

Considerai tudo o que Deos tem obrado para o bem de nossa salvação: o cuidado, com que elle tem cultivado até o presente a nossa alma, para nos fazer produzir fructos de vida eterna copiosos, e abundantes: a bondade, com que nos proveo de innumeraveis, e efficazes meios para nos santificar. Esta.

Estavamos neste mundo não sómente como huma arvore esteril, e infructuosa, mas tambem como huma planta secca, e corrompida pelo peccado original. Deos por huma misericordia singular, e bondade infinita, nos transplantou, para o dizer assim, preferindo-nos a outros innumeraveis, ao fertil, e abundante campo da sua Igreja, e depois ao da Religião (se com huma providencia ainda mais admiravel, e singular, nos fez a graça de abraçarmos este estado.)

E por ventura comprehendemos nós ainda bem as grandes vantajens, e abundantes lucros, que recebemos com termos sido transplantados a huma terra tão santa, cultivada com trabalhos, e regada com suores, e com o mesmo sangue de hum homem Deos? Esta he aquella mesma terra, que tem produzido tantos Heroes illustres do Christianismo, cujas vidas nos encham de admiração, e ainda hoje está produzindo tão grandes Santos de toda a idade, de todo o sexo, e de todos os estados. Estas grandes, e generosas almas produzirão, e produzem ainda hoje fructos dignos de vida eterna com a mesma cultura, isto he, com os mesmos soccorros da Graça, que nós temos.

Aquelles grandes Santos não tiveram outro Evangelho, nem outros Sacramentos; as graças em todo o tempo foram abundantes: sómente tiveram mais que nós o cuidado de viverem conforme ás maximas, que naquelle mesmo Evangelho ensinou, e praticou N. Senhor Jesu Christo, e o cuidado de se aproveitarem do frequente uso dos Sacramentos, e de corresponder às graças, que elles nos alcançam. Temos nós por ventura a felicidade de estar no doce estado da Religião? Olhemos, e consideremos esses Santos, cujos lugares occupamos, cujos exemplos deve-

mo

mos imitar, estes excellentes modelos da Perfeição : elles tiveram as mesmas regras, que nós ; só nos excederam em terem mais fidelidade na observancia destas mesmas regras ; e só com a sua fiel, e exacta observancia he que se fizeram santos. Ainda nós temos mais, do que elles, hum vantajem, que elles não tinham ; que he o socorro, e o estímulo dos seus bons exemplos ; elles passaram por este apertado caminho do Evangelho primeiro, que nós ; estão-nos continuamente ensinando quam seguramente caminhamos, se seguimos as suas pisadas : confessamos que foram sabios, e que são felizes por terem vivido como viverão ; e somos por ventura nós sabios, e podemos prudente, e racionalmente esperar ser felizes vivendo, como vivemos, hum vida frouxa, tibia, e relaxada ?

Ajuntemos a todos estes beneficios geraes todos os socorros, e beneficios particulares. Lembremo-nos, e juntamente consideremos os cuidados, que Deos sempre tomou de nós, para nos fazer produzir muitos fructos de virtudes Christãs. Que providencia mais amavel desde o berço ? Que serie mais dilatada, e nunca interrompida, de graças, de auxilios, e de meios poderosissimos em toda a nossa vida ? Quantos bons pensamentos, quantos excellentes movimentos no interior da nossa alma, depois que temos uso de razão ? Poderião nunca contar-se todas as graças, que Deos nos tem feito, depois que estamos no mundo ? Quantas vezes nos tem sustentado com o pão dos Anjos, que he a sua propria Carne, e o seu precioso Sangue ? Quantas vezes o temos nós ouvido em o interior da nossa alma ? Quantas luzes sobrenaturaes ? Quantas vezes nos tem chamado para o seu serviço com hum ternura, e amor inexplicavel ? Quantas graças em os Re-
tiroz

tiros espirituaes, nas Communhoens, nas enfermidades, com a nova de huma morte, com a vista de hum successo extraordinario? Quantos bons exemplos, e santas inspiraçoens, e outros innumeraveis favores singulares, com que Deos nos tem enriquecido?

Não era necessario tanto para se fazer hum grande Santo: ha muitos Santos no Ceo, que não tiverão todos estes soccorros para a salvaçãõ, e com tudo produzirão fructos admiraveis de virtudes, multiplicarão os seus talentos, fizeram a sua vida fertil, e abundante de boas obras: nem o falso lustre, e esplendor das grandezas humanas, nem o pestifero contagio dos máos exemplos, nem cousa alguma deste mundo lhes pôde abrandar a sua constancia: trabalhãõ continua, e efficaçmente na sua salvaçãõ, correspondendo á Graça; e agora, cheios de merecimentos, gozãõ diante de Deos, bondade summa, e infinita, de huma felicidade eterna, como justa recompensa da sua fidelidade.

Consideremos agora seriamente, e sem nos lizonjear, se, tendo nós recebido os mesmos auxilios da Graça, as mesmas vantajens, e meios, que elles, temos vivido huma vida tão cheia de fructos, e de boas obras; e se o sangue de Jesu Christo, com o qual a terra de nosso coração tem sido regada, tem produzido em nós a mesma fertilidade, e abundancia.

II. P O N T O.

Considerai que pelos fructos, que Deos pede de nós, não se entendem certas praticas de devoçãõ estereis, nem huns certos exteriores, e apparencias de virtude, que só servem ordinariamente de lizonjear, e enganar as pessoas imperfeitas,

feitas, e enterte-las, e conserva-las em huma vida tibia, e frouxa; na qual com o disfarce, e com a lizonja destas imaginadas boas obras, vivem toda a sua vida com imperfeições grosseiras, sem se corrigirem de hum só defeito. As virtudes apparentes destes imperfeitos, e tibios, são pela maior parte como as formosas folhas das arvores, isto he, excellentes exteriores, que enganaõ aos olhos dos homens, e muito mais a quem os possui; fazendo-lhes tomar por virtude o que não he mais, que effeito de huma paixã encoberta, e dissimulada, de respeito humano, ou pela maior parte do natural, e da educação.

Pelos fructos, que S. Joã chamava fructos dignos de penitencia, e S. Paulo chama fructos do Espirito Santo, entendemos aquelles effeitos necessarios, que são consequencia certa de hum amor verdadeiro, e sincero para com Deos, e de huma perfeita caridade para com o proximo. Entendemos os fructos, que produz huma solida piedade, que vem a ser, hum summo horror aos menores peccados, huma fome insaciavel de justiça, huma mortificação generosa, e constante, huma profunda humildade, e huma grande, e exactissima pontualidade em cumprir todas as obrigações do proprio estado: além disto, hum verdadeiro, e sincero horror a tudo, o que Jesu Christo aborrece; e hum apreço singular de tudo o que Jesu Christo ama; a victoria das proprias paixões, a reformação dos costumes, em fim huma vida perfeitamente Christã. Exaqui qual he o verdadeiro sentido destas palavras: *Facite ergo fructus dignos pœnitentiæ.* Produzi na vossa alma fructos dignos de penitencia; que he o mesmo que dizer: Mostrai pelas vossas boas obras, e pela vossa vida regulada, que estais verdadeiramente convertidos.

Consideremos agora dentro de nós mesmos ; se temos produzido atéqui muitos destes fructos. Já temos visto bem com que cuidado tão amavel , e tão singular , nós tem Deos cultivado , e cheio de graças. Há mais de tres annos , e talvez mais de dez , que trabalha em fazer-nos ferteis ; é abundantes de boas , e santas obras ; muito menos graças poderiaõ ter já feito grandes Santos , e com tudo todas estas não tem talvez ainda feito hum Religioso mediocre , nem ainda hum verdadeiro , e perfeito Christão. Certamente não he isto vicio da terra , em que eu estou ; pois ella he santa , e produz cento por hum : e quantas pessoas acharei eu entre essas mesmas ; com quem vivo , que com muito menos soccorros , e graças produzem muitos mais fructos em abundancia ? Que vantajens ; e proveito espirital tenho tirado de tantas Missas , e de tantas confissoens , e de hum tão grande numero de communhoens ? Huma só he capaz de converter o maior peccador , e de elevar huma alma a huma perfeição sublime. Ah Senhor ! eu tenho talvez commungado mais de duzentas vezes , e não estou ainda corregido , nem emendado de hum só defeito. Depois de tantos retiros , em que tenho feito as mesmas reflexoens, que faço agora ; depois de tantas oraçoens , bons exemplos , e praticas de piedade , tenho-me por ventura feito eu mais humilde , mais observante , mais mortificado , mais exacto ? Tenho-me feito com todas estas cousas mais Religioso , e mais Christão ? Sou eu mais generoso para comvosco , ó meu Deos , e mais fiel nas occasioens ? Estou menos sensivel , e menos apegado aos respeitoos humanos ? Amo por ventura mais a Jesu Christo ?

Que he feito de tão excellentes movimentos , e affectos , que tive em algum tempo para a virtude

tude? Eu tinha feito excellentes projectos de converter me; eu estava taõ desapegado, e taõ defenganado, e aborrecido das vaidades do mundo: Que he feito daquella piedade terna, que eu sentia no meu interior? Onde está aquelle fervor dos primeiros annos de minha conversação? Eu gostava de tudo, o que era Deos; o menor peccado me fazia horror; eu estava sensivelmente movido, e penetrado das terriveis verdades do Christianismo; agora nada me move: e por ventura estas mesmas verdades saõ hoje menos terriveis? He já o peccado menor mal? Este Deos, que nos enche todos os dias de novos beneficios, he por ventura menos amavel? Merece agora menos ser bem servido? Onde está aquella paz, aquella consolação interior, que eu sentia em meus exercicios de piedade? Que effeito tem produzido tantos bons propositos? Onde está o fructo de minhas promessas? Ah! talvez que me naõ reste de tudo isto, senaõ huma triste lembrança, que só serve de me fazer ver bem claramente quanto estou apartado daquelle estado, em que devia estar, e que terrivel he a conta, que tenho de dar a Deos, de tantas graças, que tenho feito inuteis, e de tanto tempo, que tenho perdido.

A' medida dos grandes beneficios, que tenho recebido de Deos, me tenho feito mais ingrato para com elle mesmo: e quem olhar, e vir a tibieza, em que vivo, dirá certamente, que os cuidados, que Deos tem tomado em me cultivar, e fazer fertil, só tem servido de me fazer cada dia mais esteril de boas obras.

Mas o que nos deve fazer chorar ainda mais, he, que depois de ter andado no caminho da perfeição dez, ou vinte annos, talvez teremos motivos de ter saudades da piedade, e do fervor dos

Nos nossos primeiros annos, e de julgar-nos felizes, se nos achassemos agora tão adiantados em o caminho da perfeição, como o estavamos naquelle tempo, em que só faziamos principiar a nossa carreira. Mas em fim o tempo passa, os annos correm, e o Pay de Familias cãçado, e já como enfadado de ver frustrados todos os cuidados, que tem tido em cultivar huma arvore cada vez mais esteril, está resolutó á corta-la, e lança-la no fogo.

III. P O N T O.

Considerai o perigo, a que nos expomos vivendo huma vida esteril de boas obras; e quanto he para temer attrahir por este meio sobre nós os castigos de hum Deos justamente irritado, e aquella terrivel sentença de reprovação, fulminada contra a arvore infructuosa.

Há muitos annos que Jesu Christo nos vem visitar, para ver se acha em nós algum fructo. Tem-se sempre achado enganado nas suas esperanças, achando só folhas, ou fructos semelhantes aos de Gomorra, os quaes debaixo de huma excellente, e formosa apparencia, não escondião mais que podridão, e cinzas. Qual será pois a nossa sorte? em que devemos pôr as nossas esperanças? Não temos bastante causa para applicar a nós as mesmas reprehensões, que Deos faz pelo seu Profeta? *Quid est quod debui ultra facere vinee mee, & non feci?* Que devia eu, diz o Senhor, fazer á minha vinha, que o não tenha feito? Depois de tantos cuidados, que tenho posto em cultiva-la, não tinha razaõ de esperar della bons, e copiosos fructos? Mas na verdade só tem produzido alguns fructos silvestres, e máos, que não servem de cousa alguma: *Nunc ergo habitato-*

*res Jerusalem, & viri Juda, judicate inter me;
& vineam meam.*

Julgai vós mesmos agora, homens ingratos, se tenho razão de me queixar de vós. Não há bem alguém, que eu vos não tenha feito; e que fructo haveis tirado de todos estes bens? Eu tenho obrado por vosso respeito mais, do que podíeis esperar, mais, de alguma maneira, do que podíeis crer, mais do que vos atreveríeis a desejar. Conheceis muito bem, e confessais todos os meus beneficios: mas por ventura tendes-me mais amor por esta causa? Servis-me com maior, e mais generosa fidelidade? Ora olhemos para dentro de nós mesmos, e vejamos se não tem Jesu Christo razão de nos fallar desta sorte. E que temos para responder a humas reprehensões tão solidas, e tão bem fundadas? Temamos ainda mais o justo castigo, com o qual o Senhor ameaça huma vinha tão esteril: *Et nunc ostendam vobis, quid ego faciam vinee mee*: E agora, diz o mesmo Senhor, eu vos mostrarei bem claramente o que hei de fazer á minha vinha: *Auferam sepem ejus, & erit in direptionem*: Arrancar-lhe-hei a seve, com que a tinha rodeado, e a deixarei como alvo, e preza a todos os passageiros, sem muros, sem fôssos, e sem seve; ella será pizada, e calcada pelos caminhantes, e far-se-há hum caminho publico; ninguem a cultivará já mais, crescerão nella filvas agrestes, e espinhos; e por cume de todas as desgraças, eu mandarei ás nuvens, que não chovão mais sobre huma terra tão ingrata, sobre huma vinha, que só produz fructos máos, e inuteis.

He bem facil, e bem clara a intelligencia, e significação de todas estas expressões: applico-las a nós. Os meios mais poderosos para nos santificar nos foraõ atéqui inuteis: as mais for-

Fortes, e abundantes graças não tem em nós algum effeito; só temos produzido até o presente folhas, ou fructos corrompidos, e viciados: pois Deos nos privará destes grandes soccorros, que nós fazemos inuteis, e destas singulares graças, de que nós abusamos. Tira a feve, isto he, deixa-nos perder o recolhimento interior, permite que se enfraqueça em nós aquelle saudavel temor dos Juizos de Deos; e exahi a alma se dissipa igualmente, e sem differença sobre todos os objectos creados, e se faz como alvo, e preza de todas as suas paixoens. Mil cuidados mundanos, alheios, e inquietos do seculo, occuparáo todo o espirito; ouvirá a voz de Deos, como de muito longe, em o fundo do seu interior; os saudaveis, e prudentes avizos do Director sabio, e douto já não farão quasi impressão alguma em o seu espirito; encher-se-há a alma de fastio, e aborrecimento para o exercicio mais doce, e suave da virtude; o suave jugo do Senhor se fará muito pezado, e insupportavel; a fonte, donde manaõ todas as graças, parecerá esgotada, e secca: em que virá a parar huma alma em tão lamentavel estado? Pois isto he o que devem esperar todas aquellas almas estereis, que não cuidaõ em produzir fructos de boas, e solidas virtudes.

Não temos nós razãõ de temer que nos tenhamos feito semelhantes ao sarmento infructuoso, que, depois de o separarem da vide, se secca, e não serve para outra cousa mais, que para o lançarem no fogo? Ordinariamente nos lizonjeamos com que não vivemos nas maiores desordens; mas lembremo-nos que aquelle mão servo do Evangelho não foi condemnado por ter perdido o talento, que lhe tinha entregue o seu Senhor; mas por não o ter aproveitado bem; e

o Pay de familias não deixa perder a sua vinha sómente por não lhe produzir fructos , mas por não lhos produzir bons.

Nós imaginamos que Deos ainda espera mais tempo ; e póde ser que elle já tenha applicado o machado á arvore : *Jam enim securis ad radicem arborum posita est* ; talvez seja este o ultimo convite da Graça ; talvez seja este o ultimo Retiro , a ultima vez que Deos nos chama , e insta para a sua graça , e nos dá hum meio tão proprio para sahir deste estado esteril , secco , e infructuoso de boas , e santas obras.

Há tanto tempo que Deos nos espera , e solicita ; tem vindo tantas vezes , mas sempre inutilmente , buscar fructos a huma arvore , que elle não tem cessado de cultivar com tanto cuidado , e disvello : agora , justamente indignado de huma tão longa esterilidade , está quasi pronunciando contra vós a mesma sentença , que o Pay de Familias pronunçou contra aquella figueira esteril : *Succide ergo illam : ut quid terram occupat ?* Corte-se logo esta arvore má , lance-se no fogo : de que serve consentir por mais tempo que ella occupe o lugar de outra , que produzirá bons fructos ?

Por causa de huma sentença tão terrivel , he que tem acabado mal tantas pessoas , que tinhão principiado bem , mas não foraõ fieis á Graça ; e outras , que tinhão sido bem chamadas de Deos , não tiveraõ o dom da perseverança ; e deixáraõ juntamente com o seu lugar a sua coroa a outras , que se souberaõ aproveitar da sua desgraça.

Por ventura não temos razaõ de temer huma desgraça semelhante , depois de tudo o que Deos tem obrado até o presente para nos fazer sahir do estado da tibieza , para nos fazer mudar de vida , e para nos fazer produzir muitos fructos

frutos de virtudes solidas, e Christãs? Há hum mez, há hum anno, que eu fazia as mesmas reflexoens, que acabo agora de fazer, porém foraõ-me todas inuteis, e sem proveito; e seraõ estas agora mais efficazes? Deos ainda me dá este dia de Retiro para me converter; mas se eu faço com que a sua esperança saia ainda frustrada, devo eu crer, que elle ainda me esperará mais tempo?

Com que ancia tem desejado o Senhor a nossa perfeita conversão? Que cuidados? Que zelo tem tido atéqui para nos fazer servos mais uteis? Temos nós correspondido aos seus cuidados? Ainda essas poucas boas obras, que temos feito, não tem sido corrompidas com máos motivos, e más intençoens? Estamos por ventura muito ricos de virtudes, e merecimentos? E se nós houvessemos de apparecer diante de Deos dentro de poucas horas, ou de poucos dias, não achariamos nada, em que nos reprehender? Estariamos em estado de lhe dar conta da nossa vida? Teriamos razão para estar contentes?

Ah Senhor! não entreis em Juizo com o vosso servo; porque ninguem há sobre a terra justificado nos vossos olhos: *Non intres in iudicium cum servo tuo; quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.*

Eu estou plenamente convencido, que tenho sido até o presente huma arvore não sómente esteril, e infructuosa, mas tambem viciada, e corrompida; que tenho occupado inutilmente o lugar em hum campo fertilissimo, e por consequente só sirvo para ser lançado em o fogo; mas Senhor, tende paciencia: *Patientiam habe in me;* não por hum anno, mas por hum dia só: eu espero com os soccorros da vossa graça de me aproveitar tão bem deste dia, que não fiquem

os vossos cuidados para comigo já inúteis, mas antes mui proveitosos.

Eu tambem me atrevo a persuadir-me firmemente, que se vós não estivesseis em estado de dilatar, ou ao menos de suspender o castigo, que eu justamente tenho merecido pela minha pouca fidelidade á Graça, e pelo máo uso, que tenho feito atéqui de tantos soccorros, e beneficios recebidos da vossa liberal mão, não me daries agora nem o pensamento, nem vontade, nem tempo, e meio de ter este dia de Retiro. Póde ser que não me reste mais, do que este dia: e talvez que se eu me não aproveito delle, estejais já prompto a pronunciar contra mim aquella terrivel sentença, e resolução deciziva da minha salvaçaõ eterna. Eu tenho bastantes motivos para a temer: mas cheio de confiança nas vossas misericordias, eu confio firmemente em o soccorro poderosissimo da vossa Graça, e sobre a effi az protecçaõ da Virgem Maria, na do meu Anjo da guarda, e de tantos Santos, que vos tem pedido por mim, e ainda pedem ao menos neste dia: eu estou resolute com o auxilio da vossa Graça de me aproveitar tambem delle, que, quando este houvesse de ser o ultimo da minha vida, eu ao menos teria a consolaçaõ de poder appresentar-vos o fructo deste ultimo dia: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi* (Math. 28.) Dai-me tempo, e eu vos pagarei tudo: *Domine Deus occurre, obsecro, mihi hodie, & fac misericordiam.* (Gen. 4.) Meu Senhor, e meu Deos, eu vos peço que me assistais neste dia; e fazei que seja para mim hum dia este de misericordia: *Domine Deus ostende hodie quia tu es Deus Israel, & ego servus tuus, & juxta preceptum tuum feci omnia verba hec.* (3. Reg. 18.) Meu Senhor, e meu Deos, fazei ver neste

neste dia que vós sois o meu unico, e bom Senhor; e que eu começo a ser vosso servo fiel; e dai-me graça para fazer efficazes todas as resoluçoens, que tenho feito.

MEDITAÇOENS

Para o dia de Retiro do Mez
de Janeiro.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do fim do homem.

I. PONTO.

O homem foi creado para servir a Deos.

Considérai que não estamos neste mundo por acaso: Deos quando nos creou, e tirou do nosso nada, propoz-se hum fim, e este foi a sua gloria, creando-nos unicamente para o conhecer, para o amar, e para o servir. Nós glorificamos a Deos, conhecendo-o, mostramos-lhe o nosso amor, quando o servimos, e o servimos, guardando os seus preceitos.

Este he o fim, para que Deos nos creou. Podia deixar de nos crear, mas não podia crear-nos para outro fim. A desordem dos nossos costumes bem pôde fazer-nos esquecer da nossa obrigação, mas nunca poderá mudar o nosso ultimo fim. Por mais dissolutos que venhamos a ser, sempre será verdade, que não estamos no mundo,
para

para nelle amontoar grandes riquezas, adquirir honras, gozar de muitos prazeres, e ter huma grande fortuna; estamos no mundo unicamente para servir a Deos. Os Reys, os povos, os sabios, os ignorantes, os moços, os velhos, os ricos, e os pobres, todos foraõ creados para este unico fim. Aindaque os homens fejaõ de diferente condiçaõ, e haja entre elles subordinaçaõ, porque huns nascem senhores, outros subditos, com tudo, todos tem o mesmo fim, e todos convem, que unicamente foraõ creados para conhecer, amar, e servir a Deos.

Distrahidos nós com a multiplicidade de objectos, aturdidos com o rumulto do seculo, occupados em divertimentos vaõs, arrastados pela torrente do máo exemplo, podemos passar toda a nossa vida sem cuidar para que fim estamos no mundo: mas a indispensavel obrigaçaõ, que temos de caminhar continuamente ao nosso ultimo fim, e de fazer tudo por elle mesmo, nunca se mudará.

O fogo não foi feito com mais propriedade para queimar, nem o Sol para allumiar, do que o homem foi feito para amar, e servir a Deos. Este Senhor creou essa multidaõ quasi infinita de creaturas, com o fim de nos ajudar a chegar mais facilmente a elle; e assim não ha alguma, que tomada em si mesma, não nos dê próva de alguma razaõ para o conhecer, de algum motivo para o amar, e de algum meio para o servir.

Não nos he necessario mais, do que consultar sobre isto o nosso proprio coraçãõ. A paixãõ violenta, que todos temos naturalmente de ser felizes, e a impossibilidade absoluta, em que estamos, de o chegar a ser na terra, nos fazem conhecer bem sensível, e bem claramente, que o homem não foi feito para os objectos creados;

e assim, que lhe he indispensavelmente necessario elevar-se a Deos : e desde o instante , em que toma este partido , acha huma paz completa , e perfeita , que só poem termo a todos os seus desejos ; gosta entã huma doçura , que nunca achou em outra parte ; signal evidente de que Deos he o seu fim , e o centro do seu repouso : *Fecisti nos , Domine , ad te : inquietum est cor nostrum , donec requiescat in te.*

Naõ estamos pois no mundo , senã para servir a Deos. Este he o fim de todos os homens : mas proventura vivem todos como quem caminha para este fim ? esta he a unica cousa necessaria , de que nos falla o Filho de Deos no Evangelho ; mas respeita-se ella como tal ?

Que cuidados extraordinarios naõ tem o homem no mundo para chegar ao fim de seus designios ; para acertar a encher o seu emprego , para exercitar bem o serviço do Principe ? E porventura há os mesmos cuidados para o serviço de Deos ? Se consideramos bem o modo de viver da maior parte dos homens , naõ diremos que só estaõ no mundo para tudo o que naõ he Deos ? Quantas vezes a qualidade de servo de Deos cede a quaesquer honras mundanas ? Quantas vezes as maximas do mundo obrigaõ a obrar contra as obrigaçoens de Christãõ ? Todos tem seus designios , todos caminhaõ a seus fins. He pois necessario que estejamos bem pouco persuadidos que Deos he o nosso ultimo fim , pois que taõ pouco cazo fazemos de caminhar para elle , como para nosso summo bem , e fim ultimo.

Naõ há verdade em o Christianismo , que se aprenda mais cedo , que a do fim do homem ; e naõ há alguma , em que se cuide menos , e de que menos nos penetremos , quando nella consideramos. Estamos quasi acostumados desde o berço a ou-
vir

vir dizer, que o homem foi unicamente creado para servir a Deos; porém nada nos penetramos da significação destas palavras. Talvez não tenhamos penetrado nunca bem o seu sentido, e muito menos previsto as suas consequencias. Porque, se he verdade que eu não estou no mundo, senão para servir a Deos, não deve haver na minha vida huma só acção, que não seja referida a Deos; e não sei se haverá em toda ella huma só, que eu tenha feito unicamente por este Senhor.

Esta he a verdade fundamental da nossa Religião; e vivemos nós como quem crê nesta verdade tão importante? Esta he a maxima capital do Evangelho: todo elle se funda sobre este principio: esta he a baze, sobre que se estriba tudo: e se consultarmos os nossos costumes, nossos sentimentos, e nossa vida, diremos que Deos he o nosso ultimo fim? Cuida-se em tudo; e á vista do pouco, ou quasi nada, que em Deos se cuida, não diremos, que este Senhor he reputado por cousa nenhuma?

Acha-se tempo para tudo, excepto para amar, e servir a Deos. Riquezas, honras, prazeres, tudo nos encanta; só em Deos não achamos atractivos, que nos arrebatem; mas com tudo, onde se poderá achar verdadeiro, e solido prazer, senão unicamente neste Senhor? Fizeste-nos para vós, Senhor, dizia Santo Agostinho, e o nosso coração estará sempre agitado, e inquieto, até que descanse em vós.

Não o temos nós experimentado mil vezes a respeito daquellas cousas, que temos desejado mais apaixonadamente? Ficámos por ventura contentes quando as alcançámos? Muitas vezes basta gozar dellas para as desprezar, e sentirmos hum total desgosto, e fastio dellas. Buscamos que ellas nos offusquem o juizo, para as gozar com

menos temor. Aquelle mesmo desgosto, aquella inquietação interior, que nós sentimos quasi toda a vida, he huma voz occulta, que nos está dizendo, que não fomos feitos para as creaturas; que tudo sobre a terra he vaidade, dór, afflicção de espirito, e que fomos feitos só para Deos.

Não podemos, nem está na nossa mão escolher outro fim; aquelle, que nos deu o ser, há unido a este mesmo ser huma obrigação indispensavel de caminhar para elle. E se fosse da nossa escolha tomar a Deos, este bem infinito, por nosso ultimo fim, cuidaríamos em escolher outro? Ah! Deos mesmo poz nos na feliz necessidade de não podermos ter outro; e com tudo quasi nada se nos dá de caminhar a este nosso fim ultimo.

Homens ingratos, ainda não estais contentes, com que tenha cahido em vós a sorte de serdes destinados para hum fim tão nobre? *Usquequò claudicatis in duas partes? Si Dominus est Deus, sequimini eum.* (3. Reg. 18.) Para que vos quereis dividir entre Deos, e o mundo? Se Deos he o vosso unico Senhor, porque razão não o servis unicamente? Que espero eu, Senhor, para tomar este partido? Por ventura he porque tenho boa saude, sou ainda muito moço, temo servir-vos muito tempo, se começar neste instante a servir-vos? Eu, que não estou no mundo para outra cousa?

Ah! eu não gastei tempo para me deliberar, quando tratava de perder os mais bellos annos da minha vida em vãos passatempos no serviço do mundo; e agora estando convencido, e apartado das minhas primeiras dissoluções, ainda vos disputo o resto da minha vida, e duvido começar neste instante a amar-vos unicamente?

He cousa estranha, e bem para admirar, que me sejaõ necessarias tantas razoes, e reflectir

ctir tanto , para me determinar em hum ponto de taõ grande importancia , e de que estou plenamente convencido ; mas ainda he mais para admirar , que fazendo todas estas reflexoens , naõ me acabe de resolver.

Espero que reduzido á ultima extremidade ; me venhaõ dizer , que naõ tenho mais do que alguns dias de vida , para cuidar seriamente em converter-me ? Meu Deos ! de que me servirão nessa hora as reflexoens que agora faço ? Que tristes reflexoens naõ farei eu entaõ sobre a inutilidade, de as fazer naquelles ultimos momentos ?

Basta , Senhor : eu já naõ reparto o meu coração ; fizestes-me para vós ; eu tambem farei daqui por diante todo vosso : *Dixi : Nunc cœpi : hec mutatio dexterae Excelsi.*

He só á vossa misericordia que eu devo esta mudança. Eu começo tarde a servir-vos , esta he a verdade ; mas em fim , vós naõ rejeitastes os serviços daquelles , que vierão á undecima hora. Eu espero que com o soccorro da vossa graça o meu fervor , e a minha fidelidade , vos resarcirão em parte das minhas infidelidades passadas , e que em qualquer parte , e em qualquer tempo , que eu morra , terei ao meños a consolação de haver principiado : *Quid mihi est in cœlo , & à te quid volui super terram ?* Que he o que eu posso desejar no Ceo , ou na terra , que me possa contentar fóra de vos ? *Deus cordis mei , & pars mea , Deus in eternum.* Vós sois o Deos do meu coração ; e só a vós quero por minha herança.

II. P O N T O.

O homem foi creado para se salvar servindo a Deos.

Considérai que Deos, tendo-nos creado só para o servir, quiz por huma bondade singular, que não podéssimos servi-lo sem nos fazermos felizes eternamente. Elle mesmo quiz ser a nossa felicidade eterna, creando-nos para a sua glória: e como esta felicidade eterna nos he proposta como huma recompensa, toda a vida nos he concedida sómente para a merecer.

Para isto fez Deos leis, e préceitos; e aquelle instincto tão natural, que move todos os homens a desejar, e a buscar a sua felicidade, ainda no meio das maiores desordens, nos está continuamente advertindo, que não estamos na terra para outra cousa mais, que para trabalhar em ser eternamente felizes no Ceo. O remorso da consciencia, que quasi nunca se extingue, não nos diz claramente, assim que nos apartamos hum pouco do caminho direito da salvaçã, que nos pomos em perigo de nos petder? Aquelle temor saudavel do Inferno, e dos terriveis juizos do Senhor, que sentem ainda os mais atrevidos, e livres, não he huma voz bem forte, que continuamente nos diz, que só andamos no mundo para ganhar o Ceo?

Este he o maior, e o unico negocio de todo o mundo; este he o nosso fim ultimo. Ninguem está na terra para ter este emprego, ser elevado áquella dignidade, distinguir-se em algum estado, fazer-se douto em alguma arte, e grangear reputaçã pelo seu merecimento. E se estais elevado a alguma dignidade, Deos não vos deu esse emprego, nem essas excellentes qualidades, nem

a mesma prosperidade, ou merecimento entre os homens, senão como huns meios para vos ajudar a salvar, e chegar mais facilmente ao voffo fim ultimo.

Naõ somos pois creados para outra cousa mais, que para salvar-nos, isto he, para evitar hum inferno, e huma infelicidade eterna, e ganhar hum Paraizo, e huma felicidade eterna. Fomos creados para o Ceo, e estamos na terra como desterrados, ou, quando muito, como caminhantes, que se alegraõ todos os dias, vendo se chega o principio de sua alegria; e o termo do seu desterro.

Mas acafo vivemos deste modo sobre a terra? Acafo olhamos o Ceo como nossa Patria? Se consideramos o nosso modo de viver, poderemos dizer com verdade, que temos a salvaçaõ como nosso fim ultimo? Todos sabem muito bem tomar os meios necessarios para chegar a seus fins; só a respeito da salvaçaõ há taõ poucos, que tomem os meios necessarios para a conseguir, que somos obrigados a dizer, que bem poucas pessoas devem de haver, que se proponhaõ á salvaçaõ como seu ultimo fim:

He bem facil-conhecer qual he o fim, que o mercador se propoem no seu negocio, o sabio nos seus estudos, o cortezaõ nas suas politicas, o valente no meio dos riscos, a que se expoem todos os dias. Mas será taõ facil o conhecer que todos no seu estado, no seu emprego, naõ cuidaõ mais, que em salvar-se; e naõ se propoem, senão a Deos por seu fim ultimo?

De que serve a hum homem ter huma grande fortuna, de que lhe serve ganhar todo o mundo, se perde a sua alma? E que cousa há que o possa refarzir desta perda? Valer-lhe hiã mais naõ ter nascido, do que naõ haver sabido salvar-se.

Lem-

Lembre-mos, que se Deos não for a nossa maior felicidade, será a nossa maior, e terrivel infelicidade. Podemos passar sem todas as outras cousas, quaesquer que sejam; mas não poderemos passar sem este bem infinito. Hum homem pobre, desprezado, mettido no esquecimento, e na obscuridade, se se salva, he feliz para toda a eternidade, e não necessita de cousa alguma. Hum homem rico, poderoso, feliz, honrado no mundo, se se condemna, he desgraçado para sempre.

De que servio áquelles homens extraordinarios em talentos, o ter cheio o mundo de suas excellentes accoens, o ter adquirido tanta honra, se se condemnárao? Considera a hum homem na hora da morte, que tivesse possuido riquezas infinitas, que tivesse gozado de todos os prazeres mundanos, e chegado ao cume da gloria, e da grandeza, e que, tendo acertado em tudo o mais, desprezasse unicamente o negocio da sua salvaçao: e perguntai-lhe neste ultimo momento, *quid prodest?* de que vos servem agora todos estes bens, prazeres, e as grandezas? Tudo isto passou, tudo isto para vós he como se nunca tivesse sido. Mas a vossa alma, que perdestes, nunca acabará: as penas terriveis, que são as consequencias funestas desta perda, sempre duraráo; o cruel pesar de ter desprezado o unico, e importante negocio, existirá eternamente.

Consideremos a nós mesmos neste ultimo momento. Que idéas, e sentimentos teremos entao de tudo o que nos serve agora de obstaculo á nossa salvaçao? Com que olhos olharemos naquelle momento para os bellos designios de fortuna, e todos os grandes projectos, com os quaes tivermos vivido todos occupados?

Escolhemos antes arrisicar o perder a nossa

alma, do que perder a hum amigo, do que deixar menos bens aos filhos, e do que ser de qualidade menos distincta nesta vida. Que juizo se fará de tudo na hora da morte? Poderá consolar muito a lembrança das honras passadas a hum homem que vai a ser condemnado? As riquezas, de que se vê naquella hora já quasi despojado, servirhe-hão de grande soccorro? Os nossos per-tendidos amigos estar-nos-hão muito obrigados por nos termos perdido por lhe dar gosto? Nós mesmos estaremos muito obrigados áquelles que tiverem sido a occasião, ou causa da nossa perda, e por cujo amor formos condemnados?

Pobres Pays de familias! Trabalhai, suai, gastaí a vossa faude para deixar a vossos filhos satisfeitos, e contentes; e se vos condemnardes, quem vos ficará obrigado pela vossa perda?

Ah Senhor! como usamos nós da nossa razão? Somos os primeiros em condemnar o procedimento daquelles, que desprezão seus proprios negocios para tratar dos alheios; e ao mesmo tempo não nos occupamos mais, que em vãos divertimentos, ou, quando muito, em os negocios daquelles, que nos hão de sobreviver, desprezando ao mesmo tempo o nosso proprio, e unico negocio, que he a nossa salvação.

Se para ser rico não fosse necessario mais do que quere-lo, haverião muitos, que deixassem de o ser? Depende de nós com os auxilios da graça, que nunca feitaõ o ser santos, basta quere-lo de veras; e não o queremos. Qual he a causa porque não se salvaõ tantos, senão porque não querem salvar-se?

He para admirar, que os homens tendo tanto amor a si mesmos, façaõ taõ poucas reflexoens sobre huma verdade de tanta importancia. He couza estranha ver tantas pessoas na verdade sabias,

e que mostrãõ tanta prudencia no seu modo de vida, sahirem deste mundo, sem terem cuidado quasi nunca para que entraraõ nelle, donde vieraõ, e para onde haviaõ de hir depois desta vida, e naõ querer cuidar na morte, deixando-se cegar com alguma apparencia de conversaõ.

Que he feito, Senhor, daquelle ardente desejo da nossa salvaçaõ, que vos tem feito obrar taõ grandes cousas? Parece, meu Deos, que já vos naõ move a perdã daquelles, que remistes com o vosso sangue. Até quando soffrereis, que se percaõ sem remedio as almas, que vos tem custado tanto? Por ventura naõ sois ainda o nosso Deos, e nós o vosso Povo? E podereis esquecer-vos já mais, que sois o nosso Salvador?

He verdade, que eu naõ soube aproveitar-me da felicidade, que eu tinha de ser creado unicamente para vós. Bem longe de me servir das creaturas para vos conhecer, me esqueci de vós, para me entregar todo a ellas. Errei o caminho, que me conduzia ao meu fim ultimo, e naõ quiz seguir a voz do bom Pastor, que me chamava; mas agora conheço, e choro os meus erros; e por muito infiel que tenha sido, isto só me basta para me fazer esperar, que haveis de ter misericordia de mim. Vós me amastes quando eu vos naõ amava, e quando fazia tudo o que podia obrigarvos a aborrecer-me. Vós me buscaveis, ainda quando eu de vós fugia mais cegamente. E agora, meu Deos, que quero amar-vos, rejeitar-me-heis vós? Agora, que vos busco, fugireis de mim? Eu naõ me atreverei, ó meu Deos, a formar este pensamento de hum Pay, de hum Salvador, e de hum Deos taõ bom, e taõ misericordioso como vós sois.

Sim, meu Deos, reconheço, e confesso, que naõ estou neste mundo mais, que para amar-vos,

e servir-vos. Estou resoluto com o soccorro da vossa graça, a fazer huma e outra cousa, espero, que assim como tivestes atéqui tanta paciência para soffrer os meus erros, e peccados, haveis de ter tambem agora bondade para nos perdoar: *Dixi: Nunc cepi: hæc mutatio dextera excelsi.* Eu começo neste instante huma nova vida: e só á vossa misericórdia, ó meu Deos, devo esta mudança.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Janeiro.

Dos meios, que temos todos para chegar ao nosso fim ultimo.

I. PONTO.

Os meios que são communs a todos os Christãos.

C Onsidéra, que não se contentou Deos só com o haver-nos creado para si, como para nosso ultimo fim. Quiz tambem, por hum effeito singular da sua bondade, obrigar-nos indispensavelmente a caminhar para elle pelo grande numero de meios, que nos deu para chegar ao nosso termo final.

Não há alguma creatura, que tomada em si mesma, não nos dê hum meio de conhecer, e amar a Deos; e se alguma nos serve de obstaculo, he pelo abuso que fazemos della. Os bens, e os males desta vida, os mesmos castigos de que Deos se serve para vingar nossas infidelidades, tudo pôde servir para a nossa salvação. Até

Os mesmos defeitos nos pódem ser uteis. Não temos mais mortal inimigo da nossa alma, que o demonio: e com tudo as suas astucias, e as suas mesmas tentações pódem servir para o bem espirital da nossa alma, e para conseguirmos a felicidade eterna.

He precisamente necessario ter a graça de Deos para chegar ao nosso fim ultimo; sem ella seriaõ inuteis todos os nossos esforços: tambem he de fé, que podemos faltar á graça; mas a graça nunca nos faltará, porque não há condemnado algum, que se perdesse, se não por sua culpa, e porque quiz.

Somos fracos, as occasiões são frequentes; e pela corrupção, que o peccado causou em o coração do homem, temos todos huma furiosa inclinação, que nos arrebatá para o mal: mas pódiamos ter socorros mais poderosos, do que temos, para evitar o cahirmos, e para nos levantar depois de cahidos? Concebemos já mais na nossa alma quam facil he alcançar a salvação, se quizermos aproveitar-nos dos grandes, e efficazes meios, que temos para isto? Tantos Sacramentos, onde nos são applicados os merecimentos de Jesu Christo, Sacramentos, que são, para o dizer assim, hum banho do seu sangue, e por meio dos quaes a nossa alma acha tão grandes socorros em todas as suas enfermidades; estes Sacramentos, remedios saudaveis, fontes inexauriveis de tantas graças, não são meios bem faceis, e efficazes para chegar seguramente ao nosso ultimo fim?

Era na verdade bem facil aos discipulos de Jesu Christo o ser santos, tendo continuamente consigo o seu divino Salvador. E ser-nos-há muito difficultoso o chega-lo a ser, tendo o mesmo Senhor continuamente com nosco? Elles eraõ felices

lices em poder alcançar deste divino Salvador o que desejavaõ: e temos nós por ventura menos felicidade que elles, possuindo a Jesu Christo na Eucaristia? E porque razaõ não alcançamos neste Mysterio tudo o que queremos?

A Oraçaõ he tambem hum meio efficacissimo: o mesmo Jesu Christo se obrigou solememente a conceder-nos tudo o que pedissemos em seu nome. Não exceptuou cousa alguma nas suas promessas: e fez estas promessas geralmente a todos, e sem differença de pessoa alguma. Não he necessário mais que pedir: e quem he que o não saberá fazer? Temos nós pedido muito estas graças? E que fazemos para as merecer?

Quando não tivessemos mais que o Sacrificio de nossos altares, não estaria a nossa salvaçaõ em boa segurança? Por mui grandes que sejaõ as graças que nos são necessarias, podemos-nos capacitar que hum Deos appresentado, e offerecido por preço dessas mesmas graças, não seja capaz de as alcançar? E depois de todas as seguranças, tantas vezes repetidas, da vontade que elle tem de nos encher de bens, atrever-nos-hemos a desconfiar? Na verdade devemos muito á Justiça divina: necessitamos de graças extraordinarias; mas huma só Communhaõ, huma só Missa, nos provê abundantemente de que pagar todas estas dividas, e com que remediar toda a nossa pobreza? Temos huma hostia, que não pôde deixar de agradar a Deos, huma hostia capaz de apagar todos os peccados dos homens: e quem tem a culpa de que ella não apague os meus?

Certamente se estivesse no nosso poder, e na nossa liberdade, escolher os meios proprios para alcançar a nossa salvaçaõ; vir-nos-hia ao pensamento escolher tão poderosos, tão facéis, e em tão grande numero como os que temos? Vir-nos-hia

nos-hia ao pensamento pedir o que Jesu Christo obra continuamente em nosso favor? Que graças, que soccorros espirituaes? Mas de que modo usamos de todos estes meios? Que fructo temos tirado atéqui de todas estas graças? E que máo signal he, não nos ter aproveitado dellas!

Na verdade he necessario que haja bem pouco desejo da salvação, se nos condemnamos depois de ter huns meios tão faceis, e tão efficazes para nos salvar. Que desculpa poderemos allegar, se nos não salvamos?

Que responderemos á reprehensão, que nos fizerem os Infiéis, e á reprehensão do mesmo Jesu Christo, que servirá do exemplo dos mesmos Gentios para nos confundir? Houverão Gentios, que tiverão estimação singular da virtude, e hum summo horror ao vicio; tão religiosos, que chegarão a ser superficiosos; e isto sómente com a esperança de huma honra vã, e de huma recompensa vilissima: e que farião elles, se illustrados com a Fé, como nós estamos, houvessem tido as graças que agora temos?

Que dôr terá hum Christão, que se há condemnado com tantos soccorros? Que sentimento, que desesperação terei eu, se com tão poderosos meios me perco eternamente! E que não devo temer, senão me sirvo melhor destes meios, do que tenho feito até o presente?

Que obras tem produzido em mim esta Fé, a qual sempre he morta sem ellas? Quantas vezes me tenho chegado ao Sacramento da Penitencia, depois que sou peccador! E tenho-me por ventura feito mais penitente, depois que me chego a elle? Que pasmo seria, se aquella pobre mulher enferma, que com tanta confiança tocou sómente a fimbria da vestidura de Jesu Christo, não sarasse? Que admiração, se aquelle morto, a quem

quem Jesu Christo não fez mais do que tocar a caixa em que hia para a sepultura, não resuscitasse no mesmo instante? Pois certamente não he menos para admirar, ver o pouco fructo, que eu tiro de auxilios tão poderosos, que continuamente recebo do mesmo Senhor. Donde procede, que depois de me ter alimentado tantas vezes com o corpo, e sangue precioso de Jesu Christo, estou sempre tão fraco, e tão enfermo? Donde vem, que estando penetrado, e admirado de ver o excesso com que Jesu Christo me ama, não o agrade eu cada vez mais?

II. PONTO.

Os meios particulares de cada hum.

Confidéra, que além destes grandes auxilios concedidos a todos os Christãos, todos tem particularmente meios propriissimos, e facillimos para chegar a huma santidade sublime. O natural de cada hum, os talentos, e as mesmas paixões podem ser de grande socorro, se nos sabemos servir dellas: ordinariamente a Graça obra em nós sobre este fundamento; e, ou as nossas inclinações nos levem ao bem, ou ao mal, huma boa vontade faz que tudo sirva á virtude.

As enfermidades, e todos os successos, que nos acontecem em toda a nossa vida, são enviados para nos fazer caminhar mais de pressa ao nosso ultimo fim, separando-nos, ou, ao menos, enfastiando-nos de infinitos objectos, que nos occupão, e nos divertem por muito tempo; o que sempre nos detêm no serviço de Deos.

Mas os meios mais seguros, e mais efficazes para tratar da salvação, são aquelles que cada hum acha em o estado; aonde Deos o há chamado,

mado. Todos os estados da vida saõ os caminhos differentes, que conduzem ao nosso ultimo fim, segundo a ordem da Providencia. E he hum erro bem grosseiro parecer-nos, que para chegar a huma alta perfeiçã, seja necessario fazer cousas extraordinarias. Para chegar a ser santo, basta encher, e satisfazer perfeitamente as obrigaçoens do proprio estado. A Mulher forte, aquella heroína taõ celebrada, e taõ grandemente louvada na Escriptura, adquirio estes taõ grandes merecimentos unicamente pelo cuidado especial, que tinha na sua familia; e o mesmo Jesu Christo julgou, que naõ podia fazer cousa mais digna de si mesmo, pelo espaço de trinta annos, do que cumprir perfeitamente as obrigaçoens mais ordinarias de hum estado pobre, e humilde, que tinha escolhido.

Perdêmo-nos em outro qualquer caminho. He illusãõ o querer fazer muito, quando se naõ executaõ as proprias obrigaçoens; e estas sempre se executaõ quando se obra o que Deos quer. Quando cumprimos até as menores obrigaçoens do nosso estado, estamos sempre certos que fazemos o que agrada áquelle Senhor. Os seculares, sem sahir dos limites da sua condiçã, achaõ todos os dias nas proprias obrigaçoens tudo o que he necessario para serem santos: e que desculpa terãõ elles diante de Deos senãõ as fizerem, quando por amor do mundo fazem muito mais, do que Deos os obriga a fazer por amor da sua salvaçãõ?

Os que vivem no estado Religioso, achaõ nelle naõ só todos os meios, mas unicamente os que lhes convém para chegarem a huma sublime virtude, pela perfeita observancia das suas Regras, e dos seus Votos. As mesmas Regras tem feito os Santos, que se veneraõ na Religiaõ que elles

elles tem abraçado; e assim só pela observancia destas mesmas Regras perfeita, deve cada hum esperar fazer-se santo.

He hum erro dizer, que estas Regras são de pouca consequencia, não obrigando a peccado mortal: porque, além de que nada he pequeno em o serviço de Deos, honra-se, e ama-se muito a Deos, quando se faz por seu amor o que se poderia deixar sem incorrer na sua desgraça. E por onde nos distinguiremos dos outros Religiosos, senão pela observancia das obrigaçoens particulares do nosso estado? Só por este meio havemos merecer as graças extraordinarias, que nos são necessarias.

Admiramo-nos de que tantas Communhoens, tantas Missas, e outros muitos poderosos meios, não produzaõ em nós quasi fructo algum: sempre estamos cada vez mais tibios. Há sempre mais causa para temer a salvaçaõ, ainda que ao nosso parecer tenhamos feito grandes progressos no serviço de Deos: porque certamente todos os outros meios nos são inúteis, tanto que desprezamos os particulares do proprio estado. Os maiores remedios fazem mais mal, que proveito, quando se desprezaõ os mais pequenos.

Assim huma pessoa Religiosa, que despreza as suas Regras, não deve esperar tirar fructo algum do uso dos Sacramentos. Hum secular que não tem cuidado da sua familia, que despreza as obrigaçoens domesticas, e cumpre com o proprio estado muito imperfeitamente, não confie nas suas pertendidas boas obras. Hum servo, por bem intencionado que seja, ainda que faça cousas muito grandes, nunca póde agradar a seu senhor, se não fizer aquillo a que está obrigado: e como póde este servo fazer a sua obrigaçaõ, se não fizer o que o seu senhor quer?

Ora

Ora façamos aqui sérias reflexoens sobre a nossa vida, e consideremos como nos temos servido atéqui dos meios, que temos para alcançar este importante negocio da salvaçã. Que proveito temos tirado dos meios communs? E temonos servido com fructo dos particulares? Deos não examinará sómente o mal que tivermos feito; examinará tambem rigorosamente o bem mal obrado, e o bem que podiamos fazer, e o qual deixámos. Estariamos agora em estado de dar conta da nossa vida? Não deveria haver nella huma só acçã, que não se referisse a Deos? E talvez nos custará a achar huma só feita unicamente por este Senhor.

Examinemos a causa do pouco fructo, que temos tirado atéqui de tantos soccorros espirituaes; examinemos sinceramente como temos usado de todos os meios, que temos para chegar á Perfeição. Aquelle, que vive em o seculo, examine de que modo se applica ás obrigaçoens do seu estado: o Ecclesiastico, ou Religioso, como tem cumprido as suas obrigaçoens, e observado as suas Regras.

Ah! talvez que eu esteja na vespera do dia decisivo da minha sorte eterna! Ao menos he certo que alguns, dos que fizerem estas reflexoens neste dia de Retiro, não veraõ o fim deste anno: e se esta sorte cahe sobré mim, não me restaõ mais que alguns dias de vida, e depois huma eternidade para chorar o tempo, e os meios de tratar da minha salvaçã, de que tenho usado.

Se a figueira, de que falla o Evangelho, foi condemnada ao fogo por não ter produzido com o cuidado, que tinha tido o seu cultivador de a fazer fertil; se o servo pouco diligente foi reprobo por ter enterrado o talento que tinha rece-

recebido ; que devo eu julgar da inutilidade da minha vida , e do abuso que tenho feito atéqui de tantas vantajens espirituaes , que tenho recebido do Senhor para me fazer santo.

Mas de que nos serve , ó meu Deos , discorrermos tão bem , se não obrarmos melhor ! de que me serve confessar ingenuamente , que ainda não tenho feito nada para ganhar o Ceo , se não começar neste mesmo instante a trabalhar para o conseguir ! Há seis mezes que eu me julgava com esta mesma justiça ; e por ventura tenho-me feito melhor ? E que devo esperar , se conhecendo agora bem claramente , que tenho abusado atéqui das maiores graças , não me aproveito das reflexoens que ao presente faço sobre este mesmo abuso ?

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Janeiro.

Sobre os sentimentos , que teremos á bora da morte.

Para fixar mais facilmente a tua imaginaçãõ , e estar menos distrahido , considera-te deitado na cama , e que não te restaõ mais , do que duas ou tres horas de vida. Considera que has de experimentar nesta hora huma extrema fraqueza , que te priva quasi de todo o uso dos sentidos ; hum desfaleço mortal , que não te dá hum instante de repouso ; hum horroroso temor , que turba toda a alma ; as palpitacoens frequentes do coraçãõ , que vai desfalecendo ; a suffocaçãõ do peito , a respiraçãõ apressada , o suor frio , que se espalha por todo o corpo , o qual principia já a
pare-

parecer cadaver; as faces encovadas, a cõr pallida, os cabellos todos humidos com o suor da morte; os olhos encovados, e horrorosamente abertos, que começaõ a turbar-se, e a perder a sua luz, ficando sô com a que basta para veres o miseravel estado a que estás reduzido; já desamparado de tudo o que te era mais amavel; e mais delicioso em o mundo; despojado de tudo o que era mais precioso; e reduzido a dar o ultimo suspiro nas maõs de algum domestico, ou estranho.

Pede a Deos a graça para poderes comprehender bem as terriveis consequencias deste ultimo momento, de que depende a Eternidade, e para sentir taõ vivamente tudo o que passará por ti nesta ultima hora, que tomes desde já as medidas certas para segurar a tua salvaçaõ.

I. P O N T O.

Dos sentimentos, que terão á hora da morte aquelles que tiverem vivido com desordem, ou tibiamente.

C Onfidéra a total mudança, que se vê em hum moribundo. Havia poucos dias que estava cheio de forças, e de saude, fazia grandes projectos, via-se accumulado de bens, e de honras; exaqui o mesmo sujeito reduzido de repente a huma cama, na ultima extremidade, sem forças, sem prazer, obrigado a deixar tudo, e ser deixado de tudo.

Ah Senhor! que he homem! Por mui rico, por mui poderoso, por muito necessario que seja para o mundo; bastaõ duas horas de febre para fazer o mundo todo inutil para elle, e elle mesmo inutil a todo o mundo.

Julga-se hum homem feliz por ter riquezas
pa-

para muitos annos : mas ó meu Deos ! de que serve ter riquezas para muitos annos , se não há muitos annos para gozar deffas riquezas ?

Neste miseravel estado , que cousa há capaz de pôr em segurança , e consolar hum peccador ? A lem'rança dos gostos passados , dos quaes só lhe resta huma saude mortal ; o temor dos tormentos futuros , cujo rigor já sente anticipadamente ; Deos , os homens , tudo conspira a affligir , a horrorizar , e a fazer desesperar aquelle pobre miseravel.

Que chaga (para o dizer assim) não abrem em o coração de hum moribundo as lagrimas dos que o servem , o pavor , e sobressalto que mostram os que se chegam a elle , o silencio dos que se retiram , os suspiros da mulher , os gemidos dos filhos , as lagrimas dos amigos , a inquietação dos domesticos ! Com que apprehensão toma os remedios mais violentos ! Mas que horror ! que angustia ! que tristeza ! quando vê , que não tira algum alivio destes ultimos remedios ? Nesta extremidade , por não dizer desesperação , chama-se a hum Confessor para confortar , e consolar hum pouco ao enfermo. Mas como poderá nesta hora consolar muito a hum máo homem a presença do Confessor ? Horroriza-se , olha para elle , fica todo sem acôrdo para poder exercitar alguns actos ; neste desasocego , neste horror lhe he necessario dispor-se para a morte. Porventura he este o tempo proprio para huma tal acção ? Achar-se-há este moribundo em estado de o poder fazer ? Neste terrivel temor , que se espalha por toda a alma , com huma turbação , que enfraquece , e offusca tanto o entendimento ; de que modo se poderá elle preparar ? Explica-se , declara-se , fallando não o que sente , ou o que tem no seu pensamento , mas o que ouve dizer ao Confessor ;

feitor; porque ordinariamente não sabemos naquella hora, nem o que devemos responder, nem o que respondemos.

O mesmo Jesu Christo, que consola tanto a alma dos Justos com a sua ultima visita, só vem visitar ao peccador nesta hora final, para lhe reprehender de huma maneira mais sensivel suas maldades, e os seus sacrilegios. Por ventura pôde consolar muito a presença de Jesu Christo na Eucharistia a hum moribundo, que em toda a sua vida tratou a este Senhor com desprezo, ou com tibieza? De que vergonha, e horror se não encherá á vista deste amavel Redemptor, que elle offendeu por tanto tempo, que tratou tão mal, e que agora por instantes está para ser seu Juiz!

Mas em quem achará este pobre algum alivio? Depois que tem recebido os ultimos Sacramentos, os parentes mais chegados se retiraõ; os melhores amigos já não apparecem; e não acompanhaõ já ao infeliz moribundo, senão alguns estranhos, que só esperaõ o momento em que elle expire.

O pensamento dos prazeres passados pôde fer de algum alivio contra os horrores da morte? A lembrança das dilatadas assembléas do jogo, dos divertimentos profanos, da liberdade dos costumes, e das de mais torpezas, consolarão muito a hum homem naquelle momento final? Que sentirá em seu coração quando o Sacerdote, antes de elle expirar, apresentando-lhe hum Crucifixo lhe diz: que sendo para elle já todos os remedios inuteis, e estando desamparado nesta ultima hora de todas as creaturas, só em Jesu Christo deve pôr dahi por diante a sua esperança, como centro de toda a sua consolação, e do seu refugio. Só a Jesu Christo, lhe diz elle, pregado na Cruz deveis recorrer, só nas suas Chagas santissimas, e
ternissi-

ternísimas, deveis buscar fortificar-vos contra os horrores da morte, e adoçar os rigores, e amargura della: recebei pois, meu amado irmão, este objecto unicamente capaz de vos consolar; eu vos entrego em seus braços.

Divino objecto, fonte das mais doces consolações para quem se tem applicado a imitar-vos em vida, e vos tem amado até a morte. Mas objecto triste, e desagradavel para quem ama em vida os prazeres, vive na abundancia, e só cuida na Eternidade, quando vê que o tempo vai acabando, e que não pôde já gozar do mundo: então se terminaõ as suas alegrias todas, os divertimentos, e todas as festas dos mundanos: então se reduzem a nada todas as falsas idéas, os vaõs projectos de fortuna, de grandes estabelecimentos, e de prazeres.

Exaqui a que se vê reduzido nesta ultima hora hum homem, que viveo dissolutamente. E quando tivermos vivido sem amor a Jesu Christo, em huma summa negligencia a respeito da salvação, com huma vida delicada, e mundana, poderemos achar muita consolação em ter hum Crucifixo nas mãos á hora da morte?

Mas se hum moribundo se vê reduzido a estar acompanhado só de hum Crucifixo, e não tem alguma similitude com Jesu Christo Crucificado; se nunca se moveu com as terriveis verdades de nossa Religião; se escarneceu sempre, e mosou das mais santas praticas de piedade, que sentimentos poderá elle ter nesta ultima hora?

Ainda seria bom, se ao menos se soubesse aproveitar do pouco tempo que lhe resta. Mas ah! o horror, e a turbação em que está submergido, não lhe pôdem deixar todo o discurso, e toda a liberdade necessaria para se aproveitar desse pouco tempo.

Mas em fim, o enfermo está já quasi expirando: julgaõ que he necessario dar-lhe algum alento com as Oraçoens da Igreja. Estas Oraçoẽs faõ na verdade de muita consolaçaõ para aquelles, que tendo vivido bem, morrem como Justos; mas como poderãõ consolar; e animar a huma pessoa, que naõ ouve nellas huma só palavra, que naõ seja huma viva reprehensaõ das desordens da sua vida?

Consideremos, e penetremõs bem o sentido das Oraçoens, que se fazem a hum agonizante: *Proficiscere anima christiana de hoc mundo*, diz o Sacerdote; sahi deste mundo alma christã. Ah Senhor! que desagradavel, e amargosa he esta despedida! Que cruel he para quem tem amado o mundo, para quem talvez empregou todo o seu amor só nas vaidades mundanas, para quem naõ tem feito cousa alguma para alcançar a Deos! *Proficiscere*: está pois tudo acabado, por grande apêgo que se tenha aos bens da terra, por muita grande difficuldade, que se finta, he necessario separar-nos de tudo; naõ quizeramos deixar nada, e vemo-nos obrigados a morrer a tudo.

Hodie sit in pace locus tuus, & habitatio tua in sancta Sion. Alma Christã, continúa o Sacerdote, ide hoje a hum lugar de paz, e seja a vossa morada na santa Siã. Que cheio de caridade, e de doçura, he este desejo da Igreja nossa terna Mãe! Mas que passará no interior de hum moribundo, quando conhece que naõ há alguma razaõ, para que ella tenha a seu respeito este desejo, escutando a voz de huma má consciencia, que lhe prognostica o contrario!

Miserere, Domine, gemituum, miserere lacrimarum ejus. Tende compaixãõ Senhor, vai continuando o Sacerdote, tende compaixãõ dos seus gemidos, enternecei-vos á vista das suas lagrimas.

mas. Mas se elle só tem dôr de se ver despojado de tudo o que lhe era mais amavel, e arranca violentado estes suspiros; se verdadeiramente só tem dôr com a vista da morte, e do inferno; se a verdadeira fonte das suas lagrimas, talvez he a faldade dos peccados, e o sentimento de não poder peccar mais, poderá ser ouvida esta Oração que se faz em seu nome?

Agnosce, Domine, creaturam tuam, non à diis alienis creatam, sed à te solo Deo vivo, & vero. Reconhecei, Senhor, que he esta huma alma, que vós só tirastes do nada, e não foi creada por deoses estranhos, mas sahio das vossas mãos: por tanto reconhecei a vossa creatura. Mas se esta alma preferio as mais vis creaturas ao verdadeiro Deos: se viveu huma vida pouco confôrme ás maximas de Jesu Christo; se passou, e consumio os seus dias em peccar, porque signaes o soberano Juiz a conhecerá por sua creatura; e obra de suas mãos? que esperanza pôde haver que olhe Deos com bons olhos a huma alma, que sempre o tratou em vida com indifferença, fazendo-lhe tantas offensas, e com o maior desprezo!

Meu Deos! que sentirá em seu coração hum homem que está agonizando, entregue, e como submergido em dôres, em prazeres, em huma cruel desesperação, sem algum alivio! Fica-lhe neste estado muito conhecimento para distinguir os objectos? Tudo o que se lhe appresenta a seus olhos, tudo o que ouve, augmenta a sua pena, e o seu temor; e se tem perdido o uso dos sentidos, e está apartado de todos os objectos que o podem distrahir, com que horrorosa applicação revolve em seu pensamento o mal que fez, as boas obras que desprezou, ou que podia fazer, e as que executou mal, e froxamente!

Quis:

Quaes serãõ os sentimentos de huma pessoa, que viveu huma vida desordenada, quando chega a considerar consigo mesmo: Eu estou bem certo que daqui a poucas horas já não estarei nesta vida; se não estou em graça, estou perdido eternamente; e não sómente tenho alguma razão de temer com os mais justos, não estar em graça de Deos, mas tenho muitas razoes de duvidar se o estou; e talvez tenha fortissimas razoes para crer, que não tenho esta felicidade.

Nesta fatal extremidade vem á memoria tudo o que se há ouvido dizer dos Juizos de Deos, do Inferno, da Eternidade. Tudo isto vem á imaginação, e a penetra mui viva, e terrivelmente. He bem para admirar quanto este homem, que pouco antes mofava, e escarnecia das verdades mais fortes, o vejamos agora tão persuadido de tudo o que he objecto da nossa Fé! Que horror, que turbação, com o pensamento do Juizo, do Inferno, e da Eternidade!

Com tudo nesta confusão de pensamentos tristes, com todas estas turbações de espirito, nestes mortaes horrores, entra este moribundo a agonizar. Assim que os que lhe assistem advertem nisto, buscão com toda a diligencia, mas inutilmente, suggerir-lhe, e trazer-lhe á memoria motivos de confiança na misericordia de hum Deos, que deseja ardentemente a conversão dos peccadores. Inutil socorro! Elle perde de repente o uso de seus sentidos todos, entregue, e submergido em hum abismo de remorsos interiores; e espira finalmente em os crueis sentimentos dos pezares, e da desesperação; e no mesmo instante expiraõ com elle todas as suas alegrias, todas as suas esperanças; no mesmo instante tambem finalizaõ todos os seus vaõs projectos de conversão, e de penitencia, e em fim acaba-se o tem-

po, e principia a formidavel Eternidade.

Assim acaba a vida de huma pessoa, que tem vivido com desordem, e dissolutamente; assim morrem os que vivem huma vida tibia, e pouco Christã; desta mesma sorte devo esperar morrer, se não começo já deste instante a viver melhor do que atéqui tenho vivido.

Se eu houvesse de morrer agora, estaria com melhores disposições; teria melhores affectos, e pensamentos mais doces, e que me dessem consolação? Poderia resistir aos horrores da morte, quando agora não posso cuidar nella sem tremer? Examinemos pois a nossa consciencia, e vejamos se nos promete huma morte mais tranquilla, e socegada.

Ah Senhor! Não permitais que faça agora esta Meditação para me fazer mais culpado, e ter nova materia de dôr, e de desesperação nesta ultima hora. Sei certamente que não há maior desgraça do que a de morrer reprobado: estou em estado de evitar esta terrivel infelicidade; vós me dais todos os meios para evita-la; toda a culpa será minha, se eu o não fizer.

Não quizera morrer no estado em que me acho: e como me atreverei viver mais tempo nelle? Arrisco a salvação da minha alma, a minha felicidade eterna; arrisco tudo, se me deixo estar huma hora em peccado: e esperarei, e dilatarei ainda a minha converção hum dia, huma semana, hum mez!

II. P O N T O.

Reflexoens sobre estas verdades.

Que triste, e funesta cousa será depois de haver feito as considerações, que acabamos de meditar, morrer com tantos remorsos

fós de consciencia, e com tantos pesares, como se não as tivéssemos feito!

Era tão facil o converter-me, tinha tempo para o fazer, Deos me convidava com a sua graça, eu mesmo tinha pensamentos de me aproveitar della; não me haveria custado muito, se me resolvesse a fazelo: e ainda que me houvesse custado muito, e muito trabalho, certamente tudo era pouco, quando se tratava da minha felicidade, ou infelicidade eterna. O' se eu tivera seguido as santas inspiraçoens que então tinha! O' se me tivesse convertido! Mas não o fiz, nem estou em estado já de o fazer; morro em fim, e morro cheio de pesar, de turbação, e com huma certeza moral de ser condemnado.

Que infinidade de reflexoens se fazem naquella hora! mas todas inuteis. Com que solidez, e com que verdade se julga então de todas as cousas! mas já não he tempo de tirar fructo de todos estes bellos sentimentos. Arrependemo-nos então de muitas cousas; mas que duro será este arrependimento, quando soubermos, e sentirmos mesmo em nós que he sem fructo! Que dôr, e que tormento, de não ter feito o que se podia, e devia fazer! Que desesperação, por não poder fazer naquella hora o que se não tem feito antes, e o que se quizera ter feito!

Olha huma pessoa naquella hora para si, e vê que não quiz fazer reflexoens serias sobre as grandes verdades da Fé, quando as podia fazer tão utilmente em toda a sua vida: fa-las todas naquella hora, tem todo o vagar para as fazer, até mesmo se vê necessitado a faze-las; mas que cruel vagar, e terrivel necessidade he esta, quando vê que só tira por fructo das suas reflexoens ira, e desesperação contra si mesmo!

Vê então bem sensivelmente todas as desordens

dens de sua vida, conhece claramente, mas muito tarde, que viveu errado.

Meu Deos! E que sentirá neste momento huma pessoa consagrada ao Divino culto! Quando, vendo-se em o ponto de se decidir a sua forte eterna, considera quam imperfeitamente viveu em hum estado, que pedia huma taõ sublime perfeição! Ah! Para que era necessario fazer tanto estrodo, deixando o mundo para entrar na Religião, se nella havia de viver conforme as maximas do mundo, e condemnar-me?

Deos me tinha feito o singular beneficio de abraçar hum estado taõ perfeito, e naõ me aproveitei desta graça: despojei-me de tudo, fiz a Deos hum sacrificio de minha propria liberdade, escolhi hum estado de vida austera, e tudo isto para morrer em paz com huma morte de Santo: mas agora que infeliz, e desgraçado me vejo! Eu bẽm sabia que a boa morte he o fructo de huma vida santa: ah! quantas vezes dizia eu isto mesmo aos outros? E porque razaõ naõ me aproveitei do que tantas vezes ensinava? Que oraçoens sem attençaõ? Quantas Missas, e Commuhoens sem fructo! Que confissoens sem emenda, que graças frustradas, e quantas boas obras perdidas, por falta de bons motivos, e intençoens rectas!

Ah Senhor! que desgraça trabalhar tanto, para fazer huma taõ grande, e taõ consideravel perda! He possivel que se arrancasse huma pessoa do seio de seus pais, e fosse taõ insensivel aos seus afagos, e ás suas lagrimas, que vence-se os maiores obstaculos, tudo para segurar a sua salvaçaõ; e que depois, por ter buscado muito as suas pequenas commodidades, por naõ sei que apêgo a mil cousinhas que nada valem, ou, ao menos, que teriamos vergonha de nos apegar a ellas

ellas em o mundo, passe em clausura huma vida tibia, froxa, imperfeita, e se venha a achar na hora da morte cheia de immensos, e crueis remorsos, estranhamente horrorizada, e que em fim morra em huma duvida formal da sua salvaçãõ! E poderá consolar muito a alguẽm, haver comprado por tão grande preço esta tão triste morte?

Quaes saõ neste ultimo momento as inquietaçõens de hum Ecclesiastico, que em hum estado que pede huma vida tão exemplar, e huma piedade tão edificativa, tem vivido com costumes inteiramente seculares? Que turbaçõens, que angustias terá, quando vir que se chega o momento fatal em que se há de decidir a sua sorte eterna? Que sentimentos, lembrando-se dos frequentes perigos a que continuamente se expunha sem precauçãõ, e sem escrupulo; e com a lembrança da multiplicidade dos beneficios, das grandes rendas, de que fez hum uso tão pouco conforme ás suas obrigaçõens? Já naõ he tempo naquella hora, de socegar os remorsos com os vaõs pretextos de decoro, de honestidade, e de qualidade distincta; mas verá com toda a verdade que aquillo, de que elle ufava tão mal, eraõ as esmolas dos fieis, o patrimonio dos pobres, a herança, para o dizer assim, de Jesu Christo. Que horror terá, só com o pensamento da terrivel conta, que está precisamente obrigado a dar de todos aquelles bens!

Poderá por ventura inspirar muita confiança em Deos, a lembrança de huma vida passada tibiamente em o seu serviço? Com que olhos vemos nós este decisivo momento, quando consideramos seriamente, e com todo o socego, como se faz naquella hora, que a menor das graças, que temos despresado, teria podido conver-
ter

ter hum Gentio ; e que todas , as que temos recebido juntas , não tem feito hum Religioso fervoroso , hum Christão perfeito !

Ver-se-há naquelle momento hum grandissimo numero de faltas , que não conheciamos , ou que a paixão , e a tibieza nos fazia ter por leves , entãõ nos parecem peccados graves.

Que motivo de consolação poderá ter hum Religioso imperfeito naquelle terrivel momento ? Será porventura a lembrança das suas Regras , que elle observou tão mal ? Será a protecção dos Santos da sua Ordem , dos quaes se fez tão diffimilhanter com a sua desordenada vida ? Será a immensa bondade do mesmo Deos , a quem servio tão mal , depois de ter recebido delle tão grandes graças ?

Acháõ-se algumas vezes pessoas , que zombãõ das mais santas praticas de piedade ; que tem por pequenez de espirito aquella grande delicadeza de consciencia , e pontualidade constante , que tem os fervorosos em cumprirem as mais pequenas obrigações do seu estado. Se he verdade , como elles affirmãõ , que tinhãõ razãõ para olhar , e tratar assim estas pessoas ; perseverem , e façãõ este mesmo juizo tambem naquella ultima hora. Mas não , neste tempo não sustentaõ o caracter de espiritos fortes , e murmuradores. Se he verdade que deviaõ tratar os exercicios de piedade , e a mesma devoção , com o nome de vaõs escrupulos , alegrem-se , e dem a si mesmos os parabens , e os applausos nesta ultima hora. Se he verdade que foraõ prudentes em formar para si huma idéa de piedade Christã commoda , huma falsa consciencia , a cujo abrigo viverãõ em huma enganosa segurança ; reguem-se ainda entãõ sobre este sistema. Mas , ó meu Deos , esta he a causa dos seus espantolosos horrores , e

do

do seu cruel defasocego, isto tudo he o que os poem em huma total desesperaçãõ.

Em quanto dura a vida, cega-nos a paixãõ, deixamo-nos arrastar pelo exemplo; as creaturas nos encantaõ os sentidos, o embaraço dos negocios occupa todo o nosso espirito: parece mesmo que temos prazer em nos atordir, e offuscar a nossa imaginaçãõ sobre as maiores verdades da Fé; e a mesma Fé está quasi extincta pelas desordens de huma vida desordenada. Chega a hora da morte, o entendimento, a Religiaõ, a mesma Fé, tem neste momento toda a sua força; cremos, mas com huma fé, que nos atormenta, a qual he semelhante á dos demonios, que faz tremer, mas não converte.

He cousa bem para admirar, que convindo todos que na hora da morte caufará grande desesperaçãõ o não ter sido mortificado, o ter vivido huma vida mundana, e delicada, o ter feito tão poucas boas obras, em fim o ter vivido sempre tão mal; e que com tudo depois de haver feito estas reflexoens, de que estamos plenamente convencidos, ponhamos tão pouca diligencia em viver melhor! E eu mesmo, que faço agora estas reflexoens, e que condemno tão fortemente os que se não aproveitarem dellas, não viverei daqui por diante mais Christãmente?

Na morte todos os obstaculos, que nos escondiaõ a verdade, se desvanecem, e deixaõ toda a liberdade de julgar das cousas sem preoccupaçãõ.

Em vida viaõ-se bem estas cousas todas, mas não se conhecia totalmente a vaidade, e o nada dos bens do mundo; nem se advertia na vileza de todos os prazeres, e gostos da terra: mas na morte, não sómente vemos tudo isto, mas como que o palpamos, e sentimos tão vivamente,
que

que não se pôde comprehender bem como não sentiamos mais cedo este mesmo desgosto, e aborrecimento: entã vemos sensivelmente o nosso engano; mas que dôr, que cruel tormento, não estar já em estado de remediar a perda que fizemos com o nosso erro!

Que tristissimo espectáculo, mas bem proprio para nos apartar dos prazeres, e de todos os falsos bens desta vida, ver huma pessoa que acaba de expirar! Apenas dá o ultimo suspiro, ficã todos em profundo silencio; e ainda que antes fosse a mais perfeita em todas as bellas qualidades, que o mundo estima, já não inspira mais que horror. Depois de algumas funebres Oraçoens, e huma pouca de agua benta, com que se terminaõ todos os serviços, e obsequios, cobre-se o corpo, retiraõ-se todos.

Que he feito daquella excellente formosura, daquella boa disposiçaõ, e daquelle genio agradavel; que fazia as sociedades gostosas! Que he feito daquelles grandes projectos, daquella rica fortuna! De que servem já as preciosas alfaias, e a multidaõ de domesticos! Exaqui finalmente em que tudo se termina. Mas aonde está a alma, e em que parará o corpo, ou, para o dizer melhor, este cadaver, cuja podridaõ já começa a se não poder aturar! E ainda que fosse este o corpo da pessoa mais amavel em o mundo, e mais honrada, já não se pôde ver; he necessario muito depressa deita-lo fóra de casa. Marido, mulher, filhos, amigos, parentes, vizinhos, domesticos, todos á contenda se apressaõ a fazer tirar este corpo fóra de casa. Os que amáraõ com mais ternura esta pessoa, saõ os mais empenhados a desfazer-se della; nem ainda querem ouvir fallar della: convidaõ, e obrigaõ pessoas para o levarem, e o entregarem por pasto aos bichos:

encerraõ-o na sepultura, cobrem-o de terra: e quem poderá considerar sem horror o que se passa naquella sepultura dous dias depois?

Quando já o vem enterrado, exaqui o que se faz: voltaõ todos, cada hum ás suas occupaçoens, cuidaõ em adquirir novos amigos: tomaõ novas medidas para os seus projectos, e fortunas; aprobeitaõ-se dos teus despojos: mas tu estás inteiramente esquecido, já ninguem se lembra mais de ti, como se nunca existisses no mundo; murmuraõ, e dizem mal do teu genio colerico; já naõ fazem caso, nem se lembraõ de todas as tuas boas prendas, e muitas vezes destroem tudo o que fizeste; em fim já te reputaõ por nada; e verdadeiramente já naõ es cousa alguma entre os homens.

He verdade que em o dia, em que morres, teus parentes, e amigos derramaõ algumas lagrimas, com o pensamento de ter perdido em ti algum prazer, ou algum amparo; porque na verdade há muitos choros no mundo na morte dos parentes; mas nestes mesmos choros há ainda mais affectaçoens, e fingimentos, do que amor verdadeiro. Em fim, disto mesmo se consolaráõ brevemente, por pouco que seja o proveito que lhes vem da tua morte; isto he, por pequena que seja a parte, que cabe a cada hum, dos teus bens, já naõ teráõ muito trabalho nem pena em se alegrarem. Julguemos nós mesmos o que succederá, e o que faráõ depois da nossa morte a nosso respeito, pelo que fizemos na morte dos outros: morreráõ nossos Pais, nossos amigos, e foi por ventura necessario que passasse muito tempo para nos consolarmos da sua morte? E se elles foraõ taõ infelices, que se perderáõ, estamos-lhes por ventura obrigados por se terem condemnado, ainda que isto fosse por nos dar gosto?

E depois de tudo isto , ainda se faz muito caso das riquezas , e dos prazeres desta vida ; e ainda queremos antes expor-nos a perder a alma , e morrer condemnado , do que desgostar , e perder hum amigo.

Na verdade he cousa bem para admirar , que se cuide tão pouco na morte ; mas he muito mais para admirar , que cuidando nella , nos não convertamos. Quantos há , que vivem como se estivessem seguros de não morrer , ou de morrer mais de huma vez , ou como se não perdessem nada morrendo mal , ou como se podessem recuperar o que huma vez perderão ?

Porventura seremos nós deste numero ? E se assim for , que não sentiremos á hora da morte , com a lembrança das reflexões que fazemos agora , se não tirarmos algum fructo dellas ?

Ah Senhor ! será possível que esta tão grande graça , que me estais agora fazendo , só sirva de me fazer mais culpado , e merecedor de maior castigo , não me fazendo agora melhor ? Que felicidade , que beneficio , e liberal graça seria para hum moribundo horrorifado á vista das suas desordens , em o ponto de expirar , se lhe desseis ainda algumas horas de vida ! Que bem usaria , e empregaria a sua saúde ! Ah meu Divino Salvador ! eu recebo hoje huma semelhante felicidade ; e como poderei não aproveitar-me della ? Confesso , que a minha vida atéqui tem sido cheia de peccados , vós ainda me concedeis algum tempo para a emenda ; será possível que eu abuse ainda desta graça ? Não , meu Deus : eu vou começar desde já , principio deste instante a reparar as minhas desordens , e dispor-me daqui por diante , por huma vida verdadeiramente Christã , a morrer santamente.

Mors peccatorum pessima. Psalm. 33. Que

in-

infeliz he a morte dos peccadores!

O' mors, quam amara est memoria tua homini pacem habenti in substantiis suis! Eccl. 41.

O' morte, quam cruel he a tua lembrança a hum homem, que poem toda a sua felicidade em gozar das suas riquezas!

Exibit spiritus ejus, & revertetur in terram suam: in illa die peribunt omnes cogitationes eorum. Píal. 145.

Quando a alma se apartar do corpo, ella mudará de affectos; neste momento fatal cessão todos os nossos vaõs desejos, e frivolos pensamentos; neste momento somos o que temiamos ser, e aquillo em que nem ainda queriamos imaginar.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez
de Fevereiro.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Da importancia da salvação.

I. PONTO.

A salvação he o mais importante de todos os negocios.

Confidéra que de todos os negocios, que temos, não há algum que nos importe tanto como a nossa salvação. Do seu bom, ou máo successo, depende huma felicidade, ou infelicidade eterna. Todas as mais cousas nesta vida,

só nos são permissidas em quanto servem de meios para acertar nesta grande empresa. Se esta se perde, perde-se tudo: pois perdemos para sempre, e sem remedio ao mesmo Deos, que encerra em si todos os bens; e fóra do qual não há, nem póde haver verdadeiro, e sólido bem.

A salvação he propriamente o nosso negocio pessoal; os mais todos são alheios. Quando tratamos dos outros negocios, he para proveito dos filhos, dos amigos, da familia, da Comunidade, ou da República: e assim em tudo isto não fazemos, nem tratamos algum negocio proprio. Todas as mais cousas desta vida são temporaes; só quando huma pessoa cuida da salvação, cuida de hum negocio, que durará eternamente.

Ainda que em tudo o mais, por mui importante que pareça, não se acerte, sempre he mal que tem remedio; e ainda que o não tivera, com tanto, que se acerte na salvação, não se tem perdido nada. Só a perda da alma he irreparavel, toda a Eternidade não será bastante para chora-la.

Poderá por ventura consolar-se hum homem muito desta perda, lembrando-se que acertou em todas as mais suas pertençoens, que importavaõ pouco, e que só desprezou este importantissimo negocio, de que dependia huma felicidade eterna?

Se vivermos huma vida obscura, se estivermos esquecidos de todo o mundo, sem amigos, sem protecçoens dos grandes; se morrermos pobres, e em hum total desamparo, importa tudo bem pouco, com tanto que nos salvemos; a salvação recupera em hum instante todas as perdas, e todos os trabalhos, e misérias da vida: mas se nos condemnarmos, de que servirá o ter sido ricos, e poderosos no mundo? de que nos servirá o ter sido muitos sabios, e muito habeis para tudo, se viermos a ser taõ infelizes, que nos

con-

condennemos aos fogos eternos.

Todo o Universo armado contra hum homem, não lhe pôde tirar o Ceo, nem ainda turbar de huma forte a sua felicidade, se se salvou. Todo o Universo, que conspire a favor de hum homem, não pôde faze-lo, não digo eu, feliz, mas nem ainda menos miseravel, se se condemnou. Ah! de que serve a hum homem ganhar todo o mundo, se elle perde a sua alma? e que se lhe poderá dar, que o possa resarcir de huma perda tão consideravel? *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, anime vero sue detrimentum patiatur?* Matth. 16.

He cousa bem incomprehensivel, que convindo todo o mundo que de todos os negocios, que temos para tratar nesta vida, o da salvaçãõ he o de maior importancia, e o que unicamente nos importa; e que com tudo seja o que mais desprezamos, e menos temos no coraçãõ?

Estudos contrarios, divertimentos, visitas de cumprimento, inuteis conversaçõens, empregos, tudo nos parece muito necessario, e tudo nos occupa, e leva o tempo; nunca nos podemos desembaraçar destas, e outras semelhantes occupaçõens; achamos sempre pretextos para não as differir para outro tempo: mas se he necessario applicar-nos seriamente ao negocio da salvaçãõ, sempre he muito cedo, sempre haverá muito tempo para o diante; e o que he mais para admirar, nunca há oportunidade.

Certamente he necessario que façamos bem fraca idêa do que he a salvaçãõ eterna, para se fazer tão pouco caso della: ninguem se contentaria de pôr tão pouco tempo, nem tão pouca applicaçãõ em os seus negocios temporaes. E que bom successo se esperaria delles, se qualquer não pozesse nem mais tempo, nem mais cuidado, do
que

que ordinariamente se poem no negocio da Eternidade?

Nenhum homem haveria tão pouco zeloso do nosso bem, e tão pouco caritativo, que despresasse tanto a nossa salvação, como nós o fazemos, se ella dependesse tanto d'elle, como depende nos nossos cuidados.

Que cuidado não toma cada hum no seu emprego para sair bem com elle? Se alguem quer acomodar hum filho, ou associar-se em algum contrato, fazem-se infinitas diligencias, tirão-se mil informações, tomão-se tantos conselhos! que ineditas, que precauções não se tomão? e nunca parece bastante: mas se he preciso ao menos gastar algum tempo para a salvação, por pouco que seja, sempre parece muito.

Que prosperidade teria em seus negocios temporaes hum homem, que não trabalhasse mais nelles do que nós trabalhamos na nossa salvação? Certamente nunca nos capacitariamos que este homem viria a ser muito rico; e parece-nos que chegaríamos a ser grandes santos, vivendo huma vida tão froxa, e tão tibia?

A salvação, sendo o negocio da Eternidade, não se póde trabalhar nella senão nesta vida, e todo este tempo he necessario. Deos nos assignou toda a nossa vida, para cuidarmos neste negocio, e não julgou que era necessario menos tempo para o conseguirmos; e nós julgamos que o podemos conseguir em menos tempo! se empregássemos na nossa salvação a centesima parte do tempo, e da applicação, que pomos nos negocios do seculo, viríamos a ser grandes santos: e com tudo, sendo esta a unica cousa necessaria, apenas lhe damos algum tempo, e ainda esse pouco, o choramos como perdido.

Quem considerasse o nosso modo de viver,
 não

mas diria, que julgamos, que Deos he'nosso devedor, e nos ficará muito obrigado se nos salvarmos! Que idéa fariamos das grandes verdades, e maximas do Evangelho, se cresemos que se póde alcançar a salvação sem trabalhar, nem fazer mais do que fazemos?

Se hum homem de negocio, hum sabio, gasta hum dia inteiro, e o emprega todo nas obrigaçoens de Christão, chama-se isto commummente ter perdido o dia; mas se se passaõ os mezes inteiros em alguma producção do seu ingenho, ou nas occupaçoens do mundo, chama-se a isto ter trabalhado bem, e empregado utilmente o tempo.

A salvação he o nosso maior, e unico negocio: quando há hum negocio grande absorbe, e aniquilla de tal forte os mais todos, que apenas temos tempo de cuidar nestes, e consolamos nos da perda de todos, quando conseguimos aquelle grande. Porém aqui succede tudo pelo contrario: a mais pequena perda dos bens temporaes, nos faz inconsolaveis, e nos enche de amargura ao mesmo tempo, que ficamos mui tranquillos depois de haver perdido a Graça: vive-se, buscaõ-se divertimentos, estamos em socego, no meio dos remorfos occultos de huma consciencia manchada com muitos peccados. Deixa-se ordinariamente para a ultima enfermidade o cuidado da salvação: que he o mesmo que para o negocio da Eternidade, para o negocio mais importante, e de maior consequencia, em que he necessario indispensavelmente trabalhar toda a vida, destinar hum tempo em que ninguem está capaz de trabalhar, nem ainda na cousa da mais pequena importancia, hum tempo, digo, em que huma pessoa está incapaz de tudo, em que já não he boa para cousa alguma.

Deos certamente não se enganou, dizendo,

que tudo o mais, excepto a salvação, não vale nada; não empregou mal certamente os seus cuidados, e a sua providencia, referindo, e ordenando tudo para este fim: donde procede logo o desmazelado para tudo o que respeita á nossa salvação? Deos, aquelle Senhor immenso, cheio de bondade, que comprehende, e que na verdade contém em si tudo, ha de nos parecer tão pequena cousa, que não se nos dê nada de o perder? Se o bem, e a felicidade, que perderão os condemnados, merecia tão pouco ser buscada; para que são tantas lagrimas, e tão crueis arrependimentos no Inferno? Se importa pouco o ser eternamente desgraçado, para que trememos nós mesmos, só com a lembrança desta infeliz eternidade? E se verdadeiramente cremos que isto he alguma cousa mui espantosa, e terrivel; como podemos viver mui descuidados, sem pôr diligencia alguma na salvação eterna, arriscando deste modo tudo?

Meu Deos! quantos excellentes dias mal empregados! Quantos annos perdidos! Sou bem infeliz, e bem desgraçado, por ter empregado tanto tempo tão vãmente! mas eu o farei ainda mais, se não começo neste instante a trabalhar seriamente na minha salvação. Ainda espero, Senhor, que chegue o tempo? Ah! talvez que já não haja tempo algum para mim. Espero que vós me soliciteis? Equando, ó meu Deos, o deixastes de o fazer? e quanto tempo há, que vós me solicitais, mas sempre inutilmente? E ainda a graça, que agora me dais, será inutil?

Até quando passarei os mais excellentes dias da minha vida em vãos passatempos, que eu mesmo sou o primeiro que os condemno? E condemno-os para me fazer mais culpado, continuando a perder o tempo destinado a tratar da salvação.

Até

Até quando terei por mui necessário, o que certamente sei me há de ser inutil para a Eternidade, em quanto desprezo unicamente a grande empresa da felicidade eterna?

Ah meu amabilissimo Jesu! que dôr, que desesperaçãõ terei na hora da morte, vendo as razões, e os meios, que tenho tido de conseguir a minha salvaçãõ, e lembrando-me ao mesmo tempo do pensamento, e da facilidade, que agora tenho para o fazer, se passar a pouca vida que me resta, como atéqui tenho vivido? Ah meu Deos! vós não me castigastes atégora, ainda que o tenho merecido bem; e isto tem sido sem duvida, meu amavel e doce Redemptor, por queres dar-me ainda este dia para reconhecer o meu erro, e apartar-me dos meus caminhos errados. Eu confio desde agora, Senhor, na vossa graça, ainda que não a mereço; propriamente para este dia estava destinada a minha perfeita conversãõ. Esta resoluçãõ não será como as mais. Creio, estou plenamente convencido, vejo sensivelmente que não ha mais que hum só negocio importante na terra, que he o da minha salvaçãõ eterna, e só neste começo já a trabalhar seriamente.

II. P O N T O.

A salvaçãõ he o nosso unico negocio.

Considéra que a nossa salvaçãõ eterna não sómente he o mais importante de todos os nossos cuidados, e pertençaõs, mas he propriamente o unico negocio que temos, e em que continuamente nos devemos occupar, se não quizermos gastar o tempo inutilmente.

Tudo o que no mundo se chamaõ empresas, a faltar propriamente, não merecem ter es-

te nome. Ao menos não são cousas, que nos pertençam como proprias; pois que fazendo, e tratando dessas cousas do seculo, tratamos mais dos negocios alheios, que dos nossos, e só trabalhamos para os que vierem depois de nós.

Qualquer negocio pôde terminar-se, e fazer-se por meio de outra pessoa, e pôde absolutamente perder-se sem sermos eternamente felizes, e desgraçados: só a salvação he a unica cousa, que não pôde tratar-se senão pelos proprios cuidados de cada hum, e a qual não podemos desprezar sem perder-nos irremediavelmente por toda a Eternidade. He esta a unica cousa necessaria, de que falla tantas vezes Jesu Christo; he este o nosso unico negocio: unico, porque he este só o que nos importa mais, e cujo bom successo depende de algum modo de nós mesmos; unico, porque he elle só, que merece toda a nossa applicação: unico, porque só elle pede todos os nossos cuidados: unico em fim, porque depende só da nossa applicação, e da nossa diligencia.

He este o negocio de todo o mundo: do Rey no seu governo; do Bispo nos cuidados da sua Diocese; do sabio nos seus estudos; do soldado no seu estado; do mercador no seu commercio; do official no seu officio. Pouco importa que hum homem seja Rey, Prelado, Soldado, ou Mercador: não lhe he necessario ser sabio, ou ter muita habilidade; mas he absolutamente necessario a todos o salvarem-se, e serem santos: *Unum est necessarium.*

Nas occupaçoens ordinarias, se há falta, sempre há algum remedio; porém este importante negocio da salvação se se perde, não há remedio algum que o possa recuperar: todo aquelle, que não consegue o salvar-se, não tem feito nada, nem virá nunca a estado de poder remediar
esta

esta perda: aquelle que se condemna, está condemnado para sempre.

Por ventura seria bem recebido de hum Soberano o seu Embaixador, que voltando de hum Paiz estrangeiro lhe dissesse: Senhor, grandes cousas fiz na minha viagem, grangeei amigos, e reputação, enriquecime, gozei de muitos divertimentos, e em huma palavra, fiz tudo, excepto o unico negocio, a que me enviastes?

Estamos na terra sómente para nos salvarmos: Deos não tem outros designios, nem outro fim em nos crear, e conservar sobre a terra, mais que a nossa salvação, e a sua gloria; e como seremos bem recebidos d'elle na hora da morte, dizendo-lhe: Senhor, tenho feito grandes cousas no mundo, distingui-me muito pelo meu ingenho, pela minha industria, amontoei grandes riquezas, trabalhei com feliz successo na salvação alheia, só a propria desprezei, isto he, fiz tudo, excepto a unica cousa para que me creastes?

Com tudo, desta forte poderá fallar a maior parte dos homens, porque deste modo vive a maior parte delles: e se agora houvessemos de apparecer diante de Deos, e dar-lhe conta da nossa vida, poderíamos fallar-lhe de outra fôrma? Falla-se tanto da salvação, da Eternidade, desta unica cousa necessaria; e por ventura he certo que há huma eternidade, que se há de seguir a esta vida, e que esta vida me foi concedida para tratar do negocio da Eternidade? He sem duvida, que está tudo perdido para mim sem remedio, e que perco a minha alma vivendo como a maior parte dos homens vive, e como talvez eu mesmo tenho vivido atéqui; e que me encherrei de desesperação na hora da morte por não ter feito o que podia, e devia fazer, e que verei sensivelmente, que tudo o que mais me occupa agora, he nada.

Meu

Meu Divino Salvador ! cremos por ventura que a nossa salvação he a nossa maior empreza ? Os demonios , e os condemnados o crem tambem , e ainda melhor do que nós , especulativamente ; mas por ventura cremos nós estas verdades com huma sciencia pratica , que he só a sciencia dos Santos ?

Que ! os negocios alheios haõ de redundar em utilidade nossa ? As cousas temporaes , as obrigaçoens de civilidade , os divertimentos , e outros innumeraveis frivolos , e vaõs passatempos , haõ de occupar todo o nosso tempo ; e só o cuidado da salvação eterna há de ser a mais inferior das nossas occupaçoens , e nem ainda o trataremos como nosso proprio negocio !

De que serve ter-nos dado Deos a luz da razão , se ella se nos faz inutil para a unica cousa , para que nos foi dada , que foi para cuidar na salvação ? Ah ! só usamos do nosso entendimento para formar na imaginação cousas de nenhuma entidade ; queremos ter grande habilidade , quando se trata de cousas que naõ valem nada ; todos presumem dar sabios conselhos , e fazer resplandecer em tudo huma prudencia consummada , e com tudo isto saltamos ao ponto principal. Quando se trata da Eternidade , quando se trata de huma felicidade , ou infelicidade eterna , parece que nenhuma cousa se póde dizer melhor , do que termos perdido o juizo. Mas o que he mais para admirar ainda , he , que convido todo o mundo , e conhecendo todos a importancia da salvação , e a inutilidade de tudo o mais , se applicuem com todo o cuidado a todas essas cousas que de nada valem , e desprezem a salvação.

Todos se presumem prudentes , e industriosos nos negocios do seculo , todos presumem ter muito prestimo para tudo : desprezar as cousas do mundo,

mundo, ignorar a arte de acertar nellas, dizem que he naõ ter juizo, naõ ter modo, naõ saber viver: mas desprezar a salvaçaõ, naõ se lhe dar, nem pôr cuidado em acertar nella, como se se naõ perdesse cousa alguma perdendo a alma, he hoje huma cousa, de que ninguem se envergonha, nem se esconde: todos o sabem, fazem reflexaõ sobre isso mesmo, confessaõ-o publicamente, e até algumas vezes pertendem gloriar-se desta iniquidade: e por mui pouco Christaõ, que hum seja, por muito desordenado, e dissoluto; naõ deixa de passar por homem honrado, cheio de habilidade, com tanto, que saiba a arte de se fazer estimar no mundo, que saiba o segredo de ganhar as vontades dos homens.

Dar-se-hia por mui injuriado hum homem, se lhe dissessem, que naõ conhece os seus verdadeiros interesses, e que naõ sabe manear os negocios da sua familia: mas se o accusarem de naõ tratar da sua salvaçaõ, naõ o tomará por injuria. Certamente a razãõ disto he, porque naõ temos a salvaçaõ como interesse proprio. Men Deos! por ventura aquella cousa, que vós julgastes unicamente necessaria, já o naõ he!

Olhamos a perda da nossa alma sem alteraçãõ alguma; e a respeito dos nossos proprios interesses temporaes, somos totalmente despropolitados, e fóra de razãõ. Confessamos planamente, que os Santos foraõ verdadeiramente sabios; e a razãõ porque foraõ sabios, he porque preferiraõ o cuidado da sua salvaçaõ a tudo o mais no mundo, e a olharaõ como a unica cousa necessaria.

Somos por ventura nós mais sabios do que elles, fazendo, e obrando tudo pelo contrario que elles? O cuidado da sua salvaçaõ os occupou totalmente toda a sua vida. Estamos por ventura muito occupados com a nossa? Errariaõ por ventura

tura os Santos em tomar tanto trabalho, e gastar tanto tempo em huma cousa, que nós fazemos tão barata? não certamente: mas nós somos os loucos em gastar tão pouco tempo em huma cousa, a qual pede toda a nossa diligencia, e todo o nosso tempo.

Temos achado acaso algum caminho novo, que o mesmo Jesu Christo ignorasse? ou esta salvação eterna, que custou tanto sangue a Jesu Christo, alcança-se já por menor preço, e não custa tanto?

Quaes são agora os sentimentos daquelles grandes homens, que respeitavamos como os mais intelligentes, e os mais instruidos no mundo politico, daquelles homens extraordinarios, que só se occupão em turbar, ou apaziguar o Universo, daquelles homens de riquezas, como lhe chama a Escriptura, que passaraõ toda a sua vida em huma especie de letargo a respeito da Eternidade? Que sentirão agora, se depois de terem acertado em tudo o mais, depois de terem vivido nos prazeres, na abundancia, estaõ desgraçadamente condemnados? Pois não lhe succede isto por haver amado demasiadamente o descanso, ou por falta de trabalhar na sua vida, que nunca foi isenta de turbaçoens: antes pelo contrario, a maior parte dos homens se tem condemnado por haverem abraçado muito as cousas inuteis, por terem trabalhado muito em cousas vãs, e por não terem cuidado na unica cousa necessaria, que só importava.

Ah Senhor! e não devo temer que seja eu deste numero, se continuo a viver como tenho vivido atéqui? Que tenho feito para me salvar? Que não tenho feito para minha perdição eterna? A minha salvação he a unica cousa que tenho desprezado, eu mesmo o confesso; e quem conside-

rar a minha insensibilidade, dirá que me não dá pena a perda da minha alma.

Meu Deos, espero, com huma confiança firme na vossa Divina misericordia, que brevemente se deixará ver pela mudança da minha vida, que tenho totalmente mudado de parecer. Quero salvar-me, meu amavel, e meu Divino Redemptor; e será daqui por diante a minha salvação a unica cousa que há de occupar todos os meus cuidados, assim como he a unica cousa, que os pede todos. Vós dais-me tempo de reparar a perda que tenho feito, e não he possível que me recuseis a vossa graça, da qual desde agora já sinto em mim os effeitos pela vontade sincera, que tenho de me converter. Conheço, e confesso, que tenho nesta vida só huma cousa que me importa unicamente, que he a minha salvação; estou resoluto a empenhede-la, e espero firmemente com á vossa graça o confeguei-la.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Fevereiro.

Dos motivos, que todos temos para trabalhar continuamente na nossa salvação.

I. PONTO.

Os motivos, que são communs a todos os Christãos.

C Onsidéra o que Deos tem feito para bem da nossa salvação. Parece tão occupado, e tão solícito em fazer-nos felizes, que se poderia dizer, que a sua felicidade depende da nossa. Que
 não

naõ tem elle feito fazendo ao homem livre, e senhor da sua felicidade? E que naõ faz ainda continuamente para attrahir, e ganhar o seu coração? Elle lhe pede este coração, solicita-o, instiga-o, serve-se humas vezes de promessas, outras de ameaças, em fim naõ deixa cousa alguma, usa de todos os meios para vir a ter o nosso coração. E para que saõ taõ fervorosos cuidados? He porque depende de nós a perda da nossa alma, e elle quer, e deseja efficazmente a nossa salvação.

Comprehendemos nós acaso bem o ineffavel Mysterio da nossa Redempção? Naõ certamente: nem já mais o poderemos comprehender. Hum Deos se aniquila, para o dizer assim, para nos dar a conhecer até que excessõ estima a nossa alma, e até que ponto deseja a nossa felicidade eterna. Quem se atreveria nunca imaginar, que hum Deos se houvesse de fazer homem para a salvação destes mesmos homens?

Com tudo, este milagre se fez: e por muy grande que fosse, Deos naõ julgou, que isto era bastante para nos obrigar a ama-lo. He ainda necessario que huma vida de trinta annos passada em pobreza, e em trabalhos, se termine finalmente pela mais cruel, pela mais tyranna morte, que houve já mais. Exaqui o que vale a nossa alma, todo o sangue, todos os tormentos, a vida, e a morte de hum homem Deos. Jesu Christo descarnado a crueis golpes de açoutes, Jesu Christo expirando pendente em huma Cruz, exaqui o que custou a nossa alma: ainda importará pouco o perde-la?

Deos, este Senhor immenso, fazendo tudo quanto fez, naõ julgou que comprava muito caro a nossa salvação. E nós ainda cuidaremos que fazemos muito, por mais que façamos! E poderemos

remos em algum tempo fazer o que basta? Este bom Senhor não tem interesse algum na nossa salvação: e com tudo, que mais podia elle fazer por ella? E nós tendo tanto interesse em ganhar o Ceo, porque razão trabalhamos tão pouco para o alcançar?

Nesta mesma hora innumeraveis pessoas se achão desesperadas, por não terem feito o que eu posso ainda fazer; e eu mesmo me encherei tambem algum dia de desesperaçã, por não ter feito o que posso fazer. E pôde haver algum motivo mais forte, e mais poderoso para trabalhar incessantemente, e sem descanso?

Estamos ainda, graças ao Senhor, em estado de alcançar a salvação propria; estamos bem seguros, que he este o tempo proprio para cuidar desta grande empresa, e que Deos nos está offerecendo ao presente abundante graça para assim o fazermos: as mesmas reflexoens, que agora fazemos, os bons affectos, e santos movimentos que temos, são provas bem claras, e bem sensiveis dessa verdade. E quem nos disse que não he este aquelle importante momento, a que está ligada a nossa perdístinaçã, e de que depende a nossa felicidade eterna? Estou certo, que posso ao presente segurar a minha salvação por meio de huma sincera penitencia: tenho ao menos grande fundamento de duvidar, que se deixo de me converter agora, ponho-me em estado de nunca o fazer: e que! dilatar-me-hei ainda hum momento?

Estimamos ao menos a nossa alma tanto como o demonio a estima? Certamente seria coisa bem justa, se puzessemos tanto cuidado, e diligencia na nossa salvação, como o demonio poem para nos condemnar. Esta comparaçã he vergonhosa, mas com tudo he verdade que o demonio

nio faz muito caso, e tem em muito a nossa alma. Ainda que elle seja de huma natureza mais nobre que a dos homens, por mui soberbo que seja, não há cousa alguma tão baixa, e tão vil, que elle não esteja prompto a fazer para perder a nossa alma; e por mui grande, e dilatada que seja a resistencia, que se lhe faz, nunca desespere, nem se enfastia de fazer-nos guerra. Que constante, e continuada applicação em tentar-nos! Que destramente se aproveita das menores occasiões, que acha para nos perder! Meu Deos! he necessario que aprendamos do demonio a estimação, que devemos fazer da nossa alma; e que seja necessario reflectir na summa diligencia, e cuidado, que elle tem da nossa perdição, para dar aos Christãos motivos para trabalhar seriamente em ganhar o Ceo!

Meu Divino Salvador! por ventura ainda não fizeste bastante para me salvar? he preciso ainda ir buscar em outra parte novas razoens, para conceber huma justa idéa do que vale a minha alma, que vós remistes por hum preço tão grande? Vós me haveis resgatado, Senhor, e por isso sou vosso por dous titulos: e que motivo poderei ter em algum tempo capaz, que me embarace ser daqui por diante todo vosso?

Tenho feito estas mesmas reflexoens muitas vezes, tendo-me persuadido infinitas vezes, tanto como o estou agora destas grandes, e terriveis verdades: e que forte será a minha, se não viver melhor para o diante, do que tenho feito até aqui? De que me servirá conhecer, que ainda não principiei a trabalhar na minha salvação effizazmente, se não começo já neste instante a fazelo?

II. P O N T O.

Os motivos, que cada hum tem em particular.

C Onfidéra, que poderoso motivo he para nos obrigar a trabalhar, o especial cuidado, que Deos toma da nossa salvaçaõ?

Que esteja hum Deos, para o dizer assim, occupado, e applicado a este negocio, como se naõ houvesse no mundo mais que eu, e como se elle naõ podesse passar sem nós! E ainda nos será necessario algum motivo mais poderoso, e que nos obrigue a trabalhar, e cuidar neste Deos taõ bom!

Com que sabedoria naõ nos tem elle levado todos os instantes da nossa vida, desde que nascemos, para obrigar-nos a ama-lo! Que singular providencia a respeito da nossa salvaçaõ!

He por ventura pequena graça o nascer de pais Christaõs, ao mesmo tempo que outros nascem de pais Infieis? E he menor o ter sido creado no seio da Igreja, na qual talvez nunca entraríamos, se fossimos creados entre os erros?

Que felicidade o ter sido instruido por tal pessoa, de quem recebemos taõ bons principios, ter vivido com a outra, que me tem dado taõ bons exemplos, o ter achado hum taõ bom amigo, de quem recebi taõ bons conselhos! Nós cuidamos que tudo isto succedia por acaso; mas algum dia veremos, que foi effeito de huma providencia singular, e cheia de bondade.

Eramos inconsolaveis com a morte do parente, do amigo: julgamo-nos infelizes por sermos pobres, por termos menos talentos, por viver na obscuridade, e no esquecimento: aquella longa enfermidade, o successo molesto, e cheio de amargura nos faziaõ gemer, e punhaõ em
afflic-

afflicção : algum dia saberemos que a esta desgraça , a estes molestos , e tristes accidentes , em fim a todas estas pretendidas infelicidades devemos a nossa conversão , e salvação eterna.

Ha poucas pessoas , que não tenham corrido algum perigo , que não tenham estado enfermos , e talvez chegado á ultima extremidade. Deos bem via , que se morressemos neste estado , era inevitavel a nossa condemnação ; e ao mesmo tempo queria salvar-nos , e assim quiz ao menos ainda dar-nos tempo para a nossa penitencia.

Quantas lições santas , que nos parecia erão por acaso , mas na verdade erão muito de proposito ! Que felizes encontros certamente imprevisitos , mas tão proprios ao desígnio , que Deos tinha da nossa conversão ! Quantos pequenos milagres , para o dizer assim , se obravaõ em nosso favor ! Huma inspiração , huma reflexão que se fez , huma palavra que se ouviu , tem sido muitas vezes a causa de huma perfeita conversão.

Se temos a felicidade de estar consagrados ao serviço de Deos : lembremo-nos de tudo o que se passou na nossa vocação , examinemos de vagar todas as suas circumstancias , e admiremos com que sabedoria , e com que singular cuidado tem disposto este bom Senhor todas as cousas para a nossa felicidade.

Como succedeu o acharmo-nos em tal tempo com taes pessoas , e em tal lugar ! Que prodigio não terem os prazeres do mundo algum attractivo para nós em hum tempo , e em humidade em que naturalmente nos costumão , e nos podem mais encantar ! Que não deixassemos ofuscar a nossa imaginação com os falsos esplendores do mundo ! Que o mesmo amor dos pais não fosse prisão assaz forte para nos deter , a torrente do máo exemplo não nos arrastasse , e que
a auste-

a austeridade de huma vida em que tudo he violenta á natureza, não fosse capaz de defanimar-nos! e que em fim chegássemos a ter generosidade para acometter, e vencer os maiores obstáculos!

Quando tudo isto se achasse em huma pessoa já desgostada do mundo por muitos successos tristes, e amargosos, e por huma longa experiencia horrorizada com as terriveis ameaças de huma morte proxima, sempre seriaõ effeitos visiveis da Graça: mas que tudo isto succedesse em humidade em que a fraqueza, e delicadeza da compleiçã, o gosto, que se acha em os novos prazeres, a esperança de huma grande fortuna, de hum rico estabelecimento, e huma longa vida, só inspiraõ naturalmente horror para hum estado tão santo: pôde haver hum milagre mais claro?

Mas donde vieraõ tão bons movimentos, e tão santos affectos, em hum tempo em que os mereciamos tão pouco? Fui escolhida entre outros muitos, que teriaõ servido muito melhor a Deos do que eu: e qual he a razaõ, porque não foraõ escolhidos, e donde procede o não terem elles perseverado, e que o mesmo Deos tenha permittido talvez que alguns não perseverassem para eu occupar o seu lugar? O! bondade ineffavel! O! misericordia, que excede tudo quanto posso imaginar!

Accrescentai a beneficios tão singulares tantas boas inspiraçoens, tantos desejos piedosos, outros innumeraveis favores, com que nos está prevenindo todos os dias. Os remorsos de consciencia, as inquietaçoens occultas, as turbaçoens interiores, de que serve para nos fazer buscar por hum caminho santo o verdadeiro repouso: são tantos effeitos da sua misericordia, quantos poderosissimos motivos para trabalharmos continuamente.

nuamente, e sem descanso, na propria salvação,

Com effeito se estas visiveis provas do singular cuidado, que Deos toma da nossa felicidade, não nos obrigão a ama-lo, e servi-lo com todo o coração, e sem reserva; fomos os mais ingratos de todos os homens, e merecemos que nos castigue sem misericordia, e sem demora.

Exaqui grandes materias de meditação, exaqui sobre que se deveriaõ fazer sérias reflexoens muitas vezes, que seriaõ tanto mais proprias a mover-nos, e mais uteis, quanto ellas nos convêm mais singularmente: e como tudo isto são effeitos sensiveis de huma providencia tão benigna, e liberal, e manifestas mostras do amor extremo, que nos tem Deos com preferencia a outros muitos; assim tambem não ha nada mais proprio para nos inspirar huma Fé viva, huma confiança terna, e cheia de amor, huma generosidade verdadeiramente Christã, e hum amor ardente para com o mesmo Deos: e com tudo isto talvez que se achem pessoas, que nunca considerassem nestas cousas!

Ah Senhor! Em que cuidamos quando não consideramos estas verdades tão importantes, e só capazes de nos encher de hum solido prazer? Poderiamos por ventura deixar de trabalhar seriamente na nossa salvação, se considerassemos attentamente o que Deos tem feito, e o que faz todos os dias para nos salvar?

Grande razaõ certamente tem o demonio de empregar toda a sua industria para nos distrahir destes objectos tão capazes, e tão proprios de inspirar hum verdadeiro desejo de servir a Deos. Mas ao mesmo tempo nós somos bem culpados, passando tão ligeiramente por huns motivos tão urgentes para aspirar continuamente á perfeição do nosso estado.

Conf-

Consideremos agora com que fidelidade temos correspondido a tão grandes graças, e aos designios que tem tido Deus sobre nós; tomando tanto cuidado da nossa salvação. Examinemos qual foi atéqui a nossa negligência, convencidos das singulares bondades, e misericórdias immensas do Senhor, que com nosco tem usado, e da vontade, que tem de nos fazer santos: não dilatemos mais correspondêr a huma vontade, que nos he tão proveitosa; tomemos neste mesmo instante as medidas certas para chegar a ser taes. Este deve ser o fructo desta Meditação, e deste dia de Retiro: mas evitemos que não seja esta resolução como outras muitas, que não tiverão algum effecto.

Não permittais, Senhor, eu v'd-lo peço com toda a força, e efficacia; e sem olhar para as minhas infidelidades passadas, peço-vos que me perdoeis: dai-me graça para fazer efficazes os bons affectos, e santos movimentos, que agora me dais. Este mesmo dia de Retiro, que ao presente tenho; he hum novo beneficio da vossa liberal mão, e he para mim hum novo motivo para trabalhar na minha salvação sem demora, e com mais animo: tenho a vontade de salvar-me, e espero com a vossa graça ter algum dia a doce consolação de me ter salvado.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Fevereiro.

Do estado, a que a morte nos reduz.

A Preparação he quasi a mesma que a da terceira Meditação do mez precedente. Representa-se huma pessoa expirando, immovel em hum leito

leito, com as faces encovadas, a côr palida, os olhos espantados, e amortecidos, a boca abrindo-se a cada respiração, e que está quasi ficando aberta com o ultimo suspiro. Hum Sacerdote, e alguns domesticos postos de joelhos, pedindo ao Senhor que tenha misericordia deste moribundo, esperando todos que elle expire.

I. PONTO.

O que se passa na hora da morte.

Considera a que horroroso estado ficamos reduzidos na hora da morte. Immoveis, sem conhecimento, sem força, sem sentidos; desterrados para sempre do commercio dos homens, incapazes de toda a sociedade, desconhecidos a nossos mais intimos amigos. Já não ha nome, nem dignidade, empregos, qualidades, prazeres, honras, tudo se acabou: despojados de tudo, inúteis a tudo, não somos já capazes de cousa alguma no mundo, e já reputados por nada.

Este caracter, ou para melhor dizer, este retrato he horroroso, mas verdadeiramente he o meu retrato. Hei de ser hum dia este moribundo, despojado de tudo, e a tudo inutil, feito hum objecto de horror a todo o mundo, e só destinado a ser comido dos bichos na sepultura.

Ah Senhor, o que somos! E ainda nos encheremos de idéas vãs de grandeza, de frivolos divertimentos, e de puras quimeras! Só a morte nos representa bem vivamente taes como verdadeiramente somos; qualquer outra imagem nos lisonjea, e engana. É que triste cousa he o conhecer-nos só na morte!

Ha poucos dias que aquelle moribundo, cheio de saude, gostava as doçuras de hum rico estabelecimento.

belecimento, de hum novo emprego, e de huma fortuna, que principiava a fazer-se grande: aquella pessoa em tudo agradavel, e que brilhava em todos os ajuntamentos, e assembleas de prazeres, era como a alma de todas as festas, e de todos os divertimentos mundanos: com a cabeça cheia de mil projectos vaõs, tomava as mais justas medidas para a sua boa fortuna, fazia todos os esforços para satisfazer a sua ambição: e exaqui de repente huma apoplexia, huma febre, ou huma queda, escurece em hum momento todo este lustre, destrõe todos aquelles projectos, faz frustrados todos os designios, aniquilla todas estas esperanças, e muda este corpo em hum horroroso cadaver.

Senhor! que loucura he confiar na mocidade, em huma boa disposição, em hum emprego, em tudo finalmente o que se perde com a vida! Mas quando nos faria sabios o conhecimento desta verdade para deixarmos totalmente tudo o que se desvanece com a morte! Oh! e que objecto bem capaz de nos desenganar, e tirar dos nossos erros, he a vista de hum moribundo!

Olhai para aquelles horrorosos tregeitos da bocca, os olhos espantados, e as horriveis convulsoens de todo o corpo! Exaqui a que se reduzem todos aquelles modos brandos, e affectados, todas as graças, e todas as affectações dos mundanos.

Não vedes aquelle suor frio, que lentamente corre pelas faces abaixo? Pois exaqui o fim de todos os cuidados, e de todos os trabalhos que se tem tido para adquirir grandes riquezas: ouvis os suspiros, e os gritos mal formados do moribundo? Exahi em que se terminaõ todas as conversações pouco Christãs, e as desenfreadas

murmurações. O animo mais intrepido, a ambição mais desmedida, a mais elevada fortuna, tudo vem a acabar com a morte: este he o escolho inevitavel de toda a grandeza do mundo, ou mais cedo, ou mais tarde, tudo ha de vir a parar neste fatal termo.

Mas nesta terrivel extremidade, não se acha alguma cousa que conforte. Tudo conspira entãõ a turbar, e atormentar hum moribundo. A faldade dos bens que possuiõ, e que agora perde; a violencia dos males que soffre, debaixo de cujo peso está opprimido; o horror de huma condemnação eterna, a que se vê exposto, e está temendo: tudo o atormenta.

Que he feito daquella fraqueza de animo? Que he feito das politicas mundanas? Onde está o esplendor, e aquelle grande Trem? Que he feito dos prazeres, e daquelle grande fausto? Tudo com o fumo se desvanece, e desaparece a nossos olhos, só com a visinhança da morte.

Apenas se sente que só restaõ ao moribundo alguns momentos de vida, logo se mudaõ todos os respeitos, que para elle haviaõ, em affectos de compaixão. Já olhaõ como a hum miseravel aquelle mesmo, que huns poucos dias antes era a todos hum grande objecto de inveja. E que homem haverá, ainda que seja o mais vil, e o mais baixo do mundo, que queira trocar a sua sorte com a de hum Grande, que antes tinha por feliz, posto neste estado?

Mas que pobreza entãõ, e que horroroso desamparo! Apenas tem expirado, logo se occupaõ das suas chaves, tomaõ posse dos seus bens, buscaõ adquirir outro amigo, e outro senhor. Os mesmos, que choraõ menos affectadamente, estáõ desejando, e quizeraõ que chegasse já o dia, em que a politica permite cessar o luto.

De



De que serve agora áquelle homem morrer rico com hum milhaõ, quero dizer, deixar hum milhaõ a seus herdeiros; se elle morre com as maõs vazias de boas obras, e a consciencia carregada de peccados?

De que lhe serve o ter mandado edificar hum magnifica casa, e te-la ornada de ricas alfaias? Está para ser privado della dentro de poucas horas. Os que lhe succedem, logo se aproveitaõ tranquillamente das suas despezas, e da sua economia: quanto a elle só lhe basta a sepultura. Já está feita a repartição das riquezas, que ajuntou. Nenhum homem ha mais pobre que elle neste estado: huma mortalha, e huma tumba ha de ser todo o seu movel. Estaõ para o levar pelo meio da cidade, mas isto só he para o enterrar: os que o acompanhaõ, já lhe naõ saõ nada: e toda a magnificencia mais cheia de fausto, e mais brilhante, se troca no horror da sepultura: *Et solum mihi superest sepulcrum.*

O' como he verdade, e como he certo, que todo este estrondoso lustre do seculo he hum especioso nada! Do qual nos he tanto menos permittido deixar-nos attrahir, quanto mais facil livrar-nos delle por meio de tantos exemplos. Sabendo eu certamente que hei de morrer, sabendo que hei de ser reduzido ao horroroso estado da morte, como posso occupar-me do infaciavel desejo dos bens, e dos prazeres desta vida?

E que desamparo de toda a parte! Parentes, amigos, todos se retiraõ, logo se acabaõ os cuidados, e todos os serviços, desde que a morte apparece. O moribundo quizera explicar-se nestas mais urgentes extremidades, mas naõ pôde. Que amargura, que afflicção, naõ poder ser soccorrido nesta ultima, e fatal extremidade! Elle faz signaes, mas naõ he entendido: pede algum alivio,

vio, já o não julgaõ capaz de o ter. Supponde que ereis o maior Monarca do Universo, e expiravas no meio de huma multidão de cortezaõs, e de criados: tu morrerias como o mais vil dos teus Vassallos, entre vivissimas, e crueis dôres, cercado de desgostos, e de amargosas angustias, que a morte faz sentir, sem que haja para ti mais remedio.

E seria entã para este moribundo remedio o lembrar-se que foi rico, e poderoso? Far-lhe-hiaõ grandes serviços, se elle estivesse em estado de ver, pondo-lhe diante dos olhos suas magnificas tapeçarias, e suberbos ornatos, monumentos da sua vaidade? Ser-lhe-hia de algum alivio o trazer-lhe á memoria os bailes, e os espectaculos a que assistia, as muitas horas que gastava no jogo, e todos os divertimentos, que fizeram a principal occupaçaõ de toda a sua vida? A viva imagem de huma vida de delicias, e sensual, pôde dar confiança, e pôde consolar a hum Christãõ, que está para expirar? E sendo isto assim, como pôde esta vida ser buscada, e amada em outro tempo?

Morre finalmente o enfermo: ó Deos! como he espantoso este momento, que poem fim a esta vida temporal, e dá principio á eterna! Morre aquelle homem desse suberbo mundo, que se achava em todos os prazeres: morre aquelle homem embaraçado, e prezo com habitos tão criminosos: e se he homem, por cujas mãos passaraõ tantos negocios, os quaes nunca examinou bem; que deploravel, e digno de se chorar he o achar-se hum homem com tal embaraço na hora da morte!

Morre finalmente aquella pessoa tão mundana, que muitas vezes para focegar a sua consciencia, e para firmar-se na sua livre dissoluçaõ, dizia

dizia a si mesmo, que se havia de converter na hora da morte. Morre, e ainda não está convertido, e já não está em estado de se converter, e tem já hum pezar, e arrependimento, que será eterno, de ter dilatado a sua conversão.

Vós, ó meu Deos, que por vossa misericordia quereis dar-me o pensamento, tempo, e desejo de evitar, e prevenir huma tal desgraça, dignai-vos de acabar a vossa obra. Eu seria o mais culpado, e o mais desgraçado de todos os homens, se sentindo nesta hora a amargura daquella cruel angustia, não a procurasse evitar por huma prompta, e sincera conversão.

II. P O N T O.

Reflexão sobre o que se passa na hora da morte:

Considera que differença ha entre o estado, em que se acha huma pessoa na hora da morte, e aquelle em que viveu toda a sua vida. Aquelles olhos amortecidos, a côr pallida, aquella voz sumida, que pouco se parecem com aquelles modos engraçados, e mundanos, com aquella viveza, e com todo o esplendor de que se van-gloriava!

Sucedem aos prazeres os choros, e os pezares; aos bellos, e bem passados dias, se segue huma profunda noute: com esta differença, que os divertidos dias passáráo como hum relampago, e a noute dura para toda a Eternidade: os prazeres estaõ esquecidos, os choros, e os pezares nunca se acabarão.

Meu Deos! Que distinctamente se vê no rosto, e nos olhos do moribundo a natural imagem da vaidade desta vida, e do nada de todas as fantasticas grandezas! Que claramente apparece nes-
re

te ultimo momento a vileza, e o nada dos passatempos, e de todas as maximas do mundo! Mas he cousa bem triste, e bem funesta, não se conhecer este erro, senão quando já não ha tempo para o emendar.

Os vadios, e mundanos olhaõ, e tem por miseraveis as pessoas virtuosas, e as trataõ como espiritos pequenos, e baixos. Que desengraçadamente motejaõ a sua modestia, sua delicadeza de consciencia, e sua regularidade! Quem os ouvisse fallar, diria, que não ha juizo, senão entre aquelles, que vivem segundo as maximas do mundo.

Se perguntassemos a hum destes quando morre, se persiste ainda nos seus primeiros sentimentos, se continúa a julgar taõ baixamente das pessoas de virtude, e que juizo faz agora das maximas do mundo! que crueldade seria trazer-lhe a memoria taes cousas! Que raiva, que desesperaçãõ terá elle de as ter seguido! Com que horror não fica hum homem todo occupado, desde que se vê ameaçado da morte, e no momento em que, enfraquecendo-se os sentidos, começa a perder de vista o mundo! Que turbaçãõ! que medo! que dôr! O Sol, diz elle, já não luzirá para mim: Ah! tudo desaparece, todas as creaturas me fogem. Que me importa ao presente ter luzido, ter levado vantajem, e a primazia a todos, ter feito, e trabalhado tanto para o mundo? Elle está já acabando para mim.

Que he feito daquellas sociedades, daquelles gostos, e daquelles prazeres? Eu já não apparecerei mais nelles, ahi já outro tem tomado o meu lugar. Os dias bons passaraõ, todas as alegrias estaõ acabadas para mim; já não sirvo de nada, nem a parentes, nem a amigos, nem a filhos. Os horrores da morte me tem todo occupado,

gado, sinto-me desfalecer : eu morro. Exaqui o decisivo momento da minha sorte eterna. O' terrivel estado ! O' espantoso fim !

Para que gastei as minhas forças , e a minha faude em amontoar riquezas ? Ah ! talvez não me enterrarão , nem ainda com o vestido em que expiro. Devia eu tomar tanto cuidado de huma formosura , que está já feita hum objecto de horror ? Era necessario fazer tanto estrondo para morrer agora com tantas dores ? E que lucro tenho ao presente de ter servido o mundo ? Huma consciencia carregada de peccados , huma desesperaçã consumidora , hum amargo arrependimento ! E que dura cousa he o ter este arrependimento , quando he já sem fructo !

Naõ he para admirar , que se morra despojado de todas as cousas em hum desamparo universal. Por ventura as riquezas , as heranças , as magnificas alfaias , servirão de muito a hum homem que morre ? Todos os bens do seculo para hum moribundo são como se nunca existissem , ou como se outro os tivesse.

E de que consolação será a presença dos parentes a huma pessoa , que tem perdido todo o conhecimento , ou que não poderá ver , ou conhecer os que deixa , senão para se affligir ? Mas he cousa bem para admirar , que estejamos tão apegados a tudo , o que certamente havemos de deixar com a vida ! Oh quanto mais valle desapegar-mo-nos de tudo , em quanto dura a vida , do que sentir , e ver na hora da morte arrancar o nosso coração das creaturas !

Rimos , jogamos , e divertimo-nos na mesma casa , que algum dia estará armada de luto para os funeraes. Aquelle criado , que me serve , ajudará talvez a por-me na tumba , e a levar-me para a sepultura. E que saudavel he a pratica de

naõ entrar jámais no aposento, sem trazer á memoria o dia, em que nos tirarãõ dalli para nos enterrarem!

Se quando hum mundano vai aos espectaculos, ou aos bailes, considerasse no miseravel estado, em que se achará deitado em huma cama na hora da morte, e no cruel arrependimento, que terá entãõ de se ter achado nestas assembleas profanas; he certo que nunca jámais appareceria nellas. Mas por ventura o naõ considerar agora nesta verdade, fará que naõ se desespere entãõ por se ter achado nellas?

Os enfeites, aquelles modos mundanos, e todos os ricos ornatos, servirãõ acaso para fazer os olhos menos horrorosos, a cõr menos pallida, e menos negra, e todo o rosto menos horrivel? Para que fugis agora de ver este retrato taõ natural? Dizem que este retrato faz desgostar do mundo: meu Deos! que dura, e que terrivel cousa he esperar o fim da vida para nos desgostar d'elle!

Que lucro se acha em se naõ cuidar na morte? Gozã-se os prazeres com menos turbaçãõ, vive-se nos peccados com mais segurança, apegamonos ás creaturas com mais ardor, seguimos as maximas do mundo com mais ancia, e com mais zelo: finalmente, em se naõ cuidando na morte, trabalha-se efficaamente em procurar tudo o que faz a morte amargosa, e cheia de afflicçãõ. Quando se está nos prazeres, e gostos desta vida, teme-se cuidar na morte: mas por ventura na hora da morte cuidar-se-ha de boa vontade nesses mesmos prazeres?

Que horror! quando no meio dos ultimos combates da alma, que ainda se defende, se vê que ainda naõ temos vivido affaz bem para merecer a salvaçãõ! Sente-se que o Anjo exterminador

nador nos vai chamar para apparecer diante de Deos ; e que em menos de hum quarto de hora estaremos naquella immutavel , e terrivel Eternidade. Oh Deos , que horror ! que turbaçaõ , que pezar , que desesperaçãõ ! principalmente quando se fazem estas tristes reflexoens.

Eu tive tempo de trabalhar na minha salvaçaõ : mas este tempo já passou , e não tornará jámais. Conheci a inutilidade dos cuidados , em que me entertinha no mundo , senti a vaidade dos falsos prazeres , o nada das imaginadas grandezas , o perigo que corria no seu serviço : e estes pensamentos , e estes remorsos , e todas estas saudaveis reflexoens não me fizeraõ mais sabio , nem mais virtuoso. Meditei , conheci todas estas verdades : e com tudo me ceguei , e obstinei , e agora morro , e sou condemnado.

O^o misericordia do meu Deos , a quem devo as reflexoens saudaveis , que agora faço , não permittais que ellas me sejaõ inuteis.

Por muitas vezes á vista de hum corpo morto , me tenho desgostado dos vaõs prazeres desta vida : muitas vezes detestei as vaidades , de que o mundo se serve para nos enganar : e que se seguiu daqui ? E que se seguirá agora destas reflexoens ? Ah ! perde-se o fructo destes sentimentos com a vista do cadaver : e tirarei por ventura ao presente mais fructo de meditar estas verdades ?

Sim , eu me aproveitarei , meu doce , e meu Divino Salvador. Que ! seria bom que as reflexoens que faço , e os bons sentimentos que tenho , só servissem de fazer a minha morte mais amargosa , meus arrependimentos mais crueis , e a minha desesperaçãõ mais certa ? Meu amabilissimo , e adoravel Redemptor , eu não abuzarei de huma tão grande graça : eu começo nesta mes-
ma

ma hora, por meio de huma vida santa, a preparar-me a morrer bem, e nem quero esperar para esta tarde, para me preparar, mas ha de ser já.

Dixi nunc cœpi; hec mutatio dexterae Excelsi.

Sim livremente digo, que começo a servir a Deos nesta mesma hora; e que só á mão do Altissimo devo esta conversão.

Ne forte superveniat in vos repentina dies illa.

Estai sempre dispostos para fazer a jornada, para que vos não mandem partir quando o não esperades.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez
de Março.

Da Paixão de nosso Senhor Jhesu Christo.

SO^a a simples historia da Paixão de Jhesu Christo, tal como a descrevem os Evangelistas, he huma materia de meditações tão terna, tão penetrante, e provê naturalmente o espirito de tantas reflexoens, e de affectos tão piedosos: que parece não se pôde fazer cousa alguma melhor nas tres seguintes Meditações, do que contar mui simplesmente, confôrme a descripção que faz o Evangelho, tudo o que o Salvador do mundo padeceu nos tres principaes theatros de sua Paixão. Huma alma fiel achará facilmente só nesta expozição, acompanhada de algumas reflexoens, que meditar por muitas horas. Basta para huma pessoa se mover, ler o que
humi

hum Deos soffre por amor dos homens, e crer verdadeiramente o que lê.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Dos trabalhos, que padeceu Jesu Christo em o Horto.

I. PONTO.

O que Jesu Christo soffreu no Horto.

Considera, como Jesu Christo, tendo sahido de Jerusalem se encaminhou para o monte Olivete, onde tinha por costume orar durante a noite: e tendo passado a torrente de Cedron com os seus onze Apostolos, deixou oito delles ao pé deste monte, onde havia hum lugar chamado Gethsemani.

Ficai aqui, lhes diz o Senhor, em quanto eu vou fazer a minha oração. E levando consigo os tres discipulos que amava mais, S. Pedro, Santiago, e S. João; conduzio-os para hum jardim, onde logo os advertio que orassem para alcançarem socorro do Ceo contra a tentação, que os ameaçava.

E quaes foram os pensamentos, e os affectos deste divino Salvador nesta jornada?

Apenas elle se apartou hum pouco a huma parte mais retirada do jardim, logo, ainda que nunca tinha sentido em sua alma outras paixoes, mais que as que elle em si mesmo excitava, quer nesta occasião por amor de nós entregar-se a todas as mais cruéis, e ás mais violentas. E como vinha expiar todos os peccados dos homens, começa

meça a sua Paixão pelas dôres interiores , e pelas angustias do coração.

Huma multidão de objectos os mais tristes, e mais horrorosos , se apresenta vivamente á sua imaginação , e lhe fazem sentir anticipadamente todos os tormentos de sua sacratissima Paixão.

Representa-se-lhe da maneira a mais viva , com que ignominia há de ser arrastado pelas ruas de Jerusalem , como hum embusteiro : cuspido , descarnado a golpes de açoutes , coroado de espinhos , como o mais famoso malvado : cravado finalmente em huma Cruz , como o opprobrio do Genero humano , e abominação de seu povo. Que viva impressã não faria no espirito , e no coração de hum homem Deos huma imagem tão horrosa ?

Que tristeza ! que dor ! quando se lhe representa a enorme traição do seu discipulo , a horrivel ingratição de hum povo cheio de tantos beneficios , e a cobarde fugida de seus Apostolos. Hum tão grosseiro tratamento he hum tormento bem cruel para hum bom coração : e houve já mais algum melhor que o do Salvador dos homens ? Oh quanto o faria padecer este tão vivo conhecimento !

Com effeito o excesso de suas afflicções interiores he tão grande , que elle não o pode diffimular. Elle o faz conhecer a seus Apostolos. Eu estou padecendo cruezs tormentos , lhes diz o Senhor , a tristeza, em que estou submergido me opprime , e he bem capaz de me fazer morrer. Mas os seus Apostolos estão muito adormecidos , para se poderem compadecer da sua afflicção : e esta mesma indifferença , esta insensibilidade seria pequeno tormento para Jesu Christo ?

Torna ao lugar da sua Oração ; e dobrando o seu fervor , augmenta suas afflicções : na
da

da escapa, nem á sua memoria, nem ao seu coração; junta presentes na sua alma todos os tormentos, todas as circumstancias da sua Paixão; penetra todo o seu rigor, e sente em si muito de vagar toda a sua amargura. O horror o occupa todo, e ó poem em huma tal oppressão de espirito, que chega a desfalecer. Oh meu doce Jesu, quanto vos custa amar-me com tanto excesso! Quando tirarei eu do meu coração algum affecto de ternura para vos agradecer tanto amor?

Mas o que agrava, e augmenta mais a sua dôr, he ver por hum antecipado conhecimento o abuso sacrilego, que tantos peccadores haviaõ de fazer das graças, que elle lhes vai adquirir com o seu sangue.

Elle quer salvar a todos os homens; e a maior parte delles se há de perder. Aceita todos os tormentos, e ainda a mesma morte mais infame, para apagar nossos peccados; e a terra estará sempre cheia de peccadores; morre por amor do seu povo; e este infeliz povo não se aproveitará da sua morte.

Agitado com estes tristes, e crueis pensamentos, quaes foraõ os movimentos do seu coração; A sua dôr he muito excessiva, elle se turba: a sua tristeza se augmenta, huma mortal desconsolação o enche de tristeza, e o abate. Deste modo este amavel Salvador reparando com as suas afflicçoens interiores as desordens do nosso coração, se entrega a taõ violentos combates, se priva voluntariamente de tudo o que poderia suavizar a sua dôr, e se vê reduzido a huma especie de agonia, na qual lhe he necessario hum milagre para não morrer.

Neste estado taõ digno de compaixão, que o faz verdadeiramente homem de dôr, prostra-se
em

em terra com o rosto banhado em lágrimas : e nesta postura de humilde requerente encaminha ao Ceo sua oração.

Meu Pai , meu amavel Pai , unica testemunha de minhas penas , e que só podeis comprehender o excesso de minha dôr , vós sabeis com que resignação aceito este caliz. Na verdade a sua amargura he excessiva ; e a attender só á minha natureza humana , eu vos pediria que o apartafseis de mim , e me dispensasseis de o beber : mas já que só pela minha morte hei de expiar todos os peccados dos homens , e assim o tendes ordenado , cumpra-se a vossa vontade. Não tendes algum respeito á natural averção que tenho á morte ; se a carne a teme , o espirito a deseja ; e o prazer , que tenho de fazer o que vos agrada , e morrer pela salvação dos homens , a elevará sempre assima da minha tristeza , e do meu abatimento. Que amor para nós ! que zelo para nossa salvação ! Em quanto o Salvador orava deste modo , os seus Discipulos adormecerão. He bem para admirar que no maior da sua dôr , em que sua alma estava submergida , se lembrasse delles , e interrompesse sua Oração para os ir acordar. Como , lhes diz elle , pudestes adormecer em hum tempo , em que he tão necessaria a vigilancia ? Não pudestes passar comigo huma hora sem vos deixares prender do somno ? Onde estão as provas do vosso amor para comigo , e do vosso valor ? Exaqui toda a sua queixa. Meu Deos , que força deve fazer esta queixa em hum coração racional , e Christão ?

Neste tempo o Filho de Deos sentindo augmentar-se a sua tristeza , torna ao lugar da sua Oração : e dobrando o seu fervor , repete com soluços interrompidos de lagrimas o mesmo , que já tinha dito muitas vezes a seu Pai. Disponde
de

de vosso Filho como vós agradecer: tudo, o que elle deseja, he que se faça a vossa vontade nelle, e que por sua morte fique satisfeita a vossa justiça de todos os peccados do mundo.

Tendo acabado a segunda Oraçãõ, achou a seus Apostolos adormecidos como dantes. Que cruel tormento he para hum bom coraçãõ a cobardia dos melhores amigos nas mais urgentes, e mais importantes occasioens!

O Senhor repetio terceira vez a sua Oraçãõ, nã qual augmentando-se o seu horror, entregou a sua alma, e seu corpo a huma tristeza excessiva; e como só buscava padecer, rejeitou todas as doçuras sensiveis, com que poderia ser aliviado.

O temor, e extrema tristeza tinhaõ, por hum effeito natural, ajuntado o sangue ao redor do coraçãõ; mas o amor, e desejo ardente de nossa salvaçãõ, tendo-o impellido, e espalhado com violencia por todo o corpo, fez-se do mesmo sangue hum suor taõ abundante, que regou a terra. Que! tanto sangue espalhado por effeito do excessivo amor, que Jesu Christo me tem a mim, nã arrancará nunca de meus olhos huma só lagrima?

Entãõ o victorioso amor, tendo extinguido qualquer outra paixãõ, Jesu se levantou taõ resoluto, como nunca, a soffrer a morte: ensinando-nos por aqui, que principalmente á Oraçãõ devem os Justos as suas victorias.

Desperta seus Apostolos com huma doçura, da qual elles foraõ attrahidos; dizendo-lhes, que estava chegada a hora, e que se hia entregar nas mãos dos peccadores.

Ainda o Senhor estava fallando, quando Judas apparece na frente de huma companhia de soldados da guarda do Governador, seguida de

huma grande tropa de officiaes, e criados, huns armados com espadas, outros com páos; enviados todos para prenderem a Jesu Christo. Oh meu Deos! em que precipicios não cahimos quando vos deixamos, depois de vos haver conhecido?

Este traidor se adianta, e tendo ainda a insolencia de chamar Mestre àquelle, que elle mesmo vinha sacrificar á sua paixão, dá em Jesu o osculo mais cruel, que jámais houve.

Oh meu doce Jesu! que amargoso vos feria este atraído osculo! O Salvador abraçando entãõ a ultima vez este desgraçado apóstata, e fallando-lhe com hum tom de Pai: Amigo, lhe diz, com hum osculo te atreves a prender-me, e a entregar-me? Que causa te dei para me tratares deste modo? Era necessario servir-te de signal o mais sensível de huma terna amizade, para fazeres huma traição tão feia? Que coração haveria tão barbaro, que se não movesse, e entornecesse com huma tão doce queixa? Judas he insensível a huma reprehensão tão penetrante, e tão terna: entrega, vende o melhor de todos os Senhores, de quem tinha recebido tantos beneficios. Vende-o por trinta dinheiros, preço ordinario dos escravos; estando prompto a vende-lo ainda por menor preço; de forte que com qualquer cousa, que lhe dessem, se contentaria. Exaqui o caso, que se faz de hum Deos, quando se tem perdido a sua graça.

Seria muito facil a Jesu Christo o tirar-se das mãos desta tropa de malvados: porque, que podem todas as astucias, e todas as forças humanas contra hum Deos todo poderoso? Mas era propriamente o seu amor quem o sacrificava á gloria de seu Pai para a redempção do Genero humano. Jesu vai ao encontro de seus inimigos; e

ape-

apenas tem dito que he o mesmo, a quem elles buscaõ, quando a sua voz, como hum raio, os lança por terra: para que vejamos claramente, que se eile mesmo não se entregasse á morte por amor dos homens, nunca os Principes das trevas o poderião prender. Permite-lhes que se levantem, e que o prendão, depois de lhes haver dito segunda vez, que elle mesmo era o Jesu de Nazareth, a quem elles buscavaõ. E em quanto elle se deixa prender como hum cordeiro, prohibe-lhes, como Soberano, o mal tratar a seus Apostolos, e lhes manda que os deixem ir. Que cuidado não toma este amavel Salvador dos seus no mesmo tempo, que o trataõ taõ mal? Ah Senhor! hei de eu ser o culpado, e só vós haveis de receber o castigo?

Neste tempo a Cohorte, e o seu Capitaõ com os Officiaes dos Judæos o prenderão, e ataraõ.

Meu doce Jesu! que desordem he esta? Vós estais oprimido de tristeza á vista do que haveis de soffrer pelos meus peccados: e eu que pequei, passo os meus dias entre prazeres, em delicias, e cheio de alegria! Vós insensivel a todos os vossos trabalhos, estais prezo como hum fascinoroso: e eu vivo descansado em toda a minha liberdade! Vós sois arrastado com infamia sem dizer palavra: e eu fulmino mil queixas, finto vivos affectos de vingança, desde que se me representa que não me honraõ tanto como desejo.

Creerei sempre o que acabo de meditar, sem que seja enternecido de huma taõ penetrante, e taõ forte verdade? He possivel, que tendo eu contribuido tanto a pôr Jesu Christo no lamentavel estado, em que o vejo no Horto, seja insensivel a taõ dolorosa vista?

II. PONTO.

Reflexões sobre o que Jesu Christo padeceu no Horto.

Considera que excessivos seriaõ os tormentos, que Jesu Christo soffreu no Jardim do Olivete; pois de todos os trabalhos, que este Divino Salvador soffreu em sua Paixãõ, podemos dizer, que só destes elle se queixou.

Nãõ espera que os algozes venhaõ espalhar o seu sangue: taõ grande tormento he para elle a menor dilacãõ no padecer. Ainda que dentro de poucas horas havia de ser entregue ao furor de seus inimigos para ser sacrificado pela salvaçãõ dos homens, com tudo, este tempo lhe parece ainda muito apartado: tarda, e dilata-se-lhe o dar aos homens esta manifesta, e clara prova do seu amor. Faz do lugar da sua oraçãõ hum Altar, que elle rega com seu sangue; o amor fez aqui o officio de sacrificador; este amavel Jesu prostrado sobre o seu altar, he a victima deste sacrificio doloroso; e o ardor, em que o seu coraçãõ se abraza, he o fogo que o consome; e tudo isto se faz por mim, por amor de mim se vai fazer este sacrificio sanguinolento.

Bem parece, meu Divino Jesu, que a vossa Paixãõ he effeito do vosso amor; só acho nella a minha infidelidade, e minhas ingraticoens, que nãõ sejaõ da vossa escolha: e esta he toda a causa da vossa mortal tristeza. A crueldade dos algozes nãõ tem alguma parte, para o dizer assim, nesta Paixãõ; toda a sua causa he a minha malicia.

A vista de minhas ingraticoens, de minhas desordens, de meus peccados; o antecipado conhecimento, que Jesu tinha da insensibilidade, em que ao presente estou, afflige, e atormenta o seu

Seu coração, até lhe ser necessário hum milagre para não morrer; isto he o que poem o seu coração em huma especie de agonia: e sempre hei de olhar, sem me mover nada, para Jesu neste estado?

Não he este aquelle caliz muito amargo, que Jesu recusa beber? quanto aos açoutes, os opprobrios, a coroa de espinhos, e a Cruz, havia já muito tempo que tudo isto era o objecto de seus mais ardentes desejos; e assim não se lhe podia fazer hum objecto de horror, e causar-lhe huma tão grande repugnancia. He pois só a perfidia de Judas, a reprovação dos Judeos, o abuso que haviaõ de fazer de seu sangue tantos reprobos, e particularmente a minha infidelidade, e a minha ingratitude, que affligem, e atormentam excessivamente a Jesu Christo, que o horrorizam, que o enchem de amargura, que o entristecem, e lhe fazem soffrer mil mortes a cada momento.

Minhas desordens, Senhor, que tinheis entãõ todas presentes á vossa alma, vos affligiaõ; e não vos consolarei eu em algum tempo com a minha verdadeira penitencia? Reduzir-se-há toda a minha religião a alguns sentimentos vaõs de compaixão, ao mesmo tempo que estou contribuindo tanto com meus peccados a augmentar as vossas dores, e as vossas penas? E estas reflexoens que agora faço, e que devo aos merecimentos deste precioso sangue, de que vos vejo banhado, não se farãõ para mim huma nova causa de condemnação, se não me aproveitar dellas, e a vós de algum modo huma nova causa de tristeza, e amargura?

E que sensível foi a este Divino Salvador a traição de Judas! Elle o tinha chamado, e escolhido por seu Apóstolo; tinha-o accumulado de
mil

mil favores, até o tinha distinguido pelos empregos; havia-o instruído com muito cuidado, admitido á sua mesa, ainda quando este traidor estava com o coração cheio de fel, e havia já concebido o impio designio de o entregar a seus inimigos, com quem tinha já convindo no preço, e finalmente estava resoluta a perde-lo: e nem a doçura, com que este amavel Salvador lhe falla, nem as ternas reprehensões que lhe dá, nem os novos signaes de amor, que lhe mostra, nem finalmente a ultima, e terrivel ruina com que o ameaça, podem mover, ou abrandar o coração deste pervertido Apostolo. Taõ difficiloso he converter-se hum peccador, que tem recebido singulares favores do Ceo, e que tem abusado por muito tempo da Graça! e não tenho bem razão de temer que me ache eu nas mesmas circumstancias, se resistir á Graça mais tempo?

O meu Deos, que terrivel he este exemplo, e capaz de me causar hum justo horror! Que estado mais santo, e mais perfeito, que o do Apostolado? Que vocação mais certa, e mais milagrosa, que a de Judas! Onde se podia estar mais ao abrigo das tempestades, das paixões, e das astucias do inimigo, do que debaixo dos olhos de Jesu Christo, e na companhia dos Apostolos? Com tudo Judas taõ bem chamado a hum estado taõ santo, instruído pelo mesmo Jesu Christo na Escola dos Santos, cheio, e accumulado de seus beneficios, testemunha de seus milagres; Judas se perverte, Judas commette o mais horrivel crime, que já mais se imaginou; Judas se condemna!

Não podemos dizer que lhe faltaraõ auxilios: o mesmo Jesu Christo lhe dá a mão; serve-se para o converter daquella mesma voz, com que tinha tirado tanta gente da sepultura; empre-
ga

ga a sua doçura , os seus rogos , as suas ameaças ; e Judas he insensivel a todas estas settas , Judas persiste no seu peccado , Judas se condemna.

Ah Senhor ! em que lugar , e em que estado sobre a terra estaremos em huma perfeita segurança ? E que pretexto teremos para não temer ? Oh que difficil he a conversão de hum Discipulo pervertido , que rara he ! E em que profundos precipicios cahe ! e que difficulosamente se aparta , e se tira da sua perdição huma alma , que tem servido a Deos , que tem gostado de Deos , e que se aparta do seu caminho !

Buscares vós com tanto cuidado , Senhor , aquelles que vos trataõ mal , e ainda aquelles mesmos que vos entregaõ , he na verdade effeito de huma bondade bem extraordinaria ; mas em fim he a bondade de hum Deos : mas que aquelles que vós buscais , e que experimentaõ quanto fois amavel , que aquelles mesmos que saõ penetrados , e cheios de indignação da perfidia do traidor Judas , vos saltem á fidelidade , e imitem todos os dias este perfido ! exaqui o que parece taõ incomprehensivel , como a malicia , como a mesma dureza daquelle malvado.

A traição de Judas he o mais enorme , e mais horrivel crime , que houve jámais ; mas Judas não chegou a este excessõ de repente. Tinha huma inclinação natural á avareza , e satisfazia com pequenos furtos esta inclinação viciosa. As suas murmuraçoens fazem ver bem claramente , que pouco mortificadas estavaõ as suas paixoens. Oh quanto he necessario , e quanto he importante suffocar desde o berço todos os monstros , que vem nascendo ! e que terriveis , que espantosas desordens causa em huma alma , ou mais cedo , ou mais tarde , huma paixão que se poupa , que se nutre , e que se fomenta !

Com que doçura , e ao mesmo tempo com que industria , o Divino Salvador se applica todo a converter a Judas ! Elle descobre os seus mãos delignios , sem fazer conhecer o traidor ; *unus ex vobis* : fazendo-se ainda este bom modo inútil , declara a elle mesmo o seu crime : *tu dicis*. Parecendo-lhe que o perfido não está movido , e penetrado desta advertencia , faz sentir a desgraça do criminoso , e a enormidade do crime : *ve illi*. A sua obstinação não impede ao Salvador lavar-lhe os pés para emprender ainda a sua conversão. Jesu aos pés de Judas , que espectáculo ! Nada he capaz de abrandar o seu endurecido coração. Jesu ainda se digna de lhe chamar amigo , no mesmo tempo que este traidor o entrega : *Amice*.

Oh meu Deos ! quanto vos custa o perder-nos , e quanto vos entristeceis de ver-nos morrer ! Que não fazeis vós para o impedir ! Quantas reprehensões occultas , quantas advertencias doces , e amorosas ! Que instancias , que sollicitações antes de nos desamparar ! Mas que grande he a nossa dureza , e a nossa obstinação em resistir a hum tão grande zelo da nossa felicidade !

Quantas vezes movido eu das bondades excessivas do meu Salvador , e perguntando-lhe se feria em algum tempo tão desgraçado , que chegasse a offende-lo , me tem elle respondido no fundo do meu coração , que eu já o tinha offendido muito ! Que convites mais doces , que interiores reprehensões mais penetrantes , e mais ternas , do que as que me tem enviado para me levantar , e apartar dos meus erros !

Quantas vezes me pudera dizer com o Profeta : *Si inimicus meus maledixisset mihi , justiuissimè utique* ; se hum barbaro , se hum herege , se hum inimigo declarado me tivesse carregado de injurias , e me houvesse tratado com o maior

maior desprezo, eu teria tido paciência: *Tu verò homo unanimes!* mas tu, a quem fiz nascer no seio da Igreja, a quem tenho creado com tanto cuidado, livre de tantos perigos, enriquecido de tantos favores, amado com huma extrema ternura! tu, a quem tenho admittido á minha meza, nutrido, e sustentado com a minha propria carne, que te esqueças de meus beneficios! Que desprezes os meus favores! Que te ajuntes com os meus mais mortaes inimigos! E que ainda quando te chamo amigo, me sejas traidor: *Amice, ad quid venisti?*

Senhor, esta reprehensãõ me he tanto mais sensivel, quanto ella me pertence mais: mas como he só para me converter, que me reprehendeis, espero com o auxilio de vossa graça, fazer cessar para mim esta reprehensãõ. Se o impio Judas no excesso da sua dôr se viesse lançar a vossos pés, e diante de Pilatos, na presença de todo o povo, ou no Calvario vos viesse pedir perdãõ: com que alegria, meu doce Jesu, teríeis visto vir para vós esta ovelha desgarrada? A sua desesperaçãõ he hum dos maiores ultrajes, que este desgraçado vos fez. Quero aproveitar-me da sua desgraça, recorrendo á vossa infinita misericordia.

Espero que haveis de vencer a minha resistencia; e que me haveis de dar força para resistir a minhas paixoes, fazer huma prômptã, e verdadeira penitencia, e para morrer a meus vicios, muito tempo antes da morte. Exaqui o que espero de vós, ó meu Deos, e exaqui o que vos peço.

Quanto seria digna de chorar a minha sorte, meu amavel, e meu Divino Salvador, se podesse ver-vos com hum coraçãõ frio, e duro, no estado tão digno de compaixãõ, a que vos
redu-

reduzio a vossa ternura para comigo!

Ah! o amor vos prende muito mais estreitamente do que as cordas, com que vos vejo atado, e este mesmo amor não me prenderá já-mais a vós? e serei sempre insensível ás manifestas, e claras provas do vosso amor? Serei sempre ingrato, sempre tibio no vosso serviço? Trocai este coração, ó meu doce Jesu! Nada vos custa o faze-lo: eu não porei já-mais obstaculo a isso; porque parece-me que faço desde agora sinceramente a irrevogavel protestaçaõ de ser daqui por diante todo vosso. Seria necessario ainda para augmentar os vossos tormentos, que fosse verdade que a minha obstinaçaõ, e a minha malicia em não querer aproveitar-me das pias reflexoens, que ao presente faço, tenhaõ sido hum dos objectos da vossa tristeza, e do vosso abatimento no Horto?

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Março.

Do que padeceu Jesu Christo em Jerusaleem.

I. PONTO.

O que padeceu Jesu Christo em Jerusaleem.

Considera, como os Soldados, e todos os que forão enviados pelos Judeos, tendo preso a Jesu no monte Olivete, o ataraõ com duras cordas; e tratando-o com a maior ignominia, o conduziraõ para Jerusaleem, com lanternas, e fochas

chas acezas, e com hum tumulto tal, que dava a conhecer a todo o mundo, que levavaõ algum famoso ladraõ.

Quaes seriaõ os affectos de desprezo, e de indignaçã de todo este povo, quando viraõ que era Jesu aquelle grande Profeta, que havia tres dias tinhaõ recebido na mesma Cidade como o Messias, e que agora acabava de ser prezo como hum embusteiro por ordem do Magistrado? A sua veneraçã se mudou de pressa em desprezo, e em odio: mas quaes foraõ, e quaes deviaõ ser os affectos interiores de Jesu Christo?

Neste tempo aquelles, que levavaõ o Filho de Deos atado, e prezo como hum ladraõ, lançavaõ grandes gritos de alegria, e se applaudiaõ a si mesmos do que tinhaõ feito.

Levaraõ-o logo á presença de Annás, que tinha naquelle anno o cargo de Pontifice. Elle ficou sumamente gostoso de que tivessem prezo aquelle, a quem mortalmente aborrecia. Como sabia que este espectaculo daria gosto a Caifaz seu genro, enviou-lhe a Jesu assim mesmo como estava atado, para o examinar, e para o condemnar.

Caifaz sabendo que elle vinha, ajuntou consigo os Sacerdotes, os Escribas, e os Ancioens, que todos ardiaõ, e se consumiaõ no desejo de o ver a seus pés, e de poder exercitar nelle a sua cólera, e a sua vingança.

Pedro, envergonhado por ter desamparado o seu bom Mestre taõ cobardemente, esperava-o no caminho para o ver ainda ao menos huma vez antes de morrer. O medo o tinha feito fugir; mas o amor o fez voltar. Vê a seu Divino Salvador, que he conduzido vergonhosamente de casa de Annás para a de Caifaz; move-se, penetra-se todo com esta vista.

Vendo então hum dos Discipulos de Jesu, que mais animoso que os outros seguia de perto ao seu Divino Mestre, tomou animo, e se resolveu a o não deixar totalmente mais: mas não podendo vencer inteiramente o seu temor, só o seguia de longe, e não se atrevia a ajuntar-se com o Discipulo, que hia perto de Jesu.

Meu Deos! que funestas consequencias traz consigo qualquer reserva em materia de piedade! e como he certo que o temor de passar por Discipulo de Jesu Christo, ou mais cedo, ou mais tarde faz apostatas.

Pedro, que só seguia a Jesu de longe, estava com impaciencia de saber em que pararia todo aquelle tumulto: adiantou-se até o meio do lugar, em que os Officiaes, e todos os criados de casa se aquentavaõ: foi-se aquentar na sua companhia; e esta má companhia foi a causa da sua desgraça.

Neste tempo o Pontifice, que queria cobrir o seu má designio com boas apparencias, fez vir a Jesu á sua presença, e lhe perguntou por seus Discipulos, e por sua Doutrina. Jesu lhe respondeu: Que estava admirado de que elle mesmo lhe perguntasse pela sua doutrina; que sempre havia ensinado nos lugares mais publicos; que tinha sempre prégado a vista de todos, e que jámais tinha ensinado cousa alguma escondidamente; que se quizesse instruir-se perfeitamente da sua doutrina, não tinha mais que tomar o trabalho de a perguntar a todos os que a tinhaõ ouvido.

Huma resposta tão sábia, e tão modesta, merecia hum applauso universal; ella com tudo lhe grangeou huma violenta, e ignominiosa bofetada, dada por hum Official de Justiça. Huma tal afronta era tratar como vil escravo o Rei dos Reis.

Reis; e todavia hum tratamento taõ injusto, e taõ injurioso foi taõ approvado, que se applaudo em toda a falla com grandes clamores contra o Salvador do mundo.

Este foi hum dos mais sensiveis ultrajes, que fizeram a Jesu Christo; de forte que este Divino Salvador, todo ancioso de padecer, não pôde com tudo nesta occasião dissimular o seu sentimento. Respondeu-lhe, mas com huma doçura, e huma modestia toda Divina: Se eu fallei mal, mostrame em que: mas se disse bem, para que me feres desta sorte.

Buscaõ de todas as partes alguma falsa testemunha contra Jesu para terem ao menos hum pretexto de o matarem. Porém por mais que fizessem para dar alguma cõr á sua calumnia, todas as falsas testemunhas, que apresentaraõ, se contradiziaõ taõ visivelmente, que o Salvador não se dignou responder huma só palavra para se justificar; e nunca puderaõ achar cousa alguma, que podesse dar a menor apparencia de verdade á calumnia.

Entaõ o Summo Sacerdote advertio em lhe perguntar hum ponto delicadissimo, e no qual julgou, que certamente não podia dispensar-se de lhe responder. Eu vos conjuro por Deos vivo, lhe diz elle, que nos digais se sois o Messias, o unico Filho de Deos. Sim, respondeu Jesu sem duvidar, eu sou o que vós dizeis: e tomando hum ar, e huma voz de Senhor, diz, Sabei, que algum dia vereis ao Filho do homem descer do Ceo, trazido sobre as nuvens, resplandecendo em gloria, e revestido de huma Magestade só propria daquelle, que está sentado á mão direita de Deos todo poderoso, e será entaõ o Juiz destes mesmos, que o não querem agora ter por seu Salvador.

Este

Este Oraculo , que deveria converte-los , irritou mais a sua colera , e o seu odio. Para que necessitamos mais destas testemunhas ? clamaõ elles : vós mesmos acabais de ouvir , que elle se faz o filho unigenito do nosso Deos : que vos parece ? Responderaõ todos por huma voz , que Jesu merecia a morte.

Exaqui pois o Santo dos Santos , a innocencia mesma , o Creador do Universo , e o Salvador de todos os homens , condemnado á morte pela mais enorme , e injusta sentença , pelo mais impio Tribunal , e contra todo o direito , e justiça.

Ah Senhor ! gritamos a qualquer injustiça , ou á menor injuria , que nos fazem : e o Filho de Deos naõ diz palavra , vendo-se condemnado á morte pelos impios !

Determinada a sua morte , todos se retiraõ , e entregaõ o Salvador por todo o resto da noite á crueldade dos soldados , e á insolencia dos criados , que naõ sómente zombáraõ d'elle , mas , olhando-o como huma victima destinada já á morte , o tratáraõ cruelissimamente.

Huns lhe cospem no rosto , outros lhe daõ pontapés ; estes lhe cobrem os olhos , e por zombaria a mais impia , e a mais afrontosa , que jámais houve , Falso Messias , lhe dizem dando-lhe bofetadas , advinha quem te deu. Os Officiaes incitaõ os soldados a maltrata-lo , dando-lhe elles mesmos com bengalas. Em fim estaõ todos como apostados , a quem lhe há de dizer mais injurias , e quem lhe há de dar mais golpes.

Oh Sabedoria eterna ! oh formosura infinita ! diante de quem todos os poderes do Ceo , da terra , e dos infernos devem dobrar os joelhos ; exaqui estais feito objecto da insolencia de huma multidãõ de malvados , e o ludibrio de tantos impios. Concebamos , se he possivel , as injurias , e as ignomi-

nomias com que Jesu foi maltratado, e o que soffreria este Divino Cordeiro o resto da noite no meio destas bestas ferozes.

Mas o que affligio mais o Salvador, foi a cahida do seu Apostolo. Pedro, que até entã só se tinha declarado ametade por discipulo de Jesu Christo, naõ esteve muito tempo sem o negar totalmente, até affirmar com juramento, que naõ conhecia aquelle homem. Que sensivel seria esta infidelidade a hum coraçãõ taõ terno como o de Jesu Christo?

Affim que vinha amanhecendo o dia, os inimigos do Salvador, de que estava composto o Conselho dos Judeos, tendo-se ajuntado, depois de muitas deliberaçoens, querendo ainda fazer a Jesu mais odioso a todo o povo, determinãõ faze-lo julgar ainda, e condemnar á morte por Poncio Pilatos, que governava na Judêa pelos Romanos. A este Tribunal conduzem o Salvador com as maõs atadas, como hum malvado, pelo meio de Jerusalem, e pelas ruas cheias de gente.

Que espectáculo! Jesu com a cabeça descoberta, o rosto amortecido das bofetadas, as maõs atadas, pelo meio de huma multidãõ de povo, que o enche de mil blasfemias, e de todo o genero de injurias, conduzido ao Governador para receber a sua ultima sentença, por sollicitaçãõ dos Sacerdotes, e dos Ancioens, diante de hum Juiz estranho, que só conhecia dos crimes mais enormes. Pezai bem todas estas circumstancias. Quando, meu Divino Salvador, sararãõ os vossos opprobrios a minha soberba, e servirãõ de freio á minha ambiçãõ? Bem justo seria, que elles me fizessem menos delicado em pontos de honra, e mais humilde.

O Juiz Gentio descobrio brevemente a verdadeira causa do odio dos Judeos contra o Salvador,

vador, e da injustiça, que lhe faziaõ. Não tendo a calúnia podido faze-lo julgar criminoso em materia de Religiaõ, querem os Judeos neste Tribunal faze-lo passar por criminoso em causa de estado: mas as suas accusações todas se desvanecem: Pilatos reconhece, e declara publicamente a sua innocencia, e o envia a Herodes Tetrarca de Galilea, para não estar obrigado a julga-lo, e grangear hum amigo, á custa do Innocente.

Havia muito tempo, que Herodes desejava ver a Jesu, porém por hum motivo de curiosidade: assim o Salvador não se dignou responder huma só palavra a todas as suas vãs perguntas: tudo se terminou em zombarias, e afrontas; e aquelle, que merecia ser honrado como a Sabedoria eterna, foi tratado como louco por Herodes, e os seus.

Este máo Príncipe o mandou vestir por escarneo com huma vestidura branca: e assim vestido como Rey de theatro, o tornou a enviar a Pilatos.

He possível, Senhor, que não haja algum Tribunal, algum Estado no mundo, em que não sejais maltrado? Aborrecido dos Ancieos, amaldiçoado pelo povo, desprezado dos Grandes!

Pilatos fica sempre cada vez mais convencido da innocencia do Salvador; faz disto mesmo huma declaração publica: mas a sua desgraçada politica, e o respeito humano fazem commetter a mais horrivel injustiça. Eu estou resolute, diz elle aos Judeos, a livrar este Innocente, depois de lhe ter dado huma severa reprehensão, e prohibir-lhe debaixo de penas graves ensinar novas doutrinas. Esta proposição irritou muito mais o furor do povo, a quem os Sacerdotes tinhaõ cuidado

Uado de inflamar em raiva contra o Salvador: Pilatos pareceu-lhe, que tinha achado outro expediente para o livrar.

Era côstumê propor ao povo na vespera da Pascoa dous presos, e dar liberdade, e a vida a quem elle escolhesse. Pilatos advertio em dar-lhe a escolher duas pessoas, sobre cuja preferencia não havia que deliberar. Hum era Jesu, o Santo dos Santos: o outro Barabbás, hum malvado, falteador, ladraõ famoso, cabeça de huma companhia de ladroens, o qual havia pouco tinha sido carregado de ferros, por ter morto hum homem. Exaqui o competidor de Jesu: mas a quem haõ de escolher? Como he o mundo o que há de fazer eleiçaõ, certamente ficará Jesu esquecido, e desprezado.

Com effeito, ainda o Governador não tinha nomeado Jesu, e Barabbás, quando todo o ajuntamento do povo se poem a clamar: Apartai, tirai de nós esse embusteiro, não livreis o falso Messias, dai vida a Barabbás.

Exaqui a justiça, que se faz á sua virtude: exaqui o caso, que se faz do Messias. Pilatos pasmado, e cheio de indignaçãõ com hum tal furor, que quereis pois, lhes diz, que faça de Jesu? Seja crucificado, clama esta plebe inolente, crucifica-o, trucidá-o.

Mas que mal fez elle, replicou o Governador, e para que hei de condemnar hum homem á morte, sem que tenha feito couza alguma, que a mereça!

Mas dobrando-se os clamores, e pedindo o povo á imitaçãõ dos principaes Sacerdotes a sua morte com mais instancia, julgou, que o meio de focegar a sua raiva, ou ao menos de a mitigar, era po-lo em hum estado, que mettesse compaixãõ ainda aos mais cruezis. Manda pois prender a Jesu, e

açouta-lo tão cruelissimamente, que elle mesmo vendo-o no estado, em que os algozes o tinham posto, se encheu de horror.

Tinha entregue este Divino Cordeiro ao furor dos soldados, e criados dos Judeos, a quem elle tinha dado a entender, que lhe dariao prazer em não poupar a este delicado corpo. O intento de Pilatos, pondo a Jesu Christo em hum estado, que mettesse compaixão aos mais inhumanos, era focergar a raiva destes furiosos, sempre com tudo cada vez mais alterados, e mais desejosos do seu sangue.

Ah Senhor, a que estado estais reduzido! e que não vos possa já salvar a vida, senão fazendo-vos soffrer dôres, e affrontas mais insuportaveis, que a mesma morte!

A impia, e cruel ordem do Governador, foi executada com furor, e com excessão. O corpo adoravel deste Divino Cordeiro, foi descarnado a golpes de açoutes, com tanta crueldade, que só por milagre Jesu conservou a vida.

O mesmo Pilatos ficou horrorisado com esta vista; fez cessar aquelle chuveiro de açoutes: porém o pouco descanço, que derao a Jesu, foi só para lhe fazer soffrer hum novo tormento, e novos opprobrios. Os soldados, para darem mais gosto aos Judeos, lhe puzerao por zombaria huma capa vermelha nos hombros, huma cana na mão, e sobre a cabeça huma coroa de agudissimos espinhos. E nesta lamentavel figura, pondo-se os impios diante d'elle com hum joelho em terra, o saudavao por zombaria com o nome de Rey dos Judeos; e levantando-se, lhe cospiao no rosto: depois arrancando-lhe a cana das mãos, lhe davao com ella grandes golpes na cabeça, para fazerem entrar mais dentro as pontas dos espinhos, e tirar deste modo o sangue, que os açoutes tinhao poupado. Parece que todos disputavao entre si a quem o havia de atormentar mais.

Certa-

Certamente pareceu tão mudado, e tão desfigurado, que Pilatos não duvidou, que com a sua vista ainda os mais insensíveis se moverião. Sakhio ainda outra vez da sua falla: e mandando pôr adiante o Filho de Deos neste lastimoso estado, exaqui tendes, lhes diz elle, o homem que vós me entregastes para o mandar matar; julgai vós mesmos se poderá ainda viver muito tempo; exaqui vo lo apresento, podereis ainda conhece-lo? Ainda temereis daqui por diante, que elle se faça o vosso Rey, e julgareis, que está em estado de ensinar mais novas doutrinas na vossa cidade? Deixai-o acabar com dôres, e no seu desfalecimento, o miseravel resto da vida, que ainda lhe fica.

Hum espectáculo tão triste irritou mais affim o povo, como os Sacerdotes. Estavaõ tão longe de se enternecer, que se ouviu bradar de todas as partes: Morra, seja crucificado, expire, morra com o ultimo castigo. Por mais que o Governador lhes representou a sua crueldade, a sua injustiça, elles o ameaçaraõ com a indignaçã do Imperador, se o não condemnava á morte.

Entãõ Pilatos cedendo á injustiça destes furiosos, que clamavaõ, que a vingança de seu sangue cahisse sobre elles, e seus filhos: depois de ter protestado, que o fazia constragido, condemnou o Salvador á morte, e deu a liberdade ao mais malvado homem Barabbás.

Exaqui está pois Jesu Christo condemnado á morte: estaõ todos contentes, todos triunfaõ.

Oh Divino Salvador! será possivel, que tantos tormentos, tantas ignominias, tanto sangue espalhado para minha salvaçã, sirvaõ só para condemnar-me? E se não viver de outra sorte do que vivo, que posso racionalmente esperar? Não o permittais, Senhor: eu vos custei muito, não me deixeis agora assim perder. Minha salvaçã he o

preço do vosso sangue; fazei, que ella seja humo alivio das vossas penas: eu estou bem resolutto a lhe não pôr já obstaculo; e espero, que me haveis de dar a graça de vencer os que lhe tinha posto.

II. PONTO.

*Reflexoens sobre o que Jesu Christo soffreu em Jerusa-
salem.*

C Onfidéra se estás muito movido do que acabas de ler, e se estás ainda pouco penetrado, examina se he verdade, ou ainda se he possivel o que crês.

Nós nos enterneceriamos todos, lendo huma semelhante historia, ainda quando soubessemos, que o que lessemos era huma fabula. Estamos bem certos da verdade desta historia: este tecido de injustiças, de opprobrios, de tormentos, e de crueldades he bem certo: a Pessoa adoravel, que soffré tantas crueldades, nos he bem claramente conhecida: e ainda havemos de estar indifferentes a respeito de hum objecto, que nos deve penetrar de huma verdadeira ternura? Sabemos, que he só por nosso amor, que este amavel Senhor padece, e nós o vemos padecer com o coração duro!

He possivel, que naquella prodigiosa multidão de povos, que então se achava em Jerusa-lem, não se achasse huma só pessoa assaz caritativa, e assaz agradecida, que tomasse o partido deste homem Deos? Havia entre elles muitos, que tinhão recebido de Jesu grandes beneficios; quasi todos tinhão sido testemunhas, e objecto de seus milagres; e não há hum só, que diga huma palavra em seu favor! Faz perder o juizo huma tão enorme, e tão feia ingratitude, e excita huma bem justa raiva contra aquelle Povo.

Ah

Ah Senhor ! e quanto mais nos devemos admirar, vendo a insensibilidade, que os Christãos tem com a lembrança dos tormentos do seu Salvador. Os Judeos vos desprezaráo, e maltrataráo tanto, não querendo conhecer-vos: poréna nós vos conhecemos, meu Divino Senhor: e estamos por ventura todos penetrados, e movidos, vendo tão indignos tratamentos? Quantas vezes temos visto a Jesu Christo ultrajado, e maltratado, sem tomarmos o valor de defender, e zelar a sua honra?

E poderemos comprehender a grandeza, e amargura de seus opprobrios, e de suas penas?

Que effeito, e que impressão deveria produzir no animo daquelle immenso povo, hum espectáculo tão estranho, quando ás duas horas da noute, sem estarem preparados para verem huma scena tão tragica, advertidos, e acordados sómente pelo estrondo confuso de huma tropa de homens armados, divisaõ á luz de alguns archotes a Jesu Christo atado, e amarrado como hum criminoso, arrastado desapiadadamente pelas ruas daquella grande Cidade: que ignominia, que opprobrio! Lembrei-me eu jámais do Deos, que adoro, e do Senhor, a quem sirvo, quando sou tão delicado em pontos de honra, quando sinto em mim huma viva ambiçã, quando estou cheio de odio contra aquelles, que me desprezã? Em quantas assemblêas mundanas se renova hoje o desprezo, que se fez de Jesu Christo, e da sua Doutrina em Jerusaleem? Murmura-se impia, e escandalosamente das cousas mais santas, sem que algum se atreva a tomar o partido da Religiaõ, e honrar a Jesu Christo. Há acaso no mundo muita sujeiçã, e respeito á palavra de Jesu Christo? Ah! com que desprezo saõ as suas maximas tratadas nelle! E até o mesmo Jesu Christo em seus

Templos não está livre dos insultos, e da infelicia desses homens licenciosos.

Tem os homens vergonha de serem tidos por Discipulos de Jesu Christo, fogem da qualidade de homem devoto, e religioso, com tanto ardor, como S. Pedro fugio, e se envergonhou de ser Discipulo de Jesu Christo, o Salvador dos homens. Hum criado insolente, e impio, descarrega huma grande bofetada em Jesu Christo, e toda a assemblêa se poem a rir: succede, que hum homem dissoluto, e de vida licenciosa faz em huma conversaçã mundana huma impia murmuraçã da virtude, faz hum insulto a Jesu Christo, fórma discursos injuriosos á Religiaõ, e ao Evangelho, e todos se poem a rir, e chamaõ a isto divertir a sociedade, todos o applaudem.

Quando o Filho de Deos não tivesse soffrido pela salvaçã dos homens mais, que huma só bofetada, que motivo era de pasmo, e de admiraçã, para quem conhece a dignidade, e todas as qualidades amabilissimas de sua pessoa! E que deve sentir no fundo de sua alma hum Christãõ, que considera o que Jesu Christo merece, e tudo o que Jesu Christo padeceu?

Quando hum homem no meio de seus trabalhos se vê honrado, he isto para elle ao menos huma especie de alivio em os seus males: mas a maior afflicçã, que póde haver, he quando os maiores trabalhos saõ acompanhados de injurias, de desprezo, e ainda de maiores ultrajes. Exaqui o que succede ao meu Divino Salvador. *Novissimum virorum, virum dolorum*: he o homem de dôres: elle as soffre todas, e no meio dessas mesmas dôres, he tratado como o infimo, e o mais desprezivel de todos os homens. E porque não nos lembramos deste ponto da nossa fé, em tantas occasioens, em que a nossa soberba nos faz obrar taõ pouco Christãmente? Que

Que dominio não tem a inveja sobre os corações, que ella tem inficionado com o seu veneno? As mesmas almas, na apparencia mais santas, não estão mais izentas della, que as outras. O Filho de Deos teria sido menos exposto á perseguição dos Sacerdotes, e a todas as palavras calumniosas dos Escribas, se tivesse feito menos prodigios: a virtude estará sempre como hum alvo á inveja. As pessoas virtuosas devem esperar, ao exemplo de Jesu Christo, serem perseguidas por mil modos: mas ay daquelles que exercitão a sua paciencia!

Pilatos conheceu a innocencia de Jesu Christo, quiz salva-lo, e com tudo o condemnou á morte. O meu Deos, que distancia há entre o conhecer-vos, e o amar-vos! Todo o mundo Christão vos conhece: e há nelle muitas pessoas, que vos amem? Pilatos queria salvar a Jesu Christo, cuja innocencia elle bem conhecia; mas não queria desagradar aos Judeos, cujo furor, e ameaças temia. Desgraçada politica, cega prudencia dos homens, pela qual se sacrifica a Religião á ambição, e ao interesse!

E que bem claramente se deixa ver a paciencia de Jesu no meio de tantas crueldades! Acha-se na sua Paixão em circumstancias, em que he mais difficultoso o calar-se. Fazem-lhe injurias tão manifestas; formão contra elle tão enormes, e tão falsas accusações; fazem-lhe soffrer afrontas tão brutaes, e tão deshumanas, que he bem para admirar, que as podesse soffrer sem dizer palavra. Que excellentes pretextos, ao que parece, não tinha elle de confundir a malicia de seus inimigos com suas palavras? Devia procurar a gloria de seu Pai, sustter a santidade de sua Doutrina, e evitar o escandalo: instaõ-no, fazem-lhe mil perguntas, e Jesu não diz palavra. Oh que grandes cousas nos diz este silencio, e que bellas lições nos dá!

Meu

Meu Deus! que efficaz remedio deve ser contra os impetos das nossas paixões, e contra os nossos affectos de vingança, e de colera, a paciencia de Jesu padecendo, a doçura inalteravel de seu rosto entre todas as crueldades, a tranquillidade de seu coração, a sua ternura no meio de tantas indignidades, e ultrajes, para com seus inimigos!

Que espectáculo! Jesu Christo arrastado pelas ruas com as mãos atadas, como hum criminoso: Jesu Christo coberto de salivas, deshonorado com huma bofetada, carregado de açoites, e entregue á insolencia dos moços, e dos soldados, que por toda a noute zombarão, e escarnecerão d'elle: Jesu Christo desprezado em todos os tribunaes, Jesu Christo atado a huma columna, e deshumanamente descarnado a grandes golpes de açoites, como o mais vil dos homens! Amor proprio, delicadeza humana, não acharás aqui de que te confundir? Póde subsistir ainda á vista deste objecto a nossa sensualidade, a nossa froxidão?

Ah Senhor! ella atéqui tem subsistido: mas que será, se ainda viver em mim depois das reflexões, que acabo de fazer sobre os vossos tormentos? Tenho dous grandes objectos diante dos olhos: os tormentos de Jesu, e a insensibilidade dos Judeos, que o fizeram padecer tanto: e será possível, Senhor, que estes sejaõ o meu modelo, e que seja eu tão insensível como elles?

Oh amavel Jesu, era necessario que padecesseis tanto para me persuadires, que me amais, e obrigar-me a amar-vos com ternura? Os vossos tormentos não puderaõ mover o coração dos vossos inimigos, poderão elles mover o meu? Comprehendo eu bem quanto vós me amais? E se o comprehendo, como vos amo tão pouco? Posso eu affirmar que vos amo? Ah Senhor! de que me serve este conhecimento do pouco amor, que vos

tenho, se o meu coração não se muda? Mas esta mudança he obra vossa: eu mesmo já sinto o effeito da vossa graça, e o fructo dos vossos tormentos. Vou já neste instante a pôr a mim mesmo huma lei de não perder jámais de vista a Jesu na sua Paixão, ou me seja necessaria paciencia nos males desta vida, ou força para me defender da guerra, que me fazem os gostos, e os prazeres.

Não, meu doce Jesu, não perderei jámais de vista essa preciosa columna, a que estais atado; terei continuamente diante dos olhos esta innocente Victima deitada por terra, e banhada no seu sangue. Eu descobrirei em seus olhos meios fechados, e quasi extinctos, sobre os seus labios, e sobre o seu rosto pallido, e amortecido, alguns vestigios daquella eterna formosura, que faz a felicidade dos Bemaventurados na habitação da Gloria; direi a mim mesmo continuamente: *Vulneratus est propter iniquitates nostras*. Sou eu, ó meu Deos, sou eu ainda mais, que os vossos algozes, a causa, e o principio dos vossos trabalhos; e sou eu o que de todos os peccadores vos tenho descarregado maiores açoutes, com as minhas feias ingraticidões, e tão grandes peccados.

Oh Jesu! oh doce nome do Salvador! oh objecto de tantos desejos! O Ceo vos concedeu ao desejo de tantos para que fosseis tratado com a maior infamia, e com a mais horrivel crueldade; e eu ainda hei de augmentar a amargura do vosso caliz! Não o permittais, meu amavel Redemptor. A minha conversão há de ser hoje o preço de vossos trabalhos, e o fructo de todas estas reflexões.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Março.

Da morte de nosso Senhor Jesu Christo.

I. PONTO.

O que se passou na morte de Jesu Christo.

Confidera, que tendo sido condemnado á morte o Salvador do mundo para satisfazer, e faltar o ardor infaciavel, que os Judeos tinhaõ de lhe arrancar a vida, foi entregue esta innocente Victima á sua raiva, e ao seu furor.

Estando aqoutado taõ cruelmente, que todo seu corpo era huma só chaga, ainda naõ he isto bastante para contentar a este mesmo Senhor; de fórte, que o desejo de padecer, e o seu amor para nós, he ainda mais infaciavel, que o odio dos Judeos.

Vede com que raiva aquelles furiosos se lançaõ sobre o Divino Cordeiro. Despem no: o sangue tinha pegado a seu corpo a vestidura vermelha, com que o tinhaõ vestido por escarneo: tiraõ com violencia estas vestiduras, e com ellas arrancaõ a sua carne a pedaços: daõ lhe outra vez os seus vestidos, e lhe poem em seus hombros huma pesada cruz, com cujo peso cahe por terra.

Bem se vê, que tudo he extraordinario na Paixaõ de Jesu Christo: que homens se atreviaõ jámais a pôr huma carga taõ pesada a hum homem desfalecido com tantos tormentos, que cada hum delles por si só bastava para lhe tirar a vida? Porém, por mais fraco, por mais desfalecido,

lecido, que esteja o Salvador, quer elle mesmo levar a sua Cruz, para nos pôr diante dos olhos a indispensavel necessidade, que todos temos de levar a nossa; e não era só a sua, que elle levava, mas com ella levava tambem as nossas todas.

Sahê Jesu de Jerusalem com esta pesada carga sobre seus hombros; as suas dôres eraõ excessivas, e sua fraqueza extrema; fraqueza, ajoelha a cada passo; he necessario hum novo milagre para não expirar debaixo deste peso. Teriaõ compaixão de qualquer desgraçado, que vissem neste estado; mas para Jesu Christo nenhuma compaixão há: só tem para com elle dureza, e crueldade; quanto mais o vem padecer, mais obstinados estaõ em lhe procurar novos tormentos.

Perdoai-me, Senhor, expressoens tão baixas, e reflexoens tão indignas da Magestade de vossa Divina Pessoa; mas no estado, em que estais, não há creatura tão vil, e tão baixa, que não pareça menos desprezada, menos mal tratada do que vós.

O temor, que tiveraõ os Judeos, que Jesu Christo expirasse debaixo da pesada carga, e assim ficassem privados do maligno prazer, que queriaõ ter vendo-o expirar com infamia pendente na Cruz, obrigou a estes furiosos a alugar hum homem chamado Simão, para que levasse por alguns passos a sua Cruz com elle. Feliz homem por ter podido aliviar por alguns momentos aquelle, que voluntariamente se tinha carregado de todos os peccados dos homens! Ah Senhor! quando cessarei ao menos eu de augmentar as vossas penas com peccados novos? Quando me applicarei todo a aliviar-vos, para o dizer assim, levando ao vosso exemplo a minha cruz com paciencia?

O Filho de Deos hia chegando ao lugar do supplicio, chamado Calvario, quando divisou no meio daquella innumeravel multidaõ de povo, que
alli

alli tinha concorrido , algumas santas mulheres , que mostravaõ pelas suas lagrimas , e pelos seus suspiros , quanto sentiaõ os seus trabalhos.

O Salvador não pôde ve-las sem se enternecer: tanto sabe elle destinguir das turbas os seus fieis servos. Voltou-se pois para ellas , e lhes disse : Filhas de Jerusaleem , não vos afflijais com meus trabalhos , eu os soffro muito de boa vontade : o que me afflige cruelmente , e o que deveis chorar são os vossos proprios peccados , e dos vossos filhos , porque estes serã a fonte , e o principio de todas as vossas desgraças : porque se eu , que sou a mesma innocencia , padeço tormentos tão asperos , e tão terribes , por ter voluntariamente tomado sobre mim o peso dos vossos peccados , que devem esperar os peccadores , e qual será o rigor da Justiça de meu Pai para com elles ?

O Salvador estava tão pouco sensivel aos seus proprios males , e tão occupado dos nossos , que dizia isto caminhando para o lugar do supplicio. Chega em fim ao lugar destinado para servir de altar ao mais santo de todos os Sacrificios : no maior das suas dôres daõ-lhe hum pouco de vinho misturado de vinagre , e de mirra. Quiz gostar esta amargura , não recusando cousa alguma , que podesse atormenta-lo : mas vendo , que esta bebida , fazendo-lhe adormecer os sentidos , diminuiria as suas dôres , como tinha resolutio beber até a ultima gota o caliz da sua Paixão , quiz recusar a si tudo , o que podia mitigar os seus tormentos.

A's nove horas da manhã despem o Salvador segunda vez , e tirandolhe com violencia os seus vestidos , abrem de novo todas as suas Chagas. Quantas mortes em huma só , meu doce Jesu ? Quando veremos o fim dos vossos tormentos ? Mas quando vereis vós o fim dos meus peccados ?

cados, que vos fazem padecer tanto?

Mandando-lhe os algozes que se extendesse sobre a Cruz, elle obedece: e por hum excesso de crueldade desconhecido até então ainda aos mais crueis tyrannos, traspassão seus pés e suas mãos com grossos cravos, que fazem entrar na Cruz, em que estava estendido, a grandes golpes de martelo.

Só a idéa deste terrivel tormento horrorisa, e faz tremer. Basta picar hum nervo para causar nelle horriveis convulsoens: e que vivissimas dôres não sentiria este Senhor, quando com duros cravos traspassaraõ, e despedaçaraõ seus pés, e suas mãos, que quasi não são mais que hum tecido de nervos, de musculos, veias, e artérias? Consideremos, e concebamos em o nosso espirito, se he possivel, o que Jesu Christo padeceu neste passo.

Mas que tormento, ó meu Deos! que excesso de dôr, quando levantando a Cruz, a deixaõ cahir em huma cova! Que penoso aballo para aquelle corpo! o qual inclinando-se para a terra com o seu mesmo peso, fica com tudo pendurado em tres cravos!

Oh! e como he verdade, que morrer sobre a Cruz, he morrer tantas vezes, quantos são os momentos, que nella se vive! Exaqui o vosso genero de morte, ó meu doce Jesu!

Triste estado he este, em que Jesu Christo passa tres horas, tendo aos seus lados dons ladroens crucificados como elle. Neste estado condemnava Jesu Christo, e ao mesmo tempo expiava a perguica, e a delicadeza dos homens. E continuarei eu ainda a busca-la, e a deleitar-me nella?

Mas ao menos teria compaixão delle neste passo aquella multidão de gente, que tinha con-

corrido a este espectáculo? De nenhuma forte. Apenas Jesu Christo he levantado na Cruz á vista de todo o povo, logo he injuriado, e carregado de todas as partes de mil maldiçoens. Se tu es o Filho de Deos, lhe diziaõ alguns, desce agora da Cruz, e faze-nos alguns milagres.

Não poupaõ algum genero de maldiçoens, e de blasfemias. Dizem elles movendo a cabeça: Ah infeliz! que te gavaſte, que destruirias o Templo de Deos, e que o tornarias a edificar em tres dias; salva-te agora a ti mesmo, se pôdes, e prova-nos com isso que es o Messias.

No meio de huma perseguiçãõ taõ pertinaz, e taõ cruel, Jesu Christo não disse palavra, nem deu algum signal de impaciencia, nem de inquietaçãõ; mas tendo os olhos, e a cabeça baixa, soffre tudo com huma modestia inalteravel, e huma profunda humildade. Reserva para os seus martyres o rosto rizonho, e agradavel, que parecerá insultar os tyrannos, e os tormentos; e era esta huma cousa mui gloriosa, e de muito lustre para que a quizesse Jesu aniquilado. Os seus sentimentos pendente na Cruz, saõ os de hum homem humilhado, penitente, carregado dos peccados de todos os homens. Oh maravilhosa disposiçãõ de Jesu, que deve confundir bem as nossas impaciencias, e a nossa soberba! Quando será a paciencia, e a humildade de Jesu entre seus tormentos, o modelo e a imagem da nossa?

Nesta terrivel extremidade, em quanto o povo estava parado a ve-lo, e os passageiros lhe diziaõ mil injurias, Jesu fazendo o ultimo esforço para levantar os olhos ao Ceo: Meu Pai, clama elle, perdoai-lhes, eu vo-lo peço, porque elles não sabem o que fazem. Homens vingativos, recusais ainda depois disto perdoar as injurias, que vos fazem, e dizeis ao mesmo tempo que sois Discipulos de Jesu Christo? Hu-

Huma paciência taõ maravilhosa, huma dôçura taõ extraordinaria moveu, e penetrou todo a hum dos ladroens, que com elle estavaõ crucificados: reconheceu o Salvador pelo Messias, e aproveitando-se da graça do Redemptor, estando todo penetrado de hum vivo arrependimento dos seus peccados, pede-lhe que tenha delle misericordia, e que o receba no Ceo.

Jesu, que via a mudança, que tinha obrado a sua graça nesta alma penitente, lhe respondeu conforme aos seus desejos; e ao mesmo tempo, que o outro ladraõ expirava impenitente, este morte predestinado.

Ah Senhor! no dia das vossas grandes misericordias, naquelle mesmo instante, em que morreis pela expiação de todos os peccadores, estando no meio de dous ladroens, que tinhaõ demorado até entãõ o converter-se, condemna-se hum! Oh meu Deos! quem poderá differir até a morte a sua penitencia, e esperar morrer penitente?

Apenas o Filho de Deos tinha acabado de responder a este feliz moribundo, quando vio ao pé da Cruz sua Mãi, derramando muitas lagrimas, opprimida com a mais viva dôr, foi muito sensivelmente movido, e todo penetrado com esta vista; e não foi esta a menor de suas afflicções interiores.

Esta Senhora tinha huma grande parte neste sacrificio; ella amava ao seu Filho com muita ternura: e como poderia delampara-lo em taõ grande extremidade? Esta Mãi toda desconfolada, tinha ao pé de si Maria filha de Cleophas sua parenta, e a Santa amante de Jesu Maria Magdalena: o Discipulo, que Jesu amava taõ ternamente, e que amava tambem ardentissimamente a Jesu, tambem alli estava. Entãõ o Salvador
do

do mundo, virando-se para sua Mãe, a quem só chamou com o nome de Mulher, por medo de que o nome de Mãe agravasse mais a sua dor: Mulher, disse elle, exahi o vosso filho: (mostrava-lhe a S. Joã, assim com a lingua, como com os olhos, que erã as unicas partes do seu corpo, das quaes lhe não poderaõ impedir o uso) exaqui quem substituo em meu lugar, para vos fazer daqui por diante todos os officios de hum bom filho. E lançando depois os olhos para o Discipulo: Exahi vossa Mãe (lhe diz elle, mostrando-lhe a Senhora) honrai-a, tende cuidado della depois de minha morte, e servi-a como a vossa Mãe.

Ao meio dia, o Sol de repente se obscureceu, e este milagroso eclipse cobrio toda a terra de espessas trevas, como se todo o Universo, sentindo a morte de seu Creador, quizesse vestir-se de luto. As trevas duraraõ até ás tres horas da tarde, para fazer assim sentir a todos os homens, que a natureza não tinha parte neste successo, e que só succedia isto para annunciar, digamo lo assim, a toda a terra a morte do Creador.

Em fim o Filho de Deos, para nos dar a ultima prova do seu amor pelo excesso de seus tormentos, quiz privar-se até o ultimo momento de toda a consolação, que elle podia alcançar de seu Pai. Para nos fazer comprehender o lamentavel estado, a que queria ser reduzido até o ultimo momento, e para que entendessemos bem, que queria beber o caliz sem consolação, sem doçura alguma, e com toda a sua amargura, clamou com hum tom cheio de ternura: Meu Deos, meu Deos, como pudestes deixar a vosso Filho em tão grandes tormentos, sem a menor consolação, como se o tivesseis desamparado? Vós quizestes todo o meu sangue para a redempção dos

dos homens, recebei ainda estas ultimas gotas, que correm destas Chagas, as quaes saõ outras tantas bocas, que vos estaõ pedindo misericordia para todo o genero humano.

Neste mesmo tempo, querendo completar, até a menor circumstancia, tudo o que d'elle estava prophetizado nas Escripturas, disse: Eu tenho fede. Palavras, que mais significão o seu ardente desejo da nossa felicidade, do que alguma alteraçãõ da natureza. A estas palavras, hum dos algozes enõpa em hum vaso cheio de vinagre humã esponja, e a poem na ponta de humã cana, e a chega á boca adoravel de Jesu, dizendo por escarneo: Vejamos agora se Elias virá tira-lo da Cruz. As dôres, e os opprobrios acompanhãõ a Jesu até o ultimo suspiro.

O Salvador, que quèria morrer cheio de desprezo, e cheio de amargura, em satisfaçãõ das nossas vaidades, e das nossas delicias peccaminosas, naõ recusou tomar esta bebida, ainda que mui amargosa: e logo depois, vendo que já estavaõ executadas as determinaçoens do Ceo, a Justiça Divina plenamente satisfeita, os Oraculos dos Profetas verificados, a obra da Redempçaõ do mundo completa, pagas todas as dividas dos homens, e o seu amor excessivo para com estes mesmos homens satisfeito, disse com huma voz submissa: Está tudo consumado. E ao mesmo tempo inclinando a sua cabeça para assim consummar o seu Sacrificio, poz como em depozi-to a sua Alma entre as maõs de seu Pai, dizendo: Meu Pai, eu entrego a minha Alma nas vossas maõs. E no mesmo momento expirou.

Oh meu doce Jesu! e que naõ possa eu aqui morrer de amor por vós, ou ao menos de arrependimento, e de dôr de meus peccados, que vos custaraõ a vida!

Sentio-se entã hum tremor de terra univêrsal ; o véo , que separava as duas partes do Templo , se rasgou pelo meio ; os rochedos se abriãõ ; até se viraõ abrir as sepulturas ; e o que ainda he mais maravilhoso effeito da morte do Salvador , os coraçõens mais endurecidos se deixaraõ mover , e se abrandaraõ ; os Judeos se retiraraõ dando mostras de dôr , e de arrependimento ; e o Centuriaõ , e os seus bradaraõ dizendo : Este homem era verdadeiramente o Filho de Deos : *Vere Filius Dei erat iste.*

Ah Senhor ! que caro vos custei eu ! Por quam grande preço remistes a minha alma , oh meu doce Jesu ! E poderei eu ver-vos pendente nessa Cruz , e não misturar as minhas lagrimas com o vosso sangue ? Poderei lembrar-me que os meus peccados vos pregaraõ nella , e ter ainda dôr taõ pequena das minhas infidelidades ? Os coraçõens mais duros se abrandaraõ em fim com a vossa morte , e só o meu ficará insensivel ? Não , meu Divino Jesu , não : eu sinto em mim o effeito da vossa graça ; o meu coraçãõ já se rende a hum objecto taõ penetrante , e taõ terno : lembrai-vos que promettestes , que quando fosseis exaltado na Cruz , attrahirieis tudo a vós ; exaqui estou eu prompto para seguir-vos , completai em mim o vosso Oraculo : este coraçãõ já não vos rezistirá mais , já não farei aquelle ingrato , e aquelle rebelde. Senhor , vós morrestes por mim : eu só quero viver para vós.

II. P O N T O.

*Reflexoens sobre o que se passou na morte de nosso
Senhor Jesu Christo.*

Considéra este homem de dores, farto de bps próbrios, descarnado a golpes de açoutes; como o mais infame ladrao; e como o mais vil escravo: este homem ultrajado, atormentado des-humanamente até á morte; e finalmente encravado sobre huma Cruz, onde expira. Considera que este homem he o nosso Deos; que elle se poz neste estado só por amor de nós; que elle estende as maos a todos os peccadores; que seus braços abertos querem abraçar todos os homens; e seu sangue, e sua morte saõ o preço da minha alma; e eu mesmo sou o objecto do seu ardente, e insaciavel amor.

Creio, e confesso que este homem crucificado he o meu Deos; e ainda vivo tranquillamente entre delicias? Lançando eu os olhos para esta Cruz, vejo até que excessõ me ama Jesu Christo; e posso eu ainda ama-lo tao pouco?

Vê a Jesu Christo pendente na Cruz; e considera quanto elle nos amou. Exaqui o que elle padeceu para nos obrigar a ama-lo por obrigação, e por hum respeitozo, e terno agradecimento: e por ventura conseguiu o que intentava?

Fallamos, e ouvimos fallar na Paixaõ de Jesu Christo; meditamos na sua morte com tanta insensibilidade, como se isto fora huma cousa fingida, ou ao menos, como se fora a paixao, e morte de hum homem desconhecido, na qual tivessemos tanta parte, como em outros muitos successos, succedidos nos primeiros seculos. Fizemos acazo já em algum tempo reflexoens serias nesta insensibilidade, e nesta indifferença, e mon-

truosa frouxidão? He esta huma cousa tão contraria ao nosso juizo, e á Religião; que dá bem materia, e bem causa para nos perguntarem se somos Christãos, e se somos racionaveis.

Ah! se o mais vil escravo soffresse por mim o menor tormento, se tivesse sido toda huma noute o ludibrio de hum montão de malvados, se fosse inhumanamente descarnado a grandes golpes de açoutes por amor de mim, cravado em huma cruz para me salvar a vida; poderia eu deixar de o amar, e de me mostrar agradecido para com elle, de lhe mostrar ao menos alguns signaes de compaixão? E se tivesse o seu retrato na minha presença, e o visse representado neste cruel supplicio expirando por amor de mim, ficaria eu totalmente insensivel, e poderia, ao menos quando o visse, deixar de dizer: Ah! este pobre infeliz me amava muito; e não seria tão infeliz, se me tivesse amado menos!

Pois só, ó meu Deos, as admiraveis mostras de amor, que vós tendes para comigo, não haão de mover o meu coração? Sou racionavel, prudente, sensivel, agradecido aos menores beneficios recebidos das creaturas: e a respeito do sangue de hum Deos, espalhado para expiar todos os meus peccados, a respeito da morte de hum Deos, a que estava unida minha salvação, ferei duro, insensivel, desagradecido?

Naão são estes bastantes serviços para nos obrigar a ama-lo? Naão he este hum grande beneficio? Ora vejamos se podemos achar algum beneficio mais essencial, de maior importancia, mais desinteressado, concedido por algum Senhor mais poderoso, e que tenha custado mais.

Na verdade podemos-nos ter por homens de juizo? E se assim he, que uzo fazemos nós delle? Ah! vejo com os olhos enxutos a imagem
de

de Jesu crucificado ! Não sinto algum movimento de ternura á vista deste objecto , nenhum affecto de agradecimento ; hum Crucifixo hoje he hum ornamento , e huma alfaia de huma camera ; admira-se nelle o trabalho , e louva-se a habilidade do Artifice , estima-se a riqueza do material : e exaqui todo o effeito , que produz hum Crucifixo diante dos olhos de hum Christão.

Oh meu Divino Salvador ! augmentai a justa indignação , que sinto contra mim mesmo , com a triste lembrança de huma taõ pertinaz , e obstinada insensibilidade. Vossos inimigos foraõ todos movidos , quando vos viraõ expirar sobre a Cruz : eu adoro-vos pendente nesta Cruz como meu Salvador , reconhecendo-vos nella por meu Pai , e com tudo ainda vos vejo nella cravado , com o coração duro , e insensivel !

Que espectáculo ! ver a Jesu Christo encurvar-se , e gemer debaixo da pezada Cruz , que leva em seus hombros ! Elle podia representar aos barbaros , que se o obrigassem a levar a Cruz , não teriaõ o gosto de o ver morrer com infamia , e que certamente acabaria debaixo daquelle peso : mas o prazer , que tem , de obedecer até á morte , lhe dá novas forças ; elle a toma em seus hombros , sem dizer palavra.

Meu Deos , e como confunde este exemplo a nossa cobardia , e condemna claramente as nossas izençoens , e as nossas escuzas ! Ha mil pretextos para nos izentarmos da lei ; o temor de huma imaginada difficuldade faz que nos dispensemos do preceito : sim , queremos ter a Jesu por Salvador , mas não gostamos de o ter por Mestre , ou ao menos , as suas liçoens saõ pouco ouvidas , e os seus exemplos menos seguidos.

Oh ! quem nos poderia descobrir quaes foraõ os movimentos de vosso coração , ó meu Divino

vino Salvador, quando viste a Cruz, objecto dos vossos mais ardentes, e mais vivos desejos? e quaes forão os vossos sentimentos quando vós mesmo levastes aquelle altar, em que haviéis de consummar o vosso Sacrificio? E que diferentes, Senhor, são os meus sentimentos dos vossos, á vista das afrontas, que mereço, e das cruces, que se me offerecem, de que eu fujo tão cobardemente!

Mas que multidão de dôres, de tristezas, de tormentos, de ignominias cerca a Jesu Christo expirando no Calvario! Despem-no antes de o extenderem na Cruz, para renovarem neste momento todos os tormentos da sua Paixão, renovando, e abrindo todas as suas Chagas. Este sagrado corpo tinha já perdido todo o seu sangue; mas tinha ainda todos os nervos: para os descarnarem por huma vez, abrem seus pés, e suas mãos com grossos cravos, e o encravaõ sobre esta cama de dôr. Conceivei toda a extensão destas dôres: comprehendei, se he possível, toda a crueldade deste terrivel supplicio!

Parece que elle quer soffrer a cada instante todas as dôres juntas. Huma Cruz levantada com frequentes empuxoens, hum corpo, que peza, e que está carregando sobre as suas Chagas, suspenso só por tres cravos, esta representação faz horror: e este he o estado, em que Jesu passa as ultimas três horas da sua vida.

Os opprobrios, e as injurias, que lhe fazem, igualão ao excessõ das dôres, que soffre: não morre, senão depois de estar farto dellas. Mas para que he, meu adoravel Salvador, para que he huma morte tão dolorosa, e tão infame? Vosso Pai não pede estes excessos: não he necessario tanto para remedio das miseraveis creaturas: isto he superabundante para confundir a minha soberba, pa-

ra reprimir o amor das delicias mundanas, para abrandar a dureza do coração mais barbaro, e faze-lo menos inimigo da Cruz, e dos trabalhos: mas por ventura he isto bastante para mover o meu coração? E não podemos dizer que os maiores males do Filho de Deos, expirando na Cruz, são os que se conhecem menos? A afflicção do coração de Jesu he hum Oceano de amarguras, onde se ajuntão todas as dôres ainda do corpo, no qual está o seu Divino coração como submergido: quando no meio de todos estes tormentos, no momento, em que estava para expirar, se lhe representa o pequeno numero dos escolhidos, que se hão de aproveitar da sua morte; e por outra parte vê ao mesmo tempo aquella multidão de reprobos, por quem elle tambem morre, e que com tudo hão de fazer para si esta sua morte inutil: aquelles o consolão, mas estes o affligem excessivamente.

Senhor, vos me tivestes naquella hora presente á vossa memoria, e ainda mais no vosso coração: seria então eu para vós hum objecto de consolação, ou hum novo motivo de tristeza? Eu o posso agora saber, a minha sincera conversação me pôde segurar do estado, em que então apparecia a vossos olhos. Certamente eu me consolarei por não ter sido confundido nessa multidão de ingratos, que vos causavaõ naquelle ultimo instante huma tão mortal tristeza: sei que vós detejastes, e quizestes ter todo este meu coração. Ah! vós peeis bem pouco, depois de ter feito tantas liberalidades; exaqui Senhor, eu vo-lo entrego toda sem reserva. Vós quereis hum coração contrito; eu confesso que elle não o está bastante; mas espero que assim como com a vossa morte se abrião as sepulturas, e os rochedos estalaraõ, não será o meu coração mais duro, que

as pedras; e ainda que elle já o fosse mais, vós o ferireis agora com este golpe.

O Salvador fez da sua Cruz huma cadeira: e só basta olharmos para elle neste lugar, para aprendermos as lições, que nos está dando.

Quer inspirar-nos horror á vida frouxa, e delicioza, tão opposta á vida Christã; as suas mesmas Chagas nos estão dando esta lição. E temos atéqui tirado muito proveito destas lições? Temos sido atéqui muito dóceis a ellas?

Quer-nos causar hum total desprezo das honras: quer que a humildade seja a virtude fundamental dos Christãos. Os opprobrios da sua Paixão, e as ignominias da sua morte nos estão dizendo isto mesmo; e entendemos nós esta linguagem? Comprehendemos acaso bem o verdadeiro sentido desta lição?

Elle quer ensinar nos a soffrer com paciencia as maiores adversidades; quer obrigar-nos a perder de boa vontade as mais atrozes injurias: está dando esta lição tão necessaria, e de tanta importancia, padecendo elle mesmo os mais terribes tormentos, sem dizer palavra, e pedindo a seu Pai ternissimamente que perdoe a sua morte aos seus inimigos: e estamos por ventura bem instruidos sobre esta verdade? E esta lição tão sabida, e tão clara, faz grande impressão no espirito, e no coração de todos aquelles, que se chamão Discipulos de Jesu Christo?

Finalmente este amavel Salvador quiz que ficassemos bem persuadidos que elle nos amava; soffreu tormentos com o maior excessão, morreu com infamia pendente em huma Cruz, para nos dar manifestas provas do seu amor: e que vos parece? Ainda não são bastantes para nos convencer? Certamente ellas convencerão inteiramente a mais de dezoito milhoens de Martyres, que der-

derramaraõ o seu sangue por elle, e a essa numerosa multidãõ de Santos de todos os estados, e de todo o sexo, que o amaraõ com fidelidade, e com ternura. E tem obrado em nos o mesmo effeito estas grandes provas do seu amor? Nõs estamos taõ obrigados a este Senhor, como aquelles Santos: e temos para elle a mesma ternura, o mesmo amor? Mas se nõs naõ lhe formos mais fideis, do que atéqui, de que servirá ter sabido, que os outros o amaraõ, e lhe foraõ agradecidos?

Ainda que todos tivessem muito horror á Cruz, e a olhassem como o mais infame de todos os supplicios; desde que o Filho de Deos se quiz carregar della, e quiz morrer sobre a Cruz; se fez para todos os Christãos a origem das suas esperanças, e singular objecto da sua veneraçãõ. Donde procede que os opprobrios, e trabalhos naõ produzem entre os Christãos o mesmo effeito, tendo-os o Salvador santificado igualmente pela sua escolha? Elle mesmo naõ escolheu a Cruz, fenaõ por causa das grandes afrontas, e tormentos, que hia achar neste cruel supplicio: He porque há huma grande distancia entre honrar, e soffrer. Ah Senhor! de que nos servirá ter honrado a vossa Cruz, se naõ quizermos ter parte nos vossos abatimentos, e nos vossos trabalhos? Seremos reconhecidos por vossos Discipulos, ó meu doce Jesu, vivendo em delicias, e prazeres? Oh como he verdade que aquelle, que naõ leva a sua cruz, naõ he digno de vós!

Oh que agradavel objecto, e que consolaçãõ naõ he a imagem de Jesu crucificado, para quem tem vivido confôrme a este Divino modelo! E que grande, e animosa confiança acha neste Divino objecto na sua ultima hora huma pessoa, que tem vivido huma vida crucificada!

Mas

Mas servirá de muita consolação a vista de hum Crucifixo áquelle, a quem a penitencia faz horror; a quem a vida Christã he hum pezado jugo; a quem a mortificação he hum supplicio? Appresentaráõ aos olhos desse moribando hum Crucifixo, mas será para lhe reprehender a sua vida delicada, e licenciosa: para lhe reprehender o desprezo, que fez das suas graças, e o pouco fructo, ou nenhum, que tirou da sua morte.

Appresentar-nos haõ no fim da vida a nossos olhos, Jesu morrendo pelo nosso amor. Isto na verdade he de muita consolação, e capaz de nos assegurar contra os horrores da morte, e contra a severidade do Soberano Juiz. Mas havemos ve-lo sobre huma Cruz, dizendo-nos por tantas bocas, quantas saõ as suas Chagas, o que elle obrou, e padeceu por amor de nós, e o que nós deviamos tambem obrar pelo seu amor. Ah meu doce, meu Divino Jesu! dissei-me hoje com effecacia tudo aquillo, de que naquella hora me accuzaráõ as vossas Chagas sem fructo. Tudo em vós me falla, e me está dando liçoens sobre essa Cruz, meu Divino Mestre: mas tambem ao mesmo tempo tudo me reprehende a minha dureza, e a minha ingraticidão.

Quid ultra debui facere tibi, & non feci? Reprehendei-me continuamente, dizendo-me: Que pude eu fazer para tua salvação, que o não teinha obrado? Que mais era necessario para te persuadir quanto te amo, e para te obrigar a me amares?

Ah Senhor! eu confesso que tendes feito mais, do que eu mesmo me atreveria a esperar, e mais, do que posso comprehender: e por vós, ó meu Deos, que tenho eu feito?

Quid ultra debui facere, & non feci. Quo devia eu fazer mais para te dar a conhecer a malicia

licia do peccado, e para te encher de horror del-
le, para te fazer condemnar as maximas do mun-
do, aborrecer os seus prazeres, e delicias, para
te inspirar hum amor sincero á penitencia, hu-
ma invencivel, e inalteravel paciencia nas adver-
sidades, huma humildade sincera, e sem fingi-
mento, hũ amor terno aos inimigos sem dissimula-
ção, e finalmente huma virtude pura, e constan-
te? Que outro caminho mais efficaç podia eu to-
mar, que o da Cruz? Que lição te podia dar
mais clara, e mais intelligivel, que a do meu
exemplo? Que podia, dize-me, fazer para te ga-
nhar o coração, que o não tenha feito? E que
has tu podido fazer para me ultrajar, para me
desagradar, que o não tenhas feito?

A tudo isto, e outras muitas semelhantes
reprehensoens, ó meu divino Redemptor, não
posso responder, senão com arrependimentos, e
com lagrimas.

Peccavi in Cælum, & coram te. Exaqui,
Senhor, tudo o que posso dizer: Sim pequei, eu
o confesso; e com esta sincera confissão busco a
minha salvação. Confesso que sou o mais ingra-
to de todos os homens: pequei, meu doce Jesu;
não me lanceis mais em rosto as desordens da
minha vida: as vossas reprehensões não poderão
nunca exceder ás que eu sinto no meu coração.

Que desordem viver nas delicias adorando a
hum Deos crucificado! Crer tudo o que Jesu Chris-
to padeceo por amor de mim, e não ter tido até-
qui mais, que tibieza para com Jesu Christo!
Ver muitas vezes no dia a Jesu Christo crucifi-
cado, e sempre com os olhos seccos! Saber que
o peccado o poz na Cruz, e commetter todos os
dias novos peccados! Na verdade parece incrível:
e este he o meu modo de viver! E que fructo
tirarei desta confissão? *Peccavi*: sim, Pai meu,

conheço que pequei ; vós me podeis condemnar eternamente , eu o tenho merecido : mas vede que he hum filho o que implora a vossa misericordia , que sou huma obra das vossas mãos , e o preço do vosso sangue , a quem quereis destruir , e perder. Ah ! isto só he capaz de pacificar a vossa colera : quando considero o que eu vos custei , por mui culpado que me veja , não posso deixar de esperar o perdão de todos os meus peccados. Sim , meu amavel Salvador , quando vos vejo nessa Cruz ; o numero , e enormidade de meus peccados , assim he que augmenta a minha dôr , mas não diminue a minha confiança : *Propitiaberis peccato meo , multum est enim.* Por mui grande que seja o numero das minhas iniquidades , vós tendes satisfeito abundantemente as minhas dividas , e atrevo-me eu a dizer , que a vossa misericordia nunca triunfa mais , do que quando perdoa aos maiores peccadores.

Vossa justa colera , Padre Eterno , está prompta a descarregar contra este ingrato , e não podereis olhar-me senão com os olhos cheios de indignação : mas consenti , que vos apresente á vossa vista o vosso amado Filho , em quem tendes todas as vossas complacencias : *Respice in faciem Christi tui.* Podereis deixar de abrandar a vossa colera á vista deste Divino objecto ?

Vedes vós , Senhor , o seu rosto amorticido , a cabeça coroada de espinhos , os seus pés , e suas mãos traspassadas com duros cravos , todo o seu adoravel corpo descarnado , o seu precioso sangue espalhado ? Exaqui , Pai Eterno , o penhor da minha salvação , e o preço da minha alma ; exaqui a victima sacrificada por mim , que eu vos apresento ; exaqui o sacrificio de propiciação , que elle mesmo vos offerece por minhas culpas : podereis não ficar ainda satisfeito ?

Con-

Confesso, ó meu Deos, que as minhas iniquidades são maiores, do que eu mesmo posso dizer, do que sinto, e ainda, do que posso comprehender. Confesso, que o pertinaz desprezo, que tenho feito das vossas graças, e o abuso dos mais proprios meios de me converter, são huns grandes obstaculos contra mim: bem sinto, que não posso racionalmente desculpar-me com a minha propria fraqueza, e miseria, nem allegar em meu favor a violencia das minhas tentações; a minha propria consciencia me está condemnando: por tanto não me fica outro recurso mais, que as Chagas de meu Redemptor: *Respice in faciem Christi tui*: exaqui tudo o que tenho para vos apresentar; vede se os vossos raios podem passar por entre este mediador, vede se a vossa colera contra mim póde perseverar, appresentando-vos eu esta victima: eu me abrigo, e procuro o meu refugio nessa Cruz; nessa mesma Cruz quero viver, e espero que haveis de fazer-me a graça de morrer amando, abraçando, e beijando esta Cruz.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de
Abril.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Da Resurreição de N. Senhor Jesu Christo.

I. P O N T O.

O que se passou na Resurreição de Nosso Senhor Jesu Christo.

Considera com que valor, e com que zelo aquellas santas mulheres, que tinham seguido a Jesu Christo até o Calvario, se apressaram para lhe renderem os ultimos obsequios ainda na mesma sepultura. Ellas se resolveram a preparar preciosos perfumes para embalsamar aquelle Divino Corpo segunda vez: mas com tudo, por mui grande, que fosse o seu ancioso cuidado, dilataram este obsequio até depois da Festa, attendendo menos á sua devoção particular, do que á observancia da Lei: tal costuma ser sempre o espirito da verdadeira piedade, e de huma sólida devoção.

Neste tempo os inimigos do Salvador, a quem temiam ainda na sepultura, quizeram tomar todas as precauções possiveis para tirar todo o pretexto a quaesquer rumores, que se espalhassem

fem da sua Ressurreiçãõ: e estas mesmas precauçoens fizeraõ indubitavel a verdade da sua Ressurreiçãõ.

Os Principes dos Sacerdotes, e os Fariseus; ainda naõ contentes com que o corpo do Salvador estivesse enterrado em hum sepulchro formado em huma rocha, e coberto com huma pedra, que muitos homens juntos apenas poderiaõ mover, quizerãõ ainda que se pozesse nesta pedra hum sello, e vigiasse continuamente ao redor do sepulchro huma companhia de soldados, para impedirem que alguem entrasse nelle.

Mas, ó meu Deos, que fraca he a prudencia humana! Como he cega quando pertende oppor-se aos vossos delignios! E que produziraõ todos estes cuidados? Ah! nada podia melhor ensinar a toda a terra a Profecia de Jesu Christo sobre a sua Ressurreiçãõ ao terceiro dia, e cousa nenhuma podia melhor provar, que elle verdadeiramente tinha refuseitado.

Desde a tarde do dia do Sabbado, isto he, hum pouco depois das seis horas, que era conforme os Judeus a primeira hora do dia seguinte, Maria Magdalena, Maria mãi de Santiago, e Salomé foraõ comprar tudo o que era necessario para embalsemar o Corpo do Salvador.

A impaciencia, com que estavaõ de fazer-lhe este seu ultimo obsequio, fez que sabissiem de sua casa antes de ser dia (tanto animo, e fervor inspira o amor de Jesu Christo) só huma cousa as embarça. Quem nos tirará a pedra, diziaõ ellas, que fecha a entrada do sepulchro?

Com tudo, este obstaculo naõ as demorou; para que vejamos claramente, que nada defanima, nada enfastia, nada parece muito difficultoso a quem ama verdadeiramente a Deos.

No momento, em que ellas chegavaõ, quan-
do

do o Sol já se divisava no horizonte, tornando-se a unir a seu Corpo a alma de Jesu Christo, resuscitou este Divino Salvador glorioso, e immortal, penetrando milagrosamente a pedra do sepulchro sem a mover, e sem fazer nella alguma abertura. No mesmo tempo tremeu a terra: e hum Anjo, que veio do Ceo, tendo tirado a pedra, que fechava o sepulchro, se assentou sobre ella.

O resplendor do seu rosto, e a brancura dos seus vestidos faziaõ cegar. Todas estas maravilhas atemorisaõ de tal sorte os guardas, que cahiraõ por terra como mortos; e tornando hum pouco em si, fugiraõ logo.

Na verdade as fiéis servas de Jesu Christo, ao principio pareceraõ ficar penetradas de algum temor; mas o Anjo as animou logo. Não temais, lhes diz elle. A turbação, e o temor he só para os peccadores; porém a paz, e confiança fazem o caracter das almas justas. Sei que buscais a Jesu, que foi crucificado: elle resuscitou; assim he, não está aqui. Deste modo soccedê, que o mesmo, que turba, e enche de medo aos máos, consola, e enche maravilhosamente de gosto, e alegria as almas santas.

Mas que alegria, que regozijo, quando, tendo ellas mesmas entrado no sepulchro para se convencerem da verdade com seus proprios olhos, não acharaõ alli outra cousa mais, que o lençol, em que o seu Divino Mestre tinha sido sepultado? Com que pressa, com que transporte de alegria correm a Jerusalem a levar aos Discipulos huma nova taõ agradável? Contaõ o que viraõ; e a extraordinaria alegria, que em seus rostos transluzia, he huma prova bem sensível da verdade, que annunciaõ.

Meu Deos, que sentimentos de alegria occu-
pa.

pariaõ entaõ os coraçõens de todos os Discipulos ! O testemunho taõ positivo destas pias mulheres , dá noyo animo á sua fé ; a alegria lhes dá esforço ; a sua esperança se renova ; e sã duvidaõ , porque he maior o seu peso , que a sua fé. Todos se querem certificar por si mesmõs de huma verdade de tanta consolaçaõ : correm logo ao sepulchro ; e voltando delle , confirmaõ tudo , o que as santas mulheres tinhaõ referido.

Nã se pôde duvidar , que a Sacratissima Virgem fosse a primeira , a quem o Divino Salvador appareceu depois da sua gloriosa Resurreiçaõ. Quem poderá comprehender a alegria , e jubilo , de que foi toda cheia esta ternissima Mãe , á vista do glorioso triunfo de hum tal Filho ?

Oh , e como he verdade , que Deos tarda bem pouco tempo em consolar aos que o amaõ ; e que o gosto , de que elle os enche ainda nesta vida , suavisa maravilhosamente as suas cruces ! A dôr , que os Discipulos tiveraõ , vendo morrer sobre a Cruz a seu bom Mestre , tinha sido na verdade grande ; mas a alegria , e o gosto de o ver resuscitado he muito superior : a dôr , e a tristeza duraraõ tres dias , mas a sua alegria nunca terá fim : tal he a forte das pessoas virtuosas. Meu Deos , como dariaõ os parabens a si mesmõs nesta occasiaõ os Discipulos de Jesu Christo , por lhe haverem sido fieis ? E ao mesmo tempo , quanto abominariaõ elles a perfidia de Judas , e o seu desgraçado fim ?

Que insultos , que opprobriõs nã lhes tinha sido preciso soffrer em quanto durou a vida , e a Paixaõ do seu Divino Mestre ? Eraõ tidos por homens simplicies , despreziveis , que se tinhaõ deixado enganar loucamente por hum embusteiro , todos andavaõ escondidos , nem se atreviaõ a apparecer : que transportes de alegria pura ,

e completa, vendo o seu Divino Mestre resuscitado! Aquelle, que era tido por hum embusteiro, he o Filho de Deos; este Jesu he o Salvador, e o Messias: que consolação por terem abraçado a sua doutrina! Que alegria por não o ter desamparado como outros muitos! e ao mesmo tempo, que affectos de ternura, e de agradecimento, por terem sido escolhidos para Discipulos deste Divino Redemptor!

A nossa fé, a nossa esperança, podião elles dizer applaudindo-se da sua feliz sorte, não era huma loucura, como o mundo cuidava, mas huma verdadeira sabedoria; o nosso apêgo, e o nosso amor para com a sua adoravel pessoa, não era alguma preocupação ridicula, mas huma obrigação indispensavel. Tratarão-nos com o maior desprezo, como opprobrio da nossa Nação: qual será daqui por diante a veneração, com que todo o mundo nos tratará até o fim dos seculos? Deste modo fallavaõ então os Apostolos; e assim fallão ainda hoje todos os Santos.

O mundo tão inimigo de Jesu Christo, como os Judeos, trata da mesma sorte, que estes perfidos, aquelle bom Senhor, e aos seus servos. Discipulos generosos, e fieis, que duras, e despreziveis murmurações tendes para soffrer dos mundanos! Que desprezos! que afrontas, e calumnias! Compadem-se de vós como de espiritos pequenos, e rusticos, e como indignos do commercio dos homens. Ralhão, e murmurão da vossa exactidão em cumprir as menores obrigações de Christão: a vossa piedade he tida por fraqueza de espirito; sois o ludibrio, e para o dizer assim, a fabula dos mundanos. Ah! tende huma pouca de paciencia: a Paixão, a Morte, a Sepultura do vosso Divino Modelo não durou mais, que quatro dias, nem ainda foraõ in-
teiros;

téiros : e a gloriosa Resurreição , que a isto se seguiu , não há de ter já mais fim. Quando vos achardes no primeiro momento da Eternidade , podereis ter dôr de ter sido perfeitos Christãos ? Pesar-vos-há da vossa exactidão em encher todas as obrigações do vosso estado ? Affligir-vos-há o não terdes condescendido com as lisonjeiras felicitações dos mundanos ?

Ah meu Deos ; e meu Senhor ! quando comprehenderemos com a mesma facilidade , com que o sentimos , que a verdadeira felicidade he o premio daquelles , que vos servem , e que he louco quem toma outro partido ? Mas necessariamente o comprehenderemos no outro mundo. Porém , que dura cousa he conhecer o nosso erro , depois de nos haver perdido sem remedio !

Em quanto os Discipulos , e as santas mulheres voltaõ a Jerusaleem transportadas de alegria , allegando todas algumas razoes particulares , as quaes servem de nova prova a esta maravilha ; Magdalenã mais abraçada , que as outras no desejo de tornar a ver a Jesu Christo , fica só á entrada do sepulchro. As lagrimas , que está derramando , bem declaraõ o que ella quer. Olha huma , e muitas vezes para o sepulchro ; ella se abaixa para examinar de mais perto , e sempre lhe parece , que se tem enganado. Vê alli assentados sobre o sepulchro dous Anjos vestidos de branco , que lhe dizem : Mulher , porque choras ? Qualquer outra se teria mudado , e se deixaria cegar com o esplendor , que brilhava no rosto , e nos vestidos destes Inviados do Senhor : mas nada lhe pôde occupar o lugar do Deos , que ella buscava. Ai , lhes responde ella , eu choro , estou toda inconsolavel , porque levaraõ daqui o Corpo do meu Mestre , e do meu Senhor , e não sei onde o puzeraõ.

Apenas diz estas palavras, quando voltando-se, vio diante de si o seu Divino Salvador, a quem ella buscava: porém ao principio o não pôde conhecer. Quando se ama a Deos verdadeiramente, e se busca com hum fervor puro, e sincero, não se gasta muito tempo em achalo.

O Salvador lhe pergunta da mesma sorte que os Anjos, qual era a causa das suas lagrimas, e a quem buscava? Ella, que estava só occupada toda do seu Deos, o teve pelo jardineiro: e, semelhante áquelles, que lhes parece, que os de mais cuidaõ naquillo, que elles amaõ, e de que estaõ occupados, lhe diz ella: Se vós o levastes, dizei-me onde o puzestes, pois eu o hirei buscar a qualquer parte, que esteja, e o levarei comigo.

O amor de Deos nada encontra impossivel: huma caridade generosa, e ardente, vence as maiores difficuldades; nem ainda attende aos maiores obstáculos.

Mas, oh meu doce Jesu, e que difficultoso he que vos occulteis por muito tempo a hum coraçãõ, que vos ama com ternura! O Filho de Deos não fez mais, que chama-la pelo seu nome, Maria: e ao mesmo tempo esta fiel serva, reconhecendo a voz do seu Divino Pastor, clama: Ah meu Mestre!

Concebei agora, se he possivel, quaes seriaõ entãõ os transportes de alegria desta Santa amante: foi necessario, que o mesmo Salvador os moderasse. Deste modo, aquelle bom Senhor se apresfa a recompensar tão vantajosamente a generosa perseverança da sua fiel serva.

Ao mesmo tempo, os inimigos de Jesu Christo ficarãõ todos atemorizados, só com a relaçaõ, que os guardas fazem das maravilhas desta Ressurreiçaõ. E não direis vós que estes obstinados

se renderiaõ a esta verdade conhecida? De nenhuma forte. Fazem-se com isto ainda mais obstinados na sua pertinacia: e em lugar de reconhecerem o Messias por hum signal taõ evidente, só cuidaõ em occultar a verdade, que a seu pesar lhes he descoberta. Tanto he verdade, que o espirito he enganado pelo coraçãõ: e que quando as paixoens dominaõ a alma, com difficuldade se recebem luzes da Fé.

Affim he, meu Divino Salvador, pois dede, que o coraçãõ está corrompido, a Fé está vacillante! Movei este coraçãõ, purificai-o, para que a minha fé se augmente. Eu tenho sido até-qui muito infiel; e a minha tibieza no vosso serviço, he huma triste prova da minha fé pouco viva.

Mas, meu doce Jesu, vós no dia do vosso glorioso triunfo, naõ deixastes de derramar as vossas graças com abundancia sobre os vossos Discipulos; ainda que a sua cobardia fosse huma prova sensível da sua pouca fé, os resplandores do vosso glorioso Corpo dissiparaõ as suas trevas. Com este exemplo, Senhor, cresce a minha confiança, e me faz esperar ter a mesma felicidade.

Sim, meu amavel, e meu Divino Redemptor, a vossa Resurreiçãõ naõ sómente he o fundamento da nossa Fé, ella he tambem como a fonte das nossas esperanças: ainda que o vosso Corpo seja todo glorioso, immortal, e impassível, quizestes com tudo conservar os signaes das vossas Chagas para continuamente despertar a minha confiança, e excitar o meu agradecimento, e o meu amor. Creio que estais resuscitado; e espero que me haveis de resuscitar a mim algum dia: fazei, que seja para ir estar na vossa presença eternamente com vosco.

II. PONTO.

Reflexões sobre algumas circumstancias da Resurreição de nosso Senhor Jesu Christo.

Confidéra , que a Resurreição do Salvador não sómente he o fundamento da nossa Fé , e das nossas esperanças ; mas tambem o modelo da resurreição espirital de huma alma , e a imagem de huma verdadeira conversão.

Por mui aspero , e por mui desagradavel , que seja o caminho , por onde Jesu Christo caminhou , o fim , aonde este caminho o conduzio , o recompensa completamente dos seus trabalhos.

Confidéra tudo o que Jesu Christo soffreu na sua vida mortal ; a que lamentavel estado havia reduzido a morte o seu Corpo na sua Paixão. E que mudado se vê agora na sua Resurreição.

Confidéra como aquelle mesmo , que tinha sido humilhado , cheio , e coberto de opprobrios , está agora rodeado de gloria , declarado Rei das Nações , e Senhor de todo o Universo. Já não apparecem das suas Chagas , mais que brilhantes cicatrizes , que elle conserva para animar nossas esperanças , e nossa Fé : para confundir seus inimigos , e para servirem de eternos monumentos da sua victoria. Em lugar de hum Povo , que o regeitou , e não quiz conhecer ; em lugar de hum Apostolo , que o entregou , quantas Nações sujeitas ás suas leis ! Que milhoens de Martyres , que o tem confessado na presença dos Tyrannos , a pesar das suas ameaças , e dos seus tormentos ! Por huma Cruz , que Altares erigidos em sua honra ; e sobre quantos Altares exaltada esta mesma Cruz ! Pois só pelo caminho dos trabalhos , e das afrontas , Jesu Christo chegou a esta gloria : não
fere-

seremos bem dignos de compaixão, se nos lisonjeamos que podemos chegar ali por outros caminhos?

Jesu Christo resuscitado tem o mesmo Corpo, que tinha dantes; mas este mesmo corpo tem qualidades muito differentes.

A impassibilidade poem a Jesu Christo em estado de não poder padecer. Quando experimentaremos nós huma tranquillidade inalteravel de espirito, huma admiravel paz de coração, e huma feliz insensibilidade a todos os accidentes da vida? Pois este he o fructo de huma verdadeira Resurreiçãõ.

A agilidade, a claridade, e a subtiliza são as qualidades proprias do corpo de Jesu Christo, depois da sua Resurreiçãõ; elle fica totalmente izento da morte. E quando, ó meu Deos, terá a minha resurreiçãõ os mesmos privilegios? Com effeito, se for verdadeira, há de ter os mesmos effeitos.

Experimentamos acaço em nós a facilidade, a promptidaõ, e fervor, com que huma alma, que vive huma vida nova, cuida em executar as ordens de Deos, e em tudo o que crê poder agradar a este Senhor.

Aquella abundancia de luzes sobrenaturaes, que illustra o entendimento, he fructo do Espirito Santo, com o qual somos animados: e tem sido a nossa resurreiçãõ acompanhada deste dom?

Sentimos em nós aquelle desapego maravilhoso, que causa a vida nova na alma, fazendo a superior a todos os bens creados, e insensivel ás impressões, que fazem ordinariamente sobre os sentidos os objectos exteriores?

Finalmente estaõ as paixões apagadas, mortificadas, e menos vivas? Achamos o nosso prazer só nas maximas de Jesu Christo? Está o nos-

so coração occupado todo de Deos? Temo-nos fortalecido contra as recaídas? Tudo isto he necessariamente o fructo de huma resurreição espirital. Por ventura houve jámais resurreição, em que não precedesse huma morte? E quem vive ainda huma vida mundana, póde lisonjear-se, que goza dos fructos da resurreição? E que ardente he no serviço de Deos huma alma, que vive huma vida sobrenatural!

Vede o zelo, e fervor daquellas santas mulheres, para renderem as ultimas honras ao seu Divino Mestre: mas observai, que sómente aquellas, que o tinhaõ seguido até o Calvario, e cuja fidelidade foi provada, e examinada com as ignominias da sua Cruz, se apressaõ a honra lo.

Que animo, que valor, inspira o amor de Deos! E quanto importa o ser fiel nas adversidades! Meu Deos, que liberal sois, que prompto a recompensar, e premiar aquelles, que vos amaõ com ternura! E que damnosa nos he a cobardia, com que vos seguimos!

S. Joã nunca tinha desamparado a seu Divino Mestre, e he o primeiro, que foi ao sepulchro. Que ligeira caminha huma alma pura! Só o amor das creaturas nos cansa, nos faz pesados, e nos demora no serviço do Senhor. Andamos frouxos, andamos de rastos toda a nossa vida no caminho da Perfeição; e devemo-nos admirar, se chegamos a ella muito tarde, e se sentimos nelle todos os dias novos trabalhos?

Continuamente nos queixamos do nosso pouco adiantamento. E que esforços fazemos, meu Deos, para termos este adiantamento? Que fervores saõ os nossos? Que provas damos do nosso animo?

Hum sem numero de imaginadas difficuldades nos demoraõ, mil fantasmas vaõs nos desanimaõ:
sempre

fempre nos parece, digamo-lo affim, que temos hum inimigo terrivel para vencer, hum grande peso para levar, ou algum novo obstaculo para romper. Muitos nem ainda se atrevem por-se a caminho, com temor de algum dia voltarem pelos mefmos passos. Se aquellas fantas mulheres, se aquelles fervorosos Discipulos, não houvessem tido para com Jesu Christo mais fidelidade, nem mais animo, do que nós, teriaõ recebido delle tantos beneficios? Teriaõ sido testemunhas de tantas maravilhas?

Vêde na Magdalena huma verdadeira imagem de huma alma perfeitamente convertida; de huma alma generosa, e ardente; de hum coração abrasado todo de amor de Deos.

Que santa paciencia lhe não inspira, o ardente desejo de tornar a ver a Jesu Christo! Gasta muito tempo em deliberar-se, se se há de pôr a caminho para o buscar? Por ventura cuida ella, como a maior parte das almas cobardes, que sempre o achará, logo, e a toda a hora? Foi necessario toda a auctoridade da lei para moderar o seu ardor: o respeito, que teve ao dia de Sabbado, suspendeu os seus fervores, e o seu zelo; e esta mesma demora não lhe servio mais, do que para fazer crescer o ardor dos seus desejos. Que diligencias, que viveza não inspira o amor de Deos, para cumprirmos as obrigaçens da Religiaõ! E que pouco se temem os maiores obstaculos, quando se ama muito!

Apenas acaba o dia de Sabbado, poem-se logo a caminho, vai ainda antes de nascer o Sol; o seu zelo lhe serve de guia por entre as trevas da noute. Dá por ventura atençaõ á sua delicadeza? Dá ouvidos áquella natural timidez do seu sexo, e outras muitas falsas razoens, que se representam á sua imaginaçãõ, para a despersuadi-

rem

rem do seu intento? Huma piedade menos sólida, hum amor de Deos menos puro, seria menos generoso, e ter-se-hia deixado persuadir destas falsas razoens: mas quando se seguem efficazmente os attractivos da Graça, pouco se condescende com as razoens, e sentimentos humanos. Deos não quer animos inconstantes, e irresolutos, que estão sempre vacillantes sobre a sua conversão. Deos regeita, e lança fóra de si essas almas tibias; esses coraçãoes tímidos, que parece só confiã nas suas proprias forças: essas meias vontades, que só servem de atordir-nos, e de nos entreterem com seus enganos.

Mas por ventura esta santa amante não previa as difficuldades, e ignorava os obstaculos, que havia? Tudo isto bem previa certamente. Apenas se poem ella a caminho, quando logo cuida em quem lhe levantaria a pedra, que cobria o sepulchro. Este invencivel obstaculo era certamente capaz de fazer voltar a huma mulher ainda moça: hum corpo de soldados, huma pedra de hum excessivo peso, o sello do Principe no mesmo sepulchro, eraõ bem poderosas razoens, para não a deixarem ir mais longe. Sim, para aquelle, que só tem huma fé vacillante, e hum amor de Deos tibio, e frouxo; mas para aquelle, que ama a Deos sem reserva, que não busca mais que a Deos, a confiança neste Senhor lhe inspira hum valor maravilhoso; e nella tem todas as coufas, e acaba tudo quanto deseja.

He bem verdade, que nada obriga mais ao Senhor a fazer milagres, do que hum amor generoso, e huma fé viva. A Magdalena não se demorou com o temor de achar os soldados, que a impedissem chegar-se ao sepulchro, nem com a impossibilidade de poder ella só tirar huma pedra, que muitos homens juntos não a poderiaõ mover.

mover. E apenas está determinada a não fazer caso destes obstáculos, logo os soldados fogem todos, e o sepulchro se abre.

Deste modo se aplinaõ os maiores obstáculos, e desaparecem as difficuldades mais invenciveis; se huma pessoa toma a resolução de as vencer, e assim que Deos vê, que o buscaõ com ardor, animo, e sinceramente.

O Senhor tambem não tarda a fazer-se sentir a huma alma fervorosa. Jesu Christo se apresenta á Magdalena em figura de hum Hortelão. Deos toma prazer em esconder-se: tanto desejo tem elle de ver crescer os nossos fervores, e o nosso zelo.

Senhor, lhe diz ella, se vós o levastes daqui, dissei-me por mercê onde o puzestes, e eu o hirei buscar. Ella não nomea aquelle a quem busca: porque quando temos o coração cheio de alguma cousa, parece-nos, que todos cuidaõ naquillo mesmo, de que estamos occupados.

Huma mulher só, fraca, sem soccorro algum, espera levar hum corpo tão pesado, e tira-lo contra a prohibiçaõ do Governador, e á vista de toda a Cidade. O amor de Deos não sómente inspira animo, mas tambem dá forças: e como se poem toda a confiança na Graça, quanto mais hum he fraco, mais poderoso se faz. Desde que huma alma busca só a Deos, se desvanece o respeito humano: teme-se bem pouco desagradar aos homens, quando só se quer agradar a Deos.

Oh, e que liberal, e promptamente he recompensada huma perseverança no serviço de Deos! Os cuidados fervorosos, o zelo, os desejos, e as lagrimas desta Santa amante, obrigaõ o Salvador a que a venha consolar; ella o reconhece pela voz. Oh meu Deos, quaes seriaõ

os transportes de amor , os sentimentos de respeito , e de agradecimento desta bemdita alma naquelle feliz momento !

Nós não experimentamos favores semelhantes, porque somos tibios , e cobardes no serviço de Deos : porque o amamos pouco , e nem ainda nos atreveremos a affirmar , que o amamos verdadeiramente. Quizeramos ser todos de Deos , se elle se contentasse com hum coração dividido entre elle , e o mundo ; isto he , se quizesse ser servido á nossa vontade , e não confôrme ao que elle nos pede : quizeramos chegar á Perfeição , porém pelo caminho , que nos agradasse. Queremos , que a prudencia humana nos sirva de guia : e como só nos estribamos nas proprias forças , por isso perdemos o animo com a menor difficuldade.

Isto são desejos bem estereis , projectos bem frivolos de conversão , que não servem mais , que de adormecer huma alma na sua tibieza. Que ganha huma pessoa em cegar-se a si mesmo , para não ver o seu perigo ? Deixamo-nos ficar perpetuamente irresolutos , e indeterminados , como se houvera outro partido , que tomar : assim como quando se duvida em materia de Fé , não ha fé alguma ; assim tambem quando se delibêra em materia de penitencia , não ha conversão.

Não permittais , Senhor , que me succeda esta desgraça. A minha cobardia , a minha perguença atéqui no vosso serviço , dá-me motivo para remer muito ; mas ao mesmo tempo a confiança , que sinto na vossa misericordia , me dá grandes esperanças. Com vezes tenho querido pôr-me a caminho para vos buscar , e outras tantas tornei pelos mesmos passos , atemorizado com difficuldades fantasticas , e com vaes obstaculos : a minha cobardia , e a minha pouca fé tem augmentado

a mi-

a minha puzillanidade. Huma maior confiança na vossa Bondade ter-me-hia inspirado mais força, e me teria feito sentir os efeitos dos vossos auxilios. Agora, que me dais esta graça, e que me dais esta confiança, e sinto pela vossa misericordia mais vontade, ao que me parece, eu não me atreverei a duvidar que a minha resolução seja efficaz, e que ao mesmo tempo sejais vós toda a minha força, assim como sois o unico objecto do meu amor: *Diligam te, Domine, fortitudo mea.*

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Abril.

Da felicidade dos Santos no Ceo.

I. PONTO.

No Ceo he huma alma perpetuamente feliz: considera que pudera não o ser; e sabe que o ha de ser eternamente.

Considera que felicidade he a dos Santos no Ceo. He tal, que não temos termos bastantes para a fazer conhecer, nem podemos obrar muito para a merecer.

Nada ha no mundo, que possa fazer-nos conhecer os immensos bens, que elles alli goçam; mas conhecemos muito bem os males, de que estão izentos. Queres comprehender alguma cousa da felicidade da outra vida? Considera quanto está livre de todas as miserias desta presente.

Dóres, tristezas, enfermidades, temores, inquietudes

quietações, afflicções, tudo isto está longe da feliz habitação dos Bemaventurados. Não ha nesta Santa Cidade cousa, que dê afflicção; huma alegria pura, e completa; huma paz inalteravel reina na Jerusalem Celestial. Ah Senhor! quem pôde cá na terra comprehender as ineffaveis doçuras, que gozão os vossos escolhidos no Ceo.

Não sómente ha alli tudo, o que se deseja, mas tambem tudo, o que he necessario, para não haver mais desejo algum. O coração está cheio, a alma farta. He huma torrente, hum Oceano de delicias puras, de que os Bemaventurados estão todos inundados. Não são sómente todos os bens juntos, que fazem esta felicidade, mas he a fonte mesma de todos os bens; he a Omnipotencia de Deos; he a posse do mesmo Deos, que faz o principal, e todo o fundo desta felicidade, que se não pôde imaginar. Não he propriamente a gloria do Senhor, que entra no coração dos Santos; seria este para ella hum espaço muito estreito, estaria ali muito apertada: mas he a alma dos Bemaventurados, que deliciosamente se perde, para o dizer assim, na gloria do Senhor, isto he, na Bemaventurança de Deos.

Se huma só consolação interior, huma graça, faz que experimentemos doçuras ineffaveis neste valle de lagrimas, que nos tira toda a amargura dos nossos trabalhos, e faz leves as mais pesadas cruces; e aos mesmos Martyres lhes faz achar hum verdadeiro prazer no meio dos mais crueis tormentos; que será no Ceo, aonde as consolações, as delicias espirituas não se gozão huma a huma, mas todas juntas! Hum Deos, a quem a creação do Universo não custou nada, emprega a sua Omnipotencia para fazer huma alma perfeitamente feliz.

Consideremos em hum dia eterno, e sempre
novos

novo ; hum dia delicioso , sempre sereno , sem pre tranquillo ; a sociedade mais doce das pessoas mais perfectas : que alegria podia haver mais sensivel , e mais doce , do que gosar na terra por alguns momentos da presenca visivel dos Anjos , da Rainha dos Anjos , e de Jesu Christo ? No Ceo naõ sómente veremos eternamente a Sacratissima Virgem , e Jesu Christo , sem os perder jámais de vista , mas veremos ao mesmo Deos , naõ já entre as trevas da Fé , mas na claridade do dia mais puro , e no mais excellente resplendor da sua Magestade ; naõ já como hum enigma , e em hum longo apartamento , mas de perto , e face a face. Desde a creaçõ do mundo naõ cessaõ os Anjos de o contemplar ; e seria para elles a maior , e mais terrivel desgraça , serem privados hum momento da sua presenca.

Comprehende , se he possivel , que alegria produz esta vista clara , e distincta , esta vista intima de Deos , e de hum Deos amigo , de hum Deos Pai ! Que viva impressã faz sobre huma alma , e que inteiramente fica occupada , arrebatada , e transportada !

A posse dos bens caducos causa fastio ; porque todo o gosto , que nelles ha , he limitado ; e apenas se possuem , logo deixaõ de agradar , e se fazem aborrecidos : porém Deos como he de huma perfeiçã infinita , quanto mais se possui , mais se gosta delle : nenhum fastio ha na morada dos Bemaventurados ; a mesma fartura excita o appetite. *Semper avidi , & semper pleni.*

Finalmente nem os olhos viraõ jámais couza alguma , que iguale ao que Deos tem preparado aos seus escolhidos ; os ouvidos nunca ouviraõ semelhantes maravilhas ; o entendimento naõ póde penetrar , nem subir taõ alto.

Digamos que hum Bemaventurado , submergido

gido na immensidade Divina, nadará em torrentes de delicias : digamos com o Profeta , que estará elle mesmo revestido della , penetrado , e como inebriado ; expressoens bem fracas , idéas bem pouco verosimeis. Temos dito tudo , o que o entendimento pôde discorrer desta incomprehenfivel felicidade ; mas ainda nada dizemos do que ella he.

Exaqui qual ha de ser a minha fórte , se me salvar ; exaqui qual ha de ser a minha herança. E pôde a minha ambição ter outro objecto , e posso gostar de outro prazer , posso cuidar em outra fortuna ?

Imagina cá na terra tudo , o que pôde contribuir a fazer hum homem perfeitamente feliz. Ajunta todos os thesouros do Universo , toda a magnificencia do seculo , todas as honras , e prazeres : une todas as coroas do mundo para fazer hum só Monarca de todo o Universo : separa ainda desta idéa de fecilidade tudo , o que pôde dar pena , ainda que isto seja inseparavel desta vida : nunca lhe poderás separar a certeza de morrer algum dia , e ver acabar com a morte huma vida tão feliz.

No Ceo somos perfeitamente felices , e estamos seguros que nunca havemos de deixar de o ser : o mundo acabará , e depois de milhoens , e milhoens de seculos , não terá ainda corrido hum só momento desta feliz Eternidade. Oh meu Deus , e que doce he possuir-vos sem temor de vos perder jámais ! E que delicioso , e de quanta consolação he este pensamento : Sou feliz , e sempre o serei ! Tenho tudo , o que posso desejar ; nada ha , que possa daqui por diante turbar a minha felicidade ; o meu coração trasborda de huma alegria pura , e perfeita , e esta alegria não tem fim. Finalmente sou Santo , Bemaventurado , e o serei eterna-

eternamente! Ah Senhor! posso ser tudo isto; posso dizer tudo isto, e não faço, em quanto estou no mundo, quanto cabe nas minhas forças, por vir a ter algum dia a felicidade de o poder dizer, e de o poder considerar!

Não he menor prazer para os Bemaventurados no Ceo, considerar, que são perfeitamente felices, e que pudéram não o ser. Que parabens nos não damos a nós mesmos, por ter sido constantes em hum negocio de grande importancia? Bom Deos, quanto nos alegramos quando estamos já no porto, considerando os rochedos, por onde passámos, e as tempestades, que padecemos!

Que alegria maior, e mais sensível, que a de hum victorioso, que depois de ser recebido em triumpho na sua Capital Cidade, e vendo-se no valimento mais elevado junto do Principe, considera tranquillamente nos perigos, em que estava de perder a batalha, se tivesse sido menos vigilante, ou menos valeroso? E se em lugar de vigiar continuamente o inimigo, e velar contra os seus assaltos, e astucias, se entregasse todo a seus gostos, considera elle então: Estes prazeres estariaõ a esta hora passados; os dias de fadiga, que tivesse, teriaõ desaparecido, como outros muitos: e que me restaria agora mais, que huma infamia eterna, á qual todas as afflicçoens de huma vida triste, e obscura, não poderiaõ remediar?

E no Ceo considera-se com hum prazer indizível, em todos os funestos perigos, a que se esteve exposto na terra, e dos quaes, com o socorro da Divina Graça, escapámos felizmente.

Então se vê, e se sente bem de que consequencia era o negocio da salvaçaõ. Perder a alma he perder o Paraizo; he perder a Deos; he perder tudo, e perder tudo sem remedio; he ser

exceffivamente desgraçado. Ah! e quantos eſtaõ reduzidos a eſte infeliz eſtado, por terem deſprezado eſte importante negocio? Que ſeria agora de mim, ſe me tivesse deixado arrebatãr pela torrente dõs goſtos mundanos? Mas em fim, pela miſericordia de meu Deos, fui mais ſabio, trabalhei neste grande negocio, e acertei nelle.

Que rochedos perigoſos, que tempeſtades neste furioſo mar do mundo, aonde os mortaes andaõ todos enredados, e ſubmergidos? Os Santos no Ceo, bem como aquelles, que eſcapãrãõ de hum naufragio, já poſtos em hum porto ſeguro, lembraõ-fe com alegria dos perigos, que correrãõ na ſua viagem; e vêm com hum novo prazer, e novo goſto, a bondade, com que o Senhor os conduziõ, como pela maõ, até áquelle feliz Porto.

Até os meſmos inimigos da ſalvaçaõ ſervem, e contribuem para a felicidade dos Santos. Quantos combates foi neceſſario dar, e a quantos aſſaltos rezistir, e ſuſtentar? Que vigilancia, que eſtudo contra as aſtucias do tentador? Que violencia para reprimir as paixõens? O veneno ſe moſtrava delicioſo; a peſte, e a corrupçaõ eſtava eſpalhada por toda a parte; huma cobardia, huma pouca de condeſcendencia com os falſos amigos, o reſpeito humano eſtava para lhes roubar a victoria. Oh! ſe elles tivessem ſido immortificados, que preferissem os ſeus divertimentos ás ſuas obrigaçoens! ou taõ cobardes, que ſe deixassem vencer! Mas finalmente com a graça do Redemptor rezilliraõ, venceraõ, e foraõ recebidos em triumpho no Ceo: os fructos da ſua victoria ſãõ eternos. Deos os fez ſeus validos, toda a terra proſtrada a ſeus pés admira a ſua ſabedoria, honra a ſua memoria, implora o ſeu patrocínio, e tem inveja da ſua felicidade: pois,

naõ he cousa doce, e suave para os Santos, considerar que puderaõ naõ ser Bemaventurados; e que o saõ com effeito?

Quando, oh meu Deos, abraçarã estas reflexoens o meu coração em o fogo do voffo amor? Terei algum dia a felicidade de gostar as ineffaveis doçuras do bem, que ao presente medito? Vós me creastes para elle; destes-me todos os meios de o alcançar; tenho direito a esta felicidade pela morte do Redemptor: pois que, Senhor? Só a minha má vontade me ha de privar della? Naõ, meu Deos, naõ: eu me tenho atéqui arriscado muito, mas a vista desta recompensa anima a minha confiança, e o meu animo: concedei-me a voffa Graça, meu doce; e meu Divino Jesu, para a merecer.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a felicidade dos Bemaventurados no Ceo.

Considera que só estás na terra para alcançar a mesma felicidade, que os Bemaventurados tem no Ceo. A recompensa delles he grande: Deos naõ nos offerece alguma menor: elles saõ Santos, nós tambem naõ estamos aqui, senaõ para o ser: e podemos nós cuidar em outra cousa, oh meu Deos, mais que em o chegar a ser? Andã os homens cheios de ambição, com desejos insaciaveis de adquirir grandes riquezas: e que objecto ha mais digno de huma alma grande, mais capaz de faltar o coração humano que o Ceo? E que outra fortuna póde haver, que mereça mais as nossas diligencias?

Hum emprego, que me eleva alguns grãos affima dos companheiros; huma distincção, que

me ganha mil emulos ; hum valimento tão pouco sólido como huma nuvem , que o menor vento dissipa ; o ter mais riquezas , que os meus iguaes ; são os poderosos motivos de tantos cuidados , e inquietações : exaqui o que se chama fazer fortuna : e ter hum lugar entre os Bemaventurados , ganhar o Ceo , não he huma fortuna muito mais estimavel ?

Ainda quando eu fosse o mais feliz de todos os homens , toda esta felicidade temporal não duraria mais que huma vida mui curta , e mui fragil : mas se sou Santo , sou perfeitamente feliz para toda a Eternidade.

O Ceo he a minha verdadeira Patria : vivo pois sobre a terra como peregrino , ou como hum caminhante. Hum passageiro não faz caso algum do que se faz no caminho , por onde passa : prazeres , costumes , agradaveis campos , edificios soberbos , deliciosos objectos , nada disto o demora , toma unicamente o necessario para o caminho : a lembrança , e o desejo da sua Patria o occupão inteiramente.

He necessario que huma pessoa tenha a alma bem baixa , e o coração bem corrompido , para se alegrar , e divertir no lugar do seu desterro , exercitando muitas vezes hum emprego bem vil , para nelle viver , e alegra-se de tal sorte , que venha a perder o gosto , e a lembrança da sua Patria , ao mesmo tempo , que tem de viver nella com esplendor , e nenhuma cousa haja melhor , que a belleza da sua morada. E não estamos nós nesta disposição ? A terra , sendo hum valle de lagrimas , nos encanta ; e o Ceo , aquella feliz habitação , o Ceo , centro de todos os bens , e de huma felicidade sem limites , he para nós huma cousa sem graça , e sem gosto. Occupa-nos muito a lembrança do Paraizo ? Sendo hum crime

me não suspirar pelo Paraizo ; e estar contente com o que possuímos na terra , estamos por ventura com a consciencia segura ?

Quanto consolava a David , em todos os seus penosos trabalhos , a lembrança de algum dia vir a ser Rey ! Assim nos bosques , como no exercito , ou elle estivesse para se defender dos leons , ou para combater com Goliath : o pensamento de que elle havia de ser Rey adocava , e suavizava todos os seus trabalhos. Padeço muito nestes lugares desertos , passo nelles dias bem tristes ; mas lá virá hum dia , em que hei de ser Rey. Tenho inimigos , e invejosos ; sou perseguido pela justiça ; estou obrigado a viver pobre ; mas hei de ser Rey.

Oh ! e de que afflicções nos livrariamos , e que doce consolação achariamos ao menos em todos os trabalhos , e misérias desta vida , se considerando-nos como futuros Cidadãos da Santa Cidade , como filhos adoptivos de Deos vivo , como herdeiros da Gloria eterna , nos lembrassemos que estamos nesta triste vida para ser algum dia Santos ?

Eu gemo , vivo ha muito tempo huma vida pobre , e obscura ; não acho em toda a parte mais que espinhos , e cruces ; misturo o meu pão com as minhas lagrimas : tenhamos huma pouca de paciencia : lá virá tempo , em que estaremos no Ceo , em que seremos Santos.

Eu sou desprezado , perseguido , e aborrecido , sem ter hum dia quieto , com os caminhos cheios de abrolhos , sempre com as armas nas mãos , encontrando em toda a parte laços estendidos á innocencia. O meu juizo me he suspeito : o meu proprio coração unido com os sentidos se faz rebelde : que vida , Senhor , mais triste , e mais enfadonha ? Huma pouca de paciencia

cia: o Paraizo ha de ser o termo, e fim de tantos estes penosos trabalhos; o mesmo Deos ha de ser a minha recompensa. Gemo, padeço, estou já ha muitos annos a peleijar, ainda me restão alguns dias de peleija: mas huma felicidade completa, e perfeita, huma felicidade eterna, he o meu premio. Sou pobre, he verdade, mas hei de ser santo: sou abatido, maltratado, eu o confesso, mas eu posso ser Santo. Oh! e de quanta consolação he este pensamento, sustentado com huma grande confiança na misericordia de Deos.

A vida Christã parece por ventura muito austera aos Bemaventurados? Acha-se, e sente-se no Ceo por ventura, que o caminho, que conduz para elle, he muito estreito, que o jugo do Salvador he muito pezado, que o Evangelho he muito severo? Haverão então queixas, que custa muito a ser Santo? Que o Ceo se dá por preço muito alto, porque se dá só áquelles, que fazem violencia a si mesmos? Olha-se lá com compaixão para aquelles, que o mundo trata com desprezo, por não quererem achar-se em todos os divertimentos, nem seguir as suas maximas?

Ha hum Paraizo, isto he artigo da nossa Fé; mas por ventura cremo-lo assim? Porque se houvesse huma Fé viva, se se considerasse hum pouco naquella vida feliz, naquella felicidade, que nos espera, naquella coroa, que nos está preparada: meu Deos, que não fariaõ para ir ao Ceo aquelles, que continuamente se queixaõ da avareza, do pouco agradecimento, e da dureza do Senhor, a quem servem? Que não fariaõ para ir ao Ceo aquelles, que tanto temem morrer, aquelles, que, para viver hum pouco mais de tempo, renunciaõ a quasi todas as doçuras da vida?

Meu Senhor, vós nos offerceis huma vida
bema-

Bemaventurada, e eterna: e como se desconfiássemos das vossas promessas, ou que nos esquecéssemos dos vossos desejos os mais naturaes, continuamos a viver, como se não houvesse alguma vida para esperar depois desta.

He certo que ha muitos na terra, que farião pouco caso de ver a Deos, e para quem o Paraizo não teria muito grandes attractivos; se podessem ser eternamente o que são: esta he huma cousa bem palmosa, mas exaqui outra ainda mais estranha. Não sómente preferimos o viver eternamente na terra, á vantajem de viver eternamente no Ceo; mas esta mesma pouca vida, que temos cá no mundo, curta, trabalhosa, e fragil, não deixamos de a preferir á Felicidade Eterna. Dous dias de passatemplos nos fazem esquecer da abundancia dos bens infinitos: huns prazeres inspidos, e vaõs, nos tiraõ o gosto das delicias ineffaveis: preferimos á posse de Deos o menor objecto creado.

Donde procede, meu Deos, e meu Senhor, fermos tão tibios, e tão cobardes? Por ventura os vossos bens infinitos merecem ser desprezados? Que! creio eu naquella ampla, naquella eterna recompensa, naquella preciosa immortalidade, naquella doce, e deliciosa habitaçãõ, na posse de hum Deos, que nunca se perderá, e que nada poupa para fazer huma alma feliz? e suspiro ainda por outra cousa mais que pelo Ceo! posso ainda empregar os meus cuidados nos bens temporaes!

Não, Senhor, não: o Ceo he a minha Patria, eu não olharei jámais a terra, senão como lugar do meu desterro: estou destinado para ser santo, e com effeito o quero ser: riquezas, honras, prazeres desta vida, já não sois objecto digno da grandeza, e nobreza do meu coração:

fui

fui creado para huma cousa mais verdadeira, e mais sólida.

Vós mundanos cegos, apegai-vos a hum fantasma, que se desvanece, e que vos diverte; deixai-vos captivar de huma figura tão vã, como especiosa, e apparente; segui muito embora esse atractivo, que vos appresenta os sentidos: que eu, conduzido pela Fé, me elevo muito mais alto: huma ambição santa me faz aspirar ao Reino de Deos: não sinto gosto, senão para huma Gloria eterna: só a posse de Deos me pôde faciar.

Oh que doce, e feliz momento aquelle, que pondo fim ás miserias desta vida, dá principio á feliz Eternidade! Que impressão faz em huma alma neste primeiro momento a vista clara, e distincta de Deos, e tudo o que então descobre naquella morada Celestial! Bom Deos, que alegria! que transportes! quando reflectindo sobre o que sente em si mesma, ella diz: Eu me salvei. Lagrimas, trabalhos, tristezas, combates, tudo passou: porém a alegria, o repouzo, e a vida feliz, de que estou agora gozando, nunca acabarão. Eu me salvei: que doce he este momento! E todos os mais se parecem a este primeiro.

Oh! como he verdade que todos os trabalhos, todas as afflicções da vida presente, não tem porporção alguma com a futura gloria, que algum dia resplandecerá em nós. (Rom. ó.) Felices as adversidades, preciosas as cruces desta vida, doce, e suave o jugo do Senhor, pois que produz em nós hum pezo eterno de gloria, em hum tão alto grão de excellencia, affirma de todas as medidas! 2. Corint. 4.)

Que alegria mais vã, que complacencia mais frivola, do que a que procede de hum objecto creado! Alegrai-vos, e gozai-vos, diz o Salvador,

dor, porque os vossos nomes estã escriptos no Ceo. *Gaudete, & exultate.* (Luc. 10.) Naõ basta alegrar-nos com huma alegria ordinaria; devemos estar transportados de hum prazer ineffavel, e saltar de contentamento, considerando a grandeza da recompensa, que nos estã preparada na Gloria dos Bemaventurados.

He possivel, Senhor, que desejando todos necessariamente ser felices, e trabalhando todos para isto, nos apeguemos taõ fortemente a tudo, o que nos impede chegar a se-lo? Promettetestes-nos huma felicidade infinita, e eterna; e nós a desprezamos! Que contradicçãõ! E pôde fazer isto hum homem racional, hum homem, que naõ he inimigo de si mesmo!

Eu confesso que assim tenho obrado atéqui, meu amavel Salvador, e disso tenho hum pezar excessivo. He preciso hum ardente desejo de possuir o Ceo, para vos fazer esquecer a minha insensibilidade passada: vós me creastes, e remittes, Senhor, para esta feliz morada; naõ permittais que me faça indigno della: eu naõ suspiro jámais por outra cousa, senã pelo Ceo.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Abril.

Da morte dos Justos.

I. PONTO.

O que sentirão á bora da morte as pessoas, que tiverem vivido a sua vida na pratica da virtude, e com fervor.

Considera que doce cousa he morrer, se temos vivido bem. A morte he a pena do peccado: e não he só propriamente para as almas immundas com o peccado, que ella deve causar afflicção? E pôde deixar de causar grande prazer, e alegria áquelles, que tem vivido no exercicio das virtudes Christãs? Poder-se-ha não morrer contente, quando a morte he santa?

A morte dos justos he preciosa diante de Deos, diz o Profeta, ella he agradável. O que he precioso, estima-se: por pequeno que seja, toma-se muito cuidado d'elle. Assim, ainda que os Justos morraõ destituidos de todo o socorro humano, ainda que morraõ subitamente, a sua morte nunca he improvisa; Deos toma hum singular cuidado della: e como poderia deixar de ser feliz esta morte, sendo taõ preciosa nos seus olhos?

Com effeito tudo contribue a consolar os Justos nesta ultima hora. Que consolação, que alegria não sente na hora da morte hum homem, que tem vivido Christãmente, que tem vivido no exercicio da paciencia? E a consideração do

futuro.

futuro, pôde deixar de adoçar as dôres mais crueis do presente estado?

Tudo o que havia mais aspero, e difficiloso no serviço de Deos, passou em fim: jejuns, retiros, exercicios de mortificação, trabalhos, austeridades, abatimentos, penitencias, tudo está acabado, assim o bem, como o mal, igualmente passab. Que prazer não causa na hora da morte não ter feito o mal, que se podia fazer? Que alegria ter feito o bem, que havia obrigação de fazer? principalmente quando se considera no cruel arrependimento, se se não tivesse feito.

Por mui longa, que fosse a vida, parece na hora da morte que não mediou mais que hum momento entre o dia do nascimento, e o ultimo da vida: e pôde antão deixar de consolar infinitamente, ter prevenido, e evitado com huma santa vida os crueis arrependimentos, e a desesperaçã, que os peccadores sentem naquella hora?

De que me serviria agora, diz hum moribundo, ter feito huma grande fortuna, ter grangeado amigos poderosos, e ter possuido os mais honrosos cargos? De que me serviria ter tido parte em todas as assembleas de divertimentos, ter sido hum homem muito cortezaõ, em fim ter em tudo seguido as maximas do mundo? Eu condemno agora, e condemnarei por toda a Eternidade essas maximas: de que me serviria tudo isto, se não tivesse tratado da minha salvaçã? Todas as riquezas, tudo a que me poderia apegar no mundo, não poderia prolongar a minha vida hum só momento: exaqui estou agora desterrado para sempre de todas as sociedades de prazeres; e todo o favor do mais poderoso Monarca do mundo não me serviria ao presente de nada. A lembrança das alegrias passadas, e de todos os divertimentos mundanos, poderia dar-me
nesta

nesta hora o menor alívio? De todas as vaidades, e tantos frívolos passatempós, que me restaria ao presente mais, que hum' cruel, e mortal arrependimento de me ter cansado, e ter trabalhado para me perder eternamente? Oh que sabio fui, em ter despresado a bom tempo, o que eternamente hei de condemnar! Ah! ou eu quizesse, ou não, ser-me-hia necessario nesta hora ver-me arrancado de todos os prazeres; seria necessario romper com violencia todas estas prizoens; e então que vos parece? Dará consolação, será cousa doce na hora da morte considerar, que muito tempo há, que estáo já quebradas.

Tratava-se de huma Eternidade; a minha salvação era o meu unico negocio: se tivesse acertado em tudo o mais, e não tivesse adquirido a minha salvação, era o mesmo que não ter feito nada. Estive em perigo de me perder: ah! e se eu não tivesse cuidado da minha salvação? Só este pensamento faz tremer: mas com a graça de nosso Senhor cuidei della, e tratei de a alcançar. Meu Deos, que doce he este pensamento!

Consideremos hum homem, que vem de muito longe para tratar de hum negocio da maior supposição, em que se trata da sua honra, de todos os seus bens, e da sua vida; chegou a tempo de ter audiencia do Principe, de instruir os Juizes da sua causa, de responder ás accusações dos seus adversarios, e em fim de justificar toda a sua vida: hum dia, duas horas mais tarde que chegasse, já não vinha a tempo; julgavao o seu processo, e o condemnavao ao ultimo supplicio. Meu Deos, que alegria por se não haver entretido nos caminhos! É que seria, se esta diligencia, se esta exactidão lhe grangêa hum rico estabelecimento, se o enche de riquezas, de honras, e se o faz finalmente valido do Principe! Que

con-

consolação! que alegria! por ter chegado tanto a tempo!

Certamente não se arrepende então de se ter privado de algumas pequenas recreações, e de outros prazeres, que podia gostrar no seu caminho, principalmente se elle sabe que outros muitos, com quem fazia a mesma jornada, e que tinham o mesmo negocio que elle, perderão a sua causa, e por cume das suas desgraças, perderão juntamente com os seus bens todos, a vida sobre hum patibulo, por terem condescendido muito com os seus falsos amigos, por se terem divertido no caminho, e por terem buscado as suas mais pequenas commodidades. Imaginai agora, se he possível, algum pensamento de maior consolação, alguma alegria mais pura, e mais solida, alguma satisfação mais doce.

Que verdadeiro prazer achamos em considerar nos perigos, em que estivemos, e ainda em fallar nas nossas aventuras, quando nos vemos já em segurança! Que pura consolação, que doce cousa he na hora da morte considerar nos trabalhos, que se padecerão em vida por Deos! E que prazer he para hum navegante lembrar-se dos rochedos, e das tempestades, por onde passou, quando há chegado ao porto.

Veio jámais ao pensamento de algum homem, que está expirando, arrepender-se de se não ter entregado bem ao mundo, não ter vivido com affaz delicadeza, de ter vivido huma vida muito Christã, e ter sido muito mortificado? Chora-se então sómente o tempo, que se perdeu nos vaos divertimentos do seculo, só se chora o ter amado muito os prazeres, e de obrar em tudo pelos respeitos humanos. Ah! talvez toda a nossa vida só está cheia de acçoens, de que nos arrependemos na hora da morte.

Huma

Hum pessoa Religioſa arrependeo-fe jámais nesta ultima hora , de ter deixado voluntariamente , e com tanto merecimento os ſeus bens , e os ſeus parentes , deixando o ſeculo , ao qual naquella funeſta hora ſeria obrigado a deixar com tanta violencia , e ſem fructo algum ? Encher-ſe ha de deſeſperaçaõ por ter ſido Religioſo imperfeito : mas nunca ſe arrependerá de ter ſido Religioſo.

Só o pensamento da morte horroriza , e enche de turbaçaõ ainda aos mais intrepididos ; atemoriza aos impios , mas aos Santos enche de alegria. Homem juſto , ſegundo S. Joã Climaco , he aquelle , que não teme a morte ; e o Santo , o que a deſeja. Que couſa taõ boa , e de tanta conſolaçaõ ſerá receber na hora da morte o Viatico , quando ſe há paſſado toda a vida com hum ſingular ternura para com Jeſu Chriſto , e quando ſe lhe pôde dizer com conſiança nesta ultima hora : Vindẽ , Senhor , o meu coraçãõ eſtá prompto !

E que bem parece na hora da morte hum Crucifixo a hum pessoa , que toda a vida trouxe a ſua Cruz , e nella têm ſempre vivido pregado ! Que conſolaçaõ para hum alma verdadeiramente Chriſtã , ver-ſe convidada a ſahir deſte mundo , a quem taõ pouco eſtimava , para ir para a Jeruſalem Celeſtial , pela qual havia muito tempo ella ſuſpirava ! *Proſciſcere anima Chriſtiana de hoc mundo* : he como ſe diſſeſſem a hum Principe deſterrado : Voltai á voſſa Patria , já vos chamaõ do voſſo deſterro : ou como hum valeroſo Soldado , que , depois de ſe ter ſignalado na guerra , por hum grande numero de aççoens heroicas , he chamado pelo ſeu Principe , para receber hum recompensa digna dos ſeus trabalhos.

Na verdade a conſideraçãõ dos proprios peccados,

cados, ainda a hum justo, póde ser efficaz motivo para temer; mas a vista de hum Crucifixo assegura maravilhosamente a huma alma pura; e as oraçoens da Igreja, as intercessõens dos Santos, e sobre tudo a protecção da Rainha dos Santos, a mesma presença de Jesu Christo, inspira aos Justos nesta hora huma certa confiança na misericordia de Deos, a qual nem tentaçõens, nem a mesma turbação, nem o horror natural da morte, são capazes de turbar.

A consideração das suas boas obras, não lhes he motivo de vaidade, mas hum motivo de confiança na esperança de que aquelle Deos de bondade, que lhes fez tantas graças, tantos beneficios na sua vida, não os há de desamparar na hora da morte. A devoção á Santissima Virgem, e a lembrança dos favores singulares, que della receberão, serão para elles novo motivo de consolação, e alegria. Estas almas fervorosas tem amado ardentemente a Jesu Christo, estão dezançando ansiosamente unirem-se a elle. Com que santa impaciencia estão esperando aquella felicissima hora! Com que alegria estão vendo chegar aquelle ditoso momento, em que hão de principiar a sua eterna Bemaventurança! Ah! e que doce he morrer pronunciando o dulcissimo Nome de Jesu, quando se tem amado em vida a Jesu Christo com ardor, e com ternura! Que doce he morrer, quando com huma boa vida se tem preparado para a morte! Que doce he morrer com a morte dos Justos! Que consolação não dará a huma alma na hora da morte o ter empregado toda a sua vida em conseguir huma morte santa!

Ah! Senhor, que objecto mais digno dos nossos desejos, e dos nossos cuidados, que huma santa morte! Há muitos, que poem a sua gloria

ria em morrer valorosamente, em acabar os seus dias com honra: quanto a mim, Senhor, toda a minha ambição, toda a minha honra daqui por diante será morrer como santo.

Reflexões sobre estas verdades.

Que differença entre a morte dos Justos; e a morte dos impios! E esta mesma differença não se conhece depois da sua morte? He bem certo, que a morte espalha em todas as cousas terror, e medo. Hum corpo morto faz horror; e ainda que seja o cadaver da pessoa mais respeitada no mundo, ninguém se atreve a entrar na camera aonde elle expirou, ninguém se atreve a chegar ao caixão aonde está o seu corpo: pois que seria, se fosse necessario passar a noite só ao pé do mauzoleo, aonde está este cadaver?

Só a idéa de hum homem morto faz medo; ainda mesmo tudo aquillo, de que elle usou, mette horror: mas se estamos persuadidos, de que aquelle morto era santo, que veneração não temos ao seu corpo! A casa aonde morreu bem longe de causar horror, inspira não sei que ar de alegria, e de confiança; o caixão, em que o puzeram, faz-se precioso; cada hum se julga por feliz em ter alguma cousa de tudo, o que servio a seu uso; todos se apressão para o tocar, e beijar seus pés, e suas mãos. Pois não he isto hum corpo morto? Não importa: a santidade não sómente faz a morte doce, e agradável aos que morrem; mas ella tambem tira tudo, o que a morte tem de horroroso, e desagradavel, faz digna da veneração do publico esta preciosa reliquia. Ainda que fosse a pessoa mais pobre do mundo, e mais vil; todas as pessoas mais distinctas, ou pelos

pelos empregos, ou pelo seu nascimento, terá por honra, e por obrigação assistir aos seus funeraes: será esse corpo levado como em triumpho por entre os obsequios, e os applausos de todos os povos; ao mesmo tempo, que os Grandes do seculo morrem, e todas as suas honras, que lhes fazem, expiraõ com elles.

Nós ficamos todos movidos, e arrebatados com a morte dos Santos: e não hé bem para admirar que o desejo, que sentimos de ter huma boa morte, não nos persuada, e mova a viver melhor?

Todos clamaõ com o Profeta: Morra eu com a morte dos Justos, e seja o meu fim semelhante ao seu. Mas de que servirá este desejo esteril, se a minha vida se não parecer com a sua? Ignoramos acaso que aquella doçura, que sentem os Santos na morte, he o ordinario fructo da santidade da vida? He pois necessario termos vivido como os Santos, com huma mortificação continua das paixoes, e dos sentidos; e com hum inteiro desapego, e perfeito desprezo do mundo, e na pratica das virtudes Christians, e boas obras, proprias de cada estado, se queremos morrer como Santos. E que terrivel cousa estar reduzido na hora da morte a não ter mais que inuteis pezares!

Depois de estares morto, ainda que estiveses prezo ao mundo com mil prizoens, ainda que tenhas sido o mais zeloso dos seus servos, elle acabou para ti: e que poderás já agora tirar delle? Que recompensa de todos os teus serviços, ou, para melhor dizer, que indignação, que desesperação sentirás de o teres servido! Porém pelo contrario, se temos empregado a vida no serviço de Deos, que recompensa ainda pelos menores serviços! Trabalhos, fadigas, boas obras,
nada

nada escapa aos olhos de sua misericórdia : recompensa , e paga ainda a boa vontade. E que sábios são aquelles , que sabem deixar o mundo , antes que o mundo os deixe ! que o desprezaõ , antes que sejaõ delle desprezados !

He na verdade hum espectáculo bem triste , ver hum homem , que o levaõ fóra de huma rica casa , que acabava de comprar , ou de edificar , e que o levaõ para não tornar jámais a entrar nella , ficando outro senhor do seu dinheiro , dos seus móveis , e de tudo o que elle tinha no mundo. Que sábios são aquelles , que , olhando a terra como hum lugar do seu desterro , suspirão continuamente pela sua amada Patria ! Oh como são felices em viver sempre com o pensamento de que haõ de morrer ! Onde estaõ agora nossos Pais , nossos amigos ? Onde estaõ agora esses Grandes do mundo , que faziaõ em outro tempo tanto estrondo , que appareciaõ no mundo com tanto lustre , que viviaõ em tantas delicias ? Já não são cousa alguma no mundo , nem se considera nelles , senaõ em quanto elles foraõ uteis ; nem ainda na sepultura são cousa alguma , aonde o seu corpo está reduzido a cinzas.

Elles já não são cousa alguma tambem na memoria dos homens ; assim que deixaõ de ser uteis , estaõ esquecidos. Estamos acaço muito occupados com a lembrança daquelles , que nos precederaõ ? Lembramo-nos dos seus defeitos , reprehendemos os seus procedimentos ; e exaqui a recompensa mais ordinaria , e mais segura , que devemos esperar ainda daquelles , a quem nós obrigarmos mais. Que contentes morreriaõ todos , se tivessem feito por Deos a centesima parte , do que fazem inutilmente pelo mundo ! Que trabalhos , que afflicções não evitariaõ ainda mesmo na vida ! E que alegria seria a sua na morte , á vista da sua

recom-

recompensa ! Donde procede que nos preparemos taõ pouco para a morte , naõ havendo cousa taõ importante , e taõ necessaria , como morrer bem , pois que tudo depende do feu acerto , e que he impossivel reparar a perda , que se faz , se se naõ morre bem ? De que me servirá viver como homem bom , se morro como peccador ;

Que objecto mais digno de huma alma Christã , e da ambiçaõ de hum homem de juizo , que huma morte santa ?

Porém , meu Deos , e meu Senhor , qual há de ser o fructo de tantas , e taõ saudaveis reflexoens ? E que sentimentos , que pesar naõ terei na hora da morte , se naõ tiro dellas algum fructo ? Ah Senhor ! estarei eu persuadido tanto como estou , que nada há sólido fóra de vós , e ainda me deixarei apegar daqui por diante á outra alguma cousa ? Taõ convencido como estou da inutilidade dos cuidados do mundo , ainda me applicarei daqui por diante a outra cousa , que naõ seja servir-vos ? Só vós , ó meu Deos , me podereis fazer feliz ; eu mesmo naõ quero mais outra fortuna.

E que sabios foraõ os Santos em terem desprezado aquillo mesmo , que todo o mundo convém que he dignissimo de desprezo ? E que prudentes foraõ em fazerem pouco caso dos respeitos humanos , e das vans maximas do mundo ; em se naõ terem deixado arrebatado pela torrente do máo exemplo , tratando taõ asperamente seus córpos , e poupando-se taõ pouco ao trabalho em sua vida ? E eu mesmo poder-me-hei ter por sabio , se naõ me aproveito do exemplo dos Santos ?

Quantos se daõ a si mesmos agora os parabens , por terem vivido huma vida pura , regular , e exemplar ! huma vida taõ contraria á dos filhos do seculo ! Porém , Deos meu , poder-me-hei

hei alegrar com o ter-me só contentado de ter bons sentimentos de estimação, e veneração para com elles, sem cuidar de imitar a sua vida? Elles mesmos terião sido felices, chegariaõ a ser Santos, se tivessem vivido como eu vivo?

Ah! Senhor, não permittais que o grande numero de reflexoens, q' ao presente faço, me seja motivo de novos pezares. Confesso que na hora da morte me encherei de desesperação, se não me converto neste mesmo instante. Vós quereis me converta, eu tambem o quero, e parece-me, que bem sinceramente: e não está isto na minha mão?

Dou-vos as graças, meu amavel Salvador, por me dares ainda tempo, e o pensamento de me preparar para morrer bem: sei q' o principio deste preparo he viver bem: e he isto mesmo o que daqui por diante hei de fazer com o soccorro da vossa Graça, sem me dilatar hum só momento: defenganado de todos os friyolos passatempos, que me occuparaõ atéqui tão inutilmente; das vans idéas de fortuna, de grandeza, e de prazeres, de que tão miseravelmente se nutrem nesta vida os homens: todos os meus zelos daqui por diante hão de ser em trabalhar por alcançar huma morte santa.

Moriatur anima mea morte Justorum, & fiant novissima mea borum similia. Morra a minha alma com a morte dos Justos, e seja o meu fim finilhante ao seu.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez
de Maio.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do pequeno numero dos escolhidos.

I. PONTO.

*He muito pequeno o numero dos que se salvaõ,
segundo o que nos ensina a Fé.*

COnsidéra que naõ sómente a respeito desta multidãõ quasi innumeravel de Infieis, que occupaõ a maior parte da terra, he pequeno o numero dos que se salvaõ; mas tambem he pequeno a respeito da grande multidãõ de Fieis, que se perdem na verdadeira Religiaõ.

Há poucas verdades no Christianismo mais claras, e mais solidamente provadas, do que esta.

Entraí pela porta estreita, nos diz o Filho de Deos, porque a porta, e o caminho, que conduz á perdiçaõ, he largo, e espaçoso, e saõ muitos os que entraõ por elle: mas que estreito he o caminho, que conduz á vida, e que poucos saõ os que entraõ por elle! (*Matth. 7 13. 14.*)

Muitos saõ os chamados, diz elle em outra parte, mas desses mesmos, que saõ chamados, saõ poucos os escolhidos. Repete o mesmo, e com os mesmos termos em outro lugar. Esta terrivel verdade, que o Salvador repetia tantas vezes a

feus

seus Discipulos, moveu, e obrigou a hum d'elles a fazer-lhe esta pergunta: Senhor, taõ pequeno he o numero dos que se salvaõ? O Filho de Deos com medo de horrorizar muito aos que o ouviaõ, parece que quiz desfazer a pergunta, contentando-se com lhe dizer por unica resposta: Meus filhos, a porta do Ceo he estreita: fazei todos os vossos esforços para entrar por ella.

O Apostolo, cheio do espirito de seu Mestre, compara indistinctamente todos os Christaõs aos que correm no estadio. Todos correm, diz elle, mas só hum he que leva o premio: comparando os que se salvaõ, ao que alcança o premio da carreira. E para nos fazer entender bem claramente que falla aqui dos Fieis, traz o exemplo dos Israelitas. Naõ ignorais, meus irmaõs, diz elle, que os nossos Pais estiveraõ todos debaixo da mesma nuvem, e que todos passaraõ o mar vermelho, e que foraõ todos baptizados pelo ministerio de Moysés na nuvem e no mar: todos comeraõ a mesma vianda mysteriosa, e beberaõ todos tambem da mysteriosa bebida. Bebiaõ da pedra mysteriosa, que os seguia, e esta pedra era Jesu Christo. (1. Cor. 10.) Todas estas maravilhas faziãõ-se para os conduzir á Terra da Promissaõ: e quantos julgais vós que chegáraõ a ella? De mais de seiscentos mil homens, que tinhaõ sahido do Egypto, só Caleb, e Josué tiveraõ a felicidade de entrar nesta Regiaõ afortunada.

Isaias compara o numero dos escolhidos ao pequeno numero de azeitonas, que ficaõ nas oliveiras depois de varejadas, e aos poucos cachos, que escapaõ á diligencia dos vendimadores.

Além destes formaes Oraculos, e das frequentes comparaçoens, de que se serve a Escripura para nos convencer desta terrivel verdade; ella ainda nos poem diante dos olhos certos exemplos,

plos, que nos dão a conhecer isto melhor.

De todos os habitantes do Universo, huma só familia escapou ás aguas do Diluvio; de cinco Cidades, que se consumirão com o fogo do Ceo, não houverão mais que quatro pessoas, que se salvarão do seu incendio: de tantos paralyticos, que esperavaõ ao redor da Piscina para se curarem, hum só de cada vez sahia saõ. Havia muitas Viúvas em Israel no tempo de Elias, dizia o Salvador do mundo, e com tudo este Profeta não foi enviado mais, que a huma Viuva de Sarepta. No tempo do Profeta Elizeu, havia muitos leprosos em Israel, e sómente Naaman foi curado.

De todas as verdades da nossa Religião nenhuma há mais horrorosa: e por ventura somos nós muito movidos, e estamos muito penetrados della? Ainda quando fosse verdade que de dez mil pessoas huma só se condemnaria, devia eu tremer, e temer de ser este desgraçado. Ah! e talvez que de dez mil apenas se ache hum só, que se salve; e vivo ainda mui desçaçado! E não temo nada! E não he certo que quanto menos temo, mais razão tenho para temer? A minha segurança sobre isto não póde ser outra cousa mais, que hum effeito do meu erro, e da minha cegueira, que escondendo-me o perigo, em que estou, me poem em estado, ou de não me poder tirar do perigo, ou de não o poder evitar, e prevenir.

Quando se ouve dizer que hum navio foi a pique, quantos se affligem, e se affustaõ? E ainda que hajaõ mais de dez mil navios em o mar, a nova do naufragio de hum só, faz tremer a todos os negociantes. Ah! nós sabemos que de todos, os que vivem ao presente na terra, muito poucos chegarão ao porto da Salvação Eterna; que

a maior parte padecerá hum triste naufragio : quem me diz que não ferei eu do numero destes infelices ? Se o Filho de Deos tivesse dito tão claramente que todos os Christãos se havião de salvar , assim como disse que o numero dos escolhidos era pequeno , não poderíamos viver com maior segurança doque vivemos , sobre a materia da nossa salvação. Todos convimos em que o mundo todo está cheio de precipicios , e que estamos em grande perigo de nos perder ; e com tudo vivemos muy tranquillamente : e quem he o que nos poem nesta segurança ? Temos por ventura menos motivos de temer , por nos acautelarmos menos ? Seremos menos infelices , por sermos menos sensiveis á nossa perda ?

Ah ! quando não tivessemos outra razão para temer , mais que esta segurança fatal , que esta palmoza insensibilidade , em que vivemos , não era isto bastante para nos fazer tremer a respeito da nossa salvação ?

Certamente não cuidamos , nem meditamos nesta verdade. E em que occupamos o nosso juizo , se não cuidamos na Eternidade ? He acaso porque não a cremos ? E poderemos cre-la sem a temer ? E pode-la-hemos temer sem considerar nella ?

Donde procede esta nossa pretendida intrepidez , e esta segurança tão grande , em hum tão evidente perigo ? Os maiores Santos temerão a sua salvação , o mesmo S. Paulo tremeu : e nós nada tememos ! Poderíamos nós temer verdadeiramente a nossa salvação , e não mudar logo de vida ? Temo ser condemnado , vivendo tão mal como vivo ; e não cuido de viver melhor ?

Quando no mar se teme algum naufragio , tudo se sacrifica para salvar a vida ; lança-se no mar , e quasi sem dôr , nem sentimento , tudo o que
há

há mais precioso. Não se duvida hum só momento perder todos os fructos de mui dilatados trabalhos: mas quando se trata da salvação eterna, mais facilmente se arrisca tudo, do que carecer da menor cousa.

Ah! se huma peste, huma enfermidade contagiosa, se espalha em huma Cidade, já a todos lhes parece que os assalta. Que remedios! Que preservativos! Todos se privão dos mais honestos divertimentos. Os jogos, as conversações, já não são proprias do tempo, acaba-se: privão-se os homens de todo o commercio entre si; condemna-se a huma horrorosa solidão. Meu Deos! e para que são tantas precauções? He porque se teme a morte. E não tememos nós ser condemnados, sabendo que a maior parte do mundo se condemna? Por ventura uão he para temer huma infelicidade eterna? A maior parte da gente corre á perdição; talvez que em toda a minha familia hum só se salve: e ainda eu não tomo todos os meios possiveis para ser este feliz predestinado? E ainda me não resolvo a ter hum dia de Retiro para segurar a minha salvação, evitar certos perigos, tomar algumas prevenções contra a occasião do peccado, a tomar em fim as medidas certas, e justas para acertar neste ponto? Que loucura! Confiamos acaso na excellencia da nossa vocação, na santidade no nosso estado, nos talentos, que Deos nos tem dado, e nos meios, que continuamente nos está dando?

Ah! quem jámais foi melhor chamado do que Saul para a Coroa Real, e do que Judas para o Apostolado? E com tudo Saul foi reprovado: Judas perdeu-se na mesma companhia de Jesu Christo, e á vista de seus milagres.

Salomão, o mais sabio dos homens, nos deixou grandes motivos para duvidarmos da sua salvação.

vaçãõ. Hum grande numero de heroes Christãõs, depois de ter chegado a huma virtude quasi consummada, por estar com huma demasiada segurança na sua salvaçãõ; se perderãõ em fim desgraçadamente, e forãõ condemnados com todos os seus imaginados merecimentos: e não terei eu nada para temer a respeito da minha salvaçãõ?

Ah! só a falta deste saudavel temor me deve fazer temer tudo: em materia de salvaçãõ eterna, está já como perdido, quem não teme condemnar-se. Há cousa alguma no mundo, que eu deva ter mais na imaginaçãõ, que o perigo de pecar eternamente?

Meu Divino Redemptor, meu Divino Senhor, que destes todo o vosso sangue para me salvar, e que vos dignais de me fazer ver o perigo em que estou, não permittais que eu assim me perca. Ah, meu Deos! serei eu do numero dos reprobos? Este pensamento me faz tremer; e com tudo sei que muitos se condemnarãõ, depois de ter este mesmo pensamento.

He verdade, Senhor, que até o presente tenho seguido essa multidaõ, que caminha para o Inferno; tenho caminhado pelo caminho largo; mas, meu Deos, agora estou resolute a caminhar daqui por diante pelo caminho estreito, e a fazer todos os meus esforços para entrar pela porta estreita. Ainda que as almas se precipitem a montes nos infernos, ainda que não haja mais que hum só, que se salve nesta Cidade, eu quero ser esse unico; e espero que o hei de ser, ó meu doce Jesu, com o soccorro da vossa graça, pois sei certamente que só por minha culpa, posso ser tão infeliz, que me condemne; ainda que as graças, que me tendes feito atéqui, não tenhaõ produzido algum effeito, tenho com tudo todas as razoes para esperar que esta, que me fazeis ao
presen-

presente, há de ser efficaz. Sim, meu Deos, por mui pequeno que seja o numero dos que se salvaõ, quero, custe o que custar, ser deste pequeno numero: e os bons movimentos, que me dais, me certificaõ com bem confiança, que vós mesmo quereis, que eu entre nesse pequeno numero.

II. PONTO.

O numero dos que se salvaõ he muito pequeno, segundo a mesma razão nos está persuadindo.

Confidéra, que ainda quando a Fé naõ nos ensinasse expressamente esta terrivel verdade, fundada em certos principios do Evangelho, em que todos os Christaõs crem; bastaria só a mesma razão para nos convencer, que o numero dos que se salvaõ he muito pequeno. Naõ he necessario mais para isto, do que considerar por huma parte o que estamos obrigados a fazer; e por outra o que com effeito fazemos.

Para alcançar a salvação he necessario viver segundo as maximas do Evangelho: e he por ventura muito grande o numero dos que vivem hoje confôrme estas maximas?

Para alcançar a salvação he necessario declarar-se huma pessoa descobertamente por discipulo de Jesu Christo. Ah! quantos há ao presente, que tem vergonha de o parecerem! He necessario renunciar com effeito, ou ao menos com o affecto, a tudo o que se possue, e tomar todos os dias cada hum a sua Cruz aos seus hombros: e conheceis por este signal muitos discipulos de Jesu Christo? O mundo he hum inimigo declarado, e sempre irreconciliavel de Jesu Christo; seguir as maximas do mundo he declarar-se contra Jesu Christo; he impossivel servir ao mesmo tempo estes dous Senhores:

res: Ora julgai a qual destes dous Senhores serve o maior numero dos homens.

Os Farizeos eraõ peões , que tinhaõ hum exterior muito regulado ; eraõ extremamente mortificados ; a sua vida parecia irreprehensivel : e com tudo, se nós naõ formos mais exactos observantes da Lei, se naõ tivermos huma virtude mais sólida, e mais perfeita, nunca entraremos no Reino dos Ceos.

Muito he na verdade naõ querer hum vingarse ; e ainda he mais perdoar as injurias : porẽm com tudo, ainda naõ he o que basta para a salvaçãõ : he necessario alguma cousa ainda mais perfeita, e mais heroica : para nos salvar-mos he necessario amar aquelles mesmos, que nos perseguem, aquelles mesmos, que nos tem mais maltratado.

Naõ basta reprovar, e condemnar as acçoens más ; he necessario tambem ter horror aos mais leves pensamentos peccaminosos. Naõ sómente he prohibido reter a fazenda alheia, he necessario tambem assistir aos pobres com os proprios bens. A humildade Christã ; que deve formar em parte o caracter dos Christãos, de nenhuma sorte consente nem a ambiçãõ, nem o luxo. A modestia deve ser o mais excellente ornato exterior de huma pessoa Christã : e conheceis por esta imagem do Christianismo muitos Christãos ?

Ainda que trabalhemos quanto quizermos, e quanto couber nas nossas forças, se o naõ fizermos pura, e verdadeiramente por Deos, ninguem por toda a Eternidade nos recompensará os nossos trabalhos. Guardemos muito embora todas as politicas, e todos os decóros, e civilidades mundanas : Deos naõ se paga de exteriores ; quer o nosso coraçãõ, quer ser adorado em espirito, e em verdade ; isto he, quer ser servido com sinceridade, e rectidão. E he por ventura esta a regra dos costumes da maior parte dos mundanos ? A mesma piedade
de

He todas as pessoas devotas, he por ventura toda segundo esta regra de costumes?

Para ficarmos ainda mais convencidos desta verdade tão terrivel, naõ he necessario mais, que reflectir sobre o primeiro Preceito da Lei de Deos: Amareis ao Senhor vosso Deos, de todo o vosso coração, de toda a vossa aima, com todas as vossas forças, e com todo o vosso espirito: e ao vosso proximo como a vós mesmos. Este he o primeiro Preceito, a baze, e o fundamento de todos os outros; quem naõ observa este, he como se violasse os mais todos. E achaõ-se muitos Christaõs, ainda entre os que fazem profissaõ de virtude, e perfeiçaõ, que guardem verdadeiramente este Preceito? E poderei eu mesmo dizer, que o tenho observado? E será o numero dos escolhidos muito grande? E tenho maior razaõ, que os mais, para esperar ser do pequeno numero?

Hum só peccado mortal arrebatã em hum momento todo o merecimento da mais dilatada, e mais santa vida. Por ventura vive-se ordinariamente hoje em huma grande innocencia? Quantos peccados occultos? Quantos peccados da mocidade, que escapã á advertencia? Quantos peccados graves, que se olhaõ como leves? Nenhum há, que esteja bem seguro da sua verdadeira penitencia. Ora conclui, se seráõ muitos os que se salvaõ.

He hum artigo de Fé, que nem os enganadores, nem os murmuradores, os orgulhosos, os vingativos, nem os impudicos, entrarã jámais no Reino dos Ceos: e que para entrar no Ceo, he necessario, ou naõ ter perdido a Graça, ou te-la recuperado por huma sincera penitencia. E he muito grande o numero destes justos, ou destes penitentes? Achaõ-se muitos, que façã a si aquella perpetua violencia, sem a qual ninguem poderá entrar no Ceo? Achaõ-se muitos, que tenhaõ aquella pu-
reza

reza de costumes, e que vivaõ no exercicio da penitencia? Onde está aquelle horror do vicio, aquella ardente Caridade, que fórma em huma parte o caracter dos escolhidos?

Que he feito da simplicidade dos primeiros Christãos, daquella sinceridade, daquella vida exemplar? O interesse tem tomado hoje o lugar de tudo; a mesma Religião se faz servir aos designios particulares de cada hum; todos se deixãõ arrebatados por onde vai a maior parte; e dizem, he deste modo que se vive hoje no mundo, he necessario ser homem entre os homens, e accomodar ao seu modo de viver: mas ao mesmo tempo he absolutamente necessario ser Christão para alcançar o Ceo; he necessario viver como Christão entre aquelles mesmos, que não tem de Christão mais que o nome.

Huma verdade, que não he menos constante, nem menos certa que esta, he saber que a salvação he a nossa maior, e unica empreza: que toda a vida nos foi dada para trabalhar em a alcançar: que devemos pôr-lhe todos os nossos cuidados, toda a nossa diligencia, sem que possamos, ainda depois de tudo isto, estar seguros do seu bom successo. E achãõ-se muitos destes Christãos zelosos, que olhem a sua salvação como o seu importante, e o seu unico negocio?

Sem a Graça final ninguem pôde esperar a salvação: e he huma verdade indubitavel, que ninguem pôde merecer esta ultima Graça, e que Deos pôde, sem alguma injustiça, nega-la aos maiores Santos. E nós, que somos tão pouco fieis, e tão tibios no serviço de Deos, com que fundamento poderemos esperar esta tão singular Graça?

O fundamento, e a regra da nossa salvação, não são huns meros conselhos, mas são as leis, e as maximas de Jesu Christo. Não nos salvaremos só com haver sabido estas leis, e estas maximas;

mas

mas fim com have-las praticado. Basta dispensar-nos de huma só destas cousas, para nos condemnarmos eternamente. Consideremos agora, nós, que sabemos como se vive hoje no mundo, se será muito grande o numero dos predestinados: e vejamos sinceramente, se nós mesmos teremos grande razão para esperar ser deste numero.

Na verdade cumprem-se certas obrigaçoens da Religiaõ, frequentã-se os Sacramentos, as nossas Igrejas estaõ cheias de povo: mas quem pôde seguramente fiar-se muito destes exercicios exteriores de piedade? Que fructo vemos tirar do uso dos Sacramentos? Que regularidade, e que pureza de costumes se vê no modo de viver entre esse povo?

Quantos cuidais vós, que se salvarãõ nesta grande Cidade? dizia S. Joã Chrystostomo aos moradores de Antioquia. Talvez, diz elle, vos encherá de horror o que vou a dizer; e com tudo não poderei deixar de o declarar. De tantas mil almas, de que ao presente se compoem esta grande Cidade, huma das mais vastas, e mais populosas do Universo, apenas haverá cem, que se salvem; e ainda duvido da salvaçaõ destas.

A Cidade de Antioquia não era entãõ menos pollida, do que são hoje as Cidades da Christianidade: estava entãõ cheia de pessoas virtuosas, o povo passava por devoto, frequentavaõ-se os Sacramentos, vivia-se nella como hoje se vive ordinariamente no mundo: julgemos pelo juizo de hum Santo, que jámais fallaria taõ affirmativamente sem huma luz particular, julgemos, digo, do numero dos predestinados.

Que fructo tiramos em nos enganar a nós mesmos, e cegar-nos de tal sorte, que cheguemos a não ver, que indubitavelmente nos perdemos sem remedio algum? E por ventura não vemos, que se
viver-

vivermos como a maior parte dos homens vivem ; a nossa Religião nos obriga a crer , que nos condemnamos ?

Com effeito se com taes leis , e com taes maximas , fazendo nós tudo o contrario , do que ellas determinaõ , ainda a nossa Religião nos deixasse esperança de alcançar a salvaçaõ ; poderiamos crer , que a nossa Religião fosse boa , e não pareceria , que ella queria enganar ao Genero humano ? Mas , graças a Deos , a nossa Religião he a primeira , que clama sobre isto ; condemna totalmente huma tal contradicção de costumes ; ella reprova huma conducta tão pouco Christã : e o grande numero de Christãos frouxos , cobardes , e dissolutos , nunca poderá justificar a sua relaxaçãõ.

He hum artigo de Fé , que ninguem se salvará sem se assimilhar a Jesu Christo ; isto he , se não tiver os mesmos sentimentos , e affectos , que elle ; se não tiver horror a tudo , o que elle aborrece ; se não estimar tudo , o que elle ama. E há muitos , que se assimilhem a este mode-lo ? Nós mesmos poderemos dizer , que lhe somos semelhantes ? E que será de nós ? Qual será a nossa sorte , se o não imitarmos ?

Com tanto que se guardem certas apparencias de Religião , e hum certo exterior de virtude , e alguns decóros , logo fórma cada hum para si seu sistema de consciencia , a cujo abrigo se vive tranquillamente sobre o negocio da salvaçaõ. Porém acaso ignoramos , que tambem os Heresges formaõ para si seu sistema de consciencia , e que são ainda mais observantes de certas ceremonias , do que nós ? Nós cremos firmemente que elles com todos os seus decóros , e com todas as suas pertendidas qualidades de homens de bem , se perdem ; e na verdade temos razãõ para assim o crer : e sobre que revelaçãõ , sobre que novo

Evange.

Evangelho, fundamos nós esta segurança, a que estamos apegados, de alcançár a nossa salvação vivendo tão mal?

Nós vivemos, dirão alguns, dentro da boa, e da verdadeira Religião: e elles tem a desgraça de estar separados della. Certamente, se não fazemos gosto de nos deixar enganar em materia de salvação, vejamos qual vale mais: Não crer quasi nada do que se deve obrar, ou não obrar quasi nada do que cremos?

Se para a salvação não fosse necessario mais que crer, não seria pequeno o numero dos predestinados. Deixem-nos viver como quizermos, dirião muitos, e nós daremos credito facilmente a quanto quizerem. Mas a Fé sem obras certamente he morta. Lisongeemo-nos muito embora, quanto quizermos, de crer no Evangelho: se não vivermos conformes aquillo, que cremos, nunca poderemos esperar a salvação. Os demonios tambem crem, e melhor, do que nós: mas tem huma fé só especulativa. Ai de nós, se a nossa fé for só como a delles!

Será possível que toda a sublime santidade do Christianismo, todos os fructos dos exemplos de hum homem Deos, todo o preço do seu Sangue, todo o effeito dos seus Sacramentos, e da sua Graça, se reduza a fazer-nos guardar, quando muito, huns certos exteriores, que não servem mais, que a fazer-nos condemnar com menos temor, encobrimdo-nos defeitos, que nos são communs com os Gentios?

Ah! os Santos eraõ por ventura de outra condiçaõ, do que nós? Tinhaõ sido exceptuados na universal Redempçaõ do Genero humano? Ainda se não tinhaõ achado os caminhos do Ceo? Esperavaõ outra recompensa dos seus trabalhos? E donde procede o sermos tão pouco semelhantes a elles? Elles

queriaõ ser santos: e nós, que queremos ser? Devemos esperar ser Santos, imitando-os tão pouco?

Dizem: Deos terá misericordia de nós. E que fundamento pôde ter esta confiança a respeito daquelles, que se servem da mesma misericordia de Deos, para o offenderem com mais insolencia? Jeshu Christo condemna em expressos termos as almas tibias: e aonde não reina esta tibieza?

Ah Senhor! ficarei eu bem persuadido que o numero dos que se haõ de salvar he pequeno, e não farei quasi nada para ser deste pequeno numero? Sim, meu Deos, perca-se quem quizer; quanto a mim, quando não houvesse em todo o Universo mais, que hum só, q se salvasse, sabendo que posso eu ser esse, quero, com o soccorro da vossa graça, se-lo eu.

Eu bem vejo, meu Divino Salvador, que até o presente não tenho feito cousa alguma por vós, que seja capaz de me inspirar esta confiança: mas permitti-me que vos diga, que de nenhuma sorte poderei ter menos confiança, vendo o que vós mesmo fazeis agora por mim.

Será possível que não me desseis este tempo, e a graça para fazer estas reflexoens, senão para me fazer mais culpavel aos vossos olhos? Devo esperar ainda, que me deis outros signaes do sincero desejo, que tendes, de me pôr no pequeno rebanho dos escolhidos? O grande temor, que tenho ao presente, se ferei deste pequeno numero, o qual eu olho como huma grande graça, não he para mim huma sólida prova do desejo, que tenho de o ser?

Tenho feito inuteis todos os bons affectos? e movimentos interiores, que atéqui me tendes dado: mas, meu Senhor, parece-me que tenho alguma razaõ de crer, que a resoluçãõ, que ao presente tomo de trabalhar sériamente na minha salvaçãõ, há de ser efficaç. Sei que todos os bons sentimentos passaõ, que as luzes se desvanecem: mas
como

como eu não pertendo differir hum momento o converter-me, e entregar-me totalmente ao vosso serviço, espero, fiado na vossa bondade, que a minha conversão há de ser duravel, e constante.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Maio.

Do peccado mortal.

I. P O N T O.

O peccado mortal he o maior de todos os males, e fallando propriamente, he o unico mal.

Considéra, que todas as desgraças, que succederaõ depois do principio do mundo, esse diluvio de males, que inunda toda a terra, as guerras, a peste, os incendios, as enfermidades, e outras mil incõmodidades, a condemnação eterna de tantas almas, o mesmo Inferno, são funestas consequencias de hum só peccado mortal.

Não se poderã jámais ver creaturas mais perfectas, nem mais nobres, que os Anjos: e hum só peccado mortal, que era hum pensamento de soberba, e que não durou mais, que hum momento, precipita nos Infernos, e condemna a tormentos eternos hum tão grande numero de creaturas tão nobres, e tão perfectas, que podiaõ dar a Deos tanta gloria por toda a Eternidade; as quaes elle mesmo tinha creado singularmente para a sua gloria. Concebamos depois dillo (se he possivel) o que he hum peccado mortal.

Hum só peccado de desobediência, priva o

primeiro homem da justiça original, priva-o de todos os dons naturaes, e sobrenaturaes, e ainda do mesmo privilegio da immortalidade; e grangêa para elle, e para toda a sua descendencia, essa multidão quasi infinita de males, que nos farão gemer até o fim dos seculos. Há já seis mil annos, que Deos se vinga, e a sua vingança ainda não está satisfeita: durará até o fim do mundo; e o fogo do Inferno, que esta colera tem accezo, durará huma Eternidade. Comprehendamos por tão terriveis effeitos a malicia da fatal causa, que os produzio.

Quantas pessoas de huma virtude singular accumuladas de merecimentos, depois de ter chegado a hum grão sublime de santidade, se condemnarão desgraçadamente, por hum só peccado mortal?

Ainda que hum tenha vivido sessenta, ou oitenta annos no exercicio da penitencia, ainda que tenha praticado os actos das mais heroicas virtudes, ainda mesmo que tenha feito milagres, hum só peccado mortal destroe, anniquilla em hum momento tudo isto, em hum momento cahe na desgraça de Deos, em hum momento se faz objecto da sua colera, e da sua vingança.

Na verdade o que Deos faz, para se vingar do peccador, pôde muito bem dar-nos alguma idéa da enormidade do peccado: mas com tudo, nada faz melhor conhecer até que excesso o aborrece, como o que elle tem feito para o destruir.

A sua Incarnação, o seu Nascimento, a sua vida, a sua Paixão, e sua morte, são huns taes prodigios, que excedem toda a nossa comprehensão. E com tudo, forão necessários todos estes prodigios para destruir o peccado: foi necessario o Sangue de hum Deos, para resgatar huma alma. E que depois de tantas fadigas, de tantos trabalhos, este mesmo Deos condemne ainda huma alma, por hum só peccado mortal! E que todos os males, todos

dos os tormentos, todas as adversidades desta vida, todos os fogos do Inferno, e fogos eternos, não possam jámais apagar a raiva, contra hum só peccado mortal! Certamente sempre deve ser isto huma cousa bem horrivel!

Seria necessario comprehender a Magestade infinita de Deos, a infinita desproporção, que há entre a creatura, e o Deos, a quem ella offende, para termos huma justa idéa da enormidade do peccado. A offensa de huma Magestade infinita, commettida por huma creatura vil, e desprezivel, que a aparta do seu ultimo fim, extinguindo em si todo o principio da vida, isto he, a Graça, devia ser por ventura castigada com menor pena? Na outra vida, não há alguma redempção, nem algum remedio: he preciso pois que a arvore fique eternamente naquella mesma parte, aonde cahio. E por ventura podemos conceber o rigor, e a necessidade de todas estas consequencias?

Só o peccado nos pôde apartar do nosso fim, fazendo que abuzemos das creaturas, que nos dá Deos para chegarmos a elle. Não há propriamente mal algum no mundo, senão o peccado; porque só aquillo, que nos aparta, e priva do soberano bem, he que se pôde chamar verdadeiramente mal. Peccar mortalmente, he perder a amizade de Deos, perder todo o merecimento do Sangue do Redemptor, e todo o direito, que elle nos tinha adquirido á gloria pela sua morte, he finalmente perder o mesmo Deos. Comprehende, e considera bem esta perda, e prevê bem, e esquadrinha todas as suas consequencias, e certamente conceborás no teu coração a enormidade do peccado mortal.

Almas réprobas, desgraçadas victimas da colleira, e da justiça de Deos, depois que não quizestes ser o objecto da sua bondade, e das suas ineffaveis misericordias; heu conheceis, ou ao menos sentis

em vós mesmas esta incomprehensivel enormidade : e quaes são os vossos pesares , e remorsos interiores ? A vossa dor he extrema ; a vossa raiva , e a vossa desesperaçãõ não terãõ jámais fim .

Enfermidades , perdas da fazenda , adversidades , tristezas , e todos os molestos , e incommodos accidentes desta vida , que pouco mereceis o nome de males ! Por mui amargoso , que tudo isto seja ao espirito , e ao coraçãõ , se o peccado está longe , e como desterrado deste mesmo coraçãõ , posso achar entre tudo isto hum verdadeiro bem , e hum sólido prazer ; tudo isto me pôde ser saudavel . Os perfectos Christãõs , estas pessoas verdadeiramente sabias , olhãõ estes chamados males como beneficios do Senhor ; e certamente o são , e eu mesmo os olharei como taes no fim da minha vida : e pelo contrario , honras , fortunas , opulencia , grandezas mundanas , alegrias , prazeres desta vida , se sois acompanhados com hum só peccado grave , sois verdadeiras desgraças , e hum castigo bem terrivel de hum Deos justamente irritado . Deste modo discorrerãõ todos os Santos , e os mesmos réprobos no Inferno ao presente tambem assim discorrem , e eu mesmo tambem assim discorrerei por toda a Eternidade .

Na verdade : o peccado não sómente he o unico mal , fallando propriamente ; mas nem pôde haver outro algum mal : e por ventura olha-se o peccado como tal ? Ah ! vemos que o peccado deleita , o peccado tem todos os attractivos para os homens : e poderiamos dizer que muitas pessoas não achãõ gosto nos prazeres , se não vão misturados com algum peccado . E não sou eu mesmo deste numero ? Que horror tenho tido atéqui do peccado ?

Ah , Senhor ! se examino a minha facilidade em commetter o peccado , e a pouca dôr , que tenho tido de o haver commettido , que devo julgar ? Que posso eu dizer ?

Eu

Eu devo, meu Deos, desterrar a minha cegueira, ter horror aos meus erros, admirar, e adorar a vossa bondade, e a vossa paciencia. Eu faço agora, meu Divino Salvador, huma, e outra couza; e vos dou muitas graças pela que me fazeis; de me dar ainda tempo de chorar as minhas desordens. Estou persuadido, que o peccado he o maior de todos os males, e que he o unico mal, que devo aborrecer, e temer, e nem quero temer outro algum mal: e os meios, que vou tomar para o evitar, farão ver claramente a minha penitencia, e conversão.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a enormidade, e os efeitos do peccado mortal.

EXaqui pois o que he hum peccado mortal: offensa de huma Magestade infinita, infinitamente respeitavel, e que merece ser infinitamente amada. He huma afronta voluntariamente feita a hum Deos, por huma creatura vil, e desprezivel, a quem este mesmo Deos têm enriquecido com os seus beneficios. He este o maior de todos os males, e propriamente he o unico mal, que há no mundo, fonte, e principio de todos os males, que não se poderia expiar por todas as satisfacoens, e ainda pelo sacrificio de todos os mortaes; digno sómente de huma pena eterna; exaqui o que he o peccado mortal: e faz-se no mundo este conceito d'elle? E por ventura, por se não fazer d'elle este conceito, fica sendo menor mal? Fica o peccador menos culpado? Será acaso menos desgraçado? Será menos digno de compaixão?

Certamente sempre deve ser o peccado hum muito grande, e mui terrivel mal, pois que Deos, q̄ he a mesma bondade, e cujas misericordias excedem

dem todos os prodigios , que elle tem feito; castiga hum só peccado mortal de hum modo tão espantoso.

Que conceito , e que juizo se faz hoje do peccado no mundo ? Esses homens dissolutos , e de consciencia livre , que se honraõ com as suas desordens , reputaõ-no por hum grande mal ? Esses mundanos , que se nutrem com a iniquidade , por ventura olhaõ o peccado como o unico mal da vida ? Ah ! o vicio naõ tem nada para elles de horroroso , familiarizaõ-se com o peccado , estudaõ , e applicaõ-se todos a despejar-se de tudo o que poderia inspirar-lhes hum justo horror delle; até o mesme nome do peccado se encobre , e se disfarça : chama-se ao desprezo , que se faz do Deos vivo , viveza do espirito , industria , habilidade em fazer fortuna , genio engraçado , hum divertimento , belos modos , galantarias. Exaqui com que nomes os Christaõs do nosso tempo chamaõ hoje a vida licenciosa , e peccadora : e por ventura o peccado mortal , por ser menos temido , ou estar mais encuberto , ou disfarçado , fica sendo menor mal ?

Como concorda sobre isto a nossa Fé com o nosso modo de viver ? Como concorda ainda este com a nossa razaõ ? Que se naõ faz no mundo todos os dias para naõ detragadar a hum amigo ? Esses mesmos , que saõ tão delicados nas menores obrigaçoens da vida civil , passaõ cegamente pelas principaes obrigaçoens de Christaõ.

Todos convêm que a maior parte dos males , que soffremos , naõ nos succedem , senaõ em castigo de algum peccado. Estamos bem convencidos de que o Inferno he huma cousa muito terrivel , naõ há ninguem , que lhe naõ tenha hum summo horror : e naõ temos horror ao peccado , que he só quem nos abre o Inferno ?

O menor mal nos faz tristes , inquietos , molestos , e algumas vezes inconsolaveis. Quando peccamos ,

amos, fazemos huma perda, que todos os bens do Universo multiplicados infinitamente não poderião reparar: e por ventura ficamos muito afflicto por isto? Aonde estão os arrependimentos, e as lagrimas?

Consideremos, que ainda quando não tivéssemos commettido mais, que hum só peccado mortal em toda a vida, sempre teríamos huma bem justa razão de chorar, e de temer até á morte: nós temos peccado tanto; ficamos cheios de horror considerando o numero dos nossos peccados; podemos ainda peccar; não sabemos se os nossos peccados estão perdoados: e como poderemos deixar de temer? Quem he que nos dá esta segurança?

Quem de nós, na presente hora está certo de estar em estado de graça? Assim he que nos temos confessado muitas vezes: mas quem nos disse que a nossa contrição era sincera, que o motivo da nossa dôr era sobrenatural? E poderemos por ventura estar muito contentes, e satisfeitos dos propositos, que tínhamos feito, de não peccar mais, depois de tão frequentes recalhidas?

Se Deos não perdoou aos mesmos Anjos, que não devemos nós temer? E que conceito não devemos fazer da sua justiça, depois de ver os Anjos castigados tão severamente, depois de ver hum Deos morto em huma Cruz, para destruir este mesmo peccado? Cremos que o peccado em nós he menor objecto do odio, e da colera de hum Deos, do que nos Anjos?

Que injuria nos farião, se vendo como nos expomos sem alguns preservativos, e sem temor, ás occasiões tão perigosas do peccado, se vendo o pouco cuidado, que temos em conservar a innocencia, nos perguntassem, se verdadeiramente cremos que perder a Graça he o maior, e mais terrivel mal?

Por mui dissoluto, e relaxado que hum seja, nunca quererá morrer em peccado: e ao mesmo tem-

po toma hum especial prazer em viver no peccado, ainda que de nenhuma fórte se possa prometter seguramente huma hora de vida. Temos acaso feito algum pacto, ou ajuste com morte? Fizemos algum concerto com o Auctor, e Senhor da vida, para que a morte nos não assalte, estando em peccado?

Que inquietações, meu Deos, que horrores, que tormentos não sente hum homem, que teme ter offendido ao seu Principe? A nossa consciencia não nos reprehende em cousa alguma? Por ventura quando chegamos a ser tão infelizes, que offendemos ao nosso Deos, ficamos muito penetrados de dôr, e de afflicção? ou ao menos temos ficado com menos tranquillidade? Consideramos qualquer desgraça como hum grande mal; e não se faz caso de perder a graça, e a amizade de Deos!

Certamente he cousa bem para admirar, que seja necessario aos Fiéis, fazer-lhes grandes discursos, para lhes inspirar horror ao peccado. Foi acaso nunca necessario tanto, para inspirar a pessoas racionaveis horror de hum naufragio? Porém, dizem, he muito facil pela miseria humana, deixar-nos enganar pelos sentidos, mas quem tomará o veneno, por mui delizioso que seja, sabendo que certamente lhe dá a morte?

Somos todos muito attentos a evitar tudo, o que póde fazer-nos perder hum emprego, e tudo o que póde arruinar a nossa fortuna: e quando teremos, Senhor, a mesma attenção, e o mesmo zelo para não perder a nossa alma, para não perder o nosso Deos?

Meu Senhor, vós concedestes-me huma graça, que nem ainda aos mesmos Anjos a quizesdes conceder, que he a de morrer por mim; concedei-me tambem, pelos merecimentos da vossa Morte, aquella graça, que elles tambem não tiveram,

verão, isto he, huma dôr perfeita de todos os meus peccados: e já que me dais ainda tempo de fazer penitencia, o que certamente não tendes concedido a outros muitos, dai-me huma vontade efficaz de começar neste mesmo instante.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Maio.

Da certeza da morte.

I. PONTO.

He certo que havemos de morrer.

Confidéra, que he certo, e indubitavel o morrer: multiplicai quanto quizerdes, e quanto vos agradar, os vossos dias: necessariamente entre elles hum há de ser o termo de todos os mais; e neste mesmo dia há huma hora, que há de ser a ultima para vós.

Naõ há verdade alguma tão clara, e tão sensivel, que naõ possa alguem duvidar della; mas ainda atéqui naõ se achou pessoa alguma, com tanto, que naõ tenha perdido o juizo, que pretendesse duvidar da sua morte. A licença, e a liberdade dos costumes, as paixoens desordenadas da vida, bem podem impedir que se confidére na morte; mas cousa nenhuma certamente poderá impedir, que se creia por certa.

A primeira idade do mundo vio homens, que viviaõ muitos seculos; e esta mesma idade, que os vio viver tanto tempo, os vio tambem morrer a todos. Todos os possos dias estaõ contados,

tados, ou seja o seu numero grande, ou pequeno, sempre tem limite: os homens succedem successivamente huns aos outros; nossos Avós já existião, e agora já não são neste mundo couza alguma: e tambem virá tempo, em que aquelles, que viverem, dirão o mesmo de nós.

Há duzentos annos, que as Cidades estavaõ cheias de povo, como hoje estão: e que he feito de todo esse povo?

De todos os homens do decimo sexto seculo, não resta mais, que huma pouca de podridão confundida com a terra. Buscai agora nesses ossos, ou nessa podridão, algum signal de grandeza, de distincção, ou de nobreza. Oh soberba dos homens, exaqui tens bem materia para te confundir. Mas exaqui tambem, ó meu Deos, bem grandes motivos para me desenganar.

Monarcas, que reinais no Universo, e para cuja felicidade tantos conspirão, vós haveis de morrer; o vosso Trono não está muito longe da sepultura; o nascimento vos fez distinctos dos demais homens; porém a morte vos fará algum dia iguaes ao menor dos vossos Vassallos. Essa serie continuada de prosperidades, essa delicadeza, e abundancia de prazeres, honras, riquezas, magnificencias, e victorias, tudo finalmente será algum dia enterrado com vosco.

Grandes do mundo, vós certamente morreis: buscai nas sepulturas o que resta hoje dos vossos antepassados: daqui a cem annos não restará mais de vós, do que agora resta delles. A vossa inscripção posta na sepultura, só conservará os vossos titulos, para ensinar á posteridade, que ja não sois cousa alguma do que ereis no mundo; e que não resta de vós mais, que huma pouca de cinza, muito inferior a essa urna, em que vos encerraõ.

Oh que boa escola he a morte! E que bem faria

fará a vista da sepultura a nossa alma, e o nosso coração de muitas enfermidades, se não fizéssemos tantos esforços, para apartarmos longe della o nosso pensamento!

Ainda que fosses o homem mais instruido, e mais douto, que jámais tem havido, e possuísses muito embora todos os thesouros do Universo, e fosses o homem mais feliz do mundo; has de morrer certamente. Quarenta, ou cincoenta annos de prosperidade, he tudo o que pôde durar a tua fortuna: porém toda esta soberba maquina, huma febre de alguns dias, hum accidente, huma pequena pedra, basta para a destruir em hum instante. Todos os desejos, todos os projectos, todos os immensos, e molestos cuidados do coração mais ambicioso, se terminaráo com huma convulsão, com o ultimo suspiro, com huma respiração, com que se acaba a vida. Huma vida delicada e deliciosa, opulencia, fortuna, tudo isto quando muito se termina em alguns funeraes hum pouco lustrosos; e depois, tudo acaba na sepultura.

Que gastos, que cuidados, para se edificar huma magnifica casa! Mas ah! nada disto, que edificas, he para ti: essa soberba casa he propriamente para os outros; quanto a ti, a tua morada há de ser a sepultura.

Nós mesmos, que fazemos ao presente tão laudaveis reflexoens, sobre a sorte de todos os homens, não ignoramos qual há de ser a nossa, estamos bem certos que havemos de morrer: daqui a menos de oitenta annos, já não estaremos vivos; todos os annos nos vamos chegando ao mez, ao dia, á hora, e ao ultimo momento da hora, em que havemos de expirar.

O som funebre dos sinos, que todos os dias nos estão noticiando a morte dos outros, nos traz á memoria, que tambem algum dia avizará da nossa morte aos outros. Por

Por bem pouca reflexão, que façamos sobre as cousas, que succedem, tudo contribue a fazer-nos lembrar que havemos de morrer. Nós habitamos as mesmas cazas, aonde habitavaõ antigamente aquelles, que já não existem hoje no mundo. Quantos tem falecido talvez no mesmo leito, ou ao menos na mesma caza, em que vivemos! Estamos entrando todos os dias na mesma Igreja, em que algum dia havemos de ser enterados.

As arvores, que mandamos plantar, subsistirão ainda depois da nossa morte; e nós mesmos as plantamos com esse designio de durar, e permanecer ainda depois de nós. Os mesmos meninos, que vemos todos os dias crescer aos nossos olhos, parece que nos estão dizendo, que ainda haõ de viver, depois que ja não estivermos nesta vida: muitas pessoas, com quem nós vivemos, ve-raõ levar-nos á sepultura. E tambem he certo que ás madeiras, que haõ de formar o nosso féretro, já existem, e talvez estejaõ já promptas para se lavrarem; e a mesma mortalha, e toda a cera, que há de servir em o nosso funeral, esteja já preparada.

Não há alguõ de nós, que não veja pouco mais, ou menos, até onde há de viver ordinariamente: são dez, quinze, vinte e cinco, quarenta annos, e accrescentai ainda alguns mais; depois do que, infallivelmente havemos de morrer. E quantos dos que fazem estas mesmas reflexoens, não chegarão nem ainda a esta idade? Exaqui pois a que se há de reduzir tudo o que me resta de vida: honras, prazeres, riquezas, já vos não hei de possuir mais, que por hum par de annos; isto he, deste dia, em que estou, até a minha morte, não me restaõ mais que dez, vinte, ou trinta annos. E quantos daquelles, que fizeraõ esta

mesma meditação, se enganárao em a sua conta? E depois deste pequeno numero de dias, que ainda tenho para viver, que sorte será a minha?

De todas as louzeuras, Senhor, de que o juizo humano he capaz, não há alguma mais incomprehensivel, que esta: sei, que hei de morrer, que há huma Eternidade feliz, ou infeliz, depois da morte: e ainda não cuido em viver bem, ainda não faço todos os meus esforços, para me assegurar huma sorte feliz depois desta vida!

Sei certamente, que hei de morrer, e muito provavelmente, não tenho muito tempo para viver: e todos os meus cuidados só são em amontoar riquezas para os herdeiros, para pessoas que haõ de viver depois de mim, pessoas, que se servirão do fructo dos meus suores, do fructo talvez das minhas injustiças, e do que tiver causado a minha condemnação, para que vivaõ huma vida mais sumptuosa, e mais deliciosa, do que a minha! Egasto a minha saude, abrevio os meus dias, esqueço-me da minha salvação, desprezo e preparar-me para morrer bem, para deixar aos que me haõ de succeder depois da minha morte, com que viverem á sua satisfação! Sei que hei de morrer, não posso lembrar-me de todas as consequencias desta ultima hora sem tremer; sei quanto he difficultosa huma boa morte: e ainda me atrevo a cuidar em outra cousa mais, que em alcançar esta boa morte!

Vejo claramente, e conheço a desordem desta conducta, e tremo só com o pensamento da minha cegueira. Mas o que me consola, ó meu Deus, he, que sinto agora bsm efficazmente, que o horror, e o arrependimento da minha vida passada, sem duvida he hum effeito da vossa misericordia;

ricordia; e tudo isto me parece que prognosticá a minha perfeita conversão: estou resoluta a aproveitar-me do pouco tempo, que me resta de vida, e a entrar a preparar-me neste momento para morrer bem.

II. PONTO.

Reflexões sobre a certeza da morte.

Confidéra que cegueira, que loucura he a nossa: sabemos que certamente havemos de morrer, e nos portamos como se houvessemos de viver sempre.

Quem visse o horror, e as lagrimas, que nos causa só o pensamento da morte, assim que cahimos enfermos, diria que a morte dali por diante será a materia ordinaria das nossas meditações: porém, apenas nos julgamos fóra de perigo, logo apartamos de nós o pensamento da morte, como se ella já não fosse para temer.

Na verdade seria huma loucura bem pasmosa, e bem digna de compaixão, se houvesse alguem, que se lisonjeasse de que havia de viver sempre; e he por ventura menos digno de compaixão aquelle, que vive, como se nunca houvesse de morrer?

Não se cuida na morte, porque este triste pensamento nos horrorisa: porém se só o pensamento da morte espanta tanto, que será a mesma morte? Se o não cuidar na morte a fizesse menos certa, ou menos horrorosa, seria este esquecimento menos irracional: mas por ventura podemos nós ignorar, que o momento decisivo da nossa sorte eterna está já determinado, e que a morte nunca he tão espantosa, como quando não se tem cuidado nella?

Por

Por mais que os mundanos se ceguem, e não queiram considerar nesta verdade; nunca os seus divertimentos, e a sua ociosidade impedirá, de se avizinhar todos os dias este fatal termo. Este he o caminho de todos os homens, diz o Profeta, todos passam por elle; todos aquelles, que já não vemos no mundo, tem passado por elle; e todos vão continuamente caminhando por este caminho.

Há alguns annos, que essas mesmas assembleas, essas cazas de jogo, essas praças publicas, que hoje vemos cheias de gente, estavaõ tambem cheias daquelles, a quem nós temos succedido; e tambem daqui a poucos annos já teremos dado lugar a outros, que vierem depois de nós. Os que desapparecerão já, obrariaõ sabiamente, em não viver mais Christãmente, do que nós? E obraremos nós mesmos com prudencia, e sabiamente, se não cuidarmos mais na morte, do que elles?

Com muita razãõ se diz, que o pensamento da morte he hum grandê remedio, e huma grande correccãõ para todas as vãs alegrias do mundo; facilmente nos desgostamos com esta consideraçãõ, de todos os prazeres desta vida: quando consideramos com algum vagar, que dentro de poucos dias havemos certamente morrer; o luxo, o esplendor, a pompa do seculo, todas as grandes fortunas, já não cegaõ o nosso entendimento: quando me vir pálido, desfalecido, sem movimento algum, sem forças, deitado em huma cama, donde ferei levado á sepultura, com que olhos verei entãõ todas as ricas alfaias, que não tornei jámais a ver? Ou tenhamos sido mais, ou menos respeitãõs, mais ou menos ricos, sempre entãõ teremos em bem pouco todos esses frivolos passatempos da vida. Porém se não tiver-

mos feito obras boas para ganhar o Ceo, se não tivermos feito bastante para segurar a salvação propria, se a consciencia nos reprehender de hum numero infinito de peccados occultos, de infidelidades, de injustiças, morreremos contentes? Causará muita alegria o não ter querido cuidar na morte? E he então ainda tempo de cuidar nella? Vós, ó homens livres, e dissolutos mundanos, vós ó Christãos imperfeitos, achareis naquella hora que tivestes razão, em ter considerado a morte unicamente como hum sonho?

Dies formabuntur, dizia o Profeta, & *nemo in eis*: os astros ainda farão o seu curso sobre as nossas cabeças: as estações do anno succederão humas ás outras: a terra produzirá suas plantas, e seus fructos: virão novos dias, e nenhum dos que vivem hoje sobre a terra terá já vida. Nós mesmos feremos então a materia de todas as reflexoens, que se farão sobre a inconstancia, e o nada de todas as cousas. Há cem annos, dirão, fallando de nós, que estas mesmas cazas erão habitadas, as ruas erão frequentadas, as Igrejas cheas de gente: e que he feito de todas estas innumeraveis pessoas? Todos os bens, e todos os males da vida, acabaráõ juntamente com elles; sómente alguns retratos velhos nos fazem ainda lembrar do seu luxo: os seus nomes já não se achão, senão nos livros dos mortos: grandes, e pequenos, soberanos, e subditos, pobres, e ricos, tudo morreo. Nenhuma pessoa das que viverão há hum seculo, existe hoje: as noites, e os dias, ainda vão succedendo alternadamente, e nenhum destes homens vive: *Et nemo in eis*.

Estamos bem certos, que havemos de morrer: devemos por tanto considerar-nos sobre a terra, como huns estrangeiros, que andaõ viajando. A tua caza, fallando propriamente, he huma hos-

pe-

pedaria, ou huma estalagem, que achas no teu caminho; e os retratos dos nossos Avós, não servem mais, do que para conservar a memoria, dos que passarão por elle antes de nós.

Que cuidados mais inuteis, e que imprudencia mais louca, que a de hum viajante, que só cuida em fazer fortuna, e em estabelecer-se vantajosamente em hum Paiz, por onde passa, o qual elle no outro dia há de deixar, para não tornar jámais alli? Ah! que mais sabiamente obraõ aquelles, que trabalhaõ sem cessar em fazer huma fortuna mais estavel, e em procurar huma feliz habitação na outra vida, aonde haõ de permanecer por toda a Eternidade!

Poderíamos nós, fallando sinceramente, tomar outro modo de viver, se estivessemos tão seguros de nunca morrer, como o estamos de não viver sempre? Poderíamos formar mais dilatados, e mais vastos desígnios? Poderíamos amar com maior affecto esta triste habitação do seculo, e poderíamos cuidar menos na outra vida?

Mas por ventura será necessario deixar tudo, enterrar-nos vivos em hum claustro, desprezar todo o cuidado dos negocios temporaes, para cuidar só na morte? De nehuma sorte: seria hum erro bem grosseiro, imaginar que o pensamento da morte, que serve tanto a pôr boa ordem em tudo, perturbasse a vida civil. O pensamento da morte não nos obriga a deixar aquelle estado, a que Deos nos chama; mas sim obriga a viver nesse mesmo estado, como pessoas que haõ de morrer.

Applique-se hum muito embora com cuidado aos negocios da sua familia, encha com exactidão todas as obrigaçoens do seu estado, viva no esplendor, e na abundancia, se a sua condição assim o pede, e obriga a isso: mas lembrese, que há de morrer.

Poucos negocios de consideração se fazem no mundo, em que se não ache sempre alguma confiança, que nos faça lembrar da morte. Em a maior parte dos contratos, que se fazem, se está fazendo especial menção della; chamaõ a isto tomar suas seguranças: e por amor destas, ainda que não queiraõ, necessariamente o pensamento da morte se encontra na maior festa da vida. Em hum casamento, nunca se esquecem as seguintes clausulas; *na morte, depois da morte, e o que dos dois morrer primeiro*: como se não se podesse formar huma sociedade, sem cuidar no fatal dia, que a há de romper. Sois feliz, sois rico, mas haveis certamente de morrer.

Pois se necessariamente havemos de morrer, he por ventura hum tão grande mal, como se cuida, ser menos estimado, menos poderoso, menos rico, com tanto que sejamos santos?

Certamente neste mundo não devemos procurar felicidades; esta vida he muito breve, para nos merecer tantos trabalhos; nós temos outra, que há de ser eterna: por tanto importa-nos muito, trabalhar seriamente para sermos eternamente felices nella.

Se a hum mancebo, que acha tantos prazeres, e tantos deleites no baile, no jogo, nos espectaculos, lhe dissemos que se lembre ao menos nestes lugares de delicias, que há de morrer; elle lançaria muito depressa de si hum pensamento tão triste: mas por ventura dar lhe-há muita consolação, quando se lembrar na hora da morte que assistio aos bailes, aos espectaculos, e que gozou de todos os prazeres?

Vós alcançastes em fim esse Emprêgo, essa Dignidade, esse lugar, que vos distingue tanto no mundo. Sois feliz; mas certamente morrereis.

Exaqui vos vejo convalescido de huma perigosa

gostissima enfermidade; cargos, riquezas, dignidades, tudo estava perdido por huma morte tão precipitada, que vos ameaçava. Que alegria, vendo tudo recuperado com a saúde! Ah! isto he quando muito, huma dilação de alguns annos muito incertos; porque infallivelmente morrereis.

Tendes tido huma grande fortuna na terra, exaqui vos vejo já superior a todos os vossos competidores, e a todos os vossos invejosos; está espalhada huma summa allegria em toda a vossa familia; mas haveis de morrer.

Ah meu Deos, quando seremos nós algum dia racionaveis! Estou bem certo que hei de morrer, que não estou no mundo, senão de passagem, que a minha sorte há de ser eternamente feliz, ou desgraçada, ella depende desta vida; e ainda posso cuidar em outra cousa mais, que em viver Christãmente, e preparar-me para morrer bem?

Naõ, Senhor, eu estou muito indignado contra mim mesmo, e por isso, com o soccorro da vossa graça, quero aproveitar-me dos meus erros. Há vinte, trinta, quarenta annos, que estou em caminho, sem cuidar, nem me lembrar para onde vou. Exaqui me vejo quasi chegado ao termo da minha jornada, já quasi para apparecer diante de vós, para ser julgado: e posso esperar racionavelmente huma sentença favoravel? Sei que hei de morrer, isto certamente he bastante para me obrigar a viver bem. Estou resolute, meu Deos, a viver o resto dos meus dias, como hum homem, que está bem certo de morrer brevemente, ou ao menos de morrer antes, do que o imagina. Sustentai-me, e dai-me perseverança nesta santa resolução, para que, depois de ter vivido Christãmente, possa ter a felicidade de morrer com a morte dos Justos.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez
de Junho.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do Santissimo Sacramento da Eucharistia.

I. PONTO.

*Do amor incomprehenfivel, que Jefu Christo nos
mostra na Eucharistia.*

Confidera tudo, o que Deos tem feito mais maravilhoso, e mais grande, para nós mostrar o excesso do seu amor: o adoravel Sacramento da Eucharistia he como hum compendio de todas estas maravilhas, e testemunho perpetuo de hum amor ainda maior.

Que Deos se haja dignado tomar hum singular cuidado do seu povo, que tenha obrado em seu favor tantos prodigios, que suspendesse as ondas do mar, para lhe abrir hum caminho plano, que fizesse cahir do Ceo hum Manná todo milagroso, para o sustentar no deserto; que finalmente o accumulasse de mil beneficios, até que- rer elle mesmo ser o seu defensor, e o seu guia: são na verdade effeitos de hum amor bem excessivo. Mas que sem ter respeito ao que elle mesmo he, e ao que nós somos, queira Jefu Christo fazer, para nos mostrar o seu amor, todos os mi-

Ingres, que faz na adoravel Eucaristia; que se digne com huma bondade tão singular, encerrar-se em hum tão pequeno espaço, multiplicar-se infinitamente, despojar-se da sua Magestade, para estar continuamente com os homens, e esconder-se debaixo das apparencias de pão, unicamente para nos servir de nutrimento: que vos parece? Não he isto amar-nos com ternura? Não he tudo isto a prova mais manifesta de hum grande, e generoso amor.

Por mui grande ternura, que hum Soberano tenha para com o seu valido, nunca se esquece de que he senhor; sempre guarda humas certas medidas a respeito dos seus vassallos, ainda nas maiores mostras de amizade: só o amor excessivo, que Jesu Christo nos tem, he que não guarda medidas na Eucharistia. Este amavel Salvador entrega-se, e da-se prodigamente a seus filhos: quasi se pôde dizer, que elle se esquece de si mesmo neste adoravel Mysterio, e parece que só se lembra de nós.

Temos jámais considerado bem o extremo amor, que este Divino Salvador nos mostra na Sagrada Eucharistia? E se o temos considerado, temo-lo comprehendido bem? Podê-lo-hemos jámais comprehender?

Ah! no tempo, em que aquelles, que elle tem accumulado de mil beneficios, estão conspirando para a sua morte; no tempo, em que hum dos seus Apostolos lhe está armando a traição mais feia, e que os homens estão deliberando sobre o meio de lhe tirar a vida, este amavel Salvador está todo occupado, em buscar meios de mostrar aos homens o incomprehensivel amor, com que os ama.

Jesu Christo não ignorava o que estava maquinando contra elle; previa perfeitamente to-los

os ultrajes, a que este Augusto Sacramento hia expor sua Divina Pessoa: mas o seu amor he ainda maior, que a nossa malicia: e nestas circumstancias faz esta maravilha: e quantos prodigios juntos se não vem nesta tão admiravel obra!

A substancia do pão aniquilada, sem destruir os accidentes; o Corpo de Jesu Christo ao mesmo tempo reproduzido em mil lugares differentes; sempre todo inteiro em hum espaço quasi indivizivel; sujeito á palavra de hum simples Sacerdote; distribuido indistinctamente a todos os Fieis, que se apresentão para recebe-lo; realmente presente sem esplendor, e sem Magestade: estas são as maravilhas, que elle faz para nos provar o excesso, com que nos ama. Tem elle conseguido o seu intento com tudo isto? E estamos nós convencidos de huma verdade tão admiravel?

Eu a confesso, ó meu Deos, fico absorto, e como privado de todo o uzo da razão, quando considéro nesta maravilha; e não posso sahir do meu espanto, quando considéro tudo, o que fazeis por amor de nós neste Mysterio: porém ainda fico mais absorto, e mais fóra de mim, quando considéro que tudo isto ainda não he capaz, de nos fazer amar ardentemente a Jesu Christo.

Que admiravel amor nos não mostrou elle no momento da sua Conceição! Que ternura, no dia do seu Nascimento! Que bondade, em todo o decurso da sua vida mortal! E que excesso de amor, sacrificando-se por nós na Cruz! Porém não se achão todas estas admiraveis provas do seu amor renovadas, e como unidas na Eucharistia?

Jesu Christo neste adoravel Mysterio, se disfarça debaixo das apparencias de pão, torna a nascer, para o dizer assim; vive na obscuridade,
he

he sacrificado, e offerecido muitas vezes no dia em sacrificio. E isto já não he para resgatar os homens: o Mysterio da Redempção está plenamente completo; o Redemptor possui huma grandeza, e huma gloria perfeita, incapaz de algum augmento: mas só para satisfazer ao amor immenso, com que nos ama, vive aqui de huma maneira tão ineffavel. E que outro fructo pôde elle tirar desta morte sacramental, mais que o prazer de se sacrificar continuamente a seu Pai, por amor de nós?

Se ao menos, elle tivesse apparecido clara, e vizivelmente sobre os nossos Altares com aquelle ar de Magestade, e esplendor, tão proprio á sua adoravel pessoa, se elle se tivesse disfarçado menos, seria mais respeitado: assim he, mas tambem seria mais temido; e o seu terno amor não pôde estar junto, com hum temor, que horrorize. Tudo o que pôde diminuir, ou enfraquecer o fervor, e a confiança, he contrario a hum amor grande: este Divino Salvador faz as suas delicias em estar com os homens, esconde tudo o que lhes pôde servir de motivo, ou de pretexto para se apartarem d'elle.

Os Princeses da terra fazem as suas liberalidades só em certos tempos, e a certas pessoas; Jesu Christo no Santissimo Sacramento dá tudo em todo o tempo, e a todos.

Vinde a mim vós todos, que trabalhais, e que estais opprimidos de afflicções; e eu vos aliviarei. Podia elle propor-nos outro motivo para nos attrahir a si, que nos interessasse mais? Basta ser pobre, estar afflicto, para ter direito a beber nesta fonte de todos os bens. A mesma miseria, e todas as adversidades da vida, servem de hum novo motivo para a nossa confiança; e se lhe não puzermos algum obstaculo, sempre havemos de ser

ser bem recebidos daquelle Senhor.

Jesu Christo feito o nosso manjar neste adoravel Mysterio, não nos deve occupar todo o nosso coração? Este he o pão Celestial, que tanta força nos dá nesta jornada, que vamos fazendo. (3. Reg. 19.) Esta he a fonte de agua viva, que corre perpetuamente. (Joan. 4.) Esta he a mesa mysteriosa, que nos consola. (Psal. 12.) Na verdade, que podia Jesu Christo dar-nos, ou que podia fazer, que não tenha feito dando-se-nos a a si mesmo? *Quomodo non etiam cum illo omnia nobis donavit.* (Rom 8.)

Meu amavel Salvador, que achastes em nós, que vos podesse mover a amar-nos com hum amor tão excessivo, e tão incomprehensivel? Mas em vós, que achamos nós, que não seja capaz de abraçar o nosso coração, com o fogo do vosso amor? Quando não fizesseis mais, que permittir-me que eu vos amasse, só esta honra, esta singular, e immensa bondade, seria hum motivo bem forte, para todo aquelle, que conhecesse o grande bem, que há em amar a hum Deos. Mas ó meu Divino Salvador, que vos dignais amar-me até ao excessivo, que fazeis neste adoravel Mysterio; e que ainda se ache hum coração sobre a terra, que conhecendo este prodigio, não se digne, nem queira amar a este Deos! Exaqui huma cousa que parece ainda mais incomprehensivel, para o dizer assim, que este mesmo Mysterio.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre o amor incomprehenſivel, que Jeſu Christo nos mostra na adoravel Eucharistia.

C Onfidéra, quanto he para admirar, que hum Deos nos ame com tal excesso, que se chegue a occultar nas especies sacramentaes na Eucharistia! He hum Deos quem nos ama, e ama-nos como Deos. E he possivel, que não tenhamos mais que indifferença, e insensibilidade a respeito deste Deos, naquelle mesmo Mysterio, em que nos prova tão efficaçmente o excesso, com que nos ama? He este hum mysterio não facil de comprehender. Que barbaro, instruido do que cremos neste Mysterio, poderia crer, que amassemos tão pouco a Jeſu Christo?

Este Divino Salvador não necessita dos homens; e com tudo ama de tal sorte os homens, e sente hum tão grande prazer em estar com elles, que não repara em se encerrar em huma hostia por seu amor até o fim dos seculos. Os homens pelo contrario não podem passar sem elle, e com tudo estimaõ em nada a graça, que lhes tem feito em ficar com elles: tão pouco o amaõ, tão pouco caso fazem da felicidade de estar com este Senhor!

Essas pessoas ociosas, e enfadadas da sua propria ociosidade, que apparecem tão raras vezes, e com tão pouca vontade em os nossos templos; esses mundanos, que passaõ muitas horas nos espectaculos profanos, e a maior parte da sua vida no jogo, e nos divertimentos, e assembleas de prazer; estimaõ em muito a grande vantagem, e a grande honra, que temos em dar nossas homenajens a Jeſu Christo, realmente presente em nossos Altares, elles, que olhaõ esta obrigaçãõ da
nossa

nossa Religião como hum supplicio?

Cremos que Jesu Christo está verdadeiramente em nossos Altares, sabemos que alli está, conhecemos a necessidade, que delle temos, e o que elle pede, e o que espera de nós: sabemos muy bem o que lhe devemos, e o que merece: ora na verdade, o nosso procedimento neste ponto, he a prova da nossa Fé? Quem vir o desgosto, a indifferença, o apartamento, e ainda o despreso, que há de Jesu Christo na Eucharistia, poderá racionalmente julgar, que cremos o que confessamos deste adoravel Sacramento?

Jesu Christo não se arrepende de ter feito este milagre, nem de ter tomado hum meio tão extraordinario, para satisfazer ao extremo amor, que nos tem: e que dirá este Senhor do pouco amor, que nós lhe temos? E nós mesmos que devemos julgar desta nossa monstruosa frouxidão a seu respeito?

Somos todos agradecidos, e todos sensiveis, ainda aos menores beneficios; hum final de amizade mal recebido, irrita justamente as pessoas, ainda as mais insensiveis; todas as leis, todos os povos condemnaõ fortemente toda a ingratição: e para Jesu Christo na Eucharistia, seremos dispensados destas leis? Só para com elle seremos, ao que parece, ingratos sem castigo?

Eu confesso, que se estivesse na minha escolha, pedir a Jesu Christo huma prova bem manifesta do amor, q̄ elle me tem, não sómente não me atreveria a pedir-lhe o milagre, que elle faz; mas nem ainda poderia jámais imaginar, que hum Deus pudesse amar-me de tal sorte, que fizesse por mim este milagre: e com tudo este milagre se há feito, eu o medito, e eu mesmo admiro huma tal maravilha: e por ventura amo por isto mais a Jesu Christo? Certamente nós cousa ne-

nhu-

nhuma merecemos menos, que ser amados de hum Deos, que conhece taõ perfeitamente o que somos. Porém, que conhecendo nós mesmos quem he Jesu Christo, nos custe ainda ama-lo ! Exaqui huma cousa, que mette horror.

Parece isto huma cousa bem incrível, e com tudo, he bem verdadeira : se Jesu Christo nos tivesse amado menos, se naõ tivesse feito este prodigio, e este milagre por amor dos homens, naõ seria taõ maltratado.

He possivel, Senhor, que a prova mais forte do vosso amor para nós, se faça por nossa malicia a causa da mais feia ingratitude, e do mais sacrilego desprezo !

Se hum estrangeiro, hum barbaro, tivesse dado ametade dos seus bens para remediar a nossa necessidade, como lhe naõ seriamos nós agradecidos ! E se succedesse, que este bemfeitor estranho passasse pela Cidade aonde moramos; que obsequios seriaõ os nossos, e que continua assistencia lhe fariamos em quãto elle alli se detivesse? Jesu Christo tem dado tudo, o que tem, e tudo, o que he; da-se a si mesmo para ser o nosso sustento; está continuamente sobre os nossos Altares; e fomos nós muito cuidadosos em o visitar aqui ?

Que affectos, que sentimentos foraõ os de Jesu Christo, quando se vio desamparado de todo hum povo, a quem tinha accumulado com innumeraveis beneficios, desamparado ainda dos seus mesmos Discipulos, que eraõ os mais ardentes, e fervorosos no seu serviço ! E que sentimentos seraõ os seus no adoravel Sacramento da Eucharistia, aonde está desamparado de quasi todo o mundo a maior parte do tempo, e aonde he taõ pouco visitado, ainda das mesmas pessoas Religiosas, que o tem continuamente em sua casa?

Os Gentios, e os povos barbaros do Ori-
en-

ente, só com a relação deste Myſterio, clama-
vaõ altamente: Oh como he bom o Deos dos
Chriſtaõs! Como he liberal! Que amavel he! Po-
rêm, que diriaõ elles, ſe lhes diſſeſſem, que quaſi
a maior parte dos Chriſtaõs não amaõ a eſte Deos
taõ amavel! e que não ſõmente não excita eſte
Manjar taõ exquiſito, e taõ Celeſtial o ſeu appe-
tite; mas ainda, que até tem ſaſtio delle; e que
até ſe ſervem deſte eſtado humilde, e obſcuro,
a que o excesso do ſeu amor o reduzio, para com-
metterem as maiorer impiedades?

Se o Salvador, fazendo-ſe menos prodigo dos
ſeus theſouros, tiueſſe querido ſõmente achar-ſe
raras vezes em os noſſos Altares; e que ſó ſe
podeſſe dizer huma Miſſa em huma ſó Cidade
do Univerſo, huma vez ſó em hum ſeculo: que
concurſo ſeria, e que fervor de todos os Chriſ-
taõs, para aſſillir a eſte adoravel Sacrificio? Fe-
lices aquelles, diriaõ elles, que virem eſte dia
privilegiado, e puderem adorar antes da ſua mor-
te a Jeſu Chriſto na Euchariftia!

E por ventura por eſtar eſte beneficio mais
commun, e mais univerſal, he menor? Será tam-
bem menor favor, o ter a Jeſu Chriſto em to-
dos os Altares todos os dias, e a toda a hora?
Seremos menos felices, que aquelles, que tiueſſem
a felicidade de o ter huma vez na ſua vida? E
eſtimamos nós muito eſta felicidade?

Que innumeraveis peſſoas ſe nutrem com o
Corpo, e com o Sangue adoravel de Jeſu Chriſ-
to! Houve jámais algum nutrimento mais ſauda-
vel, ou algum remedio mais efficaz para toda a
ſorte de males? Porêm aonde eſtaõ aquellas al-
mas generoſas, tetrores dos inimigos da ſua ſalva-
ção? Aonde eſtaõ as almas abraſadas dos Divinos
ardores, que deve produzir eſte Manjar, com que
ſe nutrem? Trazemos o fogo em o noſſo ſeio, e
nãõ

naõ sentimos os seus ardores ; andamos frios como hum gelo.

Jesu Christo toca com a sua maõ hum enfermo , e logo o fara ; a mulher , que tinha tocado fõmente a fimbria da sua tunica , alcança logo saude : naõ me admiro certamente disto ; o que me enche de pasmo , e de admiraçaõ he , que chegando nós tantas vezes aos nossos sagrados Mystérios , sejamos sempre os mesmos. Naõ he só a fimbria da tunica do Salvador , que temos a felicidade de tocar agora : he o mesmo Corpo , e Sangue adoravel de Jesu Christo , que temos entre as nossas maõs , o qual recebemos , e comemos ; e ficamos com tudo taõ tibios , e taõ enfermos , como se nunca o tivessemos tocado. Depois de hum taõ grande numero de Communhoens , que paixãõ temos vencida ? Que vicio corrigido ? Que virtude adquirida ? Huma só Communhaõ basta para fazer hum santo ; eu posso já contar duzentas , e mais ; e estou taõ imperfeito , e ainda talvez mais vicioso , do que estava antes de ter a felicidade de receber este Divino Manjar.

Esta reflexãõ deve encher de horror a todo o homem , que tem Religiãõ ; e por nossa desgraça , ella he mui bem fundada. Na verdade , que cousa pôde haver para mim saudavel , se o Corpo , e o Sangue precioso do Salvador , já me naõ servem de nada ? E que remedio será efficaç , se este se faz inutil ?

Naõ se considera em huma verdade taõ formidavel : e em que cuidamos , se naõ cuidamos nisto ? O fastio , que temos deste Manna Celestial , bem mostra a nossa pouca saude.

A frouxidaõ , a fraqueza , e as enfermidades espirituaes , que experimentamos depois de tantas Communhoens , naõ nos estaõ prognosticando huma morte proxima ? E estamos mui tranquillos !

Enão cuidamos nisto! Quem he que nos dá esta segurança, em que vivemos?

Quid ultra debui facere? Que cousa podia eu fazer maior, e mais capaz para attrahir os vossos coraçoes, do que o que tenho feito? Póde-nos dizer este amavel, e Divino Salvador; eu não tenho cousa alguma melhor para dar, do que a mim mesmo, e comigo dou tudo: e que agradecimento, que recompensa recebo eu, por hum tão grande beneficio?

Ego te pavi Manna: & tu me occidisti lapidis, & flagellis. Eu te hei dado o meu Corpo, e o meu Sangue por nutrimento: e tu te serviste desta mesma maravilha, para me maltratar.

O intento deste Divino Salvador, dando-se a si todo, he dar huma vida abundante á alma: e esta mesma alma converte este Manná Divino em veneno. Este he o pão dos fortes: e os Sacerdotes, que o comem todos os dias, e os Fieis, que o recebem tantas vezes, vivem em huma palmosa frouxidão, e tibieza, e morrem muitas vezes de fraqueza espiritual!

O seu deliquio he unir-se intimamente á alma fiel; entra verdadeiramente no seio de todos os que o commungão; mas nem todos o recebem no coração.

Jesu Christo pertendeo que seus filhos achassem na Eucharistia huma fonte inexaurivel de consolação em o seu desterro; e huma recreação, e alivio nos males da vida presente: e recorre-se a elle nas adversidades? Por ventura este Divino Salvador sobre os nossos Altares, he objecto da nossa confiança? Elle o deve ser, esta he propriamente a arvore da vida; e qual he a causa de sentirmos tão pouco os seus effectos?

Em fim, eu institui este Mysterio, póde dizer este Divino Salvador, com o desígnio, de mere-

reçarcir sobre os Altares dos ultrajes, com que me maltratarão por todo o tempo, em que appareci visivelmente sobre a terra, isto he, para que seja aqui visitado, adorado, e amado ardentemente de todos os Fieis. Ah! tudo succede pelo contrario, pela pura malicia dos homens: renovaõ-se ainda aos pés destes mesmos Altares, os mais horrorosos ultrajes, pelas profanaçoens escandalosas.

Vemos muitos cuidadosos, e diligentes em visitar a Jesu Christo? quantos dissolutos, o vem ultrajar até aos pés dos seus mesmos Altares? Quantos traidores á sua Mesa?

Honraõ-no muito os seus Ministros? Por ventura a sua modestia, a sua piedade, a sua Religião, são huma prova clara da sua Fé, e excitaõ a devoçaõ dos Fieis? Ah! que tibieza se poderá ver mais fastidiosa! Que desprezo mais universal!

Amavel, e Divino Jesu, que vedes quam indignamente vos tenho tratado neste Augusto Sacramento, que julgais, Senhor, de mim? E que devo eu mesmo julgar?

Devieis vós esperar huma ingratiãõ tão feia, da parte de hum servo, que se não tivesse esquecido dos vossos beneficios? E devo eu ainda prometter-me alguma misericordia da parte de hum Deos, a quem tenho tratado com a maior insensibilidade?

Sim, meu doce Jesu, eu mesmo me prometto esta misericordia de hum Salvador, que nenhuma cousa tem tanto no seu coração, como a conversãõ dos peccadores, e que me faz sentir já esta misericordia, pelos sentimentos de arrependimento, e dôr dos peccados, que já me dá. Se hum coração contrito, e humilhado pôde fazer-vos alguma homenagem; espero, Senhor, re-

parar o meu pouco amor para com vosco, e as minhas irreverencias passadas, pelas homenagens, que daqui por diante eu vos hei de fazer. Toda a minha ambição será agradar-vos, e adorar-vos em os nossos Altares, em espirito, e em verdade. O fervor, que daqui por diante hei de ter, em fazer-vos Corte neste adoravel Mysterio, será huma prova bem clara do meu terno, e respeitoso agradecimento; a minha modestia, e a minha devoção na vossa presença, darão testemunho certo da minha Fé: e quanto tenho sido atéqui insensível a hum tão grande beneficio, tanto entro agora a estudar, e a applicarme verdadeiramente, com o soccorro da vossa graça, a dar-vos signaes bem claros do meu amor, do meu respeito, e do meu eterno agradecimento.

He possível, oh meu doce Jesu, que tenha eu sido atéqui insensível ao vosso amor, e que este fogo Divino, que abraza o coração de todos os Bemaventurados, não tenha vencido a minha tibieza? Eia pois, Senhor, eu quero sahir deste estado de insensibilidade tão feio aos vossos olhos; e já me parece, que o meu coração está inteiramente mudado: na verdade ainda me não atrevo a dizer que vos amo, mas parece-me, que quero amarvos ardentemente.

Meu amavel Salvador, cujo coração está sempre abrasado de ternura para o amigo, sempre aberto para me receber, sempre prompto para ter misericordia de mim, perdoai-me todas as minhas irreverencias passadas. Ah, meu Deos, e meu tudo, acabe-se a minha vida, se ainda hei de continuar a amar-vos tão pouco: consuma-se o meu coração, se elle ainda há de afeiçoar-se a outra cousa, e se se há de occupar de outra cousa mais que de vós.

Eu vos amarei, meu amavel Redemptor, o
resto

resto da minha vida : e vos consagro o resto dos meus dias. A vossa Casa , meu doce Jesu , será o lugar da minha habitação ; aos pés dos vossos Altares virei aliviar-me das minhas fadigas , acharei ahi o sustento da minha alma , e o meu repouso ; as minhas delicias seraõ daqui por diante estar na vossa presença , amar-vos continuamente , e adorar-vos sem cessar.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Junho.

Do pouco respeito ; que se tem a Jesu Christo no Santissimo Sacramento.

I. PONTO.

Quanto merece Jesu Christo ser honrado dos homens no Santissimo Sacramento.

Confidéra , que quanto mais Jesu Christo se humilha pelo amor dos homens , tanto mais o devemos nós honrar , e amar. Assim como não há Mysterio ; em que este Divino Salvador nos mostre maior ternura , que na Eucharistia ; assim tambem não há algum , em que elle se humilhe mais para nos mostrar o seu amor.

Despojado ainda daquelle ar de Magestade , que apparece nas suas mais profundas humilhaçoens , disfarçado debaixo das fracas apparencias de pão , escondido nas especies sacramentaes , não sómente Jesu Christo não parece Deos , mas nem ainda homem : e em hum tal disfarce , a que despresos não está exposto ?

Com tudo este homem, assim disfarçado, he o Creador de todas as cousas, o soberano Senhor do Universo, o Rey, o Juiz de todos os homens: e se ainda quizermos hum titulo mais terço, e que mais nos attraha, elle he o nosso Pai, e o nosso Redemptor.

Este he aquelle, que faz a perfeita felicidade de todos os Bemaventurados; e sendo arbitro da nossa sorte eterna, só elle nos pôde fazer felices.

Este he aquelle Divino Salvador taõ formidavel a todo o Inferno, diante de quem todos os poderes do Ceo, e da terra tremem, e a cujo Nome tudo deve dobrar o joelho com respeito.

E cremo-lo nós assim? Respeitamo-lo como tal? As honras, que lhe fazemos neste adoravel Sacramento, correspondem á nossa Fé? Vendo-nos nós mesmos na sua presença, podemos racionalmente julgar que o cremos? Quem nos vir na sua presença, poderá julgar racionalmente, que nós cremos o que se encerra neste Sacramento?

Moyfés não pôde chegar á çarfa, que ardia, senão com os pés descalços, respeitando a terra, aonde se estava fazendo esta maravilha. Huma só vista pouco respeitosa para a Arca do Senhor, custa a vida a mais de cincoenta mil Bethzamis. Huma nuvem milagrosa espalhada no Templo de Salomão, inspira a todo o povo huma veneração prodigiosa, e obriga ao Rey em agradecimento de hum taõ grande beneficio, a sacrificar ao Senhor mais de cem mil victimas: e isto com tudo não eraõ mais do que humas debeis figuras daquelle, que temos todos os dias em os nossos Altares, no adoravel Sacramento da Eucharistia. Que honras, que veneração, que respeito não merece a real presença do Senhor, neste Augusto Sacramento?

Os Anjos estão em multidão ao redor dos Altares para adorar, e amar este adoravel Jesu, ainda que este Senhor se não tenha posto por seu respeito no Santissimo Sacramento: e os homens, para quem sómente se fez este milagre, são as unicas creaturas, que o tratão indignamente.

Se não conhecemos a Jesu Christo, estamos perdidos sem remedio; pois que a vida eterna consiste em o conhecer. Porém, que não devemos nós temer, se, fazendo profissão de o conhecer, e crer realmente presente na adoravel Eucharistia, o honramos tão pouco, e o amamos ainda menos?

Jesu Christo está disfarçado, e encoberto de baixo das apparencias de pão; não ignoramos certamente o motivo deste Mysterio. É porventura hum Rey disfarçado, e reconhecido por tal, faz-se menos respeitavel? Pois deve ser menos honrado o nosso Divino Salvador, por se fazer tão accessivel por este milagre?

Nenhuma cousa seria mais propria para o recompensar das ignominias da sua Paixão, e de todas as injurias, que soffreo por toda a sua vida mortal, do que a sua assistencia em os nossos Altares.

Já não habita no meio de hum povo rebelde, e inimigo, nem no meio de huma Nação depravada, e perversa; mas nos Templos dos Christãos, entre seus proprios filhos, no meio de hum povo, que o reconhece por seu Redemptor, que faz profissão de o amar, e de o servir; no meio de hum povo fiel. Que homenagem lhe não devem tributar todos os corações? Que culto mais respeitoso, que o que se lhe deve dar nestes Altares? E que honras não deve elle esperar aqui de todos? Exaqui o que estás meditando; confidéra agora bem o que fazes.

Se os Judeos conhecessem a Jesu Christo tanto como nós, trata-lo-hião tão indignamente? Não o tratarião ao menos com mais respeito, do que nós mesmos o tratamos? Meu Deos, que reprehendoens nos não está dando sobre isto a nossa razaõ, e a nossa consciencia? E que horroroso he comparar a nossa conducta, com a nossa Fé sobre este ponto?

Quantas vezes temos nós invejado a felicidade daquelles homens privilegiados, que illustrados com as luzes da Fé, reconhecerão a Divindade do Salvador na sua vida mortal? E por ventura, este mesmo Senhor merece agora menos as nossas adoraçoens em os nossos Altares? Mostra-se elle aqui menos bemfeitor, menos poderoso, menos amavel? Elle aqui está realmente presente; o véo, que o esconde, não tira aos olhos da Fé o conhecimento do que elle he, do que póde, do que precisamente nos está pedindo. Os Principes, os Póvos, e os Sacerdotes, que apparecem nos Templos, crêm certamente, que estão aos pés de Jesu Christo; e condemnariaõ ao maior, e ultimo supplicio, a hum sacrilego profanador dos vasos sagrados: e por ventura o seu zelo, a sua devoçaõ, a sua modestia, os seus respeitos correspondem á sua Fé? Oh que horrivel cousa he crer, que estamos na presenca de Jesu Christo, e estarmos ahi como se não o creffemos!

Senhor, depois de tantos milagres do vosso poder, e da vossa sabedoria, ainda pertence á vossa gloria fazer hum novo milagre, tolo da vossa misericordia; que he vencer a insensibilidade do meu coração, e dignar-vos de vencer todos os obstaculos, que ponho aos effeitos da mesma misericordia. Que horrorosa contradicçaõ entre a minha Fé, e os meus costumes! Creio, e bem sinceramente, ao que me parece, que estais

tis realmente presente no adoravel Sacramento da Eucharistia ; e estou com taõ pouco respeito na vossa presença , e vos tenho visto nelle atéqui com a maior insensibilidade ! E quantas vezes , até com desprezo ! Vêde agora , Senhor , a dor sincera , que tenho de tudo isto , e o ardente desejo , que vós me dais de reparar daqui por diante o meu pouco amor para vós , e as minhas irreverencias passadas , por hum culto verdadeiramente respeitoso. Augmentai a minha Fé , abrazaí-me com o fogo do vosso amor , e nunca jámais tereis razãõ de vos queixar do meu esquecimento , nem do meu pouco respeito na vossa presença.

P O N T O II.

Reflexoens sobre o pouco respeito , que se tem a Jesu Christo no Santissimo Sacramento.

C Onfidéra , que desgraça he não conhecer a Jesu Christo : ah ! não há cousa nenhuma , que se deva temer mais : e por ventura he menos para temer conhece-lo , estarmos certos da sua Real presença , e faltar-lhe ao respeito ?

Na verdade , que homem por pouco racionavel que seja , instruido dos Mysterios da nossa Religiaõ , não tendo experiencia do nosso modo de viver , poderia jámais crer , que Jesu Christo fosse taõ pouco amado , taõ esquecido , e taõ pouco honrado pelos Christãos ? Nós estamos mui bem instruidos da indifferença , que há para com este Divino Salvador , e dos ultrajes , com que o trataõ neste tremendo Mysterio ; e por ventura causa-nos pena comprehendendo-lo ? Ou ao menos sentimos dôr , em augmentar o numero destes ingratos , e destes profanadores ?

Na verdade , parece huma cousa bem incrível ,
mas

mas com tudo he verdadeira: Jesu Christo he tratado em os nossos Altares por hum grande numero de Fieis, como se elle ahi estivesse só figurativamente, e muitas vezes teriamos bem justa causa para nos indignarmos, e encher-nos de hum justo furor, se vissemos tratar a imagem do Redemptor, do modo, que vemos tratar o seu Corpo sacramentado.

Não he necessario trazer aqui á memoria a triste lembrança daquelles tempos infelices, em que a Heresia levou a abominação da desolação até ao lugar santo; as sacrilegas ruínas de tantos Templos destruidos, as cinzas de tantos Sacerdotes, misturadas com as de tantos Altares queimados; e outros muitos monumentos ainda vivos da impiedade dos Hereses nos pintaõ, e poem claramente diante dos olhos a horrorosa imagem das mais enormes profanações, que se tem feito do Corpo, e Sangue adoravel de Jesu Christo: para que nunca nos possamos esquecer, do que deve ser hum eterno motivo para as nossas lagrimas. A Sagrada Hostia trespassada, feita em pedaços, pizada aos pés, lançada aos brutos, e outros muitos abominaveis sacrilegios, de que os mesmos demonios teriaõ horror; podem deixar de mover, e penetrar de dôr a hum coração apegado ao Christianismo?

E não temos bem razãõ para nos enchermos de indignação, e de lagrimas, á vista das nossas proprias desordens? Que irreverencias, até nos mesmos Altares? Que horriveis profanações não vemos nas Igrejas todos os dias? Com que horror estará Jesu Christo entre as mãos de hum Sacerdote malvado? Com que impiedade he e he recebido no impuro seio de hum impio?

Quantos homens dissolutos, mulheres mundanas, parece não assistem aos nossos tremendos Mystérios mais, que para insultar a humildade de

de hum Deos , que se poem em hum estado taõ baixo , taõ humilde , e desprezivel , por amor delles ? Quantos ajoelhaõ diante delle com hum joelho só , por irrisaõ , e escarneio ?

Naõ saõ estas algumas lamentaçoes vãs , que como por herança nos deixassem nossos Pais ; ha bem razaõ para nos queixarmos , e para gemer muito , vendo a nossa pouca Religiãõ : e que nos parece a nós isto ? Nós mesmos somos os que havemos de responder. Ah ! os picantes remórros da nossa consciencia muito bem a tempo respondem : e se nós nos vemos , como podemos estar taõ socegados ?

Os Ministros de Deos vivo , os Sacerdotes do Senhor , que só o parecem no Altar pelos ornamentos sagrados , com que estaõ revestidos ; aos quaes vemos offerecer o mais santo , e mais augusto de todos os Sacrificios , com taõ pouca devoçaõ , e ainda muitas vezes com taõ pouca decencia Christã : estes Sacerdotes , taõ pouco difsimilhanes do povo em os seus costumes , e muitas vezes ainda menos penetrados dos nossos sagrados Mystérios , que o mesmo povo ; estes Sacerdotes , digo , sabem de que preço he a victima , que offerecem , estando obrigados a crer que esta preciosa victima he real , e verdadeiramente Jesu Christo ?

Certamente he necessario que haja bem fastio , e bem desgosto da presença de Jesu Christo , para se dizer Missa com huma precipitaçaõ , que escandaliza. Ordinariamente nos desembaraçamos , quanto mais sedo podemos , daquillo , que naõ fazemos com gosto ; e huma tal victima pôde ser-nos huma carga pesada ? Bem sentimos que estas reflexoens horrorizaõ , e fazem perder o juizo ; porém de que nos serve inlignar-nos contra a nossa pouca Religiãõ , se nos naõ fazemos melhores Christãs ?

Dizer

Dizer que o não vemos; este pensamento faz horror: dizer que cremos, sendo a nossa vida toda opposta á nossa Fé; he esta huma malicia, e huma impiedade, que espanta, e faz tremer: a nossa razão julga que o partido mais racionavel, que ha para tomar, he julgar, e dizer que não temos Fé: porém que condição, e que sorte será a nossa neste estado!

A Eucharistia he o mais precioso penhor do amor de Jesu Christo, para com a sua Igreja, e huma abundante fonte de graças, e de bençãos. Estando nós tão necessitados, tão famintos, e tão sequiosos, como estamos, somos muito cuidadosos; e sollicitos em hir beber a esta fonte de todos os bens?

Quem he o que vai á Missa, com hum alto conceito deste adoravel Sacrificio? Quem cuida em render as graças a Jesu Christo, porque, extinguindo todos os outros sacrificios, nos deixou neste huma Hostia, que não pôde deixar de agradar ao mesmo Deos? Huma Hostia proporcionada aos beneficios, que delle temos recedido, e a todos os mais, que lhe podemos pedir: huma Hostia capaz de apagar todos os peccados dos homens. Em nada se considera menos: e por ventura não he isto huma cousa digna de se considerar bem? Que tenha Jesu Christo feito tão grandes excessos para nos fazer tamanhos bens, e que aquelles, por quem os obrou, desprezem aproveitar-se delles, e olhem tudo isto com a maior indifferença? Será isto hum desprezo pouco sensivel para hum bom, e generoso coração?

Que chegue hum Sacerdote a ter nas suas proprias mãos o Cordeiro de Deos, que apaga os peccados do mundo, e que não fiquem os seus apagalos! Que hum Christão chegue a ver o seu Salvador exposto nos nossos Altares, e que

ainda

ninda a sua confiança esteja tão vacillante ! Que seja convidado á sua meza , e que ache ainda razões , ou pretextos para se apartar della ! Oh ! que terrivel he esperar a hora da morte , para conhecer estes Mysterios !

Já muitas vezes temos ouvido a reprehensão , que Jesu Christo nos faz pelo seu Profeta : Se hum inimigo me tivesse maltratado , não me admiraria disso : porém hum Discipulo , hum filho , a quem sustento com a minha propria carne , e com o meu proprio sangue ! Naturalmente he huma cousa bem sensivel ver-se huma pessoa maltratada por aquelles , a quem nunca offendeu : e que dura cousa será , ver que se servem dos nossos propios beneficios , para nos maltratar ?

Não poderemos dizer , que por ter ouvido ha muito tempo esta reprehensão , estamos já acostumados a ella ? Isto he , que á força de ver maltratar a Jesu Christo em os nossos Altares , e augmentar nós mesmos o numero dos que o maltrataõ , nos temos feito insensiveis a huma reprehensão , e a huma queixa tão bem fundada , e tão terna. O mesmo Judas , este malvado homem , não foi movido com ella : esta comparaçã he horrorosa ; mas em fim hum tão grande numero de Communhoens , que temos feito , tem produzido em nós fructos , que nos possã consolar ?

Certamente , quando huma pessoa tem vivido cheia de indifferença , e de desprezo para com este Divino Salvador em nossos Altares , pode-lo-ha receber com muita confiança no fim da vida ? Jesu Christo trazido em Viatico , servirá de grande consolaçã , a quem o não tem tratado mais , que com insensibilidade , e desprezo ?

Filios enutivi , & exaltavi ; ipsi autem spreverunt me. (Isaias i.) Criei , e nutri filhos , e os distingui , e accumulei de gloria : e todo o seu agrade-

agradecimento, todo o seu amor se reduz a desprezar-me. Não bastava o ter eu soffrido tantos opprobrios, e afrontas daquelles, que me não tinhaõ conhecido? Ainda he necessario, que seja tratado tão ignominiosamente por estes mesmos, que me conhecem? Eu lhes tenho dado tudo: o meu amor para com elles, me obrigou ainda a dar-lhes a mim mesmo: e elles, Altares pobres, e desprezados, essas Igrejas sem adoradores, esse Sacrificio offerecido com tão pouca devoção, essas irreverencias ainda nos Altares, esse grande numero de Communhoens sacrilegas, mostrão muito bem quam pouco sou amado, e respeitado delles.

Já não posso, Senhor, rezistir a huma reprehensão, e a huma queixa tão penetrante, que me fere até a alma, e tão justa, que não tenho que lhe responder; vingai-vos com hum novo beneficio. Sinto que o meu coração se abrande, e que a minha dôr junta com a confusão, que me causa a triste lembrança das minhas ingraticões, não me permite dizer outra cousa mais que estas palavras: *Pater, peccavi in Cœlum, & coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.*

Sim, Pai de misericordia, pequei contra o Ceo, que manda tão expressamente o respeito para com todos os Pais, e muito particularmente para com vosco, o melhor de todos; e tambem pequei contra vós, pois me servi até dos vossos maiores, e mais singulares beneficios, para vos offender. Sim, Pai cheio de bondade, eu confesso que pequei; vós podeis condemnar-me, e certamente o tenho merecido; mas vede, e attendei, Senhor, que he hum filho, o que implora a vossa misericordia. Eu mesmo me atrevo ainda a apresentar-vos, e offerecer-vos este mesmo Corpo adoravel, este Sangue precioso, que tenho profanado; para socegar, e abrandar a vossa jus-

tã colera : já naõ mereço ser chamado voffo filho ; porém espero que me fareis a graça de feto ao menos hum fervo respeitoso , e fiel : e a minha continua affistencia em fazer-vos Corte nos vossos Templos , a minha modestia , o meu respeito , e as minhas adoraçoens repararáo , como espero ; as minhas defordens passadas.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Junho.

Da incerteza da morte.

I. PONTO.

Todos estão certos que baõ de morrer ; porém naõ sabem nem o dia , nem a bora da morte.

Considera , que he certo que todos morremos : nenhum homem racional pôde atéqui duvidar disto ; porém naõ sabemos se morreremos cedo , ou tarde : o que sabemos de certo , he , que sempre viremos a morrer primeiro , do que cuidamos ; e que he artigo de Fé , que naõ sabemos nem a hora , nem o dia ultimo da nossa vida , e que o Filho do homem virá certamente naquella hora , em que se naõ esperar.

Ainda que toméis grande precauçaõ , e estejais prevenido , nunca deixareis de ficar sobrestado com ella : e que será , se naõ estiveres acutelado ?

Naõ ha idade alguma , temperamento , ou boa disposiçaõ , que nos possa prometter huma hora de vida. Quantos estão morrendo a nossos olhos

olhos em huma florescente idade, na força dos seus annos? O curso ordinario da natureza he tantas vezes interrompido, quantas observado; ha poucos dias, em que não vejamos algum exemplo desta verdade.

A nossa vida, segundo a fraze da Escriptura, he comparada a huma folha da arvore, que cahe com o menor pé de vento; compara-se a este mesmo pé do vento, que só se sente de passagem; a huma flor, que se abre toda fresca de manhã, e que poucas horas depois se murcha.

Ha não poucas mortes, que não sejam imprevis-tas; e nenhuma ha, que não seja precipitada, e subita a respeito do que morre. Que homem tendes visto, que se não prometteffe viver ainda, ao menos até o dia seguinte?

Sabe-se que a morte he certa; porém só se considera nella no fim de huma longa carreira: olha-se para ella como em hum lugar muito apartado, em huma idade muito adiantada, e nem ainda esta adiantada idade he bastante, para nos tirar a esperança de viver ainda, ao menos hum anno.

O corpo humano he hum edificio, que está prompto a cahir quando parece, que está mais bem fundado, e melhor firmado. Ordinariamente bem se prevê a queda dos edificios por algum signal exterior; porém quem he, que vê os diferentes orgãos da maquina do nosso corpo? Basta saber a construcção do corpo humano, e de que depende a nossa vida, para huma pessoa ficar horrorizada, e admirada de que ainda vivamos tanto tempo.

Não nos lisongeemos pois: ponhamos em ordem os nossos negocios: porque, por muito robusta que esteja a nossa saúde, não ha mais que hum passo entre a vida, e a morte. Basta termos
hum

hum corpo mortal , para termos mil razoens de temer a cada momento. Qual seria o homem sabio , e prudente , que quizesse alegurar-nos hum anno de vida , com perigo da sua ? E com tudo ainda dilato a minha conversaç , para o fim deste anno !

O homem , diz o Ecclesiastico , ignora o fim de seus dias , e assim como o peixe brincando na agua , e o passaro no ar , de repente são apanhados , hum com o anzol , outro no laço ; assim os homens , quando cuidão que gozão do momento mais agradável da sua vida , se deixão surprender infelizmente pela morte.

Hum morre no jogo , outro na meza : quantos se tem achado na sua mesma cama mortos ? E de todos estes , de que sabemos a morte , ha hum anno para cá , haveria algum , que esperasse morrer neste anno ? E de todos , os que morrerem neste anno , há hum só , que não espere viver mais de hum anno ? E a hora da nossa morte he acaso menos incerta ? Ha algum dia na nossa vida , que possamos dizer seguramente , que não he o ultimo ? Estamos certos , que se este dia fosse o ultimo , seríamos condemnados ; e com tudo estamos tranquillos ? Quem he , que nos dá esta segurança ?

Estai certos , nos diz o Filho de Deos , que haveis de ser assaltados de repente pela morte. Vede de que comparaçoens se serve elle , para nos fazer esta verdade mais sensivel. Eu virei , nos diz elle , como hum ladrao , que poem toda a sua industria em assaltar sem ser esperado : ou como hum senhor , que querendo experimentar a fidelidade dos seus servos , singe huma grande jornada , e chega inopinadamente a casa , quando o julgaõ mais longe della : ou finalmente como hum esposo , que tenho sido esperado por muito tempo ,

tempo, chega quando menos se cuida nelle.

Muitos exemplos confirmão todos os dias estes Oraculos. A precipitada morte de tantos nos penetra logo muito fortemente a imaginação; mas brevemente nos livramos do susto, examinando a causa desta morte precipitada, lisongeando-nos de que esta causa não se acha em nós. Era hum homem, dizemos nós, de fraca saúde; a sua muito grande applicação de espirito lhe diminuiu seus dias; fazia excessos; era ameaçado de hum semelhante accidente: e assim eu não acho em mim o que julgo ter sido a causa da sua morte; não tenho pois nada que temer. E devendo antes pelo contrario dizer: Este homem parecia que andava tão bom como eu, e com tudo morreu hoje; quem ha, que me possa assegurar hoje, que estarei á manhã com vida?

Quantas clausulas se põem em hum contrato, para prevenir a incerteza dos successos contingentes? Não sabemos, dizem; o que póde succeder. He necessario que estejamos bem certos, e bem seguros da nossa sorte eterna; pois que estando tão seguros da incerteza da nossa morte, e confessando mesmo, que podemos morrer a toda a hora, cuidamos tão pouco na morte, trabalhamos tão negligentemente na nossa salvação, e dalle-nos tão pouco de regular os negocios da nossa consciencia. He necessario estar bem preparados; e se o não estamos, não nos pomos em hum grande perigo? E quem põem a risco este negocio, he sabio? He prudente?

Se tivesses estado nos thesouros dos Príncipes administrando dinheiros publicos, dizia hum grande, e celebre Ministro do Evangelho, e que houvessem tido nisto negocios muito embaraçados, e estivessem sempre para te fazer dar contas; certificando-te os teus Senhores, que tas tomariaõ quan-

quando não cuidasses nellas , sendo necessario hum tempo consideravel , junto com huma grande tranquillidade da alma , e presença de memoria , para pôr as cousas em ordem , e com clareza ; tendo ao mesmo tempo mil exemplos de pessoas , que forão assaltadas de repente : sem dúvida perderias o repouso para te apparelliar , e pôr em bom estado ; e se alguem então te representasse que não devias atormentar-te tanto ; que bastavá trabalhar nisso alguns annos , como receberias hum tal conselho ? Não dirias : Esta he huma cousa , que pede grande averiguação : vós não conheceis o Senhor , a quem sirvo , vem quando menos se espera ; e além disto , he este hum negocio , em que se interessa a minha vida , se não dou conta de tudo ; arrisco muito , por não estar prompto a toda a hora.

E devemos discorrer de outra sorte sobre a certeza da morte , e sobre a incerteza da hora? O Filho de Deos uza dós termos de conducção , de talento , de dinheiros , para no-lô mostrar. Elle nos adverte , que nos tomará conta na hora , em que não julgamos. Não diz , preparai-vos então : mas , estai preparados : *Esote parati* : e com tudo não fazemos reflexão sobre isto.

Temos humas grandes contas para dar. Quantos preceitos teimos para guardar , que obrigações para cumprir , de quantas graças , e de quantos talentos temos para responder ? Não havemos sómente dar conta do mal , que fizemos , mas tambem do bem , que deviamos , e deixámos de fazer , e do bem , que fizemos com negligencia , e mal feitô ; dos nossos propios peccados , e dos peccados , que tivermos dado occasião aos outros de commetter ; de tudo isto daremos huma conta exactissima. E não vos parece que he isto huma cousa , que pede huma grande averiguação ? Será

este negocio de alguma consequencia? Trata-se aqui da perda da nossa alma, e de huma perda irreparavel, de huma infelicidade eterna; e com tudo differimos tranquilamente huma cousa tão consideravel, para hum tempo, em que os mundanos não quereriaõ fiar de nós a mais pequena cousa; no qual somos obrigados a annullar diante de hum Juiz, tudo o que fizemos nos negocios da nossa industria, nos quaes com tudo obramos com mais intelligencia; para hum tempo, digo, que sempre virá quando o não esperamos: e somos nós prudentes, somos sabios nesta nossa vida?

Quantos dos que fizerem estas reflexoens, morrerãõ antes de se acabar este anno? E ha por ventura hum só, que as faça com este pensamento, de que esta reflexãõ lhe pertence, e que ha de morrer antes de hum anno? Porém com tudo he certo, que as faremos algum dia a ultima vez, e quem nos disse que não he esta a ultima vez, e o ultimo dia que as fazemos?

Eu não sei, Senhor, se tenho mais razão para esperar, do que para temer; e se olhando eu mesmo como miseraveis, e dignos de compaixãõ aquelles, que poem tão imprudentemente as suas esperanças nesta vida, ferei eu mesmo tambem algum dia hum objecto de compaixãõ. Não o permittais meu amavel Salvador: vejo, e sinto a indignaçãõ de hum tão desgraçado, e miseravel procedimento; tenho tido talvez nisto, menos providencia, que os outros. Que dôr, e que pezar será o meu, que desesperaçãõ! E que devo esperar, se fazendo as reflexoens, que ao presente faço, e conhecendo o perigo, a que estou exposto, não me aproveito da singular graça, que me fazeis? Ainda que eu soubesse, que ainda tinha muito tempo para viver, não quero dilatar mais a minha conversãõ; e vou principiar já a viver, como

mo se me faltassem só alguns momentos de vida;

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a incerteza da morte.

Considera , que nada ha mais proprio para nos apartar efficazmente dos prazeres da vida , e dos cuidados de alcançar huma grande fortuna , como esta incerteza da morte bem considerada.

Séi certamente que hei de morrer : qualquer hora do dia pôde ser a ultima da minha vida : a mais forte saude está fugeita a huma grande apoplexia , e a outros muitos accidentes mortaes. Quantos temos visto em toda a idade , e em todos os estados , arrebatados desta vida dentro de cinco ; ou seis dias , por hum pleuriz , ou por huma febre maligna ? Atrever-me-hia eu a segurar com juramento , que ainda tenho hum mez para viver ? E com tudo obro como se soubesse por revelação Divina , que ainda hei de viver muitos annos.

Hum homem condemnado á morte por huma irrevogavel sentença , pôde , sem ter perdido o juizo , entregar-se á alegria , e não cuidar em mais ; que em viver , ao mesmo tempo que se vê a todo o momento no porto de perder a vida ? E somos nós mais prudentes ? A sentença irrevogavel da nossa morte nos ha sido declarada ; a sua execução pôde-se fazer a todas as horas : e donde nos vem este louco furor para o prazer , esta violenta paixão para os lucros , e para hum estabelecimento temporal , que contra a Ley de Deos , nos faz renunciar a todas as obrigaçoens da consciencia ? Donde nos vem essa multidão de negocios , que nos opprime , este esquecimento do

Ceo, este apego ao mundo, esta insensibilidade; esta segurança?

Ser rico, diz Santo Agostinho, e estar sempre na incerteza, se isto durará muito tempo, he não o ser; e ser poderoso, ser grande, ser feliz no mundo, gozar de todos os prazeres da vida, e estar continuamente exposto a qualquer hora, a ser privado de tudo isto para sempre, he não ter cousa alguma: tanto que nos convençemos deste principio, diz o mesmo Santo Padre, adquiere-se brevemente huma inteira indifferença, e insensibilidade para todas as cousas da terra: não he necessario exhortar muito a huma pessoa, para a desfapegar de huma cousa, que possui como emprestada; antes he necessario algum trabalho, para a persuadir a tomar algum cuidado delia.

Se hum moço, hum mancebo, que se entrega a todos os seus desejos, que se nutre, e cêva nos prazeres mundanos, que não ouve mais que a sua paixão, e não tem outras regras de ordenar as suas acçoens, mais que as maximas do mundo, considerasse quando entra nas assembleas mundanas, que póde ser nellas assaltado da morte; acharia aqui muitos gostos, muitos divertimentos?

Se hum homem em quanto gasta as dilatadas noites no jogo, ou está assistindo aos espectaculos, considerasse que talvez não sahiria dalli, senão para ser levado á sepultura, acharia gosto nesses divertimentos profanos?

Ninguem jámais se divertiria, dizem, se se considerasse em toda a parte ño perigo, em que estamos de achar alli o fim da vida. E por ventura por não se considerar, he menor o perigo?

Tem-se visto espirar jogadores com as cartas nas mãos; tem-se visto morrer comediantes

em

em o theatro : por ventura nós mesmos temos feito concerto com o Senhor da nossa vida, que podemos com toda a segurança achar-nos em todos estes prazeres? Tem-nos acaso certificado este Senhor, que não terminará a vossa vida, senão depois de hum tal numero de annos, e que sempre seremos advertidos do dia da nossa morte?

Fazem-se grandes esforços para alcançar riquezas, para o adiantamento nas honras, e para tudo, o que se chama fortuna no mundo; mas sobre que se fundão estes vastos, e ambiciosos designios? Ah! fortuna, ambição, esperanças lisonjeiras, grandes empresas, excellentes projectos, tudo he fundado só sobre a vida: mas acaso ignoramos que temos esta vida por emprestimo, com a condição de a dar a toda a hora, isto he, que a toda a hora estamos em perigo de a perder? E naquelle momento, em que nos for tirada, em que vem a parar essas bellas esperanças, essa fortuna, esses grandes projectos?

Nós estamos em casa de nossos Pais: e se quizermos subir até ao seu primeiro possuidor, veremos huma dilatada serie de pessoas, que della sahirão, huns mais cedo, outros mais tarde, e todos no tempo, em que não esperavaõ. Ainda muitos sahirão della sem haver tido o vagar, de cuidar no que haviaõ de ser para o diante. Somos testemunhas de tudo isto; choramos, e lamentamos a sua sorte; e obramos nós acaso com mais providencia, que elles? E não se poderá algum dia dizer de nós, que fomos tirados desta casa, sem nos termos provido para o futuro?

Que horrivel cousa he morrer sem estar preparado! E quanto tempo julgamos que nos he necessario para o estar? Bastaria hum mez, para estar em estado de apparecer diante do Soberano Juiz? Os negocios da consciencia, huma vida de
trinta,

trinta, ou quarenta annos, este cáos de iniquidades, póde-se desembrulhar em poucas semanas? E por ventura aemos seguro ao menos hum dia só?

Sabemos, temos noticia de huma morte precipitada de hum mancebo, o qual pouco antes viamos com perfeita saude: ficamos pasmados, e nós sorprendemos todos: bem se mostra por isto, que estamos pouco penetrados de huma verdade tão constante. Que he o que nos admira? Por ventura, que morra hum homem sem o esperar? E ha hum só, que não morra assim? Causa admiração o não ter estado muito tempo enfermo; e he esta huma cousa muito rara? He como se nos admirassemos de ver quebrar hum cópo, que caher, ou desfazer-se em hum momento aquellas pequenas empólas, que andaõ na superficie da agua.

Que, meu Deos! he certo que aquelles, que tiverem cuidado mais na morte, ainda serãõ afaltados de repente della: e que será dos que não cuidaõ nella, e que mesmo de proposito não querem que se cuide nella!

Parece huma cousa incrível, mas com tudo he verdadeira: só a respeito da salvaçaõ he que se não cuida na incerteza da morte, porque a respeito dos interesses temporaes, ninguem ha que não cuide nella. Em todas as convençoens, e contratos, tudo está cheio de precauçoens contra essa fatal incerteza. Não sabemos, dizem, o que póde succeder; podemos morrer: he de homem prudente, e sabio prever certos accidentes. Até se escrevem certos pontos para supprir a nossa falta, e servir de clareza sobre certos negocios, no caso que venha a morte antes de haverem sido terminados. E para a salvaçaõ, a respeito dos negocios da consciencia, para assegurar huma feliz Eternidade, que providencia tomamos?

A morte he por ventura menos incerta a respeito da Eternidade, que a respeito do temporal? Os negocios temporaes são de maior importancia? He de homem prudente, não estar preparado, sabendo que ha de ser surpreendido pela morte, quando menos o imaginar? Quando se dirá a respeito do nosso maior, e unico negocio, como se diz quando se trata dos alheios? Sabe-se acaço o que póde succeder? He pois necessario fazer logo aquella restituicao, converter-me logo sem demora, e attender já desde este momento effeazmente á salvaçao da minha alma: eu posso á manhã já não estar com vida, a morte póde afaltar-me de repente: e he por ventura de homem de juizo, e de quem sabe mui bem quam incerta he a morte, deixar-se accommetter inopinamente della?

Oh! e que claramente mostra a incerteza da morte o nada, e o fraco deste momento de prazer, de que queremos gozar! Póde-se considerar nesta horrorosa incerteza, sem que se perturbe toda a doçura, de que se goza? Quem poderia fazer esta reflexao socegadamente? Os prazeres, de que gósto hoje, talvez serão os ultimos!

Oh! e que saudavel he este pensamento, e capaz de fazer grandes fructos.

Se hum Sacerdote offerecesse sempre o Divino Sacrificio, considerando que talvez seria aquelle o ultimo, que offerece, offerece-lo-hia com precipitaçao, e com fastio? Estaria pouco recolhido, e pouco movido, tendo entre suas maos esta preciosa Victima, e sahiria do Altar sem fervor, e sem devoçao?

Se todos chegassem á sagrada Mesa com este pensamento, de que aquella Communhao talvez lhes serviria de Viatico, seriam as Communhoens tão tibias, e tão infructuosas? E se nos
con-

confessassemos sempre, como se fosse a ultima vez, confessar-nos-hiamos sem dôr, ou ainda muitas vezes por costume?

A ambição, o interesse, a paixão, não terião parte em todas as nossas emprezas, se sempre fizessemos todas as cousas, considerando que podemos morrer dentro de poucas horas. Na verdade tudo isto pôde succeder: alguma Missa, alguma confissão, algum negocio, algum anno ha de ser o ultimo da nossa vida: e quem nos certifica que não será este?

Que farei eu, dizia aquelle homem rico, de que falla o Evangelho, que farei, porque não tenho aonde recolher os meus fructos? Deitarei abaixo os meus celeiros, e os farei maiores, aonde metterei tudo, o que tiver recolhido, e todos os meus bens, e direi a mim mesmo: Tu tens cabedades em abundancia para muitos annos: agora descança, repousa, come, diverte-te, faze grandes banquetes. Porém Deos lhe diz: Louco, esta mesma noite te vão pedir a tua alma; e isso que has guardado, para quem será? *Stulte, hac nocte animam tuam repetent à te; que autem parasti, cujus erunt?* (Luc. 12.)

Louco em crer, que ha de ter por muito tempo huma cousa, que a todo o momento lhe pôde ser tirada. Louco em fundar toda a sua felicidade sobre huma arêa, que se move, e se muda a toda a hora, sobre huma sombra, que passa, sobre hum fumo, que se dissipa, e se desvanece, sobre huma flor, que se murcha em hum instante.

E ferei eu mais prudente, Senhor, se depois de todas estas reflexoens, que acabo de fazer sobre a incerteza da morte, continuo a obrar como se estivesse seguro de viver ainda muitos annos?

Exaqui

Exaqui talvez a ultima Meditação, e o ultimo Retiro, que eu faço: e quem me diz que não seja o ultimo anno, o ultimo mez, e talvez ainda o ultimo dia da minha vida? Ah! se eu tivesse de apparecer diante do meu Juiz antes da noite, se a minha sorte eterna se houvesse de decidir neste dia, se a minha eternidade houvesse de começar dentro de poucas horas; teria muita razão para crer que me salvaria, que a minha sorte seria feliz, que o Ceo seria a minha herança? Da-me a minha consciencia hum testemunho de muita consolação? E se ella me diz o contrario, se eu conheço que sem duvida seria condemnado, se morresse nesta hora, (só este pensamento me faz tremer) como posso ainda dilatar a minha conversação para a manhã?

Eu não a dilato já mais, Senhor; he huma cousa esta de mui grande importancia, para a querer pôr em huma tal incerteza. Vós me dais ainda este dia pela vossa misericordia; espero que me dareis graça para ordenar tambem a minha consciencia neste dia, que possa dizer antes da noite: Meu coração está preparado, ó meu Deos, o meu coração está preparado: *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.*

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de
Julho.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Da demora da conversão.

I. PONTO.

*Quem dilata a conversão ; poem-se em perigo
evidente de nunca se converter.*

Confidéra que ninguem há , que não tenha tido algumas vezes na sua vida o pensamento , e ainda o dezejo de se converter perfeitamente a Deos.

Há certos momentos felices , em que , por meio não sei de que luz interior , se descobrem de repente tantos defeitos em todas as creaturas ; acha-se tão pouca solidez em tudo , o que há no mundo ; sente-se tanto fastio para tudo , o que dantes tinha mais attractivos , que não podemos deixar de confessar , que he ser louco não servir a Deos.

Todos tem bastante capacidade para se renderem ás razoes fortes , que há para mudar de vida ; mas ao mesmo tempo não somos affaz generosos para resistir ás paixoes , a que estamos entregues. O amor proprio acha hum caminho além destes dois partidos : satisfaz á razão , fazendo-nos consentir na nossa conversão ; e accommoda-se com
a nossa

a nossa frouxidão, e cobardia, persuadindo-nos que a dilatemos, deixando-nos em os mesmos hábitos: mas he bem claro que elle nos engana, pois que esta dilacão nos poem em hum perigo evidente de nunca nos convertermos.

Para se fazer huma conversão, he necessario haver tempo, vontade, e graça. Ainda quando não se differisse a conversão mais que hum dia, quem nos diz que teremos esse dia para nos converter? E quando tivessemos certo esse dia, quem nos diz que teremos então melhor vontade, que ao presente? E que revelacão nos assegura, que teremos então huma graça mais efficaz, que aquellas, a que temos resistido atéqui?

Que cousa mais incerta que o tempo? Huma infinidade de pessoas foraõ accommettidas de repente da morte, na vespera da sua conversão. Oh! e que triste cousa he morrer só com o projecto de huma futura conversão!

Ainda não he tempo, dizem, de romper por estes gostos, de deixar estas occasioens do peccado, de reformar os costumes, de viver huma vida retirada, e mais Christã. Ah! e quando será tempo? Quando o fogo da mocidade estiver passado, quando a idade, e a propria experiencia nos tiverem apartado das vaidades, que nos occupã, e quando tudo conspirar a nos converter para Deos.

Deste modo discorrem quasi todos os homens, sobre o projecto da sua conversão; porque ninguém quer morrer sem estar convertido. Porém discorrem elles bem, discorrendo assim? Temos por ventura alguma segurança de chegar a essa idade, em que o juizo assente, e as paixoens fogueadas deixem toda a liberdade de conhecer a vaidade, e o nada de tudo, o que mais nos encanta? Quando poderemos nós dispor-dos tempos, e dos

mo-

momentos, de que só he Senhor o nosso Pai Celestial?

E quem nos disse, que as paixões se enfraqueciam com a velhice? Ah! tudo succede pelo contrario. As forças do corpo se diminuem, e o mesmo espirito participa da sua fraqueza; porém os habitos viciosos se fortificam, e se aproveitam, digamo-lo assim, desta mesma fraqueza do espirito. He moi raro que hum velho dissoluto se converta perfeitamente.

Por ventura, cremos que a ultima enfermidade he hum seguro refugio para remediar todas estas demoras, e dilações? Por pouco juizo que haja, quem o poderá assim crer? Huma conversão verdadeira não he negocio de hum dia; he pois precisamente necessario, que a enfermidade seja dilatada. He preciso huma grande liberdade de espirito; e havela-ha naquella hora? Aquelle abatimento, e oppressão de espirito, que traz consigo a enfermidade, as cruéis dôres, hum grande temor deixaõ a huma alma bem pouca tranquillidade. Quem nos disse, que a nossa ultima enfermidade será izenta de tudo isto? E que enfermo há, que julque que a sua enfermidade he a ultima? E exaqui com tudo sobre que se fundam esses grandes projectos de conversão.

Quantos temos achado desses, que dilatam a conversão até á morte, que se tenham convertido verdadeiramente quando morrem? He verdade, diz Santo Agostinho, que recebe a Igreja a penitencia daquelles, que entam mostraõ que se convertem: mas o mesmo Santo não julga que nos devemos fiar muito nella: Não, accrescenta elle, eu não vos hei de enganar, eu não creio nella.

Não temos atéqui querido converter-nos verdadeiramente: e que razão há para julgar, que
haver

havemos entãõ de querer efficaçmente ? Temos atequi tido obstaculos ; ignoramos acazo que estes obstaculos crescem com as paixoens , e com a idade ?

Os passatempos da mocidade vos tem atequi demorado , e o embaraço dos negocios vos demorará ainda mais , em huma idade adiantada.

Posso-me converter , dizem , em todo o tempo. E quem vos disse que em todo o tempo estareis em estado de vos converter? Recufastes fazelo quando Deos vos sollicitava , quando os obstaculos eraõ menores , as ligaduras , e as prizoens do mundo menos fortes , e quando os habitos estavaõ mais fracos : e podeis esperar racionavelmente , que o fareis quando os obstaculos se tiverem multiplicado , e os habitos se tiverem já envelhecido ? Deos cansado com a vossa resistencia á sua graça , já vos naõ sollicitará taõ fortemente. He muy provavel , e ainda he certo , e bem sensivelmente o vemos , que arriscamos tudo , dilatando desta forte este negocio : e nada tememos arrisca-lo ?

Vio-se jámais algum criminoso , que no mesmo tempo , no mesmo instante , em que está para receber a graça , e a amizade do seu Principe , perdusse a este mesmo Principe , que a dilatasse para outro tempo ?

Deos nos offerece a sua amizade , apresenta aos nossos olhos a sua Graça ; e naõ nos agrada recebe-la ao presente. Pedimos-lhe que espere que tenhamos vontade de corresponder a ella : elle naõ cessa pela sua bondade de nos sollicitar ; porém nós queremos que elle nos guarde a sua amizade para outro tempo. Quizeramos nós nzar deste modo com o homem mais vil do mundo ? E de que maneira nos portariamos com aquelle , que affirmasse a nosso respeito ?

Todos confiãõ , e tem para si , que haõ de

ter muito tempo para fazerem a sua conversão. Se Jesu Christo nos tivesse promettido com juramento, que havíamos de ser avizados do dia, em que elle ha de vir; não podíamos viver em maior segurança; do que vivemos; sabendo que elle jurou o contrario.

Vimos jámais algum mercador, que achando-se em estado de recuperar as suas perdas, não quizesse aproveitar-se da occasião presente, e demorasse por sua vontade hum dia só a sua fortuna?

Que homem há, que estando perigosamente enfermo, se lembrasse de pedir ao seu medico, que viesse vê-lo só em alguns dias, ou quando estivesse na ultima extremidade?

Nós, que queremos passar por sabios, poderemos chamar-nos nem ainda racionaveis, querendo dilatar ainda por hum só dia a nossa perfeita conversão? Estamos talvez actualmente na desgraça de Deos, sentimos que os remedios mais saudaveis não tem algum effeito, que o mal se augmenta: Deos nos insta, e nos sollicita: não quer mais que o nosso consentimento, para dar saude á nossa alma; porém a nós não nos agrada, nem queremos receber esta saude.

O Filho de Deos prevenio mui bem todas as nossas desculpas, e todos os falsos pretextos das nossas dilações, segurando-nos em termos expressos, que elle ha de vir quando não for esperado: isto não he simplesmente hum aviso de hum amigo prudente, e illustrado; o que falla, he o Senhor da vida, e da morte; elle não póde ignorar quando tem determinado tirar-nos do mundo. A causa porque foraõ loucas as Virgens, de que falla o Evangelho, foi por fazerem tarde o seu provimento; e ainda que vinhaõ bater á porta, he já muito tarde: a resposta que lhes daõ, he: *Eu não sei quem vós sois.* Faça-

Façamos muito embora os mais excellentes projectos, tomemos as mais bem concertadas medidas, toda a nossa industria, todos os nossos discursos não prevalecerão contra a sua palavra: he hum artigo de Fé, que morreremos naquella hora, em que menos o cuidarmos.

Ainda não vimos morrer pessoa alguma, nunca chegámos a estar perigosamente enfermos, que não chegassem a formar o delignio de nos converter; e com tudo esta conversão está ainda por fazer. E se nos acharmos com este mesmo delignio na ultima enfermidade, que motivo temos para crer, que Deos aceitará então esta imaginada resolução?

Todo o mundo treme, quando há perigo de perder ou os bens, ou a vida: e conta-se por nada, e não fazem caso de perder a alma eternamente, não se fazendo huma verdadeira conversão! Porém se he pouca cousa o perder a alma, porque razão, meu Divino Salvador, a resgatastes vós por tão grande preço?

Meu Deos, vós não quereis a morte do peccador, quereis que se converta: de quem será pois a culpa, se me não converto já? E não quero converter-me? E como poderei dizer que quero, em quanto diffiro de hum dia para outro esta conversão?

Quem não poderá dizer que temos por hum grande mal entregar-se huma pessoa a Deos inteiramente, vendo que só nos começamos a dar a elle o mais tarde que podemos? Ah! eu tremo á vista do menor perigo; e houve jámais algum maior, que o de perder a minha alma?

Senhor, eu não me atreverei a demorar mais este negocio: porém, por mui boa vontade que eu tenha, nada se fará, se a vossa poderosa graça não vem em meu soccorro. He necessario que

VÓS,

vós, meu Deus, me convertais, para que eu fique verdadeiramente convertido: *Converte nos, & convertemur.*

II. PONTO.

Differir huma pessoa a sua conversão, he pôr-se quasi em huma necessidade de nunca se converter.

Considéra, que a demora da conversão não sómente nos põem em perigo de nos não converter, mas também nos põem ainda em huma especie de necessidade de nunca o fazermos.

A Escriptura nos exhorta a buscar a Deus no tempo, em que o podemos achar: logo segue-se daqui que há algum tempo, no qual o buscamos inutilmente. E que não deve temer hum homem, a quem Deus tem sollicitado tão vivamente por muitos annos, e elle tem sempre resistido?

Ainda somos muito moços, dizem, para tomarmos o partido da devoção: he necessário esperar huma idade mais adiantada para nos converter. Isto quer dizer: Nós ainda não temos offendido a Deus bastantemente; deixemos multiplicar os seus beneficios com os nossos dias, levemos ainda mais longe a nossa ingratição pelas nossas infidelidades; e depois disto nós cuidaremos muito bem em o servir. Porém aceitará então Deus os nossos serviços? He verdade que todas as vezes que o peccador se converter, achará a Deus disposto para o receber; mas a difficuldade consiste em fazer esta conversão: e não a querendo o peccador fazer agora, quando Deus quer, quererá por ventura sinceramente em hum tempo, em que parece que Deus não a deve querer?

Se os Apostolos differissem hum só dia, deixar tudo para seguir a Jesu Christo quando elle os chamou, poderiaõ racionavelmente esperar, que elle os tornasse a chamar segunda vez, e que teriaõ entãõ mais valor para deixar tudo?

O Pai de Familias convidou só huma vez os seus servos para a festa, que elle lhes tinha preparado; desculparaõ-se tambem só huma vez; e as suas desculpas pareciaõ legitimas; e com tudo, bastou isto para não serem mais convidados, e ainda para serem reprovados.

Parece-nos que temos ao presente obstaculos invenciveis; e he bem certo que cada vez os iremos tendo maiores. Dizemos que não podemos agora converter-nos: è em qualquer tempo daqui por diante ainda menos poderemos. As liçoens de piedade, as meditaçoens das vordades mais terriveis, as advertencias de hum sabio, e zeloso Director, o uso mesmõ dos Sacramentos, não fizeraõ atéqui em nós algum effeito: e entãõ em que fundamos a esperança dessa nossa imaginada conversão? Não nós rendemos ao principio, quando estas grandes verdades nos ferião, e penetravaõ o coraçãõ: e render-nos-hemos depois quando estivermos mais insensiveis?

Passado hum certõ tempo, acostumamo-nos a tudo. Os conselhos mais saudaveis, as mais terriveis verdades já não fazem impressãõ alguma no coraçãõ, nem no espirito, depois de lhe havermos resistido muito tempo. Da mesma sorte, q̄ succede aos que assistem aos moribundos, os quaes, depois de hum certo tempo, já não os move a vista destes horrorosos objectos.

Ao principio, só a lembrança do Inferno nos horrorizava; mas a força de nos acostumarinos a esta consideraçãõ, já o não tememos. No fim da vida, dizem, nos apartaremos, e despegaremos

do que mais nos encanta, e attrahe ao presente. Ah! nós estamos bem convencidos assim da vaidade de tudo, a que nos apegamos no mundo, como do perigo, a que nos expõem o nosso peccaminoso apego: porque, se estivessemos verdadeiramente satisfeitos do estado, em que nos achamos, teríamos presentemente o desígnio de nos converter algum dia?

Porém em fim, supponhamos que huma longa experiencia do mundo, nos venha a desenganar algum dia perfeitamente das suas vaidades; então não nos apegaremos já aos falsos prazeres, e a essa falsa liberdade por estimação, que tenhamos della; mas por interesse, por habito, por pertinacia, e por inclinação. Teremos grangeado a desgraçada reputação de ser pouco regulares, pouco devotos, e de viver dissolutamente segundo as maximas do mundo: e huma pessoa, quando não tem já vergonha do mal, está mui longe de se converter. Ora na verdade, se não fazemos especial gosto de nos enganar a nós mesmos, poderemos nós ter affaz valor para vencer por huma vez tantos obstaculos? Nós, que com menos peccados, e mais graça, não sentimos em nós agora força para vencer hum só? Ao menos, dizem, na hora da morte a vista do perigo, infallivelmente nos obrigará a converter-nos. Para aqui he que todos se guardaõ. E quem se atreverá a confiar em huma conversão, que fazendo-se á vista do perigo, só se faz por puro temor? Huma prova bem clara da pouca sinceridade deste genero de conversoens, he que de todos esses imaginados convertidos, que escapaõ, e convalescem da sua enfermidade, quasi nenhum vemos, que mude de vida. De mais, não he hum artigo de Fé, que o Filho do homem há de vir quando for menos esperado? Pois ainda que hu-

ma pessoa não morra subitamente, a morte da maior parte dos homens não deixa de ser imprevisita.

Jesu Christo não nos tem protestado com juramento, que será inflexivel aos clamores de hum homem, que esperar para o ultimo momento o chamar por elle? Se o Filho de Deos não teve designio de nos enganar, ou se elle não se enganou a si mesmo, o que he impossivel, devo crer que o peccador, que dilata até á morte o fazer penitencia, deve certamente esperar morrer em peccado, se o Senhor não fizer hum milagre em seu soccorro. E que não se deve temer de hum peccador, que necessita de hum milagre extraordinario para se converter?

Que significação estes Oraculos? (*Joan. 7.*) Vós me buscareis, e não me haveis de achar. (*Jerem. 1.*) Clamarão, e darão vozes ao Ceo, e não serão ouvidos. (*Matth. 25.*) Senhor, Senhor, abri-nos a porta, clamao as Virgens, que chegaõ muito tarde, e responde-se-lhes: Na verdade vos digo, não sei quem vós sois. Finalmente vós me buscareis (porque o Salvador só falla aqui dos que dilataõ a sua conversão até a ultima hora) Vós me buscareis, e morrereis no vosso peccado. (*Joan. 7.*)

Sempre deve haver, dizem, boa esperança. Sem duvida assim deve ser: porém póde ser boa huma esperança, que contra a palavra de Jesu Christo persuade, e faz crer ao peccador, que há de morrer santamente, ainda que passe a sua vida no peccado? E que ainda que viva obstinadamente no peccado, há de morrer convertido? Por ventura huma esperança contraria á Fé, foi jámais boa?

Os merecimentos de Jesu Christo certamente haõ de salvar os peccadores: mas por ventu-

ra salvará a esses peccadores obstinados, que se se lembraõ dos merecimentos de Jesu Christo, para mais o ultrajar, e offender? Salvará a esses peccadores endurecidos, a quem o mesmo Senhor assegura, que haõ de morrer como tiverem vivido?

Na verdade, como nos poderemos persuadir, que poderemos concluir felizmente em algumas horas o grande, e importante negocio da salvaçaõ, que fallando propriamente, he huma empreza de toda a vida, e para a qual o mesmo Jesu Christo naõ julgou necessario menos tempo, que toda a vida para se acertar nelle? E nós esperamos conclui-lo em alguns momentos?

Julguemos agora depois disto, se dilatando de hum dia para outro a conversaõ, nos sera facil ao depois faze-la; ao mesmo tempo, que nos vamos pondo em huma especie de necessidade de nunca nos converter.

Quando se trata da Eternidade, devemos esperar cousa alguma, senaõ estribados sobre hum fundamento solido? Deve alguém fundar a sua esperança, senaõ sobre a mesma palavra de Deos? E com tudo, ainda esperamos contra o que nos diz esta Divina Palavra?

Quanto tempo há, que a graça nos convida, e nos insta para que nos convertamos? E quanto há que nós resistimos á graça?

Quando naõ tivéssemos outro motivo para nõs convertermos agora, mais do que esta mesma segurança, que temos, que Deos nos está offerecendo ao presente a graça, que está prompto para nos receber, e que está na nossa maõ o sermos agora, o que quizeramos ter sido na hora da morte, e o que, se o naõ formos, causará em nós desesperaçãõ nessa hora: seria necessario mais para nos resolver a fazer huma seria, e solida conversaõ? Se hum condemnado tivesse o pensamento,

o tempo, e os meios, que eu tenho de me converter, dilataria hum momento faze-lo? Os condemnados já foraõ o que eu agora sou; e não tenho eu razaõ para temer de vir a ser algum dia o que elles saõ ao presente? Elles differiraõ como eu a sua penitencia, e foraõ condemnados por a terem retardado; e não he para temer que seja eu condemnado como elles, se differir a minha? O pensamento, que elles tinhaõ de se converter antes da sua morte, não os impedio morrerem impenitentes; se eu deixo, e envio a minha conversaçõ como elles para outro tempo, que razaõ tenho de esperar melhor forte?

Não nos agrada, não nos parece bem o converter-nos, ainda que muito bem saibamos, e conheçamos a necessidade, que temos de o fazer. Tememos acaço, ó meu Deos, se começamos já, ser obrigados a amar-vos, e servir-vos muito tempo? Mas, Senhor, que temos nós para responder, quando nos pedires conta de todo o tempo, em que não vos tivermos amado?

He cousa bem para admirar, que se achem pessoas, que remettaõ a sua conversaçõ para a morte; isto he, deixar o mais importante de todos os negocios para hum tempo, em que se achaõ incapazes da menor cousa, por mui pouca applicaçõ que ella peça; para hum tempo, em que trataríamos de louco, ou ao menos olhariamos como imprudentissimo a qualquer homem, que nos viesse fallar naquella hora em algum negocio: oh! diriaõ, este enfermo, este moribundo está capaz de cuidar em semelhantes cousas? A menor applicaçõ de espirito o cansa, e desfalece todo, a muita luz o cega, o menor estrondo o faz ainda mais enfermo; não está em estado nem ainda sómente de ouvir fallar: e com tudo para este tempo taõ improprio, ainda para os me-
nores

nores negocios, e de menor consequencia, he que se guarda a empreza mais importante de todas, o negocio da salvaçaõ, o negocio da Eternidade!

He bem estranho, que huma pessoa faça tençaõ, e tenha o designio de se converter algum dia, e que ainda queira dilatar hum só dia a sua conversaõ. Porque formar huma pessoa o designio de se converter algum dia, he conhecer que tem em perigo a sua salvaçaõ, que naõ ama a Deos, que naõ o serve como deve, e que talvez tem a infelicidade de estar na sua desgraça: em fim he mostrar, que naõ quizera morrer no estado, em que se acha.

Por tanto o dilatar a conversaõ he querer viver no perigo, em que todos os dias tantos morrem; he recuzar amar a Deos, e servi-lo como deve ser; he estar contente de perseverar na sua desgraça; he querer viver em hum estado, em que muito bem sabemos naõ quizeramos morrer, e querer isto depois de o ter considerado bem, depois de ter tido o designio de mudar de vida, mais de huma vez; finalmente he querer perseverar na inimidade de Deos no mesmo tempo, em q̃ elle nos offerece a sua graça, em que nos convida, e nos insta a tornar a entrar na sua amizade.

Hum homem racional, e Christaõ, pôde fazer todas estas reflexoens, e dilatar ainda hum só momento a sua conversaõ?

Ah! meu Salvador, eu sou muito capaz de assim o fazer: estas reflexoens, assim como outras muitas, ser-me-haõ inuteis, se vós mesmo, Senhor, naõ me converteres. Fazei-o pois, meu Deos, pela vossa misericordia; fazei que seja hoje o dia da minha conversaõ perfeita; assim como he o dia, em que me fizestes comprehender melhor que nunca, que naõ a devo dilatar mais:

e tambem o dia, em que estou resolutto bem finalmente, ao que me parece, a converter-me sem demora.

Tremo, eu o confesso, meu Divino Salvador, quando considero no perigo, a que estive exposto até o presente. Ah! meu Deos, e meu Redemptor, que seria feito de mim, se a morte me tivesse affaltado, assim como tem succedido a outros muitos? E que seria de mim ainda agora ao presente, se me fosse necessario apparecer diante de vós para ser julgado?

O desígnio que tenho há tanto tempo de me converter, poderia segurar-me contra os justos, e crueis remorsos da minha consciencia, que me farião sentir bem claramente a desgraça de o não ter já feito? Porém estarei eu menos afflicto daqui a dez annos, se morrer então sem me haver convertido antes, e sem ter feito penitencia?

Sinto, meu doce Salvador, o perigo que há em demorar esta penitencia, e a necessidade urgente, que tenho de a fazer. Atrever-me-hei ainda a arrisear a minha salvação eterna, deixando para outro dia o converter-me? Não, meu Deos, não a dilato mais hum momento; quero converter-me já: espero que me haveis de dar bastante tempo para poder dizer, que por vossa misericordia não esperei a morte para me converter-

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Julho.

Do bom uso do tempo.

I. PONTO.

Que precioso he o tempo.

Confidéra, que nada há tão precioso como o tempo : não há hum só momento , que não valha huma Eternidade ; pois que a Eternidade feliz he o fructo das graças , que se dão nesta vida. A felicidade infinita, a gloria ineffavel, de que gozaõ os Bemaventurados , o preço do Sangue do Redemptor , tudo isto não he mais que a recompensa do bom uso do tempo.

O tempo he huma cousa tão preciosa , que todas as honras , e todas as riquezas do mundo não valem o que hum só momento vale : e quando não tivéssemos empregado mais que hum só momento , para adquirir todos os bens do mundo , se não fazemos mais que isto , bem podemos dizer , que diante de Deos , que julga reflectivamente das cousas , he ter perdido o tempo.

Não há condemnado algum , que não estivesse prompto a dar todos os Reinos , e todos os bens do mundo , se fosse senhor delles , para ter hum momento do tempo , que perdeu nas vaidades , e em cousas , que de nada valiaõ , e que nós desperdiçamos , e perdemos da mesma sorte , que elles.

Concebamos bem , se he possível , o que he huma graça , o que vale a posse de hum Deos : o tempo só nos foi dado para crescer todos os instantes em santidade , para merecer com o auxilio da
gra-

graça do Senhor, a morada dos Bemaventurados, a posse de hum Deos; e verdadeiramente cada momento, que empregamos em qualquer cousa, que não seja por amor de Deos, perdemos mais, do que se tivessemos perdido todo o Universo.

Comprehendemos nós ao presente esta importante verdade, ou podemos jámais comprehende-la? Nós, que não poderemos achar hum anno inteiro, empregado todo no serviço do Senhor, que talvez não lhe temos dado hum dia inteiro de hum anno!

Os Santos não poderão no Ceo por toda a Eternidade, com os actos mais perfeitos das maiores virtudes, merecer hum novo grão de gloria, o que eu posso fazer, com hum só acto de amor de Deos a cada instante.

Os réprobos não poderão por toda a Eternidade, com as suas lagrimas, e pesares, soffrendo os mais espantosos tormentos, abrandar, e apaziguar a colera de Deos, e alcançar perda do menor dos seus peccados: o que eu posso fazer a cada momento com hum suspiro, com huma lagrima; posso a cada instante com hum só acto de Contrição perfeita, obter o perda de todos os meus peccados.

A feliz, ou infeliz Eternidade, depende do bom, ou máo uso do tempo. Não podemos obrar, e cuidar de alcançar a nossa salvação, senão nesta vida: e achão-se pessoas, que não sabem o que hão de fazer, que só se occupão em cousas, que nada valem, e que se enfada da sua mesma ociosidade, que buscão passar o tempo, isto he, perder o tempo.

Não sabeis o que haveis de fazer? Ah! nunca offendestes a Deos? Nunca recebestes beneficios d'elle? Não lhe deveis algum agradecimento, alguma homenagem? Toda a Eternidade não parece muito longa aos Santos para o amarem, para o louvarem, para o honrarem, para lhe darem graças da sua felicidade; e hum meio dia, huma hora de tempo,

po, ainda nos há de parecer muito longa para isto?

Naõ sabeis o que haveis de fazer? Ah! por ventura naõ vos sabeis arrepender dos vossos peccados? Naõ sabeis ir pedir perdaõ delles a Jesu Christo, que está sobre os nossos Altares, aonde espera as nossas adoraçoens, e aonde está só, e desamparado de todo o mundo a maior parte do dia?

Naõ tendes que fazer? Mas observai, que só quando temos mais vagar, e mais tempo para amar, e honrar a Deos, he que nos parece, que naõ temos que fazer: porque quando estamos occupados nos negocios do mundo, quando passamos os dias inteiros em vaõs divertimentos, quando tratamos de ofender a Deos, e de perder a nossa alma; nunca nos enfadamos, nunca temos tempo bastante.

Consideremos, que só podemos tratar de adquirir a nossa salvaçaõ, em quanto temos tempo, e que toda a nossa vida nos foi dada só para esta grande empreza. Com que cuidado naõ devemos aproveitar este tempo, cujos momentos todos saõ taõ preciosos? E quanto naõ perdemos, se deixamos perder este tempo?

E por ventura sentimos nós muito esta perda, ou ainda a olhamos como huma perda? Quando se trataõ negocios temporaes, ainda que sejaõ de mui pequena consequencia, em comparaçaõ do da salvaçaõ, aproveitaõ-se com muito cuidado todos os momentos; ficamos totalmente inconsolaveis, se deixamos escapar algum. E por mui grande diligencia, por mui continuada assistencia que se empregue nelles, sempre se fica temendo que o tempo falte; porém, quando se cuida da Eternidade, sempre se acha, que há tempo de mais; quando se cuida de ganhar o Ceo, julga-se que sempre haverá tempo, e q̄ todo o tempo será proprio para isso.

Ah! algum tempo virá, em que julgando mais fõmente das cousas, teremos outros sentimentos. Vi-
rá

rá algum tempo , em que nós teremos faudades destes excellentes dias , e excellentes horas , que agora gastamos taõ mal , e entaõ todos os nossos arrendimentos serãõ inuteis.

Virá tempo em que dariamos tudo , por ter ainda algum destes preciosos momentos , que agora perdemos , e gastamos taõ prodigamente , e queremos perder muito por nossa vontade ; e nos desesperaremos , vendo , que este tempo passou , e que estes momentos taõ preciosos se perderãõ.

Ah ! Se eu estivelle ao presente , diremos nós depois da nossa morte , como estava em tal , e tal dia da minha vida , quando meditava no bom uso do tempo ! Se tivesse agora a mesma saude , a mesma idade ! Meu Deos , que faria ! Mas infeliz de mim ! Porque razaõ considerando eu entaõ no pensar , que havia de ter algum dia de naõ me ter aproveitado do tempo , naõ me aproveitei , nem daquelle bom pensamento , nem do tempo ?

O tempo he breve , porque elle naõ dura mais que a vida : tenho talvez ja passado mais de ametade da minha vida ; e que uso tenho feito deste tempo ? Em que passei este ultimo anno ? Quanto naõ tenho perdido em fazer o que naõ devia fazer , e em deixar de fazer o que devia ! Oh meu Deos ! que conta terei para dar , principalmente das reflexoens que ao presente faço ?

Devo eu esperar alguma misericordia , se naõ fizer daqui por diante melhor uso do tempo , e ainda dilatar mais a minha conversaõ ? Quantos andaõ ao presente com boa saude , que naõ chegarãõ com vida ao fim do anno ? Quantos sabemos nós , que morrerãõ , e que tinhaõ melhor saude que nós , no principio deste anno ? Quem nos certificou , que veremos o fim d'elle ?

Por tanto façamos o bem , em quanto temos tempo para isso: restaõ-nos bem poucos dias de vida,
naõ

naõ dilatemos hum só momento a nossa perfeita Conversaõ.

II. PONTO.

A perda do tempo he irreparavel.

Confidéra, que a perda do tempo he irreparavel, isto he, por mais que se faça, nunca se poderá recuperar hum só momento perdido.

Naõ seria necessario mais, para fazer ver de que importancia he o bom uso do tempo, a pessoas capazes de fazerem reflexoens, e q se querem salvar.

He bem certo, que todos os momentos da nossa vida estaõ contados: ou empregados bem, ou mal, estes preciosos momentos, nunca augmentaremos o seu numero; este numero está determinado, e se vai diminuindo todos os instantes. Há huma hora, que tinhamos mais tempo para viver, e por conseguinte tambem mais tempo para tratar da nossa salvaçãõ; e ainda teremos menos, daqui a huma hora.

Vivamos taõ santamente como S. Paulo, e naõ percamos hum momento do tempo, que nos resta; porque sempre he verdade, que o tempo, que passa naõ tornará jámais, e o que tivermos gasto mal, está perdido sem remedio.

O bom uso do tempo para o futuro póde muy bem tirar-nos do perigo, em que estavamos precipitados, pela perda do tempo passado; porém ninguém póde fazer, com que naõ tenhamos tido essa perda do tempo, e que perdendo tantos dias excellentes, e tantos momentos, naõ tenhamos perdido ao mesmo tempo todas as graças, que Deos tinha unido, e como ligado ao bom uso dessas horas perdidas, e todos os merecimentos, que podiamos adquirir empregando-as como devia ser.

Oh Deos, que perda! contemos, se he possivel,

vel, todos os momentos, que temos empregado mal, depois que temos uso de razão: quantas graças perdidas! Quantos bens perdidos, que nunca jámais poderemos recuperar!

Nós passamos o tempo; isto he o que se diz do tempo, que se perde em passatempos vaõs, e em divertimentos peccaminosos: meu Deos, que indigno he de hum Christaõ este modo de fallar! Nós passamos o tempo: porém este tempo, que passamos, este tempo miseravelmente perdido não tornará jámais, assim como tambem as graças, que podiamos merecer usando bem desse tempo.

Há certos momentos na vida, a que a graça da perdestinação está de algum modo ligada. Ah! que seria de nós, se Deos tivesse unido a algum destes momentos perdidos a graça deciziva! He verdade, que este temor saudavel, que tenho de a ter perdido, he hum signal, ao que me parece, dos mais seguros, e dos mais sensiveis, que tenho, de não ter feito esta perda irreparavel; porém que poderei eu esperar, se não me aproveito agora destes sentimentos, e deste tempo, q̄ ainda o Senhor me dá?

O tempo he tão precioso, e tão breve; e com tudo nós só suspiramos, para o dizer assim, por ver já passado este tempo. Apenas temos chegado a huma estaçãõ do anno, quando já queremos estar chegados a outra. Donde procede esta inquietaçãõ? He por ventura, porque vivemos muito tempo demaziado? He porque nos enfadamos de viver? Não sem duvida: ninguem sente mais este enfado, do que aquelles, que vivem deliciosamente, e que achãõ mais gozto em viver: a melhor razãõ desta inquietaçãõ voluntaria he, porque se usa mal do tempo: propriamente esta mesma perda, que vemos, e que sentimos, he quem nos faz tão inquietos, e quem perturba todo o nosso repouso. Hum tempo perdido, sempre he muito dilatado; hum futu-

futuro incerto inquieta menos, que o tempo presente mal empregado.

Naõ há nem prazer algum, nem divertimento, que possa livrar-nos desta inquietação: ella nos acompanha em toda a parte, em que perdemos o tempo; e isto mesmo he, o que naõ experimentaõ os que o gastaõ bem.

Naõ há cousa mais socegada, e mais tranquilla, que huma alma, que naõ perde o tempo, e que o emprega todo em o negocio da sua salvaçaõ. Ella naõ vive naquella molesta, e cruel inquietação; está sempre contente com o tempo, que tem, porque Deos o está com o uso, que ella faz delle: ella de nenhuma forte se deseja em outra estação do anno; porque na em que está, se enriquece seguramente. Naõ he necessario mais para huma pessoa viver com alegria, do que gastar bem o seu tempo.

De que preço, e que precioso naõ parece na hora da morte esse tempo, que tem passado, e juntamente de que importancia, e de que consequencia naõ parece entaõ a perda irreparavel, que temos feito deste mesmo tempo? Maldita ociosidade, quantos thesouros me has feito perder! Visitas inuteis, divertimentos, e conversações frivolas, e insipidas, oh! quanto me custais agora! Oh! se eu tivera huma hora desse tempo taõ mal empregado; meu Deos, que bem usaria della! Poderém eu tive este tempo, eu tive estes dias excellentes, oh! se eu conhecesse entaõ, como conheço agora, o valor daquelles preciosos momentos! Mas por ventura naõ o tinha eu meditado? Naõ conhecia eu mui bem o seu valor? Por ventura, naõ devo eu esta perda unicamente á minha malicia? Deste modo julgaremos, e discorreremos na hora da morte. Evitemos pois, em quanto vivemos, huns pesares taõ inuteis, e que nos causarãõ tanta desfeperaçaõ.

Con-

Consideremos agora bem, como temos usado do tempo, que já tem passado; elle passou, e se está perdido, que perda não temos feito, e que meio há de o reparar? Que excellentes dias! Que bellas horas! Que preciosos momentos nestes dias! Se tivéssemos empregado bem todo aquelle tempo, que doce consolação não sentiríamos ao presente! Mas que dôr, que cruel pesar se o temos perdido? E que triste temor só com a lembrança da exacta conta, que havemos de dar delle!

E que devemos nós julgar do tempo, que temos desgraçadamente empregado no jogo, nos espectáculos, e nos divertimentos inuteis, e ainda pecaminosos, e nas assembléas mundanas? Ah! duas terças partes da vida estão perdidas; e ainda talvez o mesmo tempo mais bem empregado, tenha necessidade de penitencia; e que devemos nós ainda esperar, para nos converter de todo?

Aproveitemo-nos ao menos do tempo, que nos resta; a carreira da nossa vida está determinada, e a cada momento nos estamos a visinhando ao seu fim.

Lembre-mo-nos, que virá algum dia, em que já nos não poderemos aproveitar do tempo; porque será seguido da Eternidade: *Et tempus non erit amplius*. Usemos pois bem do tempo, que nos resta, e não percamos daqui por diante hum só momento; *Ergo dum tempus habemus, operemur bonum*.

Se quando nós vamos a essas assembléas mundanas, aonde reinaõ as delicias, e a ociosidade, cuidássemos nos desejos, que os condemnados tem inutilmente de terem huma parte desse mesmo tempo, que alli perdemos; se considerássemos no pesar, que nós mesmos teremos á hora da morte, e talvez por toda a Eternidade, de termos perdido momentos tão amaveis, e tão preciosos; soffreríamos socegadamente, sem alteração, e com prazer, huma tão grande perda? Mas por ventura, por se não
cui-

cuidar nisto, he menos verdade, que têhio feito esta perda? He menos verdade, que algum dia me causará desesperaçãõ o te-la feito? He menos verdade, que detestarei com horror, mas sem fructo, esses jogos, essas conversaçõens, e vãos entertenimentos, essas assembléas, aonde se perde tanto tempo?

Que favor, meu Deus, que graça, se desseis hum dia a hum infeliz condemnado, ou áquella pessoa, que morre neste momento em peccado! Como não usariaõ bem d'elle! E não me estais fazendo vós a mim esta graça? Vós ainda me concedeis este dia, talvez ainda este mez, e este anno, e eu fico occioso! E abuso de hum tão grande favor! E perco este tempo! E não me aproveito de huma tão grande vantajem! Porém Senhor, não será assim, não se dirá que estas luzes, estes bons affectos, e sentimentos, estas reflexoens são inuteis. Conheço a singular graça, que me fazeis, quero corresponder a ella, e nada no mundo me fará já perder hum só momento.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Julho.

Dos pesares, q̃ tem hum peccador na morte.

I. PONTO.

Quaes são os pesares, que tem os mundanos por não terem feito o que podião, e deviaõ fazer, quando já não estão em estado de fazerem o que deixaráõ de fazer.

Confidéra, que as dôres do corpo, que padece hum moribundo, não são as que o atormentaõ mais; a sua alma lhe faz ainda padecer mais cruces e penas. A

A Fé viva de huma pessoa que morre, (porque por mui dissoluto, por mui incredulo, que hum tenha sido na sua vida, entã erê verdadeiramente) a vista clara, e distincta das suas obrigaçoens, a lembrança das suas desordens, os tristes resfos de hum tempo, que se vai acabando, as vilinhanças de huma horrivel, e espantosa Eternidade, que quasi está principiando, a implacavel severidade de hum juizo decisivo, e irrevogavel, o desamparo de todos os bens creados; que desaparecem, depois de terem divertido, e entretido por tanto tempo, os vivos, e picantes remorsos de huma consciencia justamente inquieta, finalmente o passado, o presente, o futuro, tudo horroriza, tudo afflige, tudo concorre á entregar huma pobre alma aos mais cruéis, e tyrannos pezares.

Em quanto a vida dura, a Fé da maior parte dos Christãos está meia extincta; crêm, isto he, não seguem erros até chegarem a ser infieis; mas crêm taõ frouxamente, que apenas se pôdem chamar Christãos.

Na morte todas as falsas preoccupaçõens desaparecem: as mais fortes paixõens se extinguem, a Fé se á viva, e faz ver as verdades mais terribes em huma taõ grande luz, que ninguem se atreverá a duvidar dellas.

Conhece-se entã bem sensivelmente o fim, para que estavamos na terra. Só Deos devia ser o objecto do meu amor, e da minha veneraçã, e o Ceo o objecto dos meus desejos. Oh Deos! que dôr, e que cruel afflicçã! Que pesar, por ter totalmente empregado o amor em outra cousa! Que desconsoaçã! conhecer só no fim da carreira, que se há errado o caminho!

Naõ me faltavaõ motivos para servir a Deos; a minha razaõ bem me fazia ver o que devia fazer, achava o meu interesse todo nas minhas obrigaçoens:

que consolação não seria agora para mim, se tivesse passado os meus dias no serviço de hum tão bom Senhor! Ah! quantos convites, quantas urgentes, e efficazes sollicitações! E com quantos favores este tão amavel Senhor tem suavizado os meus trabalhos! E eu não quiz servi-lo! Olhei com o coração insensível ao meu Deos expirando por mim em huma Cruz; todos os seus beneficios não poderaõ vencer a minha insensibilidade: morro agora com a viva impressãõ, que fazem no meu coração, tão crueis reprehensões; e que dôr pôde haver mais viva? Que pesar mais sensível?

Podia haver alguma cousa para mim, que podesse entrar em competencia com hum Deos? Que razão tinha eu para não o amar? Que motivos não tinha para o amar de todo o coração? Que cousa achava eu em o seu serviço, que me enfastiasse? Havia acaso dois Senhores, para deliberar a qual dos dois havia de servir? E quando houvessem dois, a quem devia dar a preferencia? He bem infeliz aquelle, a quem Deos não basta.

A quem devo a vida? Quem morreu por mim? De quem posso eu esperar huma Eternidade feliz, e quem me pôde condemnar aos tormentos eternos? Oh Deos! nada disto ignorava eu, diz hum moribundo, e com tudo escolhi outro Senhor para servir.

He hum artigo de Fé, que o seu jugo he suave, e o seu pezo leve. Quando a minha paixão me faz tudo isto insupportavel, mudou ella a ordem destas cousas? Fez falso este Divino Oraculo?

A minha imaginação formou monstros, os quaes não existião. Nada era mais facil, que desvanecer todas estas quimeras. Eu achei gosto em as nutrir, para ter o pretexto de não servir a hum tão bom Senhor: agora que se desvaneceraõ todos estes fantasmas, e que vejo bem distinctamente, que não eraõ mais, que humas vãs apparencias; Que dôr, que
cruel

cruel pesar, por ter condescendido com estas puras idéas antes, do que com a razaõ, com a palavra do mesmo Deos, com a experiencia de tantas pessoas, e do que com a sua graça!

Porem em serviço de quem passei eu os meus dias, servindo ao mundo? No serviço de huma multidão de pessoas ociosas, vãs, alienadas da razaõ, a maior parte dissolutas, quasi todas sem merecimentos. As suas idéas caprichosas foram para mim inviolaveis leis; que attençaõ para não as quebrar! Que violencia me não fazia para não lhes desagradar.

Aquelle moço dissoluto, aquelle homem de reputação perdida, aquella mulher mundana, a fabula de toda huma Cidade, fazia huma parte desse mundo, a quem eu servi com tanto cuidado, q̄ preferi ao meu Deos, e de quem quiz ser escravo. Exaqui o idolo, a quem offereci os meus incensos; exaqui os senhores, a quem quiz agradar: concebei agora a amargura desta dôr, deste pesar! Hum moribundo sente entãõ huma indignação tão violenta contra si mesmo, que elle não tem peor inimigo.

Eu desprezei inteiramente a minha salvação; consumi nos negocios temporaes todo o meu tempo; aquelles grandes bens, que me custarãõ tantos suores, e pelos quaes sacrifiquei a minha saúde, o meu repouso, e a minha alma, esses bens, digo, não serãõ para mim. Trabalhava para os meus herdeiros, elles já estãõ de posse delles, dispoem de tudo, e em seu nome se pagarãõ já os meus funeraes; e para ajuntar todos estes bens; eu me perdi para sempre.

Oh Deos! que perdição, que loucura? Estava eu em meu juizo? Aonde estava a minha razaõ? Porque furor me tinha feito tão inimigo de mim mesmo? Os filhos, os herdeiros, para quem

unicamente trabalhei, ficar-me-haõ muito obrigado, por me ter perdido por amor delles? E ainda que ficassem, de que utilidade me seria ao presente o seu agradecimento? Oh! se tivesse eu trabalhado tanto para mim, como trãbalhei para elles! E porque o naõ fiz? Lucrava eu muito, em que ficassem elles muito á sua satisfação na terra, indo eu arder nos Infernos? Compreendi bem, que cruel agonia causarãõ estes pezares.

Movido por hum livro de piedade, horrorizado com hum accidente, defenganado pelas reflexoens saudaveis, tinha eu formado o designio da minha conversãõ: quem me impedio o executa-lo? Aquella companhia, aquelle amigo, hum vaõ horror, o respeito humano, isto he, o temor de irritar o depravado genio de hum homem dissoluto, q̃ naõ podia soffrer, que fizesse eu as minhas obrigaçoens, e que fosse virtuoso; exaqui o monstro, que me horrorizou, exaqui o obstaculo invencivel, que me desanimou. Oh! e que triste pesar por ter sido taõ cobarde!

Gustans gustavi paullulum mellis, & ecce morior! Que hum prazer de hum momento, me venha a custar taõ caro! Dizia Jónathas: funesta, e triste doçura, que só gostei de passagem, e muito superficialmente; tu me custas a vida. Naõ tomei mais, que huma gota de mel de passagem, & *ecce morior*, e por isto morro!

Que prazer há, que satisfaça menos? Que doçura mais vã, que a que gostei em os espectaculos profanos, nos jogos, nos entretenimentos muito engraçados, e alegres, e nas assembléas mundanas? Com que amarguras naõ foraõ misturadas todas estas alegrias? Havia em tudo isto alguma cousa, que pudesse nutrir huma boa alma, e occupar hum animo Christãõ? Tudo eraõ afflicçoens, ou dissimuladas, ou disfarçadas com os attractivos, passatem-

pos,

pos, alegrias falsas, e apparentes. *Gustans gustavi paululum mellis.* Ah! não podia haver cousa mais pequena, & *ecce morior*; e he verdadeiramente isto, o que me faz perder huma felicidade eterna, he esta a causa da minha perdição. Hum moribundo sente tudo isto, diz tudo isto, e nestes vivos sentimentos de dôr, e de desesperação expira.

Tinha vergonha de passar por devoto: e por ventura o ser Christão, o ser servo de Deos, fazer a minha obrigação era algum crime?

Eu não cuidava mais que em divertir-me, e passar o tempo: e este tempo assim passado, e perdido desgraçadamente, dispensava-me da conta, que delle havia de dar algum dia?

Gloriava-me, e tinha por honra o ser máo: que maior loucura, do que applaudir-me a mim mesmo, por ter attrevimento de me precipitar rindo-me, o de tomar o veneno sem repugnancia, e sem temor?

Que triste, que terrivel cousa será fazer huma pessoa estas reflexoens em o mesmo momento, que está para expirar; ter diante dos olhos todos os meios tão accommodados, que teve para cuidar na propria salvação; tantas inspiraçoens santas, tantos motivos tão fortes, e efficazes para se converter; a facilidade, e ainda o prazer, que havia em fazer as proprias obrigaçoens; tantos exemplos edificativos: e ver ao mesmo tempo o abuso, que fez de todos estes soccorros, ver com que pertinacia há rezistido ás mais fortes inspiraçoens, e sollicitaçoens da Graça; com que capricho, com que loucura, com que furor recusou o converter-se; e ver, e sentir, que já não há tempo para o fazer, e morrer nestas crueis dôres, e pesares, nestas afflictçoens, nesta raiva!

Honras, que tanto me cegastes; enfeites, e ornatos, que tanto me custastes; prazeres, gostos, que

que tantas vezes me fizestes gemer ; alegrias mudadas seguidas de lagrimas , quantas vezes vos não tenho eu condemnado ? E porque razão não segui então os meus sentimentos !

Eu invejava a paz , e tranquillidade das almas virtuosas , a Graça me convidava , e sollicitava tão vivamente a imita-las : que dôr , que pesar , que desesperação , por não ter correspondido a estas graças !

Exaqui estou chegado ao termo do desprezo , que fiz das leis mais sagradas , da obstinação terrível no mal , das murmuraçoens impias das mais terriveis verdades da Religião ; dei em toda a minha vida huma scena ao publico , exaqui estou despojado de todas as cousas : ó funesta , ó tragica espoliação !

Oh ! se tivesse seguido o exemplo daquella pessoa tão virtuosa , que , mais sábia , e mais prudente , do que eu , não esperou a ultima hora para arrepende-se , e emendar-se ! Oh ! se eu tivesse perseverado no caminho da virtude ! Oh ! se me tivesse convertido naquelle dia ! Ah ! que consolação não teria agora ! Que alegria ! Eu o podia fazer : ah ! e se o tivesse feito ! Porém não o fiz , e assim morro.

Eu tinha por miseraveis aquelles , que devião ser para mim hum objecto de inveja : aquellas pessoas de huma bondade tão exacta , de huma piedade tão exemplar , de huma virtude tão constante. Tinha eu razão de me applaudir destas minhas dissoluções ? Elles eraõ bons , e eu não o queria comprehender : elles eraõ bons , eu o confesso agora : porém ó confissão inutil , confissão terrível , amargo , e esteril pesar !

Ergo erravimus : he esta pois toda a conclusão da minha vida : he preciso pois , que ao menos na morte faça justiça á piedade Christã : a minha confissão há de agora fazer honra á justiça , ainda que seja o pesar , e a desesperação , em que estou , quem ma arranca : oh Deos , que tormento , quando se expira nestas crueis dôres !

Naõ

Não permittais, meu Divino Redemptor, que depois de eu ter feito estas reflexoens todas, venha algum tempo a experimentar o que medito. Tenho bem razaõ de me arrependar do passado, a minha iniquidade está continuamente diante dos meus olhos; mas ao menos tenho a consolação de saber, que os meus pezares podem ser menos inuteis presentemente. Eu me arrependo, e me peza de vos haver servido taõ mal; a minha perfeita conversão será o fructo da minha penitencia: peço-vos que me deis a graça da perseverança, e que não permittais que os sentimentos, e bons affectos, que agora tenho, me sejaõ motivo de novos pezares.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre os pezares, que tem hum mundano na hora da morte.

Considera, que nada há mais sensivel, e que mais afflija, do que hum arrependimento inutil, seguido sempre da desesperação; taes são os pezares dos impios, e dos indevotos no momento, em que expiraõ.

Cuidar huma pessoa, que teve huma perfeita liberdade para obrar bem; que soube perfectamente as suas obrigaçoens, e que não as quiz cumprir; que indignação sente contra si mesmo, quando vê que só a si deve a sua desgraça!

Quizera poder attribuir esta desgraça a outro; seria na verdade a afflicção menor, ao que parece: mas de nenhuma sorte se pôde isto fazer. Já se não diz, que foi aquelle companheiro, o natural, ou a idade, que causará tantas defordens; faz-se entãõ huma confissão sincera, que houveraõ bastantes graças para se aproveitar do fan-

fangue do Redemptor; sente-se bem manifestamente, que aquella fraqueza humana, de que se valia como de pretexto para desculpar as proprias quedas, não era mais que a má vontade; em fim cada hum vê naquelle momento, que foi elle mesmo o unico artifice da sua perdição.

Oh Deos! Ver-se huma pessoa naquella hora na ultima desgraça, e ver que esteve na sua mão o poder-se livrar della; cuidar que Jesu Christo tinha dado todo o seu fangue, para nos fazer sumamente felices: comprehendei a vehemencia desta dôr, deste pesar, desta desesperação, desta raiva!

Se ao menos todos aquelles, com quem tinhamos vivido nesta vida, tivessem a mesma sorte, lá parece que achariamos menos amargura na propria desgraça: porém quando vemos que aquellas pessoas, que não tinham menores obstaculos, nem maiores soccorros, que nós, se salvarão, e ao mesmo tempo, que o Inferno vai ser a nossa herança; com que movimentos de cólera, e de indignação não seremos agitados contra nós mesmos!

Quizeramos então nunca ter existido nesta vida; porém podiamos nós ter maior felicidade, que ter sido creados para o Ceo? E porque razão não quizemos chegar a elle? E sabendo, que não havia mais que hum Deos, para que quizemos servir a outro Senhor? Oh, que horrivel tormento causarão estes pensamentos!

E que será se tivéremos previsto todas estas reflexões, em quanto estavamos com saude; se tivéremos tremido só com o pensamento de hum estado tão funesto, e lastimoso; e que não obstante todas estas reflexões, e todas estas saudaveis advertencias, venhamos a achar-nos neste estado?

Creemos nós, que teremos algum dia estes mesmos pesares? Certamente somos bem privilegiados, se nos não achamos com alguma razão de

de temer. Porém se tememos, se cremos que algum dia havemos de sentir hum vivo, e desesperado arrependimento de ter vivido, como vivemos, de ter sido, o que somos, e que o havemos de sentir sem fructo, e inutilmente; como podemos dilatar huma hora a nossa conversação?

Teriamos alguma desculpa, se ao menos as mesmas preoccupações, que nutrem o nosso erro, subsistissem naquella hora; se as mesmas paixões, que ao presente cegaõ o nosso entendimento, podessem então fazer o mesmo effeito; porém todos esses nevociros se dissipã, julga-se então justamente, e sem preoccupação das cousas, não quizeramos então ter tantas luzes, nem descobrir tantas verdades; mas ellas se nos apresentam, como contra nossa vontade: cremos, vemos, trememos, e desesperamos, e nisto morremos.

Que impressãõ mais dolorosa, do que a que faz a lembrança dos meios, e do tempo, que tínhamos de evitar huma tão grande desgraça? Bons, e saudaveis pensamentos, discursos Christãos, livros pios, e exemplos de edificação, funestos accidentes, mortes imprevistas, tudo contribuia a fazer-me prevenir o perigo.

Que vantagem, que proveito não podia eu tirar do uso dos Sacramentos? Oh dias excellentes, que não teria eu ganhado, se não vos tivesse querido perder!

Considera-se então o que se podia merecer a cada instante; que excellentes momentos mal empregados! Hum tempo tão precioso, que só me era dado para trabalhar na minha salvação, devia ser empregado, e consumido no jogo, nos espectaculos, condemnados tantas vezes pelo Evangelho, em entretenimentos vãos, e em cousas que nada valem? Ah! E que não tenha eu agora alguma daquellas horas, em que enfadado da
minha

minha ociosidade, só cuidava em passar, e em perder o tempo! Que não tenha eu ainda a mesma faude! Que não esteja na mesma idade, em que estava, quando perdi o tempo! Ah! como usaria ao presente daquelles preciosos momentos! Eu os tive, e eu os perdi. Ah! Como seríamos então promptos em obrar o bem! Mas já não há tempo.

Que differença de affectos em hum homem dissoluto, quando tem Perfeita faude, e quando está na hora da morte sem forças! Elle he o mesmo homem, mas tem elle os mesmos pensamentos, e a mesma fereza? Murmura elle então das verdades terriveis da Religião, com a mesma afronta, e com a mesma impiedade? Olha com compaixão para as pessoas virtuosas? Aplaudde-se a si mesmo, por não ter sido devoto?

Já se ao menos estes crueis pesares fossem uteis para alguma cousa, se destes pesares se fizesse hum verdadeiro arrependimento: mas esta dôr tão viva, e toda natural, que a lembrança dos proprios peccados causa, se faz excessiva com a vista do perigo presente, o fim do tempo, e dos meios de a reparar, se muda em huma verdadeira desesperaçã.

Eu poderia ser hum santo, e sou hum reprobado. Perdi tudo, graças, felicidade eterna, bens, honras, trabalhos da vida; finalmente perdi o meu Deus, e perdi tudo isto só por minha culpa: que amargoso será este pensamento, esta confissã, este pesar! Quanto affligirá elle a hum moribundo! Porém o temor desta cruel dôr, e deste triste pesar, não deve fazer impressã alguma naquelles, que ainda vivem?

Se não me aproveito destas reflexoens, que pesares, que dôres não vou ajuntando para aquella hora? E que amargura terei eu, consideranlo
então

então em o que eu tinha meditado neste dia de Retiro?

Para que he pois fazer ao presente, o que me causará desesperação have-lo feito! E se hei de ter hum tão grande, e eterno pesar, e huma tão cruel dôr de não ter feito as obrigaçoens de Christão; porque não as hei de fazer agora?

Ainda que huma pessoa se deixe atordir, e cegar quanto quizer; ainda que faça para si hum systema de consciencia muito á sua vontade, e ao seu gosto, e se deixe regular pelas maximas abraçadas no mundo: sempre será necessario indispensavelmente chegar a este fim. Esse mancebo livre, e dissoluto, terá algum dia sentimento mortal, de ter dado huma inteira liberdade aos seus sentidos, de ter seguido as suas paixoens, de ter andado nas intrigas do mundo.

Esse mundano sentirá huma dôr insupportavel de ter tido por regras só a sua ambição; de ter sacrificado tudo aos seus interesses; de se ter entregado como hum escravo, ás perniciosas maximas do mundo.

Essa mulher mundana desesperará algum dia, por ter perdido tão excellentes horas em se enfeitar; por ter estado, e fazer huma parte nos divertimentos; por ter sacrificado á paixão do jogo o seu cuidado domestico, e da sua familia, e ter-se achado em os espectaculos profanos. Em huma palavra, todos aquelles, que tiverem desprezado a sua salvação, terão hum sentimento mortal, huma cruel desesperação, por terem dilatado a sua penitencia.

Não permitais, Senhor, que eu seja deste numero: eu já tenho bastantes razoens para me arrepender, e ter saudades do tempo perdido. Ah! que funesta experiencia não teria eu do que acabo de meditar, se morresse dentro de poucas horas!

Vós

Vós não me dais ainda este tempo, meu doce Jesu, senão para evitar huma tão grande desgraça. Eu não abusarei da vossa infinita misericórdia; acabei a vossa obra, e dai-me a graça, que vos peço com todo o meu coração, de me converteres neste momento.

Bem fei, meu amavel, e Divino Salvador, que muitos se tem condemnado, depois de terem feito na sua vida reflexoens semelhantes, ás que acabo de fazer: porém isto mesmo augmenta a minha confiança, augmentando-se-me o desejo, que tenho, e a resolução, que tomo, de não seguir o seu exemplo, e de aproveitar-me da sua desgraça.

Que! Senhor, estou ainda em estado de prevenir aquelles crueis pesares, de evitar aquella summa desgraça; e ainda porei hum só momento em me deliberar sobre o partido, que hei de tomar? Ah! essas conversações livres, esses companheiros da minhas desordens, essas desgraçadas intrigas, os prazeres, os espectaculos profanos, a vida delicada, não de ser certamente para mim huma fonte fecunda de dôres, de raiva, de arrependimento, de desesperação no fim da minha vida: eu ainda não tenho chegado a esta hora pela misericórdia do Senhor; e duvido hum instante em fazer parar esta desgraçada fonte, reformando os meus costumes?

Ah, meu Deus! eu vos dou infinitas graças, pela que me fazeis; eu não duvido mais, não me ponho já a deliberar; rompo neste momento todas as cadêas, que atéqui me tem preso; renuncio de boa vontade todas as minhas desordens; eu as detesto, e abomino, e me converto já neste mesmo instante.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez
de Agosto.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

*Da falta de sinceridade, que se acha na
vontade, que a maior parte dos
Christãos tem de se salvarem.*

I. PONTO.

*Para huma pessoa querer sinceramente salvar se,
he necessario tomar os meios para isso.*

Confidéra, que ninguem há que não diga, que tem vontade de se salvar; mas há poucos, em quem esta vontade seja sincera. Não há peccador tão endurecido, que não diga algumas vezes, que quer converter-se: não há Religioso tão tibio, e tão relaxado, que não julgue querer de algum modo chegar á Perfeição: não há Christão tão imperfeito, que não fórne algumas vezes o designio de viver huma vida mais regular: porque não há homem tão louco, e tão inimigo de si mesmo, que queira perder-se; e todos sabem, que o mesmo he não se querer converter, que querer-se perder.

Porém quando huma pessoa se contenta só com dizer que se quer salvar, sem tomar os meios para isso; mostra nisto quando muito, que tem aquelle bom pensamento, mas de nenhuma sorte a vontade. He

He facil ter horror ao fogo do Inferno : por pouco juizo que haja , estas grandes verdades da Religião espantaõ , e horrorizaõ : estamos convencidos dellas : e por isto todos imaginaõ , que estão totalmente convertidos , porque se achão persuadidos da necessidade de fazer esta conversaõ.

Por pouca educaçaõ , e bom natural que haja em huma pessoa , facilmente concebe horror ao vicio , e apreço para a virtude : porẽm bem se vê claramente , que o entendimento tem mais parte nestes affectos , que a vontade : e que he para temer , que se a vontade fórma alguns movimentos de aversaõ para o mal , e de amor para o bem ; este odio naõ seja mais , que hum simples aborrecimento das funestas , e incommodas consequencias do vicio , e hum debil apreço , ou condescendencia para o bem , sem algum desejo efficaz da salvaçaõ.

Verdadeiramente quer enganar-se , quem confia , e se apega a isto. Nós naõ havemos de ser julgados pelos bons sentimentos , que tivermos tido , mas pelo bem , que tivermos obrado. O Inferno está cheio de pessoas , que se queriaõ salvar : porẽm queriaõ como a maior parte dos homens querem , e como talvez nós mesmos temos querido atéqui : e devemos fazer muito cazo destas sortes de boas vontades ?

Nós naõ pertendemos ser condemnados : e há algum condemnado , que o haja jámais pertendido ser ?

Que diriamos de hum enfermo , que quizesse sarar , mas ao mesmo tempo naõ quizesse remedios , ou que se contentasse só com o considerar algumas vezes nos proveitos , e na utilidade da sua saude , sem tomar os meios de a recobrar ? Taes saõ aquelles , que se contentãõ só com querer cuidar da sua salvaçaõ , sem tomar algum meio para

para isso, e sem vir jámais a executar aquella vontade. E que homeni de juizo haverá, que creia que estes cuidão verdadeiramente em salvar-se, em quanto estaõ só com este animo? E que Religiãõ seria a nossa, se ensinasse maximas tão irracionaveis, e tão contrarias á Fé?

Que! Para alcançar o Ceo, bastará querer, ou antes melhor, dizer cada hum q̃ quer, e considerar na sua necessidade, sem tomar os meios convenientes? Se o Ceo se dèsse por hum tão fraco preço, que malvado haveria, que naõ achasse hum lugar nelle? Pódem haver sentimentos mais injuriosos a fabledoria de Jesu Christo, e mais indignos da santidade da nossa Religiãõ?

Jesu Christo naõ quer, que aquelles, que mais tem trabalhado pelo Ceo, e que só trabalharaõ nisto pela pratica das maiores virtudes, se julguem fóra de perigo, e se tenhaõ por seguros da recompensa: e entãõ, aquelles, que naõ fazem nada para se salvarem, que enterrados, e submergidos em os negocios do mundo, apenas se lembraõ algumas vezes na sua vida, que saõ Christãõs; aquelles, que entregues ás suas paixoens, idololatras dos seus prazeres, e cujos costumes saõ tão directamente oppostos ás maximas do Evangelho: estes, digo, imaginarãõ que se haõ de salvar sem trabalharem, e sem tomarem os meios convenientes para isso? Dever-se-hia antes dizer (o que seria huma horrivel blasfemia) que Jesu Christo nos enganou, prescrevendo-nos tantas leis; e que os Santos, que hoje honramos, foraõ loucos, porque julgãõ naõ poderem salvar-se de outra sorte, senãõ vivendo huma vida conforme ás maximas do Evangelho; e que só se condemnaõ aquelles, que com pertinacia, maliciosa, e socegadamente se querem condemnar.

Parece que naõ he possivel acharem-se pessoas

foas no Christianismo, que estejão em hum erro tão grosseiro como este. Porque, quem pôde entender chegar a hum fim, sem tomar os meios para elle? E com tudo quantos no mundo se li-zongeaõ só com a lembrança, e pensamento de quererem a sua salvação, sem quererem tomar os meios de a alcançarem? Quantos Religiosos imaginaõ talvez, que por terem deixado o mundo para alcançarem o Ceo, está tudo feito? S. Paulo não julgava ter feito tudo, depois de ter deixado todas as cousas por Jesu Christo, e depois de ter trabalhado, e soffrido tanto por sua gloria. Eu castigo o meu corpo, diz elle, e o reduzo á escravidãõ, com medo, que depois de haver pregado aos outros, me faça eu mesmo reprobõ.

Hum homem conserva hum máo commercio, retem injustamente o alheio, conserva no coração hum odio mortal contra seu inimigo, e sendo escravo das suas paixõens, não quer fazer-se a menor violência para as vencer: e quer fazer-nos crer, que tem vontade sincera de se salvar, porque considerando algumas vezes na gloria e nas delicias, que gozaõ os Bemaventurados no Ceo, julga que he bom estar alli: este homem, digo eu, quer sinceramente salvar-se? Quem o poderia racionavelmente assim julgar?

Quantos vemos opprimidos com mil cuidados, submergidõs em os seus negocios, que não respiraõ, senãõ pelo seu interesse, e adiantamento temporal, tomando apenas algum vagar para cuidarem que são Christãõs? Os quaes não deixaõ de ter certos momentos na vida bons. Hum accidente imprevisto vem despertar nelles humas debeis reliquias do Christianismo, que ainda conservaõ; huma Festa solemne lhes traz á memoria algumas idéas da Religiãõ, que lhes imprimiraõ na infancia,

e que elles não tem podido apagar inteiramente. Então penetrados das verdades terríveis do Evangelho, cheios de horror á vista das funestas consequências devidas aos seus peccados, interrompem por alguns momentos essa multidão de pensamentos mundanos, e desejos vaõs, de que andão todos occupados; chorão a sua cegueira, condemnão a tibieza, e a insensibilidade, em que tem vivido a respeito do bem da sua alma; dão alguns suspiros, mas não vão mais a diante. O máo habito, as paixões, o natural se recompensão brevemente deste pouco tempo, que lhes tirou o raciocínio, e a Fé; todos aquelles bens se reduzem a nada; e estes penitentes na apparencia, se tornão a submergir nas suas primeiras desordens.

O primeiro objecto, que se apresenta, os distrahe destas saudáveis reflexões; e elles mesmos buscaõ distrahir-se dellas, para não estarem inquietos nessa vida mundana, e tumultuosa, na qual estaõ com o intento de viverem sempre: e com tudo estes taes dizem, que se querem salvar: sem querer, mas querem do mesmo modo, que aquelles, que se condemnãõ. E por ventura tenho-o eu mesmo querido atéqui com melhor vontade: E será esta, que tenho ao presente mais efficaz?

Meu Deos, que vos dignais pela vossa misericordia fazer-me estas verdades tão sensíveis; não permittais que ellas não tenham outro effeito mais; que o perturbar-me por algum tempo.

II. PONTO.

Não basta para huma pessoa se salvar tomar alguns meios, he necessario tomar todos os meios.

Considera, que há poucas pessoas tão irracionalmente, que pretendão salvar-se sem tomarem alguns meios para alcançar este fim. O maior numero he, dos que querem tomar alguns meios; mas deixão aquelles, que são proprios para chegarem ao fim, que se propoem, e tomão os que são do seu gosto.

Estes taes parecem-se, diz Santo Ignacio, a hum enfermo, que acha por bem tomar alguns remedios; porém só quer tomar aquelles, que lisongeão o seu gosto, rejeitando os que o Medico lhe ordena, e que poderiaõ cura-lo. Ninguem há, que tenha juizo, que não julgue, que hum enfermo desta sorte, não quer efficazmente recobrar a sua saude.

E por ventura he mais sincera a vontade, que nos lisongeamos ter, de alcançar a propria salvação? He bem raro achar pessoas, que estejam determinadas, a não guardar nem preceitos, nem conselhos. Queremos salvar-nos, e bem sabemos, que he necessario tomar os meios para este fim; porém queremos ter a liberdade de fazer a escolha destes meios. He difficiloso, que no grande numero de preceitos, que Jesu Christo nos deixou, não hajaõ alguns, que se accomodem com o nosso gosto: assim por mui necessarios que sejaõ os outros, só escolhemos logo os do nosso gosto. Temos horror ás maiores, e ultimas desordens: porém nunca se accomoda com o nosso gosto aquelle exacto apartamento das creaturas, tão necessario para nos conservar na innocencia; e com tanto que conservemos a paixão dominante, o mais, facilmente se dá a Deos. So

Se algum não acha trabalho em jejuar, de boa vontade, e facilmente se persuadirá, que se não pôde ir ao Ceo sem o jejum: porém se sente trabalho em conservar-se em recolhimento, em vencer suas paixões, em perdoar as injurias, com tanto que jejue; depressa se persuadirá que pôde dispensar-se de tudo o mais, sem arrisear nada.

Daqui vem aquella monstruosa mistura de virtudes, e de vícios, que se acha ainda em pessoas, que fazem profissão de piedade, e que faz huma tão grande injuria, e desacredita tanto a verdadeira devoção: deste mesmo principio vem a falta de emenda. O pensamento de algumas virtudes, que nos persuadimos ter, nos adormece, para o dizer assim, e faz que passemos ligeiramente pela maior parte dos defeitos, a que estamos sujeitos.

Na verdade servimo-nos de alguns meios para chegar ao fim, que nós propomos: porém não tomamos todos, os que nos são necessários: não tomamos os mais convenientes, mas os mais fáceis, os que são menos contrarios ás nossas inclinações, e os que são de nosso gosto. Huns tem por bem, e querem deixar o lugar das occasiões peccaminosas; mas não querem deixar, ou aquelle commercio, ou aquelle emprego, que lhes he huma continuada fonte de peccados.

Outros querem de boa vontade fazer suas esmolas: porém não querem averiguar a duvida racional, em que estão, se retém, ou não o bem alheio, com medo de ficarem obrigados a restituir.

Estes sim querem restituir o bem alheio, porém não querem perdoar huma injuria. Aquelles perdoam as injurias; mas nunca se fábem resolver a romper huma amizade, ou peccaminosa, ou perigosa.

Huma pessoa Religiosa não quer já voltar para o mundo, nem seguir suas maximas: mas não

se lhe dá muito de aspirar a perfeição do seu estado. He verdade que ella não quer violar os seus votos ; porém não se embarça muito com guardar as suas regras , ainda que da sua observancia dependa muitas vezes a dos seus votos.

Todos estes tem , ao que parece alguma razão de julgarem , que se não querem condemnar ; mas certamente elles não querem verdadeiramente salvar-se : a sua vontade não he sincera ; tem quando muito só huma meia vontade , e está tanto mais em perigo da sua salvação , quanto mais seguros se julgam , parecendo-lhes , que fazem alguma cousa para se salvarem : e não fazendo tudo , o que he necessario , poem-se em hum perigo evidente de se perderem.

Naõ há razão de dizer todos os dias a hum enfermo , que não quer tomar todos os remedios necessarios : quereis pois morrer ? E não temos tambem nós outra tanta razão para dizer a todos estes , que pertendem salvar-se , sem tomarem todos os meios necessarios : vós quereis condemnar-vos ? Aonde está a nossa sinceridade , aonde está a pureza das nossas intenções ? E atrevemo-nos a lisongear-nos tanto , que obrando com esta meia vontade , com esta negligencia , julgamos , que queremos sinceramente salvar-nos ; sendo ao mesmo tempo tão ardentes , e tão continuos nos negocios temporaes , quando queremos ter nelles todo o bom acerto ?

Que grande differença se vê entre hum homem applicado aos seus estudos , e este mesmo homem trabalhando na sua salvação ? Ah ! se nós a desejassemos do mesmo modo , que desejamos as honras , e os bens temporaes , seriamos huns grandes Santos : ao mesmo tempo que não depende da nossa vontade o ser ricos , e depende da nossa vontade o ser Santos.

Para os negocios do mundo, que cuidados! Que applicaçãõ! Que vigias, e fadigas para acertar nelles! Para que he tentar tantos caminhos? Para que por-lhe tantos meios, dos quaes muitos não seriaõ absolutamente necessarios? He, dizem, para não haver de que me arrepender: e faz-se o mesino a respeito da Eternidade?

Mas em fim se nos não queremos salvar, para que uzamos de certos meios proprios para isso? E se queremos deveras a salvaçãõ, porque os não tomamos todos? He sem duvida, porque achamos mais difficuldade em huns, que em outros; porém se todos são necessarios, de que serve tomar sómente os mais faceis? Ignoramos acaso, que em materia de Salvaçãõ, não fazer tudo o que he necessario, he quasi como se nada fizessemos?

Certamente em hum negocio grave, e de consequencia, ninguem se contentaria com tomar só certos meios; e muito principalmente se fossem duvidosos, e se a experiencia de muitos tivesse mostrado que eraõ pouco proprios para se acertar naquella empreza: a salvaçãõ eterna seguramente he de grande importancia.

Jesu Christo nos assegurou, que nenhum caso faz do que lhe damos, quando não lhe damos tudo. Se elle quer o nosso coraçãõ, que-lo todo, e não repartido com as creaturas: não há meio: es contra este Senhor, se te não entregas todo a elle. E com tudo esta tibieza, esta mesquinhez no serviço de Deos, esta divisiãõ entre Deos, e os homens, faz hoje o caracter do maior numero dos Christãõs.

Deste modo he que vivemos: porém vivendo-se desta sorte, se nós mesmos temos visto morrer pessoas, que tinhaõ vivido assim; não nos deixaraõ ao menos em duvida a sua salvaçãõ? Se todas estas reflexoens nos não fazem tomar outras me-

di-

didas mais certas, teremos alguma razão de crer que nos salvaremos?

A nossa Religião he mui sincera; não pôde deixar de condemnar hum procedimento tão irracional. Deos quer ou tudo, ou nada: bem pouco merece elle, se não merece que se lhe dê tudo. Toda a divisaõ dos coraçõens, lhe he extremamente injuriosa. Porque em fim nunca nos dividimos desta sorte, senão com aquelles, em quem não achamos bastantes merecimêtos, ou auctoridade. Deos tem horror destas restricções, e divisoens. Praza a Deos que soiséis, ou frios de todo, ou de todo fervorosos, diz a Escriptura, mas porque sois tibios, e não sois nem frios de todo, nem de todo fervorosos, eu começarei a vomitar-vos da minha boca. E quem são estes, senão os que servem a Deos com o coração dividido?

Será pois logo necessario ser perfeito? dir-se-há. E que maior bem, que objecto mais digno da nossa ambição, que huma santidade sublime? Mas he sem duvida, que para a salvação não he precisamente necessario ser perfeito; o certo he, que segundo a palavra de Jesu Christo, todos devem caminhar efficazmente á perfeição do seu estado, e tomarem os meios necessarios para chegarem a ella.

Não estamos obrigados todos a abraçar o estado mais perfeito: mas todos temos huma obrigação indispensavel de trabalhar com cuidado, em aperfeiçoar-nos no estado, em que a Providencia nos há posto. Nenhum há, que esteja izento do preceito de amar a Deos com todo o seu coração, e com todas as suas forças, de ter horror a todo o peccado, e de tomar todos os meios necessarios para chegar ao seu fim ultimo.

Porém se isto assim he, sendo tão raro o

numero dos homens , que tem huma boa vontade , haverão bem poucos , que se salvem. Ah ! quem poderá duvidar de que este numero seja mui pequeno , depois que Jesu Christo o há dito de hum modo tão significativo , e tão claro ?

Achaõ-se muitos , que anem a Deos de todo o seu coração ? E se não observamos este primeiro preceito , podemos dizer que a vontade que temos de salvar-nos he sincera ? Em quanto quizermos servir-nos só de certos meios , sem fazer caso dos outros ; em quanto confiarmos muito em certas boas obras , sem trabalhar em reprimir certas paixoes , que nos são huma fonte inexaurivel de peccados : poderemos dizer com verdade , que queremos sinceramente salvar-nos ?

Eu bem vejo , Senhor , que atéqui só tenho tido huma meia vontade , que não tem servido mais , que de divertir-me , e esconder-me o perigo evidente , em que estou de perder-me. Porém eu estou resolute , meu amavel Salvador , e parece-me , que bem sinceramente , de ser daquelles , que querem sarar a todo o custo. Tenho alguma razão de crer , que a minha vontade he sincera ; porém he necessario , que a vossa graça a faça eficaz , e isto espero eu da vossa infinita misericordia. Estou convencido , que para me salvar he necessario tomar todos os meios necessarios para isso : e assim não tendes mais , meu Senhor , do que fazer-me conhecer , o que quereis que faça , e protesto , que não serei jámais escaço , nem me dividirei mais no vosso serviço. Mandaí , porque estou prompto para obedecer vos : *Paratum cor meum , Deus , paratum cor meum.*

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Agosto.

Da tibieza.

I. PONTO.

Não há estado mais perigoso para a salvação, que o da tibieza.

Considéra, que por estado da tibieza se entende a disposição de huma alma, que se limita tão sómente a fugir dos peccados graves; e que nenhum caso faz das faltas mais leves, e as commette sem temor, e sem remorso; que faz os exercicios espirituaes com negligencia; cujas oraçoens são sem attenção; as confissoens sem emenda; as communhoens sem fervor, e sem fructo.

Neste estado a alma tem huma certa insensibilidade para as mais altas virtudes, a qual brevemente degenera em hum desgosto, e fastio. Ella sente huma não sei que frouxidão no serviço de Deos, que lhe faz o jugo do Senhor pesado, e insupportavel, e se derrama indistinctamente por todos os objectos, e quasi nunca está attenta; nem a si, nem a Deos.

Neste estado expõem-se sem escrúpulo ás occasioens perigosas; não se obra o bem mais que por humor, ou por inclinação; cumprem-se certas obrigaçoens de piedade só por costume: e com tanto, que guardando certas medidas, e certos exteriores de Religião, se livrem das reprehensioens daquelles, com quem o interesse obriga a

con-

condescender; pouco caso se faz de agradecer a Deos, e quasi nada se faz sem lhe desagradar.

Deixamo-nos cahir facilmente em toda a sorte de peccados veniaes com conhecimento claro, e de proposito deliberado; todas as praticas de piedade, de que nos não pôdemos dispensar, são acompanhadas de enfado, e de fastio. Logo se segue hum apartamêto, e huã averfão occulta ás pessoas de piedade, porque a virtude he huma molesta censura, e reprehensão da nossa vida. Só com os imperfeitos se dão bem estes tibios, porque as suas imperfeições sempre auctorifão a relaxaçãõ.

Daqui nascem logo as amizades particulares, tão perniciosas á salvaçãõ destes mesmos falsos amigos. Logo as murmuraçoens, que se fazem da pontualidade das pessoas de piedade: murmuraçoens malignas, que acabaõ de extinguir em huma alma os poucos bons sentimentos, que lhe refavaõ, e por cume de todas as desgraças, forma-se huma falsa consciencia, a cujo abrigo huma pessoa, que por outra parte frequenta os Sacramentos, e se lisongea de fazer algumas boas obras, nutre em si averfoens occultas, invejas venenosas, apegos perigosos, e ainda peccaminosos, hum espirito de amargura, e de murmuraçãõ a respeito dos Superiores, hum fundo de amor proprio, e de soberba, que se espalha quasi em todas as acçoens proprias, e outros infinitos defeitos desta natureza, no meio dos quaes vive huma pessoa socegada, persuadindo-se falsamente, que em tudo isto não há culpa grande: e até buscando razoens para desculpar faltas, que Deos não deixa de condemnar por peccados graves, e que ella mesma na hora da morte, quando a paixãõ já lhe não impedir ver as cousas como em si são, condemnará como taes. Porém he bem facil ver, em quanto perigo tem a sua felicidade eterna, que está neste estado. Na

Na verdade he bem para temer o estado de huma alma em peccado mortal : e com tudo o estado da tibieza, conforme o sentimento do mesmo Jesu Christo, he de algum modo peor, que o do peccado. Seria bem para desejar, dizia o Anjo do Apocalipse, ou que fosses totalmente frio, ou totalmente fervoroso : mas porque es tibio, e nem es frio, nem fervoroso, eu começarei a vomitar-te como hum manjar sem sabor, e fustidioso, que o meu coração já não pôde soffrer, e que sou obrigado a lançar fóra.

Ah ! Jesu Christo não tem horror dos maiores peccadores, todos achão o seu coração aberto para o perdão dos seus peccados : o mesmo Judas não fazia horror a Jesu Christo : e este mesmo Senhor tem horror de huma alma tibia, e esta alma tibia não acha neste Divino coração accesso, nem aquelles affectos cheios de ternura, que sempre achão nelle os peccadores. E que esperança podem elles ter de salvar se neste estado?

Ainda que hum homem tenha vivido nas maiores desordens, ainda que tenha commetrido os maiores peccados, é esteja mettido nos maiores embaraços; por mui difficultosa que seja a sua conversão, nunca deve desesperar de salvar-se. Como elle conhece as suas desordens, está mais em estado de ser movido dellas, e de conhecer o seu horror, do que o tibio.

Representa-se-lhe fortemente o rigor, e a duração dos tormentos eternos, quando se lhe falla da morte, e da severidade dos juizos de Deos. A imagem destas terriveis verdades, que espantão pela sua novidade, e abrandão com a sua força a huma alma, que talvez nunca tinha cuidado nellas, e que são capazes de converter os maiores peccadores, fazem pouca impressão em huma alma tibia. Só a vista de hum Crucifixo, he inf-

frumêto da graça para fazer mudar hum impio, que talvez nunca tinha attendido a este Divino objecto: mas nada de tudo isto he capaz para mover huma alma tibia.

Todos estes poderosos remedios lhe são inúteis: a tibieza he como huma febre lenta, para o dizer assim, que dura por algum tempo, mas finalmente se vem a morrer della.

Como os peccados, que commette huma alma tibia, não são peccados muito graves, e escandalosos, que fazem horror ás consciencias hum pouco timoratas; mas são de ordinario puramente interiores, e se achão misturados de algumas boas obras exteriores: escapaõ facilmente a reflexões de huma alma, que vive dissipada entre o tumulto; e assim não conhecendo a grandeza do seu mal, não faz diligencia alguma para lhe pôr remedio.

Além disto, tudo se faz inutil a huma pessoa, que está neste estado. Oraçoens, avisos, liçoens, Missas, meditaçoens, Sacramentos, nada lhe aproveita: ou seja porque o poueo fructo, que até entã tinha tirado de tudo isto, a tem desgostado de todos estes exercicios; ou porque estando acostumada a estes saudaveis remedios, fazem já menos effeito nella. Tem ouvido fallar infinitas vezes das grandes verdades da Religião, e sempre inutilmente: infinitas vezes tem falla do dellas aos outros, e se tem enturecido com tudo isto. Estas verdades tão penetrantes, e tão capazes de converterem a qualquer pessoa, já não fazem alguma impressã em seu espirito: assim como aquelles, que assistem aos moribundos, depois de hum certo tempo, já se não movem, nem se horrorisã com a morte.

Huma alma, que vive na tibieza, recebe poucas graças; porque ella he muito infiel nessas mes-

mas poucas, que recebe. As suas faltas sempre são consideraveis, porque vão sempre acompanhadas de hum maior desprezo, de huma malicia mais injuriosa, de huma ingratitude mais feia, que a dos outros peccadores. A mistura odiosa do bem, e do mal, que he o caracter de huma alma tibia, faz bem ver quanto a sua conducta he injuriosa a Deos. O bem apparente, que ella faz, bem mostra, que a razã porque pecca, não he por se haver esquecido de Deos; porém o modo imperfeito, e frouxo, com que se faz esse bem, mostra claramente a pequena idéa, que tem de Deos, a quem serve com tanta indifferença, e com tanto desgosto.

Tambem podemos dizer, que este desgosto he mutuo: ella se desgosta, e enfastia de Jesu Christo, e este Divino Senhor, tambem se enfastia, e se desgosta della. Não nos devemos logo admirar, se estas taes pessoas, quando sahem da communhão, estão tão dispostas a tornar a cahir em seus antigos defeitos, e a commetter suas primeiras faltas, como se não tivessem commungado.

Não nos espantemos se as reprehensões as mais saudaveis, não produzem nellas alguma emenda. Ellas vos ouvem sem alteraçã, destruindo todas as advertencias caritativas com o pensamento das suas pretendidas boas obras, e com o horror, que, dizem, tem dos peccados graves. Aqui, como em hum penhasco, ou em hum rochedo, se quebraõ ordinariamente todos os bons affectos, que Deos lhes dá, e todas as inspiraçoens, que as persuadem a mudar de vida.

Daqui procede aquella cegueira fatal, aquella insensibilidade horrorosa, que he o mais rigoroso de todos os castigos, e o cume de todas as desgraças. Vive-se deste modo em huma inteira indifferença para com Deos, em hum fastio conti-

nado no seu serviço : e será provavel , que huma pessoa vivendo neste estado , venha a morrer em hum grande amor de Deos :

II. P O N T O.

*Naõ há estado , de que seja mais difficuloso sabir ,
que o da tibieza.*

Considéra , que naõ sómente este estado da tibieza he perigosissimo para a salvaçaõ ; mas o que ainda he mais para admirar , que he quasi sem remedio , e que quando estamos neste estado , he quasi impossivel sahirnos já mais delle.

Para sahirnos de hum estado perigoso , he necessario conhecer que estamos nelle , e conhecer o seu perigo : e isto he verdadeiramente , o que huma alma tibia naõ conhece.

Ainda que hum peccador esteja submergido nas maiores desordens , naõ lhe custa conhecer o perigo , em que está ; sempre há momentos felices , nos quizes com o favor do menor raio de luz da graça , descobre tantas disformidades na sua alma , que elle mesmo he o primeiro em chorar a sua desgraça : e este mesmo conhecimento , esta confissãõ laudavel , fazem a sua conversãõ me-
nõs difficulosa.

Huma alma tibia naõ crê já mais , que está no estado da tibieza. Por quanto , póde-se dizer , que assim , que se conhece , que se vive neste estado , começa-se a sahir delle : só huma alma fervorosa descobre a desgraça de huma vida tibia , exaqui o que faz o remedio de huma alma tibia , e frouxa , taõ difficuloso ; porque caminho lhe persuadirãõ , que ella está neste estado , pois que a cegueira do entendimento he o primeiro effeito da tibieza ?

Como ella se relaxa pouco a pouco, insensivelmente se familiariza com o peccado. Ella se acostuma aos seus defeitos, e assim vem a comprazer-se nelles. Nada a penetra, nada a move neste estado, não desconfia já mais de cousa alguma; não acha em si mesmo nunca alguma cousa nova, que escandalize; acha-se nesta tibieza sem deixar hum só dos seus costumados exercicios de piedade, a tibieza toma sempre o seu principio das imperfeições, que insensivelmente entraõ em os proprios exercicios: e esta pessoa assim neste estado, tira a si mesmo a vista de muitos defeitos verdadeiros, com a apparencia de huma falsa virtude: e exaqui o que contribue tanto a fazer este mal quasi incuravel.

Até parece, que o mesmo Deos, que faz tanto estrondo para despertar hum peccador, se calla, e impede qualquer bulha, que poderia despertar huma alma tibia, para a deixar morrer em o seu fatal letargo. Eu começarei, diz elle, a vomitar-te; começarei, não será pois logo de repente, mas insensivelmente, pouco a pouco, obscuramente, sem clamor, com medo, de algum modo, que ella o sinta: de sorte, que huma alma he rejeitada, he reprovada, sem que lhe pareça, que o he, sem que desconfie nada do desgraçado estado, em que está.

Porque razão logo podemos esperar, que esta alma venha a querer sahir deste infeliz estado? Como poderá ella sahir d'elle? Por cume de toda a desgraça, neste estado os conselhos dos melhores amigos, as advertencias mais saudaveis de hum sabio, e prudente Director, de hum Superior zeloso, os bons exemplos, tudo tudo, he mal recebido. E esta insensibilidade, este endurecimento vai algumas vezes tão longe, que parece está huma pessoa possessa. A Fé parece estar nella extincta, a mesma razão está impedida; vem-se nella signaes
sensi-

fenfíveis de hum funesto desamparo de Deos, e de huma reprobacão certa.

Todo o mundo deve temer hum taõ funesto, e taõ terrivel estado: porẽm aquelles, que exhortaõ os outros á pratica das virtudes, que elles mesmos naõ tem, o devem temer mais que ninguém. Estas pessoas taõ zelosas da perfeicão dos outros, e que tambem sabem reprehender os menores defeitos; cahem ordinariamente na tibieza, se desprezaõ corrigir-se de suas proprias imperfeicoens, e se se dispensaõ a si mesmas da pratica das virtudes, que aconselhaõ. Toda a sua piedade se reduz, a saber fazer humas bellas imagens della, e a mostrarem os caminhos, que conduzem á Perfeicão; ao mesino tempo, que ficaõ mui tranquillamente assentadas no caminho.

Temos visto, diz S. Boaventura, os maiores peccadores sabirem das suas desordens, e fazerem huma sincera penitencia; mas naõ temos visto quasi nunca huma alma tibia sair da sua frouxidaõ. E isto mesmo he, e que fez dizer a S. Bernardo, que muito menos difficultoso he mover, e converter a hum secular por mui máo, que possa ser; do que a huma pessoa Religiosa, que vive com tibieza.

Isto tambem he o que pòdem significar estas terriveis palavras de S. Paulo, que devem fazer tremer a todos aquelles, que se relaxaõ, depois de terem sido fervorosos no serviço de Deos. He impossivel, isto he, muito difficultoso, que aquelles, que huma vez foraõ illustrados, e que gostaraõ dos dons do Ceo, que tem sido participantes do Espirito Santo, que tem gostado, qual he a excellencia da palavra de Deos, e quaes saõ as maravilhas de seculo futuro: he impossivel, que estes taes se renovem fazendo huma boa penitencia, pois que novamente elles crucificaõ ao Filho
de

de Deos em si mesmos, e fazem delle hum objecto de irrisão, e de escarneo.

Julgai por estas palavras do Apostolo, quanto difficultoso he, que os que huma vez forão illustrados, que receberão muitas graças, que forão favorecidos com os dons do Espirito Santo, com preferencia a outros muitos, e que gostarão as doçuras da vida espiritual, e as grandes, e ineffaveis verdades eternas; e que depois de tudo se desgostão, e se enfatiam do serviço de Deos, que dão em huma frouxa relaxação, e finalmente cahem em suas primeiras desordens; julgai, digo, quanto he difficultoso, que estes taes se tornem já mais a levantar.

Porém, meu Deos, de que servirá tudo isto a huma alma tibia, se vós mesmo por hum milagre da vossa misericordia, lhe não fazeis conhecer a sua desgraça? conhecer-se-há ella já mais a si mesma á villa deste retrato, se vós lhe não disseres interiormente, que esta he a sua imagem? E de que lhe servirá o conhecer-se, se vós lhe não dais huma graça poderosa, que a faça sahir deste infeliz, e lamentavel estado?

Consideremos agora aqui, se temos nós mesmos alguma cousa para temer. Como aquelles que estão neste estado de tibieza, querem ordinariamente exercitar todas as praticas de Piedade, ou seja por natural humor, ou por curiosidade; he certo, que muitos destes haõ de vir a ler esta Meditação, tendo este dia de Retiro. Nenhum se lifongêe, todos podemos tirar algum fructo della: Por pouco, que nos examinemos seriamente, e que façamos reflexão sobre a nossa conducta, grande maravilha será, se não reconhecemos em nós algum signal de tibieza.

Que fructo tiramos nós dos Sacramentos, e da Oração? Que progresso fazemos na virtude?

Vamos

Vamos nós crescendo em humildade, em caridade, e devoção? Se sempre nos achamos quasi os mesmos, isto he hum signal da nossa relaxação, e da nossa tibieza.

Porém, que esperança há de reduzir huma pessoa, que está neste estado? O seu mal he sem remedio; ella mesma não quer remedio, porque não conhece o seu mal. He como hum enfermo tanto mais desesperado, quanto mais mofa, e murmura dos que o julgaõ enfermo: e isto mesmo faz dizer, que não he menor milagre converter huma alma tibia, do que dar vista a hum cego, e vida a hum morto.

Só vós, ó meu Deos, e meu Senhor, podeis fazer este milagre: não há mal algum por mui incuravel que pareça, que vós o não fazeis se quizerdes. He verdade, que o aborrecimento, e fastio, que tendes de huma alma tibia, me faz temer tudo; he impossivel pedir-vos eu por isto com a mesma confiança, que o faço, quando vos peço pela conversão dos maiores peccadores. Mas, meu Deos, conheço, que tenho estado atéqui neste triste estado de tibieza, e este conhecimento, que me dais, me faz crer, que quereis, que saia delle. Não permittais, que esta nova graça, que talvez será para mim a ultima, me seja tambem inutil: vós quereis que eu me salve, eu tambem o quero; e de quem será a culpa se me não salvar?

Bem sei que devo desconfiar daquelles fervores, que passão, e daquellas resoluções infructuosas, ordinarias aos que vivem na tibieza. Nenhuma alma tibia há, que não faça alguns esforços, ao que parece, para sahir da sua frouxidão, e cobardia: mas a sua fraqueza, e a sua miseria sempre prevalecem: as inspiraçoens são como huns relampagos, que em hum momento se desvanecem, as conversoens são humas fracas levezas: o

meu modo de viver não he huma prova bem clara disto?

Não o permittais, meu doce Jesu: fazei que eu sirva antes de exemplo de conversão, e de motivo forte de confiança a todos os Christãos cobardes, que desesperão da sua salvação: *Domine, ut videam*; conheça eu todos os dias mais a grandeza do meu mal, e o perigo evidente do estado da ribieza, em que me acho, e não me deixe hum só momento a vossa misericordia.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Agosto.

Dos pezares, e dôres, que hum Christão imperfeito sente na hora da morte.

I. PONTO.

Quaes são os pezares de huma alma tibia na hora da morte.

Confidéra, que remorsos, que cruéis dôres, e pezares, tem huma alma tibia alguns momentos antes da morte, só as reprehensões, que Deos lhe faz, e que ella faz a si mesmo, são hum Inferno antecipado.

Como ella tem sido instruida nas verdades da Religião, passou muitos dias no serviço de Deos, conheceu o nada dos bens creados, soube mui bem o preço da virtude, e soube todos os caminhos da perfeição, sem ter valor de caminhar por elles; todos estes objectos juntos se apresentaõ á sua imaginação, e a entregaõ ás mais tristes reflexões.

Traz

Traz á memoria os seus primeiros annos , em que a innocencia lhe fazia gostar hum prazer tão doce no serviço de Deos : representá-se-lhe aquelles dias de fervor , e de zelo , em que todos os caminhos do Ceo pareciaõ tão planos , e as luzes sobrenaturaes faziaõ ver o nada das creaturas com huma clareza tão excellente : pergunta a si mesma , porque não perseverou neste tão feliz estado : busca a origem da sua relaxação , e a causa do seu desgosto , e do seu fastio no serviço de Deos ; e não acha outra alguma mais , que a sua má vontade , e huma vergonhosa cobardia.

E que sentimentos , que indignação contra si mesma , quando considéra na desordem , e na irregularidade da sua vida passada ! Vê que entãõ eria , e tinha bastante conhecimento de Deos , para poder julgar , que elle só merecia o nosso coração , e os nossos serviços : e como pôde succeder , que com esta Fé , com este conhecimento o servisse com tal desgosto , com negligencia , e com huma meia vontade ?

Qual foi o principio , e o principal motivo da minha mudança ? (diz entãõ esta alma moribunda , cuja conversãõ feita nos seus mais bellos annos , tinha edificado tanto ao publico) por ventura não foi o desejo sincero de me salvar , e a vontade efficaz de amar a Deos , que me fez quebrar todas as cadêas , que me tinhaõ presa , renunciar todos os vaõs passatêmpos , e buscar no seu serviço huma felicidade pura , e sólida ? Comecei com fervor ; e porque me afrouxei logo tão brevemente ? Que achei na pratica da virtude , que me pudesse enfastiar ? He mudavel o Senhor , a quem eu servia ? Não he elle igualmente amavel em todo o tempo ? Porque não tive para com elle sempre os mesmos cuidados , o mesmo zelo , e a mesma ternura ?

Representa-se entãõ vivamente a huma alma ti-

bia, o grande numero de confissoens sem emenda, e esta multidaõ de communhoens infructuosas; ella vê todos estes actos de virtude taõ enfraquecidos pela pergiça, e cobardia, com que os acompanhava; vê a summa tibieza, que lhe fez perder o merecimento das suas boas obras. Que afflicçaõ, que tormento, e que penetrante dor sente naquella hora!

O espirito sempre participa das fraquezas do coração, huma alma cobarde no serviço de Deos tem humas luzes mui fracas; dispensa-se sem difficuldade de muitas pequenas obrigaçoens; a sua vida he hum encadeamento, e como hum tecido de pequenas faltas, que se commettem sem escrupulo: na hora da morte se dissipã todos os neveiros, aquellas omissoens já não parecem peccados leves, as faltas já se não olhaõ como simples imperfeiçoens, a sua gravidade já não he diminuida com o nome de fraqueza: oh! que dor, por se ter apartado do estado fervoroso! Que dor, por ter servido a Deos com tanta tibieza, e cobardia!

Que pesar, quando conhece, que a devoçaõ, que teve, não foi mais, que huma perguiça disfarçada, e que em lugar de amar a Deos, amou-se a si mesma! Que dôr, quando ve, que o principal motivo, que a fazia obrar, era huma soberba occulta, e que nunca teve outro algum zelo?

Que lamentavel he huma pessoa Religiosa imperfeita, nestes ultimos momentos! Que cruel afflicçaõ lhe não fazem padecer os seus tyrannos pezares!

Hum Religioso, que tem vivido huma vida tibia, e imperfeita, que na verdade não viveu em desordens, mas viveo tibiamente; que buscou de algum modo guardar os seus votos, porém facilmente se dispensou da observancia das suas regras: olhará com socego, e sem alteraçã a sua cobardia, e a sua tibieza?

Era por ventura necessario tanto, para ter huma
ma

na tão triste sorte ? Eu tinha feito tantas cousas para buscar huma boa morte, diz hum Religioso imperfecto, e esteve só na minha mão ter huma morte mais feliz : que cruel dôr !

Era necessario fazer tão grandes sacrificios entrando na Religião, para viver nella tão imperfectamente, como teria vivido no mundo ? Deixei parentes, amigos, riquezas, prazeres, todas as commodidades da vida, para buscar huma morte focogada, huma morte santa ; e morro cheio de horror, e turbação ! oh que terrivel, e cruel he este pensamento !

Vemo-nos no fim da jornada, e achamo-nos só com meio caminho andado ; vemo-nos assaltados da noite, e ainda nos resta hum espaço quasi infinito para chegar ao termo prescripto : que pesar sentimos, por nos ter demorado sem razão alguma no caminho !

Mas por ventura tivemos nós muito descanso ? Não só temos caminhado, temos corrido, temo-nos cançado, mas sempre desviados do caminho. Tomámos outros caminhos errados, quize-mos satisfazer ao nosso amor proprio, e ás nossas paixoes, caminhámos frouxamente, e nem por isso nos cançámos menos. Estariamos menos fatigados, se tivessemos caminhado sempre, e mais depressa. Acaba-se o dia, sobrevêm a noite, já não ha mais tempo, e vemo-nos muito apartados da Perfeição do nosso estado, e he preciso dar conta dos meios, que tivemos para chegar a ella : que horror só com a lembrança do abuzo, que fizemos na vida destes meios ! Que pesar naquella hora, por termos feito huma tão grande falta !

As regras não obrigavaõ debaixo de peccado ; porém podia eu guardar perfectamente os meus votos, sem guardar as minhas regras ? Tinha-me eu feito Religioso, para não viver huma vida

vida regular? Em quanto dura a vida dizemos, que o faltar a huma observancia he pouca cousa; mas na morte se discorre de muito differente forte. Faltar a alguma observancia da Regra, he pouca cousa: porém faltar quasi todos os dias da vida a algum ponto della, será isto pouco? Não guardar quasi nenhuma regra, ou guarda-las imperfeitamente, e como por hum certo decoro exterior, será isto cousa muito leve? Não importará isto nada?

Oh meu Deos, que mortal dôr, por não dizer que desesperaçã, será apparecer diante do Soberano Juiz, com hum nome, com hum titulo, do qual se não tem satisfeito, mas sim desprezado, todas as obrigaçoens! Hum Christã com costumes de gentio; hum Religioso com inclinaçoens, e maximas todas seculares; hum homem, que ensinava a lei, que não guardava; hum Director das almas no caminho da Perfeiçã, que não viveo com regularidade, mas muito tibiamente: huns, e outros no fim da sua carreira, no momento decizivo da sua Eternidade, serão opprimidos, e atormentados com huma cruel, e sensível dôr.

Eu fiz a maior parte das cousas, que estava obrigado a fazer; ao menos fiz as mais principaes, as mais custosas: porém a tibieza, com que cumpri todas estas obrigaçoens, me fez perder todo o merecimento. Se eu as fazia por Deos, porque não as cumpri com pontualidade, e fervor? Ah! se o tivesse feito! Mas não o fiz, nem estou já em estado de o fazer. E agora serei julgado sobre estas mesmas obrigaçoens, e sobre esta negligencia.

Tive todo o trabalho do estado, que tinha abraçado; huma pouca de devoçã, e de regularidade me seriaõ suavizado os mais penosos trabalhos;

balhos ; huns motivos mais puros teriaõ exaltado o seu merecimento : huma perguica indigna , huma fastidiosa cobardia , hum desgosto irracional me privaraõ de todas estas vantagens , e de todas estas utilidades ; trabalhei , affigi-me sem merecimento , e morro sem consolaçaõ.

Por mui grande que seja o numero dos imperfeitos , nunca faltaõ bons exemplos na hora da morte ; vem á memoria a regularidade , a modestia , a piedade taõ edificativa dos que viviaõ no mesmo estado , cujo exemplo se naõ quiz seguir ; que fecunda fonte de pezares !

Para que tinha eu tomado o partido da Devoçaõ ? Para que me tinha feito Religioso ? Porque naõ imitei os mais fervorosos ? Porque servi a Deos com perguica , e cobardia ? Porque cuidei taõ pouco na Eternidade , e trabalhei taõ mal na minha salvaçaõ ? Para que me deixei cegar , e arrastar daquillo , que eu mesmo condemnava , quando dava as minhas instrucçoens aos outros ? Para que segui as minhas paixoens , e os meus desejos , crendo tudo o que cria , e sabendo muito bem que para me salvar , era necessario viver conforme ás maximas do Evangelho ? Que terei entaõ para responder ? E que terrivel tormento , quando naõ ha nada que responder !

Eu estou todo opprimido , e aterrado , meu Divino Salvador , com todos estes pezares ; eu sinto toda a sua amargura , toda a sua viveza. Fazei , Senhor , se vos agrada , que a finta ainda mais : mas concedei-me que viva daquí por diante de tal forte , que seja livre dell'es naquelle ultimo dia.

II. PONTO.

Reflexões sobre os sentimentos, que huma alma tibia terá na hora da morte.

Considera, que terrivel será hum pezar, que foi dantes previsto, que facilmente se podia evitar, e se adquirio por propria culpa.

A ignorancia, as falsas preoccupações, as difficuldades da execucao diminuem qualquer pezar, abrandaõ, e afroxaõ a agudissima dôr, com que penetraõ a alma; porém quando soubermos, ou podemos saber as proprias obrigações, quando gostamos sufficientemente da virtude, para podermos julgar da sua doçura, e da sua necessidade, quando vemos que restava já menos para fazer, do que tínhamos feito, para viver bem; certamente he isto hum sentimento, huma dôr taõ viva, e taõ cruel, que ninguem poderá imaginar hum tormento mais terrivel. O Viatico, a vista do Crucifixo despertaõ entaõ os mais tristes pensamentos; e tudo, o que naquella hora se pôde dizer que conforte a hum moribundo, muito longe de animar a sua confiança, lha diminue, e extingue. Todos julgaõ q̃ seguraõ, e consolaõ a huma alma tibia, pondo-lhe diante dos olhos o bem, que ella fez; porém estará ella contente com este bem? Vê entaõ todos os defeitos, com que o acompanhou, e naõ descobre em todas as suas devoções, mais que hum especioso exterior, mais que hypocrizia.

Fallaõ-lhe na sua modestia, nas suas boas obras, e em outras muitas bellas praticas de piedade. Se he algum Religioso, trazem-lhe á memoria os Sacrificios, que fez, consagrando-se a Deos. Tudo na verdade consolaria muito a huma alma, se a inconstancia no serviço de Deos, e

a tibieza lhe não tivessem feito perder todo o merecimento de todas estas boas obras, e o preço desses grandes sacrificios.

Somos nós racionaveis? E que uso fazemos da nossa razão, se podendo livrar nos destes tormentos, o não fazemos de boa vontade? Ignoramos acaso, que vivemos como vivem aquelles, que na hora da morte se desesperaõ, por terem vivido tão mal? A nossa cobardia, a nossa perguiça no serviço de Deos, será huma fonte inexaurível de arrependimentos; e que precauçoens tomamos para nos guardarmos delles? Não temos neste momento hum grande pezar do passado? E com tudo obramos por isto nós agora muito melhor? E acaso esta continuada série, que vamos commettendo de infidelidades, diminuirá a fonte dos nossos pezares, e das nossas dores? Pois logo, em que fundamos a nossa confiança?

Trememos só com a lembrança deste deploravel estado. Quem poderá, dizem, rezistir a esta multidão de tristes reflexoens, que entãõ faremos contra nossa vontade? Nós mesmos as podemos prevenir neste momento: huma prompta, e sincera refórma de costumes, huma perfeita conversãõ, huma vida Christã, e fervorosa, he o unico remedio para hum tão grande mal, e nós temos este remedio na mão. Certamente bem merecemos morrer, e com effeito morreremos sem ninguem se compadecer de nós, já que só por nossa culpa não queremos sarar.

Abuzamos das maiores graças em quanto dura a vida, corrompemos tudo pela malicia da nossa vontade, que ordinariamente olha, como hum grilhaõ, e como hum pezado jugo, tudo, o que he bom. Perdemos hum tempo tão precioso, e o sacrificamos aos prazeres, ás delicias, á ociosidade; e desprezamos as obrigaçoens mais essenciaes.

Os tormentos, a que huma alma he entregue na hora da morte, vingão a Deos da insensibilidade, que houve para com elle, e do desprezo, que se fez em vida da sua Lei.

Ah! se eu estivesse, diz hum moribundo, ainda com perfeita saude! Ah! se eu ainda tivesse alguns daquelles excellentes dias, que tão mal empreguei; qual seria o meu fervor, e a minha exactidão no serviço de meu Deos! Que aborrecimento não teria a tudo, o que me tem lisongeado, a tudo, o que me tem divertido até aqui! Com que indignação, com que desprezo olharia para tudo o que se ha opposto á minha santificação?

A estes inuteis desejos, se segue logo o pensamento, de que estes dias na verdade existirão, que os tivemos como na nossa mão, e que os perdemos sem remedio: e que afflicção se segue a este pensamento!

As reflexoens, que se fazem sobre os cruéis pezares, de que naquella hora se vê hum como despedaçado, os faz ainda mais amargosos. Arrependimentos, que pude evitar! Pezares que estive na minha mão, e até me lembrei de prevenir! Estes sentimentos, que tinhaõ feito a materia de minhas reflexoens em tal dia de Retiro! Estes pezares, cujo pensamento só, me fazia tremer! Estes pezares, que pareciaõ tanto mais espantosos, quanto eraõ mais bem fundados! Estes pezares, que eu muito bem sabia haviaõ de ser eternos, e não os preveni! Tudo atormenta, tudo afflige.

Oh meu doce Jesu, que será de mim, se a vossa graça me não assegura? Eu ainda estou em estado de prevenir, e evitar estes mortaes arrepndimentos, por huma perfeita conversão. Que alegria, meu Divino Redemptor, por poder tornar

ra se apartar da fonte da verdadeira felicidade. Jesu Christo teve cuidado de nos representar todos os descaminhos do peccador na parabolâ do Filho Prodigio.

Hum homem, diz elle, tinha dois filhos; o mais moço pede a seu Pai a sua legitima, e tendo-a alcançado, o deixa logo.

Que razã tinha este filho para deixar a seu Pai? Elle era sustentado deliciosamente; servido de hum grande numero de domesticos; amado, e respeitado; vivia no meio da abundancia, e sem cuidados na caza de seu Pai; este lhe prevenia tudo o necessario, tudo concorria a faze-lo feliz, e a dar-lhe huma vida descansada, e a esperança de huma rica herança punha o cume á sua felicidade. Quando por hum louco capricho, elle despreza todas estas vantajens, e enfadado da fugeiçã, em que consistia toda a sua felicidade, deixa erradamente a caza de seu Pai, e quer elle mesmo só procurar a sua fortuna.

Isto mesmo he o que obra o peccador; pois cansando-se de viver com tanta paz no serviço de seu Deos, aborrece passar huma vida reguida; já o enfastia a mui dilatada tranquillidade, parecendo-lhe que entre os tumultos do seculo, achará prazeres mais sólidos, e mais agradaveis.

Queremos antes revolver-nos nas cisternas cheias de lodo, do que beber nesta fonte de agoas vivas. Que tranquillidade mais doce, que estado mais feliz, que o de hum homem virtuoso? Superior a todos os accidentes da vida, elle vive descansado, entregue á Providencia daquelle, a quem nada pôde escapar. Vive seguro das tempestades no serviço de hum Senhor, que manda aos mares, e aos ventos. Pôde haver hum Pai melhor? Pôde haver hum Senhor mais digno de nos mandar? Exaqui pois a quem nos enfastiamos de servir, e amar.

Que

Que razaõ tinhamos de nos queixar do nosso Deos, quando nos apartamos do seu serviço? Meu Pai, dai-me a minha legitima: isto he o mesmo que dizer, confesso, Senhor, que me amais com toda a ternura de Pai; porẽm eu naõ gosto de ser vosso filho. Naõ tenho razaõ alguma para me queixar de vós; tendes-me cheio de beneficios, e de bens, naõ ha cousa melhor, do que servir-vos: mas deixastes-me a liberdade, e eu quero servir-me della para viver independente, e dissoluto; sois bom, liberal, Omnipotente, eu o confesso; porẽm já que está na minha vontade escolher hum Senhor, naõ quero escolher a vós.

Pasmosa cousa! Huma pessoa cheia, e trabbordando de beneficios, e de provas manifestas da bondade de Deos, apartar-se delle sem dôr, naõ se lhe dar de perder a sua amizade, viver na sua desgraça muito satisfeita! Ah, Senhor! bem pouco caso fazem de vós os homens, pois que nunca se alegraõ tanto, como quando vos perdem.

He o mais moço da caza, que faz huma taõ louca fugida. A falta de experiencia, e muitas vezes de discurso; huma idade, aonde só reinaõ os prazeres; huma facilidade em se deixar arrastar pela torrente, disculparáõ assaz a hum Christaõ, que contra toda a razaõ, movido só da sua desordenada vontade, deixa a seu Deos, e se rebella contra elle?

Peregrè profectus est in regionem longinquam: o Filho Prodigio ainda bem naõ tem perdido de vista a seu Pai, quando logo se esquece dos seus beneficios: anda muito caminho em poucos dias, e brevemente se acha em huma terra estranha, aonde atropelando o respeito de algum resto de Religiaõ, de decencia, e de honra, se entrega ás suas paixoens, e he huma funesta victima gellas.

Nin-

Ninguem se aparta de Deos, que se não desvie logo bem longe do caminho da verdade. O primeiro passo he hum naufragio; a alma, que só foi creada para Deos, só nellé pôde achar o seu descanso, e a sua felicidade. Assim que huma pessoa se despega desta pedra immovel, he arrastada pela torrente: a descida he rapida, a inclinação violenta, apenas dá o primeiro passo, não caminha já; mas corre, precipita-se no abismo.

Aquella pessoa tão Christã, dotada de hum natural tão feliz, e de tão excellentes inclinações; aquella pessoa tão circumspecta, tão prudente, que só parecia nascida para a virtude, perde todas estas qualidades: em hum instante parece que perde a innocencia, e que só segue as suas paixões.

Aquelles, que tem sido mais pios, se se chegam a perverter, commettem os maiores excessos, esquecem-se de si mesmos, a Fé se enfraquece, a razão se offusca, e só domina as paixões: que desordens não causão estas em huma alma, que está dominada por ellas!

Os Religiosos se se enfastiã do seu estado, desmentem a sua profissão, deixaõ a Deos por huma vida pouco regular: que desordens, Senhor, em bem poucos dias! A cegueira, a obstinação, o desamparo, succedem às primeiras desordens, *in regionem longinquam*. Logo se achaõ muito apartados do Senhor, posto que estejaõ ainda na sua casa. A delicadeza de consciencia, os fervorosos affectos de piedade, tudo se vai embora. Ao esquecimento de Deos se segue a insensibilidade, e a esta, a obstinação: *Ecce qui elongant se à te, peribunt*. Que somos, ou que podemos ser, quando nos separamos da fonte de todos os bens!

He muito provavel, que naquelles Paizes remotos, o Prodigio em quanto teve com que entreter os seus immundos prazeres, não se lembrou de

de seu Pai, ou se o fez, foi só para censurar, e motejar a sua austera conducta. Exaqui os fructos de huma vida desordenada. O homem passa ás vezes annos inteiros sem ter hum bom sentimento, sem cuidar em Deos, em quanto vive no meio da abundancia, e entre delicias; ou se ás vezes se lembra d'elle, he só para murmurar das cousas mais santas, para pôr o sello á sua impiedade, e para fechar todos os caminhos á conversão.

Et ibi dissipavit substantiam suam vivendo luxuriosè. Tal he o effeito ordinario de huma desenfreada vida. Perde-se tudo, fazenda, faude, fama, descanso, e o que he mais para admirar, dessa mesma liberdade, que era o motivo, e fundamento destas desordens, fica privado o homem pelas desordenadas paixoens. Nunca elle teve tanta sujeição, tanta violencia; nenhum escravo ha mais opprimido, do que está hum coração feito alvo das suas paixoens; que escravidão mais dura, que a dos mundanos?

A necessidade, e a penuria pouco conhecida em caza de seu Pai, obrigou o Prodigio a fazer-se moço de servir, para não morrer de fome. A tanto chegaõ os que deixaõ a Deos; pois fóra d'elle, por mais que se deixem enganar com a idéa de huma felicidade fantastica, nenhum descanso, nenhuma prosperidade podem achar.

As entradas no mundo são bellas, e agradaveis; ellas prendem, e promettem muito: porém se se lhe busca o fundo, passados os primeiros dias, só se encontraõ caminhos errados. As crueis afflicçoens não são para os que vivem com regularidade, mas só para os que andaõ engolfados nos prazeres do mundo; por quanto assim que as paixoens estão desenfreadas, ninguem espere jámais ser socego.

Mas por ventura he isto huma cousa nova?
Certa-

Certamente não: pois bem nos tem advertido isto os que por ahí tem passado. *Ambulavimus vias difficiles*. Todos os caminhos para o vicio são trabalhosos, pois não ha estrada mais cheia de espinhos, do que a que leva á perdição. Porém acaso far-nos-hão reflectir sobre nós mesmos estas difficuldades, deixaremos talvez hum caminho tão pernicioso, á vista dos espinhos, que são delle inseparaveis? De nenhum modo; antes cada vez nos confirmamos mais no nosso erro.

Olhai para o Prodigio: cahe em pobreza, e logo se faz escravo; carece de pão para viver em hum estado tão indigno de seu nascimento, e logo se abate até guardar os porcos. Bem quiz fartar-se do que comiaõ estes viz animaes, mas ninguem lho dava.

O peccado não sómente faz a Fé morta, mas tambem offusca, e enfraquece extremamente a razão; com elle se corrompem quasi todas as boas qualidades da alma.

Deste modo, Senhor, he que se fazem semelhantes aos brutos todos, os que vos deixãõ: o amor da liberdade os engana, e ficãõ escravos, e pobres. Ninguem se entrega á sua propria vontade, que se não sujeite a huma escravidão. Mil dissabores, mil abatimentos, e os mais amargos pezares acompanhaõ sempre huma alma desencaminhada. Só vós, ó meu Deus, e meu Divino Senhor, sois verdadeiramente nosso Pai, vós tendes cuidado de espalhares amarguras em os nossos vãos prazeres, para nos obrigares a voltar para vós. Se achaffemos fóra de vós verdadeiro descanso, e doçura perfeita, ninguem cuidaria já na penitencia. Misturai, Senhor, nas nossas falsas alegrias todas as amarguras, para que desgostados de hum estado tão infeliz, abramos os olhos para ver a nossa perdição, e conheçamos que só no
vosso

vosso serviço podemos ser felices, e que ficámos totalmente miseraveis, assim que nos apartamos de vós: *Ecce qui elongant se a te, peribunt.*

II. P O N T O.

*As ineffaveis bondades de Deos para com a alma ;
que torna para elle , mostradas na Parabola do
Filho Prodigio.*

C Onsidéra com que bondade, e com que sabedoria dispoem Deos todas as cousas para a conversão de hum peccador. Aquella Providencia tão liberal, aquelles cuidados tão anciosos, aquella misericórdia tão vigilante, são certamente motivos bem urgentes para huma prompta conversão, a quem não está em hum horrivel desamparo.

In se antem reversus: O Filho Prodigio começa a reflectir sobre si; exaqui o primeiro passo do peccador, que cuida na sua conversão.

Ah meu Deos, que amavel he a vossa misericórdia! No tempo, em que o peccador se esquece, e se aparta mais de vós, então vos chegais mais para elle! As sandaveis reflexoens, que faz o Prodigio sobre o miseravel estado, a que se achia reduzido, as sensiveis comparaçoens, que faz do que he, apartado da sua casa, e do que era vivendo com seu Pai, e em fim esta reflexão em si mesmo, tudo são effeitos da vossa graça, e isto quando o peccador se tinha feito mais indigno della, pela sua obstinação, e pela sua impiedade.

Felice o momento, em que o peccador com o favor desta luz sobrenatural descobre seus erros, e seus descaminhos, e se poem a contemplar de vagar na indignidade, e na baixeza da sua eservidação.

Considerai em hum enfermo, que tem estado
X
alguar

algum tempo em delirio, o qual depois de ter o seu sangue repousado, e os espiritos já socegados, conhece todas as suas extravagancias. Huma parte da sua loucura era imaginar-se Rei, affectava modos, e ares de Soberano, fallava, mandava como Principe, ao mesmo tempo, que estava carregado de cadeias, como escravo, e todas as pessoas de juizo riaõ das suas imaginações: elle porém applaudia-se a si mesmo, fazendo sensível a sua alegria; e o seu estado causava compaixão. Tornando a si, sente o seu mal, vê o perigo, conhece a sua loucura; que confusão, que vergonha! Com tudo os seus delirios são desculpaveis, pois não são livres, nem elle os faz por sua vontade: porém o peccador pôde ser desculpado nas suas dissoluções?

Quando a razão não está cativa, por pouco juizo que haja, logo se condemnaõ as desordens de huma vida dissoluta. Que gosto pôde achar hum bom espirito nos frivolos passatempos? Pôde deixar de conhecer a vaidade, e a baixeza da felicidade, que tinha figurado na sua imaginação? Pôde deixar de se arrepender de ter deixado a casa de seu Pai, para seguir o seu capricho, e a sua paixão?

Ah Senhor! como apartaria das suas desordens as almas, huma pequena reflexão sobre as inevitaveis desgraças, que já mais deixaõ o estado do peccador, ainda até nesta vida! E porque razão se não haõ de fazer estas reflexões? Que pôde succeder? Se, fazendo-as, julgo, que nada perdi deixando o serviço de Deos, que nada tenho para temer no meu estado, que me não devo arrepender já mais da liberdade, em que vivo, e que qualquer sentimento contrario a este seria mal fundado, e que he melhor viver em huma terra estranha, e guardando, digamo-lo assim, os mais

viz animaes, do que se estivesse em casa de nosso Pai: entã estas reflexoens naõ nos persuadirã a deixar este partido, pelo contrario, ellas nos confirmarã nelle: pois para que tememos fazer estas reflexoens? He porque na verdade bem vemos, que se discorremos como hum homem prudente, teremos horror do estado, em que estamos, e nos indignaremos contra nós mesmos, por ter perdido o repouso, a alegria, a felicidade, e a abundancia, deixando o serviço do mais excellente Senhor, para nos entregarmos a todas as afflicçoens, e desasocegos, ás turbaçoens, á penuria, aos pezares, e ás maiores desgraças, entregando-nos á tyrannia das nossas paixoens.

Quanti mercenarii? Quantos criados, diz o Prodigio, há na casa de meu Pai, que tem paõ em abundancia, e eu aqui morto de fome! Que peccador, que homem dissoluto naõ tem bem causa para dizer o mesmo? Ah! o menor servo de Deos está accumulado de bens, e, gozando de huma doce tranquillidade, espera o fim dos seus dias com confiança, ao mesmo tempo, que o peccador passa a sua vida cercado de mortaes inquietaçoens, e acaba cheio de desesperaçã.

Surgam, & ibo ad Patrem. Eu me levantarei, e hirei ter com meu Pai: oh! que sabia resoluçã, que feliz designio! Hum raio de luz, e de esperança apparece no meio dos desasocegos da consciencia, e se resolve de todo a conversã: naõ podemos olhar para o nosso Deos, que naõ descubramos nelle hum fundo inexaurivel de bondade, e de misericordia: aquelles, que o considerã sempre fulminando raios, e cheio de colera, o temem sempre como Juiz, e nunca olhaõ para elle como Salvador.

Porém como me atreverei a apparecer na sua presença? Que desculpa terei para lhe dar de hu-

ma vida tão desordenada? Exaqui o que poderia impedir huma conversão tibia, e vacilante; mas hum coração verdadeiramente convertido, não desfalece por cousa alguma. Poder-se-hia temer, que esta resolução do Prodigio, não fosse mais, que hum projecto, e huma demora de conversão ordinariamente sem fructo: mas elle não se dilata hum momento, e apenas diz, eu hirei ter com meu Pai, já está posto a caminho.

Na verdade aquelles vaõs projectos de reformação, aquellas conversões para o futuro, não fazem mais, que adormecer o peccador: nas conversões quem se não rende á Graça em o mesmo momento, que ella o sollicita, põem-se a risco de nunca se converter. *Dicam, Pater, peccavi*: eu lhe direi, diz o Prodigio, meu Pai, pequei. A hum coração verdadeiramente contrito, não lhe he necessario dizer mais. Só com esta palavra, meu Pai, vem á memoria todos os beneficios, com que foi enriquecido na casa de seu terno Pai, e todos os signaes de ternura, que delle recebo em todo o tempo, que estive á sua vista. Que abundancia naquelle feliz estado, e que doçura, que vantagens nesta abundancia? *Peccavi*: e eu deixei tudo isto para seguir as minhas paixões. O desejo de viver em toda a minha liberdade, me fez insupportavel a presença de hum tão bom Pai. Eu lhe desobedeci, e o deixei, e commetti contra elle tantas offensas, ao mesmo tempo, que nunca me causou o menor desgosto, antes sempre me tratou com hum amor de verdadeiro Pai. Por tanto, o pezar, e a dor não me permitem dizer mais: pequei, *Peccavi*, e a vós, ó mais doce, e mais amavel Pai, he que eu offendi.

Ah Senhor! quando sentirei tanta dôr, e arrependimento de meus peccados, que baste dizer só esta palavra, pequei? *Peccavi*? Por ventura

tura ainda me não tendes dado bastantes mostras da vossa ternura? Ainda saõ poucas as offensas, que contra vós tenho feito? *Surgam, & ibo ad Patrem.*

Huma verdadeira contriçaõ sempre he acompanhada de confiança. Eu sou peccador, mas vós sois Pai: mereço ser castigado, e vós me podeis condemnar; mas não podereis esquecer-vos do quanto vos custei: vede que he hum filho, o que elama pela vossa misericordia; e se a pezar de todas as minhas defordens não deixastes de ser meu Pai, ainda que eu esteja tão culpado, sempre vos lembrareis agora que sou vosso filho.

Et surgens venit ad Patrem: elle parte no mesmo instante. Que infeliz he o que dilata a sua conversãõ para outro tempo! He possível, que no momento, em que Deos nos offerece com a sua graça, a sua amizade, ainda se ache algum homem, que não esteja de animo para se aproveitar deste feliz momento! Ah Senhor! não estou eu mesmo nesta disposiçaõ?

Cum adhuc longe esset, vidit illum Pater ipseus, & misericordia motus: assim que seu Pai o vio ainda de longe, sentio-se movido de compaixãõ. Meu Deos, que consolaçaõ achamos nestas figuras, e que animo daõ ellas á minha confiança, ainda á vista dos meus peccados! De bem longe começais sempre a olhar misericordiosamente para o peccador. Porém ao menos não seria bem a proposito, e ainda necessario, mostrar a este mancebo tão dissoluto, hum modo enfadado, dar-lhe huma boa reprehensaõ, huma correcçaõ saudavel, fallar-lhe com mostras de sentimento, por causa de hum procedimento tão irracional? Elle se occupa inteiramente com o prazer, que sente, vendo entrar outra vez este Filho Prodigio no seu estado antigo; este amavel Pai só attende entãõ á sua ternura, elle não o recebe, como Pai offendido, mas como

como Pai enternecido, e apaixonado. Meu Deus, com quanto cuidado procurais facilitar a conversão do peccador para vós, com exemplos tão fortes! Não poderíamos dizer, que a vossa felicidade depende da nossa, e que tendes maior interesse, do que nós mesmos na nossa salvação? E com tudo, a quantos são inúteis todas estas amorosas sollicitações? Admirai-se da vossa bondade, e ao mesmo tempo continuai em ser máos.

A liberalidade acompanha sempre o amor: *Cito proferte stolam primam.* Estabelecido o Prodigio nos seus direitos, em o mesmo momento, em que torna a entrar na sua obrigação, vestem-no tão sumptuosamente, como se não tivesse dissipado a sua legitima, e não se vê outra cousa mais, que festas, e instrumentos de alegria. Oh! meu Deus, que não fazeis para obrigar o peccador a apartar-se dos seus erros, e a voltar-se para vós! Bem longe de o intimidares com as vossas reprehensões, só fallais em festas, e em alegrias, com a sua vinda.

Humã bondade tão ineffavel não obrigará no mesmo instante a todos os peccadores, a tornar já para a amizade do seu Deus? He possível, que esta mesma bondade seja para alguns motivo, ou ao menos pretexto de perseverar no peccado?

Ah Senhor! como he capaz o coração humano de huma malicia tão excessiva! Ah! eu tenho bastante experiencia dos delictos, que sou capaz de fazer, assim que me aparto do verdadeiro caminho. Que razão tenho tido atéqui para me não converter? Ignorava acaso o miseravel estado da minha consciencia, e a extrema necessidade, que tenho de me converter? Temia que fosse muito cedo se o tivesse já feito? E que cousa me poderá daqui por diante impedir que o faça?

Nada, meu amavel Pai, nada me poderá deter; e se tenho imitado o Prodigio nas desordens,

dens, quero-o imitar na sua conversação. Nada me move mais, do que a vossa excessiva bondade, ó meu terno Pai, nenhuma outra cousa também me determina mais para me converter. Ah! Senhor, posso dar-vos gosto com a minha conversação, e ainda tardarei em dar-vos este prazer? Vós vos doeis da minha perdição, e a mim não me pezará de vos ter perdido?

He certamente muito o disputar-vos hum satisfação, que vos há custado tanto, e que para mim he tão util: gozai pois da doçura de ver a vossos pés o vosso triumpho. Este he hum Filho Prodigio, que não sabe dizer outra cousa, senão que há peccado: he hum coração contrito, e humilhado, que vos adora, que clama pela vossa clemencia, que não quer já deixar hum tão bom Pai, e que quer daqui em diante ser todo vosso, e amar-vos eternamente.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Setembro.

Dos dois estandartes, ou da obrigação de nos declarar descubertamente por Jesu Christo.

Esta Meditação he chamada assim, porque Santo Ignacio fórma nella a idéa de dois Capitaens, que querem alistar para si soldados. Hum he nosso Senhor Jesu Christo, que os convida a combatter debaixo das suas bandeiras: o outro he o Demonio, que tendo intentos todos diferentes, dá á sua companhia hum estandarte totalmente diverso.

I. PONTO.

Os falsos atractivos, de que o Demonio se serve para nos enganar.

Confidéra que o amor dos prazeres, o amor das honras, e o amor das riquezas são ordinariamente os motivos, que fazem obrar os homens, e que movem todas as paixões. O inimigo da nossa alma, que conhece quanta inclinação tem os homens para estes tres objectos, nunca lhes apresenta outros.

Confidéra, diz Santo Ignacio, a Lucifer, que tem usurpado o nome de Principe do mundo, assentado em hum throno de fogo, rodeado de huma multidão innumeravel de Demonios, que são outros tantos soldados, que elle anima a seguir as suas ordens, e a metter, quanto poderem, todos os homens no seu partido. O seu designio não he outro, senão levantar hum exercito de rebeldes contra Deos, declarar guerra a Jesu Christo, inspirar horror das suas maximas, persuadir, que o seu jugo he insupportavel, e em fim attrahir a si os homens, para que, tendo-os feito companheiros da sua rebeliaõ, os faça tambem participantes da sua eterna desgraça.

Os meios, de que elle se serve para levar ao fim o seu intento, são lizonjear a nossa cubiça, prometendo muitos prazeres, honras, e riquezas, aos que quizerem alistar-se no seu serviço, e abraçar o seu partido. Eu vos darei, diz elle, tudo isto, se vos prostrares por terra para me adorar.

Assim falla o tentador, assim falla o mundo; e he para pasmar que só isto ouçam, e creiam os homens. E por mais que se diga, que o mundo he enganador, e que a unica paga, que se tira do seu

seu serviço, sab os tyrannos pezares, e arrependimentos, nunca nos aproveitamos da experiencia alheia: ainda que vejamos os velhos mundanos, cheios de desprezo para com o mundo, dizer com o Sabio, tudo he vaidade; todos esperamos, que o mundo nos não tratará da mesma sorte, e que seremos privilegiados: pôde haver esperança mais mal fundada?

Salomaõ não negou aos seus sentidos cousa alguma, das q̃ o podiaõ lisongear. Cheio com tudo de honras, de prazeres, e de riquezas, foi obrigado a confessar no meio mesmo desta vida deliciosa, que só achava vaidade, e afflicãõ de espirito nas cousas da terra, e que tudo, o que mais brilha, e mais lisongea no mundo he illusaõ.

Com effeito, que outra cousa se pôde achar neste desterro? O mundo promette grandes riquezas, e grandes honras: e quem o fez distribuidor de todos estes bens, pelos quaes obriga a taõ grandes trabalhos áquelles, que tomaõ o seu partido? Que fructos, ou que recompensas se alcançaõ d'elle? E quando acharãõ os peccadores paz, e docura na sua vida? *Vanitas, & afflictio spiritus, & omnia vanitas.*

O mundo promette prazeres: mas quando deõxou elle de dar afflicõens? Houve jámais no mundo algum prazer, que não fosse misturado com amarguras? E gozaõ por ventura nelle os mundanos muitos gostos, que não sejaõ logo seguidos de pezares, e arrependimentos?

O mundo promette honras: mas quem o fez senhor dellas? Devemos nós esperar ser honrados no mundo todo cheio de invejosos, e de emulos? O merecimento quasi desconhecido, e ainda menos recompensado, será attendido em huma parte aonde só reina a paixãõ, o interesse, a má inclinacãõ, e o capricho? E espera-se ainda aqui

fer honrado? Que cousa mais vã, que cousa mais fantástica, do que estas honras?

O mundo promete riquezas: mas isto será a quem for tão feliz, que ache huma grande fortuna, isto he, muitas riquezas, depois de muitos suores e trabalhos: tanto custa o adquirir cabedões: e por ventura he o mundo, o que vos dá isto, que tanto vos há custado? Porém quantas desgraças acompanhaõ a hum rico no mundo, ainda que a cubiça seja universal, e os trabalhos communs? E ainda podemos confiar nestes falsos bens, que nos fogem por sua propria fragilidade? Honras, prazeres, riquezas, tudo, tudo desapparece, tudo se extingue, tudo se desvanece com o ultimo suspiro da vida. He possível, ó meu Deos, que depois que o Demonio nos engana com frivolos attractivos, não tenhamos ainda aprendido a não nos deixar enganar mais?

Se o amor dos prazeres, das honras, e dos bens tem tanto poder, e dominio sobre o coração, para que os vamos buscar fóra das suas fontes? Aonde gozamos, ou em que lugar podemos gozar de prazeres puros, e doces, senão no serviço de Deos? A paz, a alegria, a tranquillidade são proprias só das pessoas virtuosas. Só a virtude he que faz hum homem respeitavel: que bens mais preciosos, e mais sólidos, do que aquelles, cuja fonte he Deos? E que gloria mais digna da nossa ambição, do que servir ao Soberano Senhor de todas as cousas, Arbitro da nossa salvação eterna?

Oh cegueira! Oh loucura dos mundanos! Deixam-se cegar, e enganar com as lizongueiras idéas de huma felicidade fantástica, que os homens promettem a si mesmos, a qual ninguem jámais pode achar!

Aonde está o nosso juizo, se julgamos ser felices entregando-nos todos ás nossas paixões, re-
pro-

provando as maximas de Jesu Christo, fazendo para nós huma especie de Religião conforme aos sentidos, e ás proprias idéas, vivendo sem Fé, sem Piedade, e finalmente condemnando-nos?

O mundo para estabelecer os seus adoradores, se serve destes especiosos nomes de alegria, prazeres, abundancia, e felicidade. Mas em fim, que he tudo isto, senão huns nomes, que não poderão enganar a hum homem prudente, a hum homem, que não quer seguir a tumultuosa turba sem saber aonde vai parar?

Que felicidade mais quimerica, do que a dos mundanos? Agitados perpetuamente com picantes remorsos, escravos do capricho de tantos senhores, quantas são as pessoas, a quem pertendem fazer a vontade, cada vez mais famintos, porque só correm atraz de sombras, e não se sustentão, senão de ventos: que escravidão mais forçada, mais violenta, do que a sua? E quanto não tem elles para temer para a outra vida? Aonde está pois esta felicidade, de que tanto se gloriaão? Aonde estão aquellas tão agradaveis vantagens, que fazem os mundanos tão ferozes, que os movem a preferir o seu estado ao dos Servos de Deos?

Ah Senhor! Nós dizemos que o mundo nos engana, porém nós mesmos somos os que nos enganamos: pois que causa he o mundo, senão as nossas fracas idéas, e os desejos de hum coração corrompido?

O mundo nos promette riquezas, e honras: ah! no mundo nada há, que tenha alguma subsistencia; não he mais que hum mero fantasma isto, com que nos comprazemos; nós somos, para o dizer melhor, os que nos promettemos ser ricos, ser felices, entregando-nos á nossa cubiça; nós somos os enganados das nossas paixões: e exaqui o que succede aos que seguem este fantasma.

Quant

Quanto me pesa, Senhor, de me ter deixado arrastar pela multidão dos mundados, de me ter deixado cegar com tão falsas apparencias! Dissipai, ó meu Divino Senhor, dissipai com a vossa luz estas illusões, e estas espessas trevas. Não vos contenteis com ter-me aberto os olhos, para descobrir este vão fantasma. Fazei, meu Deus, que se augmente em mim a vergonha de me ter fugitado, e ter servido a hum tão tyranno Senhor. Dignai-vos, ó meu Divino Jesu, de receber no numero dos vossos servos este, que não quer daqui por diante ter outro Senhor, nem amar a outro mais, que a vós.

II. PONTO.

Dos meios seguros, que Deus nos offerece para sermos felices.

Confidéra a Jesu Christo nosso Divino Senhor, com huma conducta tão differente da do Demonio, com o designio de trazer os homens todos ao seu serviço, e de os fazer summamente felices. Ponde diante de vossos olhos este Divino Senhor, diz Santo Ignacio, assentado em hum Throno, com o rosto cheio de Magestade, e doçura, que levantando hum estandarte opposto ao do Demonio, convida todos os homens para que o figão, com estas amáveis palavras: vinde a mim todos os que tendes trabalhos, e andais opprimidos, e eu vo aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou doce, e humilde de coração, e achareis descanso para vossas almas, porque o meu jugo he suave, e o meu pezo he leve.

Como este Senhor vem para destruir a tyrannia do Demonio, tambem traz intentos todos oppostos aos deste inimigo universal da salvação dos homens, e os meios, de que elle se serve, são totalmente differentes.

O que elle pertende he obrigar a todos , os que se alistaõ debaixo das suas bandeiras , a combater todos os inimigos da Gloria de seu Pai , e da sua propria salvaçaõ ; para que pela victoria , que alcançarem , adquirãõ para si huma vida feliz na terra , e huma felicidade completa , e eterna no Ceo.

Os meios , que lhes propoem para este fim , sãõ os mesmos , de que elle se servio , em quanto esteve nesta vida mortal : nada manda , que elle nãõ fizesse primeiro. A principal das suas leis he , que o sigaõ ; elle se encarrega de nos prover a todos , do que for necessario ; elle se offerece a levar com nosco as cruces , quando as houver : se devemos ter algum combatte , elle sempre estã na frente , e todos os nossos inimigos tem sido já vencidos por elle.

Este Senhor na verdade nãõ promette prazeres mundanos , nem alegrias , que facilmente se perturbaõ , nem honras vãs , ou riquezas frageis e transitorias. Mas dá a paz do coraçãõ , que excede a todos os prazeres dos sentidos , faz gostar as delicias puras , que sãõ hum anticipado gosto dos Bemaventurados : faz a todos os seus Servos mais respeitaveis , e ainda muitas vezes mais venerados , que os Reys da terra , e além disto os bens immensos , com que os premea , sãõ eternos.

Isto nãõ sãõ só titulos vãs , e pomposos , nãõ sãõ grandes nomes , que enganaõ , ou bellas promessas sem effeito : nenhuma cousa há mais simplez , e mais modesta , que a libré dos Servos de Jesu Christo : Deos he o fiador de tudo , o que este Divino Senhor promette , elle mesmo se dá por premio aos que o servem. Que bem maior , do que huma felicidade eterna ? Tal he a sorte dos que servem a este amavel Capitaõ : e em quanto os mundanos choraõ eternamente o seu estado , os Servos de Jesu Christo gozaõ no seu as mais doces delicias , e nãõ podem assaz agradecer a Deos a sua felicidade.

Certa-

Certamente as maximas de Jesu Christo são muito oppostas ás do mundo. O Salvador quer hum desapego universal de todas as cousas: em lugar dos prazeres, quer que amemos a Cruz, e que bem longe de ter horror aos desprezos, nos julgemos felices, quando somos maltratados pela justiça: quer que a doçura, a modestia, a paciencia, e a humildade façam o caracter dos que o amam; e como o seu Reino não he deste mundo, quer que os seus Servos só estimem o que lhes póde dar o Ceo.

Não há hum só dos seus Servos, que não dê a si eternamente os parabens de ter vivido no seu serviço. Que consolação, em cumprir as proprias obrigações! Que prazer, que alegria na hora da morte, quando nos lembrarmos, que as havemos cumprido! Que honra, ter servido a hum tão grande Senhor! É quem he que se arrepende de o ter feito? Ainda que houvesse de custar-nos a vida como a tantos Martyres, que são hoje o objecto da nossa veneração, e dos nossos obsequios, deveriamos pôr tempo em nos deliberar sobre isto?

Ah, meu doce Jesu! Vós não nos obrigais a tanto, vós pedis mais o meu coração, do que o meu sangue: este coração, que eu dou, e entrego tão liberalmente a qualquer outro, e só a vós nego. Certamente olhando para o trabalho, que tem os homens em se declarar por Jesu Christo, dir-se-hia, que nada se ganha seguindo o seu partido, mas antes se perde muito. Tudo nos mette medo, tudo nos demora, tão pequena idéa temos da felicidade da vida Christã! Tememos ser tidos por devotos, e temos vergonha de o ser; e ao mesmo tempo que os mundanos se declarão descobertamente por impios, e fazem gloria de seguir as maximas do mundo, os Christãos se envergonham do Evangelho, e servem a seu Senhor,

como

como Nicodemos, ás escondidas, e de noite.

Creemos por ventura que Jesu Christo he o nosso Deos, e o nosso Senhor? Creemos que não há outro caminho para ir ao Ceo, senão o que elle nos mostrou, que todo, o que não for do seu partido, não he recebido nelle, e que para nos salvar-mos he preciso segui-lo? E se cremos estas verdades, como podemos duvidar ainda do partido, que devemos tomar? Como podemos dividir ainda entre Deos, e o mundo os nossos obsequios? Como se pôde fazer algum partido contrario ao de Deos, e este mesmo insultar ao pequeno numero dos Fieis?

A quem devemos nós o ser? Quem nos ha resgatado? Quem há de ser o Arbitro da nossa sorte eterna? Por ventura he este mundo, a quem seguimos com tão violenta escravidão, e a quem tanto tememos desagradar? Por ventura he o inimigo da nossa salvação, que enreda a tantos, fazendo-os entrar na sua rebelião? E se Jesu Christo he só o nosso Redemptor, o nosso Creador, e o nosso Juiz, para que servimos a outro Senhor?

Ufquequò claudicatis in duas partes? Dizia antigamente o Profeta Elias a todo o Povo, para que saõ tantos desvios, e tantas restricções? Para que tantas resoluções sobre a escolha de hum Senhor?

Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini eum. Se o Senhor he o nosso Deos, declarai-vos descubertamente por elle: ainda he necessario deliberar, se o devemos seguir? Poderem se Baal vos creou, se Baal he o vosso Deos, a quem adorais, não sirvais a outro, segui-o.

He vergonha, que necessitem os Christãos de hum tal discurso para abraçar o seu partido; e com tudo, Jesu Christo não he seguido de mui-

ta gente. A qual destes dois Capitaens tenho eu mesmo seguido atéqui? Cheio de huma vã ambição, cego com tantas apparencias exteriores, occupado todo com hum projecto de huma grande fortuna, tenho por ventura seguido muito estas sublimes regras de desapego, e de humildade, que o Salvador nos dá.

Atrever-me-hei a dizer com sinceridade, que sou Discipulo de Jesu Christo? Este Divino Senhor reconhecer-me-há como tal? Tenho andado vestido com a sua libré? Não tem o mundo bastante direito para me confessar, e ter por seu? Que sinto eu do desprezo das honras, da vaidade dos prazeres, da fragilidade dos bens creados, da victoria das paixoes, e finalmente de todas as maximas do Evangelho?

No nosso Baptismo renunciou-se em nosso nome a todas as vaidades, e maximas do mundo: temos acaço ratificado este sagrado, e solemne contrato? He semelhante a nossa vida á nossa Fé? Fazem honra os nossos costumes á nossa Religião? Nós somos Christãos: por tanto, Jesu Christo he o nosso Legislador, o nosso Principe, e o nosso Capitaõ. Porque razão pois necessitamos de fazer tantas reflexoes para nos resolver a segui-lo? Porque razão o seguimos sempre violentados, ou ao menos com negligencia?

Ninguem, diz o Salvador, que poem a mão ao arado, e olha para traz, he apto para o Reino de Deos. Este Soberano não quer vassallos, que o sirvaõ com repugnancia, e pezar. Poderei eu gloriar-me, que o sirvo com ardor, e com zelo? Meu Deos, que teria eu para vos responder, e que julgaria eu de mim, se houvesse agora de dar conta da minha vida, e dizer quantos dias vos tenho servido?

Não nos custaria tanto, se nos fosse necessa-

tão contar os dias, que temos sacrificado ao mundo, e aos falsos prazeres, e quem julgasse só pelos nossos sentimentos, a qual dos dois, diria elle, que escolhemos por Senhor?

A fervorosa diligencia, que temos para os nossos prazeres, a afflicção, que sentimos, quando nos perturbam, este apeço aos bens da terra, este desejo de ser estimados, distinguidos, e attendidos, mostram por ventura, que temos a Jesu Christo por nosso Capitão, por nosso Rei, e que seguimos o seu estandarte?

Ah! se o Salvador olha como seus inimigos todos os que se não declaram por elle, e se elle recusa reconhecer por servos os que se envergonham das suas maximas, não tenho eu bem razão de temer estar na sua desgraça? E posso racionalmente gloriar-me de ser reconhecido por seu servo?

Que desgraça, morrer sem Sacramentos? Ninguém há, que não deseje morrer com hum Crucifixo nas mãos, que he o mesmo, que querer morrer debaixo do estandarte de Jesu Christo, trazendo a sua libré. Então se julga, que só he bom este partido. E por ventura este partido era menos bom, em quanto se vivia? Terao dado os seus mais excellentes dias ao mundo, e ainda mesmo não deixarão de servir a este mundo, senão quando já estiverem para morrer; e estes ultimos momentos, este desgraçado resto da vida, he só todo o tempo, que se dá áquelle, que devia ser servido toda a vida. Ora na verdade cremos nós que Deos se contente com tal sacrificio, e que huma côrda, que custa tão caro aos mais fervorosos Fieis, seja dada de graça a tantas pessoas?

Consideremos a este Divino Salvador, que vendo essa multidão de mundanos, e de Christãos cobardes, que fogem do seu serviço, para seguir

o caminho largo, nos diz, como antigamente dizia aos seus Apóstolos: Quereis também vos apartar-vos, e retirar-vos de mim? Porém respondamos-lhe com S. Pedro: para quem hiremos nós, ó nosso amavel Mestre, se vós tendes palavras de vida eterna? Nós cremos, e reconhecemos que sois Christo, e Filho de Deos vivo, nosso Redemptor, nosso Rei, nosso Pai: e não queremos seguir a outro Capitão mais, que a vós só.

Quanto me peza, meu doce Jesu, de me haver deixado cegar, e enganar pelas apparencias exteriores, que nenhuma solidez tem! Ah! que erro tem sido o meu! Vós me convidais a seguir-vos, toda a minha felicidade depende de vós, e só no vosso serviço a posso achar: porém eu estimei em mais fazer-me escravo de todas as paixões, e gemer debaixo da tyrannia do mais indigno, e mais cruel de todos os Senhores, do que servir-vos.

O temor de tantas cruces, que eu cuidava me opprimiaõ no vosso serviço, e o pensamento daquelle desapego de todas as cousas, a que obrigais todos os Fieis, me haõ enfastiado; entreguei-me ao mundo para achar prazer: ah! eu soffri muito mais em hum dia só no serviço deste Tyranno, doque quanto teria soffrido em toda a minha vida no vosso serviço. Mas que paga hei tirado? Quanto não tenho perdido servindo ao mundo? E que recompensa, não teria eu hoje bem razão de esperar da vossa bondade, se vos tivesse servido?

Por hum singular effeito da vossa graça me aparto dos meus erros: acabai Senhor a vossa obra, eu me alisto já debaixo das vossas bandeiras, já não reconheço outro Senhor, senão a vós: não rejeiteis este rebelde, eu reconheço o meu peccado, abómino-o, e espero o perdão da vossa misericordia.

He

He possível, que tenha havido quem quizesse competir com vosco, meu Divino Salvador, para vos disputar a Soberania? E este indigno competidor he o Mundo, he o Demonio, e eu não somente gastei tempo em me deliberar, a qual dos dois devia obedecer, mas ainda me fiz escravo do Demonio, e do Mundo a maior parte da minha vida, recusando servir-vos, ó meu Deos! Não tenho mais dôres, e lagrimas para chorar a minha loucura, eu a detesto, e declaro, que quero gastar no vosso serviço o resto de meus dias.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Setembro.

Do Juizo particular.

I. PONTO.

O que se passa no Juizo particular.

Confidéra, que no mesmo momento, em que expiramos, logo somos julgados, e que neste juizo se decide irrevogavelmente a nossa sorte eterna. Ponde diante dos vossos olhos hum moribundo, a quem acabaõ de administrar os ultimos Sacramentos, ao qual não resta mais, que huma hora de vida. Elle he hum réo, que vai apparecer diante do Soberano Juiz, para dar conta do bom, e do máo uso, que fez de todos os momentos da sua vida. Os pensamentos leves, as palavras inconsideradas, os sentimentos apaixonados, os desejos desordenados, as acçoens pouco Christãs, os respeitos humanos, e até as intenções menos puras, tudo, tudo he examinado, tudo he julgado: e o

Juiz he hum Deos , que examina , e julga tudo com o ultimo rigor da sua justiça.

Concebei agora , se he possivel , quaes são entã os espantosos horrores de huma alma , conhecendo que está unida só ao seu corpo por huma respiraçã , e que dentro de dois , ou tres instantes , vai apparecer diante do tremendo Tribunal de Deos. Ella não tem entã peor inimigo , do que a sua mesma consciencia : esta lhe representa ainda antes que expire todas as suas acções , e lhe diz antecipadamente , digamo-lo assim , o juizo , e a sentença.

Que horror , que espanto será ver como renascer lá do fundo da consciencia huma multidã innumeravel de peccados , que tinhaõ estado até entã sepultados no esquecimento ! Quantos peccados veremos da nossa mocidade , que tinhaõ escapado aos nossos exames ! Quantos peccados mortaes , que nos tinhaõ parecido açõs indifferentes , e quantos daquelles mesmos , de que nos temos accusado , que por falta de contriçã não nos forã perdoados ! Tudo isto se apresenta á alma nestes ultimos momentos : e que turbaçã , que horror á vista de tantos monstros de iniquidade !

Bom Deos ! que omissoens nas obrigaçoens do proprio estado , quantas acçoens mesmo de Piedade , que necessitaõ de penitencia , que Sacramentos profanados , que talentos enterrados , quantas graças desprefadas ! O preço do Sangue de Jesu Christo , ou desprefado , ou perdido : ah ! remorsos terriveis , consciencia tyranna , que pezares , e que horrores não causais !

Sentimos que o tempo está acabando , vemo-nos á porta da espantosa Eternidade : e entã a incerteza do nosso destino , o temor de huma eterna infelicidade , as razoens , que há para temer , reduzem a alma a hum estado , que se pôde chamar hum Inferno antecipado. Ella

Ella tem presente toda a Lei de Deos, vê a sua importancia, e a sua justiça, conhece a sua doçura, e facilidade: livre de todas as preoccupações, e dos impetuosos assaltos de tantas paixões, reconhece, è sente a culpa, que tem, de não ter vivido segundo as maximas do Evangelho. Ah! costumes perniciosos, condescendencias excessivas, idéas frivolas, fantasticas leis do mundo, prazeres, passatempos vaõs, e enganosos, alegrias falsas, já não fois nada, já não resta de vós mais, que hum amargo arrependimento: oh dor! oh desesperaçãõ! oh tormento!

Esta pobre alma, quando está já para apparecer diante do Soberano Juiz, a quem ella sabe que tem tantas vezes ultrajado, vê-se carregada de dividas, e não tem nem tempo, nem todos os meios de as pagar. Na verdade ella ainda poderia achar nos merecimentos, e Sangue do Redemptor, com que satisfazer á justiça Divina; mas por ventura permite-lhe o seu estado servir-se disto? Turbada, horrorizada do modo que está, tem ella aquella presença de espirito, e tranquillidade necessaria para huma contriçãõ perfeita?

Huma apoplexia, huma afflicçãõ do coraçãõ causa turbaçoens, e horrores mortaes, que poem a alma inhabil, e incapaz de tudo: e nestes ultimos momentos, em que a alma não sabe já, se está ainda no caminho, ou se tem chegado ao termo da jornada: nestes momentos, em que se apresenta á alma tantos objectos, todos horrorosissimos, nestes momentos, em que a alma está entregue ás angustias, pezares, e horrores da morte, estará muito descansada? Terá toda a confiança necessaria para a salvaçãõ? Oh! e que terri-
veis são estes ultimos momentos!

Expira esse moribundo, e no mesmo instante se faz o seu processo, a sentença he pronuncia-
da,

da, e logo executada : no mesmo instante esta pessoa, que ainda se duvida se já tem expirado, entra na espantosa Eternidade ; logo, se he condemnada, sente todo o rigor dos tormentos, que há de padecer para sempre.

Acabaõ-se as Oraçoens, que se faziaõ por ella, lançaõ-se algumas gottas de agoa benta sobre o seu cadaver, e já a sua alma está ardendo nas chammas : rogaõ aos Santos Anjos, que venhaõ em seu soccorro, e a todos os Bemaventurados, que a recebaõ na Gloria, e ella está já nos Infernos.

Naõ se attende nem a idade, nem aos empregos, nem á qualidade ; de todos os títulos o unico, que resta, e que se confidéra depois da morte, he só o de Christaõ, e só por este somos julgados.

As promessas solemnes, que temos feito no Baptismo, as obrigaçoens estreitas, que alli contrahimos, todos os preceitos da Lei Christã, e as maximas do Evangelho servem de regra a este terrivel Juizo.

In lege quid scriptum est, nos dizem entaõ, *quomodo legis* ? Que preceitos estaõ escriptos na Lei de Deos ? Amareis ao Senhor vosso Deos de todo o vosso coraçãõ, em todo o tempo, e sobre todas as cousas, amareis ao vosso proximo, como a vós mesmo, humildade sem dissimulaçaõ, inteira abnegaçaõ de tudo, mortificaçaõ continua : estes saõ os Mandamentos da Lei sem alguma excepçaõ, interpretaçaõ, ou dispensa para alguem. No momento, em que esta alma apparece neste tremendo Tribunal, leva consigo tudo o que há feito, conforme, ou contrario a esta Lei ; e por isto he que a julgaõ.

E se aquella alma está em peccado mortal, ainda que fosse só por hum desejo peccaminoso,

ou

ou por hum pensamento máo , he logo condemnada aos fogos eternos.

Por mui aspero que seja o Juizo , por mui rigorosa que seja a sentença , a alma mesma conhece a justiça della. Alli já não tem lugar as desculpas , nem ainda se cuida em allegar a fraqueza , nem as occasioens repentinas , nem o máo exemplo , nem a violencia da tentação ; vê , e sente entã cada hum ser sua toda a culpa , e aquelles vaõs pretextos , todas aquellas frivolas razões , que em vida allegamos para nos desculpar , ou para nos aturdir , augmentã naquelle momento a nossa dôr , e accendem contra nós mesmos a nossa colera , e a nossa indignação.

Ergo erravimus , logo tudo está perdido. O tempo , os meios para a salvação , o preço infinito do Sangue do Redemptor , tudo , tudo está perdido para mim , e tudo está perdido para sempre , pois perco ao mesmo Deos.

Há hum momento , que estava ainda em estado de me converter , eu tinha tido atéqui tantos dias excellentes , todos accommodados , e destinados para a minha conversão ; acabo de morrer sem me ter convertido , e já não estou em estado de o fazer , o meu destino he huma Eternidade infeliz.

Oh Virgem Santissima , Refugio dos peccadores , Mãe de Graça , e de misericordia : eu sou peccador , e vós já não podeis servir-me de azilo , já vos não moveis com a minha desgraça , vedes-me condemnar sem compaixão , não dizeis huma palavra em meu favor , nunca mais vos chamarei minha Mãe.

Bemaventurados moradores da Jerusalem Celestial , eu tinha direito a ter hum lugar entre vós , e eu o perdi pelo meu peccado : vós vos interessastes por mim até o ultimo momento da minha

nha vida ; mas exaqui estou agora para sempre na vossa desgraça , já não me reconheceis por membro da mesma Igreja , já não seremos mais unidos com os vínculos da caridade , já applaudis a minha sentença , e exaqui estou feito o objecto das vinganças de hum Deos eternamente irritado.

E eternamente sem a menor esperança , com huma certeza sensível , que já não tenho mais nada para esperar ! Pude salvar me , toda a vida me havia sido dada para trabalhar só na minha salvação , não o quiz fazer , morri em peccado , acabo de ouvir a irrevogavel sentença da minha perdição eterna , estou condemnado para sempre.

O mundo ainda subsiste , meus parentes , meus amigos me sobrevivem ainda , até alguns dos meus parentes gozaõ no Ceo de huma gloria immortal ; e eu estou condemnado ! E eu estou condemnado !

Oh ! e que terrivel he a justiça do meu Deos ! Oh ! e que incomprehensivel he o rigor dos seus juizos ! E que nenhuma falta tenha podido escapar aos seus olhos !

Os primeiros peccados , q̄ eu tinha confundido com as levezas da infancia , aquella liberdade de costumes , que eu tinha por huma viveza da mocidade ; aquellas injustiças diffimuladas , tantos peccados occultos , saõ agora revelados , e patenteados neste tremendo Tribunal , aonde Deos julga com a maior severidade , não sómente todo o mal , que temos feito , mas tambem aquelle , que os outros por nosso meio fizeraõ , e ainda o bem , que havemos feito com negligencia , ou deixámos de fazer , contrá o que deviamos.

Ah Senhor , que será de mim ! E que forte será a minha , se me julgais com tanto rigor , e sem misericordia ? E se os mais santos se achaõ
ainda

ainda devedores á vossa Justiça, que deve esperar hum peccador como eu?

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a que se passa no Juizo particular.

C Onfidéra o pafmo, e o horror de huma alma no momento, em que se separa do corpo, e que vai apparecer diante de Deos. O passado, o presente, e o futuro, tudo a horroriza! Oh! e que horrivel cousa he achar-nos no momento decisivo da nossa sorte eterna, com tantas razoens de temer huma infelicidade eterna, e sem remedio!

Que lamentavel he a nossa conducta! Sabemos, que havemos de ser julgados com huma severidade extrema, e que nada póde escapar á rectidão do nosso Juiz; e nós ainda damos todos os dias nova materia de accusação, em lugar de prevenir este espantoso Juizo com huma saudavel penitencia.

Obstinamo-nos para ter menos pezares, tendo menos remorsos, como se Deos não julgasse todas as cousas como em si são. Que loucura he fazer huma consciencia erronea, que lizonjea o vicio, e fomenta as paixoens? Seremos menos criminosos por ter querido ser mais cegos? Por ventura a desordem do espirito, e do coração, será a Regra dos costumes?

Que sobrefalto, ver tantos peccados graves, que se tinhaõ no mundo por escrupulos vaõs, e miudezas! Eu não as olhava como raes, direis vós: porém o vosso erro era invencivel? Vós seguistes as vossas maximas, mas não as de Jesu Christo; e aonde está entã aquella falsa segurança, em que passamos toda a nossa vida?

Deos

Deos julga a alma com huma grande severidade: mas o juizo, que ella faz entã de todas as cousas, lhe serve de hum mais horrivel tormento.

Que alta idéa não tem ella entã das infinitas bondades de Deos, quando descobre tão claramente as suas excessivas misericordias? Ella vê com a mesma claridade tudo, o que o Redemptor fez, e soffreu por seu amor; vê a admiravel providencia, e os meios facillimos, de q̄ elle a proveo para que alcançasse a salvação.

Entã vê o nada de todas as grandezas mundanas, sente a vaidade, e a vileza de todos os bens creados; e que juizo faz entã de tudo isto? Este juizo, que ella faz, comparado com a vida, que ella tem vivido, deve-a consolar muito? Certamente a consolará, se tiver sido verdadeiramente Christã. Oh, e que doce he para os Santos este decisivo momento! Que contente está huma alma quando tem sido assaz generosa, para desprezar por amor de Deos tudo, o que entã lhe parece tão desprezível! Que consolaçoens não gosta neste doce momento! Que prazer, por não ter apegado o seu coração a tudo, o que acaba de desaparecer! Que alegria de ter por premio huma felicidade, que nunca ha de acabar!

Concebei, se he possível, a abundancia das alegrias, de que huma alma he inundada, quando ouve estas palavras: Bom, e fiel servo, já que foste fiel nas cousas pequenas, entra no gozo do teu Senhor, eu mesmo sou a tua recompensa.

Que abundancia de alegrias! Que multidão de pensamentos todos tão agradaveis! Já aqui não há cruces, sacrificios, violencias, combates, ou victorias, já passou tudo o que há mais duro, e mais penoso. Graças ao Senhor! Já não temos para temer essas sollicitaçoes, os máos exemplos, e occasiões perigosas. Que sabio, que prudente-

Ve fui em me não ter desanimado ! e que feliz sou em ter agora o Ceo por herança ! Oh feliz momento , que dá principio a huma ditosa Eternidade ! Nenhum bem há já mais para dezejar daqui por diante : e nesta posse da fonte mesma de todos os bens , nenhum fim para temer. Que torrente de alegrias , e de consolação ! E pôde hum Christão , hum homem racional cuidar , ou trabalhar em outra cousa mais , do que em procurar para si hum momento tão feliz ?

Mas concebei tambem , se podeis , a dôr , a desesperação , e a raiva , em que se acha huma alma no instante , em que se pronuncia a sua sentença , e ouve dizer : Máo , e infiel servo , bem sabes quam severo devo ser neste dia : que desprezo não tens feito da minha Lei ? Que fructo tens tirado das minhas graças ? Aparta-te , maldito , de mim para o fogo eterno , que foi preparado para o Demonio , e para os seus Anjos.

Que raio ! Que horrivel sentença ! Aparta-te de mim , maldito ! E he hum Deos , que falla , e que falla como Deos. A que pezares se não entregará huma alma no momento , em que Deos a amaldiçoa ! Que dores , que desesperação , que raiva não a despedação toda ! Ella he submergida em hum mar de amargura , e em hum diluvio de males ; e logo neste momento fica sendo hum objecto de horror a todas as creaturas.

Que pensamentos ferão os de huma alma , quando ouve a hum Deos , que lhe diz : aparta-te de mim , maldita , isto he o mesmo que dizer ; desde agora te deixo de olhar como objecto das minhas misericordias , tu te fazes neste instante o objecto eterno da minha colera , já não quero ser teu Pai , e faço-me teu inimigo mortal ! Huma alma ouve tudo isto , ella treme , e fica toda turbada : porém , oh inutil turbação ! oh inutil horror !

Não

Naõ esteve o Senhor atéqui perto de nós? Que urgentes sollicitaçõens, que poderosos socorros, que graças! Mas agora Deos só se acha perto da alma para a fazer padecer, para pronunciar a sentença da sua condemnação.

Vai maldito para o fogo eterno. Que sorte! Que morada! Consideremos ainda outra vez o que sente, e que pensamentos são entãõ os de huma alma. Ah! o Inferno he a minha morada eterna, o fogo será o meu sustento, e hum fogo eterno! Naõ tenho jámais parte nos beneficios do Redemptor, já perdi todo o direito á gloria dos Bemaventurados, já lá vai toda a esperança. Oh meu Deos, que terrivéis são os vossos juizos, e que desgraça he morrer em peccado!

Vai para o fogo eterno, que foi preparado para o Demonio, e para os seus Anjos. Novo augmento de raiva, e da desesperação. Logo naõ se accenderão estes fogos para mim, eu estou condemnado totalmente por minha culpa. Ah! eu era creado para hum fim diferente, era creado para o Ceo, tinha sido resgatado com muito custo, todo o Sangue do Redemptor foi dado por preço da minha alma, Deos me tinha dado tanto tempo para adquirir a minha salvação, e eu me condemnei!

Ah! está tudo perdido para mim, e perdido sem remedio, o tempo está acabado, a Eternidade principia: e este momento, que podia ser para mim o principio de huma feliz Eternidade, o he de huma infelicidade eterna. Que desesperação! Que raiva! E raiva, que há de ser taõ viva, e taõ sensível por toda a Eternidade.

Estou condemnado, diz hum reprobado, eu tinha tantas razoens, e tantos meios para ser do numero dos Escolhidos. Estou condemnado, eu, que me distingui tanto na terra pelos empregos, pelo

pelo nascimento ; exaqui estou agora confundi-
do com todos os malvados do Univerſo ! Eu , que
fui creado em delicias , que ſó amava os prazeres ;
exaqui estou condemnado ao fogo eterno ! Todos
os tormentos ſão a minha herança , e o Inferno
a minha morada.

E ainda nos deixamos aturdir para não con-
fiderar no futuro ! Ainda nos deixamos encantar
com o presente ! E ainda não cuidamos no que
nos espera na outra vida ! Ah ! ſei que hei de
ſer ſeveramente julgado , e não trabalho em fazer
eſte juizo favoravel , e não uſo de todos os meios
para ganhar o Juiz ! Faço tudo pelo contrario , ir-
rito-o ainda todos os diás mais ; e com tudo ainda
estou deſcançado , e vivo contente !

Comque inquietaçoes não vive hum ho-
mem , quando tem huma demanda de importancia ? O deſejo de a ganhar , o temor de a perder ,
o occupaõ inteiramente. Tomaõ-se todos os con-
ſelhos , metem-se memoriaes , fazem-se todas as
ſollicitaçoes , tomaõ-se precauçoens infinitas , eſ-
tudaõ-se , e investigaõ-se todos os intentos da par-
te contraria , medita-se tudo o que há para dizer ,
eſta-se com huma grande atençaõ ao que ſe diz : e
por ventura da-me grande cuidado o Juizo , que há
de decidir a minha felicidade eterna ? Temo eu
muito ſer condemnado ? Certamente. Mas já que
eu ſou ſó o q̄ devo dar toda a materia , ſobre q̄ me
haõ de julgar , como a poſſo dar contra mim , co-
mo não tenho feito couſas , que me ſejaõ favora-
veis neste Juizo , ſe he verdade que o temo ?

Achamos as maximas de Jeſu Chriſto muito
austeras , achamos a vida Chriſtã muito violenta ,
até motejamos algumas vezes a moderaçaõ , e a
regularidade das peſſoas de virtude. Haja huma
pouca de paciencia , e logo ſe fará juſtiça a todo o
mundo. Ah meu Divino Jeſu ! depois de terdes fei-

to tanto para me salvar, não permittais que tantos suores, e tanto sangue derramado por amor de mim, seja inutil, e sem fructo.

Quid sum miser tunc dicturus? Aonde estaria eu, Senhor, se devesse nesta mesma hora apparecer diante do vosso tremendo Tribunal; eu, que sou hum desgraçado peccador, que teria para allegar? Mas em fim este terrivel dia, este fatal momento há de chegar; estarei eu aparelhado? E a quem recorrerei neste momento, em que ainda os mais justos tremem?

Meu doce Jesu, tende piedade deste miseravel peccador, que implora a vossa misericordia: não lha negueis em hum tempo, em que estais todo movido a compadecer-vos.

Recordare Jesu pie, quod sum causa tue vie, ne me perdas illa die. Lembrai-vos, Divino Salvador, que por amor de mim encarnastes, qui fui causa dos vossos trabalhos, e que vossa morte he o preço da minha alma; não deixeis perder o que vos custou tanto: julgai-me agora, eu aceito com espirito de penitencia todo o rigor da vossa sentença, em quanto estou nesta vida: porém na hora da minha morte usai comigo de misericordia, assisti-me com a vossa graça.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez
de Outubro.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do Inferno.

I. PONTO.

Do rigor incomprehensivel das penas do Inferno.

Confidera, que há hum Inferno, isto he, hum lugar destinado pela Omnipotencia de Deos, para atormentar os Anjos rebeldes, é todos os que morrem em peccado. O Inferno he o lugar aonde se unem entre si todos os tormentos, aonde a colera de hum Deos infinitamente irritado, se manifesta em todo seu rigor, hum lugar aonde Deos se applica unicamente, e emprega o seu poder para fazer padecer a hum condemnado.

Imaginai no centro da terra hum tanque de fogo, e de chammas. Os condemnados estão submergidos, estão enterrados nestas fornalhas ardentes, os seus corpos estão todos penetrados de fogo.

O fogo lhes entra pelos olhos, e ouvidos; attrahem fogo com a respiração, lanção fogo pela boca, e pelos narizes, a sua pelle estará toda abrazada, as carnes, o sangue, os humores ferverão continuamente debaixo desta mesma pelle, o cerebro ferverá da mesma sorte dentro da cabe-

ça, todos os tutanos dentro dos ossos, os ossos; e o craneo estarão abrazados, como hum ferro, que se tira do forno todo feito braza. O fogo estará em todo o corpo, e todo o corpo no fogo. Oh Deos, que tormento!

Ainda quando este fogo fosse como o nosso, sempre seria hum horrivel, e espantoso tormento: estar submergido, estar como perdido todo vivo em hum golfo de fôgos, e chammas; só este pensamento faz tremer. O nosso fogo com tudo não tem proporção alguma com o fogo do Inferno: o nosso fogo he resplandecente, o do Inferno he horrivel, e tenebroso; o nosso fogo he hum effeito do amor, e bondade de Deos; e o do Inferno he o effeito do poder irritado, e do odio infinito do Creador: assim não he só a dor do fogo, que se padece no Inferno, este fogo faz padecer ao mesmo tempo todas as dôres.

Imaginai hum enfermo atormentado de gota; ou de alguma enfermidade violenta: que dôres, que gritos! Quizera antes morrer para pôr fim ao feu mal; e com tudo elle só padece em huma parte do corpo, e todo o mundo se apressa a aliviar-lo; tem a liberdade de queixar-se, e a consolação de ver, que se compadeçem delle; que seria, se soffresse em todas as partes do corpo huma tão grande dôr, como a que padece, ou nos pés, ou nas entranhas? Que seria se em lugar de o socorrerem, de o aliviarem, o maltratassem, sem que ainda lhe fosse permittido queixar-se?

No Inferno não se soffrem só os males, que se podem padecer nesta vida: soffre-se tudo isto, mil, e mil vezes mais que tudo isto; tudo, o que se pôde padecer na alma, e no corpo; soffrem-se dores universaes, penetrantes, excessivas, e complicadas humas com outras. No meio de tantos supplicios não será permittido hem tomar,

nem

nem esperar algum alivio. Que cousa he huma gotta de agoa para hum mar inteiro de chamas? Este pouco, esta gotta, este nada lhe será absolutamente negado.

Hum enfermo ao menos se alivia mudando algumas vezes de situaçãõ, ou de lugar; mas hum condemnado estará eternamente no meio do fogo, immovel como hum rochedo.

Sempre se tem compaixãõ de hum desgraçado: no Inferno jámais entrou compaixãõ: os tormentos dos condemnados excitãõ o odio, a indignaçãõ, o horror, que há contra elles; ninguem se compadece delles, todos insultãõ a sua desgraça. Todos estes tormentos sãõ espantosos, e muito acima de tudo o que he perceptivel aos nossos sentidos.

Mas por mais horrorosos, e incomprehenfivéis que sejiãõ estes tormentos, podemos dizer, que ainda he pouca cousa em comparaçãõ dos crueis pezares, das eternas desesperaçõens, que lhes causarãõ a vista do tempo passado, e o máõ uso, que delle fizeram.

A imaginaçãõ de hum condemnado estará continuamente occupada por toda a Eternidade, em se representar vivamente a vaidade dos objectos, que o apartarãõ de Deos, o nada dos bens creados, a vileza de tudo, o q se chama respeito humanos, o nada das grandezas mundanas. Ah! dirá elle a si continuamente; por gozar de alguns prazeres inspidos, por hum momento, por satisfazer á minha vaidade, e á minha soberba, me precipitei nestas chamas, nestas fornallas eternas!

Que he feito daquelles fantasmas de gloria, de grandeza, de reputaçãõ, que me occupavaõ inteiramente, que me faziaõ esquecer da Eternidade, que eraõ o meu idolo? Que he feito daquella fortuna, a que sacrificava tudo, das assembleas de prazeres, daquelle tempo taõ precioso desperdiçado no

jogo, e nos espectáculos profanos? Que he feito das pessoas, que tanto amei, e outras, cujo poder, censuras, juizos vãos, e discursos temi tão fortemente? Ah! tudo se desvaneece, tudo desapparece com o ultimo suspiro da vida; e exaqui com tudo o que preferi á Bemaventurança eterna, o que adquirir com a perda da minha alma.

Hum condemnado lembrar-se-há, por toda a Eternidade da facilidade, que tinha, para alcançar a sua salvação, e da recompensa, que perdeu. Formoso Ceo, alegre Morada dos Bemaventurados, deliciosa Cidade dos Santos, vós ereis a minha Patria, esteve na minha mão ser hum dos vossos Cidadãos; e exaqui estou no numero dos reprobos, o Inferno he a minha morada eterna. Concebei, se he possível, que tormento caufará este pensamento: hum condemnado não poderá jámais distrahir-se delle hum só instante.

Era tão facil, diz hum condemnado, confessar aquelle peccado, tive remorsos tão urgentes, tão saudaveis sollicitações, tantas occasiões de o fazer; tive tantos annos de faude depois da minha queda, e Deos me offereceo tanto tempo a sua amizade; elle me há advertido, convidado, instado por tantos modos; em que cuidava eu? Eu, q̄ passava por homem de tanta prudencia? Que juizo foi o meu em deixar a minha conversão para a hora da morte? Que desordem! Que loucura!

Não sabia eu que isto era hum negocio, em que se perdia, ou ganhava tudo? Não sabia o que era o Inferno? Por ventura não cria eu tudo, o que vejo, e tudo, o que experimento? Sim, sabia tudo isto, lisonjeava-me de crer tudo, e condemnei-me!

Poderei eu dizer, que não cuidei nisto? Não: considere, conheci o perigo, a q̄ me expunha, tremi de horror, representando-me a desgraça infinita dos que se condemnão, e eu mesmo me condemnei!

Naõ

Não me era necessario fazer mais , do q̄ fizeraõ
 aquelle amigo meu, aquelle parente , aquelle com-
 panheiro : ah ! tinha começado taõ bem ; e me teria
 custado taõ pouco o continuar ; e ainda quando me
 houvesse de custar mais , há alguma cousa no mun-
 do , que se não devesse fazer para evitar o Inferno ?

A estas penas incomprehenfíveis , a estes mor-
 taes arrependimentos , ajuntai a vista de hum Deos
 terrivelmente irado , de hum Salvador feito inimi-
 go irreconciliavel , de hum Deos perdido para nós
 sem remedio , e perdido por hum peccado. Esta he
 a maior , e a que poem o cume a todas as penas , q̄
 padecem estas desgraçadas victimas da colera , e das
 vinganças do Omnipotente.

Seria necessario poder comprehender o que
 he Deos , para conceber , que tormento he perde-
 lo sem esperança de o recuperar. Esta perda nós mo-
 ve pouco ao presente ; mas bem differentemente jul-
 garemos della, quando effectivamente a experimen-
 tar-mos.

Cuidar eu eternamente que houve hum Re-
 demptor para mim , e que não quiz aproveitar-
 me do preço da Redempção ? Cuidar eu em o ex-
 cesso , com que Jesu Christo me ha amado , e con-
 siderar que já não posso amar a Jesu Christo , que
 já não farei mais amado d'elle , que nunca se com-
 padecerá dos meus males , q̄ não olhará mais para
 mim , senão encolerizado , e cheio de iras , q̄ suas
 maõs para mim só estarã cheias de raios, e coriscos :
 oh imagem horrorosa ! oh cruel lembrança !

Vós meu doce Jesu , meu amavel Salvador ,
 que tendes soffrido tantas fadigas para me levares
 a vós ; vós , que tendes feito tanto para impedires
 a minha perdição , estareis bem satisfeito de ver-
 me afogado neste mar de fogo ; vós, a quem eu castei
 tanto , me condemnareis sem remedio , e com tudo
 não tereis pezar disso ? Não vos chamarei já mais

meu Pai, e não serei já mais vosso filho? Jesu; nome dulcíssimo de meu Salvador, não sahireis mais de minha boca, que só se empregará por toda a Eternidade em vomitar blasfemias contra vós? Oh forte! oh desgraça incompreensível!

Ah! não me admiro, que no Inferno só hajaõ prantos, ranger de dentes, gritos de desesperaçãõ, e de raiva: hum Deos, a quem todo o Universo custou não mais que hum acto de sua vontade, está ao presente, digamo-lo assim, todo applicado, todo occupado em fazer padecer huma vil, e desgraçada creatura. Oh Deos, que castigo! Que vingança!

Isto he, o Inferno he o lugar de todos os tormentos do corpo, e da alma, dores agudissimas, chamas ardentes, cruces, rodas de navalhas, grilhoens, espadas despedaçadoras, e tudo, o que huma pobre creatura pôde padecer: o Inferno he tudo isto, mil e mil vezes mais que tudo isto, e hum condemnado só padece sempre, e em cada momento tudo isto, e mil e mil vezes mais que tudo isto.

Ha hum Inferno: e há peccadores! Ha hum Inferno: e o caminho largo, que conduz a elle, está cheio de toda a fórte de pessoas! Ha hum Inferno, os Christaõs o crem; e com tudo o Inferno está cheio de Christaõs!

Há hum Inferno, e neste instante hum infinito numero de desgraçados estão nelle todos envoltos, penetrados de chamas. Tambem he certo, que hum grande numero dos que agora vivem entre nós, serãõ algum dia precipitados nelle; he probabilissimo, que muitos dos que lem isto, e meditaõ nos tormentos do Inferno, virãõ a ser victimas infelices de suas chamas.

E por ventura serei eu hum destes? Ah! meu amavel Redemptor, vós não me remistes para perder-me: mas por ventura não destes o vosso
Sangue

Sangue tambem por esses mesmos, que estão perdidos? Temo, Senhor, e tremo: e que maior tormento, se com este temor ainda for tão desgraçado, que me condemne?

Aonde estaria eu agora, bom Deos, se tivésseis sido mais prompto em castigar-me? Aonde corria eu a precipitar-me todos os momentos, que tenho vivido em peccado. Podia morrer: porém vós me haveis sustentado com vida, e sustentando-me, Senhor, prolongando os dias, que eu emprego contra vós, vós me tendes tantas vezes salvado do Inferno, quantos saõ os momentos, que tenho vivido. Que acçoens de graças vos não devo dar? E que uso não devo fazer de hum tempo, que vós me concedeis para fazer penitencia?

Ah! meu doce Jesu, quero salvar-me a todo o custo, ainda que fosse necessario sacrificar tudo, o que possuo, tudo, o que sou, para evitar hum Inferno, para não ser precipitado nas prisoens do fogo; e pode-se fazer muito para isto? Por mais que se faça, far-se-há nunca muito?

Não permittais meu amavel Salvador, que me condemne, eu vo-lo peço pelo vosso precioso Sangue, e por tudo, o que tendes feito, e padecido por mim. Terieis vós grande gloria se me tivésseis encerrado por huma Eternidade nesses golfos de fogo? Sou eu objecto digno de tão cruel vingança?

Non mortui laudabunt te, Domine; neque omnes, qui descendunt in Infernum. Não sois amado no Inferno, não se cantaõ lá vossos louvores; deixar-me precipitar nelle, não he outra cousa mais, que augmentar o numero dos que vos aborrecem, e dos que blasfemaõ contra vós.

Quando todos os mais houvessem de perecer, eu quero salvar-me com o soccorro da vossa graça. Vós quereis, meu Deos, que me salve, con-

fi

fio na vossa infinita misericordia, e espero ter a felicidade de ser do numero dos Escolhidos.

II. P O N T O.

Da duração infinita das penas do Inferno.

C Onsidéra, que as penas do Inferno não sómente são universaes, e tão excessivas, que não se pôdem imaginar; mas também são eternas, isto he, por mui intoleraveis, e espantosas que sejam, nenhuma esperança tem os condemnados de serem alliviados já mais dellas, ou de vê-las acabar.

Que dôr, que raiva, que desesperaçã para huma alma condemnada, quando desse abyfmo da Eternidade, depois de ter ardido cem mil, e mil milhoens de annos, lançar os olhos para essa porçã, para esse pouco tempo, que viveo, e ao mesmo tempo lhe custe a achar o fim do pafmoso numero de seculos, que tiverem passado depois da sua morte, e considerar ao mesmo tempo, que por não ter querido fazer alguma violencia em huma vida tão breve, arde, padece todos os supplicios, depois de tantos milhoens de seculos, sem que possa dizer, que lhe resta hum momento menos para soffrer?

Arder nos Infernos tantos annos, tantos seculos, quantos são os minutos, que tendes vivido; esta duraçã causa horror: que será arder tantos milhoens de seculos, quantas são as gottas de agoa, que há nos rios, e no mar?

Hum condemnado terá padecido nestas abraçadas masmorras toda esta extensã incomprehenfivel de tempo; e não será ainda passado hum quarto de hora da Eternidade. Os filhos de teus filhos estaraõ enterrados, o tempo terá arruinado as casas, que tu edificaste, destruido as Cidades, em
que

que nasceste, desfeito os estados, em que tiveres vivido, o fim dos seculos terá enterrado todo o Universo em suas proprias cinzas, já teraõ passado depois do fim do mundo tantos milhoens de seculos, quantos saõ os momentos, que durou o mundo; e ainda se naõ tera diminuido nada desta espantosa Eternidade; e se es condemnado, teras tanto para padecer, quanto tinhas no primeiro momento, em que foste lançado nestas chamas.

O' Eternidade! Incomprehensivel Eternidade! Quem pôde crer em ti, e viver hum só momento em peccado, e differir hum só momento a Penitencia!

Supponhamos, que hum peccador he condemnado a arder no Inferno, até que huma formiga tenha transportado para o mar toda a area que há na praia, levando hum graõ de mil em mil annos. Ah! depois que Caim está no Inferno, este pequeno animal ainda naõ teria levado mais que seis, ou sete graõs; que seria se devesse este desgraçado padecer, até que esta formiga tivesse levado toda a terra, que o mundo enerra em si? Se devesse arder este condemnado, até que esta formiga tivesse gasto todos os rochedos, e todos os montes, passando por elles huma só vez de mil em mil annos? O entendimento se perde, e confunde nesta incomprehensivel extensaõ de tempo.

Desgraçados condemnados, infelices victimas da colera do Omnipotente, virá tempo, em que podereis dizer com verdade: Depois que ardo nestas chamas, se huma formiga tivesse levado ao mar de mil em mil annos hum só graõ de area, já teria transportado toda a area, e toda a terra do Universo, teria cavado até o centro do mundo, e naõ restaria mais nada. Toda esta espantosa duraçaõ de tempo se há passado em tormentos horrorosos; e ainda me resta huma Eternidade to-
da

da inteira para padecer: este numero infinito de mil milhoens de seculos, cem, e cem vezes principiados de novo, não he nada, comparado com esta horrorosa Eternidade.

Se tenho a infelicidade de ser condemnado, padecerei todo este tempo: poderei ainda assegurar, que todo este tempo passou mil, e cem milhoens de vezes, depois que padeço, e a duração dos meus tormentos não estará diminuta hum só momento, e ainda terei para arder, para padecer, para me consumir cheio de raiva, huma Eternidade inteira.

Oh Eternidade espantosa! incomprehenfivel, inconsideravel Eternidade! Por hum pensamento peccaminoso, que não durou mais que hum momento, tantos milhoens de seculos passados nas chamas, quantos dias se viverão, quantas horas nestes dias, e quantos minutos nestas horas! Oh Deos, que igualdade! Ah! se ao menos houvesse algum tempo, que puzesse fim a estas penas! Porém estará hum condemnado certo, que nunca, nunca estes tormentos teráõ fim: padecerá sempre, e estará seguro de sempre padecer.

Considerar eternamente no bem infinito, que perdemos, nos males innumeraveis em que nos precipitamos, nos meios faceis, e frequentes, q̄ tinhamos para os evitar; ter continuamente diante dos olhos a vaidade, e a pouca duração de tudo, o que nos apartou de Deos; as ineffaveis doçuras, que gostaríamos no seu serviço, os dissabores, e os verdadeiros trabalhos, com que grangeamos a propria condemnação; a differença, que há entre as difficuldades, que nos tiverem apartado da virtude, e as penas, que padecemos no meio das chamas; entre a duração imperceptivel de alguns insipidos prazeres peccaminosos, e a eternidade das penas, que os seguem; eternamente na imaginação

o pensamento desta espantosa Eternidade, sem poder já mais apartar hum só instante da nossa memoria este pensamento! Que tormento, ó meu Deus, que desesperação! Eu bem o conheço; e se o comprehendendo bem, como acho gosto nos prazeres? Como vivo em peccado, e dilato ainda o fazer penitencia?

Se estes pensamentos nos não convertem, se a vista destes horriueis tormentos, desta horrosa Eternidade, daquelle eterno arrependimento, nos não aparta do peccado, e de todos os vaõs passatempõs da vida, ou não somos racionais, ou não somos Christãos.

Estas terriveis verdades fizeram tantos Martyres, povoaram os desertos, enchem ainda todos os dias os Mosteiros. Que julgamos nós disto? Obraõ bem estas pessoas todas fazendo assim? Fizerão ellas bem em não perdoar a nada, em pôr tudo em obra, para evitarem o Inferno? Mas não fizeram ellas grandes cousas para se livrarem dos fõgos eternos? Essas almas puras, essas pessoas pi-as, que se privaõ dos prazeres os mais innocentes, e que vivem huma vida taõ edificativa, e taõ Christã, por ventura fazem muito para evitarem o Inferno? Para fugir a huma taõ grande desgraça, podemos fazer muito? E por mais que façamos, faremos jámais o que basta?

Dá hum homem todos os seus bens para sahir de hum carcere; a quantos trabalhos se não condemna livremente para alongar a vida? E que fazemos, ou para melhor dizer, que não recuzamos fazer para evitar o Inferno?

Só o pensamento deste lugar de horror, e de miseria faz tremer: e não tememos fazer o q̃ nos leva arrastados a elle! Até parece q̃ não queremos cuidar no Inferno, para nos precipitarmos nelle mais tranquillamente. Apartamos os olhos, quanto

quanto nos he possível , daquella duraçãõ infinita de tormentos ; tanto he certo que só o seu pensamento causa horror : e recusamos pôr-nos a caminho , e ainda dar hum só passo para nos apartar delle , nem queremos desviar-nos do caminho, que a elle nos conduz.

Ha hum Inferno : e ainda se acha gosto no peccado , e ainda se acha a virtude difficil , ainda ha pessoas Religiosas tibias , e imperfeitas , ainda ha Christãos impios , e dissolutos ! Exaqui o que parece taõ incomprehensivel como a mesma Eternidade.

Porém naõ he necessario , dizem , ser perfeito para evitar o Inferno. Naõ he necessario : mas por mais que fujamos , podemos-nos apartar muito de hum abismo de fogo , aonde tantos se precipitaõ ? Podemos tomar muitas precauçoens , muitas medidas para evitar huma Eternidade infeliz, hum Inferno perpetuo ? Por ventura perdoa-se a algum trabalho para ganhar huma demanda , para evitar o ultimo supplicio ? Que se naõ deve fazer pois para escapar do Inferno ?

Que amargosos sãõ os pezares, que ha no Inferno , que sensiveis sãõ ! Esteve na minha maõ ser taõ feliz eternamente , como sou infeliz.

Era-me taõ facil o ser santo , e naõ o sou porque naõ quiz se-lo. Meus irmaõs , meus amigos estaõ no Ceo , e eu aqui estou nos Infernos.

Murmurava daquelles , que temendo vir a ser o que eu sou , viviaõ de outra sorte do que eu : e agora , que naõ quizera eu ter feito , para ser o que elles sãõ !

Tinha por melancolicas , por estupidas , e escrupulosas as pessoas de virtude , chamava fraqueza de espirito , humor triste , e incommodo , ao recolhimento interior , á modestia , e ao apartamento de todas as cousas , e aquella regularidade edific-

edificativa. Fui tão louco que me deixei cegar até hum tal excesso! A sua pontualidade, a sua modestia os fez santos, estão agora no Ceo repassados de delicias, e eu padeço horriavelmente nestes fogos.

Que he feito (exclama então hum condemnado no meio daquellas fornalhas, e daquellas cavernas abrazadas) que he feito daquella alegria falsa, e mundana, daquelle bello humor, que me fazia murmurar de tudo? Se eu tivesse obrado como tal, e tal pessoa, com quem vivi, se tivesse obrado o que Deos me inspirava tal dia, se tivesse correspondido a tal graça, se tivesse evitado aquella occasião de peccado, se houvesse praticado aquella virtude, se me houvesse mortificado, se tivesse vivido huma vida regular, e Christã! Ah como sou infeliz! Eu poderia obrar assim, se quizesse, o meu premio seria ao presente o Ceo; e com effeito estou condemnado, está tudo perdido para mim sem remedio, estou condemnado, e condemnado para sempre: ó cruel, e espantoso pezar!

O que poem o cume a todas estas penas, he lembrar-se então huma alma, que havia considerado nestas mesmas penas, que tinha previsto os arrependimentos, que algum dia teria, se se condemnasse, e que se não aproveitou de hum pensamento tão laudavel.

Mortuus est dives, & sepultus est in Inferno. Que fim! Que sorte! Esse rico, esse feliz do seculo, esse homem de prazeres, todo inebriado nas doçuras da vida, esse rico morreo; nada o pôde izentar deste fatal golpe. Mas que he feito desse homem, depois de tirado deste mundo? Ah! O seu corpo, que elle tinha regalado tanto, he em poucas horas convertido em podridão, e esta podridão em bichos, e a sua alma está

está sepultada nas chamas. Que mudança ! Que diferença ! Sahir de huma casa sumptuosamente ornada de moveis , do meio da abundancia , das delicias , dos prazeres , e cahir no Inferno , e ser lá sepultado com todos os demais condemnados , naquellas devorantes chamas.

Quis poterit habitare de vobis cum igne ? Quem de vós poderá habitar eternamente no meio deste fogo ? Esta mulher mundana , que vive nas delicias , a quem a menor intemperança do ar inquietta , que se trata com delicadeza até o maior excesso ; esta mulher poderá habitar nestas chamas , e morar nellas eternamente ?

Esses homens de consciencia livre , que achão o jugo do Senhor muito pesado , e as Leis do Evangelho muito austeras ; poderão accommodar-se no Inferno com aquellas fogueiras ardentes , com aquelles tormentos excessivos , com aquella multidão innumeravel de supplicios , e accommodar-se com isto eternamente ?

Oh Deos , que horrivel espectaculo ! Hum grande , hum feliz do seculo no Inferno , confundido com os demonios , rodeado , envolto , penetrado todo daquellas terriveis chamas !

Hum pobre official , hum moço de servir , hum escravo depois de ter passado os seus dias na miseria , e em continuos trabalhos , condemnado ainda depois da sua morte ás chamas eternas !

Hum homem sabio , hum homem de grande talento , que brilhou , que se distinguio tão fortemente no mundo , pelo seu merecimento ; sepultado no Inferno eternamente !

Que lamentavel cousa será ver hum Sacerdote , respeitavel aos mesmos Demonios pelo seu caracter , que se nutrio tanto tempo com o Sangue adoravel de Jesu Christo , que foi o Dispenseiro deste precioso Sangue , q̄ tira os peccados do mundo ,

do , ser condemnado , vomitar eternamente mil blasfemias contra o mesmo Jesu Christo nos Infernos.

Hum Ministro da palavra do Senhor , que converteo tantos peccadores , que clamou com tanto zelo , e ardor contra os que se condemnaõ , ver-se elle mesmo condemnado ! Que horror ! Que cruel tormento !

Finalmente , que triste cousa será , ver , que hum Director tão illustrado nos caminhos de Deos , tão rigido nas decisõens , tão zeloso da salvaçaõ das almas , seja reprovado !

Ah Senhor ! e que será , se eu mesmo , que medito isto , venho a ser algum dia este desgraçado , se tenho de lembrar-me algum dia de tudo isto no meio das chamas ! Eu tremo , e me encho de horror. Ah meu Deos ! que devo esperar racionalmente , se me não converto neste momento ?

He possivel que não cuidemos no Inferno , ou que nos não convertamos , se cremos nelle ? Podem se estamos já convertidos , para que he necessario , dizem , considerar nelle ? He necessario , para impedir o perverter-nos. Os maiores Santos , essas almas puras , e abrazadas de puro amor de Deos , esses Heroes do Christianismo , julgaraõ que lhes era necessario considerar nelle ; só o seu pensamento os fazia tremer , e com tudo consideravaõ muitas vêzes nelle , para lhe ter ainda mais horror : e achar se-haõ pessoas , das que fazem profissaõ de virtude , e ainda Religiosas , a quem o pensamento do Inferno não pareça necessario ! Quando succedeu , que por termos maiores contas para dar , tenhamos menos que temer ; e que por termos mais obrigaçoens para cumprir , tenhamos menos razãõ de temer os castigos ?

Vós tinheis bastante razãõ , Senhor , de nos dizer , que o Inferno he o unico mal , que há para temer ; porque que me importa ser honrado ,

e estimado, viver na abundancia, e nas delicias; se me condemno? E que importa que eu viva huma vida obscura, e mortificada, que seja esquecido, desprezado, e perseguido, com tanto que não seja condemnado?

Ah, meu Deos! se quereis castigar os meus peccados, estais ainda em tempo disso, em quanto dura a minha vida; tenho hum corpo, e huma alma capazes de padecer: vingai-vos, castigai este peccador, he bem justo: mas não me condemnéis ao fogo eterno. Peço-vos, Senhor, e peço-vos nos dias das vossas misericordias, castigai este rebelde tão severamente, quanto vos agradar; mas seja neste tempo, que passa, e não na Eternidade: por mui grandes, por mui severos que sejam os vossos castigos, ainda louvarei a mão, que me ferir nesta vida; mas não permittais, ó Pai de misericordia, que eu me condemne.

Aqui nesta vida ao menos posso, com os merecimentos de Jesu Christo, satisfazer á vossa Justiça, esperar na vossa Misericordia, louvar-vos, e amar-vos: porém que consolação tereis vós de me ver no Inferno, sepultado nas chamas, consumido de raiva, e de desesperação, aborrecer-vos, amaldiçoar-vos, e vomitar eternamente contra vós blasfemias horriveis?

Ah Senhor! não me tereis dado tempo de considerar nas penas do Inferno, senão para augmentar a dôr, e o pezar, que terei algum dia de me ter condemnado, depois de haver meditado nestas mesmas penas?

Lançai os vossos misericordiosos olhos, Pai Eterno, para este pobre peccador: eu ainda estou tinto no Sangue de Jesu Christo vosso Filho, e em virtude deste Sangue, ó meu Deos, eu vos peço misericordia.

Vós me haveis resgatado por hum preço mui
alto,

alto, e por isso não podereis deixar de ser sensível á minha perda.

Domine, quid me vis facere? Que quereis, Senhor, que eu faça para me salvar? Prompto estou a obedecer-vos em tudo sem restricção, e sem reserva. Ajudai-me com a vossa graça, meu doce Jesu: e se me haveis de castigar, seja neste tempo, que passa, e não por huma infeliz Eternidade. Hic ure, hic secca, dummodo in aeternum parcas.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Outubro.

Dos fructos da Penitencia.

I. PONTO.

A Penitencia he necessaria a toda a sorte de pessoas.

C Onsidéra, que só pelo caminho da mortificação, e penitencia, se vai ao Ceo. Jesu Christo não nos mostrou outro: Os Santos, aquelles mesmos, que tinhaõ sido santificados, e confirmados em graça no ventre de sua Mãi, não tiveraõ outra estrada.

He erro grande crer, que a penitencia he só necessaria aos grandes peccadores; e não he outro menor, imaginar que a mortificação só he para as pessoas perfectas. Se somos peccadores, estamos obrigados a fazer penitencia, para apylacar a Justiça de Deos com ella, e obter da sua misericordia perdão dos nossos peccados. Se somos taõ felices, que nunca perdemos a innocencia, tambem nos he necessaria.

cessaria a penitencia, para conservarmos este precioso thesouro. Nós temos peccados, nós podemos peccar: exaqui dous poderosos motivos, que obrigaõ a viver huma vida penitente, e mortificada.

Pode-se racionalmente crer, que a Penitencia he só para os Religiosos, e que a mortificação só deve reinar nos Claustros? Todos convém que se perca muito mais no mundo, e que há nelle mais perigos de peccar.

Bein se reflecte que as pessoas Religiosas, a quem se deixa o exercicio da Penitencia, entraraõ a maior parte na Religiãõ com a sua innocencia: e com tudo os mundanos, que confessãõ ter cõmettido hum grande numero de peccados, e de peccados taõ graves, que estaõ em hum continuado perigo de cõmetter novos peccados, quẽrem persuadir-se que a Penitencia, e a mortificação lhes naõ pertence?

Quando naõ tiveramos mais que domar as nossas paixoens, poderiamos racionalmente esperar vir ao fim disto, sem a pratica da mortificação? E quem pôde esperar salvar-se, se naõ trabalha em vencer suas paixoens?

He artigo de Fé, que só os que se fazem violencia entraõ no Ceo: e pretendemos entrar lá sem mortificação? A vida do homem sobre a terra he huma guerra perpetua; porque a carne, como diz S. Paulo, tem desejos contrarios ao espirito; e sem o exercicio da Penitencia, que esperança há de vencer?

Nada negamos á sensualidade, temos hum cuidado excessivo do proprio corpo, seguimos a olhos fechados todas as inclinaçoens da natureza, as paixoens nos dominaõ, os objectos nos tentaõ, e vivemos sem temor no meio do mundo, expostos como estamos aos maiores perigos.

Ou devemos dizer, que os que vivem deste modo,

modo, não são da mesma natureza, que os outros homens, que são confirmados em graça, e que o inimigo do Genero humano os respeita, e teme tenta-los: ou devemos assentar, que elles correm grande risco de viverem, e morrerem em peccado. Ah! o Ceo custa tão caro ás almas mais generosas, e abraçadas no amor Divino, e nada, ou quasi nada há de custar aos mundanos?

S. Paulo castiga asperamente o seu corpo: acrescenta ao que lhe fazem padecer os que o perseguem, austeridades voluntarias, com temor que ao mesmo tempo que converte os outros, se perverta a si mesmo: e aquelles, que se não atreverião a crer-se tão santos como hum S. Paulo, julgarão poder passar sem o frequente exercicio da Mortificação?

Por ventura erão os Santos mais frageis que nós? Pertendião acaso outra recompensa? Tinhaõ outro Capitaõ, a quem seguir? Terião elles outro guia, servião a outro Senhor? E por ventura he a nossa vida semelhante á sua? He ella conforme á de Jesu Christo, de quem nos chamamos discipulos? Se alguém quer vir em meu seguimento, diz este Divino Salvador, renuncie a si mesmo, e tome sua Cruz todos os dias. Seguimos a caso esta lição, obedecemos a este Oraculo?

A verdadeira mortificação he inseparavel da verdadeira piedade: não sómente porque não há virtude, que possa subsistir muito tempo sem huma mortificação generosa, e constante; mas tambem, porque sem mortificação, não há virtude verdadeira.

Temos muita razão de desconfiar do frequente uso dos Sacramentos, em quanto as paixões estão sempre vivas: a Oração, a pratica das boas obras, tudo he suspeito em pessoas, que não trabalhão em mortificar-se.

Parece que não he o trabalho, o que nos desgosta deste exercicio, mas sim o motivo: porque, que não soffremos nós no serviço do mundo? Ah! se Deos pedisse aos que o servem, tudo, o que o mundo pede aos seus escravos, não sei se se achariaõ muitos Servos de Deos.

Que violencias não fazem, e quantas não estão obrigados a fazer todos os dias a si mesmos, os que tem interesse de se fazerem agradaveis áquelles, de quem esperaõ algum favor? Que mortificação mais aspera, e mais continuada, que a de hum Cortezaõ, de hum mercador applicado ao seu negocio, de hum soldado no exercito, de hum sabio ambicioso? Com tudo, todos estes não se desgostaõ do trabalho: mas se he necessario fazer a menor violencia por amor de Deos, tudo custa, tudo parece insupportavel. Perde-se o animo a ouvir só o nome de mortificação, desde que se mortificaõ para agradar a Deos.

Que sentimentos bem diferentes teremos á hora da morte, quando nos puzerem diante dos olhos a imagem de Jesu Christo Crucificado? A vista da Cruz nos dará em rosto com a delicadeza da nossa vida, e reprehenderá a pouca conformidade, que tiver havido entre nós, e aquelle, que he o modelo de todos os predestinados: ella nos fará detestar, mas já mui tarde, a vida molle, e sensual, que tivermos vivido: quaes serãõ os arrependimentos infructuosos, que entãõ teremos de não haver feito fructos dignos de Penitencia, e de nos não ter mortificado?

Na hora da morte a todos os moribundos se appresenta hum Crucifixo: mas, oh meu Deos! Por ventura recebem todos os moribundos muita consolação com a sua vista? He possivel, meu Salvador, que a mortificação, que tanto suavizastes, só pareça insupportavel, quando se abraça á

vós,

vossa imitação, e por vosso amor? Que seria se vós pedissemos de vossos Servos tudo, o que o mundo pede dos seus? Que seria, se para a propria salvação fosse precisamente necessario fazer, e padecer, o que se faz, e padece para caminhar á perdição? Ah, Senhor, vós me pedis ainda menos, do que o mundo me pede, menos, do que eu faço por amor d'elle, e por amor de mim todos os dias: e recuzarei darvos este pouco, que me pedis, sendo necessario para a minha salvação, tendo eu merecido mil vezes mais por meus peccados, pedindo-o vós só, para me livrar das penas, que mereço? Que! Recuzarei levar a Cruz com vósco, seguir-vos, e fazer o que todos os maiores Santos fizeram para vos immitar, e para se fazerem Santos? *Mibi ab sit gloriari, nisi in Cruce Domini nostri Jesu Christi, per quem mihi mundus crucifixus est, & ego mundo.* Não permita o Senhor, que eu me glorie em outra cousa mais, do que na Cruz de nosso Senhor Jesu Christo, por quem o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.

II. P O N T O.

Quaes devem ser os fructos desta Penitencia.

Considera, que por fructos de Penitencia não se entendem sómente as macerações do corpo; mas principalmente a mortificação das paixões, e a reformação dos costumes. Estes são propriamente os fructos; que Deos espera da nossa contrição, e da nossa penitencia. Por estes signaes podemos conhecer, se fazemos bom uzo dos Sacramentos, se temos huma verdadeira dor de nossos peccados, e se somos fieis á Graça.

Os Sacramentos; a Oração, as boas obras, são grandes meios para chegar á Perfeição: po-

rém se com tão poderosos meios sempre ficamos imperfeitos, sempre soberbos, tão colericos, invejosos, impacientes, e insupportaveis aos outros, como sempre havemos sido, devemos fazer bem pouco caso do uso, que fazemos de todos estes meios.

As austeridades corporaes são hum acto de Penitencia: mas o fructo desta penitencia exterior deve ser sujeitar as paixões, reprimir a inclinação viciosa, e as desordens do amor proprio.

De que serve confessar tantas vezes as faltas, se em hum anno inteiro nos não corrigimos de huma só? Não basta detestar os peccados, he necessario ter resolução de os não cometer mais: esta resolução pode ser sincera, se não encerra em si a vontade de evitar até as menores occasiões de peccar? E o effeito desta vontade he propriamente o que se chama fructo de Penitencia.

Na verdade, se não conhecessemos a efficácia do Sacramento da Penitencia, senão só pelos effeitos, que faz em nós, teriamos huma alta idéa deste Sacramento? E quanto he para temer, que acostumando-nos, por não sei que negligencia, e principalmente por falta de contrição, a não aproveitar-nos desta fonte de graças, se fação os nossos males incuraveis?

A vida de hum Religioso he hum exercicio continuado de penitencia: que desgraça para este Religioso viver huma vida austera, e penitente, sem tirar della fructo algum? E q̄ fructo pôde tirar da sua penitencia hum Religioso cheio do espirito do mundo, e que vive tibio, e relaxado? Que grande culpa he a nossa, quando não queremos gostar os fructos da Cruz, que levamos? Nós não padeceriamos mais, e ainda até soffreriamos muito menos, se a levassemos com fervor; pois que estes fructos são cheios de huma verdadeira doçura: não

gost.

gostamos esta doçura, porque buscamos fóra da Cruz a propria satisfação.

Não he certo que todos tem muito que padecer nesta vida? Achão-se cruces em toda a parte, aquelles mesmos, que vivem mais á sua satisfação, e á sua vontade, não estão isentos dellas: sofframos ao menos com paciencia, unamos nossos trabalhos com os de Jesu Christo, nós não soffreremos mais, do que soffremos, e nossos trabalhos não serão sem fructo.

O exercicio constante da mortificação, he tambem hum fructo de Penitencia. Meu Deos! que vantajem, que utilidade se não pôde tirar deste exercicio! Não ha nada, que nos não possa fer huma occasião de contrariar as nossas inclinaçoens naturaes. Não ha tempo, nem lugar, que não seja proprio para nos mortificar, que nos não dê alguma materia de paciencia, sem jámais nos apartar-mos das regras da verdadeira prudencia. Ah! huma alma, que ama verdadeiramente a Jesu Christo, he engenhosa em aproveitar-se destas pequenas occasioens.

Temos grande desejo de ver, ou de fallar em certas circumstancias: que utilidade em taõ em abaixar os olhos, ou calar-nos! Huma palavra dita a proposito, huma zombaria feita com agudeza, pôde dar honra na conversação: porém não pôde ella tambem ser materia de hum excellente sacrificio? Não há quasi hora no dia, em que não tenhamos occasião de nos mortificar; ou estejamos affentados, ou em pé, nunca deixaremos de achar hum lugar, ou huma postura pouco cômoda, sem que se deixe ver cousa alguma no exterior.

Finalmente ás incommodidades, que nos vem do lugar, da estação do tempo, das pessoas, sendo soffridas de huma maneira, que faça crer, que não as sentimos, e com hum espirito Christão,

verdade he que são occasioens pequenas de nos mortificar; mas a mortificaçã nestas pequenas occasioens não he pequena: ella he de hum grande merecimento, e póde-se dizer, que as maiores graças, e a mais sublime santidade, dependem ordinariamente da generosidade, com que nos mortificamos constantemente nestas pequenas occasioens.

Não nos dispensar em nada das obrigaçoens de huma Communidade, guardarmos suas regras com grande exactidã, conformar-nos em tudo com a vida commua, sem attender ás proprias inclinaçoens, e aos proprios empregos; ás dignidades, ou aos annos; tudo isto são preciosos fructos de mortificaçã, tanto mais consideravel, quanto he menos sujeita á vaidade, e mais conforme ao espirito de Jesu Christo.

Todos estes são verdadeiros fructos de Penitencia; e porque não produzimos muitos destes fructos? Huma dor, huma enfermidade, a perda de huma demanda, huma adversidade, hum accidente molesto, não deixarão de nos affligir, por mui rebeldes que sejamos ás ordens da Providencia: mas se fazendo-nos mais Christãos, e mais sujeitos a tão saudaveis castigos, os acceptamos com resignaçã; elles se nos fazem meritorios, e nos servem para satisfazer á Justiça de Deos.

Tambem há outra especie de fructos de Penitencia, mais necessaria, e sem a qual todas as outras servirão pouco para a Eternidade: que he a reformaçã dos costumes, e a victoria da paixão dominante. Observemos que paixão he a que nos domina, qual he em nós o habito mais arreigado, que nos faz obrar, o peccado, que nos he mais ordinario e familiar, e que de algum modo he a fonte de todos os outros; qual he a origem de todas as falsas maximas, que praticamos em

materia de consciencia. Todos os outros vicios nos podem ser como estranhos; mas a paixã dominante faz o nosso proprio caracter. O fructo de huma verdadeira conversã, he cortar o vicio, que reina em nós, he conceber hum santo horror a essa paixã, que nos senhorea, para a combater depois incessantemente; só esta victoria nos poem em seguro, contra as mais fortes tentaçoes do inimigo. Bem facilmente fazemos guerra a outros vicios, mas perdoamos ordinariamente a este: e exaqui o que impede tirarmos fructo da nossa Penitencia.

Ah meu Deos! que esperamos nós para produzir algum fructo? Que penitencia me não he necessario fazer, para expiar meus peccados? Espero faze-la nos Infernos? Ou ao menos, julgo melhor padecer no Purgatorio penas horrorosas, e sem merecimento, do que satisfazer á vossa Justiça nesta vida com penitencias taõ leves, as quaes vós com tanta bondade, Senhor, quereis levar-me em conta para a Eternidade?

Que espero eu para poder produzir os fructos de Penitencia? Vós nos cultivais com tanto cuidado, temos sido como transplantados a huma terra regada com as vossas lagrimas, meu Divino Jesu, regada com o vosso proprio Sangue: até quando vivirei huma vida infructuosa? Nós trabalhamos, e padecemos muito, mas porque nos apartamos da vossa Cruz, não tiramos fructo algum dos nossos trabalhos.

Estou resolute, Senhor, a não deixar cousa alguma, para largar huma vida taõ esteril. Nada posso sem a vossa graça, mas com ella tudo posso, e já que me dais ainda tempo para fazer penitencia, não permittais que eu abuse d'elle, estando resolute, como estou, a principiar neste momento a produzir fructos dignos de Penitencia

cia, e a ser verdadeiramente vosso discipulo; levando com vosco, e por amor de vós, a minha Cruz. *Mibi vivere Christus est, & mori lucrum.*

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Outubro.

Do Sacramento da Extrema-Unção.

POr muito efficaç que seja o Sacramento da Extrema-Unção para nos alcançar huma boa morte, he para temer que hajaõ poucos, que se aproveitem da sua virtude. Como se considera pouco nelle, e se recebe só na extremidade da vida, he perigoso que faltem as disposições necessarias para tirar delle todo o fructo. As pessoas de virtude estão neste perigo assim como os outros: julgamos pois que era conveniente, fazer ao menos huma vez no anno algumas reflexoens sobre hum meio taõ util, e isto he o que nos obrigou a pôr aqui huma Meditação sobre este Sacramento.

I. PONTO.

Do fim do Sacramento da Extrema-Unção.

Considéra quanto Jesu Christo deseja a nossa salvação; não sómente elle instituiu o Sacramento da Penitencia, como hum soberano remedio para farar todas as enfermidades da alma: mas conhecendo quantas faltas escapã ás nossas luzes no espaço de toda a nossa vida, e sabendo quanto necessita hum moribundo de socorros, no tempo mais perigoso para a sua salvação, instituiu o

Sal-

Salvador este ultimo Sacramento, cujo fim he principalmente perdoar os restos dos peccados, que ainda não foram expiados, foster, e fortalecer a alma contra os furiosos ataques do inimigo, animar a sua Fé, e a sua confiança; e se a vida ainda he necessaria ao moribundo para a salvação da alma, este Sacramento tem virtude particular para lhe tornar a dar saude.

E conhecem-se acaso os effeitos deste Sacramento? Conhece-se o seu fim? De que utilidade, de que importancia não he para nós, conhecermos estes effeitos para os receber? E quem he, que cuida nelles?

Olha-se este ultimo Sacramento como hum Mysterio de máo agouro; o temor, que há de o receber, faz, que se receba ordinariamente sem fructo. Só a palavra de Extrema-Úneção, he hum sentença de morte para hum enfermo, ninguém se atreve a propor-lhe a necessidade de recebe-la, todos se enchem de pavor affim que se falla nella, espera-se a ultima extremidade, isto he, quando o enfermo não tem já nem sentidos, nem conhecimento: e então com que disposições Senhor, se recebe este Sacramento?

O inimigo da nossa salvação faz todos os esforços; para nos fazer inutil este poderoso soccorro: e podia elle acertar com meio melhor, do que inspirando-nos este vão horror? E deixar-nos-hemos prender dos seus laços? Bem sabe elle que este Sacramto nos provê de armas para o vencer, em hum tempo, em que tanto nos importa não ser vencidos d'elle; nada deixa para nos impedir que o recebamos, ou ao menos para nos obrigar a que o não recebamos, senão quando não estamos já em estado de tirar d'elle quasi fructo algum: está bem clara a sua astucia, e a sua malicia; e com tudo há poucos que se não deixem enganar, e surprender d'elle.

Estan-

Estando algum de vós enfermo, diz San-Tiago, mande vir á sua presença os Sacerdotes da Igreja, para que orem sobre o enfermo, ungiendo-o com o Oleo sagrado em nome do Senhor, e a Oração da Fé salvará o enfermo, o Senhor o aliviará, e se tiver alguns peccados lhe serão perdoados.

He preciso haver huma grande indiferença a respeito da salvação, para não haver recurso a hum remedio tão efficaz, assim que huma pessoa se vê em perigo, e para o não pedir com ancia. A pouca fé, que temos nos Sacramentos, e nas Orações da Igreja, impede de ordinario o seu effeito.

Donde procede que há tão poucas curas entre os enfermos? Dizia o Profeta: he porque tendes mais fé nos remedios humanos, que na virtude do Altissimo. Ah Senhor! não temos nós mais razão para nos reprehender deste modo? temos tanta confiança nos remedios de hum Medico, que julgamos sabio, e instruido; e que caso fazemos dos que vós nos dais? Atrever-nos-hemos a duvidar da sua efficacia? e não devemos temer tudo das nossas más disposições, e principalmente da nossa pouca Fé?

Que doce consolação, e que abundancia de graças não receberia hum moribundo, que instruido perfeitamente das santas ceremonias, com que se administra este Sacramento, comprehendesse o sentido das orações, que o Sacerdote faz sobre elle, e que fazem por elle os assistentes!

A paz seja nesta casa, diz o Sacerdote entrando na camara do enfermo; e com todos os que habitão nella, se lhe responde. Que socego, que tranquillidade não experimenta então hum coração cheio de confiança naquelle, a quem obedecem os ventos, e os mares? E o inimigo da paz, que trabalha então mais que nunca, para

excitar a turbaçãõ em huma alma, pôde levantar-se á vista daquella Cruz, que se dá a beijar ao enfermo? E naõ fica elle bem longe, lançado fóra da caza com a agoa benta, que na cama, na caza, e em todos os assistentes se espalha? Nenhuma cerimonia há na Igreja, que naõ seja saudavel a quem se sabe aproveitar della.

Mas q̃ cousa mais cheia de consolaçãõ, que as oraçoens, que se fazem sobre o enfermo!

Todo o nosso remedio, todo o nosso soccoro nas nossas necessidades, he em nome do Senhor, diz o Sacerdote: do Senhor, se lhe responde, que creou o Ceo, e a Terra. Julgai se a nossa confiança he bem fundada, e se aquelle, a quem todo o Universo naõ custou mais que huma palavra, naõ nos poderá assistir poderosamente nas nossas enfermidades. O Senhor seja com vosco, continua elle, e se lhe responde: seja tambem com o vosso espirito, pois que naõ fazeis cousa alguma, que naõ seja em seu nome, e como seu Ministro.

Fazei, meu Senhor Jesu Christo, profegue o Sacerdote, que a felicidade eterna, que a prosperidade Divina, que huma alegria socegada, que huma fructuosa charidade, que huma faude inalteravel, e eterna entrem com nosco nesta caza. Nenhum espirito máo se attreva já a apparecer neste lugar, os Anjos de paz se achem nelle em turmas, e toda a maligna discordia seja para sempre delle desterrada. Fazei resplandecer sobre nós, Senhor, a virtude do vosso Santo Nome, e abençoai tudo, o que vamos a fazer, e sem olhares para a nossa baixaza, santificai as funçoens do nosso Ministerio, vós, que sois a mesma Santidade, e Bondade, e que viveis, e reinais por todos os seculos dos seculos.

De quantas reflexoens todas cheias de con-

solução, nos não enriquecem estas Orações! E que grandes auxilios tira dellas na hora da morte huma alma Christã, a quem ellas não são novas, e que tem tido o cuidado de as meditar em vida!

Peçamos, continúa o Sacerdote, e supliquemos a nosso Senhor Jesu Christo, que abençoando esta casa, e todos os que nella habitão, espalhe, e derrame aqui os seus favores em abundancia, e lhe dê hum Anjo para ter cuidado delles, e que os una sempre cada vez mais no seu serviço, para descobrirem sempre mais as maravilhas da sua Ley, que aparte longe delles tudo, o que lhes pôde fazer mal, que os livre de tudo, o que lhes pôde causar temor, e tûrbar o seu repouso, e que se digne de os conservar sãos, e tranquillos nesta habitação, elle, que sendo Deos, vive com o Pai, e Espírito Santo, por todos os seculos dos seculos.

Ouvi-nos, Senhor, Pai Santo, Deos Eterno, e dignai-vos mandar dos Ceos o vosso Santo Anjo, que guarde, e favoreça, proteja, visite, e defenda de todos os perigos aos que aqui habitão: por nosso Senhor Jesu Christo. Amen.

Que admiravel he Deos! Sabendo que pouco pôdem cuidar os enfermos em receber este Sacramento, excita com o interesse, para o dizer assim, todos, os que estã na mesma caza, e os obriga a procurarem para o moribundo hum bem, que adquire para elles mesmos tão grandes graças. Que falta, e que perda não fazem aquelles, que por huma falsa ternura, e por consideraçoes todas humanas, faltaõ a esta obrigação de charidade?

O *Confiteor*, que se reza, diz-se em nome do enfermo: e não deve esta Oração excitar nelle hum vivo arrependimento dos seus peccados, e aquella verdadeira compunção, que pede este Sa-

cra-

ramento? Esta he a utilidade, que ha quando elle se recebe com conhecimento, e com hum espirito, e hum coraçãõ pio. E ao mesmo tempo, quanto se não arrisca, e perde quando o recebemos quasi sem preparaçaõ, e ainda muitas vezes sem sentidos, e sem conhecimento?

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, profegue o Sacerdote, fazendo tres cruces sobre o enfermo; todo o poder do maligno espirito se aparte de vós pela imposiçaõ de nossas maõs, e pela invocaçaõ de todos os Santos Anjos, Archanjos, Patriarcas, Profetas, Apostolos, Martyres, Confessores, Virgens, e de todos os Santos juntos. Amen.

Quando se considera que o que falla desta forte he o Ministro dos Altares, Sacerdote de Deos vivo, que pelo seu caracter tem poder de mandar aos Poderes do Inferno, e fazer que lhe obedeçaõ; cuja voz se faz ouvir até no Throno de Deos, todas as vezes que elle exercitar as funcões do seu Ministerio; poderemos deixar de chorar a forte daquelles, que desprezaõ receber este Sacramento, ou que se horrorizaõ com estas sagradas ceremonias?

Ah Senhor! nestes perigosos momentos, de que depende a felicidade eterna, nesta extremidade da vida, em que os inimigos da salvaçaõ nos acommettem com tanta violencia, desprezar receber auxilios taõ poderosos, sentir quam fracos somos, temer os combates, e recuzar tomar as armas, não he o mesmo que querer ser vencido?

Mas consideremos a Unçaõ sagrada, e as poderosas palavras, que fórmaõ este Sacramento. Como pelos sentidos vem as chagas á nossa alma, tambem sobre as partes do corpo aonde estaõ os cinco sentidos, e por onde se há podido peccar, he que se faz esta Unçaõ.

Quant

Quan-

Quantas vistas contagiosas em quanto dura a vida! Quantos discursos máos, ou ouvidos, ou proferidos! Quantos passos desordenados! Quantas satisfaçoens illicitas dadas a todos os sentidos! Por mui exemplar que tenha sido a vida, meu Deos, ainda fica que expiar: e este he o effeito singular deste Sacramento.

O Senhor por esta santa Unção, e pela sua piedosissima misericordia, vos perdoe os peccados, que tendes commettido pelos olhos. Amen.

O Senhor por esta santa Unção, e pela sua piedosissima misericordia, vos perdoe todos os peccados, que tendes commettido pelo sentido do ouvir. Amen.

O Senhor por esta santa Unção, e pela sua piedosissima misericordia, vos perdoe todos os peccados, que tendes commettido pelo sentido do olfato. Amen.

As Unçoens, que se fazem sobre as mãos, sobre os pés, sobre a boca, significão o mesmo: e como os Sacramentos conferem sempre a graça, que significão, quando a pessoa, que os recebe, está em Graça, e disposta; que utilidade para hum moribundo, poder acompanhar todas estas sagradas Unçoens com hum vivo arrependimento dos seus peccados, e com huma compunção verdadeira! He pois este Sacramento para temer, ou para desprezar?

Considerai o grande numero de reflexoens, e doçuras espirituaes, que nos alcançaõ as Oraçoens, que acompanhaõ esta sagrada cerimonia.

Senhor, diz o Sacerdote, tende compaixão de nos; Jesus Christo, tende compaixão de nós.

Senhor tende compaixão de nós.

Com a continuacão de ouvir pronunciar estas palavras, estamos acostumados a ellas; mas o uzo frequente das boas cousas sempre he util a quem

quem se quer aproveitar dellas. Huma alma verdadeiramente Christã, por pouco q̄ esteja attenta a ellas, sempre acha nestas santas palavras huma nova Unçãõ.

Acabada a oraçãõ Dominical, considerai quanto consolarãõ a hum enfermo as Oraçoens, que se fazem por elle.

Dignai-vos, meu Deos, de dar a saude ao vosso servo, que tem toda a sua confiança em vós. Naõ lhe negueis o auxilio, que elle espera da vossa misericordia, o qual só vós lhe podeis dar.

Servi-lhe de escudo, Senhor, contra os insultos do inimigo da sua salvaçãõ, para que o tentador naõ lhe possa já mais fazer mal.

Senhor, ouvi a minha Oraçãõ, e a minha voz chegue á vossa presença.

Meu Deos, e meu Senhor, que distestes pelo vosso Apostolo San-Tiago: Estando algum de vós enfermo mande vir os Sacerdotes da Igreja, para que orem sobre elle, fazendo-lhe a Unçãõ do oleo em nome do Senhor, e a Oraçãõ da Fé salvará o enfermo, e se tiver alguns peccados lhe serãõ perdoados: Aliviai, nós vo-lo supplicamos, oh nosso Redemptor, aliviai as enfermidades deste enfermo, curai as chagas da sua alma, e perdoai-lhe os seus peccados. Livrai-o de todas as suas dôres do corpo, e da alma, dai-lhe por vossa bondade huma boa, e perfeita saude, tanto da alma, como do corpo, para que restabelecido por hum effeito da vossa misericordia, se applique melhor, do que o tem feito, a todas as suas obrigaçoens? Esta he a graça; que vos pedimos a vós, que, sendo Deos, viveis, e reinais com o Pai, e Espirito Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.

Nós vos pedimos tambem, Senhor, que laiceis os vossos misericordiosos olhos sobre o vosso servo opprimido de enfermidades, que deis hum

novo vigor á sua alma , que creastes , para que aproveitando se daqui por diante destes castigos , reconheça que só a vós deve a sua salvação , e a sua faude : nós vos pedimos esta graça , em nome de nosso Senhor Jesu Christo.

Em fim , Pai Omnipotente , Deos Eterno , meu Senhor , que sois a mesma santidade , já que espalhando nos corpos enfermos a graça da vossa benção , conservais a vossa creatura com novos signaes de bondade ; dignai-vos fazer-vos propicio á invocação do vosso Santo Nome , para que tendo livrado o vosso fervo de todas as suas enfermidades , e tendo-o restituído á faude , o torneis a levantar com a vossa misericordiosa mão , o sustenteis com a vossa virtude , o defendais com o vosso poder , e o deis á vossa Igreja com tanta prosperidade , como elle póde desejar: nós vos pedimos esta graça em nome de nosso Senhor Jesu Christo.

Exaqui quaes são as Orações, que se fazem , e de que temos tanto medo ; exaqui qual he o Sacramento da Extrema-Unção , o qual procuramos com tão pouco cuidado , porque não conhecemos a sua efficacia. Ah Senhor ! he justo que morramos de fome , como diz o Profeta , se estando no meio da abundancia , e no meio do mesmo Christianismo , havemos de ter pensamentos tão pouco Christãos !

II. P O N T O.

Reflexões sobre o fim , e ceremonias do Sacramento da Extrema-Unção.

Confidera que mal correspondemos ás bondades do nosso Deos : se há algum tempo na vida , em q̃ necessitemos mais de hum auxilio extraordinario , he na ultima enfermidade. O Salvador mui-

Muito bem sabe isto, e assim inspira á Igreja Oraçoens particulares para este tempo, institue mesmo hum Sacramento destinado principalmente para estas urgentes occasiões. Se o Salvador nos houvesse desamparado nesta extremidade, que queixas não formaríamos d'elle? Elle com effeito se lembrou desta terrivel extremidade, elle a tem provido da maneira a mais efficaz. Os peccados, que não foram inteiramente expiados, os esforços do tentador, a oppressão, em que nos poem as enfermidades, nos devem causar hum grande medo; o Salvador nos dá hum Sacramento, que apaga os restos dos peccados, que desfarma o nosso inimigo, que alivia as dôres do corpo, que dá huma nova força á alma; e ainda há quem o não queira? Fallar nisto a hum enfermo, he horrorisa-lo, e só se recorre aqui quando o enfermo não está já em estado de se aproveitar deste saudavel soccorro, e ainda muitas vezes no momento, em que expira.

Houve já mais algum medo mais irracional, ou algum terror mais vão? Que cousa há que nos cause medo neste Sacramento?

São por ventura as Oraçoens? Ah! há nelle cousa de maior consolação, que as oraçoens, ou cousa, em que tenhamos mais interesse? Pede-se para o enfermo, que o Senhor se digne de lhe dar saude; que lhe perdoe os peccados, que não estão expiados, que alivie seus males, que o livre d'elles; o Ministro destas Oraçoens he proposto pela Igreja, e escolhido pelo mesmo Jesu Christo, para pedir com mais efficacia; he o mesmo Ministro de Jesu Christo, que pede, e que pede em nome; e em pessoa de Jesu Christo. E são por ventura estas algumas petiçoens, que nos devão inquietar? He este algum objecto, que nos prognostique algumas infelicidades? He este o Sacramento, que nos espanta? E como pôde inquietar,

Cc

e hor-

e horririzar a hum Christaõ hum Sacramento, que foi instituido por Jesu Christo, para remitir os nossos peccados, e para dar-nos a faude do corpo, se for necessaria para a salvaçaõ?

Sabemos que este Sacramento só se dá na ultima extremidade: e como hum enfermo nunca se julga taõ mal como está na verdade, por esta causa tememos atemoriza-lo procurando-lhe este remedio. Com isto o privamos do mais faudavel de todos os auxilios, com medo de lhe fazer conhecer o perigo; negamos-lhe talvez o unico remedio, que lhe póde dar faude, com medo de lhe dar a conhecer a necessidade, que tem deste remedio: que vaõ, e louco temor!

Naõ seria pois justo pela mesma causa, dar a este enfermo certos remedios, que elle bem sabe, que só se daõ na extremidade: com tudo se se mandaõ dar, já se naõ consulta, nem se attende á delicadeza, nem ao temor do enfermo. Parentes, amigos, todos concluem que he necessario toma-los, e querem ser os fiadores do seu bom successo.

Só os vossos remedios, Senhor, inquietaõ, nunca ha tempo para os tomar, sempre se daõ muito tarde; e saõ Christaõs, os que obraõ desta sorte? Este horror só ao ouvir o nome de Viatico, e de Extrema-Unçaõ, naõ mostra bem a fé do enfermo? E aquelle descuido, e inacçaõ dos que assistem, he final de huma grande Caridade?

Por pouco que hum seja instruido da virtude toda Divina destes ultimos Sacramentos, deve esperar que hum estranho, ou que hum amigo o exhorte a recebê-los? Naõ deveria haver tanta ancia para os receber, como ha para sarar, e escapar da morte? Em lugar de esperar a ultima extremidade, naõ os deveriamos pedir, assim que julgamos estar em perigo? Tem-se por grande des-

graça

graça o morrer sem Sacramentos; porém que utilidade ha em receber estes Sacramentos sem disposição, sem devoção, e muitas vezes sem conhecimento?

No momento, em que se fazem estas Unções sagradas, que consolação para huma alma verdadeiramente Christã, que tem tido cuidado em sua vida de mortificar os seus sentidos? Mas tambem que pezar, e que turbação para huma pessoa sensual, que não tendo recusado nada aos seus sentidos, se acha entã carregada de tantos peccados?

O Sacramento da Extrema-Unção horroriza, e inquieta, porque nos representa mais sensivelmente todos os erros, e a desordem dos nossos sentidos. Está na nossa mão livrar-nos deste horror, vivendo huma vida mortificada. Que dôçura se pôde achar no que precisamente he seguido de tantos, e taõ crueis arrependimentos?

Que sentiremos entã em nós com a lembrança da desenfreada liberdade dos sentidos, em que tivermos vivido? Agora a molestia nos he violenta, o menor recolhimento nos enfastia, a curiosidade diverte, somos delicadissimos, o menor máo cheiro nos faz affligir, buscamos com cuidado tudo, o que satisfaz os sentidos, tudo, o que lisongea. E que titulos achareis na hora da morte, que vos fação reconhecer por verdadeiros discipulos de Jesu Christo?

Theatros, Espectaculos, modos affectados, muzicas deleitaveis, cheiros agradaveis, manjares exquisitos, e deliciosos, vós agradais ao presente; mas quantos inimigos domesticos nutris em nós mesmos? Vos podeis ser, ou materia de muitas victorias, ou a funesta causa de muitas lagrimas.

Queremos que a Extrema-Unção nos não me-
ta medo? Cuidemos, em quanto estamos com sau-

de , algumas vezes neste Sacramento. O tempo, em que estimo perigosamente enfermos , não he proprio para nos preparar para elle ; e por isso hum Sacramento de tanta consequencia , se recebe ordinariamente sem disposiçãõ.

Se assistimos á administraçãõ deste Sacramento , vejamos nesse moribundo a nossa imagem ; algum dia estaremos como elle em estranhos horrores. Ah ! se elle ainda estivesse em estado de reformar os seus costumes como nós estamos , seria ainda negligente , e deixaria para outro tempo esta reformaçãõ ? Nós teremos algum dia inveja da saude dos que se acharem presentes , quando nos administrarem os ultimos Sacramentos : eu tenho ao presente esta saude : que espero ? Porque não uzo della fantamente ?

Que graça , meu Deos , darés-me vós estes pensamentos , e estes affectos , em hum tempo , em que me acho em estado de os fazer uteis ! Mas tambem que desgraça para mim , se sentimentos tão faudaveis se me fizerem inuteis , e só servirem de augmentar o numero , e a origem de meus pezares ? Não permittais que me succeda esta desgraça.

Eu vos dou graças , meu Divino Salvador , por teres instituido este Sacramento , que me póde servir de tão grande auxilio , no tempo mais perigoso da minha vida. Reconheço aqui singularmente o ardente desejo , que tendes da minha salvaçãõ , do qual nos dais huma tão excellente prova : quero aproveitar-me delle , meu doce Jesu , neste Sacramento porei a minha principal confiança para recobrar a minha saude , e nelle acharei o remedio mais eficaz para todas as enfermidades da minha alma. Estas Unçoens sagradas não sómente apagarãõ as mais leves manchas dos meus peccados , mas tambem me darãõ novas forças para combater , e para vencer,

Con.

Se Deos não nos tivesse posto hum preceito de Caridade, poderíamos dizer que nos abstemos de o amar por hum certo respeito: mas já que elle nos permite, e que até nos manda ama-lo, quem poderá izentar-se de o fazer.

Que ha em todo o Universo, que possa mover o nosso coração, que não o possua Deos em toda a eminencia? Grandeza, Formozura, Poder, e Bondade, vós não sois em todos os objectos creados, mais que sombras imperfeitissimas: só Deos he grande, sabio, poderoso, bom.

As qualidades amaveis nas creaturas, estão divididas por diferentes objectos, e são acompanhadas de tantos defeitos, que muitas vezes só agradaão vistas de longe. Só Deos tem todas as Perfeições sem mistura alguma, que desagrada, quanto mais perto o vemos, mais o admiramos: coufa nenhuma vemos nelle, que nos não arrebate o coração para o amar.

A Magestade entre os homens inspira respeito, mas nem sempre ganha os coraçãoes. Em Deos a sua infinita grandeza o faz ainda mais amavel; a alma se perde neste Oceano de Perfeições infinitas, o coração do homem acha aqui a sua verdadeira felicidade.

O amor das creaturas he huma paixão inquietta, e tumultuosa, que faz hum coração escravo de outras mil paixões. O amor de Deos he doce, e tranquillo, apaga as paixões desordenadas, farta a alma, e a põem naquella feliz liberdade, de que gozaão os filhos de Deos.

Por mais completo, por mais amavel que seja o objecto, a que o nosso coração se apega na terra, não poderá por hum só momento fazer-nos de tal sorte felices, que ao mesmo tempo se não turbe o nosso coração. Mil accidentes molestos, mudanças imprevisitas, e outros mil incommodos per-

perturbaõ o nosso repouso. O temor de nos enfatiarmos, a certeza de perder o descanço, affligem, e inquietam. O amor das creaturas he inseparavel da inquietaçã, e da dôr.

Só vós, oh meu Deos, fazeis toda a minha felicidade, só vós podeis ser meu, quanto tempo eu quizer; nenhuma desgraça, nenhum accidente, nenhum poder, poderá arrebatá-vos da minha alma; e não tenho para temer em hum objecto tão amavel, nem fastio, nem mudança. Supponhamos ainda, que se achava huma creatura digna do nosso amor: quem poderia assegurar-nos que ella nos julgasse dignos do seu? Este Deos tão perfeito, tão poderoso, tão amavel, não sómente não regeita o nosso coração, mas tem nelle a sua complacencia, e faz delle, digamo-lo assim, as suas delicias.

Hum nascimento obscuro, huma mediocridade de engenho, huma desgraça nos faz desagradaveis, e aborreciveis a todo o mundo; mas sabeis que Deos vos olha com olhos cheios de ternura. Os grandes vos desprezã, porém Deos vos ama; os vossos envejosos, os vossos competidores vos aborrecem, mas Deos vos ama com ternura: e não haveis ainda de amar ao vosso Deos?

Que affectos de agradecimento, e de amor não se accenderião no nosso coração, se soubessemos que o maior Rei do Universo nos honrava com a sua benevolencia? Vós me amais, oh meu Deos, tudo mo está dizendo, tudo me dá provas disso, e não vos amarei eu?

Sim, Deos não sómente he infinitamente amavel, mas tambem nos ama infinitamente. Os beneficios são a prova mais sensivel do amor: e não nos está elle accumulando em todos os momentos, ainda mesmo quando os empregamos contra elle?

A quem deveis o ser? E a quem deveis toda a vossa conservação? O Ceo, e os Astros, esta terra, e os seus fructos não são bem manifestos effeitos da bondade do Creador? Tudo isto he para vós, e Deos he quem o fez por amor de vós. Nada achareis nem em vós mesmo, nem fóra de vós, util, ou agradável, que não sejaõ seus dons. Tudo nos diz, que Deos nos ama: e quando poderemos nós dizer, que amamos a Deos?

E que beneficio mais singular que o da Redempção? Se hum Rei se fizesse escravo para livrar hum dos seus Vassallos, não lhe daria grande mostra do seu amor? Não deveria elle esperar alguns affectos de agradecimento por esta acção? Este Deos, que de ninguem necessita para ser infinitamente feliz, faz-se homem para fazer os homens felices. Este amor de meu Deos he incomprehensivel, eu o confesso; porém a nossa ingratitude para com este bom Deos, he por ventura menos incomprehensivel?

Considerai a vida, e a morte do Redemptor, discorrei por todos os Mysterios da nossa Religião, a Eucharistia, os outros Sacramentos, e o fim de todos estes meios, que he a Bemaventurança eterna: exaqui o que Deos tem feito para nos dar provas do excessõ de seu amor. E que vos parece tudo isto? Tem elle feito, tem elle obrado bastante? Podia elle fazer mais? Creio eu, Senhor, todas estas maravilhas? Não me reprehende em nada a minha Fé sobre isto?

Se hum estranho, hum desconhecido, hum barbaro, me tivesse feito o meior de todos estes serviços, ainda que nunca eu o visse, ainda que não devêsse esperar nada d'elle, teria a seu respeito hum ternissimo amor. Só vós, oh meu Deos, nem ainda com tantos titulos, e beneficios podeis ganhar hum coração, que nós damos tão liberal-

Beralmente a qualquer outro : e só a vós havemos de negar o nosso amor !

Estes benefícios são communs a todos ; e devemos por isto mover-nos menos com elles ? E por ventura faltao-nos razoens particulares , que nos obriguem a amar a Deos ? Podieis nascer de Pais idololatrás , e ser creado entre os erros : e reputais acazo por hum pequeno beneficio , a graça de ter nascido no seio da Igreja ? A que amor , a que agradecimento não devia obrigar-nos este tão singular beneficio ?

Tendes esquecido os amáveis cuidados da sua Providencia , em todas as idades de vossa vida ? que auxilios não tendes recebido tão necessarios , e tão pouco esperados ? Que agradecimento não teriamos para hum homem , que nos houvesse tirado de algum perigo , que nos tivesse prolongado a vida por alguns annos ? Ha dez , vinte , trinta , quarenta annos , que Deos nos faz todos os dias estes beneficios : de quantos perigos nos não tem elle livrado ? E tendes por pequeno dom a saúde , e o tempo , que ainda vos dá ? A quem deveis , senão a elle , aquelle bom successo , aquella prosperidade , e até os fructos das vossas desgraças ? Ninguem ha , que não tenha experimentado infinitas maravilhas da Providencia em seu favor , nenhum ha , que não espere da mesma bondade ainda maiores graças : e que correspondencia he a nossa para com Deos ? Que ternura he a nossa para hum Deos tão bom , e tão liberal ? Qual he o nosso agradecimento ?

He possível , oh amantissimo Pai , que não tenhais mais que filhos ingratos ! He possível , que eu mesmo tenha sido atéqui o mais ingrato de todos os vossos filhos , depois de ter recebido mais graça ?

Buscai sobre a Terra , ou no Ceo alguma cou-

fa tão amavel, alguém, que mereça tanto ser amado; perdoai-me, oh meu Deos, huma comparação tão irracional. Porém, se he verdade, se eu convenho, se finto, que só Deos merece todos os meus affectos, que o amor para qualquer outro objecto he seguido de arrependimento, que só o amor de Deos faz a felicidade do homem, aonde está o meu juizo? Aonde está a minha razão em não amar a Deos, e ainda em amar outra coisa juntamente com Deos.

Certamente, oh Deos meu, não sómente he justo que eu vos ame, porém não acho o meu proprio interesse, senão no vosso amor. Nenhuma alegria pura, nenhuma paz, nenhuma felicidade ha na terra, senão no coração daquelles, que vos amão, confesso que lhes tenho inveja; e quem tem a culpa de eu não ter a mesma felicidade? E porque razão vos não amo eu?

Ah! eu me veria desprezado se morresse sem vos ter amado. Que horrivel desgraça não vos amar na hora da morte! E qual he a razão porque eu vos não amo em quanto dura a minha vida? A primeira lição, que me deraõ na minha Religião, foi que eu só estava na terra para vos conhecer, e para vos amar, que toda a vida me era concedida sómente para isto. Attreverme-hei a dizer, Senhor, que não vos conhecia? E posso dizer que vos amo?

Toda a felicidade dos Santos no Ceo he possuir-vos sem temor de vos perder, he amar-vos; eu aspiro á mesma felicidade, espero a mesma forte; e não quero fazer neste tempo, que tão depressa passa, aquillo, que faz toda a felicidade eterna? *Deligam te Domine*; eu pois, ó meu Deos, e meu tudo, eu vos amarei a vós só sem reserva, e sem restricção; e recompensarei de alguma forte a minha infidelidade com hum maior amor,

amor. *Serò te amavi , pulchritudo tam antiqua , & tam nova , serò te amavi* : Confesso que vos amei muito tarde , formosura sempre antiga , e sempre mais nova , nem ainda me atrevo a dizer que vos tenha amado ; o meu coração , meus procedimentos , e os meus sentidos desmentirão na verdade as minhas palavras : mas parece-me que cheio de huma viva confiança na vossa misericórdia, posso dizer, que já começo a amar-vos , que vos amo , e espero , que com o soccorro da vossa graça não farei agora desmentido

II. P O N T O.

Quam pouco amado he Deus.

Considera , que não he pequeno motivo para amar a Deus , ver que pouco amado he este mesmo Senhor.

Parece isto huma cousa incrível : hum Deus infinitamente amavel nos permite que o amemos ; que honra para huma vil creatura ! E não deve o nosso coração estar continuamente abrazado com este Divino amor ? Que outro objecto ha que o possa mover , ou occupar hum só momento ? Deste modo discorre todo o entendimento racional. Ah ! Deus nos permite que o amemos ; e quem he , que se apressa , quem poem toda a diligencia em dar-lhe o seu coração ? Deus mesmo nos manda que o amemos ; e he elle muito obedecido ?

O amor se produz por mil modos ; a alma se occupa com o objecto amado , nunca se cansa de fallar nelle , só acha gosto naquillo , que lhe agrada , tudo , o que he contrario aos seus sentimentos nos enche de indignação : com que cuidado , com que zelo nos applicamos a tudo , o que lhe dá prazer ! Com que calor tomamos a peitos os seus interesses ! Que inquietação com a menor suspei-

suspeita de lhe ter desagrado! Que vivo temor de incorrer na sua desgraça! E reconhecemos agora por estes signaes, que amamos a Deos?

Sem fallar desse grande numero de Infeis, que não amaõ a Deos, que poucos ha entre os Fieis que o amaõ!

Esses homens dissolutos, que quasi não tem Religião, e que vivem com huma desenfreada liberdade; amaõ estes a Deos?

Essas pessoas mundanas, ou escravas de suas paixões, ou idololatrãs de si mesmas; amaõ a Deos?

He este Deos amado de tantas pessoas, que preferem a elle todos os dias hum prazer, hum vil interesse, que vivem em hum perpetuo desprezo das suas leis, e das suas maximas, e que fazem tão pouco caso da sua amizade, e da sua inimizade?

E entre o numero dos verdadeiros Israelitas, que não dobraõ os seus joelhos diante do Idolo; quantos amaõ verdadeiramente a Deos?

Vós amareis ao Senhor vosso Deos com todo o vosso coração, com toda a vossa alma, com todo o vosso espirito, com todas as vossas forças: este he o primeiro preceito, e a baze de todos os outros, não o cumprir, he o mesmo que violar toda a Lei. Quem não guarda este preceito, não pôde esperar a salvação. Sem me pôr agora aqui a examinar se ha muitos, entre aquelles mesmos, que professãõ huma vida mais regular, que o guardem; posso eu mesmo dizer como aquelle moço do Evangelho: eu tenho guardado tudo isto desde a minha mocidade? Posso ao menos responder como saõ Pedro: vós sabeis, Senhor, que eu vos amo, e nada será capaz de me impedir o amar-vos?

Ah! hum Deos tão bom, tão Bemfeitor, e
tão

taõ amavel naõ he amado ! Elle se digna de pedir nos o nosso coraçãõ : podendo arrebatã-lo por força, quer que o amemos sem sermos constrangidos, muito por nossa vontade : ao mesmo tempo que damos este coraçãõ taõ liberalmente ao primeiro objecto , que encontramos , nós o negamos a Deos !

Ah ! como somos ingratos ! Deos naõ fez ainda bastante para merecer o nosso coraçãõ ? Dizia Moyzès a todo o povo : ainda saõ necessarios novos beneficios , novos milagres ? Esquecestes-vos das agoas suspenas , para vos livrar das mãõs dos vossos inimigos ; daquelle Manã vindo do Ceo para vos nutrir , e de outras infinitas maravilhas , que Deos tem obrado ? *Popule stulte* ; como sois loucos ! Accumulados de tantos beneficios , testemunhas de todas essas maravilhas , ainda amais a outro , que naõ seja Deos ?

Que hum Deos ame aos homens , he na verdade huma dignaçãõ bem admiravel ; mas em fim saõ suas creaturas : porẽm que estes homens naõ amem a Deos ; que causa , que apparencia de razãõ podem elles ter , para se desculparem de huma taõ feia , e taõ impia ingratiãõ ? Quando se considera hum pouco seriamente em huma conducta taõ brutal , o espirito se enfurece , e se enche de ira contra o proprio coraçãõ.

Que fosse necessario hum preceito expresso de amar a Deos ! Ah Senhor ! que bem capaz he isto de humilhar o homem ! Era necessario para huma creatura racional mais que huma permissãõ , huma licença para vos amar ? E com este preceito ainda naõ sois amado dos homens !

Desde quando me posso eu lisongear que amo a Deos de todo o meu coraçãõ , e com todas as minhas forças ; por ventura desde a minha mocidade ? Ah Senhor ! *Delicta juventutis meae ne meminere* , exaqui tudo , o que posso responder a esta pergunta.

gunta. Esquecei-vos, Deos de misericordia, dos erros dos meus primeiros annos mais vizinhos da minha innocencia; aquelles primeiros annos da minha vida deviaõ ser todos para vós: mas ah! não sómente vos não amei com todas as minhas forças naquella primeira idade, mas servi-me da minha faude, e das minhas forças para vos offender.

Porém ao menos podemos dizer que amamos a Deos de todo o nosso coração, e com toda a nossa alma, depois que nos convertemos? Se isto he assim, certamente não tem havido neste amor divisaõ. Quem diz tudo, não exceptua nada; este coração pois devia ser todo de Deos, todo occupado em Deos, nenhuma creatura devia ser objecto dos seus desejos, nenhum amor profano o devia manchar: se isto he assim tenho gozado do privilegio de hum coração puro, o meu entendimento não se tem occupado, senão de Deos, só Deos pois tem sido o objecto de todos os meus anciosos cuidados, não tenho gostado de outra cousa, senão de Deos, só vejo a Deos em todas as creaturas: tal he a vossa sorte, almas felices, coraçãoens abrazados do puro amor de Deos: porém que apartado estou eu deste feliz estado! Posso eu dizer, oh meu Deos, que vos tenho amado verdadeiramente muitos dias da minha vida? Dá-me a minha consciencia o doce testemunho, de vos ter amado com todo o meu coração, e com toda a minha alma ao menos hum dia só?

Quanto amor proprio ainda nos maiores fervores? Que disfarces, e dissimulações deste mesmo amor proprio, nos nossos mais ardentes desejos? Quantos respeitos humanos, ainda naquelle zelo, que parecia mais puro? Que impuros motivos nas devoções mais ternas?

Se he verdade que amamos a Deos com todo o nosso coração, como o conservamos ainda tão cheio

cheio de fel nas occasioens ? Quem póde nutrir em nós esta soberba occulta ? Donde nasce aquella delicadeza , e aquelle apego ás nossas proprias comodidades ? Qual he o principio dessas faltas grosseiras , e dessa insensibilidade ? Donde procede aquelle apego inquieto a todos os nossos interesses , que entretém todas as paixoens , e perturba o nosso repouzo ?

Amamos por ventura a Deos com todo o nosso coração ? Tenho-o eu amado ? Posso dizer que o amo ? Nós conhecemos quanto Deos merece ser amado : oh ! quanto he para temer , tomarmos este puro conhecimento por hum verdadeiro amor !

O amor de Deos he vivo , sincero , doce , paciente , fiel , sabio , constante , magnanimo , e desinteressado : inspira á alma designios grandes , desejos ardentes da Perfeição , não ha cousa penosa para elle , converte em doçura as maiores amarguras : nem jámais poderá apegar-se a cousa vil , e baixa.

Quer estar inteiramente desapegado de todo o affecto da terra , jámais o cega a paixão , nunca o desejo demasiado de alguma vantajem temporal o inquieta , nem o temor immoderado de algum trabalho o abate. Aquelle , que ama , não sabe o que he tristeza , e temor : corre , vóa , nada o demora.

Por mui grande que seja o pezo , que leva , elle não o sente , nada lhe dá trabalho : quer sempre fazer mais , do que póde , e jámais se desculpa com a sua fraqueza , porque lhe parece que nada he superior ás suas forças. Elle he com effeito capaz de tudo , e executa sem trabalho muitas cousas , que admiração , e fazem pasmar aos que não tem amor.

Por pouco que discorrámos , todos convimos que estes são os effeitos do Divino amor , e que
nada

nada custa a quem ama: e assim não nos admiremos que os Santos achassem tantas doçuras com huma vida tão austera, e fizessem tão grandes cousas, tendo hum tão grande amor. Porém ao mesmo tempo por pouca reflexão, que eu faça sobre os meus sentimentos, e sobre a minha vida, posso dizer, oh meu Deos, que vos amo? Ao menos comprehendo bem a desgraça que he, não vos amar?

E quem me impede o amar-vos? Não me está tudo convidando para o vosso amor? O pequeno numero dos que vos amaõ, deve ser para mim hum novo motivo de vos amar: sois pouco amado, eu mesmo ainda não principiei a amar-vos; eya pois, eu vos amo: e porque espero eu mais? Por ventura ainda não tenho sido affaz infiel, ainda me não tendes amado bastante?

Para que me destes hum coração capaz de amar outra cousa fóra de vós? Porém se tenho eu hum coração capaz de vos amar, como posso amar outrá cousa? Oh impiedade, oh loucura! Neguei-vos este coração, quando vós mesmo me pedeis; não o desprezeis agora, Senhor, quando eu vo-lo dou todo. Confesso, que só estou no mundo para vos amar: não quero tambem amar no mundo outra cousa, senão a vós. Pude amar-vos, devia amar-vos todo o tempo da minha vida, e não o tenho feito: e por ventura ainda me hei de pôr a deliberar, oh meu Deos, no que devo agora fazer?

Non diligamus verbo. Meus amados filhos, nos diz o Apóstolo S. João, não esteja o nosso amor só nas palavras, nem na lingua; porém seja practico, e verdadeiro.

Eu vos amarei, oh Deos do meu coração, e cheio de huma santa confiança na vossa misericordia me atrevo a dizer, que com o auxilio da vossa graça

Ca estou certo, que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principales, nem as virtudes, nem o presente, nem o futuro, nem outra creatura alguma me poderá separar do amor de Deos, que he fundado em Jesu Christo nosso Senhor.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Novembro.

Do peccado venial.

I. PONTO.

Que grande erro he julgar, que o peccado venial he hum mal pequeno.

C Onsidéra, que o peccado venial só parece pouca cousa aos que tem pouca fé, e ainda menos amor de Deos: mas para os que o amaõ, o menor peccado venial lhes parece mais digno de se temer, que os maiores males do mundo, e o seu juizõ he bem fundado.

O peccado venial he hum peccado leve, mas naõ he hum leve mal. Basta que seja hum peccado, para q̃ seja hum mal maior, do q̃ a assolacãõ de todos os povos, a ruina de todo o mundo; e todas as creaturas, no sentimento de todos os Santos, deveriaõ julgar-se felices, por sacrificarem o seu ser para impedirem hum só peccado venial.

A desconfiança, que Moyzès mostrou, dando duas vezes no rochedo, lhe custou a vida.

Vinte e cinco mil Betzamitas por terem olhado para a Arca com pouco respeito, e talvez com alguma demaziada curiosidade, cahem logo mortos:

huma leve vaidade, que teve David em fazer a dînumeraçã do seu povo, grangeou para elle, e sobre o mesmo povo o mais terrivel de todos os castigos: quarenta e dois meninos foraõ devorados pelos Ursos, por terem perdido o respeito a Elizeu; e huma vã complacencia, que teve Ezechias, em mostrar os seus thesouros aos Embaixadores do Rei de Babilonia, só pôde ser expiada com a perda dos mesmos thesouros.

Deste modo aquelle Deos taõ bom, que naõ estende mãs, que meio braço, para o dizer assim, quando castiga nesta vida, deste modo, digo, castiga elle neste mundo o peccado venial; porque na outra vida, aonde a sua justiça naõ he moderada pela sua misericordia, por hum só peccado venial atormenta com penas, que em nada cedem na violencia ás do Inferno, as almas, que elle ama com ternura, e por quem elle he unicamente amado: e q̃ vos parece isto? Deos julga verdadeiramente das cousas: e se elle julga digno de huma taõ grande pena o que nós chamamos faltas leves, podemos dizer, que he pouca cousa o peccado venial?

Nós saberemos algum dia, que a morte daquelle filho unico, a perda daquelles bens, e da faude, a ruina daquella familia, os castigos, que assolaõ huma parte da terra, sã talvez ainda agora, como antigamente, a pena de alguns peccados veniaes. Se Deos naõ castiga sempre o peccado de huma maneira taõ sensivel, he para o castigar com mais severidade.

Naõ há peccado venial feito de proposito de-liberado, que naõ seja castigado com a subtracçã de alguma graça; e por ventura esta subtracçã da Graça he pequeno castigo? O peccado venial naõ attrahe o odio de Deos, mas esfria o seu amor, faz cessar as suas liberalidades: de quantas graças naõ impeãe o effeito? Suspende aquella providencia
parti-

particular, que elle exercita sobre os seus favorecidos, e o cuidado especial, que toma de os apartar dos perigos, e de impedir, ou enfraquecer as suas tentações.

Não há estado mais perigoso para a alma, que o estado da tibieza: este infeliz estado he sempre effeito do peccado venial, que faz huma alma frouxa, e lhe faz perder insensivelmente o gosto da piedade, e devoção. Deos se cança de soffrer huma alma ingrata, que julga cumprir com as obrigações infinitas, que lhe deve, evitando fazer-lhe os maiores, e ultimos ultrajes, ainda que ao mesmo tempo lhe dê todos os dias, sem se alterar, pequenos desgostos. Quem de nós se poderia resolver a conservar por muito tempo hum domestico, fiel na verdade, mas que tivesse toda a sorte de defeitos, que tudo fizesse imperfeitamente, e com mão mo-
do, que nos fallasse sempre sem respeito, q̄ nada se lhe desse de nos desagradar, com o pretexto, que tudo isto era em materia leve? E nós queremos persuadir-nos, que Deos conservará por muito tempo hum servo, de quem nada quizeramos. He verdade que o peccado venial não nos faz inimigos de Deos; mas tambem he certo, que hum homem, que cõmette de propósito deliberado muitos peccados veniaes, não ama a Deos.

Certamente he necessario, que huma pessoa, que se limita só a não incorrer na inimidade de Deos, nenhum caso faça da sua amizade; tudo o que se pôde dizer desta pessoa he, que ella teme verdadeiramente ter a Deos por inimigo, mas que nada se lhe dá de o ter por amigo. Como se pôde conservar a amizade de huma pessoa, a quem de proposito, e em toda a occasião estantos desagradando? Como se podem concordar estas duas cousas, fazer prosição de amar a Deos, e desagradar a Deos voluntariamente?

Porém isto he em cousas pequenas , dizem elles tibios : tanto mais facil era não lhe desagradar , quanto mais inexcusaveis , e quanto mais culpados fomos em lhe haver desagradado.

Isto he pouca cousa : logo não he a difficuldade, a q̄ nos faz cahir; não he a violencia da paixã, a q̄ nos tem como arrastrados; não he talvez mais, que huma insensibilidade , que temos para com Deos; he q̄ o servimos, q̄ o amamos só por temor; ou para melhor dizer, q̄ nos lisongeamos de o amar, porque tememos os seus castigos : mas isto he mais hum temor servil , q̄ hum verdadeiro amor.

Assim tambem não nos devemos admirar , se Deos tem indiferença , e ainda horror para com aquelles , que o trataõ de hum modo tão indigno. Elle se communica escassamente ás almas tibias, por acaso as faz participantes dos seus favores singulares, q̄ são a recompensa do maior fervor.

Não parece, que Deos he obrigado de algum modo , a privar estes daquellas luzes vivas, dessas graças fortes, que com tudo são tão necessarias, para resistir ás tentaçõens mais violentas? Daqui vem essas funestas quedas daquellas pessoas, que erã ao principio tão retiradas; por terem primeiro tomado algumas liberdades pouco criminosas, ellas se entregaraõ em fim ás desordens, das quaes só o pensamento, muito tempo antes lhes fazia horror. O que despreza as pequenas faltas, insensivelmente cahirá nas maiores.

O peccado venial nunca se faz hum peccado mortal, mas dispoem para elle, e não está muito tempo sem perder a Graça aquelle, que se limita sómente a abster-se de peccados mortaes. Ficamos todos surprehendidos quando vemos huma queda extraordinaria; mas ficariamos menos admirados, se conhecessemos a disposiçã, em que o peccado venial tinha posto aquella alma, que vemos cahir.

O peccado venial he a respeito do mortal, como as enfermidades a respeito da morte. Aquella leve indisposiçãõ era hum nada, nenhuma cousa era mais facil, do q̃ remediar ao principio essas pequenas enfermidades: com tudo ellas enfraquecem insensivelmente tanto a saude, que basta hum defluxo, qualquer excesso, hum ar corrompido, para accender huma febre maligna, que conduz brevemente á sepultura.

Póde succeder, mas he raro, que hum homem, que vive com boa saude, morra subitamente; as mortes mais repentinas tem sido procedidas de muitas leves indisposiçoens, mas naõ se fazia caso dellas: os peccados veniaes em muito grande numero, e commettidos de proposito deliberado, naõ daõ a morte á alma, porém a enfraquecem, e a poem em hum estado taõ languido, e taõ fraco, que ella se applica as suas obrigaçoens sem gosto, e com meia vontade.

He como hum enfermo, a quem nada aproveita, a quem tudo faz mal: Meditaçãõ, Sacramentos, boas obras, tudo se faz sem fructo. Huma alma neste estado póde conservar muito tempo a Graça, estando exposta como está a tantos perigos de a perder, e nem ainda temendo expor-se a estes perigos?

Isto he o que fez dizer a hum grande Santo, que algumas vezes se devia pôr, ao que parece, menos cuidado em fugir dos peccados graves, do que em evitar as faltas leves: a mesma enormidade daquelles nos penetra vivamente, e faz que nos apartemos delles; as faltas leves porém conduzem insensivelmente aos peccados graves.

Isto mesmo he o que faz os Santos inconsolaveis, depois das mais pequenas faltas; daqui nasce o extremo temor, que elles tem, de serem privados por estas infidelidades daquellas importantes

graças, tão necessárias para chegarem á Perfeição. E depois de tudo isto, ainda se terá o peccado venial por cousa leve, por cousa de nenhuma consequencia? E a que chamaremos cousa grande, e de consequencia, se reputamos por nada o offender a Deos?

Que erro, oh meu Deos, mais pernicioso! Não se faz caso de desagradar-vos, sois desobedecido, sois offendido: e não he isto nada?

Quanto me peza, meu Divino Senhor, de ter estado eu mesmo tanto tempo neste erro, não ter posto difficuldade em vos desagradar, e ter considerado por cousa leve tantas infidelidades, tantas ingraticoes! Estas mesmas farão daqui por diante o motivo das minhas lagrimas, e do meu arrependimento.

II. P O N T O.

Reflexões sobre a malicia, e consequencias do peccado venial.

Confidéra, se há cousa alguma mais irracional, e mais brutal, que este pernicioso erro.

He cousa leve, não he nada hum peccado venial? Ah! Parece-nos huma cousa muito feia desagradar em alguma cousa a hum amigo, a hum parente, a hum Principe; no sentimento de todos os homens deve-se temer o desagradar a hum homem, ainda mesmo quando isto fosse por inadvertencia: e ao mesmo tempo teremos por nada desagradar a Deos sem alteração, e deliberadamente, fazer parar a fonte das maiores graças, fazer inutil o uso dos Sacramentos, extinguir o fervor da Caridade; e ao mesmo tempo que huma palavra inconsiderada, algumas vezes se reputa entre os homens como hum grande mal, por
cau-

causa das suas consequencias , teremos por pequeno mal huma acção , que offende a Deos , que nos attrahe , não o seu odio na verdade , mas ao menos o seu desagrado ; huma acção , que nos faz perder bens mais preciosos , que todos os thesouros do Universo , que tanto nos dispoem para o peccado mortal , e que muitas vezes he a funesta origem da reprobacão daquellas mesmas pessoas , que pareciaõ ao principio exactas nas suas obrigaçoens !

Isto he , o peccado venial só he pequeno mal a respeito do peccado mortal , que he o maior de todos os males ; porem considerado em si mesmo , e sem esta comparaçã , não há nem dôr , nem infamia , nem perda de bens , nem tormento , por mui cruel , por mui ignominioso que seja , que se não deva preferir ás menores faltas , a que nós chamamos leves : são leves , porque se commettem levemente.

E olha-se deste modo para o peccado venial ? Huma mentira officiosa desinquieta muitas consciencias ? O impeto de hum humor melancolico , e de hum natural immortificado , essas palavras desagradaveis , essas pequenas negligencias nas proprias obrigaçoens affligem muito as pessoas , cuja vida não he mais que hum encadeamento de semelhantes faltas ? Ah Senhor ! faz-se tanto cazo de huma incivilidade entre as pessoas de bem , ficamos inconsolaveis por haver desagradado a hum amigo ; quantos validos desgraçados por huma palavra inconsiderada , por huma viveza pouco respeitosa ! E que lugar damos entre os males da vida ao que chamamos peccado venial ?

O peccado venial offende a Deos : e será leve huma offensa feita por huma vil creatura com deliberação , a huma Magestade , a huma Bondade infinita ?

Hum

Hum filho , que affronta seu proprio Pai com palavras offensivas , he visto com horror : hum Vassalo , que se atreve a levantar a maõ contra o seu proprio Principe , he castigado com o mais cruel supplicio.

Meu Deos , sempre havemos de ser irracionaveis ? As nossas desordens nos fazem horror em exemplos alheios , e naõ somos movidos dellas , quando as consideramos em nós mesmos.

Porém ao menos nem nos enchemos de horror vendo a severidade , com que Deos castiga o peccado venial : estamos muito certos de tudo o que se diz delle nos Livros Santos : mas como se tivessemos hum privilegio para naõ sermos castigados , commetemos os peccados veniaes sem temor , e os accusamos sem dor.

As recahidas frequentes , que fazemos tranquillamente nestas sórtres de peccados , dos quaes se faz quasi sempre hum habito , naõ nos fazem ver bem , que pouco sincero he o arrependimento , que temos delles ? E que devemos julgar , Deos meu , das confissoens sem arrependimento ? Quanto he para temer , que as que se fazem das faltas leves sejaõ taes , isto he , que se obtenha raras vezes o perdaõ dos peccados veniaes ! E he muito facil ter hum verdadeiro arrependimento , quando se reputa por nada tudo , o que naõ he mortal ?

E he sempre certo , que o que imaginamos naõ ser peccado mortal , seja só venial ? E por ventura he facil fazer huma justa differença entre estes dois peccados ? Quantas murmuraçoens , que se julgaõ leves , saõ com effeito graves ? Quantas acçoens , que se julgaõ pouco criminosas , na verdade o saõ muito ? Quando só se procura evitar o peccado mortal , raras vezes succede , que naõ se vá mais adiante.

Nada contribue tanto a destruir a saude , como

mo as frequentes feridas; nada enfraquece tanto a innocencia, e a virtude, como os frequentes peccados veniaes. As cahidas, e recahidas continuadas, fazem muitas vezes, que ás virtudes mais austeras, se ligão os vicios mais escandalosos; huma Praça sem muro por fóra, he brevemente tomada, e quando se deixa chegar livremente o inimigo até ás portas, elle brevemente se faz senhor da Praça.

Queixamo-nos do pouco fervor, que temos nas proprias devoçoens: deveriamos antes queixar-nos das faltas leves, que sem pena commetemos. Desobedecemos ao Senhor todos os dias, em cousas pouco consideraveis na verdade, mas ordinarias: este desprezo frequente, que fazemos de hum Deos infinitamente respeitavel, poderá fazer-lo mui liberal para com nosco? E terá elle por servo fiel aquelle, que se tem posto em hum habito de lhe desagradar, e de lhe desobedecer? He bem para admirar, que o Senhor não quizesse attribuir os seus maiores favores, senão á fidelidade nas cousas pequenas: *Quia super pauca fuisti fidelis*; mas he muito mais para admirar, que depois de tudo isto, se faça tão pouco caso dos peccados veniaes.

Seria logo necessario que todos fossem Santos? E que inconveniente podiamos achar, se fossemos todos o que somos obrigados a ser? Seria pois necessario que todos fossem Santos? E he por ventura de muita consolação para nós, saber que o não somos?

Seria logo necessario que todos fossem perfeitos, isto he, seria necessario aspirar continuamente á Perfeição do proprio estado, estar sempre attento para não fazer cousa alguma, que nos aparte della, sacrificar prazeres, saude, interesses a tudo, o que Deos manda: e quem ve que
está

está izento desta indispensavel necessidade ?

Se queremos saber que mal he o peccado venial, perguntemo-lo a esses grandes Santos, que ficavaõ inconsolaveis depois de huma falta a mais leve, e que expiavaõ com penas excessivas huma simples distracção apenas voluntaria, huma curiosidade pouco criminosa, huma palavra incomfiderada: careciaõ elles de luz, ou de prudencia? A sua delicadeza naõ era nascida de hum generoso animo? Antecipemos o juizo, que nós mesmos havemos de fazer na hora da morte destas faltas leves: a nossa confiança, que he entaõ muito necessaria, será naquella hora muito animada com a lembrança de tantos peccados veniaes? Porém de que me servirãõ estas reflexoens, Senhor, sem huma graça mais forte, que as precedentes? E como devo eu esperar esta graça, se vós olhares para o excessivo numero de minhas infidelidades? Que temor tenho tido atéqui de vos desagradar em tantas occasioens? E que arrependimento tenho tido depois de vos ter tantas vezes desagradado? Parece-me, Senhor, que sinto os effeitos de huma nova misericordia, principio a ter huma idéa mais proporcionada da malicia do peccado venial, temo verdadeiramente commette-lo, e tenho hum verdadeiro pezar de haver commettido tantos.

Naõ, Deos meu, estes peccados veniaes naõ serãõ já a meus olhos hum pequeno mal, e muito menos hum divertimento, hum costume; basta que isto seja huma offensa contra huma Magestade infinita, para me inspirar hum verdadeiro horror a elles, e para me obrigar a soffrer tudo, e pôr tudo em obra para os evitar.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Novembro.

*Da recommendação da alma, e das Orações,
que a Igreja faz a Deos pelas almas
dos Agonizantes.*

Nada há, que possa consolar mais, nada há mais proprio para nos animar, e inspirar huma santa confiança em quanto dura a agonia, do que as Oraçoens, que a Igreja faz pela alma dos Agonizantes. Porém como poucas pessoas tem então bastante presença de espirito, ou força para se aproveitarem de hum soccorro tão necessario, he muito conveniente conhecer a sua importancia, e fazer algumas reflexoens sobre ellas no tempo, em que se vive com faude.

I. P O N T O.

Dos auxilios, que a Igreja nos procura com as Oraçoens, que faz pelos Agonizantes.

C Onsidéra, que não há tempo na vida, em que arrisquemos mais, e de que nos importe mais aproveitar-nos, como o da Agonia: este he o tempo do maior combate, não sómente da morte contra a vida; mas tambem de todos os inimigos de nossa salvação contra a nossa alma. Este he o tempo, que há de decidir a nossa sorte eterna: julgai se o Demonio, que nos tenta com tanta violencia por toda a vida, nos perdoará então: e com tudo isto, este he de todos os tempos aquelle, em q̄ estamos menos capazes de obrar. Não teremos necessidade de

de soccorro? Que precauções, que medidas não devemos tomar para fazer util este soccorro?

A Igreja sempre attenta a todas as nossas necessidades, faz Orações nesta perigosa extremidade pelas almas dos Agonizantes: que fructo, que utilidade não tirariamos dellas, se tivessemos cuidado ao menos quando estamos com saude de entrar no espirito desta pia cerimonia? Esta he a ultima da vida; que imprudencia não a ter previsto, nem saber o que isto he? Que graça, Senhor, estar eu ainda em estado de reparar esta negligencia!

Considerai em que consistê este ultimo auxilio, e soccorro.

Hum Sacerdote entra na camera do moribundo, desejando, que a paz esteja naquella casa, e com todos, os que nella habitão; e depois de ter lançado a agoa benta sobre o enfermo, e sobre os que estão presentes, se prostra ao pé da cama para lhe alcançar do Ceo com suas Orações, todos os auxilios necessarios neste perigoso momento.

Oh! E que importante he, que este Ministro do Pai das misericordias seja ouvido! O combate he violento, e este he o que decide a nossa fórte eterna, há grande necessidade de novos auxilios, de grandes graças.

Para as obter, recorre logo ao principio o Sacerdote a Jesu Christo, á Santissima Virgem, e a todos os Santos, empenha todo o Ceo pela salvação daquella pobre alma. Feliz, se em quanto esteve em vida, soube adquirir amigos diante do Senhor, e fazer-se digna da sua poderosa protecção nesta ultima hora.

Começa-se, convidando aquella alma a que saia deste mundo sem saudades; e para a animar, se lhe manda em nome de Deos Padre, que a creou, em nome de Jesu Christo Filho de Deos vivo, que a remio, e em nome do Espirito Santo, que

que se communicou a ella pelos seus Dons.

Ide alma Christã em nome dos Anjos, e Archangjos, em nome dos Thronos, e das Dominagoens, em nome dos Principados, e das Potestades, em nome dos Querubins, e dos Serafins, em nome dos Patriarcas, e dos Profetas, em nome dos Santos Apostolos, e dos Evangelistas, dos Santos Martyres, e dos Confessores, dos Santos Anaoretas, e dos Eremitas, em nome das Santas Virgens, e de todos os Santos, que estã no Ceo, seja hoje a vossa morada em paz, e a vossa habitaçã seja na Santa Siao: e pedimos esta graça para vós, em nome de Jesu Christo nosso Senhor.

Exaqui bem poderosos Protectores diante do Pai das misericordias. Porém temos tido cuidado de grangear o seu favor, e de os metter nos nossos interesses? Em nome de todos os habitadores da Celeste Jerusalém sahimos deste mundo, e vamos appresentar-nos diante do Soberano Juiz, isto he estamos debaixo do seu amparo: mas se não temos feito cousa alguma para o merecer, se nem ainda sómente somos conhecidos, digamo lo assim, daquelles Principes do Ceo, não nos servimos dos seus nomes em vão? E não há perigo, que elles nos não queiraõ conhecer? Oh! Quanto importa, Deus meu, ganhar o agrado, e a amizade daquelles, de quem necessitamos tanto quando morremos!

Deos de misericordia, Deos de clemencia, continúa o Sacerdote, Deos, que pela multidaõ das vossas bondades, apagais os peccados dos verdadeiros penitentes, perdoando-lhes os seus peccados passados, dignai-vos de lançar os vossos olhos favoraveis sobre este vosso servo agonizante: concedei-lhe o perdãõ de todos os seus peccados, o qual elle vos pede com toda a sua alma, com hum sincero arrependimento: recuperai nelle, ó amabilissimo Pai, recuperai tudo, o que elle

elle perdeu pela fragilidade humana, ou tem profanado pela malicia do Demonio; uni bem ao corpo da Igreja este membro, que vós remistes com o vosso Sangue. Deixai mover-vos, tende compaixão, Senhor, dos seus gemidos, e das suas lagrimas; e já que elle poem toda a sua confiança na vossa misericordia, dignai-vos de lhe fazer sentir os effeitos de huma perfeita amizade com vosco, e de hum inteiro perdaõ. Nós vos pedimos esta graça, pelos merecimentos de nosso Senhor Jesu Christo.

Esta Oração consola muito, mas ella suppoem hum espirito contrito, e humilhado: e quando huma pessoa espera aquella ultima hora, para se pôr nesta santa disposição, não se poem em grande perigo?

Eu vos recomendo, meu abalissimo Irmaõ, ao Deos todo prderoso, e vos entrego, e vos deixo entre as mãos daquelle, que vos deu o ser; para que depois de teres pago o tributo á morte, torneis para o vosso Creador.

Tudo se há de reduzir a isto depois de tanto estrondo, e de tanta gloria no mundo: grandezas humanas, Monarcas, que reinais no Universo, a vossa Soberania tem limites, e os vossos dias estão contados: o vosso poder acaba com a vida, e a morte não vos respeitará mais, que ao infimo dos homens: todos os titulos, que lisongeão tanto a ambição em quanto dura a vida, se reduzem finalmente a estes dois: Deos he o nosso principio, e Deos he o nosso fim ultimo. Estes são como os titulos de recommendação para a outra vida; titulos bem honorificos, e bem vantajosos para as almas fieis, que nunca perderão de vista nem o seu nada, nem o seu fim ultimo; mas para quem talvez nunca cuidou no fim para que estava no mundo, para quem tem vivido como se nunca o houvera de deixar, será de grande consolação estar entregue entre as mãos do Creador?

Hum

Hum glorioso esquadrão de Espiritos Bem-aventurados se appresente á vossa alma no momento, em que sahir do corpo: os Apostolos, e essa multidão triunfante de Martyres, de Confessores, e de Virgens vos recebaõ com alegria, e aquelle feliz repouso, de que gozaõ os Santos Patriarcas, seja a vossa herança: finalmente, o mesmo Jesu Christo vos appareça com o rosto agradável, e alegre, e vos ponha no numero dos que haõ de estar eternamente na sua presença.

Exaqui o que se deseja a hum moribundo, e o que desejarã para nós mesmos algum dia. E será este desejo bem fundado? Se esta fosse para nós a ultima hora, seria bem fundado este desejo da Igreja nossa Mãe? A nossa vida, a nossa consciencia nos devem dar resposta disto. Que desgraça se algum dia ouvirmos estas pias Oraçoens com espanto!

Ignoret omne, quod horret in tenebris: Deos queira que ignore eternamente tudo, o que faz horror nas trevas, tudo, o que enche de raiva nas chamas, tudo, o que se padece nos tormentos. Satanás com os ministros do feu furor se confesse vencido; e bramindo de raiva, por vos ver chegar á companhia dos Santos Anjos, fuja para os horriveis abyssos, aonde nunca apparece luz. Levante-se Deos, e todos os seus inimigos sejaõ no mesmo instante dissipados, e naõ se atrevaõ a apparecer diante de sua Face, desapareçaõ todos como o fumo; e assim como a cera se derrete ao fogo, assim acabem os peccadores diante de Deos, sendo os justos ao mesmo tempo accumulados de suavidade, e de alegria na sua presença.

Todas as legioens do Inferno, e os ministros de Satanás confundidos, e dissipados, naõ se atrevaõ a demorar, ou impedir a vossa passagem; Jesu Christo, que por amor de vós foi posto na Cruz, se digne livrar-vos de todos os tormentos; permitta este

Divi-

Divino Salvador, que se dignou morrer por vós; livrar-vos da morte eterna. Este mesmo Salvador Filho de Deos vivo, vos faça entrar no gozo do Senhor; este bom Pastor não vos negue por humas das suas ovelhas, e vos ponha á sua mão direita, no numero dos Escolhidos: para que possais vós ver desde este dia a vosso Divino Redemptor face a face, e gozando da clara vista dos Bemaventurados, gostar as doçuras ineffaveis, de q̄ gozaõ os Santos na morada da eterna felicidade. Amen.

Meu Deos, que efficazes são estas Oraçoens; feitas em favor de huma alma verdadeiramente Christã! De quanta consolação são os motivos, em que ellas estão fundadas! Prohibe-se ao Demonio inquietar huma alma fiel, que nunca se metteu nos seus laços; pede-se ao Senhor, que uze de misericordia com huma alma, que sempre o amou com ternura, pede-se que recompense aquelle servo fiel, que nunca servio a outro Senhor, mais que a elle; porém, que desconsolação, que desgraça, se aquella alma tem feito tudo pelo contrario!

Suscipe Domine servum tuum. Pede-se depois ao Senhor, que receba ao seu servo na morada dos Bemaventurados, a qual misericordia elle espera obter.

Libera Domine animam servi tui ex omnibus periculis Inferni. Pede-se que livre aquella alma de todos os perigos do Inferno, e de tudo, o que a poderia fazer condemnar ás penas eternas; allega-se-lhe por motivos todos os milagres, que elle tem feito em favor dos seus servos, para os livrar dos maiores perigos. Assim como preservaste a Noé do Diluvio; assim vos dignai, Senhor, livrar a alma do vosso servo dos fôgos eternos. Assim como livrastes a Daniel do furor dos leões, assim livrai esta alma da malicia dos Poderes das Trevas.

Mas se aquella pessoa só tem servido ao mundo, se ella foi continuamente escrava das suas paixoens, se não teve outro Senhor, mais que o seu interesse; convir-lhe-há muito a qualidade de Servo de Deos, que tantas vezes se repete naquellas Oraçoens? E se não lhe convém, o Senhor receberá por ella a Oraçãõ que se faz, quando se lhe pede que tenha compaixãõ da alma do seu servo, que a livre dos laços dos seus inimigos, e que a receba na sua graça?

Commendamus tibi, Domine, animam famuli tui.
 Nós vos recomendamos, Senhor, a alma do vosso servo, continúa o Sacerdote, e nós vos pedimos, meu Senhor Jesu Christo Salvador do mundo, que vos digneis de pôr no Ceo aquelle, por amor de quem viestes á terra. Reconhecei, Senhor, a vossa creatura, ella não he obra de hum Deos estranho, mas he obra vossa. Só vós, Deos vivo e Eterno, só vós a formastes; consolai esta alma com a vossa presença, esqueceivos de todas as suas iniquidades, e de todos os seus excessos; porque em fim ainda que ella haja perdido a vossa graça, não perdeu a Fé; ella foi peccadora, mas nunca deixou de ser Christã, e ainda que teve a infelicidade de vos desagradar, nunca deixou de adorar-vos como a seu Deos.

A Igreja, como Mãe, procura quanto pôde desculpar o seus filhos: porém se aquelle filho tem perseverado nas suas desordens, se não deixando de ser Christãõ, isto he, se conhecendo a Deos, sabendo os seus preceitos, crendo as verdades do Evangelho, continuou a ultrajar, a offender áquelle, a quem elle dizia, que temia, se elle perseverou em offender hum Pai, hum Redemptor, hum Deos, ao mesmo tempo, que confessava cre-lo desta fórte, que fim, que fórte terá huma tal malicia?

Não vos lembreis mais, Senhor, dos peccados da sua mocidade, e de todas as suas ignorancias, tende só respeito ás vossas grandes misericordias. O Ceo esteja para elle aberto, os Santos Anjos gozem com elle, e se alegrem com a sua sorte; finalmente recebei, Senhor, o vosso servo no vosso Reino, S. Miguel Arcanjo Capitão da Milicia Celeste, o receba ao fahir deste mundo; os Santos Anjos lhe venhão ao encontro, e o conduzão á Celeste Jerusalém.

O Bemaventurado Apostolo S. Pedro, a quem o Senhor deo as chaves do Reino do Ceo, o receba naquella feliz Morada: o Apostolo S. Paulo, este vaso de eleição, lhe assista: o Apostolo S. João, depositario dos Divinos segredos, o ampare: todos os Santos Apostolos, a quem foi dado o poder de ligar, e absolver, todos os Santos, que padecêraõ tanto no mundo pela gloria do seu Divino Senhor, intercedaõ por elle, a fim de que tendo expirado, tenha a felicidade de entrar no Ceo pela misericordia, e merecimentos de Jesu Christo nosso Senhor, que vive, e reina com o Padre, e Espirito Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.

A Oraçaõ, que está determinada para os mortos, ordinariamente termina todas estas precedentes, e ainda mesmo antes que se acabe, essa pessoa, que expira, já sabe a sua sorte eterna. Oh! que importante he ter vivido de tal modo, que possamos ser soccorridos, e consolados verdadeiramente com estas Oraçoens!

Este he o fructo, Senhor, que eu espero tirar por meio da vossa graça, de todas as reflexoens que acabo de fazer. Que infelicidade a minha, se quando se fizerem por mim estas Oraçoens, tenha a dôr, e o pezar, de não ter tomado todas as medidas para me aproveitar dellas?

II. P O N T O.

*Reflexoens sobre as Oraçoens , que se fazem pelas
almas dos Agonizantes.*

C Onsidéra , que a Igreja nossa terna Mãy , vendendo algum de seus filhos no ponto de apparecer diante de Deos para ser julgado , se applica com cuidado a procurar-lhe muitos amigos do Senhor , e faz Oraçoens de recommendaçã por aquella alma , para lhe fazer o Juiz propicio : e devemos tratar com negligencia hum auxilio desta importancia ? E será pouca cousa sermos privados d'elle ?

Nestas Oraçoens não se faz mençaõ das bellas qualidades daquella pessoa, que morre. Salvador do mundo , não se vos pede , que vos lembreis , que esta he huma pessoa de hum nascimento illustre , de hum talento distincto , ou de huma auctoridade absoluta. Titulos pomposos , já não servis de nada. Grandezas mundanas , estais esquecidas , só se falla naquella occasiaõ dos Servos de Deos , dos Discipulos de Jesu Christo , dos Fieis , nenhuma outra qualidade passa para o outro mundo : e que será , que viraõ a ser aquellas pessoas , que não tiverem tido alguma destas qualidades ?

A Igreja roga ao Senhor , que tenha misericordia de hum moribundo , que se esqueça das defordens da sua mocidade , e de todas as suas iniquidades , que lhe conceda a graça final , e o motivo , sobre que funda toda a sua recommendaçã , he porque aquella pessoa he obra das suas maõs , porque he huma alma resgatada pelo Redemptor , que nunca perdeu a Fé , e que implora a sua misericordia.

Mas se aquelle moribundo não viveo como Christãõ , se se vangloriava de nada crer , se foi hum homem de vida livre , e dissoluta , que até

murmurava das mais terriveis verdades, se he huma dessas mulheres occiosas, que não tem Religião, senão por costume, ou por decóro, estas preces da Igreja serãõ para aquella alma de muito proveito? Serãõ ouvidas estas Oraçoens?

Quando os Santos convidados para intercederem por esses Agonizantes, não acharem naquelle mais, que signaes de hum Rebro, que só olha para o Ceo, porque o mundo o tem deixado de olhar, e que só implora a intercessão dos amigos de Deos, porque não esta já em estado de mostrar dos seus bons exemplos; por ventura intercederãõ muito pela sua felicidade? Serãõ elles muito sollicitos, mui cuidadosos para lhe fazer o Juiz propicio?

Ah meu Deos, em que cuidamos nós, senão cultivamos em quanto dura a vida a amizade daquelles, cujo amparo devemos implorar na hora da morte? O negocio he de huma tão grande consequencia, temos na verdade huma poderosa recommendação; mas de que nos servirá, se ella não he fundada mais, que em falsos titulos? Oh! quanto importa meditar muitas vezes os motivos, sobre que havemos naquella hora ser recomendados!

Que objecto mais capaz de nos mover, e ao mesmo tempo mais instructivo, do que hum Agonizante?

Palido, immovel, sem falla, e quasi sem sentidos, os olhos abertos, que só se movem por convulsoens, hum aspecto horroroso, hum cheiro já de cadaver, algumas pessoas de joelhos ao redor da cama, hum Crucifixo, huma vela na mão, e algumas gotas de agoa benta: exaqui toda a equipagem daquelle grande senhor, daquelle pessoa de qualidade, desses homens de grande poder, desses felices do seculo, já confundidos, e misturados ainda antes da sua morte, com o mais vil

escravo, o qual morre como elles.

Que triste espectáculo! Já se prepara o caixão para o enterrar, e as armaçoens funebres, prepara-se tudo. Triste apparatus, mais para satisfazer á vaidade dos vivos, do que para aliviar os mortos: e exaqui o fim de todos os enredos da Corte, de todos os grandes, e ambiciosos projectos, exaqui o termo de todos os divertimentos, exaqui a conclusão de toda a vida.

Ah Deos meu! effes mundanos, effas almas todas terrestres, effas pessoas, que estã prezas ao mundo com tantas prizoens, e que ainda as multiplicaõ todos os dias; quanto se espantarã, ouvindo estas tristes palavras: *Proficiscere, anima Christiana, de hoc mundo*: Sahe deste mundo, alma Christã, e lembra-te, que se te poem este preceito, para ir apparecer diante do Tribunal de Deos!

Porém se se não acha ainda prompto este moribundo, se não estã justos os negocios da sua consciencia, se não está rompida aquella negociaçã occulta, se não está feita aquella restituçã, se a vida Christã ainda não está principiada, se os projectos da conversã ainda se não executaráo, se o habito vicioso ainda subsiste, se elle ainda se promete huma vida mais dilatada; certamente he tanto mais digno de compaixã, quanto maior he a perda da Eternidade. Mas era necessario te-la prevenido: toda a vida vos não tinha sido dada mais, do que para isto. Oh! que cruel dôr não teremos naquella hora, por não ter cuidado no negocio da salvaçã.

In Regnum tuum, Domine, servum tuum suscipe. Recebei, Senhor, o vosso servo neste decizivo momento, recebei-o no vosso Reino: mas porque fidelidade ao vosso serviço, merece elle esta qualidade de vosso Servo? Que consolaçã não terá naquella hora huma alma Religiosa, que deixou tudo para servir a Deos, huma alma verdadeiramente
Christ-

Christã, que encheo todas as suas obrigações, e que tem sempre considerado o Ceo, como sua Patria? Porém que desesperação para elles cobardes Christãos, que achão as suas delicias no seu desterro, a quem Jesu Christo não pôde deixar de negallos de seus Discipulos?

No vosso Reino. Que! aquella morada dos Bemaventurados, que lhes custou tanto, aonde o mesmo Salvador não quiz entrar senão depois de tantos trabalhos, será dada por nada aos sensuaes, q̄ passãõ os seus dias nos regalos, e em delicias?

O Crucifixo, o unico model, de que usa o Agonizante, não condemna aquelle, que em toda a sua vida, não teve de Christão, mais que o dever indispensavel de cumprir todas as suas obrigações, e viver huma vida mortificada?

Não, Senhor, não hei de estar nestas cruéis penas: as reflexões, que tenho a felicidade de fazer, e os sentimentos interiores, que me dais, me hão de fazer prevenir tão cruéis remorsos, e pezares, e huma tão grande desgraça.

Sei, que naquella extremidade, a fraqueza, as angustias, os horrores, a agonia, me porãõ fóra do estado de reflectir, e de entrar no espirito da Igreja, e no sentido das Orações, que ella fizer por mim: mas se eu amo, e desejo bem a minha salvação, se sou prudente deço prevenir este tempo, e fazer em quanto estou com saude aquillo, que não estarei em estado de fazer naquella ultima agonia.

Senhor, eu assim o prometto fazer, e certamente he esta huma cousa, que me importa muito, para q̄ possa descaitar-me de a praticar: eu considerarei estas Orações, penetrarei de vagar o seu verdadeiro sentido, examinarei os seus motivos, ellas farãõ muitas vezes a materia das minhas reflexões, e nada deixarei para conservar em mim os titulos, sobre que he fundada esta ultima recommendação.

Dignai-

Dignai-vos, meu Salvador, de receber, e ouvir as Oraçoens, que vos fizerem entã pela minha alma, as quaes eu vos offereço já ao presente.

Eu vos recomendo esta alma, que creastes unicamente para vós, naõ permittais, que seja ella já-mais para outrem; ella he obra das vossas mãs, preço do vosso Sangue, fazei, que seja neste ultimo momento objecto das vossas grandes misericordias.

Virgem Santissima, refugio de peccadores, e Mãe de todos os Fieis, naõ recuzeis de me olhar como hum dos vossos filhos. Se eu necessito tanto por toda a vida do vosso soccorro, quanto naõ necessitarei d'elle naquella ultima hora?

E vós Espiritos Celestiaes, Bemaventurados Habitadores da Celeste Jerusalem, grandes Santos, que reinais na Gloria, tende piedade de mim, e naõ me negueis a vossa protecção diante do Pai das Misericordias.

Saia deste mundo a minha alma, em nome do Padre todo Poderoso, que a creou, em nome do Filho, que a remio, em nome do Espirito Santo, que a tem santificado com a sua graça: vá apparecer diante do seu Juiz, debaixo da protecção de todos os Bemaventurados.

Meus peccados, oh meu Deos, me enchem de horror, mas a vossa infinita bondade me enche de confiança: apartai os vossos olhos das desordens da minha mocidade, esquecei-vos dos meus erros, naõ vos lembreis mais de todas as minhas iniquidades: naõ me atrevo a appresentar-vos as minhas lagrimas, e os meus suspiros; porém peço-vos, que attendais ao Sangue, á morte, e aos merecimentos do meu Divino Salvador Jesu Christo, aos merecimentos, e amparo da Mãe do meu Deos, ás Oraçoens de todos os Santos, e á recommendação da Igreja. Naõ permittais, que o inimigo da minha alma prevaleça, e se aproveite naquella hora das vanta-

Este Rey pacifico , quer nascer em tempo , que todo o Universo gozava de huma profunda paz. Aquella tranquillidade não foi tanto o effeito do poder do Principe , que reinava , como deste Nascimento. Deos he inimigo da guerra , e da turbação ; e assim a tranquillidade , e paz he sempre huma grande disposiçã para as obras da Graça.

Em Betlem primeira habitaçã de David , devia nascer o Messias. A Providencia , que se serve de tudo para vir aos seus fins , servio-se da vaidade de hum Imperador , para fazer vir a Betlem S. Jozé , e a Santissima Virgem.

Esta Divina Mãy , conhecendo bem , que o tempo do seu Parto se chegava , busca huma hospedagem , mas inutilmente. Com o grande concurso de pessoas , que chegavaõ a toda a hora , e de toda a parte , reservaõ-se os alojamentos para os hospedes mais ricos. Aquella Virgem Mãy , e S. Jozé poderiaõ talvez achar hum retiro em Betlem ; mas sem duvida Betlem ainda não tem retiro affaz pobre para Jesu Christo , he preciso buscar hum albergue aberto de todas as partes , he necessario hum Presepe : e tambem saõ obrigadas a retirar-se para aqui as pessoas mais amadas de Deos , e as mais respeitaveis regeitadas em toda a parte. Oh meu Salvador , que cedo começais a combater , e a confundir a delicadeza , e a soberba do mundo !

Neste lugar o mais pobre , e o mais desprezivel do Universo , nasceo o Soberano Senhor do mundo. Que espectáculo mais pasmoso ! Hum Deos Menino , e este Menino , que he Deos , para quem o Ceo nada tem affaz magnifico , e que tem o seu Throno sobre os Astros , está deitado em hum Presepe , basejado de dois vis animaes , exposto a todas as injurias do ar , no mais aspero das estaçoens do anno ; ao mesmo tempo , que tantos Principes , os quaes todos saõ seus Vassallos , nascem em mag-

nificos

nificos Palacios , e na abundancia. Ah Senhor ! que idéa devemos ter depois destes exemplos da Pobreza ? E quem pôde racionalmente queixar-se , e lamentar-se da sua sorte , vendo a Jesu Christo neste estado ?

Porém quaes seriaõ neste feliz momento os affectos , e os sentimentos daquella Santa Mãe ? Com que ternura apertou ella em seus braços este amado Filho ? E com que respeito o adorou ? Os Anjos correm alli em multidão para o adorarem , no momento da sua entrada no mundo : só os homens , por amor de quem este Deos se fez homem , recuzão conhece-lo ; Maria , e Jozé são os unicos , q̄ lhe fazem Corte. Oh ! e que bem recompensada fica a dureza de todos os homens , com a ternura , e pureza destes dois coraçãoes !

Maria instruida mais que ninguem , das adoraveis qualidades de seu amado Filho , só pôde exprimir a sua admiração com o seu silencio. Porém quaes foraõ os seus sentimentos , quando se lhe representava a dureza , com que tinha sido regeitada nas pouzadas de Betlém , ainda que este desprezo só lhe era sensível por amor de seu Filho ? Que sentimentos á vista daquelle Prespepe , e daquelles vis animaes , daquella penuria de tudo , e daquella mangedoura !

Pai Eterno , he este o berço destinado para o vosso Filho ? He este o seu Palacio ? São estes os honrosos signaes da sua qualidade ? Este Divino Infante não esteve muito tempo sem os receber. Os seus Anjos tem logo ordem , para hirem dar noticia do seu Nascimento. Mas a quem se dirige esta gloriosa Embaixada ? He por ventura a todo o povo de Israel , pois que todo elle o esperava ? Era ao menos a toda a Cidade de Jerusalém , ao Rei , a seus Cortezaõs , ao Summo Sacerdote ? Ah ! Tudo isto está sepultado em hum profundo somno.

Algu-

Alguns pobres Pastores estão vigiando no mais visinho Outeiro, para defenderem os seus gados dos perigos da noite: a estes pobres homens he q̄ os Anjos são enviados, e só a elles he q̄ Jesu Christo manda dar noticia da sua chegada. Oh feliz estado, feliz condição, q̄ merece hum tal favor! Oh! E q̄ bem nos reprehende esta preferencia a estimação, que fazemos das grandezas mundanas! Grandes do mundo, julgai-vos felices no vosso estado, crêde muito embora, que as honras só são para vós; mas sempre será verdade, que na occasião mais gloriosa, os pobres vos forão preferidos, e que Jesu Christo vos não manda avizar, para lhe virdes render as vossas homenagens, senão depois delles.

Exaqui pois aquelles pobres Pastores, rodeados de repente de hum grande resplendor de luzes. Os seus olhos ficárao cegos, e o seu coração cheio de temor, ou antes de sobressalto, e de pasmo á vista de hum espectáculo taõ novo. O mesmo Anjo, que os tinha atemorizado, os enche de segurança: não tendais medo, lhes diz elle, eu vos dou a nova mais feliz, e de maior consolação, que será para vós, e para todo o povo motivo de huma extrema alegria. Hoje nasceo para vós hum Salvador, cujo poder, e força, muito superior á dos vossos antigos Principes, não se limitará só a tirar-vos de alguma pena temporal: elle he o Salvador das almas, he o vosso Messias, pedido, e esperado há tantos seculos, o vosso Senhor, o vosso Redemptor, o vosso Deus. Escolheo por lugar do seu Nascimento, assim como os Profetas o tinhaõ prognosticado, aquella Cidade, que vós chamais Cidade de David. Ahi o achareis envolto, e deitado muito pobremete em hum Presépe: estes são os signaes, que vos dou para o conheceres, e para vos convenceres das verdades, que vos digo. Que

Que agradável nova ! Mas que alegria foi a destes pobres Pastores ! Por mui desprezíveis , que sejaõ os signaes , pelos quaes lhes dizem , que reconhecerãõ o seu Salvador , de nenhuma sorte poderãõ duvidar delles : principalmente quando , apenas o Anjo acabou de fallar , ouvem as sonoras vozes de hum esquadrão de Espiritos Celestiaes , que cantavaõ os louvores do seu Senhor , e que repetiaõ muitas vezes este admiravel Cantico : *Gloria seja a Deos no Ceo , e na terra paz aos homens de boa vontade.*

Vamos , dizem elles entre si , vamos até Betlem , e vejamos esta maravilha , que Deos obrou , e se dignou de nos manifestar. Oh ! e que felices saõ aquelles , que ouvem a voz de Deos , e que a seguem sem demora ! Estes afortunados Pastores partem no mesmo instante : o amor , que elles sentem para o seu Salvador , e que os faz caminhar com tanto fervor , he hum effeito da sua prompta obediencia. Oh ! e que liberalmente he esta virtude remunerada !

Chegaõ ao Portal illustrados com huma luz sobrenatural : muito longe de se desgostarem , e ficarem aborrecidos daquella extrema pobreza , que vêm , elles comprehendem todo o seu Mysterio. Entraõ animados com aquella Fé viva , que descobre as mais escuras verdades , encontraõ tudo o que lhes disserãõ : achaõ Maria , e Jozé , para quem sentem huma profunda veneraçãõ : mas Jesu Christo logo lhes attrahe todas as suas atençaõs : postraõ-se ao pé do Prezepe , adoraõ-no com respeito , e a abundancia do seu coraçãõ supre a sua grossaria.

Ah ! meu doce Jesu , que agradável vos foi a homenagem daquelles pobres Pastores , e que facil vos he fazer verdadeiros adoradores da vossa Divina Magestade ! Meu Deos , que sorte mais digna

digna de inveja! Que sobrenaturaes luzes não infundio nos seus coraçãoes aquelle Sol, que já vinha nascendo? Receberão-se os seus pequenos presentes: mas que thesouros de bens espirituaes não levarão elles das suas visitas?

O Salvador não annunciou a sua vinda aos ricos, e aos felices do seculo, a esses mundanos, que vivem nas delicias, e na ociosidade: não somente porque em quanto dormião talvez não terião ouvido a sua voz; mas tambem, porque não poderião resolver-se a partir logo; quererião esperar o dia, e talvez, que o frio os demorasse: e finalmente terião todos dado credito a esta admiravel novidade? Accostumados a estimar as pessoas só pela mesma magnificencia, e pelo lustre exterior, terião concebido huma alta idéa do seu Salvador, vendo hum Menino, e hum Menino em hum Presepe? Não temerião elles passar por espiritos fracos, se tivessem simplesmente dado credito a esta maravilha, que se lhes annunciava? E em lugar de hum culto respeitoso, e de huma adoraçã cheia de amor, com quantas vãs, e frivolas perguntas fatigariaõ a Jozé, e Maria! Jesu Christo quer espiritos doces, e coraçãoes puros: quer pessoas, que se apressem a receber as graças, que lhes quer fazer, e que deixem tudo, por obedecer promptamente á sua voz.

O tumulto, as paixoes, o amor desordenado das riquezas, a vida molle, e deliciosa, são grandes obstaculos á Graça, e fazem infructuosa a melhor vocaçã: mas, meu Divino Salvador, nunca será o voffo exemplo affaz persuasivo, affaz poderoso para me inspirar sentimentos, e desejos contrarios? E hum Deos por amor de mim feito Menino, hum homem Deos em huma extrema pobreza, reduzido a ter por alojamento hum Presepe, não nos dá huma liçã affaz vehemente, para nos
inspi-

inspirar desprezo das grandezas mundanas, o amor da humildade?

Meu doce Jesu, vós não vos fizestes pobre, senão para nos fazeres participantes das vossas riquezas, e só destas eu tenho ambição: fazei-me também participante da vossa mesma pobreza, daquelle pobreza de espirito, que desapega o coração de todas as cousas, e que o poem na feliz disposição de amar só a vós. Fizestes do vosso Presépe huma cadeira, donde estais instruindo a todos os homens, ainda mais sensivelmente com o vosso exemplo, do que com as vossas palavras. Felices aquelles, que se quizerem aproveitar das vossas lições: para nossa instrução he, que a vossa graça, meu Salvador, se há manifestado, para que renunciando nós á impiedade, e ás concupiscencias do seculo, vivamos neste mundo conforme as leis da Temperança, da Justiça, e da Piedade.

II. P O N T O.

Reflexões sobre o que se passou no Nascimento do Jesu Christo.

Considera qual seria a nossa admiração, se os Pastores, que tiverão a felicidade de adorar a Jesu Christo no Presépe, não se fizesssem por isto melhores, e q̄ depois de o terem visto não o tivessem amado: e devemos-nos admirar menos, se depois de termos meditado neste Mysterio, não amarmos mais a Jesu Christo? Nós não o vemos, dizem, senão com os olhos e a Fé: ah! imaginamos acaso, que aquelles Pastores necessitavaõ de menos Fé para serem, que hum Menino posto em hum estado desprezível fosse o Messias? A nossa Fé sustentada com tantas maravilhas, e com tão poderosos

rosos motivos que nos obrigaõ a crer, naõ trocará algum dia o nosso coraçãõ?

Que adoravel he a conducta da Providencia! De todos os estrangeiros, que chegaõ a Betlem, nenhum ha, que naõ fique muito bem alojado: só Maria he regeitada de todos. E havia em toda a terra alguma creatura mais respeitavel? Certamente naõ: mas tambem naõ havia alguma mais Santa, e as adversidades, o desprezo do mundo, saõ a herança, q̃ pertence aos virtuosos cá na terra.

O Salvador veio ao mundo, e o mundo naõ o quiz conhecer; veio á sua propria Herança, e naõ foi recebido dos seus. Que cedo começastes a ser perseguido, meu amavel Jesu! O mundo nada quer de vós, elle vos lança de si ainda antes do vosso Nascimento; e ainda heide querer agradar ao mundo? Farme-hei toda a minha vida seu escravo? Seguirei eternamente as suas maximas? Temerei sempre a sua censura, e nunca deixarei de fazer cazo da sua approvaçaõ, e da sua amizade? Quem se attreverá a queixar-se, de que na repartição, que Deos fez dos bens deste mundo, naõ lhe deu mais, do que a seu Filho?

O homem era todo terrestre antes do Nascimento do Salvador; só se nutria, e sustentava dos bens creados, os bens espirituaes naõ tinhaõ para elle algum attractivo, pareciaõ-lhe acima das suas forças. Vem Jesu Christo para lhe dar hum novo gosto delles; começa mostrando-nos o valor da Pobreza, e a preferio a qualquer outro estado; só aos pobres envia o Anjo para lhes dar a nova do seu Nascimento. Ficamos cheios de admiraçaõ vendo esta escolha: mas havia alguma virtude mais necessaria para pessoas, que vivem sobre a terra como em hum desterro, que só devem suspirar pelos bens espirituaes, e naõ esperar felicidades senaõ na outra vida? Era necessario desapegar

gar os nossos corações da terra; que meio mais proprio para isto, que a Pobreza?

Oh meu Divino Salvador, que grande obstaculo para a salvação he o desprezo, que se faz desta preciosa virtude! Quando me aproveitarei eu do vosso exemplo? E se não posso despojar-me dos bens, de q̄ quereis, que eu goze, fazei ao menos que o meu coração não se apegue a elles, e que faça delles hum bom uso. Não ha cousa mais pobre, que hum Menino no instante, em que vem ao mundo, a morte he neste ponto semelhante ao nascimento; e porque razão não havemos querer que a vida se asemelhe á morte, e ao nascimento?

Meu Deos, que oppostos são os caminhos, que tomais para vires ao fim dos vossos designios, aos que a prudencia humana costuma escolher! Para que he aquella dinumeração Universal? Para que aquella convocação extraordinaria? Para que he aquelle ajuntamento de toda a Geração Real em Betlem? Nos designios dos homens, he para contentar a vaidade de hum Imperador; nos designios de Deos, he para completar as Profecias, e para que ache em Betlem Jesu Christo hum Nascimento pobre, obscuro, mas milagroso. Nós desconfiamos da Providencia, assim que os seus caminhos não são confórmes aos nossos pensamentos; julgamos acazo que ella não póde vir aos seus fins? Ah! Deus meu, como me he nociva esta minha imaginada sabedoria, e que grandes obstaculos poem á minha felicidade os meus falsos projectos!

Que disproporção! O legitimo Rey de Israel; o Soberano Senhor de todas as couzas, o Salvador, e Deos de todos os homens, que vem para fazer mudar de face a todo o Universo, aniquilar todas as preoccupações, destruir a superstição,

çãõ, fazer-se conhecer em todos os estados, fazer hum mundo novo; tem hum Presepe por Palacio, huma mangedoura por berço, e alguns pobres Pastores, que o vem adorar naquella cabana. Nesta disproporçãõ apparece com mais lustre a sua Divindade. O lustre, a abundancia, a sumptuosidade mundana, eraõ cousas indignas de servir a fazer conhecer a dignidade daquelle, que dá o valor a todas as cousas, e que por si mesmo he infinitamente superior a tudo.

Os Anjos sãõ enviados aos pobres Pastores, que vigiaõ sobre os seus rebanhos. Que desgraça para aquelles pobres homens, se os Anjos os tivessem achado adormecidos, se elles tivessem gastado tempo em deliberar no partido, que haviãõ de seguir; se quizessem esperar a manhã! Pois não faltavaõ para isto apparentes pretextos, a hora, o tempo, os seus rebanhos.

Ah! Deos meu, quanto importa ser docil á Graça, e prompto a seguir as vossas inspiraçoens! Quantas pessoas chamadas, não ouvem a vossa voz! Quantos sãõ negligentes em obedecer-vos! O tumulto faz aturdir, a vida delicada nos faz cobardes, o pretexto dos negocios, das difficuldades, dá idade, do estado, nos faz deter, e esta demora faz em fim desvanecer os melhores desejos.

Muitas pessoas entrãõ no Presepe, e tiveram a felicidade de alli acharem a Jesu Christo. Huns foraõ movidos de compaixãõ, outros todos pasmados á vista de huma tão extrema pobreza, contentarãõ-se de admirar a sorte do Filho, a paciencia da Mãe, e todos se retirãõ.

Facilmente se acha o Salvador, assim que se busca: Deos acha-se presente ainda até quando não he buscado; mas, que produz na maior parte dos homens a presenca da Graça? Havendo

alguns sentimentos de devoção, o entendimento logo he convencido, faz-se o plano da futura conversão: mas tudo isto não são mais, que humas vontades, que passam depressa. Tornão a voltar-se para si mesmos; os negocios temporaes, os habitos, as companhias, o natural, tudo desfráhe, tudo occupa, e tudo contribue a fazer nos esquecer de Deos.

Que felicidade para todos, os que se achavaõ em Betlem, se soubessem aproveitar-se do thesouro, que alli estava, e que perda para elles não o terem conhecido! Somos nós menos felices, e somos menos dignos de compaixão, tendo o mesmo Salvador realmente presente na Eucharistia, e não querendo aproveitar-nos do thesouro, que temos?

Meu Deos, que felices foraõ aquelles Pastores! E que bem se souberaõ, aproveitar da sua felicidade! Esta foi a recompensa da sua docilidade, e da sua promptidão em obedecer. Hum coração puro, e limpo dos affectos das creaturas, hum coração recto, e humilde, acha logo o seu Deos, e o perde raras vezes.

Meu amavel Salvador, terei eu a desgraça de ser do numero daquelles, que admiraõ tudo, o que se passou no vosso Nascimento, que ainda até são movidos do estado pobre, que escolhestes, sem vos amar por isto mais? As riquezas, a vida delicada, os lustruosos signaes de distincção, com que o mundo apaescenta os seus escravos, farão sempre tão grandes impressões sobre mim, depois de vos ter visto nascer em hum estado tão pobre?

Confesso que tão sensiveis objectos me fazem impressão na alma; as paixões são fortes, o máo exemplo me attrastra; e quanto mais me aparto de vós, menos o percebo.

Mas

Mas, meu doce Jesu, nada vos he difficul-
toso, ah! Que não podeis fazer em meu favor!
E que não tendes feito já, para me dares lugar
de esperar todas as cousas do vosso amor? Fize-
tes-vos pobre para nos fazeres participantes das
vossas riquezas; fazei-nos também agora partici-
pantes da vossa mesma pobreza, daquella pobre-
za de espirito, que desapega o coração de todas
as cousas, que o une a vós, Deus meu, que só
sois capaz de o satisfazer.

Nascestes, meu Divino Salvador, para me
salvares; fazei que a minha conversão seja hoje
o fruto do vosso Nascimento, e o excessivo amor,
que aqui me mostrais abraze o meu coração com
o fogo deste Divino amor.

Que há no vosso Presépe, que me possa des-
gostar ou perturbar? Que cousa há aqui, que me
não possa obrigar a amar-vos? Em qualquer es-
tado da vossa vida, que eu vos considere, meu
Divino Jesu, sois em tudo infinitamente amavel:
mas em tudo eu acho hum ar de Magestade, que
me inspira hum respeitoso temor: neste Mylte-
rio porém, tudo me inspira confiança, e ternura.
Huma mangedoura em hum Presépe, exaqui o
vosso Throno: o mais amavel, o mais formoso
de todos os filhos dos homens, enfaixado sobre
huma pouca de palha, exaqui o meu Salvador,
exaqui o meu Deus.

Oh, quanto desejo amar-vos! Oh, que me
parece, meu doce Jesu, que vos amo! As mi-
nhas accoens daqui por diante hão de correspon-
der á minha ternura, e ao vosso Presépe me hei
de refugiar nas minhas misérias.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Dezembro.

Da vida occulta de Jezu Christo.

I. PONTO

As eminentes virtudes, que Jezu Christo praticou na sua vida occulta.

Considera, quanto he para admitar, que o Filho de Deos tendo vindo á terra, só para glorificar seu Pai, salvando os homens; passasse quasi todos os seus annos em huma vida obscura!

E em todo este tempo, não poderia elle ter corrido todo o Universo, instruir os homens com a sua doutrina, edifica-los com o seu exemplo, convence-los com os seus milagres, e attrahilos ao conhecimento do verdadeiro Deos?

A Officina de hum Carpinteiro, era morada digna do Salvador dos homens? Huma vida escondida, e desconhecida, devia ser a vida de hum Messias? E hum taõ longo retiro, era proprio para hum Homem Deos? Bem necessario he, que isto assim seja, pois foi escolhido por aquelle, que he a mesma Sabedoria, e que tudo faz com huma prudencia, e huma sabedoria consumada.

Quem he que tinha mais no coração a Gloria de seu Pai, do que o Filho de Deos? E quem conhecia melhor, que elle, os meios de a procurar? A Salvação dos homens não era o fim da sua Incarnação? E ignorava elle acaso, que a conversão do Universo havia de ser a sua obra? Era pois necessario, que huma vida obscura até á idade de trinta annos, fosse mais gloriosa a Deos, que

que as mais lustrosas maravilhas; e que a obra da nossa Salvaçãõ pedisse este silencio, e esta obscuridade por todo aquelle tempo. Só esta verdade confunde sensivelmente a nossa falsa prudencia. Quem de nós não julga o contrario! Deos com tudo julga, e obra de outra sorte. Mas, que cousa mais admiravel, e instructiva, que os Misterios desta vida occulta?

O Padre Eterno quer ser glorificado com a vida obscura de seu Filho: o Salvador prefere esta obscuridade a todas as maravilhas de huma vida cheia de esplendor. Ah! Deos meu, quando nos persuadiremos nós, que a perfeiçãõ, e o merecimento, não consiste em dizer, em obrar, e em padecer grandes cousas pela vossa Gloria, mas em querer, e em fazer aquillo, só, que vos agrada?

O Salvador glorificava tanto a seu Pai na Officina de Nazareth com os humildes empregos, em que se occupava, quanto o fez depois na Judea, com as suas Prêgaçoens, e com os seus milagres. Meu Deos, em que erro não está aquelles, que só sentem zelo para as boas obras estrondozas! Póde-se dizer, que a obscuridade extingue o seu fervor.

Quantos achão só gosto na devoçãõ, em quanto ella he respeitada! Quanto he para temer, que o pretexto da Gloria de Deos nos empregos mais lustrosos, sirva só a encobrir a nossa suberba, e a nutrir o nosso amor próprio! E que perigo só he, que não encaminhemos sempre a Deos os applausos, que os homens nos dão, quando agrada ao Senhor abençoar os nossos trabalhos! Tudo isto não se póde temer na vida occulta. Mas he signal de grande virtude, o horror que há desta vida obscura? Se he verdade, que buscamos só a Deos, não devemos fazer cazo algum dos applausos dos homens, não buscaremos com tanta ancia os obsequios;

quios ; a vontade de Deos occupa o lugar de tudo , para quem não busca mais que a elle só.

Que virtudes se vêm aqui encerradas em huma só ! O Filho de Deos rendia huma obediencia exacta a Jozé , e Maria ; exaqui hum compendio da sua vida , desde os doze annos até os trinta. Não diremos que a obediencia só encerra em si todas as virtudes ? Porque , não podemos duvidar , que por todo aquelle tempo Jesu Christo as haja possuido todas. O Evangelho parece que diz tudo , dizendo , que elle era perfeitamente obediente.

Ah Deos meu ! que importante he esta lição ! Que pouco he gostada ! De quanta consolação nos serve o voſso exemplo , mas que pouco he seguido ! Não me he necessario mais que obedecer , e estou seguro de vos agradar ; que breve he este caminho para a Perfeição ! Não tenho mais , que obedecer , e logo pratico todas as virtudes. A mesma victoria nas mais fortes tentações , está como unida á obediencia ; somos humildes , somos sólidamente virtuosos , quando somos obedientes.

Quanto ás outras maravilhas , que Jesu Christo obrou por todo este tempo , elle as teve tão occultas , que não temos dellas mais , que hum confuso conhecimento. Aprendamos por este exemplo a fugir da ostentação : as mais ricas pinturas perdem o lustre com o demasiado ar ; huma virtude escondida sempre está em segurança ; da parte de Deos está o fazer-nos fructificar. O estrondo do mundo , a prosperidade , e o esplendor he muitas vezes para o que ama estas cousas , toda a recompensa desta virtude puramente exterior. Se nós queremos ter a Deos só por recompensa , não desejemos ter por testemunha mais , que a elle só.

A medida que Jesu Christo crescia em idade,

de, accrescenta o Evangelho, fazia apparecer nas occasioens mais sabedoria: como se a sua alma infinitamente Santa, e sempre unida á Pessoa do Verbo, podesse fazer novos progressos, e crescer em graça, e em merecimento diante de Deos, e dos homens.

Exaqui o pouco, que sabemos das maravilhas de Jesu Christo: mas este pouco não deixa de dizer muito, pois que encerra a idéa mais justa da Perfeição Christã. Este augmento sensivel de virtudes com a idade, significa o progresso, que devemos fazer todos os dias nos caminhos de Deos. Demorar-se neste caminho he hum signal de cobardia. Todos os dias recebemos novos beneficios; e não tem o Senhor direito de esperar de nós todos os dias hum maior agradecimento? A virtude de hum Christão deve crescer com a idade, e á mesma medida, que elle se vai chegando á morte, deve chegar se ao seu Deos.

Que significa a desgraça daquelle servo, por se haver contentado de conservar o talento, que tinha recebido, sem se lhe dar nada de lucrar com elle, senão a desgraça daquelles, que recebem continuamente novas graças, e tendo todos os dias mil meios de crescerem em merecimento, imaginão, que fazem bastante em se não fazerem mais mãos, sem pôrem cuidado de se fazerem melhores?

Ah! Senhor, que reprehengoens, e ao mesmo tempo, que castigos não devem esperar os Sacerdotes de Deos vivo, que distribuindo aos outros o pão de vida, morrem elles mesmos de fome, e que nutrido se todos os dias com o Corpo de Jesu Christo, não fazem novos progressos na virtude! Estas pessoas, que fazem profissão de piedade, e devoção, e que com o frequente uzo dos Sacramentos, e o soccorro de tantos meios espirituaes são sempre tão imperfeitos!

O numero destas graças se augmenta, e o merecimento se diminue. Estamos tranquillos, porque nos mantemos na mesma mediocridade de virtude; o seruo frouxo tambem estava da mesma forte, porque nada tinha perdido do talento, que o seu Senhor lhe havia entregado. Ah! Deos meu, quantos ficarão horrorizados no fim da vida, vendo-se carregados de dividas para com a Justiça Divina, por se não terem aproveitado do tempo, e de todos os meios, que tinhaõ de se fazerem huns grandes Santos!

Que terãõ para responder essas pessoas Religiosas, que muito longe de chegarem á Perfeição do seu estado, tiverem perdido todos os dias alguma cousa do seu primeiro fervor? Serãõ ellas bem recebidas dizendo, que se applicarãõ a evitar os peccados graves, julgando que não fazião grande mal em commetter muitas faltas leves?

Que terãõ para responder tantos Christãos frouxos, e imperfeitos, cuja vida he huma encadeada serie de arrependimentos, e de reçaõhidas, em quem o espirito do mundo reina, as paixoes dominaõ, e a Religião tem o ultimo lugar? Para dar huma lição a estes todos, Jesu Christo quiz que se dicesse delle, que crescia em sabedoria, e em virtude nos olhos de Deos, e dos homens, á medida que crescia em idade. O Salvador he o modelo dos Predestinados; huma vida lustrosa, e milagrosa convém só a mui poucas pessoas; mas quem pôde racionalmente dizer, que não sabe viver na obscuridade de huma vida occulta? Por tanto o contentar-se com o adquirido, não basta para contentar hum Senhor severo, que até colhe, o que não tem semeado: he necessario pois fazer todos os dias novos progressos nos caminhos da virtude.

Meu Deos, que dôr não devo ter, vendo-me

me no fim da minha carreira sem merecimentos! E estando para apparecer diante de vós, achar-me com as mãos vazias, e estando carregado de tantos annos, ter adquirido tão pouca virtude!

Mas, meu Divino Salvador, há ainda bastante tempo para recuperar a minha falta: lembrai-vos, que os que começaraõ a trabalhar á undécima hora, o fizeraõ com tanto zelo, e ardor, que mereceraõ ser recompensados, como os que trabalhavaõ desde o principio da manhã: isto anima, meu doce Jesus, a minha confiança; com esta figura conheço hum pouco tarde os meus erros, venho muito depois dos outros ao voffo serviço, mas espero, que com o auxilio da vossa Graça, trabalharei na minha salvação com tanto fervor o resto de meus dias, que não attendereis ás minhas infidelidades passadas, nem ao máo uzo, que tenho feito de tão poderosos auxilios.

II. P O N T O.

A vida occulta de Jesu Christo he o motivo, e o modelo da vida interior dos Christãos.

C Onsidéra, que o espirito interior he para a vida Christã o mesmo, que a alma he para o corpo. Sem este espirito, as acçoens de piedade mais excellentes só servem de branquear os sepulchros, e o zelo mais eloquente não he mais que hum pouco de bronze, que soa, ou como hum sino, que só faz estrondo.

Não sem mysterio, o Filho de Deos quiz viver até á idade de trinta annos huma vida escondida. Este Divino Salvador vinha para format hum verdadeiro modelo: podia elle dar-nos huma idéa mais justa da vida interior, do que vi-

vendo elle mesmo em hum tão perfeito retiro; em huma tão grande obscuridade?

Era necessario, que esta sua vida occulta precedesse á sua vida publica: o Salvador poem tres annos nesta, e trinta naquella: e como se a obscuridade da Officina de hum Carpinteiro não fosse ainda hum retiro affaz perfeito, retira-se por quarenta dias ao deserto, antes de se manifestar ao Publico.

Ah! Deos meu, que pouco seguimos nós esta maxima! Quantos se mettem nas funçoens Apostolicas, sem terem tomado estas precauçoens! Esperaõ fazer-se interiores, fazendo ver aos outros a necessidade de o ser; começaõ a derramar os seus sentidos nos objectos exteriores, com o pretexto de Charidade, e de zelo: e com effeito nada desprezaõ mais que o interior, e não conhecem que aquella viveza, que tem, aquelle fervor, que sentem, e a que chamaõ zelo, não he mais que huma agitaçã do orgulho, e do amor proprio, que lisongeaõ, e agitaõ diferentes objectos.

Hum homem interior he propriamente o verdadeiro Adorador, que adora a Deos em espirito, e em verdade. Que virtude póde ter huma alma, que não vive esta vida interior? He bem para temer, que seja semelhante áquella arvore, que o Senhor amaldiçoou, por não ter mais que folhas. Muitos tem o entendimento Christã, e o coraçã carnal, e mundano.

Hum coraçã patente a todos os objectos exteriores, huma alma em huma continua dissipaçã ás cousas exteriores, occupada continuamente com mil cuidados superfluos, pensamentos inuteis, está muito em estado de ouvir a voz daquelle, que só falla ao coraçã no Retiro? A Graça significada naquelle grã mysterioso, que cahin-

ão no caminho não toma raizes, produzirá muitos fructos, perseverará muito tempo em huma alma pouco recolhida?

O inimigo da Salvação nunca dorme. Os seus ataques são violentos. Huma alma, que poem toda a sua força em algumas praticas exteriores de devoção, está muito fraca, e debilitada; huma Praça cercada, cuja força só consiste em algumas exterioridades, não se defende, nem resiste muito tempo.

Donde procede, que haja tão pouca piedade sólida, havendo tantos, que fazem profissão de virtude? Qual he a razão porque com tantos exercicios santos de Religião, com hum tão frequente uso dos Sacramentos, com huma multidão de bons desejos, se fazem tão poucos verdadeiros espirituaes, tão poucos, que tenham entrada na Oraçãõ, e que gostem as doçuras inefaveis da paz interior, agitados sempre com mil paixoens, sempre sujeitos aos mesmos defeitos, sempre mais pezados, e mais tibios? Tudo isto não vem mais, que da negligencia em guardar o seu coração, e conservar-se em recolhimento.

Huma vida tumultuosa agrada ao que não he interior; porém não se sente, nem se considera, que esse tumulto, essa dissipação exterior expõem a alma a mil perigos, e lhe rouba a vista de mil faltas. Meu Deos, quantas palavras inconsideradas! Quantos movimentos do proprio genio, e das paixoens! Que motivos pouco puros! Quantas acçoens puramente naturaes! Huma alma porém, que vive huma vida interior, prevê, reprime, e evita tudo isto.

Que significação aquellas nuvens sem agoa, de que falla o Apostolo S. Julas, que os ventos agitam de todas as partes; que significação as arvores que não brotam, senão no Outono, que não produ-

duzem frutos , que estão mortas , e que não tem raizes ; as ondas do mar todas furiosas , que se tornam em espumas , confundindo-se humas com as outras , as estrellas errantes , presagio de alguma tempestade , senão essas pessoas de huma vida brutal , como falla o Apostolo , e que não tem a do espirito , aquellas pessoas , que só tem espiritualidade nas palavras ? Que erro ser virtuoso sem ser interior !

Exaqui , para o dizer assim , o grande mysterio daquelle vida occulta de Jesu Christo : he necessario viver huma vida interior , se queremos gostar de Deos , e sermos capazes de o fazer gostar aos outros , he necessario ser interiores , se queremos ser Discipulos de Jesu Christo.

Mas , que virtudes praticou o Filho de Deos em tão dilatado retiro ! Que humildade mais profunda ! Hum Homem Deos , passar tantos annos na Officina de hum Carpinteiro , occupado nos mais humildes empregos ! Não tinha elle para temer , que huma tão vil condiçã fosse obstaculo ao fim da sua Incarnaçã , e aos successos da sua vida publica ? Porém nunca a virtude fez mal aos designios de Deos : nunca alguem está mais em estado de trabalhar com bom successo na gloria de Deos , do que quando he humilde. Meu Divino Mestre , que pouco gostei atéqui esta maxima , e que mal a tenho seguido ! E assim tambem não me devo eu admirar , se estou hum servo tão inutil , se me tenho adiantado tão pouco no caminho da salvaçã.

A vida occulta de Jesu Christo não podia ser , senão huma vida mortificada. Que não soffreo elle na fugida para o Egypto ? A que pobreza de todas as cousas , a que desamparo não foi elle reduzido ? Que Cruzes , que trabalhos na pobreza extrema , que tinha escolhido ! Oh ! e que claramen-

te esta vida mortificada de Jesu Christo condemna a nossa delicadeza ! O Filho de Deos trabalha para viver , e hum servo deste homem Deos , quererá viver delicadamente na abundancia , e nas delicias , e se atreverá ainda a queixar-se das incomodidades do seu estado ?

Que espectáculo mais admiravel , mas ao mesmo tempo mais instructivo , ver hum Homem Deos até á idade de trinta annos , escondido na obscuridade de huma Officina , confundido com o mais infimo povo , sujeito como hum filho ás ordens , e a todas as vontades de Jozé , e Maria , e reduzido a huma extrema pobreza !

Nós nos nutrimos com mil idéas de devoção ; cada hum confôrme o proprio humor , e o proprio gollo. Avezinhemo nos hum pouco a este Divino Modelo : por ventura huma humildade profunda he a baze da nossa piedade ? Temos acazó huma occulta inclinação para o Retiro , e recolhimento interior , huma continua desconfiança dos nossos proprios juizos , e sentimentos , huma submissão inteira ás ordens do Senhor , e ás vontades de todos aquelles , que tem direito de nos mandar , ou de nos dirigir ? Finalmente hum espirito de mortificação , e desapego faz o nosso principal caracter ? Se assim he , estejamos descansados , pois certamente a nossa virtude he Christã , e não está sujeita a erro ; porém temamos muito ; se temos sentimentos oppostos , se temos huma vida toda opposta áquella.

Se o Senhor não fizesse mais , que maravilhas por toda a sua vida , e se nascesse na magnificencia , e no esplendor ; se enchesse todo o Universo de prodigios desde os seus primeiros annos , se elle só tivesse inspirado terror com os resplandecentes raios da Sua Magestade , como lhe seria bem facil ; em fim se escolhesse hum estado de vi-
da

da nobre, e distincto; poderia elle servir de modelo a todos os Christãos? Ah! Senhor, e sois por ventura mais seguido no estado humilde, e occulto, que abraçaltes?

Para que nos cansamos em fazer tantos movimentos? Para que são tantos projectos de perfeição improprios do nosso estado? Estejamos socegados naquelle, em que a Providencia nos há posto. Houve já mais algum estado, em que não poderemos ser mortificados, e ser humildes? Compramos todas as nossas obrigaçoens com pontualidade, vivamos huma vida interior, vigiemos na guarda do coração, busquemos a Deos com simplicidade, e rectidão. Que progresso, Senhor, não faz no caminho da perfeição huma alma, que vive esta vida interior, e que tem as suas delicias em esconder-se aos olhos do mundo, para se applicar só a agradar a Deos!

Com effeito, só aquellas almas humildes, e fervorosas crescem em virtude, á medida q' crescem em idade; os seus progressos são sensiveis, e as graças, que ellas recebem, á que são tão fieis, são sempre seguidas de novos favores: ao mesmo tempo que aquelles, que só tem hum exterior, e a superficie de virtude, andaõ como de rastos toda a sua vida; as graças, que elles recebem não tem outro effeito pela maior parte, senão de augmentar as suas dividas, e engrossar a formidavel conta, que tem de dar a Deos.

Ah Senhor! não permittais de modo algum, que estas reflexoens sejaõ algum dia a causa da minha condemnação. Quantos dias, quantos annos não tenho perdido atéqui? Que fructo tenho tirado de tantos soccorros? Ah! eu tenho saudades com razão da innocencia, do fervor, e ainda da piedade dos meus primeiros annos. Custa-me fazer esta confissão, que me enche de horror,

ror, mas ella não será inútil. Vossas maximas, meu Divino Mestre, condemnão o meu apego á minha propria vontade, e ás minhas inclinaçoens; e a vossa vida occulta condemna a furiosa inclinação, que tenho de apparecer aos homens, e de fazer só acçoens de esplendor.

Eu me aparto do meu erro, e começo a sentir com esta confissão o fructo da vossa Graça: daqui por diante a vida interior terá para mim poderosos attractivos; eu acharei a minha páz, e todo o meu prazer em obedecer; a mortificação dos meus sentidos, e das minhas paixoens será o meu exercicio; estudarei crescer em virtude á medida, que crescer em idade. Oh meu Divino Jesu, todo este meu projecto he fundado nos soccorros da vossa Graça. Vós vedes, que elle he sincero; multiplicaí, eu vos peço, os vossos auxilios para o fazer efficaz; e fazei, que conhecendo tanto, como conheço, as consequencias, e a indispensavel necessidade de huma vida interior, comee a gostar as doçuras de huma vida solidamente virtuosa, não vivendo jámais conforme aos meus sentidos.

O tumulto, e o esplendor nutrem todas as paixoens; a vida interior as destroe. Feliz o que sabe achar este thesouro escondido, que tão pouco se busca. Com tudo, meu Divino Mestre, vós nos tendes dado tão bellas liçoens, vós nos destes tão excellentes exemplos, quero aproveitar-me d'elles, quero segui-los; e já neste mesmo dia, vou principiar a viver só para vós, para poder dizer com o Apostolo, vivo, porém já não sou eu o que vivo, Jesu Christo he o que vive em mim: *Vivo ego, jam non ego, Vivit vero in me Christus.*

 TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Dezembro.

Da preparação para a morte.

I. P O N T O.

Da necessidade, que temos de nos preparar para a morte.

Confidera, que a necessidade, que temos de nos preparar bem para a morte, he indispensavel: nenhuma cousa há de tão grande importancia como a morte; não há cousa mais difficultosa do que huma boa morte, principalmente a quem se não prepara para ella, em quanto a vida dura. Há por ventura cousa alguma tão irreparavel, como huma desgraçada morte? Com tudo há alguma cousa, para que menos nos preparemos, do que para ter huma morte santa?

Se morressemos duas vezes, menos imprudentes seriamos de por-nos attisco de morrer huma vez mal, pois ainda poderiamos reparar esta falta, e estariamos ainda em estado de fazer penitencia, assim de huma má vida, como de huma má morte; mas não morremos mais que huma vez só, e a felicidade, ou infelicidade eterna depende desta só morte absolutamente.

Ainda que nos importe muito viver bem, temos razão de dizer, que nos importa ainda muito mais morrer bem, pois que a mais santa vida de nada nos pôde servir, se não he seguida de huma boa morte.

Quanto mais tivermos trabalhado pelo Ceo, quanto

quanto mais santa tiver sido a nossa vida, mais interesse temos em acabar santamente, para não perder os fructos dos nossos trabalhos. Verdade he, que a boa morte he o fructo ordinario de huma santa vida; mas tambem he certo, que huma morte má destroe todos os merecimentos da mais santa vida, e que todos estes não nós podem assegurar huma boa morte.

Donde procede comtudo, que não cuidemos mais em preparar-nos para a morte, do que se estivessemos seguros de morrer bem, ou como se estivessemos certos de morrer mais de huma vez, ou que morrendo mal não perdemos nada? E quem vir a nossa insensibilidade sobre este ponto, não dirá, que não há cousa mais facil, do que ter huma morte santa?

Porém ignoramos acazo, que há grande perigo de fazer mal, o que nunca se fez, principalmente quando não estamos instruidos dos meios, que he preciso tomar para o fazer bem, e quando não estamos já em estado de tomar estes meios?

Se não fosse necessario para bem morrer, mais que receber os ultimos Sacramentos, beijar o Crucifixo, derramar algumas lagrimas; seria talvez a nossa imprudencia menos intoleravel. Não he sempre difficil achar hum Confessor zeloso, e instruido, que nos assista naquelle ultimo perigo: mas a quantos faltou algum destes soccorros, e morrerão em peccado? Morrer na cinza, e debaixo de cilicios, rodeado de Sacerdotes, e de Santos Religiosos, isto he ter huma morte edificativa; mas não he precisamente ter huma morte santa. Ter huma boa morte, he morrer depois de ter apagado as desordens da propria vida, he morrer em estado de Graça, he morrer cheio de huma Fé viva, de huma Esperança invencivel, de

hum Caridade ardente ; he morrer cheio de horror a tudo , o que o mundo ama , e cheio de hum amor de Deos , que exceda a qualquer outro amor : e tudo isto será muito facil áquelle , que tem amado taõ pouco a Deos , e que passou quasi toda a sua vida sem cuidar na sua salvação ?

De que modo se achará o coração taõ repentinamente mudado ? Como se poderá em hum momento , naõ sómente apagar as paixões , mas ainda reparar todas as desordens , que ellas fizeram ? Como se poderá corrigir em hum momento os habitos viciosos , quebrar as prizoens , que nos prendem ás creaturas , como se poderá restituir o bem alheio , adquirir as virtudes Christãs , das quaes apenas se sabe o nome ; em fim como se poderá socegar em poucas horas huma consciencia afflicta com tantos remorsos , e pôr todas as nossas contas promptas , sem quasi ter cuidado nisso ? E ainda nos atreveremos a dizer , que tudo isto he facil , que tudo isto he possível ?

Se fosse taõ facil alcançar huma boa morte , depois de nos termos preparado taõ pouco para morrer bem , os Santos teriaõ sido loucos , em ter trabalhado tanto , e em terem empregado nesta preparação toda a sua vida : para que era necessario jejuar tanto , orar tanto , e derramar tantas lagrimas ? Para que se privaraõ aquelles grandes Heróes de todo o commercio com o mundo , para ter a vantajem de alcançar huma santa morte , se podiaõ morrer santamente , sem todas estas precauções , e sem algum preparo ?

Hum mancebo , que no meio dos seus mais excellentes dias , deixa tudo , o que mais o lisongea , e se vai retirar para o Claustro ; que pretende com isto , senaõ dispor-se para ter huma morte santa ? Poderemos naõ louvar , e naõ admirar a sua re-

solu-

solução, e o seu valor? Ah! ao mesmo tempo que nossos irmãos, que nossas irmãs, que nossos amigos passam os seus dias em Retiro, e em penitencia, para obterem a graça de morrer bem; nós no meio dos cuidados, e prazeres da terra esperamos huma morte, que elles mesmos não se atrevem a esperar, senão tremendo!

O Filho de Deos, que previa neste ponto a nossa negligencia, a nenhuma cousa nos exhorta tanto, como a esta preparação.

Vigiai, diz elle, porque não sabeis a que hora virá o vosso Senhor: guardai-vos, vigiai, e orai continuamente; porque não sabeis quando o Senhor da caza vira, se de tarde, ou á meia noite, ou ao canto do gallo, ou pela manhã. Estai promptos, e vigiai a toda a hora, porque á hora, que menos cuidares, virá o Filho do homem: em fim, accrescenta este Divino Salvador, o que eu vos digo, digo-o a todos: vigiai.

E para nos fazer ver mais claramente, que a preparação para a morte, he o meio mais seguro de alcançar huma morte feliz; Bemaventurados, diz elle, os Servos, que o Senhor achar vigiando, e todos promptos a correrem á porta, e abri-la, assim que elle bater. Mas que infelicidade para o que não está prompto, e que espera, que o Senhor chegue para ir fazer os seus provimentos, para aquelle, que espera a mesma hora do convité, para ir tomar a vestidura nupcial!

Esta preparação para bem morrer he tão necessária, que parece que Deos, que he o Arbitro da nossa sorte, tem unido á graça da perseverança ao cuidado, que tomamos de preparar-nos para a morte. A Parabola das Virgens não declara, nem significa outra cousa: ellas eraõ todas Virgens, sabiaõ a vinda do Esposo, ellas o esperavaõ,

vaõ, muitas dellas com tudo foraõ reprovadas. As prudentes, que se tinhaõ preparado muito tempo antes para receber o Esposo, tinhaõ prevenido as suas alampadas de azeite, para que naõ se extinguissem, e foraõ recebidas ás bodas: as outras, que naõ tinhaõ tido a mesma providencia, em castigo dos seus crimes, foraõ excluidas da mesma felicidade. Deos se naõ usa de outro modo em meu favor, que devo eu esperar? E se naõ sou louco, posso esperar ser tratado de outra fórte?

Se cuidamos de obrar alguma cousa de lustre, e esplendor, se temos a honra de receber hum Principe em nossa caza, se he necessario dar conta de huma longa administraçãõ, ou fazer em alguma arte huma obra primorosa, bom Deos! que medidas se naõ tomaõ! Que tempo para o preparo! Todos se queixaõ, todos se desculpaõ com o tempo, e os que pedem mais tempo saõ os mais prudentes. E somos nós muito sabios, cuidando taõ pouco em morrer bem? E houve jámais alguma açãõ de maior importancia? Põde-se dizer, que a boa morte he a principal obra de hum homem Christãõ ajudado da Graça; e poderá alguem ter bom successo nella, sem se ter preparado bem dantes?

Cousa pasmosa! Ninguem há, que naõ confesse facilmente, que temos necessidade de nos preparar para morrer bem, e por isto he que se teme tanto o morrer subitamente.

Mas em fim, que effeito produz este temor; e a que preparaçãõ nos há elle incitado até o presente? Posso morrer dentro de poucas horas; taõ pouco seguro he que eu esteja com vida á manhã, como daqui a dez annos. Supponhamos, que he este o ultimo dia da minha vida, estou por

Ventura prompto para morrer? E se a minha morte chega esta tarde, tenho tudo prompto para ter huma preciosa morte? Tremo com este pensamento, e quem me tem assegurado ainda este instante! E na terrivel incerteza, em que estou da hora da minha morte, quem me fez deixar para outra hora huma preparaçaõ taõ importante?

Na verdade não sei aonde está o nosso juizo, quando cuidamos do negocio da nossa salvaçaõ. Obramos nós deste modo, temos a mesma negligencia para os negocios temporaes? Quem jámais empredeu alguma cousa, por pouco consideravel que fosse, que não tomasse de longe suas medidas, para sahir bem com ella?

Se he necessario a qualquer homem fallar em publico, dar provas da sua capacidade, com que cuidado, que longo tempo antes se prepara para fallar bem! Se he necessario alcançar algum premio por algum exercicio do corpo, quanto tempo se emprega para se fazer habil neste exercicio!

Que não fazia hum Athleta, diz S. Paulo, para se dispor aos combates nos jógos publicos? Estudava muito tempo antes os meios, que elle determinava empregar alli; elle se applicava a prever todos os artificios, de que se podiaõ servir para o surprenderem; e com medo de que as suas forças se enfraquecessem usando dos prazeres; com que frugalidade, e com que continencia não vivia por muitos annos? E com tudo, o que elle buscava não era mais, que huma honra vã, e huma vil recompensa. Nós sabemos, que a nossa salvaçaõ, e a nossa felicidade eterna depende do modo, com que morremos; e ainda não procuramos aprender a morrer bem? Temos para sustentar hum terrivel combate na hora da morte; e queremos entrar neste ultimo combate sem ter já
mais

mais manejado as armas? Sem saber, nem ainda quando he necessario toma-las para vencer, sem ter previsto os meios para não sermos vencidos? He o mesmo esperar ter huma boa morte, sem ter aprendido a morrer bem, nem ainda saber o que he preciso aprender.

Os que cuidão mais na morte, os que se preparão toda a sua vida com cuidado para morrer bem, ainda não se atreverão a prometter-se seguramente huma morte santa; e como se atreverão a espera-la aquelles, que não cuidão, nem se preparão para ella.

Senhor, que me dais a graça de me fazeres sentir neste momento, o perigo, em que tenho estado atéqui; não permittais que persevere nelle. Vós vos dignais de me avisar, que me prepare para bem morrer: não serei eu totalmente indisculpavel, se ainda differir o preparar-me? Comprehando a necessidade, que tenho disto: a menor dilacão me porá em perigo de me perder, e assim vou já neste momento preparar-me para morrer bem, por huma vida santa.

II. P O N T O.

Do tempo proprio de nos prepararmos para a morte.

Considera, que facilmente convimos, que he necessario preparar-nos para bem morrer; mas he hum artificio do Demonio persuadir-nos a quasi todos, que deixemos esta preparacão para hum tempo, que já não he tempo de preparo, mas tempo, em que he necessario estar prompto.

A ultima enfermidade, aquelles dias, em que huma pessoa se vê cercada de angustias, e horrores, e as vizinhanças da morte poem tudo em pertur-

turbação ; este he o tempo , que se destina para se preparar a bem morrer : porém houve nunca algum mais improprio para isto ? 7

Ah ! Quando huma pessoa está com inteira faude , e tem toda a liberdade de espirito , quando não está horrorifada , e está tranquilla , quando póde servir-se com todo o vagar de todos os soccorros ; huma confissão geral perturba , mil duvidas fazem desesperar , mil miudezas de consciencia escapão á applicação mais escrupulosa , e depois de tanta exactidão , que pezares , que remorsos tornaõ continuamente ! E na ultima enfermidade , em que estamos privados de todos estes soccorros , quando todos confessamos , que não estamos já capazes de nada , queremos estar em estado de regular , e socegar a propria consciencia ?

Na verdade a enfermidade he huma advertencia capaz de despertar os mais adormecidos , mas isto não he mais , que para lhes fazer ver , e sentir a falta , que fizeraõ , vivendo em hum tão pernicioso somno , e a impossibilidade , em que estão naquelle tempo de reparar esta falta.

Estote parati : O Salvador não diz , quando vires que se chega o tempo , quando me sentires de longe , quando a fraqueza do vosso temperamento , os sintomas da vossa enfermidade , a velhice da vossa idade , vos advertirem , que a minha chegada está proxima , preparai-vos entãõ cuidadosamente para receber-me : mas diz , estai promptos. Porém he bem claro , que para estar prompto , he necessario estar já preparado.

Preparar-se para bem morrer , he fazer penitencia dos proprios peccados , he encher todas as obrigaçoens do proprio estado , he viver huma vida edificativa , e verdadeiramente Christã : e a enfermi-

enfermidade será bom tempo para isto?

Preparar-se para bem morrer, he fazer penitencia, reparar os damnos, que se tem feito ao proximo, restituir o bem alheio, mostrar com os proprios tratamentos, e com serviços verdadeiros, que se ha perdido a lembrança das injurias recebidas: e a ultima enfermidade será tempo accommodado para isto?

Preparar-se para bem morrer, he ter horror das maximas do mundo, praticar com perseverança as virtudes Christãs, viver conforme as maximas de Jesu Christo: e o tempo da enfermidade he muito proprio para isto? Chora, geme, arrepende-se então cada hum de se não ter preparado; que terivel desconfortação para quem não está já em estado de o fazer!

Virgens desgraçadas! Nenhuma cousa ha, que mais mova, nenhuma cousa mais justa, do que as vossas lagrimas; mas o Esposo chegou, estando vós auzentes, era necessario ter tido mais providencia, vós não estais já em tempo.

Que se diria de hum Official, de hum Soldado, que buscasse com muito zelo, ancia, e diligencia hum douto artifice para aprender a fazer as armas, quando o inimigo esta já presente, e quando se não deve cuidar mais, que na peleja?

Que se julgaria de hum Capitão de Navio, que só cuidasse de ver se os seus calabres estão em bom estado, quando se visse combatido da tempestade, e ameaçado do naufragio?

Que se diria de hum Governador de huma Praça, que só cuidasse em reparar as suas brechas, ou em fazer novas fortificaçoens, e prover-se de tudo o necessario, quando se visse accommettido, e quando o inimigo abrisse a trincheira?

A vida sempre acaba com furiosos combates,

tes, o inimigo, que havemos de vencer, he sagaz, e astuto: e o fim desta vida sera bom tempo para aprender a pelear? E que successo pode esperar aquelle, que nunca aprendeo?

A Morte, diz o Sabio, he huma navegacao perigosa, em que se passa do temporal para a Eternidade, por entre tempestades, e rochedos. He hum apertado sitio, diz o Evangelista, aonde a alma se acha em hum momento investida, e rodeada de inimigos. Na verdade cremos, que seja entao tempo accommodado para nos preparar para pelear? Com tudo este he o tempo, que eu destino para me preparar!

He verdade, que nem todos deixaõ para tao longe esta preparacao: muitos so pertendem deixar passar o fogo da mocidade, este agradavel tempo dos prazeres: quando chegarem a humidade mais madura, elles tem o designio de se prepararem para bem morrer, começando entao a viver bem.

Outros mais timoratos, naõ esperaõ mais, que o fim de algum negocio, que os occupa, e lhes naõ deixa lugar de se prepararem para a morte: e todos deixaõ para hum tempo futuro, e incerto huma preparacao, que pede todo o tempo da vida. Quem quereria arriscar toda a sua fazenda, com a esperanza de huma longa vida? Pode-se morrer a cada momento, qualquer pode ser o ultimo da vida, e faria eu muito, se começasse a preparar-me para a morte ja neste dia?

He possivel, Senhor, que cuidemos tao pouco em huma cousa, que nos importa mais que todas faze-la bem? Ignoramos acaso, que a nossa salvacao depende da morte?

O tempo proprio para nos prepararmos para bem morrer he toda a vida: o mesmo Jesu Christo naõ jul-

julgou, que fosse necessario empregar nisto menos tempo.

Nenhuma cousa póde consolar mais o moribundo, e nenhuma cousa lhe póde ser mais util, que os soccorros, que se lhe daõ na hora da morte. Que felicidade ser assistido neste ultimo momento de hum Confessor zeloso, e instruido! Morrer depois de haver recebido os Sacramentos, expirar com o Crucifixo nas maõs, ou pegado na boca: isto na verdade he morrer de hum modo edificativo, estes saõ os maiores signaes de huma boa morte: mas nisto só naõ consiste toda a preparaçaõ do que morre, de nenhuma forte ficamos certos, que foi aquella huma morte santa.

Defenganemo-nos, a melhor preparaçaõ para a morte, he a fantidade de toda a vida, empregamos nella muito pouco tempo, se se emprega menos, do que a vida toda. S. Simeaõ Estelita morre subitamente sobre a sua Columna, S. Francisco Xavier morre sobre hum penedo, em hum Paiz de Idololtras, sem Sacramentos, sem Sacerdotes, sem soccorros alguns espirituaes da parte dos homens; mas por muito subita que seja a morte, ella nunca he imprevista, para quem se preparou para ella toda a vida.

Que sincera he huma reconciliaçaõ, quando ella he seguida de muitas provas de huma verdadeira amizade! Quantos motivos naõ tem huma pessoa de confiar na sua conversaõ, quando póde provar a sua sinceridade, por huma perseverança de muitos annos! Que exacta he huma Confissaõ geral, que inteira, quando se faz em saude perfeita, e com o desígnio de se preparar para bem morrer!

Porém naõ ha cousa mais triste, dizem, que o pensamento da morte: elle perturba os prazeres,

Yes, elle até impediria, que nos applicassemos ao proprio emprego, e aos proprios negocios. Enganamo-nos: o pensamento da morte não perturba, não horrorisa, senão aquelles, que não cuidão na morte: porém este mesmo pensamento he de grande consolação para todos aquelles, que se preparaõ, e cuidão nella com diligencia: não impede, que nos applicuemos aos proprios negocios temporaes, mas impede, que os negocios temporaes fação mal ao da Eternidade.

Não he possível poder jámais cá na terra chegar a huma felicidade perfeita, senão por aquelles mesmos caminhos, que conduzem a huma feliz morte.

Aprender a arte de bem morrer, he não sómente aprender a arte de bem viver, mas he tambem aprender a arte de viver felizmente. Sim, o pensamento da morte só nos faz tristes por causa da justa razão, que temos de temer morrer mal: porém este pensamento não he hum justo motivo de consolação, e de alegria, a quem sabe a arte de viver bem? E na verdade, quando huma pessoa vive de tal sorte, que esteja em estado de morrer a toda a hora, não se entristece em considerar na morte.

Não he sómente huma só idade da vida, que contribue a huma boa morte, são todas as idades, he toda a vida; he logo verdade, que toda a vida he o unico tempo proprio para nos prepararmos para bem morrer.

Meu Deos, que digna de inveja he huma preciosa morte nos vossos olhos! Ah! Morrer naquella doce paz, naquella confiança cheia de consolação, que inspirais aos vossos Servos, e que he o fructo de huma vida innocente! Ah! Morrer com a morte dos Santos; houve nunca algu m objecto
mais

mais digno da nossa ambição? E para huma tão grande felicidade, seguida sempre de huma Eternidade feliz, será muito cuidar na morte, e preparar-nos para ella toda a vida?

Ubi ceciderit arbor, ibi erit. Desgraçada arvore, era preciso abala-la tanto tempo, para vir a cahir tão mal? He possível, que só occupasse a terra por tantos annos, e só estivesse carregada de folhas, para dar ao fogo hum alimento eterno? Ah! Quem teve a culpa de não ter cahido da outra parte? Ella tinha sido tão fortemente combatida com o vento do Espirito Santo, tinha sido vista tantas vezes inclinada de boa parte, desprezamos torna-la a indireitar, julgamos que sempre estaríamos a tempo disso, não cuidamos, que cahiria tão cedo, nem tão depressa, correremos a ella para a fazer cahir de boa parte, mas foi muito tarde, era necessario prevenir o mal; *Ubi ceciderit, ibi erit.* E depois desta queda, nenhum remedio ha; he esta huma sentença irrevogavel, aonde cahio, ahi estará, ahi arderá, e como nunca se ha de consumir, arderá eternamente.

Ah! Senhor, em que tenho cuidado atéqui? Quantos dias tenho empregado em me preparar para a morte? Quantos annos? Tremo, meu Divino Jesus, quando cuido, que tenho podido morrer como outros muitos, que esperavaõ como eu huma longa vida. Ah! que feria de mim, se já tivesse acabado a vida, tendo-me preparado tão pouco, e quasi não tendo cuidado na sepultura? Teria tido a felicidade de morrer com a morte dos Justos?

Meu Deos, eu tremo á vista de hum tão grande perigo; mas não tenho eu ainda a mesma razão para temer? Posso morrer esta tarde, tal-

vez

faria. Nem todos estão em estado de poderem jejuar : a solidão , as austeridades , certos exercicios de virtude , não são igualmente proprios para todas as pessoas ; mas não ha nenhuma pessoa de qualquer idade , ou condição que seja , e em qualquer estado , em que se ache , que possa com razão dispensar-se de se preparar para a morte.

Nenhuma cousa nos importa mais , do que morrer bem : nada ha ao mesmo tempo mais difficil , nada mais irreparavel , do que a morte , que foi desgraçada : nenhuma desgraça nesta vida ha sem remedio , só a morte em peccado he irremediavel. Temos nós por ventura alguma cousa , em que devamos trabalhar mais , que em ter huma morte santa ?

Deixar este cuidado para huma idade mais adiantada , he esperar hum tempo muito incerto , he arriscar muito em hum negocio de tanta importancia : deixa-lo para a ultima enfermidade , este tempo he muito breve para hum tão longo exame , e muito máo para huma empreza tão delicada , he necessario tomar este cuidado em melhor tempo : e seria por ventura muito cedo , se começassemos já neste momento ?

Importa nos muito saber a arte de bem morrer ; todas as boas obras , todos os exercicios de Piedade , todo o bem , que podemos fazer , só tendem a ensinar-nos esta importante sciencia. Sejamos muito embora instruidos em todas as outras cousas , se ignorarmos o modo de nos preparar para ter huma morte santa , he o mesmo que se não foubessemos nada.

O modo mais geral , e ao mesmo tempo , mais necessario de nos preparar para bem morrer , he viver huma vida justa : he necessario começar a preparar-nos para bem morrer , logo que podemos

mos

mos começar a viver bem, e a vida de hum Christão propriamente deve ser huma continua preparação para a morte.

Tememos morrer subitamente: mas que effeito produz este temor, se nos pomos em huma especie de necessidade de ter huma morte imprevisita? E qual pôde ser a morte daquelles, que só cuidaõ em preparar-se para morrer bem, quando deviaõ já estar promptos?

Por mais santamente, que tenhamos vivido; sempre temos razaõ de temer morrer mal: e que esperança há de hum homem, que tem vivido mal, q̄ morra bem, e q̄ repare em dous dias as faltas, e desordens de huma longa vida, ao mesmo tempo que os maiores Santos, que tinhaõ vivido huma vida taõ perfeita, naõ se julgáraõ estar isentos de perigo na hora da morte?

Espera-se que sempre haverá tempo, isto he, espera-se hum tempo, que talvez nunca haverá, como ordinariamente succede á maior parte dos homens, hum tempo, que já naõ será tempo acõmodado.

Confiamos na Graça, e no tempo: mas quem nos pôde prometter esta Graça da perseverança final, principalmente depois de termos desprezado todas, as que o Senhor nos dava, para dispor-nos para esta ultima? E naõ nos assegurou o Filho de Deos, que os que esperaõ o ultimo tempo da vida para se converterem, morrerãõ no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini?* Por ventura imaginamos nós frustrar este Oraculo?

Quando a morte, que julgavas taõ apartada, diz o Espírito Santo pela boca do Sabio, quando as tribulaçoens, e angustias, de que naõ ti-nhas algum temor, vierem cahir sobre ti; eu

zombarei, e desprefarei os teos clamores, e as tuas lagrimas; e neste ultimo momento eu me rirei do peccador, e ainda até insultarei a sua desgraça: *In interitu vestro ridebo, & subsannabo vos.* Elle desprezou as minhas urgentes sollicitaçoes, zombou das minhas ameaças, eu não terei pois tambem algum respeito ás suas Oraçoes, e aos seus clamores: *Despexistis omne consilium meum, & inreparationes meas neglexistis: clamabit ad me, & ego non exaudiam vos.*

Na verdade raras vezes succede, que huma santa vida acabe por huma morte desgraçada: mas ainda he mais raro, que a huma vida má se figa huma boa morte.

Hum modo mais particular de preparar nos para a morte, e mais proprio para este dia de Retiro, he fazer todos os exercicios deste dia com o pensamento, de que he o ultimo da nossa vida, não desprezando nada para nos pôr naquellas disposições, em que queriamos estar na hora da morte.

He necessario para isto considerar attentamente no fim de cada Meditação, nos sentimentos, que teriamos sobre as verdades, que acabamos de meditar, se estivessemos para ir dar conta a Deos de toda a nossa vida, e devemos principalmente considerar, o que nos daria pena se estivessemos para morrer.

Tres cousas nos causão ordinariamente afflicção na hora da morte. 1. As obrigações do proprio estado, que desprezamos. 2. O frequente uzo dos Sacramentos, e de outras graças espirituaes, de que não nos havemos aproveitado. 3. Os meios, que tivemos de chegar á Perfeição de nosso estado, e dos quaes nos não aproveitamos. Devemos neste dia considerar com attenção, se a
nossa

voſſa consciencia nos não reprehende em nada ſobre eſtes tres pontos; de que modo temos cumprido atéqui as obrigaçoens do noſſo eſtado; e com que pontualidade as enchemos agora. Se aquelle Senhor exacto, e ſevero nos dicelſe ao preſente, dai-me conta da voſſa adminiſtração, eſtaria tudo prompto? Eſtariamos nós em eſtado de dar huma boa conta?

Se eſtamos em o ſeculo, vivemos por ventura nelle, como Chriſtãos, quero dizer, conſórme as máximas de Jeſu Chriſto?

Se temos a felicidade de ſermos Religioſos, com que exactidão guardamos nós os noſſos Votos, e as noſſas Regras?

Se eſtamos elevados á alta dignidade do Sacerdocio, ſuſtentamos por ventura a ſua ſantidade com os noſſos coſtumes? Temos ſido atéqui o que deviamos ſer? Eſtamos contentes da vida, que vivemos? Alegrar-nos-hemos na hora da morte, de não ter mais virtude, do que temos agora?

Huma das maiores aflicçoens, que teremos na hora da morte, he ver o máo uzo que temos feito do tempo. Eſta confideração nos cauſa peſares tanto mais amargos, quanto mais nos lembramos, que a vida não nos tinha ſido dada, ſenão para ganhar o Ceo, e que em quanto ella durou, podiamos facilmente fazer hum grande montão de merecimentos, e que paſſou para não tornar jámais. Então penetraremos o ſentido daquellas terriveis palavras, que o Pai de Familias diſſe ao Feitor infiel: *Jam non poteris amplius villicare*. Não podeis já ganhar nada para a outra vida, atéqui eſtiveſtes ocioſo, não quizeſtes trabalhar, já não tendes tempo de o fazer. Oh Deos, que pena! Que dôr! Que horriſſimo deſeſperação, por ſe ver então obrigado a apparecer

diante de Deos com as maõs vazias, carregade de dividas, sem ter nada para as satisfazer!

Em o mesmo momento, que apparecer diante deste tremendo Juiz, apparecerãõ comigo Santos Sacerdotes, Santos Religiosos, homens, e mulheres, que viverãõ em o mundo huma vida verdadeiramente Christã, huma vida humilde, regular, mortificada, huma vida inteiramente contraria á minha; e entãõ naõ se lhes dirã, vós fizestes muito: antes lhes dirã, que elles naõ fizeram demaziado: e que será feito de mim naquella hora? Que me dirãõ? Evitemos agora estas terribes reprehensõens por huma conversãõ perfeita, e convertamo-nos já desde este momento.

Por ventura naõ acharemos nada, em que nos reprehenda a nossa consciencia em hum taõ grande numero de Confissoens, quasi todas sem emenda, e em tantas Communhoens infructuosas? Jesu Christo nos sustenta com o seu Corpo, e Sangue precioso; he necessario que estejamos bem enfermos, quando nos naõ aproveitemos de hum alimento taõ saudavel. Mas que poderemos nõs responder, quando Jesu Christo nos pedir conta do seu Sangue?

O Sacrificio da Missa he a mais augusta, e mais santa açãõ, que há no Christianismo: e por ventura temo-la respeitado sempre como tal? E se houvessemos de morrer agora, estariamos muito consolados (se somos Sacerdotes) com a lembrança das disposiçoens, com que havemos celebrado os nossos sagrados Mysterios? Poderiamos gloriar-nos diante de Deos, por ter offerecido tantas vezes aquella adoravel victima em os nossos Altares?

As graças sãõ o preço dos merecimentos do Sangue do Redemptor, todo o Universo naõ vale

a menor destas graças : quantas temos recebido, depois que estamos no mundo ? Quantas inspiraçoens santas ? Quantos bons desejos ? De todas estas liberalidades do Senhor, certamente havemos de dar huma exacta conta. Estariamos por ventura promptos para dar esta conta, se houvessemos de morrer agora ? Pois com effeito tudo devemos ter prompto quando morrermos.

Temos recebido talentos : não basta não os perder, he necessario lucrar com elles. Se o Pai de Familias nos pedisse conta dos que temos recebido, poderiamos dar-lhe o lucro delles ? Se temos hum emprego, huma familia, ou outro qualquer cuidado, devemos dar conta de tudo isto : e ainda não acharemos que dizer aos costumes licenciosos dos nossos criados, á dissolução dos filhos, e ás funestas consequencias da nossa pouca exactidão, ou industria ? Estamos promptos para responder sobre todos estes artigos ? Exaqui no que nos devemos examinar neste dia, no fim deste exercicio, e principalmente na Meditação da morte. A Confissão deve-se fazer neste dia, como se houvesse de ser a ultima da nossa vida, e com o designio de reparar todas as que se tem feito mal.

He tambem conveniente fazer algumas reflexoens sobre o estado presente dos proprios negocios, e ordena-los de sorte, que não nos possaõ affligir na hora da morte.

Não basta empregar nesta importante preparação hum dia todos os mezes : devemos empregar hum dia inteiro no principio de cada hum anno, applicar-nos a adquirir as disposiçoens, e ficar no estado, em que quizeramos estar na hora da morte.

Na vespera do dia destinado para este exercicio

de piedade, buscaremos ordenar tambem os proprios negocios, que não sejamos obrigados a interromper o nosso Retiro, que pede huma perfeita tranquillidade do coração, e da alma.

Póde-se começar desde a tarde do dia antecedente, por huma vizita ao Santissimo Sacramento, pedindo com fervor a Jesu Christo pelos merecimentos da sua morte, a graça de nos dispôr perfeitamente para bem morrer. Devemos depois invocar particularmente a Santissima Virgem, cuja protecção nos he de grande soccorro para esta ultima hora, a S. Miguel, o nosso Anjo da guarda, S. Jozé, e o Santo do nosso nome. Podem-se rezar as Vesperas do Officio de Defuntos; depois do que, se fará huma meditação de meia hora, sobre os pezares, que teremos no fim da vida, e poderemos ter depois algumas lições sobre o bom uzo do tempo, e sobre os meios, que temos tido de tratar da nossa Salvação, e dos quaes nos temos aproveitado tão pouco.

Devemos passar o resto deste dia em hum grande recolhimento, longe dos embarços, e do tumulto do mundo, e unicamente applicados a pôr em ordem o negocio da nossa Salvação. Ler-se-há na vespera de tarde a Parabola do servo infiel, que se refere no cap. 16. do Evangelho de S. Lucas, aonde se diz: que hum homem rico tendo chamado o Administrador da sua caza, do qual não estava contente, lhe disse, dai-me conta da vossa administração: *Redde rationem villicationis tue.* Applicaremos a nós mesmos esta Parabola, e consideraremos o Soberano Senhor, que nos diz já o que nos ha de dizer no fim da vida: *Redde rationem villicationis tue.* Dá-me conta de todas as graças, que tens recebido, de todas as acções, que tens feito, de todo o tempo, que háis tido: nestas reflexoens se passará esta tarde. Co-

Começaremos o dia seguinte, dando graças a Deos por nos dar ainda tempo, e o pensamento de nos preparar para a morte, pedindo-lhe que nos ajude com as suas graças em todos os exercicios deste dia, pondo-nos em huma resolução firme de não desprezar nada, para pôr a nossa consciencia em tão bom estado, que não tenha nada para nos reprehender, e que não nos fique duvida alguma, nem escrúpulo sobre o passado: tendo este dia como o ultimo da vida, e formando o designio de o passar como quizeramos ter passado o ultimo da nossa vida.

Prostrados pois aos pés de hum Crucifixo, faremos hum inteiro sacrificio a Deos dos bens, da saúde, e da vida: aceitando desde já com todo o coração a morte, quando for do agrado do Senhor que ella venha, aceitando-a em satisfação dos nossos peccados, e unindo-a á Morte de Jesu Christo. Far-se-há depois huma hora de meditação, sobre o que se passa na hora da morte, buscando persuadir-nos que não estamos muito longe daquella ultima hora, e entrando nos mesmos sentimentos, que então havemos de ter.

Consideraremos attentamente o rigor, com que a morte nos despoja de todas as cousas, o estado, a que reduz o nosso corpo na sepultura, e o esquecimento profundo, em que ficamos depois da nossa morte. Parentes, amigos, domesticos, filhos, todos se esquecem, e não se lembram jámais de nós, como se nunca tivessemos existido no mundo. Mas que se faz da alma? Que horrores são os seus naquella hora, que inquietações, que remorsos, que pezares?

Representar-nos-hemos a vaidade de tudo, o que nos pôde apegar ao mundo: que loucura confiar muito nas creaturas? Bens, honras, prazeres,

tu-

tudo desaparece , tudo se aniquilla com a morte.

Faremos reflexão de quanto nos importa o morrer bem , e que perigoso he ter huma morte desgraçada , se nos não preparamos para ella , e que inutil he deixar esta preparação para a ultima enfermidade. Acharemos neste livro meditações sobre esta materia.

O fructo desta Meditação deve ser huma resolução sincera de fazer já , e sem demora , o que talvez não poderemos fazer na morte , e que necessariamente deveriamos fazer neste tempo decisivo , e infallivelmente o quizeramos ter feito.

A obscuridade do lugar , e a presença , e vista de certos objectos mais penetrantes , podem servir muito para nos recolher : he bom ter hum Crucifixo na mão , ou ao menos diante dos olhos , considerando , que este será o unico objecto capaz de nos consolar , quando estivermos agonizando , e que só elle nos pôde encher de segurança entre os horrores da morte.

Quando nos derem a nova da nossa morte , certamente a primeira cousa , que se apresentará á nossa imaginação , há de ser a imagem da nossa vida : veremos de huma só vista todas as suas sombras , e todas suas delineações.

Em quanto vivemos , lisongeamo-nos , dissimulamos , e não olhamos para as cousas , senão de longe , e superficialmente ; mas naquella hora , esta imagem , todos estes objectos se chegam perto de nós , vemos todas as nossas desordens , todos os defeitos , e ouvimos o Senhor , que nos pergunta : de quem he esta imagem ? Agora divertimo-nos , atorlamo nos , e vemos as cousas em huma falsa luz ; na hora da morte todos estes nevoeiros se dissipam , hum peccado , que não parecia nada quando o commetemos , parece então enor-

enorme, estando nós illustrados com huma nova luz.

Huma obrigação que tínhamos desprezado, como de pouca importancia, será naquelle instante julgada, como huma obrigação essencial, e indispensavel. Mil duvidas, que tínhamos como adormecidas, se despertaõ, mil faltas, mil preoccupações, que não serviaõ mais que de nos atordir, se desvanecem, e deixaõ a alma entregue aos temores, e a os remorfos.

Que juizo faremos entaõ daquellas primeiras Confissoens, que fizemos ao sahir da Infancia, e de outras muitas feitas por capricho, sem dôr, e sem fructo. As turbaçoens de huma consciencia desafocogada, a imagem de huma vida taõ pecaminosa, causaõ estranhos horrores, e lançaõ muitas pessoas em huma especie de desesperação, porque sentem a horrivel perda, que fizeraõ: quizeramos entaõ reparar tantas desordens, mas que meio há para isto? Ja não estamos em estado disto, nem há já tempo.

Éra necessario haver feito tudo, quando estavamos com saude, quando tínhamos toda a liberdade de espirito, e finalmente quando havia tempo de o fazer; e agora he para nós huma muito doce consolação, cuidar que ainda estamos em tempo disto.

Devemo-nos confessar neste dia, como se fosse para morrer; de sorte que não deixemos nada, que não diffimulemos nada, que possa algum dia causar-nos afflicção. He necessario que o Confessor veja na nossa alma tudo, o que nós vemos nella, tudo, o que Deos vê nella, tudo, o que algum dia elle mesmo fará ver a todo o mundo, se agora não prevenimos esta horrorosa manifestação da nossa consciencia, por huma Confissão verdadeira; humilde, e inteira.

Os

Os artigos, sobre que nos devemos examinar com mais cuidado, são a restituição dos bens alheios, a reparação da fama do nosso próximo, offendida com tantas murmurações, o máo exemplo, que temos dado, a tibieza, em que temos vivido, as inimizades, e aversoens occultas, a falta de dór, e de resolução efficaz, ou de sinceridade nas Confissoens passadas, tantas Communhoens infructuosas, os peccados da mocidade, que talvez nunca foraõ bem accuzados, e outros certos peccados, aonde o interesse, e ambição se satisfazem: os máos habitos, que temos conservado, os apegos, que nunca quizemos romper, as occasioens proximas do peccado, que não evitámos, a paixão dominante, fecunda fonte das nossas defordens, o excessivo amor dos prazeres, a ignorância de certas obrigações do nosso estado, certas zombarias, ou picantes, ou escandalosas, o máo uzo, que se tem feito do tempo, e das graças. Se somos Religiosos, devemos examinar a pontualidade, com que observamos os Votos, o fervor, com que guardamos as regras, finalmente a fidelidade, com que cumprimos tudo, a que nos obriga particularmente o nosso estado.

Exaqui o que ordinariamente nos inquieta mais na hora da morte, e faz mais incerta a nossa eterna felicidade. Hum grande signal da sinceridade dos mais fervorosos propósitos, e da dór sensível, he quando antes da Confissão se restitue o alheio, se repara a honra, que temos roubado, e nos apartamos das occasioens proximas, e nos reconciliamos com os nossos inimigos.

O primeiro passo, que deve dar hum homem sabio em o negocio da sua alma, he pôr a sua consciencia em hum tal estado, que não lhe possa reprehender nada. Se tendes ainda pezares, re-
mor-

morfos, duvidas bem fundadas sobre a vida passada; confessai-vos geralmente com todo o cuidado, com toda a exactidão, e com toda a severidade possível. Escolhei hum Confessor zeloso, de virtude, e instruido, que sabendo distinguir a lepra de outro menor mal, e lançar o oleo, e o vinho nas chagas, muito longe de entreter o vosso mal, lisongeando-o, o cure, ainda que seja necessario uzar dos remedios mais violentos. Não he necessario fazer muitas vezes estas sortes de confissoens, mas toda via, he bem a proposito fazer ao menos huma vez na vida huma Confissão geral, que repare os defeitos das precedentes, e apague muitos peccados, que não tinhão sido perdoados. Huma idade madura, e já illustrada, he a mais propria para este remedio, mas não há tempo na vida menos proprio para hum acto desta importancia, como o da ultima enfermidade, não há imprudencia maior, do que deixar este negocio para este ultimo ponto.

Se a consciencia ficou bem regulada, e concertada huma vez, contentai-vos cada anno em o dia destinado para preparar para a morte com fazer huma Confissão annual: e este he o meio de não nos ser necessaria na hora da morte mais, que huma Confissão ordinaria.

Deve-se commungar neste dia, como se fosse por Viatico. De nenhuma sorte se está em estado de fazer grandes actos, quando se recebe este Sacramento na hora da morte: o abatimento, o horror, a turbação, que causa o estado, em que então nos vemos, nem sempre deixão ao enfermo toda a liberdade de fazer com fervor esta acção: neste dia pois devemos suprir a isto, e commungar com as mesmas disposições, em que quereríamos estar, se recebéssemos o Viatico; esta

esta Communhaõ deve ser, como ensaio para aquella ultima.

Immaginemos que o Sacerdote dando-nos a Communhaõ nos diz : *Accipe frater, Viaticum Corporis Domini nostri Jesu Christi.* Recebei, meu Irmaõ, o Corpo, e o Sangue precioso de nosso Senhor Jesu Christo, para vos servir de Viatico na viagem, que estais para fazer desta vida para a outra, do tempo para a Eternidade. Os actos, que depois se haõ de fazer, devem ser proprios do estado, em que nos representamos estar; serã difficil faze-los bem naquella ultima hora, se naõ nos exercitamos dantes nelles.

Poder-se-há ler pelo dia a terceira Meditaçaõ do Mez de Outubro, e de Novembro, da Extrema-Unçaõ, e da Recomendaçaõ da alma; buscando fazer-nos familiares, digamo-lo assim, socorros taõ poderosos, e taõ necessarios, os quaes saõ desconhecidos a muitas pessoas.

Terminados os negocios da consciencia, he necessario cuidar nos temporaes, considerar se está tudo em boa ordem, e cuidar na disposiçaõ de todos os bens, como se estivessemos para morrer. He para pasmar, que pessoas, que saõ tidas por prudentes, se achem no fim da vida sem terem dado providencia aos seus negocios; e acha-se na ultima enfermidade fóra de estado de compôr, e regular todas as cousas, mettendo a sua familia em mil embarços, e turbaçoens, que daõ motivo para inimizades, e diversos partidos.

Que maior imprudencia, do que deixar a disposiçaõ, que se quer fazer da todos os bens para hum tempo, cujos momentos saõ todos taõ preciosos, e que se naõ devem empregar em outra cousa, mais que em segurar os bens eternos! Já naõ há entaõ, senaõ algumas horas de vida;

e haõ-se de empregar éstas em fazer a disposiçaõ dos proprios bens ?

Fazei vosso testamento , diz Santo Agostinho , em quanto estais com saude , em quanto estais em vosso juizo , e sois senhor do tempo , e de vós mesmo , e finalmente em quanto sois voffo : *Fac testamentum tuum , dum sanus es , dum sapiens es , & dum tuus es.* Na ultima enfermidade , continúa este Padre , estareis exposto ás lições , ás importunaçoens , e aos assálto de tantas pessoas , que naõ podereis fazer o que quizeres , mas o que ellas quizerem , que vós façais , e ainda naõ sabereis quasi o que fazeis : *In infirmitate blanditiis , & minis duceris , quò tu non vis.* Além disto , o tempo da ultima enfermidade he muito precioso , e muito breve , para que ainda consumamos parte delle nos negocios temporaes. Attendei com tudo , que deixando os vossos bens aos outros , naõ vos esqueçais de vós mesmo , isto he o que farieis , se os pobres naõ tivessem parte na disposiçaõ , que fazeis de todos os vossos bens. Assisti á Missa com sentimentos de respeito , de amor , de confiança , que inspira huma Fé viva , e considerai naquellas , que dirãõ por vós no dia da vossa morte. Rezai com o mesmo espirito o Officio de Defuntos , e as outras Oraçoens , que a Igreja faz por elles , e que tambem fará por vós , e naõ percais de nenhuma fórte por todo este dia de vista a sepultura.

Naõ basta para nos preparar para a morte , fazer ao presente , o que entãõ talvez naõ podemos obrar , he necessario tambem fazer em quanto dura a vida , o que necessariamente se deve fazer na hora da morte.

Que desapego , que despojo , e pobreza mais universal , do que aquella , a que somos reduzi-
 neste

neste ultimo momento? Bens, Cargos, Filhós, Parentes, Amigos, por muito fortes, que sejaõ as prizoens, que nos apeguem a vós, a morte quebra tudo com violencia, e nos arranca com força de tudo, o que mais amamos. Façamos hoje com merecimento, o que seremos obrigados a fazer entãõ sem algum proveito. Demos a Deos de boa vontade, o que a morte nos hade tirar por força; desfatemos docemente as prizoens, que nos prendem ás creaturas, para evitar a excessiva dôr, que sentiriamos na hora da morte, quando Deos rompesse estes nós de repente, sem attender á nossa sensibilidade, e afflicção. Meu Deos, que excellente disposiçãõ para morrer sem pena he este desapego voluntario! Eu heide algum dia despojar-me de tudo, já naõ quero apagar-me a nada: exaqui o verdadeiro sentido daquellas palavras do Apóstolo *quotidie morior*, morro todos os dias.

Tambem he hum grande meio para morrer bem, fazer agora tudo, o que infallivelmente quizeramos ter feito na hora da morte.

Huma das maiores afflicçoens, que há na hora da morte, he o máo uso, que se fez do tempo, e das graças em quanto a vida durou; a lembrança da irreparavel perda, que se fez, despresando a practica de tantas virtudes, e o uso de tantos meios, he hum horrivel tormento. Eu podia fazer tantas obras boas, sem sahir dos limites do meu estado podia chegar a huma virtude sublime, que soccorros, que meios naõ tive para isto! Que urgentes sollicitaçõens! Quantos bons desejos, quantos bons exemplos! Oh! que terrivel amargura, morrer com estes pezares! Para prevenir, e evitar huma taõ justa dôr, façamos agora o que naquella hora desejaríamos com
ancia,

ancia, mas inutilmente, ter feito. Se ainda não tens escolhido estado, escolhe hum, do qual estas satisfeito na hora da morte, e te dê consolação have-lo preferido a todos os outros; não olhes mais que para a tua salvação eterna, nesta escolha.

Passastes os vossos dias na ociosidade, e nos regalos, o vosso coração foi atéqui mais mundano que Christão, terias huma insupportavel dôr, se morrestes com disposições tão pouco Christãs: começai já neste momento a vida, que vos há de accumular de consolações na morte, não desprezeis practica alguma de virtude, fazei incessantemente todo o bem, que poderes, fazei já desde este dia hum efficaz proposito de vos fazer santo.

Deve-se passar este dia em hum grande Retiro, e privar-nos de outra qualquer conversação, que não seja com Deos, ou com o Director. Podem-se toda via visitar alguns enfermos, ou moribundos, não sómente com o designio de os consolar, e alivia-los com alguma esmola; mas tambem para nos pormos mais sensivelmente diante dos olhos a imagem, do que algum dia seremos.

He tambem a proposito, fazer pela tarde huma consideração, pouco mais ou menos, de huma hora, sobre as particulares obrigações do proprio estado, e principalmente o que nos pôde causar afflicção na hora do morte.

Póde-se ler a terceira Meditação de cada Mez, para servir de lição espiritual, e os tres discursos do Padre de la Colombiere sobre este mesmo assumpto, dos quaes tomámos muitas das reflexões, que acabamos de fazer, e podem ser muito uteis, se se lêm com attenção.

Terminar-se-há este devoto dia com a Meditação da morte dos Justos, que he a terceira da mez de Abril.

O principal fructo de huma practica taõ Chriftã, deve ser hum perfeito desapego de tudo, o que por força nos haõ de tirar no fim da vida; hum horror extremo ao peccado, a reformaçãõ dos costumes, huma ordem de vida, e hum desejo efficaz de adquirir muitos merecimentos, pela practica das Virtudes, e das boas obras.

Naõ basta para preparar-nos a bem morrer, empregar nesta preparaçãõ hum dia todos os annos, fazer algum exercicio de piedade todos os mezes; he este hum negocio de muito grande importancia, e naõ podemos deixar de trabalhar nelle todas as semanas, e ainda todos os dias.

Fazei todas as semanas huma Meditaçãõ sobre a morte, ide algumas vezes orar á Igreja, aonde haveis de ser sepultado, passai algum tempo de joelhos sobre a vossa sepultura, dizei vós mesmo; exaqui a minha caza, e a minha habitaçãõ até o terrivel dia do Senhor, para aqui ferei trazido depois da minha morte, e daqui sahirei para ir apparecer diante do Tribunal da Justiça Divina. Que resta já de meus Avós, e de meus parentes, que já estaõ sepultados? Huma pouca de cinza. Exaqui a minha morada, a caza, aonde eu moro, naõ he, senãõ para poucos dias, eu naõ estou nella, senãõ como hum passageiro.

Accostumamo-nos ao som lugubre dos sinos, e aos funeraes, que todos os dias se apresentãõ aos nossos sentidos; e quem visse o socego, com que vemos hum enterro, diria, que a morte nos há de perdoar. Aproveitemo-nos da sorte dos outros, elles foraõ primeiro, e nós havemos seguido. Que vantajens para nós, estar ainda em estado de fazer o que áquelles causa desesperaçãõ naõ ter feito!

Quando ouvimos o estrondo dos sinos, que nos

avizaõ da morte de algum de nossos irmaõs, lembremo-nos, que os mesmos finos avizarãõ algum dia aos outros da nossa morte. Aonde está a alma daquelle, q̃ acaba de expirar? Que felicidade para elle se tornasse á terra, e tivesse tantos dias para viver como eu tenho! Eu tenho ao presente esta felicidade; e porque me naõ hei de aproveitar della? Que naõ faria pela sua salvaçaõ aquelle homem resuscitado? E que causa tenho eu para naõ fazer o mesmo? Eu tenho a cõmodidade, e a vantajem de lhe sobreviver, tenhamos tambem a de aproveitar-nos do tempo.

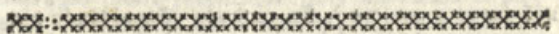
Quando vemos levar hum homem para a sepultura, lembremo-nos, que algum dia daremos ao publico hum semelhante espectaculo: mas naõ paremos aqui, consideremos o juizo, que fará entãõ aquella alma das riquezas, dos prazeres, e de todas as grandezas desta vida. Ah! aquelle mesmo vio passar semelhantes espectaculos, muitas vezes disse a si mesmo, oh! quanto nos deve desapegar este objecto, dos vaõs passatempos da vida! E que pezares entãõ, se elle se naõ aproveitou das reflexoens, que fez na pessoa dos outros? E terei eu naquella hora pezares menos penetrantes, se naõ me aproveito mais das reflexoens, que acabo de fazer á sua vista?

Finalmente, naõ façais nada, naõ emprendais nada, em que o pensamento da morte naõ entre: Cargos, Negociaçoens, novos Estabelecimentos, Demandas, Prazeres, já que tudo isto pôde contribuir para huma infeliz, ou ditosa morte, he tambem a proposito, que eu naõ emprenda nada, sem cuidar no effeito, que na ultima hora fará na minha alma isto, que emprendo: se eu me hei de arrepender entãõ de o haver feito, para q̃ o hei de fazer agora? Com este pensamento

taõ

taõ saudavel , he quasi impossivel naõ obrar sempre Christãmente.

Ah ! Deos meu , nós estudamos tanto tempo , trabalhamos de dia , e de noite , para nos instruir em huma arte , que naõ nos serve de nada no fim da vida ; e para aprender a arte de bem morrer , de que depende toda a Eternidade , naõ havemos de fazer nada ?



ORACÕES FACULATORIAS

proprias para nos dispor a bem morrer.

O Tempo da ultima enfermidade , he de todos os tempos da vida o mais precioso , e por conseguinte importa muito aproveitar bem todos os seus momentõs ; e com tudo neste tempo he quando estamos menos capazes de obrar. Quando estamos enfermos , tudo está frouxo , assim o corpo , como o espirito , só se obra entaõ por habito , já naõ estamos em estado de fazer longas rezas , ou Meditaçoens proprias para nos mover. Com tudo seria muito necessario em quanto dura a enfermidade , e principalmente no fim da vida , fazer de tempo em tempo frequentes actos de Fé , de Contriçaõ , de Amor de Deos , de Conformidade , e de Confiança : mas como se farãõ naquella hora estes actos , se naõ tivermos usado delles em vida ? Bem poderemos repetir o que nos dizem , mas o coraçãõ naõ terá parte no que profere a boca , se o que se diz for para nós huma lingoagem desconhecida : he necessario ter feito estes actos muitas vezes , em quanto estamos com saude , se os queremos fazer quando
est-

estamos enfermos. Para facilitar, e familiarizar este uso, julgou-se conveniente pôr aqui algumas aspirações da alma a Deos, tão ordinarias a todos os Santos, e tão proprias a excitar o fervor, e a piedade no nosso espirito. A maior parte são tiradas da Escripura, e dos Santos Padres, e todas servirão muito para nos dispor a bem morrer. Ellas podem servir de hum grande soccorro em quanto dura a enfermidade, se tivermos tido o cuidado de as fazer com frequencia, em quanto estamos com saude. E exaqui alguns exemplos dellas.

Exaqui Senhor está enfermo aquelle, que vós amais: *Ecce quem amas, infirmatur.* Joan. 11.

Eu estou enfermo, Senhor, he justo, que recorra a vós, que sois o meu unico Medico, sou infeliz, devo recorreer á fonte das misericordias, morro, e suspiro por vós, meu doce Jesu, que sois a mesma vida: *Aegrotus sum, & Medicum clamo: miser sum, & misericordiam clamo; mortuus sum, & vitam suspiro.* Aug. solil. 2.

Sim, meu Divino Salvador, vós sois o meu Medico; sois a fonte de todo o bem, sois a misericordia, e a mesma vida; dignai-vos, meu Divino Jesu, de ter piedade deste enfermo, e deste pobre peccador: *Tu es Medicus, tu es Misericordia, tu es Vita, Jesu Nazarene, miserere mei.* Aug.

Senhor, não me reprehendais no vosso odio, não me castigueis na vossa colera; mas lembrai-vos das vossas misericordias, e tende piedade de mim: *Domine ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me, recordare miserationum tuarum.* Psalm. 37.

Oh meu Divino Salvador, eu estou em hum grande abatimento! Estou padecendo muito: mas a consolação, que tenho, he que vós não vos es-

queceis de mim em todos os meus trabalhos. Por ventura poderá huma Mãy esquecer-se de tal sorte de seu proprio Filho, q̄ de nenhuma maneira se entorneça á vista das suas dôres? E quando ella assim o fizesse, não me assegurastes vós, oh meu Deos, que nunca vos esqueceréis de mim? *Nunquid oblivisci potest mulier Infantem suum, ut non misereatur Filio uteri sui? Etsi illa oblita fuerit, ego tamen non obliviscar tui.* If. 49.

Vós conheceis, Senhor, as dôres, que eu padeço, eu vos peço, que me deis paciencia para as supportar, para que assim caminhe para vós pelo caminho da Cruz, que he o mais seguro: *Tu nosti onus meum quale sit, Domine, da mihi illud patienter ferre, ut per viam Crucis extollar ad te.* Aug. med. cap. 37.

Eu padeço muito, Senhor, mas ainda não padeço bastante a respeito do que vós soffrestes por mim, e do que eu mereço padecer; augmentai os meus trabalhos, meu Salvador, se este he o vosso prazer; mas ao mesmo tempo augmentai a minha paciencia: *Adauge laborem, modo augeas patientiam.* Aug.

Eu vos peço, Senhor, que tenhais misericordia do vosso servo, dignai-vos de conduzir-me vós mesmo, para que assim possa voltar seguramente para a casa do meu Pai, e do meu Creador: *Obsecro, Domine, fac misericordiam tuam cum servo tuo, dirige viam meam, ut cum salute revertar in domum Domini mei.*

Mãy do meu Deos, que permittis, que eu vos chame minha Mãy, não desampareis este filho tão pouco digno de hum titulo tão glorioso, soccorrei-o neste decisivo momento, em que elle combate, para assim o dizer, com toda a Eternidade: *Magna mater, suscipe filium cum tota Aeternitate luciantem.*

Ma-

Maria Mãy de graça, e Mãy de clemencia, ajudai-me contra os esforços de meus inimigos, assisti-me na hora da morte, e sempre; fazei, que dê o ultimo suspiro entre os vossos braços: *Maria Mater gratie, Mater misericordie, tu nos ab hoste proteges, & hora mortis suscipe.*

Senhor, vós me perdoastes tantas vezes, ainda quando eu vos offendia mais; agora que me arrependo de todos os meus peccados, não me haveis de negar o perdão: *Da misericordiam misero, ac poenitenti, qui tandem pepercisti peccatori.* Bern.

Meu Senhor, e meu Deos, eu estou todo penetrado de dôr por vos haver offendido, e bem sabeis quanto mais me doo de o estar tão pouco: *Doleo, Domine Deus, doleo, quod peccavi, & quia parum doleo, maxime doleo.* Aug.

Confesso, meu Deos, que vos tenho offendido, e vos tenho offendido mais, do que eu poderia imaginar, ou dizer, mas finalmente a vossa misericordia he maior, que as minhas iniquidades: *Peccavi, Domine, super arenam maris, immensa vero misericordia tua propitiaberis peccato meo, multum est enim.* Psal. 24.

Ah! Senhor, quanto me doo, quanto abomino aquelles excellentes dias, de que uzei tão mal, tempo deploravel, que só me era dado para vos amar, e do qual eu me não servi mais que para vos desagradar: *Vix tempori illi, Domine, in quo te non amavi, vix tempori illi, in quo te graviter offendi.* Aug.

Em vossa misericordia, Senhor, tenho posto a minha esperanza, e estou seguro, que não farei enganado, em quanto esperar em vós: *In te Domine speravi, non confundar in aeternum.* Psal. 30.

Ainda que eu deva caminhar nas sombras da morte, eu não temo nada, porque vós sempre
esta-

estareis comigo: *Etsi ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es.* Psal. 21.

Senhor, não me trateis como eu mereço, attendei só para as vossas infinitas misericórdias; não vos lembreis das minhas iniquidades passadas, quanto mais miserável sou, mais digno objecto me faço da vossa bondade: *Domine, non secundum peccata nostra, quæ fecimus nos, neque secundum iniquitates nostras retribuas nobis. Neque memineris iniquitatum nostrarum antiquarum, cito anticipent nos misericordie tue, quia pauperes facti sumus nimis.* Psalm. 78.

Ou vivamos, ou morramos, sempre somos do Senhor: *Sive morimur, sive vivimus, Domini sumus.* Rom. 14.

Deos he o meu Senhor, faça de mim o que lhe agradar: *Dominus est, quod bonum est in oculis suis, faciat.* 1. Reg. 3.

Meu Deos, eu quizera ter mil vidas para vos offerecer, eu vo-las offereceria todas; pedis-me a que me haveis dado, eu bem quizera, que ella fosse mais pura, mais perfeita, menos indigna de vos ser apresentada: mas em fim tal como he, eu vo-la sacrifico de todo o meu coração, e ainda vo-la entregaria de boa vontade, se effizesse em meu poder conserva-la.

Meu Deos, eu aceito com todo o meu coração, o ser despojado de tudo, o que amava na terra, e ainda deste mesmo corpo, que tanto amei. Feliz de mim, se esta universal desnudez, e despojo de todo o creado pudesse reparar o demaziado apego, que eu tive ás creaturas, e agora tão gravemente condemno.

Eu aceito de boa vontade esse horroroso estado, a que brevemente o meu corpo será reduzido:

zido: faça-se preza, e sustento dos bichos, e seja desfeito em podridaõ: feliz de mim, se por meio da sua destruiçaõ, pudesse reparar as offensas, que tenho feito á vossa Magestade, preferindo-lhe este mesmo corpo, para quem eu busquei tantas vezes as commodidades, e prazeres.

Eu padeço muito, Senhor, estou prompto para padecer ainda mais, se assim o quereis. As minhas dôres por muito grandes, que me pareçaõ, são muito leves, são muito breves; pois talvez esta será a ultima prova, q̃ vos dou do meu amor, e do desejo, que tenho de vos agradar, soffrendo tanto por amor de vós.

Eu me sujeito muito de boa vontade a todas as penas, que quizeres, que eu soffra, por muito rigorosas, que ellas possaõ ser, eu as tenho merecido: com tanto, que uzeis comigo de misericordia, glorificai o vosso nome castigando-me. He justo, que já que eu vos não quiz honrar, executando em quanto vivi as vossas vontades, as execute ao menos na minha morte.

Creio indubitavelmente, e com todo o meu coraçãõ, tudo, o que revelastes cá no mundo á vossa Igreja; espero firmemente tudo, o que manifestais aos vossos Escolhidos no Ceo.

Reconheço, oh meu Deus, a enormidade dos meus peccados, e confesso, que ainda tenho commettido mais; do que conheço. Estou inconsolavel, e penetrando de amargura por ter servido tão mal a hum tão bom Senhor: mas todas as minhas infidelidades não poderãõ nunca diminuir a confiança, que tenho na vossa misericordia, porque vós sois mais misericordioso, do q̃ eu sou peccador.

Por muito culpado, que eu esteja, espero, que não hei de ser eternamente desgraçado, porque vós sois infinitamente bom. Não há de haver Inferno

ferno para mim , ainda que eu o tenho muito merecido ; porque o meu Salvador me comprou com seu Sangue o Paraizo , espero taõ fortemente na vossa Misericordia , que todos os Demonios juntos naõ poderãõ arrancar de mim esta esperança : por mais que elles façãõ , eu cantarei eternamente as vossas Misericordias , eu vos verei , eu vos possuirei com o socorro da vossa graça , e vos hei de amar eternamente.

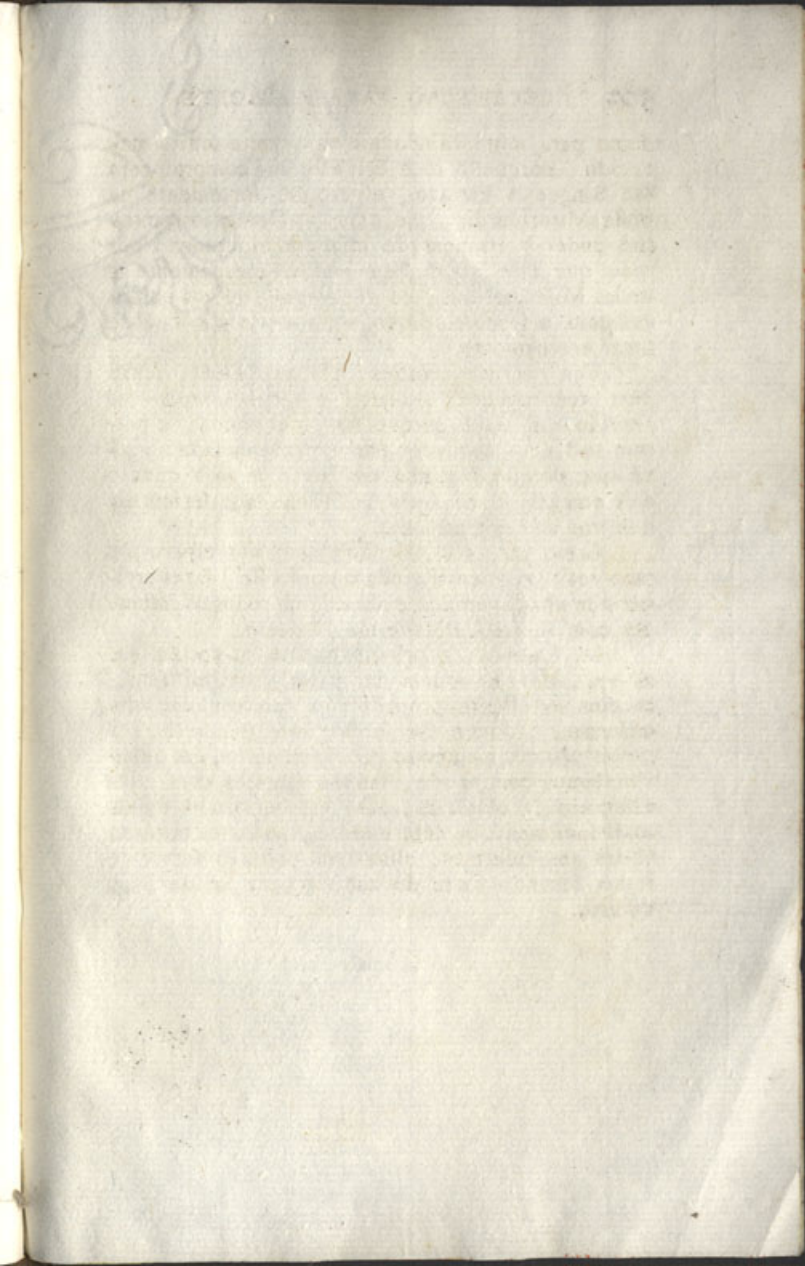
Vós naõ me creastes , oh meu Deos , senãõ para vos conhecer , amar , e servir ; tenho-vos servido taõ mal , porque vos amei pouco , e porque naõ quiz conhecer essa summa bondade : agora que detesto a minha cegueira , e vejo quanto sois amavel , fazei pela vossa infinita misericordia que vos ame eternamente.

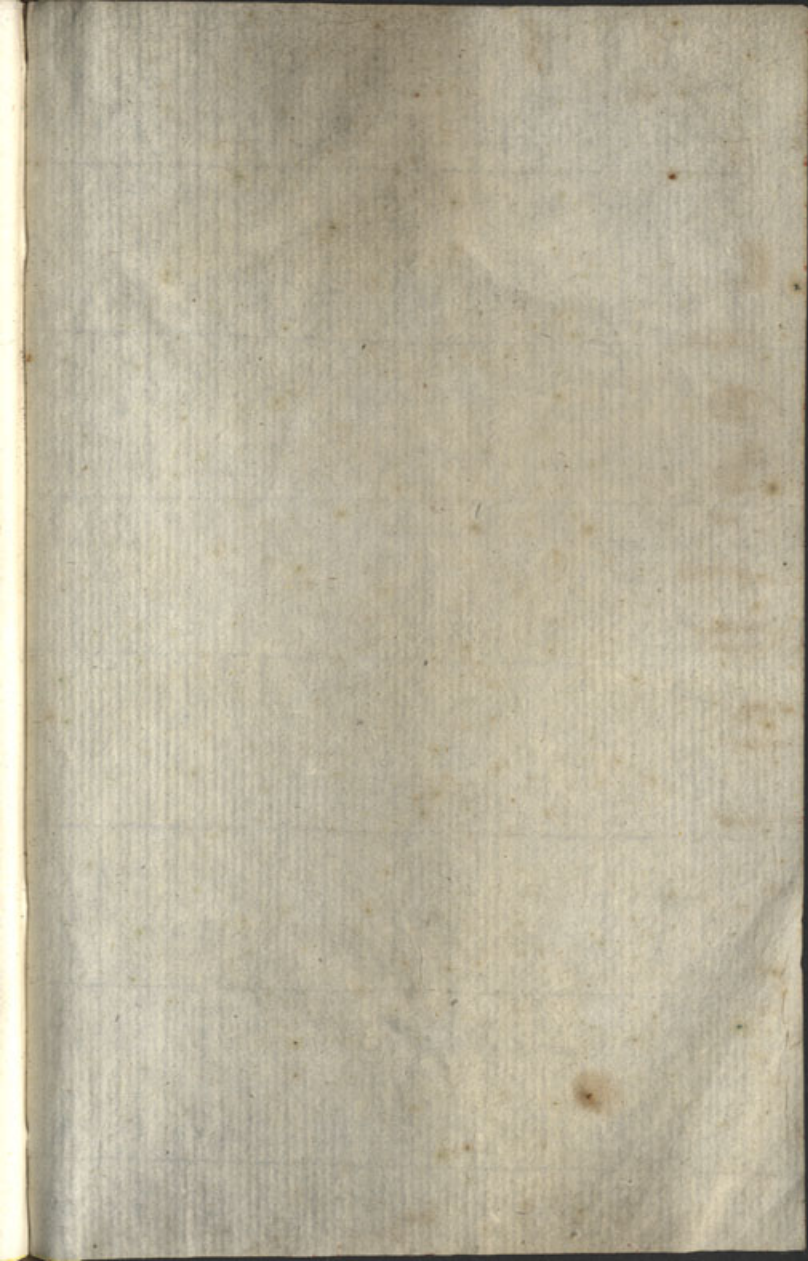
Creio em vós , Senhor , em vós espero , e amo vos : augmentai ainda a minha Fé , fazei crescer a minha Esperança , e abraçai-me todos os instantes com huma Caridade mais ardente.

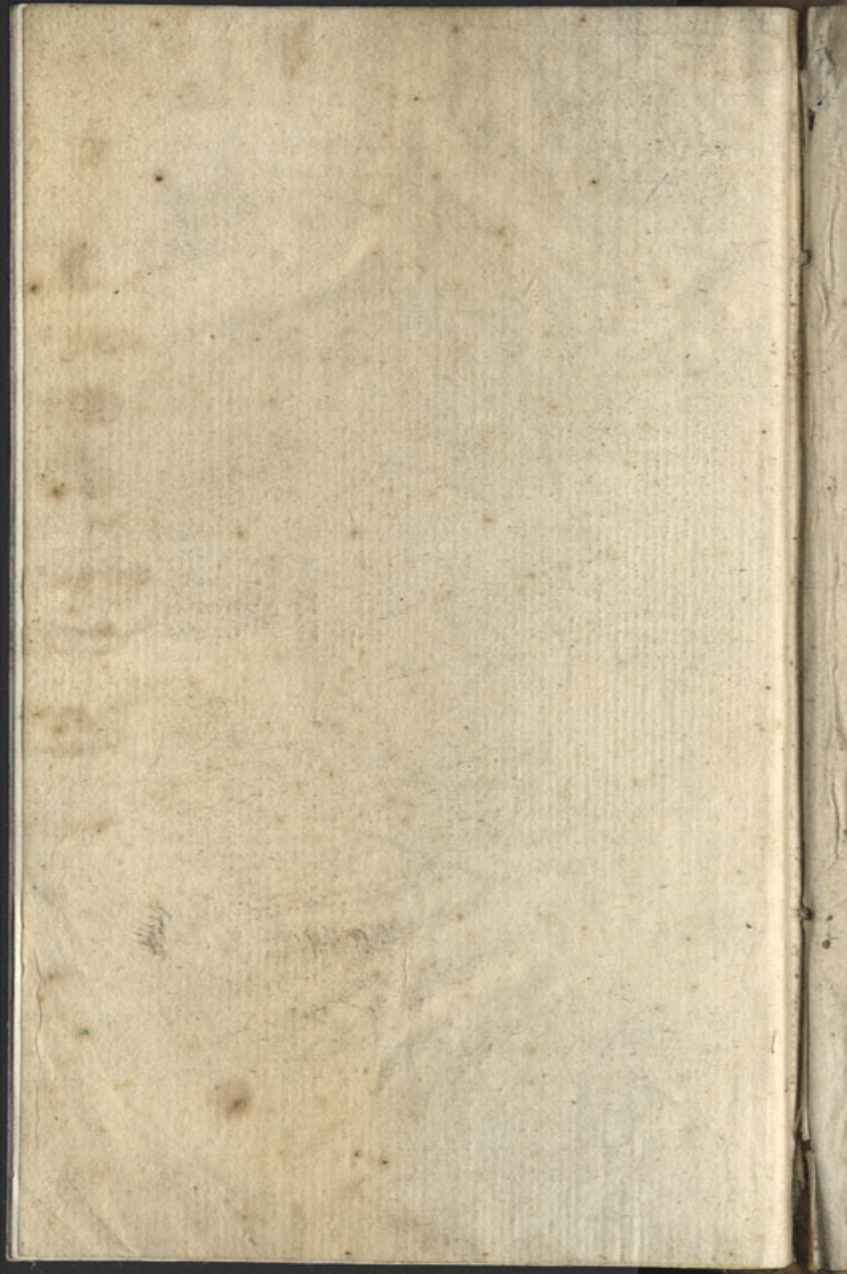
Os Psalmos , e principalmente os 50. 24. 31. 6. 37. , e 117. pôdem dar materia para mil sentimentos excellentes propriissimos para consolar hum enfermo , e pôdem-lhe ser de hum grande socorro nestes ultimos momentos. Convém muito , em quanto estamos com saude , familiarizar-nos com estas Oraçoens Jaculatorias , para nos servirmos dellas mais facilmente na enfermidade ; pôdemos tambem lê-las aos enfermos , ellas lhes poderãõ servir de huma fecunda fonte de consolaçoens , e de bons effeitos.

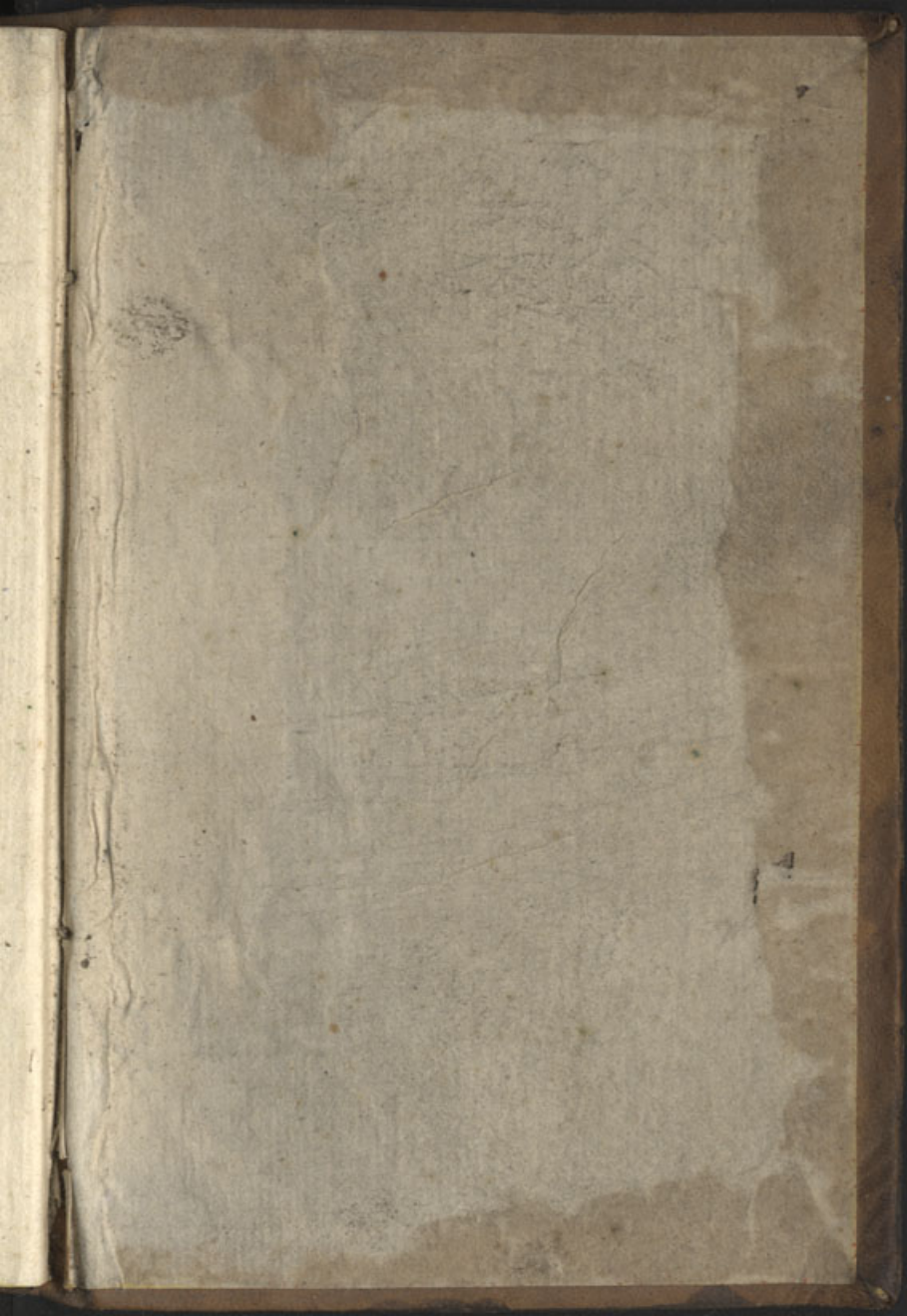
F I M.















REIRO

ESPIRITUAL

